



CELIBATO

THALISSA BETINELI



CELIBATO

THALISSA BETINELI

Copyright © 2018 THALISSA BETINELI

Capa: Murillo Magalhães – Fênix Produções Editoriais
Diagramação: Denilia Carneiro – Fênix Produções Editoriais

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

CELIBATO

1ª Edição - 2018
Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Playlist

Imbranato – Tiziano Ferro
Sere Nere – Tiziano Ferro
Ti scatterò una foto – Tiziano Ferro
La Solitudine – Laura Pausini
Non è Detto – Laura Pausini
Amores Extranos – Laura Pausini
Entre Tu y Mil Mares – Laura Pausini
L’amore è una cosa semplice – Tiziano Ferro
Pergúntale al cielo – Laura Pausini
Invece No – Laura Pausini
Bastaba – Laura Pausini
Alla Mia Età – Tiziano Ferro
Incancellabile – Laura Pausini
Angelo Mio – Tiziano Ferro
Heaven – Julia Michaels
Libera-me – Dark Choir (Coral)

Sumário

[Prólogo](#) 10

[I – Confessionário](#)

[II – Por linhas tortas](#)

[III – Jantar sobre o fogo](#)

[IV – Carne e osso](#) 40

[V – O que move as montanhas](#)

[VI – O que move a Luxúria](#)

[VII – Decadência da mente](#)
[VIII – Redenção obscena](#)
[IX- A morada do diabo](#)
[X – O inferno do corpo](#)
[XI – Caminhos ardilosos](#)
[XII – O tormento](#)
[XIII – Diante da cruz](#)
[XIV – O mal necessário](#)
[XV – O inferno de Dante](#)
[XVI – A tentação da carne](#)
[XVII – As chamas do fogo eterno](#)
[XVIII – Pecado e cegueira](#)
[XIX – Raízes no inferno](#)
[XX – A entrega](#)
[XXI – Celebração dos desejos](#)
[XXII – Diante da confissão](#)
[XXIII – Caminho do Paraíso](#)
[XXIV – Entrada do Paraíso](#)
[XXV – A fé necessária](#)
[XXVI – Paraíso terreno](#) 307
[XXVII – Paraíso mental](#)
[XXVIII – Fé e paixão](#)
[XXIX – Santa Ceia](#)
[XXX – Profana Ceia](#)
[XXXI – A queda do anjo](#)
[XXXII – Descrença e perdão](#)
[XXXIII – A busca pelo céu](#)
[XXXIV – A serpente e a maçã](#)
[XXXV – Os portões fechados](#)
[XXXVI – O primórdio da descida](#)
[XXXVII – Carne e sangue](#)
[XXXVIII – Calvário](#)
[XXXIX – Purgatório](#)
[XL – Inferno](#)
[XLI – Limbo](#)
[XLII – Redenção](#)
[XLIII – Paraíso](#) 501
[XLIV – Céu](#)
[XLV – Celibato](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)



A fé também é uma forma de amor.



Para ler o livro é necessário ter lido o conto Celibato: a queda, disponível na Amazon e Kindle Unlimited.

*Dedico este livro as minhas leitoras que se tornaram
minhas amigas e a minha irmã Tamiris que admiro tanto.*



Pois eu mesmo reconheço as minhas transgressões, e o meu pecado sempre me persegue. Contra Ti, só contra Ti, pequei e fiz o que Tu reprovas, de modo que justa é a Tua sentença e tens razão em condenar-me.

(Salmo 51:1-4)





Prólogo

O pecado é um anjo silencioso, que durante a noite deita-se ao meu lado e me abraça para que eu durma pensando nele, e acorde com o gosto do seu beijo na boca. Era assim que eu sentia o meu pecado. Eu revivia-o a cada noite, ajoelhado e implorando ao meu Senhor pelo perdão, um perdão que pedia há muito tempo.

Mas não havia perdão para mim. Não porque meu Senhor não poderia perdoar, pois eu sentia que isso era possível. Não havia perdão para mim porque eu não estava arrependido. Mesmo diante da minha fraqueza, eu apenas sentia culpa, uma culpa por ter ciência de que não havia remorso no pecado.

E esse dormia comigo.

O meu pecado não estava na mulher, mas em seu corpo e no ato, não no sentimento envolvido. E por ser carnal, sentia-me ainda mais impuro. Quisera eu ser um homem elevado, um servo sincero, mas diante da amargura das lembranças, a sensação de rastejar pelas sombras era torturante. Eu estava em uma danação que me afundava durante as noites.

E diante de tudo o que me ocorria com os olhos fechados, a decadência, eu ainda fui forte. O diabo tentara-me todas as noites, para que guiado por esse eu tocasse-me. Mas da tentação afastei-me, e passei noites em claro orando, implorando um perdão mentiroso, um perdão que Deus poderia me dar, mas eu não, pois implorava sem remorso.

Santa Mônica foi uma mulher e também uma mãe devota, voltada para a Igreja e fé. Nunca criou discórdia e segundo seu filho, Santo Agostinho, havia sido ela quem o conduzira para a fé verdadeira.

Mas a Mônica carnal me conduziu à tentação, e criou discórdia ainda maior em minhas dúvidas, criou tormentos que me lembravam dos antigos, afastando-me das certezas da minha fé verdadeira. Onde essa pecadora estaria agora? Essa pergunta se fez durante as primeiras noites em que regressei a nova cidade, mas as perguntas haviam sido substituídas pela ideia do sexo. Do seu sexo e o meu pecado.

E eu sabia que pelas suas palavras finais, que me condenou às noites em claro pensando, Cecília estava morta e Mônica havia partido para nunca mais me ver. Eu estava certo disso, e tão pouco precisei confirmar minhas certezas. Eu as decidi como absolutas, porque não queria perseguir a tentação e a vergonha que senti. O esquecimento, às vezes, era um refúgio seguro, e

eu tentava manter-me dentro dele há muito tempo.

Necessitava deixar enterrado o meu desejo e o meu erro na condução de uma devota, assim como os fantasmas que por si só ainda viviam ao meu redor. Se chamados, eles iriam aparecer.

Abri os olhos, deitado em minha cama no quarto do segundo andar do pequeno sobrado de pedras em que eu havia me mudado em Lucca. E em meu julgamento íntimo, eu estava em silêncio e em quietude, porque o diabo havia sido mais forte do que a minha devoção. A carne havia vencido minha alma, e sentia-me decadente, sendo olhado pelos cantos pelos meus próprios olhos pecadores.

E a carne agoniava-me. Fechei os olhos, ciente de que o céu estava começando a clarear, mas os meus olhos não haviam se fechado por nenhum momento durante mais uma longa noite. Eu evitava fechá-los, pois na escuridão das minhas pálpebras eu ouvia o gemido de prazer de Mônica, um prazer que eu causei. Na escuridão eu via suas curvas, tão humanas sendo beijadas pelos meus lábios, e a sua abertura carnal, o inferno em forma de Paraíso tão convidativo para mim. Eu o beijei, eu o chupei e eu o reivindiquei para mim, danando-me no mesmo instante. No silêncio do quarto, meu corpo ansiava para reviver o êxtase do gozo, mas eu recuei, eu neguei masturbar-me ou acariciar-me e sofri também por essa recusa.

Poderia ser salvo se voltasse ao meu celibato. Não salvo da minha mente, porque essa já estava em queda, mas talvez eu pudesse ainda salvar a minha alma, curvando-me. E assim, desde a noite em que ela saiu porta afora, eu voei de volta para Lucca, ajoelhei-me e todos os dias orei por horas seguidas, tornei-me um padre recluso em suas obrigações. Não havia mais longas conversas com fiéis, nem risadas com os idosos.

Curvei-me sobre minhas obrigações durante o mês que se passou, preparando as minhas missas, minhas reflexões, retornando a pensar sobre a teologia e filosofia aprendidas na faculdade durante tantos anos, e nos dias que se passaram, esforcei-me para ir às casas afastadas, ajudar os necessitados e administrar o Teatro da Igreja, onde os antigos quadros estavam sendo restaurados. Botticelli, Caravaggio, Rafael, Giotto, Bellini e Bruegel.

Um calafrio percorreu o meu corpo dos pés até os cabelos ao me lembrar de um dos quadros de Bruegel, que ao ser indicado ao cargo para o Teatro, acabei por deixá-lo ocultado após a restauração do mesmo. E no meu devaneio ao me lembrar do quadro *O triunfo da Morte*, lembrei-me da réplica que estava por chegar. Duas na verdade: um do meu adorado Sandro Botticelli, *O inferno de Dante*, e o Tríptico de Bosch, *O Jardim das Delícias Terrenas*.

Poderia o mundo conspirar para o meu pecado? Pois diante do meu tormento, comecei a não crer mais em coincidências. Quem os havia encomendado para o Teatro? Seria agora o meu

inferno e o mundo se tornaria o meu Jardim carnal? Seria o diabo com força maior sobre a minha vida?

Sob esses pensamentos, levantei-me da cama e arrastei-me para o chuveiro, ligando-o para uma ducha. Precisava tirar o desejo que ainda sentia sobre o meu corpo, a culpa que pairava sobre a falta de remorso e os pensamentos blasfemos.

O sol iluminou o céu frio de Lucca, e ajoelhado ao lado da cama, agarrei meu terço, já vestido com a batina preta. Abaixei a cabeça e fechei os olhos, ciente de que mais de um mês havia se passado nesse estado.

Já com o sol pairando contra o azul límpido de uma manhã de inverno, saí do pequeno sobrado, fitando-o demoradamente. As pedras, já descascadas, tão antigas quantos as ruelas de Lucca, contavam a história romana dos sobrados e casas.

Minhas pequenas folhagens na varanda estavam com o orvalho da manhã e dei as costas, cumprimentando os vizinhos com acenos sinceros. Eles, tanto mulheres jovens, idosos e casais, me fitavam admirados, um padre tão jovem, deviam pensar, tão devoto, mal sabiam sobre os anseios por debaixo da batina, os remorsos e arrependimentos passados escondidos pelo pano. E diante da admiração e confiança deles, eu sentia-me o pior servo a ser seguido. Não confiava em mim mesmo, mas precisava retornar a confiar.

Vagueei pelas ruas vazias na manhã, em direção à minha paróquia pequena.

E conforme me aproximava, lembrava-me de quando me mudei. A cidade, tão antiga quanto Montepulciano onde eu estava antes, havia me acolhido bem e os vizinhos da região da minha paróquia confiavam em mim.

Dobrei a esquina, fitando a minha paróquia antiga.

Senti-me em paz, fitando-a, e subi suas escadarias devagar, trancafiando-me por lá durante todo o dia. A tarde passou tão lenta quanto a noite, e aos poucos a luz do sol se tornou fraca nos vitrais coloridos. Abri suas portas, deixando os meus fiéis se acomodarem nos bancos. As portas, ainda abertas, davam passagem para um fluxo de pessoas que ao passar dos minutos diminuiu, e já com todos os bancos lotados, ouvi o badalar do sino.

E diante de todas as noites em claro, de todos os dias em julgamento interno e em tortura pela carne, nesse momento de celebração eu sentia-me em paz. Sorri para todos, esquecendo os tormentos, os sofrimentos e as dúvidas, porque nesse momento não havia fraqueza. Havia o meu aprendizado, o meu desejo por transmitir a palavra.

Levantei a cabeça, fitando todos e preparei a minha voz para começar a celebração.

Mas meus olhos, tentados pelo desejo repentino, se desviaram para as portas abertas, que deixavam à mostra a penumbra da rua iluminada pelos postes. E então, como se tivesse voltado a enxergar, compreendi que não era apenas a minha consciência que perseguia minha paz já não mais alcançada.

Vestida com casaco sobretudo preto com altas golas ao redor do pescoço, os cabelos negros presos no alto da cabeça em um coque e um rosto determinado, a mulher entrou na Igreja como um anjo saindo do céu. E a postura elegante de Mônica afastou a minha calma e o meu esquecimento. O pecado havia me perseguido, estava para me julgar e já não havia paz, mas uma sensação de deslocamento sob os olhos dos fiéis e os olhos da mulher que viu minha queda. Eu sentia que estava enganando a todos, inclusive a mim mesmo. Quem eu era, senão um homem que já parecia um padre caído?

Olhos verdes, inescrupulosos e diretos me fitavam, acusando-me como se jogasse aos meus pés a devassidão carnal que senti há um mês. E que mesmo que eu negasse, ainda desejava sentir.

Mônica entrou, caminhando devagar pelo corredor diante de mim, e desviou para um dos bancos ao fundo, sentando-se para assistir a minha missa.

Onde estaria o meu Deus? Deixando-me acusado como pecador? Ou o diabo tinha artimanhas que eu já não conhecia, e quisera eu poder livrar-me, mas estava amarrado nos olhos da mulher que havia me feito cair, e sentia-me em queda dentro do pensamento.



I – Confessionário



Confesso a minha culpa; em angústia estou por causa do meu pecado.

(Salmo 38:18)



"Eu pecava, porque em vez de procurar em Deus os prazeres, as grandezas e as verdades, procurava-os nas suas criaturas: em mim e nos outros. Por isso precipitava-me na dor, na confusão e no erro." Dizia Santo Agostinho, filho da Santa Mônica tantos anos antes que eu sequer pensasse em existir. Estaria ele errado? Estava precipitando-me na dor e confusão? Mas se o pecado é tomar suas criaturas para o prazer, então por que as criou tão belas e sexuais?

As criou como anjos esculpidos para apenas serem observadas sem a Luxúria? Por que criar seios tão fartos senão para serem apertados? Por que criar criaturas tão belas? Seria um grande pecado nosso desejar cada criatura com adoração e de forma carnal?

Eu estava me escondendo por trás de cada pensamento impuro, eu buscava a minha paz dentro de cada dúvida que acalentasse o meu coração, mas eu sabia que as criaturas não eram belas para serem desejadas de forma tão terrenas. Poderíamos ser seres apenas de luz, mas havia escuridão, e nessa escuridão eu encontrava-me perdido e sem direção, pois tomada a direção há dez anos, essa não era ainda segura.

A escuridão veio quando o arcanjo imundo caiu e consigo levou as máscaras dos homens que escondiam suas fraquezas. Tornamo-nos despidos de decência, a carne significou mais do que procriação e eu estava trilhando o meu caminho para o julgamento final feito por mim mesmo. E pelos belos olhos de Mônica, que entre os fiéis da Igreja, se destacavam, não por sua beleza, mas por serem tão diretos em mim. Enquanto todos os outros me fitavam com adoração,

confiança e devoção, ela despia-me com a verdade, apontando o pecado. E eu sentia-me nu.

Abaixei os olhos, fitando a Bíblia aberta diante de mim, sobre o altar, e todo o meu estudo em cima de um versículo que usaria para a missa.

Iniciei a missa, levantando minhas mãos, e a cada palavra, os lábios de Mônica se curvavam em um sorriso de pura malícia, arrancando a minha concentração e me deixando impuro. A missa se tornou longa, e a cada minuto eu desejava que ela fosse embora. Porém, eu deveria ter imaginado o que aconteceria em seguida, novamente havia me cegado em meu desejo que a tentação se fosse, quando na verdade ela permaneceu ao meu lado.

Abaixei a cabeça, fitando o altar à minha frente, ouvindo os passos dos devotos saindo da Igreja. Sussurrei uma prece devagar, desejando que estivesse sozinho, mas assim que levantei a cabeça, eu a vi. Estava sentada no penúltimo banco, com os olhos tão diretos em mim que eu poderia afirmar que ela via por dentro da batina. Abaixei os olhos, envergonhado, sentindo-me sujo perante ela, porque até então apenas a minha mente sabia do meu pecado, mas agora a única pessoa que estava ciente encarava-me de forma direta e deixava claro isso. Sim, ela sabia e acusava-me.

Agarrei o cálice do altar e dei as costas, guardando-o. Minhas mãos tremeram por alguns segundos, o suor frio deixava explícito o meu nervosismo e balancei a cabeça, desejando que Mônica se fosse.

Ouvi passos ressoarem pelo corredor e contra a vontade, cedendo à tentação, eu virei o rosto sobre o ombro, vendo-a parada no corredor, com os olhos tão fixos em mim que poderia recordar-me de toda a noite que estivemos no inferno dentro dos seus olhos. Mas havia sido inferno apenas para mim.

— Uma devota pode se confessar depois da missa? — Sua voz tão carregada e forte transtornou-me e larguei o cálice, virando-me de frente.

— Srta. Mônica. — O nome soou tão estranho por entre meus lábios que me sentia desprotegido. — Nós dois sabemos que não é uma devota. Por que veio assistir a uma missa de uma religião que não segue? — Tentei parecer educado, mas o nervosismo fazia-me fervoroso. Sentia-me desconcertado ao encará-la, e desviei os olhos, buscando algum refúgio por entre as sombras das velas bruxuleantes. O diabo algum dia conseguiu refúgio na Terra por seus pecados?

— Está negando a casa do Senhor para uma pecadora, padre? — A forma como me acusou arrastou os meus olhos até ela, e vi em seus lábios um sorriso malicioso. — Posso não ser uma devota, padre, mas nada me impede de entrar na Igreja. Não sou um demônio para ser banida. —

Assenti devagar para que ela compreendesse que eu entendia e que queria o final dessa conversa. Dei as costas, com os olhos fixos na entrada lateral do altar, ansiando fugir. — E como andam os seus demônios, padre? Eles o assombram durante a noite?

Os meus demônios acordavam-me quando eu adormecia, embalavam-me em seus braços de puro fogo e sussurravam no meu ouvido o prazer carnal contido nos meus desejos. Mas o meu tormento era apenas meu e eu não dividiria com ela, assim como não dividira os meus maiores tormentos antes de aceitar de vez a batina.

— Não possuo demônios, Srta. Mônica, apenas a minha devoção e fé. — Tentei cortá-la, mandá-la embora e ainda de costas, ouvi sua risada debochada.

— Ou você apenas não os vê, enquanto tenta disfarçá-los de anjos. — Por que ela estava apedrejando-me novamente? Sua voz tão segura era uma blasfêmia para as minhas certezas, e franzi o cenho, negando para mim mesmo.

— Diga-me o que quer Srta. Mônica? — supliquei com o meu pecado ansiando para relembrar-me do corpo, da carne e do calor. — Precisarei desligar as luzes e ir embora, a missa já acabou.

— Já disse o que eu quero, padre. Quero confessar os meus pecados.

— Nós já fizemos isso uma vez. — A fraqueza da minha alma se engrandeceu, e de costas para a mulher fechei os olhos, lembrando-me daquela sala no alto da colina, dos seus olhos diretos e do meu embaraçamento. Eu fui levado, fui tentado e caí. Da queda me reergui todas as noites, pedindo perdão. Era o que eu esperava, e não poderia cair novamente.

— Então você não apagou da sua casta e santa memória a noite de prazer? — ela zombou de mim e abriu os olhos.

— Não sou santo, muito menos poderia ser casto depois.

— Depois de transar comigo, padre Armando? — ela completou.

— Peço que se retire, por favor. — Virei, apontando para a grande porta da Igreja, vendo-a mais perto do que antes. — Precisarei ir embora, e não posso deixar nenhuma pessoa dentro dessa Igreja durante a noite.

Ela me perscrutou com os olhos verdes tão seguros e sorriu.

— Leve-me até o confessionário, não negue atenção para alguém que não está bem. — Sua forma franca me deixou embaraçado e franzi o cenho novamente.

— Você não está bem, Srta Mônica? — Tentei entendê-la, implorei que não fosse mais

uma tentação mundana e que na minha tentativa de bondade, a maldade não viesse.

— Irá me ouvir?

Seria eu um padre muito cruel ao negar amparo a uma devota com sofrimento? Mas eu não estaria sendo um pecador ao ouvir a mulher carnal com quem estive quebrando o meu celibato? Fitei o piso lustro de cerâmica escura e tentei compreender a dúvida que florescia como dor dentro de mim: acreditar na bondade ou afastar-me em julgamento.

— Siga-me. — Decidi pelos ensinamentos no Seminário e pelo meu desejo de ajudar os desamparados de fé e paz. Eu estava desamparado, mas as minhas dúvidas não seriam sanadas com confissões, enquanto as dela poderiam.

Eu a conduzi para o confessionário ao lado do altar, e adentrei no estande pequeno de madeira. Sentei na escuridão e pela tela pude ver seu vulto ajoelhado perante a mim.

Fiz o sinal da cruz, rezando em silêncio pela minha alma imunda, que ao ver seu vulto, torturou-se novamente. E rezei pela dela, que assim como a minha também poderia estar em tormento.

— Srta. Fattin. — Tinha ciência do seu sobrenome, sendo o mesmo de Cecília, e ao ouvi-lo vi o seu vulto levantar a cabeça. Observei-a e atento, rezando para que eu não fraquejasse, continuei. — Como servo do Senhor, estarei aqui apenas para ouvi-la, sem julgamentos. Perante Ele, conte seus pecados, peça seu perdão.

O silêncio calou-me por alguns segundos, sem poder ver suas expressões faciais e me senti cego de corpo e alma.

— Já se arrependeu, padre? — ela perguntou com malícia, chicoteando minhas dúvidas. Abri os lábios, franzindo a testa, remoendo sua pergunta e tentando afastá-la. Não iria responder, porque a resposta significava me lembrar de uma tristeza antiga, de uma dor e do pecado que caí no presente. — Seu silêncio é sua confissão.

E perante o pecado jogado aos meus pés, emudeci, sendo tragado pelas dúvidas que dilaceraram minha fé. Levei as mãos até o rosto e o cobri, como se assim pudesse ocultar-me na escuridão do confessionário, mesmo que não pudesse esconder-me de mim mesmo.

— Eu não me arrependi. — sua voz ecoou pelo confessionário, mas mantive-me oculto entre as mãos. — Na verdade, estou aqui para dizer que pela morte da minha mãe, jamais irei me arrepender de trazê-lo para o pecado e o fazer ver que todos nós somos humanos. Sua castidade e celibato não são mais puros.

E no meu íntimo eu sabia que talvez nunca fossem.

— Você já disse isso naquela noite, Srta. Mônica. Retire-se, por favor. Peço perdão por não poder amparar e ajudar a sua mãe, porém estava fora do meu alcance. Eu não poderia correspondê-la, eu não poderia. — A frase morreu nos meus lábios, fitando seu vulto se levantar e levantei-me também, saindo do confessionário.

Refugiei-me nas sombras, buscando a saída, mas meu braço foi agarrado com firmeza e virei, fitando-a de perto.

— Eu estou aqui para lembrá-lo antes que consiga esquecer e se arrepender. — E dentro dos seus olhos eu vi o meu inferno. Um inferno que revelou os motivos das minhas noites sem paz: eu não esqueceria, e ela não me deixaria esquecer.

— Eu já pedi o meu perdão. — Esquivei-me, aumentando nossa distância e dando as costas avancei para o altar. — Peça o seu também. Você já me condenou, Srta. Mônica, eu mesmo condenei-me, volte para a sua cidade, porque aqui não há nada para você. — Apoiei as mãos contra o altar, cabisbaixo, ansiando pelo silêncio e atormentado pelas palavras que alimentavam os meus demônios.

Ouvi os seus passos se distanciarem e lutei, lutei com todas as minhas forças para não levantar a cabeça, mas fraquejei, vendo-a de costas, partindo em direção a porta.

E como se a tentação brincasse comigo, Mônica parou na porta e encarou-me sobre o ombro, com tanta determinação quanto o desejo que eu tinha de superar as minhas dúvidas. E eu sabia que a noite seria tão negra quanto os seus cabelos.

— Essa é a minha cidade agora, padre Armando. Veremo-nos em breve.



II – Por linhas tortas



Alguns elevam-se pelo pecado, outros caem pela virtude.

William Shakespeare.



Eu havia adormecido de uma forma que não o fazia há muitos meses, era como se a presença de Mônica fosse os meus anjos e os meus demônios. Ela poderia ser o meu tormento e a minha paz?

O barulho da buzina alta me despertou e abri os olhos, fitando meu quarto na penumbra da madrugada, com indícios do nascer do sol. A estranheza de ter dormido tanto sem acordar durante a noite com a insônia me fez sentar na cama, e observei as janelas abertas, voltando a lembra-me dos últimos pensamentos antes de adormecer totalmente.

Ela estava na cidade, e como usou as devidas palavras: para morar. Franzi o cenho, tentando em vão imaginar os motivos reais e se não eram por minha causa, para tentar o meu espírito e me fazer rir de vez.

E meu subconsciente a julgou. Mônica parecia-se com a serpente, tentada em corromper-me, em criar uma queda tão grande que talvez fosse impossível a minha elevação novamente. E na penumbra do quarto, percebi o quanto eu havia melhorado desde aquela noite específica na cabana. Por que agora retornar? Esses eram planos de Deus?

Ou o diabo poderia estar preparando algo para mim?

Levantei indo direto para o chuveiro, deixando a água gelada me acordar de vez. E já vestido, caminhei em direção ao Teatro que cuidava, pelo mesmo caminho de todos os outros

dias, observando o sol começar a surgir devagar, aquecendo o meu corpo contra o frio da manhã, e sorri ao avistar a antiga estrutura de pedra do teatro. A arquitetura renascentista ainda permanecia viva nessa cidade, e avancei com passos rápidos, abrigando-me dentro do teatro ainda fechado.

Observei as horas da manhã passarem, organizando os quadros, arrumando o pequeno palco onde jovens poderiam ensaiar peças e se divertirem, e assim que o horário para ser aberto chegou, abri suas portas, deixando as janelas abertas do pequeno prédio, observando as pessoas nas ruas ao redor.

E conforme o dia passou, acabei esquecendo-me de Mônica e sua tentativa dentro do confessionário, observando tanto os moradores quanto os turistas entrarem no prédio.

Senti o meu celular tocar no bolso e avistando por uma janela o início do pôr do sol o puxei. O número da minha mãe surgiu na tela e sorri, atendendo-o.

— Não vá dizendo que ainda está em seu retiro, Armando. — Ouvi sua voz fina no celular e ri, balançando devagar a cabeça. Apoiei meus antebraços na janela, curvando-me para frente. Minha mãe, Ivette, italiana pura, de usar mãos para conversar e blasfemar quando não devia.

— Não, mãe. — Sorri, observando o movimento nas ruas. — Estou no teatro, voltei para Lucca.

— Voltou para a Igreja, meu filho? — Eu deveria adivinhar uma de suas maiores preocupações: se algum dia eu iria duvidar da minha vocação, porque a forma como decidi por ela deixava minha mãe angustiada, e meu pai triste. Mas escolham fazem nossos caminhos, e eu havia escolhido trilhar por esse.

Quando decidi que entraria para o Seminário, mesmo com minha família tradicional e religiosa, minha mãe ficou-se receosa por semanas. Ela admirava a vida como servo do Senhor, mas minha mãe questionava os motivos, e eu não poderia culpá-la por isso. A forma como tudo aconteceu repetiu-se lentamente na minha cabeça e voltei os meus olhos para a rua, pedindo a Deus que tirasse o meu tormento.

— Voltei. — Não iria deixá-la esperançosa de nenhuma forma. — Já retornei a organizar os meus pensamentos. Não há dúvidas. — A quem eu estava enganando, afinal? Eu sabia: era a mim mesmo. Como dizem, conte muito uma mentira e talvez ela se torne verdade. Eu estava rezando para que Deus tornasse as minhas mentiras a única verdade, e com ela, eu fosse enganado.

— Você está feliz, Armando? — Era como se minha mãe percebesse meus tormentos. O

nervosismo de lembrar os motivos deles fez-me rir, não por ser engraçado, mas pela tragédia que também poderia ser a vida.

— Estou. Estou feliz com o meu caminho, se é isso o que pergunta.

— Seu pai quer que organizemos um dia para visitá-lo em Lucca. Não vimos sua casa ainda, muito menos sua paróquia. — Sua ansiedade explícita nas palavras atropeladas ressoou alta.

— Venham, estarei esperando por vocês.

— Pisa não é tão longe, poderemos ir, talvez, no próximo fim de semana.

— Avisem-me, que organizei um quarto para vocês.

— Não se preocupe. Vou conversar com o seu pai e assim que decidirmos claro que iremos. Liguei apenas para saber como estava. Não nos deu mais notícias desde que havia ido para a Suíça. — E pela simples menção dos momentos passados fechei os olhos, recordando-me do calor do fogo, da tentação das palavras e do pecado.

— Acabei esquecendo-me. — Tentei em vão retornar com as minhas forças. — Terei que desligar, mãe. Ligarei mais tarde para saber o que decidiram.

— Isso. Amamos você. — Sorri com suas últimas palavras e desliguei o celular, deixando-o deslizar para dentro do bolso.

Desviei os olhos pela rua, avistando mulheres conversarem, com grossos casacos de peles e cabelos claros caindo sobre os ombros, e lembrei-me de uma conversa com a minha mãe. Ela havia sentado comigo na varanda de madeira da nossa casa, nos arredores de Pisa, e depois de muito calada, decidiu confessar seus medos. Ela temia que eu acabasse arrependido no futuro incerto, que por mais admirada que ficasse não acreditava que eu seria feliz, e que acabaria por se tornar um fardo para esconder meus sofrimentos.

E que mesmo que eu acreditasse no milagre que me levou para essa decisão, assim como o tormento, eu não poderia deixar minha vida inteira decidida por um momento.

Mas era isso o que eu havia decidido, e não queria abrir mão do que escolhi com fé e esperança.

E como eu havia dito para ela, repeti em um sussurro, parado na janela do teatro, fitando as várias belas mulheres desfilando com elegantes roupas pela rua no lusco-fusco. *Deus escrevia certo por linhas tortas, e talvez no futuro, ela visse nas minhas escolhas a decisão correta para os meus tormentos e escolhas.* Não haveria neto, mas haveria fé, não havia esposa, mas devoção

e caminhos certos.

Fechei os olhos, murmurando que assim como eu havia a confortado com essas palavras, eu também deveria confortar-me agora. Talvez fosse necessário o meu purgatório, a minha própria condenação para que eu pudesse me redimir.

Abri os olhos, voltando a fitar as mulheres e sorri.

— Meu Senhor, é o certo por linhas tortas?— A pergunta se foi com a brisa da noite.

— Para um padre, esse sorriso ao olhar as mulheres pode se tornar muito tentador, padre Armando. — Ouvi uma voz tão segura e firme que tornou os pelos da minha nuca arrepiados. Fechei os olhos, implorando para que eu pudesse partir sem mais sofrimento, mas se fosse o diabo no momento, ele iria me forçar a ficar.

— Não as olho com os olhos que você imagina, Srta. Mônica. — Eu poderia estar surdo, cego e enlouquecido, e mesmo assim reconheceria a forma direta e segura que apenas essa mulher possuía.

— Mas eu não disse com que olhos você estava contemplando-as. — E assim como a sua voz se tornou presente, a sua presença se fez mais forte. Para o meu espanto, Mônica repentinamente parou ao meu lado, encostando os antebraços também na borda da janela, encarando-me. Seus cabelos negros caíam sobre seu casaco branco e seu rosto estava maquiado. Balancei a cabeça com veemência, desviando minha atenção, e voltei os olhos para a rua.

— Nossa conversa na última noite não foi a das mais amistosas para que conversássemos como amigos ou meros conhecidos, Srta. Mônica. — A sinceridade poderia afastá-la, porque eu precisava do seu distanciamento. Mônica não apenas lembrava-me da minha queda, mas também do meu erro com Cecília, sua falecida mãe, conforme ela havia dito. E por saber que Cecília estava morta, eu também sofria. Abaixei os olhos, sentindo um nervosismo e certo constrangimento, pois também me lembrava do desejo.

— Não estamos conversando como amigos, padre. Amigos, os comuns, não transam ou desejam os outros.

— Poderia parar, por favor. — Precisava cortá-la antes que se prolongasse e causasse em mim mais angústias. — Houve um mal entendido entre nós, Srta Mônica.

— Chama sexo de mal entendido?

— Não. Chamo sua busca por minha queda de um mal entendido. Eu deveria ter conversado com a Srta. Passei a noite refletindo sobre isso. — A parte em que não adormeci por

completo. — Sinto muito pela sua perda, Cecília era uma mulher boa, uma fiel que buscava por Deus. — Eu a fitei por alguns segundos. Seus olhos verdes, tão vibrantes no branco do olho contra o preto da maquiagem, pareciam surpresos e até espantados. — Eu cometi um erro ao afastá-la tão bruscamente, por ter partido sem nem ao menos uma conversa final. — Seria um pecado esconder a ligação? Não, era um fardo que eu carregaria em silêncio, assim como o fato de que também precisei me afastar por causa da tentação carnal. — E também cometi um erro ao deixá-la aproximar-se, enganando-se ao ver a nossa amizade como algo mais. Como padre. — Arqueei minhas sobancelhas, tentando passar a sinceridade. — E como homem, Srta. Mônica, eu deveria ter tido mais tato com Cecília. Não houve nenhum momento de fraqueza da minha parte, mas de receio e medos — menti, porque eu conhecia a fraqueza que senti ao tocar seus fartos seios, e por ter pecado, cometi mais um. — Receios por não saber como afastá-la, e ao fazer isso, provavelmente feri os seus sentimentos — calei-me ao ver a dureza dentro dos olhos tão diretos de Mônica e ela os desviou, fitando as pessoas na rua.

— Você se coloca em um pedestal, acreditando que foi o único motivo, Armando? — A franqueza das suas palavras sussurradas causou-me calafrio, assim como a sua forma de me chamar.

Como Mônica poderia causar tantas sensações?

— Não faço isso.

— Você faz. Minha mãe estava com uma grande crise no casamento, padre. Ela estava depressiva e viu em você um refúgio, uma ilusão para escapar como fazia com outros homens no passado.

— Então por que condenar-me por isso? — Se eu poderia ser apenas um dos motivos. Perscrutei seu rosto, buscando alguma resposta, e Mônica riu sarcástica, abaixando os olhos para fitar o fino relógio de ouro no pulso pequeno.

— Porque você foi um dos motivos para o ponto final — ela hesitou como se ponderasse como continuar. — Levou-a a fazer sua decisão final, ela me contou pessoalmente. E bem, veja bem. — Seus olhos me fitaram tão diretos quanto sua expressão decidida. — É divertido vê-lo no estado em que o deixo.

Franzi o cenho, arregalando os olhos e neguei. Estava começando a me sentir embaraçado e relembrando-me essa sensação tentei espantá-la.

— Está na minha hora. — Mônica cortou qualquer tentativa minha de negação. — Tenho um plantão, padre. — Ela se ergueu, distanciando-se e a seguiu com os olhos sem qualquer intenção consciente, era como se fossem atraídos para acompanhá-la. Mônica deu as costas.

— Você morará em Lucca por minha causa?

— E você comprova as minhas teorias — ela zombou, virando a cabeça sobre o ombro e parou no meio do corredor, iluminada com as luzes amareladas. Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso, incendiando uma chama pecaminosa dentro de mim, acalentada pelo diabo. Desesperei-me, ansiando para que o meu corpo não correspondesse às sensações. Eu havia acalmado-o durante tantos dias, esquecendo-me da necessidade carnal, mas Mônica sorriu ainda mais, relembrando-o. — Não estou aqui por você. Disse àquilo para assustá-lo aquele dia, porque adoro ver o pavor em seu rosto tão devoto. Passei na residência que eu queria no hospital de Lucca. — E sua expressão se tornou ainda mais maliciosa. — Talvez o seu Deus escreva certo por linhas tortas, trazendo-me para perto de você. Ou seria o diabo? Como você possui mais conhecimento do que eu nessa parte deixo que descubra a resposta por nós. Veremo-nos em breve.

E assim Mônica desapareceu pelo corredor, afastando-se com um andar elegante e confiante, roubando a minha confiança e a falsa paz.

Voltei-me para a janela, fitando já a escuridão do céu, ciente de que a pergunta iria perdurar a noite inteira.

E outra pergunta se fez na minha cabeça, trazida pelos meus tormentos. Tentei afastá-la, temeroso que fosse a tentação me chamando, mas ela insistiu no meu íntimo.

Quando eu veria Mônica novamente?



III – Jantar sobre o fogo



Ou andará alguém sobre as brasas, sem que se queimem os seus pés?

(Provérbios 6:28)



E assim como durante as noites anteriores eu havia adormecido como se tivesse sido embalado por Deus, mesmo que no meu íntimo eu temesse que tivesse sido o diabo, nessa última noite os meus olhos se mantiveram pregados no teto claro do meu quarto, apenas relembrando-me os pesadelos que tive, durante as poucas horas de sonos, com crianças em um grande gramado na minha antiga casa em Pisa.

Duas meninas, especificamente, com olhos maliciosos e verdes, tão diretos que eu poderia jurar saber sobre qual ventre elas haviam saído, mesmo não tendo uma presença materna em meu sonho. E o que me acordara havia sido a voz da minha mãe, tão enérgica e alta que ecoou pelo gramado verde iluminado pelo sol, e dentro do meu sonho, ambas as pequenas cabecinhas haviam se virado, com os cabelos negros voando contra a luz do sol, os olhos fixos na minha mãe. E essa correu pelo gramado, abrindo os braços e agarrando-as, como se fossem sangue do seu sangue.

E isso arrancou o meu sono, o meu sossego e a minha paz, porque durante toda a noite, eu apenas conseguia pensar em como os rostos eram nítidos, eram luminosos e traiçoeiros. Eram apenas crianças e eu teria visto rostos assim antes? Dizem que o subconsciente prega peças durante o sono, brincando com imagens já vistas e medos íntimos, mas qual era o medo nesse sonho? E qual a imagem já vista? Eu sabia que a imagem já vista era Mônica.

E o medo sentido estava trancafiado na minha mente, espreitando os momentos certos para

me fazer sofrer. Lembranças machucavam como se o momento ainda fosse o presente.

— Está com algum problema que quer me contar, meu filho? — A voz da minha mãe e seu toque no meu braço despertou-me dos devaneios. Levantei a cabeça, fitando-a sentada na minha frente, com a mesa arredondada do restaurante entre nós. O branco da toalha contrastava contra os pratos escuros, e ela pegou a taça com vinho posta à sua frente.

— Estou apenas cansado, mãe. — Tentei disfarçar com um sorriso a apreensão que senti durante o dia inteiro. Captei com o olhar seu balançar de cabeça, entendendo que ela conhecia o filho que tinha, mas permaneci calado, apenas fitando a água servida em um copo para mim.

— Você está mentindo, Armando, mas entendo que há problemas que não queira compartilhar. Só quero que saiba que eu e seu pai estaremos sempre ao seu lado. Ele não pôde vir, mas eu estou aqui. — Ela tentou se desculpar sorrindo, e estiquei o braço na sua direção, afagando sua mão.

— Eu sei, mãe. Como está o pai? — Tentei mudar o curso do assunto, ciente de que ela retornaria às questões que eu não estava em condições de conversar. Ela sorriu, inclinando a cabeça e afastou a mão da minha, agarrando novamente a taça.

— Seu pai está cansado também, Armando. Reformamos nossa casa em Pisa. — Ela pareceu nostálgica, subindo os olhos para o grande lustre elegante acima das nossas cabeças. — Está tão linda. Sinto falta de você lá, ajudando seu pai. O gramado, Armando, parece o mesmo de uma vez. — Sua voz causou-me calafrios e arregalei os olhos, vislumbrando o antigo gramado, com duas meninas correndo. Vestidos floridos voavam com o vento e eu me perdi no próprio pensamento, apenas ouvindo minha mãe, sem realmente vê-la. E junto com o espanto, senti nostalgia em lembrar épocas mais felizes na família. — Seu pai o replantou, fez florescer novas rosas e o sol por lá irradia como era na sua infância. Quando irá nos visitar?

As meninas levantaram as cabeças, deixando os longos cabelos negros contra os ombros, e gritaram, gritaram um chamamento para a minha mãe que ao ouvir e sorrir gelou até minha alma.

— Armando? — Dei um pulo da cadeira ao sentir o toque dos dedos da minha mãe sobre a minha mão e arregalei os olhos, compreendendo que perdi sua pergunta.

— Como? — Estava constrangido diante do meu apagão e minha mãe fitou-me preocupada. Ela afastou as mãos, colocando-a no colo abaixo da mesa e se inclinou para frente. Seus cabelos louros, levantados em um coque a deixavam mais jovem e ela franziu o cenho, revelando as rugas da idade.

— Você está com algum problema, filho? Conte para mim, pode confiar. Desde que chegamos, eu o pego perdido, estamos aqui há quase uma hora e você falou meia dúzia de palavras.

— É o hábito de estar sozinho. — Tentei me desculpar, embaraçado com a minha falta de tato com ela, e minha mãe franziu a testa, sem acreditar.

— Qual é o problema?

— Padre Armando tem o problema de pensar demais, esse é o problema. — Implorei que os meus ouvidos estivessem enganados, mas a voz tão direta possuía uma única dona.

Senti-me petrificado na cadeira, como se uma cruz fosse jogada sobre as minhas costas, mais pesada do que eu aguentaria, e neguei aos meus olhos a visão da presença que eu sentia parada nas minhas costas. Pelos olhos da minha mãe pude perceber que ela fitava surpresa alguém atrás de mim, e suas rugas pareceram aumentar conforme seus lábios se curvaram em um sorriso indecifrável.

— Acredito que não conheço você — foi a forma mais educada que minha mãe encontrou de perguntar o nome, e diante da minha inércia, senti as mãos de Mônica roçarem nos meus ombros, se apoiando propositalmente.

Eu estava sendo abandonado por Deus? Por que pregar peças das quais não sei as falas? O arrepio percorreu os meus ombros e inclinei-me para frente, esquivando-me do seu toque. Os olhos atentos da minha mãe me seguiram e ela sorriu ainda mais, como se visse explicitamente o meu embaraçamento. Engoli em seco, tentando compreender o que eu poderia fazer, mas Mônica como todas as outras vezes em nossos encontros inoportunos foi mais rápida e avançou pelo meu lado, estendendo a mão na direção da minha mãe.

— Sou Mônica Fattin. — Ela se inclinou sobre a mesa e fraquejei, sentindo que eu realmente estava sendo açoitado. Meus olhos vagaram pelo braço esguio, os seios delineados pelo vestido preto colado e o decote arredondado, deixando seu busto delicado e atrativo. Um busto que mesmo com o vestido, eu lembrava como era.

— Muito prazer, Mônica. Sou a mãe de Armando, Ivette Ferrazzi. — Era como se cada palavra da minha mãe fosse uma nova oportunidade para Mônica e eu, no fundo do meu ser, sabia que ela iria aproveitar de cada oportunidade. Encarei, aturdido, as duas tão próximas e minha mãe retornou a sentar-se, com os olhos contemplativos na mulher parada ao meu lado. — Como conhece meu filho?

— Ah. — A risada de Mônica deixou transparecer a verdade e ela deslizou os diretos olhos

até mim, fitando-me como uma ameaça silenciosa. Eu temi e desejei que ela não fosse traiçoeira. — Nos conhecemos durante a missa, Sra. Ferrazzi. Padre Armando sabe lidar muito bem com as palavras. — E encontrei na sua malícia a tentativa de me constranger, mas a minha mãe apenas sorriu maravilhada com Mônica, sem compreender o que ela realmente tentou dizer.

— Armando não é de ser próximo com as mulheres que vão à missa, e por sinal. — Seus olhos se tornaram acusadores em mim. — Ele nunca me disse sobre você.

— Nos conhecemos há pouco tempo.

— Muito pouco tempo — cortei Mônica e apoiei os cotovelos na mesa, juntando minhas mãos abaixo do queixo, como se estivesse orando. E no meu íntimo, eu estava, para que ela fosse embora rápido antes que eu mesmo me entregasse. Ela retribuiu o meu olhar por alguns instantes que pareceram uma eternidade prometida e ela retornou a ser firme com a minha mãe.

— Posso me sentar? — A sua pergunta calou-me e fiquei desconcertado, apenas assistindo ao fósforo que se acendia para criar o fogo sobre a pira que era a minha angústia. Minha mãe, na sua singela doçura de se encantar por Mônica, apontou para a cadeira entre nós dois, e Mônica se satisfez com a chance de continuar.

— Você não veio com alguém? — A educação me forçou a sussurrar, mas o temor fez-me colocar a mão sobre o seu braço, chamando a sua atenção. Seus cabelos negros voaram para o lado assim que fez o movimento com a cabeça para encarar-me, recordando-me do meu sonho e afastei a mão, sentindo os olhos tão curiosos da minha mãe.

E como eu tentei não imaginar Mônica sorriu, perscrutando o meu rosto.

— Estou sozinha, padre — ela afirmou. — Acabei de voltar do hospital.

— Trabalha no hospital? — E a curiosidade da minha mãe sobre a mulher que surgiu tão próxima de mim se fez ainda mais presente. Tentei entender a curiosidade no rosto tão alegre dela e compreendi. Compreendi o meu sonho também. Minha mãe ainda possuía um resquício de esperança em relação ao meu caminho, ao celibato e à Igreja. E ao ver Mônica, ela se fez ainda mais desejosa. Uma esperança que eu havia perdido e tirado dela há mais de dez anos.

— Estou fazendo residência no hospital de Lucca, Sra. Ferrazzi.

— Me chame de Ivette, querida. — E como eu desejei poder levar minha mãe embora, mas apenas assisti ao meu próprio inferno e o fogo começando a subir por debaixo da mesa. — É residente em que?

— Sou pediatra. — As palavras arrastaram os meus olhos e perguntei-me como nunca pedi

isso para ela antes. Talvez porque apenas a sua presença já me desarmava, deixando-me sem espaço para pensar em perguntas. Arregalei os olhos, percebendo que Mônica surpreendeu-se com a alegria exposta nas feições da minha mãe, e completou, apoiando os antebraços na mesa, entrelaçando os dedos. — passei na residência de gastropediatria — ela completou e fitei a minha mãe, seguindo os olhos dela até as mãos nuas de Mônica, com unhas bem feitas, claras e cortadas, sem anéis nos dedos.

— E como seria isso, Srta. Fattin? — O interesse me constrangeu e Mônica dominou a situação.

— Quando me formei na residência de pediatria, decidi optar pela Gastroenterologia pediátrica, e passei na residência que queria aqui em Lucca. Basicamente, Ivette, atendo crianças e adolescentes com doenças de intestino, fígado e transplantadas. Foram dois anos na primeira residência e agora serão mais dois anos. — Mônica parecia outra mulher sentada ao meu lado, com os olhos sérios na minha mãe, explicando sobre sua profissão, e pegue-me fascinado com a forma que movimentava as mãos.

Fechei os olhos, julgando-me como pecador novamente e orei em um sussurro silencioso. Orei que o fascínio trazido pelo diabo fosse levado embora, mas a voz de Mônica continuava a preencher todo o meu ser.

— Praticamente estou em função durante toda a semana e dois finais de semana com outros residentes.

— Enquanto Armando cuida das almas, você cuida dos corpos. — Abri os olhos, devastado com a comparação que minha mãe, na pura inocência diante da malícia de Mônica fez e lentamente espreitei o sorriso de triunfo no rosto de Mônica.

— Gosto dos corpos, Ivette. — Senti a pontada direta e engoli em seco novamente. Busquei alcançar o copo com água, precisando distrair-me. Segurei-o firme e o virei sobre os lábios, tentando esquecer a presença de Mônica, mas sua voz tão segura continuou. — Desculpe, mas não sou tão devota, não consigo entender a fé, então prefiro a ciência. — E seus olhos me crucificaram.

— Sou devota, Srta. Fattin, mas confesso que adoraria que Deus tivesse me dado netos ao invés de um padre. — Minha mãe riu diante da própria confissão e arregalei os olhos. A água, tão pura, desceu como labaredas na garganta e tossi, voltando-me na direção da minha mãe.

— Mãe. — Tentei fazê-la perceber o grande engano e ela apenas balançou a cabeça, rindo. E ao fundo ouvi a risada de Mônica, e arrastando-me com correntes de pecado eu a encarei encabulado, vendo o quanto estava se divertindo às minhas custas.

— Netos, filhos de Armando?

— Ele é o meu único filho, você, como mulher, entende, não é?

Mônica permaneceu em silêncio, com os olhos tão concentrados em mim que deixaram a minha alma nua, e desconcertado, busquei abrigo ao redor, ansiando em ir embora. O garçom, trazendo o jantar, se aproximou, mas a comida não seria mais saborosa.

E como se depois de deixar-me no chão, Mônica se levantou.

— Como a comida de vocês já está sendo servida, eu irei atrás da minha. — Era sua graciosidade brincando com a zombaria, e voltei os olhos para ela, vendo-a em pé, com os cabelos negros caindo sobre os ombros nus cobertos pela alça fina do vestido. — Recém voltei do hospital e antes de me sentar já estava prestes a pedir para levar.

— Mas estava um assunto tão.

— Compreendo-a — cortei minha mãe educadamente e levantei-me como um cavalheiro, sentindo paz por vê-la ir. Uma paz dentro do próprio inferno, ou eu estava me enganado também sobre isso, quando me peguei fascinado com sua conversa minutos antes?

Mônica curvou os lábios em uma maldade que eu não pude negar de ver, e ela se curvou para frente, estendendo a mão. Sob os olhos da minha mãe, obriguei-me a pegar sua mão, apertando-a tão pequena entre as minhas.

— Deseje-me boa noite, padre. — Mônica brincou comigo, brincou com a minha mente e devoção. — Deseje que eu durma com os anjos, porque vindo de um padre, talvez eu realmente durma. — Seus olhos verdes e diretos me fitavam como duas chicotadas no meu íntimo.

E pude perceber o quanto minha mãe sorria. Como poderia negar sem deixar transparecer o sentimento de tormento?

— Você dormirá com o que precisa para protegê-la, Srta. Fattin. — Tentei afastá-la, mas Mônica riu, puxando a mão e avançou, passando ao meu lado.

E antes que se fosse, parou lado a lado comigo.

— Nós dois sabemos com quem eu dormiria se não fosse por um celibato — ela sussurrou tão maldosa que apenas me silencieei.

E como todas as outras vezes, ela se afastou tão rápido como chegou, deixando-me aturdido com as palavras que sabia usar bem. Dei as costas, lutando contra o desejo trazido pelo diabo de vê-la e fitei minha mãe, que atenta e inocente, fitava-me com alegria.

O garçom serviu os pratos e sentei, voltando a ouvir minha mãe conversar sobre a reforma da casa, e eu cortei qualquer assunto que fosse em direção à Mônica. Contudo, mesmo quando ela se foi do restaurante, eu ainda a sentia como se o seu perfume e presença permanecessem.

Mônica já não era uma presença física, mas uma sensação constante.



IV – Carne e osso

(Mônica)



Há duas tragédias na vida: uma a de não satisfazermos os nossos desejos, a outra a de os satisfazermos.

Oscar Wilde.



O choro da criança ainda estava nos meus ouvidos, não que eu já não estivesse acostumada com a morte. Na verdade, não estava, mas sim uma aceitação na forma de esquecimento. Eu aprendi a ignorá-la, a poder deitar minha cabeça sobre o travesseiro todas as noites e não pensar nas crianças enfermas que morreram durante o dia, nos recém-nascidos que lutavam para sobreviver, porque se eu continuasse a pensar como fora no início da faculdade, eu teria desistido. E desistir nunca havia sido uma opção para tudo o que decidi na minha vida.

Abaixei os olhos para consultar novamente a planilha de pacientes da segunda-feira, paciente para visitar durante toda a manhã junto com mais residentes. Eu estava com dois transplantados, além de recém-nascidos. Fixei meus olhos em Abelle, uma prematura extrema, que desde o nascimento havia caído em minhas mãos. Passei os olhos pelo horário da tarde, depois do curto tempo que eu poderia ter, se conseguisse, para almoçar.

A porta abriu tão rápido que não tive tempo de levantar os olhos antes que meu supervisor a abrisse.

— Mônica. — Vincenzo abriu a porta, com os grandes olhos verdes fixados em mim, tão

claros como sua pele contra os cabelos escuros. Permaneci em silêncio, esperando que continuasse. — Abelle acabou de falecer. — Ele apenas queria me notificar, porque de certa maneira, eu havia me apegado a ela. Um erro que não deveria ter cometido.

Silenciei-me perante sua preocupação e levantei-me, ajeitando o jaleco contra o meu corpo.

— Neste momento?

— Há vinte minutos. — Percebi que ele queria abraçar-me, mas não havia motivo. Conhecia Vincenzo há anos, na verdade, havíamos namorado na faculdade, mas com o término dela, também havia terminado com ele. Não seria a primeira nem a última, e nesse momento, eu já não queria um abraço, queria poder deixar e adormecer, descansar por tantas horas trabalhadas, pela vontade de ir até Abelle para vê-la.

Seria tão injusta a morte assim? O que diriam os sábios sobre a morte? Ou esses se calariam perante ela?

— Quero vê-la. — Contornei a mesa, fechando os botões do jaleco, ciente de que estava estendendo o meu horário do plantão, mas antes que desse as costas para Vincenzo, ele segurou-me pelo braço.

— Não é necessário. Os familiares já estão lá.

Mas não era pelos familiares que eu iria vê-la, mas por mim mesma. Havia tornado um vício a visita após a morte, como se eu precisasse afirmar para mim que é apenas um corpo. Um corpo a ser estudado, com peles, carnes e ossos. Ou haveria algo mais? Esse nunca foi um assunto que quis perguntar ou descobrir. Para mim o corpo sempre bastou. E esse vício se tornou algo importante.

Contudo, com ela havia sido diferente, como se pela primeira vez eu sentisse a perda completa de um paciente.

Os seres humanos sempre possuem algum tipo de vício, muitas vezes comportamentais, mesmo que inconsciente. Aprendemos a fazer algo, gostamos de algo, e o tornamos rotineiro. Um vício inofensivo que se torna parte da nossa vida, e esse era o meu vício.

Não respondi Vincenzo, dando as costas para alcançar o final do corredor e descer pelo elevador. Ouvi o murmúrio dos familiares assim que alcancei a porta da sala, e evitei entrar. Permaneci parada diante do vidro, fitando a mãe chorando e Abelle parecia dormir em um sono profundo.

Antes que eu previsse, meus olhos se tornaram embaçados e o nó dentro do meu peito se

formou. Franzi a testa, estranhando a sensação depois de tanto tempo. Não havia mais chorado perante a morte fazia muito tempo, mas com Abelle a perda parecia ser minha. Levantei os olhos, fitando o rosto torturado da mãe com as lágrimas deslizando pelo rosto, e perguntei-me se essa dor não seria muito pesada para ela.

E assim como suas lágrimas escorreram, as minhas acompanharam as delas. Chorei no silêncio, imóvel diante da minha comoção. Eu nunca havia sido uma pessoa tão fria, mas havia aprendido a ser distante, a não me apegar, e ao me deparar com o apego por um paciente, levei um choque.

Levantei a mão, limpando a lágrima que acariciava minha face, e outra escorreu devagar, enquanto eu desviava os olhos para fitar novamente o bebê tão inocente, tão pequeno e sem abrir os olhos novamente.

Percebi um movimento e levantei os olhos novamente, fitando o marido abraçar a esposa, ambos se consolando.

— Às vezes é bom se manter distante nesse momento, Mônica. — Vincenzo já estava parado ao meu lado há alguns segundos, mas eu havia ignorado sua presença. Senti sua mão acariciar meu ombro e o fitei. — Quer que eu a leve para casa?

Eu queria conversar, eu queria poder perguntar sobre ideias que antes eu não tinha, mas que diante do choque de perceber que me importei com a morte de Abelle, elas surgiram. Perscrutei o rosto do médico ao meu lado, compreendendo que não era com ele que eu queria conversar. Era como se eu já soubesse que ele não saberia responder às minhas perguntas.

— Não — respondi taciturna e dei as costas, colocando as mãos dentro dos bolsos do jaleco. Vagueei pelos corredores, perdendo-me nos minutos, e vi duas plantonistas passarem por mim. Voltei à minha sala, guardando meu jaleco e peguei minha bolsa, já não querendo mais ir para casa. Talvez eu devesse parar em algum barzinho e ficar por lá, esperando o domingo chegar. Ou talvez eu passasse na farmácia e comprasse algo para dormir.

Saí do hospital e entrei no meu carro. Dirigi devagar, começando a pensar em como Abelle havia chegado e em como eu havia me afeiçoado a ela. E como ela partiu. Em meus pensamentos, eu apenas precisava conversar, e assim como eu queria, eu também sabia com quem. Padre Armando e sua forma tão devota de falar e agir.

Mas eu havia sido maldosa com ele, não havia? Contudo, o mal é apenas um ponto de vista criado por nós. A maldade não está no ato em si, mas na ideia e no pensamento.

Fui pecadora? Sinceramente não me importei, porque o prazer estava em tentá-lo, em vê-lo

fraquejar e em como, pelos olhos e pelas expressões, eu conseguia vislumbrar o desejo dele. Era uma vingança minha, e depois de conquistá-la, eu apenas me dei por completa. Mas, ao encontrá-lo em Lucca, a tentação de ver o seu tormento e em como ele ficava embaraçado se tornou demais para não me fazer tentá-lo e me divertir. Era divertido vê-lo constrangido e de certa forma, havia algo que instigava a me divertir com isso.

Passei os olhos pelos carros, percebendo que estava dirigindo para a sua Igreja, e franzi o cenho, estacionando. Duas senhoras estavam paradas na entrada e saí do carro. Perguntei sobre o padre da Igreja, onde provavelmente ele poderia morar, e as duas senhoras me indicaram um pequeno sobrado há cinco quadras.

Dirigi até lá, ciente de que talvez eu estivesse sendo ainda mais maldosa, mas dessa vez eu não estava indo com ideias de constrangê-lo.

Abelle havia me abalado e eu precisava conversar com alguém que poderia possuir algumas respostas.

Dirigi devagar, procurando um sobrado com varandas de metal escuro e vasos de flores. Avistei-a e estacionei, ouvindo o barulho dos trovões ao longe. Saí do carro, pegando minha bolsa e olhei para a varanda, fitando as janelas fechadas. Observei que estava passando das vinte e três horas, mas não me importei.

Subi os poucos degraus e bati na porta. Ouvi um barulho dentro do sobrado e aguardei. As chaves rodaram na fechadura e a porta se abriu, revelando Armando vestido com um suéter escuro, calça jeans escura e meias pretas.

Não pude conter a surpresa e sorri, voltando a fitar seu rosto tão assustado que perdi o riso, fitando sua expressão desconcertada.



V – O que move as montanhas



Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

(1 Coríntios 13:4-7)



A força do pensamento atrai? Ou seria a própria fé em algo que não temos controle? E o que seria a fé, senão o desejo de poder crer em algo que de fato jamais podemos ter certeza?

De todas as dúvidas que eu poderia ter, de uma eu acabara de liquidar. Eu poderia crer que a força do pensamento poderia atrair principalmente a dos pensamentos mais impuros. E talvez o diabo se regozijasse em fazer concreto esse pensamento.

Diante dos meus olhos, Mônica permanecia parada na porta da minha casa, sem responder as perguntas não ditas por mim, apenas imaginadas no infortúnio do meu dia. Um dia que havia passado com a minha mãe, ouvindo sobre crianças, sobre meus pais e principalmente, ciente da curiosidade desperta da minha mãe em relação à mulher que cuidava de crianças e que estava tão próxima de mim, aparentemente.

E ao cair da noite e ver minha mãe partir, permaneci com os pensamentos sobre Mônica. E sobre meu pesadelo. Até ser despertado pela campainha, trazendo meus pensamentos para a física e transformando meu tormento em algo palpável.

Encarei seu rosto por tanto tempo que me perdi na ideia de que talvez ela fosse um fantasma, retornando aos meus tormentos passados pelo dia inteiro.

— Estou incomodando você, sei que é tarde. — Sua voz tão direta trouxe-me de volta e franzi o cenho, sentindo-me um pouco perdido ao vê-la na porta da minha casa. Deus havia

guiado seus passos até lá? Ou o diabo deu o meu endereço buscando levar a tentação até mim?

— Está tudo bem. — Olhei ao redor pela rua escura, ciente de que estava muito tarde. Tarde demais para um padre como eu receber uma mulher em sua porta sem chamar a atenção, mas não havia ninguém pela rua. Era como se a presença de Mônica expulsasse todas as outras, inclusive minha lucidez.

Voltei meus olhos para Mônica, que com a gola do casaco levantada, deixando os cabelos negros bagunçados, fitava-me como se eu devesse dizer algo, mas diante do susto de vê-la, sua presença havia me silenciado e levado qualquer tentativa de manter um diálogo. Encarei seus olhos tão verdes e diretos e mantive a porta aberta, ciente de que estava apenas de meias e uma roupa informal.

— Não me convidará para entrar, padre? — E fui pego novamente. Tentei desviar o olhar, ansiando para que ela dissesse que preferia ir embora. E no meu íntimo, eu também ansiava que se afastasse, não estava preparado para encarar sua malícia dentro da minha própria casa depois de um dia tão intenso como fora com a minha mãe. — Ou está mandando-me embora?— sua pergunta arrastou meus olhos até seu sorriso malicioso.

— Não, não. — O pouco que consegui foi afastar-me da porta, dando passagem e indiquei para que entrasse. — Entre.

— Por um momento acreditei que iria me deixar na chuva.

Na chuva de receios, tormentos e medos eu me encontrava, e assim que Mônica cruzou a porta da minha casa, senti que a cruz do pecado havia sido jogada nas minhas costas. O pecado por sentir uma estranha sensação de vê-la no meu lugar tão pessoal. Sua presença pareceu ofuscar toda a mobília, criando sua própria grandeza, e fechei a porta, orando em silêncio para que eu mantivesse minha razão, minha calma e meu celibato.

— É uma casa grande para alguém que mora só. — Ela não pediu permissão para avançar, observando tão atenta que me sentia constrangido ao ver seus olhos analisando todas as paredes com fotografias antigas, réplicas pequenas de quadros nada famosos e as mobílias de madeira escura.

— Foi a mais próxima que encontrei da paróquia. — Permaneci parado de costas para a porta, tão imóvel que fiz Mônica virar a cabeça para encarar-me, parada no estreito corredor que ligava a porta da casa até a sala quadrada. Ela perscrutou-me por inteiro, tão séria que dei um passo para frente, tentando quebrar a sensação de nudez aos seus olhos, e Mônica sorriu.

— Deve ser solitário.

— Nunca me senti solitário, Srta. Fattin. — Tratei-a formal para que percebesse minha distância e abaixei minha cabeça, cortando qualquer contato visual que desestruturasse minha paz. Passei por ela, indicando o caminho e parei no centro da sala iluminada por luzes amareladas, uma lareira de tijolos à vista, de frente para o grande sofá marrom escuro, com duas grandes poltronas da mesma cor em cada lado.

Remexi a lenha do fogo, vendo as labaredas tão vivas e intensas, recordando-me dos olhos dela. E eu sabia que esses estavam fixos nas minhas costas.

— A que devo a visita? — arrastei a pergunta para não deixar o silêncio constranger-me, temendo que a resposta fosse igual a todos os nossos encontros: tentar-me para pecar com ela.

— Estive de plantão hoje.

Franzi o cenho novamente e a fitei. Mônica cruzou as pernas, sem o casaco, deixando-o sobre o sofá, e ainda sentada na poltrona, cruzou os braços contra os seios marcados pela blusa fina branca. Diante do seu comentário, não encontrei o que responder e arqueei as sobrancelhas, sentando-me também, frente a ela na outra poltrona.

— Eu deveria entender isso como?

— Precisava conversar, padre. — Sua franqueza me desarmou e assenti, tentando desvendar suas feições tão fortes e sérias.

— E pensou em mim?

— Pensei na sua devoção. — Como eu poderia não me envergonhar, ciente de que ela havia visto outra devoção minha tão diabólica e impura. Recostei na poltrona, tamborilando os dedos das mãos nos encostos laterais e desviei os olhos, embaraçado, buscando nas paredes de tijolos à vista alguma forma de me esquivar da sua forma direta.

— Minha devoção não é tão útil para a Srta, visto que não é crente.

— Preciso ser crente para conversar com você? — Ela riu da minha tentativa de cortá-la e fechei os olhos.

— E sobre o que precisa conversar, Srta. Fattin? — Não poderia fugir desse jeito, e mesmo tentando não fitá-la, continuei a vaguear com os olhos por toda a sala.

— Não sabia que sua mãe desejava netos.

— Ela. — Cedi à tentação de fitá-la, vendo-a a sorrir com muita malícia. — Ela sempre pensou nisso, mas compreende que eu escolhi esse caminho. Estamos aqui para falar sobre minha mãe?

Mônica jogou a cabeça para trás, deixando os fios negros deslizarem pelas bochechas, afastando-os do rosto e se tornou tão séria que não pude desviar os olhos.

— Estive de plantão, e como disse, precisava conversar. — Inclinei-me diante da curiosidade que senti ao ouvir sua voz mais baixa, porém ainda sim decidida. O crepitar do fogo parecia uma melodia com a força com que me encarava, e senti que precisava descobrir o que ela guardava dentro dessas palavras. A curiosidade poderia me atormentar futuramente, deixar-me pensando sobre essa conversa, e ao invés de afastá-la, de dizer que estava tarde, eu a incentivei a continuar.

— E sobre o que precisava conversar? — Arqueei as sobrancelhas diante do movimento que ela fez, inclinando-se para frente também, atraindo meus olhos para o colo. — Por mais desentendimentos que pudéssemos ter, como servo do Senhor estou aqui para ajudá-la também.

— Você é bondoso demais, padre.

— A bondade e a maldade estão presentes em todas as pessoas. — Inclinei a cabeça para o lado, vendo-a sorrir devagar.

— Em alguns há mais maldade.

— Não o suficiente para que não haja perdão. — Tentei argumentar, mas silencieei-me ao vê-la negar, porque no fundo eu também não acreditava que havia perdão para tudo. Na verdade, não acreditava que eu poderia perdoar.

— E se houvesse apenas bondade? Seria justo findar uma vida cheia de bondade?

Ela estava falando sobre bondade e maldade, ou sobre algum julgamento? Estranhei sua pergunta, tentando interpretar a sua expressão que se tornava tensa e de testa franzida, juntei as sobrancelhas, fitando-a demoradamente.

— O que isso poderia significar? Se há um ser tão bondoso.

— Um ser tão bondoso poderia ser aquele que nem passos deu, padre. Um ser bondoso é aquele que não conviveu com ninguém — suas palavras foram rápidas demais e Mônica juntou as mãos. — Como um recém-nascido.

— Foi isso o que aconteceu? — Tentei em vão desvendar antes que respondesse, e ela apenas assentiu, abaixando a cabeça de uma forma que me pegou desprevenido. Senti desejo de ir até ela, mas a devoção me manteve contra a poltrona.

— Perdi um paciente hoje. — Sua voz tão segura parecia vacilar e Mônica abaixou os olhos, fitando as próprias mãos. — Eu a perdi porque não havia o que fazer mais. Eu deveria

estar ciente disso, e na verdade, eu estava. Mas, eu. — E diante dos meus olhos, vi a fraqueza em seus olhos verdes. A fraqueza de Mônica arrastou a minha até a luz, juntando-a a tentação. — Eu me apeguei à criança que havia nascido, padre. Mesmo que, pelo que aprendi e estudei, soubesse que talvez ela não vivesse muito, algo me fazia crer que pudesse haver uma chance, e me apeguei ao desejo de que ela tivesse vida. Eu a vi como se fosse tão próxima minha.

— A fé, Srta. Mônica. — Percebi o assombro em seus olhos e Mônica negou. — A fé fez você crer que ela pudesse viver. Você quis ter fé que algo impossível acontecesse.

— Não, padre.

— E o que seria então? — Arqueei as sobrancelhas, buscando entendê-la.

— O desejo de que a vida fosse mais justa. — Ela se tornou tão direta novamente que me endireitei na poltrona e não consegui desviar os olhos.

— E por que acredita que a vida é injusta?

— Um recém-nascido merecia morrer? — Não houve dúvidas na sua pergunta, era tão retórica que apenas esperei. — Ela merecia viver tão pouco, Armando? — chamando-me pelo meu nome senti-me desconfortável. Fitei seu rosto tenso e direto, seus olhos marejados sendo iluminados pelo fogo amarelo e as luzes amareladas dos abajures.

— Você diz isso porque não acredita.

— E eu deveria acreditar? Acreditar que tudo isso acontece por um motivo? Que a vida e a morte são passagens assim? — Não consegui responder a frase, sendo atropelado pelas palavras tão firmes dela, e abaixei a cabeça diante da sua indignação. — Por isso estou aqui. — Levantei a cabeça, sem conseguir evitar fitá-la surpreso, e em seus olhos as lágrimas pareciam chibatadas na minha tentativa de manter-me distante. — Diga-me em que posso acreditar, padre? Porque nesse momento, não vejo nenhum vislumbre da fé que o mantém em pé nessa devoção. Diga-me como posso me confortar.

Mônica era força, era uma presença fascinante e pecaminosa. E diante dos meus olhos e do meu silêncio de embaraço, ela fraquejou, deixando uma lágrima deslizar devagar pelo rosto, criando uma queda tão grande dentro das minhas tentativas de manter-me firme que eu apenas assisti calado.



VI – O que move a luxúria



É mais fácil resistir ao primeiro dos nossos desejos do que a todos os que o seguem.

Benjamin Frankin.



O que significa a fé? No sentido literal, podemos defini-la como a adesão de forma incondicional a uma ideia, tornando-a uma verdade absoluta. Mas se fosse algo tão simples como tirar palavras para defini-la em todo o seu entendimento, estaríamos banalizando algo que remonta há anos. Em uma antiguidade antes do catolicismo, já não existia o paganismo?

Mas dentre todas as crenças, havia algo em comum: o desejo de acreditar, o desejo de que o ser superior, mesmo que chamado por vários nomes, existisse. O que dizer para alguém cuja fé já não existia? Como confortar uma pessoa que não crê que algo poderá ajudá-la, que há algo responda a todas as suas dúvidas silenciosas?

E assim eu divagava em meus pensamentos, fitando os olhos tão diretos, que se tornavam verdes profundos de Mônica, sentada à minha frente, esperando que eu respondesse. Mas diante da sua fraqueza, da sua falta de fé tão franca, eu perdi-me nas palavras e no embaraço de ver a mulher que corrompeu meu celibato ansiando para que eu a confortasse. Antes que eu elaborasse algo que pudesse responder, Mônica pegou-me desprevenido, transformando-se em ironia. Uma lágrima escorreu pela sua maçã do rosto corada, seus olhos verdes pareceram hesitar, e ela se inclinou para frente, tão irônica que eu pude ver a malícia à espreita.

—*"Cubra o rosto dela. Meus olhos se ofuscam, ela morreu jovem"* — ela recitou uma passagem da peça *A Tragédia da Duquesa de Malfi*, causando calafrios por todo o meu corpo, e franzi o cenho, sem compreender. — Isso é o que poderiam dizer, não é padre? Ela morreu

jovem, mas talvez devesse ser assim.

— Srta. Mônica, não é o que eu iria dizer. — Fui direto diante de toda sua ironia. O crepitar da lareira se tornou mais alto e juntei as mãos, esquentando-as uma na outra. Mônica se recostou na cadeira, com os olhos tão diretos que pareciam me dizer para continuar, e assim o fiz. — Iria dizer que jamais eu poderia transformar sua inquietude em fé se não houvesse o desejo vindo de você. Se você não quer acreditar, de nada adiantaria eu tentar.

— Mas e se eu quisesse talvez. — Não havia ironias, mas uma sinceridade que se tornou pior do que qualquer malícia. — E se eu precisasse? Não consigo deixar de pensar que é injusto, e por isso, não consigo aceitar e parar de pensar. Estou andando em círculos desde que minha paciente faleceu. — E percebi que não hesitaria, e então me inclinei para frente, levantando as mãos para silenciá-la.

— Acredite que há algo para tudo isso, Srta. Mônica. Mesmo diante de toda a sua descrença. — E pecado e tormentos, eu completei na minha mente, juntando-me a ela nessa observação, tentando não relembrar da noite em que ela confortou-me com o corpo. — Tente entender que a medicina não poderá salvar todos, e que a morte é algo natural. Você pode não conseguir acreditar em alguma divindade, mas precisará entender que a morte não é uma condenação como você a vê agora. — Mônica abaixou a cabeça, juntando as mãos finas no colo e compreendi que havia desvendado suas dúvidas.

— Você a encara como algo natural, padre? — Sua voz não era mais frágil ou trêmula, mas de uma força que me fez arquear as sobrancelhas, e fitando seus olhos erguidos, assenti emudecido. — É fácil dizer isso quando a pessoa sobre a qual fala é uma completa desconhecida.

— Não é fácil, e nunca será, mas é algo inevitável. Se algum dia a medicina conseguir solucionar a morte.

— Não haverá mais o porquê precisar ter fé — ela murmurou tão direta que permaneci com os lábios entreabertos e neguei devagar.

— Não diga isso. A fé não precisa ser perante a morte, é uma razão para se viver, não para morrer.

— E se não houver vida, como será essa fé?

— Por isso se diz fé. Crer sem ter certeza, Srta. Mônica. — Franzi o cenho, notando o quanto sua expressão antes fragilizada, se tornava forte, seus olhos já não possuíam a dor de antes, mas uma máscara tão direta sobre o verde que recuei contra a poltrona. E o que ela queria, afinal? Que eu, um padre católico a confortasse quando não havia fé e crença dentro dela? Não

havia como eu confortá-la quando a mesma negava todas as minhas palavras. — Sinto muito, mas eu não posso ajudá-la nisso. — E perante o seu pedido tão estranho e inoportuno, eu fracassei novamente. Que padre eu era, para ser tão pecador e distante? Poderia ser chamado de padre ainda? As dúvidas começavam a surgir ao fitar seu rosto, e contra toda a minha luta, a tentação arrastou meus olhos para baixo. Fitei o seu pescoço fino, sua pele que aparentava, e eu sabia que era tão macia. Contemplei a curva dos seus seios na blusa justa e fechei os olhos. — Não posso ajudá-la quando minhas palavras são rebatidas como você faz.

— Mas você já me ajudou. — Ela foi tão decidida que me espantei, abrindo os olhos. Entrelacei os dedos, tentando prestar atenção no meu contato pele com pele, mas Mônica parecia segurar meus olhos com as duas mãos e mantê-los fixos na fascinação de vê-la.

— Como? — Arqueei as sobrancelhas, tentando negar a conversa, mas assim como eu sempre desejei ter fé e dar a fé para os descrentes, eu também estava desejando algo impuro e pecaminoso demais. Que homem eu seria se sucumbisse aos meus desejos e perdesse-me em meus pecados?

— Distraindo-me. — Ela não segurou o sorriso malicioso e se inclinou ainda mais para frente, como se fosse contar-me um segredo. — Eu queria poder acreditar em todas as suas palavras, e eu provavelmente irei pensar muito nelas durante a noite. — A luxúria parecia abraçar-me, embalar-me nos seus braços e sussurrar que Mônica, deitada em sua cama, nua, iria pensar em mim. Por que eu estava criando imagens que me tentavam a pecar? Ou seria o diabo incutindo esses pensamentos tão atormentadores para testar-me novamente? Estaria eu testando o quanto nós, humanos, podemos ser corrompidos? — Mas. — Fui pego em meus pensamentos e notei que Mônica perscrutava meu rosto. — Sua conversa me acalmou, fez-me entender que talvez a criança esteja em paz.

— Isso é o que importa.

— Ao menos ela está, enquanto nós estamos na tormenta. — Ela levou à luz as verdades do que estava acontecendo comigo. Haveria algum dia paz? Mônica era paz e a tormenta, era um desejo tão pecaminoso que se tornava tentador. E uma lembrança amargamente deliciosa de reviver todas as noites que eu perdia-me nas orações.

E o que seria de mim agora que a imagem dela dentro da minha casa já era real?

Desviei o olhar, buscando algum ponto para fixar-me, percebendo que ela descruzava as pernas. Um trovão irrompeu, causando calafrios e a grossa chuva começou a açoitar os vidros das janelas.

— Ainda está atormentado, padre Armando?

Arqueei as sobrancelhas, tornando-me mudo e abaixei a cabeça, tentando escapar do assunto.

— Se a chuva piorar muito.

— Você está evitando falar do que aconteceu. — Ela entendeu minha tentativa frustrada e levantei os olhos. — Como se fosse impuro pensar nisso.

— Srta. Mônica. Se já está melhor. — Eu precisava melhorar e parar de observá-la, porque a cada segundo meu corpo se esquecia do peso da batina e lembrava-se do toque pecaminoso de Mônica. E sofri contra isso, lutei com todas as forças, fechando os olhos diante da tentação.

— Já estou. Mas, vendo-o assim, parece que você é quem não está bem, e talvez seja a minha vez de confortá-lo, Armando.

Chamar-me pelo nome era atirar-me no fogo e deixar-me queimar. E eu estava queimando diante da minha própria cruz, rezando para ser forte, mas abri os olhos, fitando-a já em pé, parada no centro da minha sala, como se fosse um anjo tão encantador e belo que eu sentia vontade de ajoelhar-me.

Ajoelhar-me diante da Luxúria e aceitá-la.

Meus pedidos de perdão durante todo esse mês que passou não serviriam em nada se eu caísse novamente, e lembrei-me de cada fiel que acreditava em mim, em cada rosto dentro da Igreja.

— Estou bem, Srta. Fattin. — Mantive distância, também me levantando e confrontei seu olhar malicioso, com o fogo da lareira ao meu lado direito, mas na minha mente, ele parecia estar debaixo de mim, subindo pelas pernas. Minha ereção parecia explodir dentro da calça, ansiando para lembrar-se da sensação de se abrigar em um lugar quente e apertado. O lugar onde residia minha culpa e desejo. Meu corpo estava querendo reviver, querendo esquecer os dez anos, querendo marcar-me pela noite que quebrei meu celibato, e assim ele o fez, me fazendo recordar da sensação de gozo. Ofeguei, recuando, dando as costas para a mulher parada na minha sala. — Nós já conversamos sobre esse assunto. Você quis culpar-me e vingar-se pela morte. — Vislumbrei o rosto de Cecília e senti por pensar nela morta. — Da sua mãe. Sofro por ela ter morrido e por ter pecado, mas agora não há mais nada. Eu a perdoei pela maldade, e perdoe-me pelo pecado. — Havia mesmo perdoado? — Esse assunto já não diz respeito a nós. Podemos ser amigos, como vejo agora que estamos sendo. Não a afasto por isso, porque sei que não acontecerá mais nada.

Falei como se estivesse conversando com a parede a minha frente, em direção à porta, e

por cegar-me novamente, tentando negar a sensação, eu a senti realmente. Suas mãos acariciaram meus ombros e recuei em um pulo, tão assustado não pelo toque, mas pela reação ansiosa do meu corpo.

— Ou você não está bem porque sabe que não poderia cometer esse mesmo erro novamente, mesmo querendo. — O silêncio que deveria ser tranquilo causou-me medo de mim mesmo, uma agonia silenciosa, porque ela parecia ser fria sobre todos esses assuntos e sobre a sua mãe. E ao mesmo tempo calorosa sobre nós. — Assim como eu quero.

Virei tão desesperado por ela, por lembrar-me de como era ter uma mulher dentro dos braços. Por saber que essa mesma mulher estava fragilizada antes, buscando algo em mim, e fitei seu rosto tão perto, decidido a mandá-la embora, mas diante das suas feições determinadas e seus olhos verdes diretos, silencie-me sem forças.

E ao me calar, Mônica sorriu, levantando as mãos e acariciando meu rosto.

— Gostei de você na cama. — Era um inferno pensar em seus gostos e ao sentir seu toque, fechei os olhos, aproveitando cada sensação que ela me causava.

— Já está na sua hora. — Era a devoção ajudando-me a afastar a serpente que me faria pecar. Acreditava que manter os olhos fechados me ajudaria a me afastar, a não vê-la tão tentadora.

— Obrigada, Armando. — E equivoquei-me novamente, já que de olhos fechados não pude prever o que Mônica seria capaz de fazer.

Senti seus lábios macios contra os meus, em um beijo casto, mas que dizia que poderíamos mais, criando um abismo entre mim e a devoção. Retribui o beijo, ansiando por mais, sentindo meu pau tão duro como se ditasse o que queria, meu corpo ansiava por tê-la por baixo, por agarrá-la e me fazer homem carnal novamente.

Mônica se afastou de forma inesperada e abri os olhos a tempo de vê-la passar por mim. E a consciência do meu ato me apossou. Não havia sido sexo, mas um beijo já era o suficiente para condenar-me, porque eu ansiei por mais, eu conheci o pecado que eu queria e percebi o quanto eu queria.

Cobri o rosto com as mãos, atormentado por não conseguir controlar o quanto eu a desejava, e ouvi o barulho da porta abrindo-se.

Eu já havia caído, eu já estava no chão carnal o suficiente para entender que por mais que eu lutasse, não conseguiria conter-me. E de adiantaria agora, depois de ter caído?

Abaixei as mãos, ainda de olhos fechados, sentindo sua presença ainda na minha casa.

— Espere. — Sofri para pedir, porque eu sabia que o meu tormento seria o meu desejo, e também seria se eu não cedesse à tentação.



VII – Decadência da mente



A castidade é a mais anormal das perversões sexuais.

Aldous Huxley.



A decadência não significa apenas perda material, mas um estado de degradação também mental. Quando eu comecei minha queda? Talvez não tivesse sido quando Mônica entrou naquela cabana, nem quando conheci Cecília, mas quando decidi que poderia erguer-me, sem compreender que eu já era caído.

Os vícios, a atração e os próprios medos, antes silenciados pelo meu celibato, pela minha mente centrada em continuar no caminho, retornaram e mesmo quando acreditei me reerguer, retornando a Lucca, ceguei-me diante do fato de que eles já estavam dentro de mim há muito tempo, adormecidos, esperando uma tentação tão grande que me fizesse enxergar que, na verdade não existe a perda de um vício e defeitos, apenas uma sombra que os esconde.

Nós somos formados de vícios, desejos inconscientes e impulsividade, somos como animais que ao se deparar com a evolução, se levantaram e aprenderam a andar em pé. Mas eu não estaria sendo científico demais ao pensar assim? Ou deveria acreditar no Éden e sua maçã proibida? Não que eu não pudesse acreditar, mas se de fato acreditasse no sentido literal, Mônica poderia ser a serpente, e eu um mero homem nu diante da tentação carnal. Não seria muita injustiça comigo, sendo eu de carne e osso, propenso ao desejo?

E na decadência, retornando aos meus erros e vícios tão carnais, eu desesperei-me diante do fato de que Mônica estava partindo, e na impulsividade pedi que ficasse. Soou tão estranho, tão pessoal e tão necessitado, que ao levantar os olhos e fitar os seus diretos e surpresos, senti-me

embaraçado diante da minha fraqueza.

— Está pedindo que eu fique? — Era espanto, não malícia, e pela primeira vez não quis julgar-me, diferente de todas as outras noites, porque o beijo havia tornado o desejo desesperador, e sua presença havia acalentado essa necessidade. Era um desejo que já não podia ser silenciado, visto que eu já havia pecado ao beijá-la. Como refrear a ideia de que um beijo ou algo mais profundo não mudaria mais nada? Se eu já estava em queda, nada poderia me impedir de chegar ao chão.

Virei de frente, sentindo o suor escapar das minhas mãos geladas, envergonhado e ouvi o ranger da chave dentro da fechadura, atraindo meus olhos para vê-la trancar a porta.

— Estou pedindo que espere a chuva passar. — Sentia-me tão envergonhado dentro da minha fraqueza que pronunciar em voz alta os reais motivos era doloroso demais.

— A chuva ou o seu desejo, padre? — Ela sabia. Estava nos meus olhos e eu também sabia. Desviei o olhar, avançando de volta para a poltrona, ciente de que Mônica também, e desabei. Não me sentia confortável sentado, mas o conforto que eu queria era tão pecaminoso.

— Você se envergonha por ter desejo. — Era censura e acusação. — E sabe que a única forma de acalmar isso agora é pedindo que eu fique para transarmos.

Ri do meu embaraçamento, porque só conseguia fitar minhas mãos, e enterrei meu rosto nelas, curvado para baixo, porque no estado do meu corpo, era isso o que eu queria. Era a cruel verdade.

— Estou sendo hipócrita, não estou? — murmurei e ouvi sua risada deliciosa, tão maliciosa que me assustei quando senti suas mãos sobre as minhas, afastando-as do meu rosto. Mônica estava ajoelhada na minha frente entre minhas pernas, com os olhos diretos em mim. Perto demais para se afastar.

— Está sendo humano. Por que negar o desejo? Se fosse errado, não deveríamos sentir. — A malícia dentro dos seus olhos verdes só dizia o que era necessário para me fazer desejar ainda mais, e senti suas mãos acariciarem minhas palmas, centrada em mim.

— Você está satisfeita em me ver assim.

— Estou satisfeita em ver um homem me desejar.

— Isso é Luxúria — eu a acusei, constrangido, e ela riu de mim, fazendo pouco da minha preocupação. Mônica desceu as mãos para as minhas coxas, subindo em direção ao meu pau já ereto e insuportavelmente traidor. E lutando contra o desejo, acompanhei a sensação de ter suas

mãos no meu corpo, o seu olhar tão direto também acompanhando.

— Eu não me importo com os pecados, Armando. — Seus olhar confiante me despiu. — E você agora já não deveria mais se importar.

Eu iria me importar depois, pois no momento eu também não queria me importar. Fechei os olhos, esquecendo-me de que estava em castidade e guiei suas mãos até a volta do meu pau, que se erguia contra a calça. O silêncio foi quase tão prazeroso quanto sentir seu toque.

— Me deixe acalmar seus tormentos também — disse o meu maior tormento e abri os olhos. Mônica se inclinou e agarrou meu rosto com ambas as mãos, me deixando ir até os seus lábios. Beijei-a com a necessidade que me angustiou todas as noites durante esse tempo sem seu toque e sem o prazer. Eu havia me enganado durante as noites que negava o desejo, e visto a verdade frente a frente, eu já não ao poderia mentir.

Ela permitiu, deixando-me sentir com a minha língua seus lábios macios, saborear sua boca e tomar sua língua como minha, sugando-a para a minha boca, ansiando em saciar todo o tesão que me engolia. Beijei-a com gosto, com desejo e como homem, e ouvi seu gemido contra meus lábios. Ela apoiou as pernas sobre as minhas para sentar no meu colo, entregando-se ao beijo.

Era seu corpo que eu queria também e satisfiz o desejo, apertando sua bunda sobre a calça com força, desejando que ninguém jamais soubesse o quanto eu estava enlouquecido para me afundar na sua carne e no seu sabor. Arfei, tentando recuperar a respiração, mas não queria largar seus lábios, e antes que ela abrisse os olhos, beijei-a novamente, devorando sua boca, subindo com as mãos para dentro da sua blusa. Queria me fartar nos seus seios, chupá-los como eu sonhei tantas noites impuras, e levantei sua blusa.

— Armando. — Sua voz ainda era segura mesmo no gemido mais íntimo quando abaixei seu sutiã preto e abocanhei seu mamilo rosado, tão intumescido esperando por mim. Chupei-o com força, ouvindo seu gemido de dor e prazer, um prazer que eu estava causando no limite da minha luxúria. E como eu quase gemi junto ao pensar nisso.

Deslizei a língua pela aréola tão macia, detalhando cada parte da sua pele que parecia ser minha nesse momento, e voltei a chupar seu mamilo. Suas mãos se enterraram nos meus cabelos, bagunçando-os, descendo pelo meu pescoço, marcando minha pele com suas unhas até a gola da minha camisa.

Tirei a camisa, e nu da parte de cima, encarei Mônica, sedento por mais. Um animal tão diabólico pelo pecado que eu já não reconhecia mais o desejo e a loucura. Eu apenas a queria deitada comigo no chão, entre meu corpo e o tapete, gemendo e gozando comigo.

— É isso o que quer? — Ela estava brincando comigo, mas eu não tinha mais forças para lutar. Sob seus olhos diretos, avancei para a sua barriga nua pela blusa levantada, e beijei ao redor do seu umbigo, deliciando-me na sua pele calorosa, descendo para o seu ventre, e subi novamente para o seus seios. Lambi a pele quente entre eles, com seu cheiro único de mulher, e abocanhei um deles, chupando-o devagar, querendo ouvir seu gemido aumentar.

Vagueei com as mãos pelas suas costas nuas, sentindo-a arqueada, e invadi sua calça, afundando meus dedos na sua bunda, desejando mordê-la e afundá-la comigo no prazer. Mônica gemeu e escapou das minhas mãos. Arregalei os olhos, perdendo-me no desespero de vê-la se afastar e enfrentei seu olhar direto, implorando para que não se fosse.

— Não vou fugir, Armando, ou esse é o seu maior medo agora? — Como ela poderia me ler desse jeito? Franzi o cenho, hipnotizado ao vê-la se ajoelhar no meio das minhas pernas, deixando minha ereção tão latejante que eu estava perdendo o controle. E abriu o botão da minha calça, aliviando o aperto do meu pau. Suspirei, tentando não tornar-me ansioso pela ideia de estar na sua boca e Mônica avançou com seus lábios para o meu peito nu, beijando-o com os olhos pregados em mim, me arrastando até o inferno.

Ateei fogo em mim mesmo com seus beijos, que desciam devagar do alto do meu peito, roçando os cabelos, até trilhar pelo umbigo um caminho certo para o meu pau. Ela iria me chupar, e desse jeito, eu iria extravasar na sua boca, iria matar toda a vontade calada pelo celibato.

Joguei a cabeça para trás, sentindo seus lábios avançarem contra a cueca, e enterrei minha mão na sua cabeça, guiando-a para baixo. Ela agarrou a borda minha cueca e a puxou, deixando meu pau ir ao encontro dos seus lábios, tão ansioso que eu já não aguentava mais. Poderia gozar sem nem ao menos estar nela? Não, não poderia, porque eu queria e precisar me abrigar dentro dela.

Era um desejo que eu precisava realizar, senão se tornaria uma tortura por todas as noites passadas e as que viriam. Mas apenas senti seus lábios roçarem na glândula e ela se afastou, sem chupá-lo, deixando um vazio tão grande na ânsia que abri os olhos, perdido, encontrando em seu rosto malicioso um sorriso devasso, e ela se afastou.

— Dessa vez precisamos de uma camisinha. — Em que lugar estava minha cabeça para não pensar nisso?

— Eu não tenho. — Parecia ser esse o pecado agora contra mim e Mônica sorriu, já em pé.

— Eu imaginava. — Ela foi tão direta na risada que provocou mais arrepios no meu corpo

possuído pelo desejo de vê-la ajoelhada no meio das minhas pernas, me chupando. — Mas eu trouxe — Mônica completou como um anjo pecaminoso, com uma expressão deliciosamente divertida, os olhos muito maliciosos, e deu as costas. — Mas achei que não usaria, precisarei pegar no carro.

E de costas abaixou a blusa, já se aproximando da porta tão rápido que apenas abri a boca, ansioso para que voltasse. Mas no tempo em que assimilei o baque na porta com a falta da sua bolsa, ouvi seu carro acelerar, deixando-me em uma loucura, perdido e desesperado.

Levantei-me como se minha sanidade dependesse da confirmação que ela se foi, e joguei-me contra a janela, fitando o vazio da rua, enquanto meu pau latejava para fora, tão ansioso que eu já não aguentava.

Ela havia me provocado me arrastado para o pecado e deixou-me sozinho no desespero carnal de me satisfazer em prazer. Mas eu estava sozinho.

Fechei os olhos, querendo jogar-me pela janela contra a chuva grossa para tentar me acalmar.

— O que farei? — Era um choro interno de desejo. Tentei acalmar meu corpo, guardando a ereção tão dura dentro da calça, mas o diabo parecia jogar todo o inferno de fogo no meu corpo, e eu estava excitado, muito excitado para aguentar. Por que fraquejei desse jeito? Por que me enganei desse jeito? E por que acreditei que Mônica transaria comigo? Porque eu, como homem, queria transar com ela e enterrar-me no seu corpo, esquecendo todo o resto que me impediria disso. Eu respirava o desejo e mesmo sem a sua presença sentia seu cheiro, o gosto da sua pele e sua boca.

Subi as escadas sem pensar no pecado, mas na falta de Mônica. Era isso o que estava me atormentando, querê-la desse jeito que até então não sentia. Ela fez-me sentir isso essa noite de propósito. Abri a porta do banheiro e despi-me. Entrei debaixo da água morna, tentando aguentar a pressão do meu corpo que havia suportado ficar calmo por tanto tempo. E mesmo debaixo da água, não conseguia esquecer a visão dos seus seios rosados, seus mamilos rijos e intumescidos demais para só chupar. Eu queria mordê-los, eu queria agarrá-los, e de olhos fechados, apoiei os braços na parede, com os ombros e as costas embaixo da água, tentando livrar o peso que sentia por não ter o gozo com Mônica.

E de olhos fechados, voltei a lembrar dos seus seios, da sua barriga e do caminho ao Paraíso carnal que começava abaixo do seu umbigo, o lugar aonde eu iria me saciar. Vislumbrei-a ajoelhada no meio das minhas pernas, descendo com a boca pelo meu peito como exatamente fez, chupando lentamente minha pele entre beijos, e então minha mente pregou-me uma peça. Eu

a vi roçar os lábios contra a glândula do meu pau e abocanhá-lo, deixando-o entre seus lábios, que deslizaram para baixo e para cima, movimento o prepúcio junto, deixando-o inteiramente nu na sua boca. Gemi, começando a sentir o gozo subir pelo meu ventre, queimando-me em um prazer sobre meu peito que me fez suspirar o gemido mais profundo, começando a sentir muito prazer. Seus lábios continuaram a subir e descer, aumentando o ritmo e com os olhos pregados em mim, diretos, parecia dizer a verdade: eu estava masturbando-me.

Abri os olhos, fitando meu pau dentro da minha mão, engrossado e com as veias saltadas de tanto tesão, comigo tocando como se fosse a boca de Mônica. E eu sabia que desse ponto em diante eu não conseguiria parar, eu precisava ir até o fim.

— Ah — gemi tão baixo, voltando a me entregar ao pecado, retornando aos seus lábios, deixando para sofrer sobre o ato depois. Pequei, tocando-me rápido demais, e me masturbei com a visão de Mônica chupando-me com vontade, com desejo de me ter inteiro na sua boca, como eu imaginei antes que se fosse. Ela o chupou, acariciando a glândula com a língua, e contra minha mão senti meu pau latejar ainda mais, em espasmos de tanto prazer.

E nas minhas visões decadentes e pecaminosas, eu a vi roçar os lábios contra a glândula inchada, pedindo pelo meu gozo e gozei, arregalando os olhos e gritando de prazer, um prazer sufocado que escapou dos meus lábios pelo tormento de gozar sozinho e ao mesmo tempo com a sua visão, fitando o jato se esparramar com força contra a parede, como eu ansiava que tivesse sido em seus lábios. Minha respiração se tornou entrecortada com o êxtase e ofeguei, gemendo baixo, tentando gozar tudo o que eu poderia, ainda imaginando-a entre minhas pernas.

Joguei a cabeça para trás, deixando a água esconder meu rosto culpado, e debaixo da água ofeguei, sentindo meu corpo acalmar. O que Mônica estava fazendo comigo? O que eu estava fazendo?

Enterrei a cabeça entre as mãos, aliviado com o gozo, mas pesado por ter me masturbado. Era como se esse vício fosse maior do que qualquer luta, e eu precisei fazer porque ela levou-me ao limite da tentação.

E já com o corpo aliviado, sentindo minha mente ainda mais pesada, retornei ao meu tormento de pensar sobre o celibato. Eu havia me tornado impuro novamente, como poderia fitar-me no espelho? Como seguiria adiante? Eu estava tão perdido em tanto sentimento e confusão que chorei baixo contra as mãos, embaixo da água, ansiando por encontrar uma palavra que acalentasse tantas dúvidas que surgiam.

Porque eu havia fracassado no meu caminho, um caminho que havia escolhido há dez anos com devoção e com esperanças. Eu havia aberto mão para ter a batina, eu tinha fé pela batina e

por um milagre, e agora eu não poderia abandoná-los por causa de apenas desejos. Chorei, buscando refúgio, mas o barulho da água era o único que eu ouvia além do meu choro, e agoniado por tudo, desliguei o chuveiro, me vesti e vagueei até a cama, vestido com uma roupa leve para aguentar mais uma noite em claro.

Deitei na cama do meu quarto no segundo andar, e eu sabia que a noite seria em claro, apenas fitando a escuridão e sem silenciar os pensamentos. E eu não sabia o que mais me atormentava: se era o pecado que cometi ou não me arrepender de desejar pecar ainda mais.

Porque na escuridão do quarto, no silêncio ouvindo a chuva, eu condenava-me pelo pecado de apenas me imaginar no mesmo momento, ouvindo a mesma chuva, deitado nos braços de Mônica.



VIII – Redenção obscena



Há pecados tão agradáveis que, se os confessasse, cometia o pecado do orgulho.

Sophie Arnould.



Já não havia paz para mim. E tão pouco contava com o meu próprio perdão, pois diante da minha fé, ainda acreditava que Deus pudesse olhar por mim, compreender as fraquezas mundanas, e com o celibato intocado novamente, eu pudesse ser redimido.

Mas para a minha mente, a queda me consumia. Jogou-me no inferno e já não havia elevação. Eu lembrava-me todas as noites do que havia feito e da necessidade tão prazerosa que senti. Por mais que eu só tivesse feito isso uma vez, há quase uma semana, eu não conseguia parar de desejar e pensar em repetir o ato.

O diabo estava brincando comigo, e eu, cego, estava perdido em pensamentos. Mas durante esses dias de agonia, o que me consolava era o fato de que Mônica não aparecera mais.

E ao mesmo tempo era um castigo, pois enquanto tentava ficar feliz por não vê-la, eu desejava sua presença, seu toque e sua voz. Estava tão perdido assim?

Voltei a fitar os fiéis saindo pelas grandes portas da igreja, abertas no frio da noite, deixando o vento açoitá-las por elas passavam. Apoiei as mãos no altar, sentindo-me impuro mesmo com a batina. Quanto tempo eu demoraria a aceitar o pecado e não desejá-lo mais?

Eu poderia livrar-me dessa sensação? Desviei os olhos, fitando o confessionário na sala ao lado, e decidi que já estava na hora de confessar-me, aquietar meu coração e tirar o peso preso

dentro do peito. Aguardei em silêncio as pessoas saírem, as senhoras passaram por mim, levantando as mãos, cumprimentando-me com admiração, desejando boa noite e tentando puxar assunto, mas eu apenas maneava a cabeça, cansado demais para falar.

A igreja esvaziou-se rapidamente, tão diferente para encher-se, e contornei o altar, descendo as poucas escadas e caminhando entre os bancos, avancei até as portas, fechando-as apenas.

Retornei em direção ao confessionário, sentindo-me decadente demais para pedir conforto, mas atormentado demais para continuar em silêncio, e nas dúvidas que me chicoteavam, ajoelhei-me dentro do estande de madeira escura, fitando o vazio da sala diante da tela e fechei os olhos, começando a orar. Confessei-me sobre o pecado daquela noite onde quebrei completamente meu celibato pela primeira vez, e vivenciei minha queda. Confessei em palavras baixas, mas audíveis o suficiente para eu escutar-me. Implorei que com isso, nada do que havia acontecido há dez anos fosse alterado, mas que em Sua bondade, continuasse a olhar para mim. E por fim, que compreendesse os sofrimentos que eu carregava.

E confessei sobre o que aconteceu há uma semana. Confessei a luxúria que senti ao ver aquela mulher enigmática na minha porta, em como eu me senti ainda mais orgulhoso em ver sua fraqueza comigo, e em como a luxúria arrastou-me para o fogo do inferno, fazendo-me desejar quebrar o celibato com ela, e ao não me aguentar, precisar aliviar o desejo tão intenso.

Confessei que havia me tocado pensando nela, lembrando-me dos seus toques e afundando-me em sua boca.

— Não imaginei que seria tão rápido assim. — A voz tão segura e decidida, já familiar, cortou minha confissão e dei um pulo dentro do estande, fitando Mônica ajoelhada do outro lado, com os olhos verdes fixos em mim, uma assombração que me atormentou durante a semana inteira em pensamentos que poderiam me enlouquecer e acreditar que era fruto da minha imaginação.

E ela havia ouvido minha confissão. Fiquei embaraçado, e sem reação a vi rir de mim.

— Pode confessar-se, padre, talvez eu me junte a você.

— Gosto de ter espaço, Srta. Mônica. — cortei-a, sentindo-me tão envergonhado e embaraçado que a queria longe.

— Não me pareceu isso há uma semana. — Seus olhos eram acusadores.

— Naquela noite em que fugiu? — E fui direto também, condenando-a por ter feito aquilo comigo, mas eu também queria entendê-la.

— Eu não o ajudei, deixando-o sozinho? Ou realmente iria pecar novamente, padre? — Era malícia e fechei os olhos diante da pergunta, ciente que ambos sabíamos a resposta.

— Se você só estava brincando comigo como uma pessoa maldosa, deveria ter partido antes. — Queria a franqueza, e seria assim com ela, porque Mônica havia me machucado, havia me feito cair e diante do meu sofrimento percebia que havia apenas zombarias. — Porque eu a quis sim, você me tornou impuro, e eu não consegui refrear o desejo que eu tinha. Sou homem por baixo dessa batina, e transformou aquela noite em um inferno para mim. — Abri os olhos, enfrentando seu olhar direto. — Se não possui desejos pare de me atormentar.

— Aí está — ela sussurrou e franziu o cenho. — A franqueza e impaciência de um homem. Estava achando você tão contido desde o início, sendo tão educado e paciente diante de tudo o que eu dizia. Por que firmar a voz agora?

Inclinei a cabeça para o lado, tentando entender onde queria chegar.

— Desculpe-me se faltei com respeito agora, eu apenas estou pedindo que respeite o meu direito de querer ficar sozinho. — Não sabia como enfrentá-la sem arriscar-me, e ela assentiu devagar.

— Não estou aqui para zombar de você, padre, como disse antes. Não sou uma pessoa maldosa. Se eu estou aqui, é porque talvez eu precise conversar — ela repetiu a mesma frase de uma semana atrás e neguei. Franzi o cenho, juntando as mãos contra o ventre.

— Como posso acreditar em suas palavras? Não seria esse o começo do que aconteceu há uma semana? — acusei-a educadamente, tentando recordar de como tudo começou, e o desejo retornou junto.

Mônica abaixou a cabeça, juntando as mãos na frente do corpo, e contra todo o julgamento que fazia sobre mim, eu abaixei os olhos, fitando sua calça jeans colada e seus seios contornados pela blusa.

— Porque nessa semana que passou, eu continuei afundada na dúvida sobre a morte de uma criança. — Ela começou antes que eu estivesse preparado, como se estivesse jogando espinhos contra mim e levantei os olhos, fitando seu rosto abaixado, seus olhos pregados no chão. — E busquei conforto com outro homem.

Eu seria muito pecador para que um anjo viesse buscar-me e arrancasse-me desse momento, arrancando a sensação tão carnal de posse e ciúmes que senti ao imaginá-la nos braços de outro homem, quando a luxúria dizia que deveria ser nos meus?

E dito isso, Mônica levantou os olhos apenas, sondando a forma como as palavras foram

cravadas em mim. Não conseguia encontrar formas para expressar algo, e estava ciente de que meu semblante expressava exatamente a angústia que ela me causou.

— Não estou brincando com você ou seus sentimentos, mas preciso apenas entender se fui muito maldosa. — Ela estava sendo sincera e cruel comigo.

— E por que pedir para mim? Você não acredita em nenhuma religião para buscar conselhos de um padre — foi o máximo que consegui dizer, e desviei os olhos, fitando a parede de madeira ao meu lado. Eu percebi que eu estava com raiva e fazia tanto tempo que eu não sentia essa sensação.

— Porque eu sei que você é sincero, e mesmo tendo suas razões pessoais, ainda sim me ouviria e iria me aconselhar.

— Não sei se posso fazer isso agora, me desculpe. — Queria que fosse embora, estava encontrando um caminho para dizer isso para ela e voltei a encará-la.

— Você está sentindo ciúmes? — Ela pareceu adivinhar como se me conhecesse muito bem.

— Não. — Diante de tantos pecados em que eu me afundava mentir era o menor deles. — Eu apenas preciso continuar a minha confissão. Visto que por você ser livre, não há pecado em deitar-se com outro.

Mônica sorriu devagar, sem malícia, e assentiu, voltando a fitar-me.

— Eu sabia que ele estava tentando algo comigo, porque já fomos namorados na faculdade, e em um determinado dia, enquanto eu dava uma carona de volta do trabalho, acabei cedendo ao cansaço, tentando me aliviar em sexo, mas. — Emudeci enquanto ela continuava, com os olhos tão cravados nela que não conseguia acompanhar as sensações que ela me causava. — Depois de transar com ele, percebi que era noivo ao ver os porta-retratos.

Fechei os olhos, esboçando a cena em minha mente, tão nítida que me torturou enquanto eu ouvia sua voz.

— Não o fiz trair de propósito, na verdade, fui enganada, mas ao mesmo tempo, me senti culpada. Eu não sabia que Vincenzo havia noivado. — E na minha mente, eu perguntava-me se ela não se sentia culpada por fazer isso comigo.

— Não foi proposital.

— Eu não deveria me culpar, então.

— Deveria esquecer — foi a resposta que eu dei para ela e para mim, mas já não

esqueceria a imagem dela nos braços de outro. E esse outro, além de colega de profissão era também um antigo namorado.

— Sou mulher e sou carnal também. Busquei me acalmar na pessoa errada.

Abri os olhos, encarando-a com raiva ao ouvir isso, renascendo toda a raiva passada, uma sensação que eu desconhecia e já não sabia mais como lidar, porque ela havia me deixado, para então dias depois se entregar a outro.

— Somos todos pecadores, Mônica. Somos todos carnavais e possuímos fraquezas.

— Obrigada — ela sussurrou, esboçando um sorriso que me pegou ainda mais desprevenido.

— Se não se importa, preciso fechar a igreja e ir embora — cortei o assunto, tão furioso comigo mesmo e com ela que já não queria permanecer ali. Eu me levantei, abrindo a porta do estande e ela também se levantou, seguindo-me com os olhos. Guardei a batina e comecei a organizar a minha partida, ciente de que estava sendo observado.

— Está a pé? — Ela acompanhava-me pelo caminho entre os bancos, já com as luzes apagadas.

— Sim, gosto do ar da noite.

— Posso levá-lo, se quiser. — Era uma oferta tão tentadora que não respondi, pois eu era cego demais para sentir apenas raiva. Era raiva, era desejo, era luxúria e era carnal.

Fechei as portas da igreja, sentindo o frio da noite contra a fina camisa social que usava discreta e preta. Mônica esperou-me nas escadarias, e enquanto descia ao seu lado, em silêncio, negando olhá-la, ela roçou a mão na minha, como se buscasse meus dedos.

— Deixe-me dar uma carona para você. — Sua mão buscou a minha e diante do toque fitei-a surpreso, sendo puxado em direção ao seu carro. Puxei minha mão da dela, mantendo-me afastado.

— Mônica. — Eu a chamei pelo nome diante do susto, vendo-a jogar os negros cabelos para trás, me fitando ao ouvir seu nome dito pela minha boca de forma tão direta, e sorriu surpresa. — Evite contatos desse tipo — tentei explicar, com medo que me vissem. O que iriam dizer sobre um padre pecador?

Ela sorriu diante do meu embaraçamento, e desviei o olhar, decidido que iria embora sozinho.

— Desculpe pelo gesto de carinho. — Ela não parecia sincera, mas evitei encará-la. —

Não imaginei esse fato, mas pensando por esse lado, o que os seus fiéis pensariam, não é? Apenas aceite a minha carona, padre.

— Prefiro ir a pé — murmurei educado, fitando-a parada de graus abaixo e ela sorriu, levantando os olhos para o céu, enfeitando minha visão com o verde contra o céu escuro, como se orasse. Uma pecadora que parecia uma santa.

— Irá chover. — Ela estava feliz com esse fato e levantei os olhos, fitando as nuvens escuras. E iria chover como choveu quase toda a semana.

— Não tenho medo de chuva, Srta. Mônica.

— Mas então tem medo de mim? — era uma pergunta tão direta que ri, abaixando os olhos, vendo a pura malícia diante de mim com um sorriso também.

— Tenho medo dos desejos. — E de ser dominado pelo corpo completei comigo mesmo.

Mas ela insistiu, subindo os de graus que nos distanciavam e estendeu uma mão.

— É apenas uma carona, por ter me ouvido e como desculpas pelo que fiz com você.

Fiquei sem reação e olhando para os lados, observando as ruas vazias, assenti devagar.

— Apenas uma carona — murmurei para mim mesmo e Mônica sorriu, avançando para o carro estacionado adiante.

Entrei em seu carro, sentindo seu perfume impregnado em todo ele e tentei não imaginar o homem sentado no meu lugar. Seria uma longa ida para casa.

Estava imóvel ao seu lado, sem olhá-la, com os olhos cravados em suas mãos segurando o volante, e conforme ela começou a acelerar devagar, desejei que fosse mais rápido, mas ela manteve a velocidade constante.

— Você está bravo comigo. — Ela quebrou o silêncio constrangedor enquanto eu observava o rádio desligado, os bancos de couro e seus objetos pessoais. A chave de uma casa, o celular e brincos de bijuteria.

— Não tenho motivos.

— Você ficou — ela não perguntava, estava afirmando. — Depois que eu o deixei, e provavelmente quando contei que transei com outro.

Não respondi, tentando manter-me concentrado em observar ao redor, e preendi o olhar na janela, percebendo que ela estava tomando outro caminho.

— Preciso ir para casa. Para a minha casa.

— Você não especificou qual casa queria ir, padre. — Ela sorriu e arregalei os olhos, espantado. Eu a encarei, vendo seus olhos perscrutarem meu rosto pelo canto.

— Para a minha casa, se possível. — Tentei não parecer nervoso, mas minhas mãos, já suadas, me traíram e as apertei contra a calça.

— Admito que talvez eu tenha sido egoísta. — Ela continuou como se eu não tivesse pedido para ir para casa. Olhei pela janela o caminho tão diferente, negando-me a olhar para o outro lado, para a mulher que parecia tentadora demais.

— Todos nós somos egoístas.

— Mas eu fui mais. Eu pensei em meu sofrimento primeiro, e na minha diversão. Eu deveria ter imaginado que você sofreria ao me ouvir. E que enquanto brinquei com você naquela noite, você realmente queria. — Era um tormento ouvir sua voz direta e com firmeza dizer isso, mas prestei atenção nas casas que passavam pela janela, notando que ela diminuía a velocidade. — Por isso, acho que eu devo desculpas.

— Está desculpada.

— E terminar o que começamos. — Sem visão e com os olhos pregados na janela, dei um pulo ao sentir sua mão direta na minha virilha, apertando sem receios meu pau que lutava para tornar-se duro. Suspirei ao sentir o prazer por todo o corpo e a encarei assustado.

— Srta. Mônica.

— Não diga que não quer quando se confessou. — Era uma acusação que me constrangeu e arregalei os olhos, tão sem reação diante do toque. Seus dedos apertaram meu pau contra a calça, que latejava de tesão contra a cueca, e encostei a cabeça no banco, tentando em vão buscar uma forma de escapar.

— Por favor, pare — suspirei diante da completa dominação dos meus prazeres carnis. — Não posso. É apenas uma carona.

Mas ela não me ouviu, continuando a acariciar meu pau sobre a calça, com os olhos fixos a frente e a outra mão no volante, guiando o carro como guiava o meu tesão.

— Abra a calça, Armando. — E eu sabia que não era um pedido.

— Não. — Coloquei minhas mãos nas delas, um erro fatal para a minha lucidez, porque ela as desprezou enquanto eu, sem forças, abaixei os olhos, ciente de que eu estava me condenando. Eu estava dizendo que não podia, para ela e para mim, quando na verdade estava permitindo, porque eu não tinha mais forças para lidar com a sensação, com o desejo e o pecado.

Porque eu queria.

Joguei a cabeça contra o banco, fechando os olhos.

— Por favor — sussurrei diante da fraqueza de sentir a calça abrir e o alívio contra o ventre ao sentir sua mão roçar no cóis da cueca. — Pare.

— Nós dois não queremos parar. Você estava bravo porque eu o deixei, porque eu transei com outro. Estou satisfazendo seus desejos, porque vê-lo tão enciumado me deixou com tesão. E eu não nego os meus desejos como você. — Era tão direta, crua e rápida e antes que eu tivesse tempo de responder, senti suas unhas roçarem o cóis, adentrando na cueca, e ela agarrou com força a base da minha ereção.

Abri a boca, puxando o ar, tentando recuperar-me do choque ao sentir seu toque que ansiei durante a semana inteira.

E ela o tocou devagar, com os olhos voltados à frente, mantendo a velocidade constante, enquanto tocou-me com uma velocidade deliciosamente prazerosa. Gemi enterrado contra o banco e a mercê da sua mão, ciente da luxúria que se acorrentava em mim, porque enquanto sentia seus dedos ao redor do meu pau, tocando toda a sua extensão, para cima e para baixo, roçando o dedo na glândula, sentindo a excitação nas veias, eu ouvia a luxúria sussurrar que era a mão de Mônica e não a minha como fora dias atrás.

Gemi ao pensar nisso, em como seria tão fácil gozar ao seu toque, que gradativamente se tornava mais intenso, e abri os olhos, mergulhado em um prazer tão pecaminoso que me condenava em cada suspiro.

Encarei seu rosto, perdido no pecado, vendo seus olhos tão maliciosos, seu braço estendido sobre minha coxa, e sua mão tão habilidosa com o meu pau. E então o carro parou. Levantei os olhos, vendo-a desligar o carro e largar-me no meio do prazer. Não compreendi de primeira vez, olhando ao redor o que estava acontecendo, e Mônica sorriu, pegando as chaves e o celular. Encarou-me maliciosa.

— Estamos na minha casa, padre. — Ela confirmou minhas suspeitas. — Ficaré no carro ou entrará comigo? — Eu me tornei tão confuso que apenas a fitei, procurando a resposta. Mas eu já sabia qual seria para a pergunta certa.

E a pergunta certa seria se eu iria transar com ela ou manteria meu celibato.

Eu sabia a resposta, porque eu estava ciente de que dentro da sua casa, na sua cama, era o seu cheiro que eu sentiria, era em meus braços que ela estaria, e eu iria me afundar nela. Eu já não conseguia negar isso diante do estado de loucura no qual me encontrava durante toda a

semana que passou. A loucura de não querer negar o pecado e o desejo, porque se os negasse, perderia de vez a sanidade.



IX- A morada do diabo



O homem é mortal por seus temores e imortal por seus desejos.

Pitágoras.



O que eu senti foi medo. E também culpa uma culpa tão profunda que eu não era capaz de compreendê-la por inteiro, pois não sabia se era a culpa do que eu iria fazer, ou de ter certeza de que eu não iria me arrepender. Apenas tentar aguentar a cruz que pesaria durante todos os dias que iriam se seguir.

Sentimos medo do desconhecido, e do que possivelmente nos causará sensações inimagináveis, sejam elas boas ou más.

Eu estava confuso quando subi as escadas do hall de entrada da casa, ainda mais confuso e temeroso quando ela me guiou pela sua casa até a sala, ligando os abajures amarelados sobre as mesas de canto arredondadas, com sofá e poltronas, um encostado em uma grande parede bege e as poltronas na vertical, ao lado oposto da sala onde havia uma grande sacada com cortinas brancas. Os móveis, em tons de madeira escura, contrastavam com o tapete branco sobre o piso na sala grande e espaçosa. Mônica deu as costas, deixando-me em silêncio, observando cada objeto seu pessoal. Sobre a grande estante de madeira onde sustentava uma televisão, havia fotos de formatura, ela mais jovem, fotos de amigos e pessoas que nunca conheci.

Eu comecei a indagar-me sobre o que seria eu ali. Um padre, prestes a cometer o pecado com uma mulher descrente, da ciência e com uma farta vida movimentada. Poderia conhecer um pouco mais de Mônica observando sua casa, seus objetos pessoais e seu passado?

Mas o que mais me torturava era a ideia do que eu iria sentir se eu a conhecesse de forma tão pessoal assim. Eu estava em uma completa queda pelo simples toque, não poderia permitir esse fim derradeiro para mim. E eu atormentava-me com essas ideias, observando cada planta em pequenos vasos brancos sobre uma mesinha ao lado das cortinas brancas.

— Você gosta do silêncio. — Ouvi sua voz distante e a procurei com os olhos pelo corredor a minha frente, com a sala a minha esquerda. Uma grande escadaria branca estava no final desse corredor e duas portas permaneciam fechadas.

Comecei a sentir-me embaraçado, parado sozinho na sua casa, e a vislumbrei descendo as escadas, ainda com a mesma roupa, descalça e com duas taças em uma mão.

O que eu estava fazendo? Perguntei a mim mesmo, sem conseguir responder, sendo guiado por ela até o sofá, e me sentei em uma poltrona, observando Mônica contornar a baixa mesa de centro, feita de espelhos e vidro, e abrir uma das portas da estante.

— Moro sozinho, me acostumei ao silêncio.

— Eu também moro, mas nem por isso fico em um silêncio constrangedor desses. Parece que estamos prestes a cometer um assassinato. — Era uma ironia, pois na verdade, eu estava. Eu estava prestes a cometer o assassinato do meu celibato, e estava me atormentando por isso. Eu queria, mas sabia que não devia.

Eu apenas queria fechar os olhos e desligar a minha consciência, deixá-la escapular por entre minhas mãos.

— O silêncio, às vezes, é bom.

— Para pessoas com mente pura, talvez sim. — Era uma pontada de deboche com um riso baixo que ouvi, e passei as mãos na calça jeans, olhando ao redor, recostando as costas. Ela gostava de branco, notei, assim como notei como tinha pernas deliciosamente atrativas, enquanto sentava no outro sofá, cruzando as pernas e abrindo a garrafa de vinho.

— Eu não bebo. — Eu me senti embaraçado ao dizer isso em voz alta, e Mônica, com uma taça na mão, já servindo o vinho, levantou os olhos, encarando-me com um riso indecifrável. Parecia uma zombaria ao mesmo tempo em que parecia achar apenas engraçado.

— Nunca bebeu? — Ela arqueou as sobrancelhas, e ri nervoso, espalmando as mãos já suadas.

— Sim, apenas deixei de beber quando entrei. — Não completei a frase, arqueando as sobrancelhas, me referindo ao Seminário.

— O que é mais um pecado para quem já está pecando? — Ela sorriu devagar, se curvando para frente e oferecendo-me a taça. Hesitei diante da tentação, fitando o vinho tinto escuro dentro da taça. O que seria me entregar a mais uma tentação? E talvez eu precisasse de um pouco de vinho para o que eu havia decidido fazer, pois por mais dúvidas, medos e tormentos, se eu estava ali, é porque eu já havia decidido, mesmo inconscientemente.

Peguei a taça e fechei os olhos, tentando me lembrar do gosto já perdido no paladar.

— Você não precisa fazer uma celebração com esse vinho, não é santo muito menos uma missa. — Ela não poderia deixar de debochar, e abri os olhos, fitando-a sentada no sofá, as pernas cruzadas e a taça perto dos lábios.

— Você não precisa falar apenas de religião comigo.

— Desculpe, padre. — Ela sorriu devagar e franzi o cenho, curvando-me para frente, apoiando os cotovelos sobre as coxas, e fitei o vinho novamente.

— Armando — era um pedido feito do meu íntimo. — Não me chame de padre nesse momento.

E o silêncio me fez levantar a cabeça, fitando o seu rosto assombrado.

— Está arrependido de ter aceitado vir? Posso levá-lo embora, se isso realmente o atormenta.

— Sim, me atormenta. Srta. Mônica. Atormenta-me estar ciente de que cederei ao meu desejo — confessei direto, vendo-a franzir o cenho, surpresa com a franqueza. E eu também estava. — Mas de nada adiantará eu ir embora agora, porque também continuarei no tormento de não ter feito o que tanto desejei. Estou diante de uma encruzilhada, e qualquer caminho que eu tomar me queimará.

— Então aproveite o fogo ao invés de apenas se martirizar, padre — ela hesitou e sorriu devagar. — Armando. Todos nós arderemos um dia, segundo a sua crença, ou não?

Bebi um longo gole, fechando os olhos, experimentando o velho gosto do vinho, e o líquido pareceu esquentar meu corpo inteiro, descendo espesso.

— Dizendo assim, parece que acredita que todos irão para o inferno — arrastei a voz e abri os olhos, vendo-a me fitar como se estivesse admirada, bebendo devagar da taça.

Mônica sorriu, abaixando a taça, captando toda a minha atenção com o movimento que parecia erótico para mim.

— Todos nós somos humanos, falhos, e segundo o que dizem quem peca primeiro arderá

no inferno, ou não?

— Se há arrependimento. — Por que estávamos nesse assunto? Era um castigo antes do pecado?

— Por que fazem Deus parecer tão severo? Ele deveria entender.

— Srta. Mônica, por favor, religião não é o assunto que eu gostaria de conversar nesse momento. — Eu a cortei, refletindo sobre suas palavras. Eu não acreditava que Ele era severo, ou que muito menos não compreendia as fraquezas humanas. Pelo contrário, eu estava lutando para acreditar nisso, para então estar um pouco menos aflito diante do fato de que pecaria.

— Desculpe-me. — Ela bebeu mais um longo gole, acabando com o vinho da taça, e serviu-se de mais, observando a minha taça ainda cheia. — E qual é o assunto?

Desviei o olhar, e tentei encontrar algo para que ela parasse de sondar minha batina, como se estivesse querendo torturar-me. E não foi sempre essa sua intenção?

Fitei seus porta-retratos, perdido em sua casa, sentindo seu perfume, sua presença em todos os lugares. Como eu iria suportar não pensar nisso depois?

— Você está sem jeito. — Seus olhos perscrutavam-me e ri baixo, me sentindo envergonhado.

— Não estou mais acostumado a frequentar casas de mulheres.

— Talvez precise se acostumar. — Havia malícia em seu tom de voz, e fechei os olhos diante disso, tomando mais um longo gole de vinho. Senti o álcool mostrar o quanto eu estava virgem novamente em relação à bebida e abri os olhos, acabando com o vinho.

Seu celular sobre a mesa de centro vibrou, acendendo a tela, deixando a mostra o nome Vincenzo. Eu estava com os olhos cravados, perguntando se era um sinal de Deus para que eu fosse embora, e encarei Mônica, que segurava a taça, inclinada para frente com os olhos fixos em mim.

— Está incomodado?

— Quem é Vincenzo? — a pergunta saiu antes que eu tentasse me refrear, e percebi que era a bebida arrancando as amarras que me mantinha cauteloso. E ciente demais.

Mônica desviou devagar os olhos verdes, tão diretos no celular, e sorriu devagar.

— O meu erro.

Ela não precisava ter respondido, porque eu já tinha certeza antes da sua resposta. Franzi o

cenho, fitando a taça vazia, começando a sentir-me constrangido demais. O que eu estava fazendo ali?

Eram dúvidas demais, eram erros demais. Estava petrificado diante do pecado e já não sabia como recuar.

— Eu. — hesitei por um instante que pareceu uma eternidade, pensando sobre tudo o que sabia. — Ele tem o seu número.

—Ele é o meu chefe da residência, Armando, além de ser um colega e um antigo namorado, e infelizmente, sim, ele tem o meu número. E está pedindo por atenção.

Levantei a cabeça surpreso com a sua forma tão direta que me deixou encabulado.

— Irá dar essa atenção? — Por que, às vezes, fizemos perguntas das quais não queremos ouvir as respostas? Somos tão masoquistas assim, ansiando para sentir um indício de sofrimento e tortura? É como nossa mente, que às vezes nos prega tantas peças, que já não sabemos as falas e quem morrerá no final de uma comédia trágica.

E era tão trágico que eu já não queria mais ouvir a resposta, mas Mônica foi mais rápida do que minha decisão.

— Não, Armando. Não menti para você, não quero participar disso. Transei com ele sem saber, e ao saber, mantive distância, mesmo com as inúmeras mensagens insistindo. — Ela semicerrou os olhos, estudando minhas feições angustiadas sem conseguir disfarçar. — Eu não as respondo. Está com ciúmes, não está? — Era tão direta sua pergunta e me peguei entendendo-me bem. Eu estava, e isso só iria piorar meu tormento. Iria me levar à loucura, e se eu me permitisse ficar, em transar com ela em sua cama, sentindo o seu cheiro, tendo posse dela em meus braços, eu iria sofrer ainda mais, porque eu iria querer mais. E eu iria me sentir parte o suficiente de querer ter essas satisfações. E de me permitir ter ciúmes, quando eu deveria ser casto, estar em celibato e honrar minha batina e minha decisão.

Eu sabia o que estava fazendo ali: eu estava criando minha própria morada em uma tentação que iria acorrentar-me ao inferno e me faria desejar passar todas as noites com ela em sua casa e em sua cama.

E em um momento de clareza, no silêncio dos seus olhos minuciosos, eu me levantei, larguei a taça sobre a mesa e dei um passo para trás.

— Preciso ir, Mônica — atrolei as palavras, envergonhado e pego de surpresa por mim mesmo. Ela arregalou os olhos e espantada, levantou-se na mesma velocidade com que eu me afastei, indo em direção à porta, dando as costas para ela.

Eu precisava fugir o mais rápido possível, pois qualquer voz e palavra iriam acabar com a minha luta e acalentaria meus desejos. Era uma luta contra meu desejo carnal, e seria muito fácil Mônica vencer estando dentro da sua própria casa.

Como deixei tudo isso acontecer? Um turbilhão de emoções, desejos e prazeres me conduziram, arrancando minha consciência até ver o celular e entender que enquanto eu seria apenas mais um em sua cama, ela iria arruinar tudo o que construí. Toda a minha batalha carnal, toda a minha luta e meu desejo de devoção, por um simples capricho de uma mulher carnal e descrente, que me queria. Talvez até o meu milagre e o meu tomento em troca de sexo.

E o fato de ser Mônica, tão bela como um anjo, e tão maliciosa como um diabo, era prazeroso e atormentador.

Cheguei ao hall ouvindo seus passos acompanharem os meus, minha respiração sofrida pelo susto de compreender o que precisava fazer, mas antes que eu conseguisse chegar à porta, senti sua mão no meu pulso, me puxando.

— Armando. — Bastou sua voz para me fazer virar e fitá-la. Era um feitiço e eu estava caindo. Encarei seu rosto decidido, seus olhos verdes tão diretos que invadiam até minha alma, e ela entendeu que eu não estava mais aguentando. Eu precisava de respostas que nunca encontraria, enquanto ela não tinha perguntas, porque não precisava de respostas. Éramos opostos, e enquanto eu seria o seu prazer passageiro, ela seria meu pecado eterno. Não podia tolerar isso.

No início havia sido carnal, havia sido o corpo, o toque, o cheiro e a sensação. Mas agora, vendo-a cada vez mais no íntimo, se transformaria em pessoal, em posse e intimidade. Em paixão.

— Não posso, Srta. Mônica. — Não escondi o meu sofrimento.

— Nós podemos, Armando — era um sussurro para o meu desejo.

— Deixe-me ir. — Eu precisava que ela me soltasse, porque eu sozinho não teria forças para me afastar.

— Eu o quero aqui. — Ela exigia de mim algo que eu também queria. Puxei o braço, vendo-a arregalar os olhos surpresa, e deu um passo para trás. — Então vá. — Ela decidiu. — Mas não espere que eu vá até você novamente. Acho que é isso, é o fim.

Eu ansiava por ouvir isso, para que acabasse com meu tormento, mas ao ouvir sofri por saber que não seria o fim dos meus pensamentos e da imaginação pecaminosa.

Abri a porta e saí contra o vento frio e os pingos grossos da garoa que começava a cair. Bati a porta, ficando parado no alto das escadas, com o corpo colado na porta, e levantei a cabeça, vendo as gotas caírem do céu tempestuoso assim como eu.

Era o fim. Esse era o fim de todo um desejo que cresceu por minutos em minha mente, em meu corpo e em cada parte do meu ser que desejava por mais.

Eu precisava me dar por satisfeito, mas não me dei, porque ao pensar no fim, não o aceitei.

Que Deus perdoasse-me mais dessa vez, e que o diabo não regozijasse por isso, porque eu queria ouvir que era o fim, mas ao compreendê-lo como um todo, percebi que seria mais uma angústia para o meu tormento.

Era o fim para ela, e não para mim.

Virei e abri a porta com a violência com que a queria, e a vi virar no final do corredor mal iluminado por um abajur amarelado, com os olhos tão diretos e surpresos em mim ao perceber que errou pela primeira vez.

Eu não iria embora. Eu iria pecar, porque eu já estava caído.



X – O inferno do corpo



É quase impossível conciliar as exigências do instinto sexual com as da civilização.

Freud.



Mesmo nos meus melhores sonhos e piores pesadelos jamais imaginei estar indo direto para os braços de uma mulher e prestes a quebrar meu celibato. Mais uma vez.

Se o prazer é um pecado, por que torná-lo tão bom? É irônico e trágico, e eu assisti minha queda acontecer a cada segundo em que encarava os olhos verdes de Mônica, tão diretos e surpresos que também me surpreendia com a minha decisão irracional, animal e ansiosa.

Fechei a porta, ofegante com a decisão. Era como se o diabo puxasse todo o meu ar para que não houvesse oxigênio no meu cérebro, e assim eu não pensasse no pecado.

— Você voltou. — Mônica arqueou as sobrancelhas surpresa, e emudeci na sua frente, ciente de eu sabia o porquê havia voltado. Não queria o fim, queria o meu tormento. Não respondi, apenas franzi o cenho diante do sofrimento de me manter distante e de querer me aproximar.

Abri e fechei as mãos, sentindo o suor nelas, o coração acelerado diante do que estava prestes a fazer, e levado pela fraqueza, avancei pelo hall em uma necessidade desesperadora de tê-la.

O meu corpo havia se tornado o meu inferno, e eu já não aguentava mais. Ficaria cego diante do fogo, mas iria deixá-lo incinerar-me por inteiro.

Agarrei seu rosto com as mãos e o segurei, com os olhos mergulhados dentro dos verdes

tão diretos e firmes dela, deixando-a ver o quanto eu a desejava, o quanto eu não aguentava mais.

— Não está se atormentando? — ela perguntou tão surpresa que vi o sorriso malicioso se formar. — Não está arrependido?

— Eu iria arrepender-me se ficasse. — Neguei devagar com a cabeça, juntando as sobrancelhas em uma confissão. — E iria torturar-me se partisse.

— Então há dúvidas?

— Não as peça agora — era um suplício.

— E o seu celibato? — E ela era a malícia debochando de mim.

— Não me peça agora. — Arfei de tormento diante do seu rosto, apenas desejando esquecer-me por completo em seu corpo.

— Somos apenas humanos hoje? Pecadores? — Ela estava debochando de mim, mas eu já não estava mais me importando.

— Sempre fomos humanos.

— Você poderia ser um santo — ela sussurrou direta, com os olhos invadindo até minha alma, a expressão segura e a voz firme.

— Jamais conseguirei essa santidade — confessei diante dos seus olhos e Mônica colocou as mãos no meu rosto, acariciando-o. Fechei os olhos diante do toque que arrepiou todo o meu ser, elevando o meu desejo ao um nível indescritível.

— Beije-me, padre.

— Não me chame assim.

— Beije-me, Armando. — Abri os olhos, vendo a tentação diante de mim, e a abracei com vontade.

Avancei contra o seu rosto como uma fera, já sem amarras, já sem corrente e sedenta de pecados. Beije seus lábios macios, buscando abri-los e Mônica cedeu, deixando minha língua deslizar entre eles, buscando a sua, e ao encostar nossas pontas, a envolvi, lembrando o meu corpo do seu beijo que me arrancou da castidade.

Subi com as mãos para os seus cabelos, bagunçando-os em um beijo que me envolvia cada vez mais, elevando o desejo e o tesão que eu lutei tanto para não sentir. Sua língua envolvia a minha, buscando-a, invadindo a minha boca em um ritmo avassalador para a minha alma já impura, e sem perceber os meus próprios movimentos, agarrei sua bunda pela calça jeans,

desejando ardentemente senti-la. Mônica proclamou a minha total queda em seu suspiro contra os meus lábios e a puxei para cima.

Suas pernas enlaçaram meu quadril, roçando o meio das suas coxas contra a minha virilha e destruiu qualquer discernimento que ainda poderia existir dentro de mim. Eu queria estar no meu Paraíso carnal, e sem saber o caminho, subi as escadas, às cegas dentro da sua casa, buscando sua cama.

Subi um degrau por vez, buscando sua boca. Beijeí seu rosto, mordendo seu queixo com vontade e desci com a língua pelo seu pescoço, já sem forças para conter-me. Mordi sua pele, reivindicando-a para mim, ouvi seu gemido e apertei sua bunda, mantendo seu corpo colado ao meu.

Seus braços envolveram o meu pescoço, mantendo-a presa ao meu corpo como eu queria. Perdido em sua casa, ansiando pelo seu corpo, cheguei ao alto da escada.

— Continue reto, Armando — ela guiou-me contra os meus lábios. Sua respiração arrepiava-me e criava um inferno dentro de mim.

Obedeci como um fiel servo do prazer. Eu vislumbrei por detrás da cabeça de Mônica a porta aberta de um quarto, e a luxúria apossou-se de mim. Era o quarto dela, e eu estaria em sua cama.

Passei pela porta aberta e voltei a beijar sua boca, tomando-a para mim, mergulhei meus lábios nos seus, arrancando minha sanidade com o toque pecaminoso da sua língua, que envolvia a minha e dançava eroticamente com ela.

Avancei pelo quarto e busquei com a boca mais do que a sua boca. Eu queria o meu inferno por completo que era o seu corpo. Suas mãos puxaram a camisa para cima, tirando-a, e mergulhei meu rosto no seu pescoço, arrancando suspiros seus que me deixavam como um homem irracional.

Meu pau a queria com tanta devoção que eu já não suportava sua dureza. Busquei seus fartos seios, tão eriçados diante de mim e seus mamilos intumescidos a minha espera. E o quanto eu ansiei em meus tormentos por esse momento. Inclinei-me sobre ela, mantendo-a no meu colo, e abocanhei seu mamilo com necessidade. O senti inchado dentro da minha boca, e enquanto o chupava, ouvia os gemidos de Mônica, suas mãos acariciando os meus cabelos.

Eu queria mais, eu queria mais do seu gemido, eu queria o meu nome na sua boca. E o meu corpo sobre o seu, uma junção pecaminosa.

Mamei com veracidade, com sede de desejos negados por mim há dias, chupei seus seios

um por vez e revezei como se tê-los um pouco fosse pouco.

Ela buscou a gola da minha camisa, querendo tirá-la, e afastei o rosto do seu busto, fitando a cama mais para trás do quarto, encostada em uma parede de lado para a grande sacada fechada.

Avancei para ela, ciente de que ali eu cometeria o maior de todos os pecados, e esse já não seria carnal. Porque eu sabia que se eu a tivesse novamente, com essa necessidade tão humana e carnal de posse, o que me assombraria não seriam seu toque e o corpo, mas sua presença e quem ela era. Um estado natural de envolvimento, e eu iria deixar minha angústia se misturar ao desejo de tomá-la apenas para mim.

Como eu poderia deixar isso acontecer? Precisava ser apenas mais essa vez, e eu deveria contentar-me com isso, porque ela não corresponderia. E o que eu faria sem minha batina, e sem a mulher que a roubou de mim?

Sentei na cama com Mônica em meu colo, e diante dos seus olhos invasivos, desnudando-me, ela abriu a minha camisa. Acompanhei seu olhar, que acompanhava cada botão aberto revelando meu peito, e assim que a tirou, passou as mãos por ele, arranhando-o. Fechei os olhos diante do toque tão tentador, e suspirei baixo a sentindo enterrar os dedos dos meus pelos e na minha carne.

— Você é belo, Armando. — Sua voz tão franca era a minha total destruição. — Você é deliciosamente belo. — E era delicioso ouvi-la dizer isso de mim. Suspirei, sofrendo por estar tão atolado na luxúria e afundado em tesão. — Por que Deus o escolheu para ser casto, quando poderia oferecer tudo isso a uma mulher?

Franzi o cenho em total sofrimento ao ouvir suas palavras, já duvidando das escolhas. Juntei as sobrancelhas e abri os olhos, fitando seu semblante malicioso.

— Não fale em castidade agora — eu estava implorando. — Não fale em escolhas.

— Estou falando sobre estética, e você me dá tesão — ela provocava-me com palavras que eu jamais pensei que ouviria novamente.

Agarrei seus pulsos, mas não consegui impedi-la de continuar a tocar meu peito, trilhando um caminho com as unhas, e contemplei seus fartos seios rijos, seus mamilos rosados e avermelhados por eu tê-los chupados, a minha marca como se eu tivesse me transformado no pior dos animais.

E senti seu toque descer. Eu estava completamente assustado com a necessidade com que eu comecei a desejar que ela se ajoelhasse perante meu corpo, e como se adivinhasse pelo meu

olhar de desespero, Mônica levantou-se e ajoelhou-se no meio das minhas pernas, com os olhos fixos em mim.

— Não faço isso com qualquer um, Armando, então seja sincero. — Ela não estava enganando-me. Seus olhos eram decididos e ela parecia buscar em meu rosto a verdade. — Sou a única com quem transou nesses dez anos?

Ri diante da pergunta e joguei a cabeça para trás, enterrando meu rosto nas mãos.

Ela havia sido a única a arruinar meu celibato, a entrar na minha castidade e fazê-la perecer em uma queda tão decadente que eu não via o seu fim.

— Você precisa perguntar.

— Responda.

Eu a encarei surpreso e embaraçado por pensar que em dez anos eu não havia gozado, eu não havia ficado tentado em masturbar-me, muito menos em chupar os seios de uma mulher.

— Você foi a única em meu celibato, Mônica — confessei, sofrendo por saber que isso era verdade. Não por ela ser a única, mas por ela existir.

— E antes?

Arregalei os olhos com a pergunta. O que ela queria de mim? Já não bastava o tormento?

— Antes. — Tentei compreendê-la.

— Esteve com mulheres sem camisinha? — Ela foi tão direta que emudeci, envergonhado. Vagueei com os olhos pelo quarto, sorrindo constrangido.

— Mônica, isso não vem.

— Eu quero chupar você, Armando, e não estou disposta a fazer isso com camisinha. Mas para isso quero saber sobre você. — Engasguei-me com o próprio ar, e a fitei tão surpreso que perdi a noção de quanto tempo a encarei nos olhos. Sentia-me tão embaraçado por ter desaprendido a viver um momento como esse que apenas neguei.

— Eu. — Tentei buscar as palavras diante do desejo que nasceu em mim. Ela me queria desse jeito, e então me lembrei da cabana. — Mas você já fez isso. — E fechei os olhos, lembrando-me do prazer de ter meu pau na sua boca.

— Arrisquei uma vez, e não irei me arriscar novamente. — Ela era a serpente envolvendo todo o meu corpo, arrancando-me toda a lucidez e voltei ao meu passado, mesmo com medo do tormento e da dor.

— Tive uma mulher. — Confessei, tentando não pensar nessa mulher e no meu passado mais. Encarei seu rosto curioso, e ela permaneceu ajoelhada, com as mãos firmes no botão da minha calça. — Tive uma namorada.

— E?

— Acabou. Foi a única com quem estive sem nenhuma camisinha, e também não tive nada, eu. — Busquei os rostos das mulheres com quem me envolvi no passado, e era apenas aquela, o primeiro tormento antes da batina. — Todas as outras foram de outra forma.

— Como pode ter certeza?

— Mônica. — Acabei sendo irônico e arqueei as sobrancelhas. — Somos adultos, precisei ter certeza de que estava bem para abandonar toda essa vida mundana.

Ela pareceu gostar da minha resposta e com um sorriso malicioso o suficiente para fazer meu pau latejar dentro da cueca, suas mãos ágeis abriram a calça e libertaram meu pau, deixando-o saltar para fora.

— Oh, meu — não completei a frase, ciente de que estava blasfemando, mas a visão de vê-la abocanhá-lo, segurando-o na base era o Paraíso que eu não poderia descrever.

Senti sua boca se fechar ao redor do meu pau, chupando-o devagar, sua língua envolvê-lo, lambendo-o dentro da própria boca, e enterrei meu prazer contra mão, ocultando o meu rosto para nada pudesse ver o prazer tão pecaminoso com que eu gemia.

E com a outra mão afundei os dedos em seu cabelo, a incentivando para continuar a chupar-me. O prazer subia em um sufocamento, e eu apenas pensava em como sofri no meu banheiro quando me masturbei imaginando esse momento.

Agora eu a tinha e tinha sua boca em meu pau. Havia rendição para tanto pecado e luxúria?

— Mônica. — Gemi seu nome, fraquejando e entregando-me. Senti seus lábios me chuparem com força, e sua língua deslizou pela minha glândula, detalhando-a com a ponta, arrepiando todo o meu ser até a minha alma. E essa sensação nunca passaria, eu sabia disso. Iria revivê-la em todos os meus sonhos e pesadelos.

Senti sua língua descer por ele, e Mônica chupou minhas bolas. Deitei na cama, enterrando minha outra mão em seus cabelos, levado pelo prazer da sua boca, e ela as largou, subindo pelo meu ventre com beijos que me queimavam enquanto eu permitia fraquejar cada vez mais.

Abaixei os olhos, vendo-a colar nossos corpos, sua boca no meu peito, beijando-o, e senti

os seus mamilos roçarem na minha pele, provocando-me.

Eu queria possuí-la e enterrar todo o meu tormento nela.

Eu queria poder saciar o desejo e afundar meu pau no lugar mais quente e molhado que eu poderia desejar.

Seus cabelos roçaram no meu peito e ela deitou-se sobre mim, sorrindo o devagar.

— Queria poder transar com você sem camisinha. — Ela me deixou angustiado. — Mas não queremos um imprevisto futuramente.

E o meu sonho invadiu minha mente. *Duas meninas correndo pelo jardim da casa de minha mãe.* Ela saiu de cima, indo até a bolsa sobre uma pequena escrivaninha do outro lado do quarto e acendeu um abajur amarelado de canto, pegando algo dentro da bolsa.

Ouvi o barulho de algo sendo rasgado, e sua calça deslizou pelas pernas, deixando-a apenas de calcinha branca, tão pequena que deixava meus olhos admirados com sua bunda.

Ela virou a cabeça sobre o ombro, seguindo os meus olhos, e sorriu.

— Seremos pecadores hoje. — Ela insinuou sobre o meu olhar e ri nervoso, sentindo meu pau estremecer ao vê-la deslizar a calcinha também, nua para mim.

Mônica, como um anjo veio até mim, e parada entre minhas pernas, mostrou como sabia lidar com o meu pau. Eu estava me tornando inteiramente dela essa noite, e fitando-a em pé, me levantei, agarrando seu rosto com as mãos. Eu a beijei, buscando acalmar meus anseios em seus lábios.

Invadi sua boca, buscando seu ser inteiro dentro dela, e busquei a minha loucura e paz. Chupei seus lábios e tomado de desejo, agarrei seus ombros, virando-a contra a cama, e a empurrei.

Eu já estava pecando, que eu pecasse de uma vez e lambuzasse-me em seu gozo.

E ela já sabia o que eu queria. Como se adivinhasse meus pensamentos abriu as pernas na beirada da cama, observando maliciosa eu ajoelhar-me no meio das suas pernas como se orasse.

— Antes que pergunte, eu não permito que quase ninguém faça isso. Sou prudente, e às vezes peço em pensar demais. — Ela brincou com as palavras e ao mesmo tempo afagou meu ego.

Sem pensar em mais nada além de que esse lugar poderia ser exclusivo para mim, me fartei em seus grandes lábios, enterrando minha boca em seu perfume único.

— Oh. — Ouvi seu gemido quando chupei seu clitóris devagar, pecando ao pensar orgulhoso de como era eu quem estava dando prazer a ela. Mordiquei seus grandes lábios, uma pele tão macia e sedosa que eu poderia devorar com prazer, e passei a língua por entre eles, abrindo-os devagar, sentindo seu gosto na minha boca. — Para um padre — ela gemeu. — Você trabalha bem demais com a língua. — Ri diante disso, um devasso pecador que ria diante da própria desgraça. Às vezes, a desgraça é tão grande, que a tristeza se transforma em um riso. — Não pare. — Eu obedeci como um devoto leal, voltando a chupar meu Paraíso carnal e deslizei com a língua em círculos pelo seu clitóris, sentindo-o inchado dentro da minha boca. Subi com as mãos pelo seu corpo, alcançando seus seios e os apertei, roçando os dedos em seus mamilos. Mônica enterrou as unhas contra os meus cabelos, e levantei o rosto, vendo seu olhar luxurioso em mim. — Um pouco mais e eu gozaria em sua boca, Armando.

— Você quer? — Era uma loucura, mas eu mataria minha alma essa noite e criaria o diabo dentro de mim, por apenas essa noite.

— Não. Eu o quero dentro de mim.

Fechei os olhos, repetindo mentalmente essas palavras.

— Você gosta de ouvir? — ela perguntou e assenti devagar. — Gosta de saber que me dá tesão?

— Por que faz isso? — Sofri ao ouvir, porque eu desejava poder ouvir isso todas as noites.

— Gosto do tesão em seu rosto, do meu prazer molhando seus lábios e de saber que eu fiz algo que ninguém conseguiu.

E diante das palavras, me tornei uma fera indomada. Levantei, avançando sobre ela, e deitei na cama, cobrindo seu corpo. Eu já não iria esperar mais, eu já não controlava o homem devasso dentro de mim, e cobri seu corpo com o meu, deixando suas pernas erguidas em cada lado. Agarrei a base do meu pau, tão atormentado quanto eu, e necessitando sentir seu ninho quente envolvendo-o. Suas mãos envolveram meus ombros e rocei a glândula contra seus grandes lábios, fitando seus olhos, compartilhando o meu prazer em silêncio, apenas ouvindo nossas respirações descompassadas.

— Transe comigo, Armando. — Era a tentação, e eu a beijei, a abracei e me deixei dominar por ela.

Cerrei os dentes, retesando a mandíbula, e empurrei meu quadril, esquecendo o celibato, a castidade e quem eu era. Eu a penetrei, sentindo meu pau ser abraçado por seu corpo caloroso e molhado, um espaço tão apertado que me fez gemer alto, e ela arranhou minhas costas com

força, um castigo prazeroso.

Ofeguei, com o rosto colado ao dela, sentindo seus mamilos roçando em meu peito, lembrando-me de que eu ainda queria chupá-los, e com o pau dentro dela, esperei que ela movimentasse o quadril, deixando claro de que eu havia me acomodado, reivindicando um espaço em seu corpo que eu desejava que apenas fosse meu. Ledo engano, ledo erro, a posse que eu não deveria desejar ter e o ciúme e fraqueza tão carnaís.

Ela ergueu as pernas ao meu redor, flexionando-as, e gemeu profundo. Colei nossas testas, mergulhado em seus olhos de prazer, e empurrei com força o quadril, enterrando-me com a violência que a queria. Gemi com ela, conduzindo o seu corpo com o meu, e estoquei com mais força, em um vai-e-vem contínuo, saindo do meu lugar preferido e voltando a enterrar-me nele. Deslizei uma mão pela sua coxa erguida, dedilhando-a para memorizar, e ouvi sua respiração junto com a minha, o suor colando nossos corpos. Agarrei seus cabelos pela nuca, e mantive seu rosto junto com o meu, estocando com desejo, uma devoção de me enterrar com força.

Mônica gemeu, deixando-me enterrar meu corpo contra o dela, nos afundando nos lençóis.

— Armando — ela gemeu meu nome, criando um abismo no qual caí sem hesitar.

— Sim — gemi, buscando sua boca, e a beijei de olhos abertos, sem perder o prazer explícito em seu rosto. Nossas respirações inundavam o quarto, e eu gemi alto, acabando-me dentro dela, estocando com tanta força que eu queria parti-la e tomá-la ao mesmo tempo. Ela desceu com as unhas pelas minhas costas novamente, me marcando com seu gozo.

— Armando. — Era sua voz tão pura e inundada de prazer que me fazia gemer ainda mais.

— Estou aqui. — gemi, referindo-me a estar dentro dela, a estar com ela, e Mônica abriu os olhos, ofegante e sorriu ao perceber como eu não perdia um segundo do seu rosto. Atritei nossos corpos, saindo e entrando de dentro dela com tanto prazer que eu já não precisava conhecer o Paraíso quando eu morresse. Eu estava conhecendo-o ali.

Ela agarrou meus ombros e forçou meu corpo para o lado. Bati as costas na cama e Mônica montou sobre mim, espalmando as mãos em meu peito.

— Eu irei querê-lo novamente. — Eu sabia que isso seria meu inferno, pois eu lembraria as suas palavras como chicotadas todas as noites em que me manteria dentro do celibato.

E Mônica sorriu maliciosa, rebolando devagar sobre o meu pau, mantendo-o enfeitado dentro dela assim como ela mantinha meus olhos fixos nos seus. Ela me tinha por completo.

Gemi, deixando-a me guiar, e enterrei meus dedos em seus seios, apertando-os com força, brincando com seus mamilos, e os puxei para mim. Eu os queria, e iria fartar-me por todas as prováveis noites que viriam em desejo silencioso.

Ela deitou-se sobre mim, movimentando o quadril com força, rebolando, e sentia meu pau ser guiado dentro dela, tomando todo o seu ser com brutalidade e desejo. Ela enterrou meu rosto em seus seios, e em meio à vergonha pelo pecado, o mantive enterrado, deslizando a língua por entre eles, um ninho caloroso e cheiroso que pertencia a minha boca. Chupei seu mamilo com a sede de todas as noites em que pensei em seu corpo, mordisquei sua pele, mamei como se eu necessitasse dela para viver novamente, e era delicioso ouvir os gemidos que eu arrancava em cada chupada forte que eu fazia. Deslizei a língua por ele, memorizando seu pequeno tamanho, encaixando perfeitamente em minha boca. Passei as mãos em suas costas nuas, acompanhando o movimento do seu corpo, me levando ao inferno ao sentir ainda mais gozo com a sensação de tê-la por inteiro.

Ela gemeu mais alto, rebolando e senti seu corpo arrepiado contra o meu, queimando meu pau em um prazer único, e elevou meu pecado a um nível que eu jamais imaginei, pois eu iria querer mais dela. Agarrei o seu quadril, acompanhando seu movimento, e levantei a mão, dando um tapa forte na sua bunda, ouvindo-a gemer. Levantei a mão novamente, ciente de que ela gostou, e dei mais um, deixando a marca da minha mão e de quanto eu a desejava, um animal irracional e caído de tesão. Um homem tão carnal que queria cada parte dela.

— Mônica. — gemi, lutando em vão para aguentar ao máximo para gozar, mas não conseguia mais. Era fraco demais até para isso, e sentindo o seu corpo suado contra o meu, agarrei seus cabelos com força, puxando-os para trás. Com a outra mão, cravei os dedos na carne deliciosa da sua bunda, rolando-a na cama, e arruinei-me totalmente ao fazer o que mais queria, como homem carnal, impuro e sujo: foder com ela.

Gozei, desejando que eu pudesse fazê-la sentir e deixar minha marca lá, como uma posse, mas não poderia, e com o rosto rente ao dela, estoquei com força, gemendo seu nome, entrando em um orgasmo que até o diabo sentiria inveja. Ela gemeu ofegante, e gozou comigo, entrando no mesmo orgasmo sublime. Nossos corpos se uniram, em um ritmo deliciosamente prazeroso, acompanhando o movimento do meu quadril, e ela o envolveu com as pernas suadas, me mantendo colado ao seu corpo. O arrepio do orgasmo avançou por toda a minha pele, apagou minha lucidez e fez-me apenas querer contemplar seus olhos verdes, mergulhados em prazer que eu dei, calmos e francos. Ela ofegou, suspirando alto, sem fôlego comigo, nossos peitos colados e nossos pecados confessados em silêncio. O meu, martirizando-me, o dela, um prazer carnal. Era um prazer tão grande que engolia o meu corpo, e eu não consiga esquecer mais dessa

sensação. Era êxtase puro, era um pecado delicioso, era um Paraíso terreno dentro do corpo de Mônica.

O que eu faria depois dessa noite? Nesse momento, eu não queria pensar.

Rolei para o lado, sentindo a ardência nas minhas costas, e deitei a cabeça no seu travesseiro, confirmando os meus temores. Eu estava sentindo o seu cheiro, o seu perfume, e isso ficaria impregnado no meu olfato e na minha lembrança.

Senti sua mão no meu pau e ela tirou a camisinha, surpreendendo-me. Sorri, observando-a desaparecer e retornar do banheiro, nua e corada com o sexo. Estendi o braço para o lado e Mônica deitou sobre ele, aninhando-se no meio peito e passou os dedos por ele.

Eu estava construindo minha própria cruz, e lembraria com angústia todas as noites do cheiro, da sensação de estar na sua cama, de tê-la em meus braços. Eu sabia desde o início, e mesmo assim, continuei.

— Ficaré esta noite? — Eu também me perguntei e lutei contra o desejo de dizer sim.

— Precisarei ir — era um lamento.

— Por quê?

Fitei seu rosto decidido a me manter ali, e encarando seus olhos, neguei.

— Se eu ficar prolongarei cada minuto de tormento pelo que fiz, e por fim, talvez eu não tenha forças para ir se eu me acostumar a sua cama — confessei meus medos e Mônica riu deles, beijando meu peito. Sua mão puxou meu rosto e ela beijou meus lábios.

— Fique essa noite, Armando. Nada mudará ir agora ou depois.

E era verdade, ao mesmo tempo o meu sofrimento também era verdade, porque cada segundo a mais seria uma lembrança a mais para me fazer sofrer.

Fiquei em silêncio, ouvindo sua respiração e a abracei, deixando meu queixo repousar na sua cabeça, sentindo o cheio do seu cabelo.

— Então houve uma mulher além das passageiras.

Fechei os olhos, arrependido de ter contado, pois tocar no assunto me machucava, me agoniava e eu já queria fugir. Eu havia dado a uma mulher debochada mais uma piada para fazer.

— Não irá me contar?

— Não é importante. — Tentei cortá-la.

— Era sua namorada. — Não respondi, esperando que o silêncio cooperasse comigo, mas Mônica insistiu. — Diga.

— Minha primeira e única namorada, Mônica.

— Você a amou? — Por que ela fazia essas perguntas? Beije o alto da sua cabeça.

— Não quero falar sobre isso, porque eu não a amei. — Mas havia sofrido. E também era verdade de que nunca havia tido um sexo tão intenso quanto o que tive com Mônica.

Mônica ficou em silêncio e me castiguei, negando aos olhos de fitar seu rosto enterrado no meu peito. Acariciei sua mão sobre o meu peito, pegando-a e a envolvi com a minha.

E no silêncio, comecei a pensar no homem com quem transou. Vincenzo.

Percebi que estava sendo um homem com ciúmes, o pior de todos, e eu não poderia permitir isso. Durante quase uma hora que passou em que apenas fiquei ouvindo sua respiração pesada, saboreei o momento com Mônica adormecida em meus braços, sem suas zombarias, seus deboches ou qualquer força que ela tinha.

E durante esse tempo, não conseguia tirar os novos tormentos que se formavam. A lucidez retornou conforme percebia que seria melhor eu partir, deixá-la e não prolongar a noite em claro.

Eu a afastei devagar e me vesti, deixando-a adormecida nos travesseiros, e saí do quarto, mas não antes de passar segundos contemplando-a, como se fosse um anjo adormecido contra o véu negro dos seus cabelos.

Desci as escadas, e como se o diabo tentasse-me novamente, ao passar pela sala ouvi seu celular vibrar.

Eu deveria ter passado reto, saído pela porta e guardado a noite em um pecado prazeroso. Mas como homem carnal, com necessidades humanas e vontades de posse e ciúmes, eu parei e avancei até o seu celular, fitando mais uma nova mensagem.

Os segundos em que hesitei deveriam ser aqueles em que a racionalidade tomaria conta e me afastaria, mas o diabo me fez pegar o celular e abrir a caixa de entrada.

E regozijou-se quando li as mensagens de Vincenzo, o outro homem, noivo e o erro de quem ela havia falado. Larguei o celular na mesa, conforme havia pegado, e saí para a chuva.

Eu merecia cada gota molhada e gelada pelo pecado de ter transado e na verdade, o que li havia sido um castigo também.

A chuva pareceu lavar meu corpo, e caminhei devagar pela rua deserta de Lucca, estreita e

feita de paralelepípedos. No que eu estava pensando quando senti ciúmes de Mônica? Quando decidi transar novamente com ela? Eu sou um padre.

E debaixo da chuva, caminhando devagar com a roupa colada no corpo, sussurrei para mim mesmo: *Sou um padre, enquanto Vincenzo é seu antigo colega de faculdade, e também um antigo caso. E ele não a teve apenas uma vez durante esse período em Lucca.*

As minhas lágrimas por pensar no que havia feito, em como meu celibato estava imundo, e em como eu havia me enganado, sendo apenas um homem, se misturaram com a chuva, e enterrei meu rosto nas mãos, chorando baixo. Pedi perdão por ter pecado, por ter fraquejado, pela luxúria, ciúmes e a possessividade de sentir.

E nas mentiras de Mônica ou no que ela ocultou. Mentiras e omissões machucavam-me, e também por isso sofri. Mas quem era eu para tirar satisfações? Era uma única chitada que me dilacerava. Era um perdão que eu buscava, mas eu não estava arrependido, e eu chorava por isso também.

A chuva levou-me para casa em cada gota fria, tentando gelar meu corpo que ainda lembrava-se do calor de Mônica e eu sabia que mesmo com todas as chuvas que pudessem cair sobre mim, eu jamais esqueceria o calor de Mônica.

Porque ela me aqueceu como eu jamais havia imaginado. Ela havia aquecido meu corpo por dentro e por fora, todo o meu ser. E em meios às dúvidas, tormentos e sofrimentos, eu temia que houvesse mais algum sentimento.

E se houvesse ele deveria ser enterrado junto com o meu pecado. Era só meu, e eu o deixaria morrer, porque eu não iria pecar novamente.



XI – Caminhos ardilosos



A medicina cria pessoas doentes, a matemática, pessoas tristes, e a teologia, pecadores.

Martinho Lutero.



Eu havia construído minha própria cruz, e sentia dor a cada pregada que Mônica parecia dar em meu corpo, mesmo que fisicamente não estivesse presente. Porque seus pregos não eram feitos de metal, mas de palavras maliciosas e traiçoeiras demais, verdades ocultas que tornaram as minhas verdades, antes absolutas, em palavras ao vento. E esse as levou, deixando-me sozinho.

Esfreguei as mãos na xícara de café quente, tentando esquentar meu corpo, mas desde há três dias em que voltei a pé, debaixo da chuva, a gripe castigava-me como as lembranças da noite que vivi há três dias. Era um castigo pela queda, e no chão gelado e frio, meu corpo ansiava pelo calor de Mônica, que já não se aquecia mais.

Ela era perversa a esse ponto de enganar-me até com isso? Mas as mensagens não eram mentiras. E eu, ingênuo novamente, deixei a serpente me envolver com seu corpo esguio e me tapar a visão, porque eu deveria ter ciência de que Mônica não era a aparência. Ela não estava na doçura do rosto tão moldado pelos cabelos pretos, mas nos olhos diretos e fala sem pudor nenhum.

Fechei os olhos, sentado na poltrona da sala, ouvindo o crepitar da lareira ao meu lado, e mesmo que eu tentasse afastar as memórias já passadas, sentia que o diabo empurrava-as diante dos meus olhos na escuridão das pálpebras. Vincenzo era seu colega de faculdade, seu antigo parceiro e agora seu chefe. Provavelmente pelo tempo em que ela havia passado em outro país

com o trabalho voluntário, ele havia se formado na residência antes dela.

Mas o que me torturava e eu penava esquecer era o fato de que Mônica havia ido para a cama com ele diversas vezes, não apenas essa semana. Ela ocultou isso da história, e diante das mensagens acreditei ter compreendido que ela já estava ciente do noivado. E em meio a sua vida movimentada, eu estava no meio sendo usado para uma brincadeira sem futuro.

Seria para ela uma brincadeira, mas para mim, custaria a minha batina e tudo o que construí e acreditei na vida. Seria uma passagem para ela, e o meu fim, e eu, lúcido agora não poderia deixar isso acontecer.

O sexo era pecaminoso, o prazer era traiçoeiro, ele espreitava na escuridão qualquer brecha de dúvidas, e ataçava-as para que se corrompesse o homem, o fizesse cair e assim deixar a Terra mundana. Era isso o que eu deveria crer.

E eu desejava crer, mas também havia um pecado que já estava abraçando-me há um bom tempo: a luxúria. E essa, mesmo que eu afastasse a tentação carnal, ela vivia dentro dos meus sonhos mais impuros durante a noite.

Essas três noites em que eu havia passado em sofrimento, não foram em claro, mas em uma queda gradual. Cada noite eu acordava com a ereção latejante ao lembrar o corpo de Mônica e dos seus gemidos tão carnaais.

E compreendi o que eu mais temi: o medo havia se tornado real, ele havia se enveredado na minha mente e apontava o que estava acontecendo comigo. Eu estava envolvido, pois como previ, na primeira vez era carnal, mas na segunda houve envolvimento. Não era o corpo que eu queria mais, era o corpo de Mônica, e isso tornou o tormento pior, porque era o seu cheiro que eu sentia, eu lembrava o seu toque e de estar deitado em sua cama.

E durante os dias, afastando os pensamentos pecaminosos, tentava entreter-me com as pessoas da comunidade, com os olhos buscando alguém que eu sabia que poderia aparecer a qualquer momento.

Mas Mônica, durante esses três dias, se tornou a presença de desejo apenas, não física. Ela desapareceu como se eu tivesse profanado o meu celibato comigo mesmo, um fantasma dos meus desejos.

Ouvi o vento forte bater contra uma janela, acordando-me dos devaneios, e larguei a xícara sobre a mesa de centro da sala diante da lareira, subindo alguns degraus por vez para fechar as janelas do meu quarto, castigadas pela chuva grossa que começara desde o entardecer. Do meu quarto ouvi meu celular tocar sobre o sofá, e descí as pressas buscando vislumbrar sua tela,

temendo ser Mônica, e suspirei ao encarar o nome da minha mãe na tela.

E com pesar e contentamento, lembrei-me que Mônica não possuía meu número. Qual dessas sensações iria prevalecer?

— Mãe. — Tossi, tentando acalmar a gripe que congestionava todo o meu rosto.

— Está doente? — A preocupação na voz da minha mãe era tão grande que me arrependi de não ter segurado a tosse.

— Gripe, mãe.

— Está gripado? Por quê? — Tão direta e brava que me sentei na cadeira, colocando uma mão no rosto.

— Peguei chuva, nada grave. Não será dessa vez que terá um filho morto.

— Não diga isso — ela me censurou e sorri por ouvi-la mais calma. — Como ficou gripado?

— Peguei chuva. — Ela não prestava tanta atenção no que eu dizia, a não ser que fosse do seu interesse.

— Como você pegou chuva? — O questionário se prolongou e engoli em seco, fitando a chuva contra o vidro da janela.

Queria responder que peguei chuva ao perceber o abismo que havia caído e que de lá, rastejei com a chuva de volta para casa, desejando que ela enterrasse-me com seus pingos e já me fizessem esquecer o pecado.

Mas esse estava morando comigo, com chuva ou sol.

— Fui visitar um devoto idoso.

— Por quê? — Ela estava procurando a mentira. Mais um pecado, e provavelmente o pai da mentira comumente chamado assim de diabo, estava regozijando-se ao ouvir. Menti sobre um pecado, sendo assim, pequei para ocultar outro pecado.

— Porque ele precisava de mim.

— E agora está assim, doente e com gripe. Quem vai cuidar de você?

— Ficarei em casa por um tempo. O padre da paróquia vizinha irá me substituir nas próximas missas. — Tentei acalmá-la, ciente de que não era apenas pela gripe que eu não iria. Precisava estar sozinho, precisava orar e recompor meu celibato e a minha cabeça. Como iria dizer a palavra de Cristo se eu estava indo contra ela? Mas eu realmente estava? Suspirei,

fechando os olhos. Os dias estavam trazendo mais questionamentos e mais tormentos.

— E ficará em casa assim, sozinho? Fez ao menos um chá, uma sopa? Armando, vou falar com o seu pai e fim de semana, estaremos aí.

— Não se preocupe, mãe. — Não a queria por perto, seus olhos eram perspicazes demais.

— Claro que me preocupo você é o meu único filho, e pelo jeito se depender de você — ela hesitou e completei mentalmente: a família acabará por aí.

— Não morrerei por uma gripe, qualquer sintoma eu irei para o hospital ou tomarei algum remédio.

O silêncio fez-me franzir a testa.

— Mãe? — tentei chamá-la, acreditando que havia caído a ligação.

— Aquela sua amiga, estava tentando me lembrar do nome dela — hesitou, novamente deixando-me agoniado no silêncio. — Ela não é médica? Peça para ela dar uma olhada em você.

Se minha mãe soubesse que a gripe era por causa de Mônica, e soubesse os verdadeiros motivos, talvez em sua busca por me arrancar a batina e ter netos iria me deixar ficar gripado pelo resto da minha vida.

— Mônica? — dei o nome do diabo que estava amarrando a cruz nas minhas costas, e inspirei fundo, voltando a pegar o café. Tomei um longo gole, aquecendo-me por dentro, e continuei sentado na cadeira, vestido com uma calça de abrigo escura, suéter escuro e meias.

— Isso, essa menina incrível.

— Mônica é pediatra, mãe. Eu não sou uma criança. — Tentei cortá-la.

— Mas ela é médica mesmo assim. Vamos, ligue para ela depois e peça uma ajuda, se ela é sua amiga, poderá ajudar.

Mas Mônica não era apenas uma amiga, e por isso, eu não poderia pedir sua ajuda.

— Se piorar, eu pedirei.

— Ligue se houver qualquer problema, Armando. Viajo em horas até aí para cuidar de você. — E minha imaginação, já decadente, imaginou minha mãe e Mônica dentro da minha casa. O quão infernal isso poderia se transformar? E decidi que não ligaria para nenhuma das duas.

— Ligarei não se preocupe. Uma gripe não é tão mal assim, eu só preciso descansar o corpo e tomar algo quente. Em poucos dias. — interrompi, franzindo o cenho ao ouvir a

campainha, e em espirro me fez cobrir o rosto. Espirrei seguido, tossindo e sentindo o meu corpo fraco. Levantei, ouvindo minha mãe brava ao me ouvir gripado.

— Você tomou um banho de chuva ou congelou, Armando? — Ela estava brava. Caminhei até a porta, ouvindo-a no telefone.

— Mãe, precisarei desligar. — Eu a cortei, colocando a mão na fechadura. — Qualquer piora eu ligarei, está — e parei ao fitar os olhos tão diretos de Mônica do outro lado da porta, sendo castigada pelo vento, fitando-me curiosa. — Depois ligo — murmurei e larguei o celular, vendo-a sorrir e cobrir a cabeça com um grosso cachecol preto para proteger-se da chuva.

— Se o padre não vai à missa, a devota precisa vir atrás do padre — ela ironizou, sorrindo devagar.

Eu não a queria ali, porque sabia que se a visse, iria desejar que sua presença estivesse mesmo ali. E assim estava.

A tosse subiu junto com o constrangimento de fitá-la assim diante dos meus olhos, tão segura depois do afastamento repentino e da noite tão pecaminosa. Tossi, sentindo o ar faltar dos meus pulmões, e cobri a boca com a mão, vendo-a arregalar os olhos.

— Não estou em condições hoje, Srta. Mônica desculpe-me. — Tentei afastá-la, e ela negou. — Se puder vir outra hora. — Ameacei fechar a porta, mas sua mão tão mais forte do que meu intento de afastá-la segurou a porta.

— Você não está bem. — Ela sabia do que estava falando, e levantei os olhos a tempo de vê-la avançar contra mim, indefeso em meu medo de tê-la por perto.

Porque Mônica estava causando em mim os sentimentos mais carnis e mundanos que o homem poderia sentir: *desejo e raiva*.

E se eu sentia raiva, era porque havia algo mais que apenas desejo e isso eu não poderia permitir. Era raiva por ela ter mentido, era ciúme pelo que poderia haver entre ela e Vincenzo, e de como eu me sentia tão de canto.

— Não. — Mantive a firmeza que quase nunca tinha na frente dela, e a encarei. — Preciso ficar sozinho, Mônica.

— Por quê? — E pelo seu olhar tão direto, buscando minha lucidez e alma, eu sabia que se não houvesse resposta digna para afastá-la, Mônica entraria na minha casa como um vendaval anunciando uma tempestade. E eu me molharia novamente.

— Porque eu me arrependo de tudo — fui franco, fitando seus olhos grandes e verdes

buscando alguma mentira. Eu estava aprendendo a ser um pecador, e ocultei a mentira abaixando a cabeça, e tentei engolir a tosse. — Eu, eu compreendi errado, não posso permitir que uma aventura dessas destruísse minha vida.

— Por que iria destruir? — Fraquejei diante do fato de que ela não negou ser uma aventura e por isso eu não esperava. Fraquejei ao ponto de perder a luta pela porta e Mônica a empurrou. Dei as costas, tapando novamente a boca e tossi, sentindo-me fraco pela gripe.

— Por favor, feche a porta e vá. Preciso ficar sozinho. — Era uma luta perdida, porque eu a ouvi fechar a porta, e ouvi seus passos me seguindo. Parei na sala e a fitei. — Por que está aqui?

— Porque você está doente? — Era a resposta e também pergunta e neguei, contornando o sofá e me sentando na poltrona novamente, largando o celular na mesa.

— Estou gripado, e eu não preciso dos seus cuidados, eu não preciso de você.

Mônica sorriu como se estivesse satisfeita por ouvir isso, e assentiu.

— Você acha que estou aqui para transar? — O silêncio torturou-me, porque eu iria dizer que sim.

— Sim.

— Mas não estou. — Era um sorriso irônico, tão direto e controlado.

— E por que está aqui? — Fitava-a debaixo. Ela sorriu, agachando-se diante das minhas pernas, já na minha frente. Eu queria dizer que estava enfurecido pelas mensagens, porque eu estava em um estado de posse. De desejo carnal e humano demais para aguentar imaginá-la com outro enquanto eu a esperava para trair minha batina.

— Você desapareceu naquela noite. — E arqueando as sobrancelhas, constrangeu-me e invadiu a minha resistência e a minha busca pelo controle. — Eu sabia que iria embora antes, não esperava acordar ao seu lado, mas você desapareceu também nos outros dias, não estava na Igreja, então. — Ela sorriu traiçoeira. — Estou aqui, e você precisa de alguém para cuidá-lo já que está doente.

E eu precisava de alguém que cuidasse da minha mente, da minha alma e da minha devoção, pois com Mônica eu já estava desejando que não existisse inferno para os pecadores.



XII – O tormento



Quem põe ponto final numa paixão com o ódio, ou ainda ama, ou não consegue deixar de sofrer.

Ovídio.



Somos animais. Como eu poderia ter tanta certeza sobre o Paraíso, Adão e Eva, se os instintos animais corroíam-me por dentro? Estaria certo em crer durante todos os meus anos quando o meu corpo clamava pelo contrário?

São duas teorias tão diferentes, fé e ciência, que nenhuma se completa ou se contradiz. Poderíamos ter vindo de tantas formas, e ainda sim haveria maldade, pecado e bondade na Terra. E os crentes, tanto em uma quanto em outra, creem nelas da mesma forma: com fé, já que nenhuma poderia possuir a verdade absoluta.

E a verdade absoluta sempre cairia por terra, sempre haveria novas verdades, e as antigas seriam esquecidas como os pecados iniciais, cometidos por um pecador que mesmo no tormento, consumia-se com mais e mais pecado, esquecendo-se dos primeiros, recordando-se dos últimos, porque a memória humana é falha e busca esquecer os tormentos para não sofrer.

Esse pecador era eu, sentado diante dos olhos tão traiçoeiros de Mônica que já brincava com a minha devoção novamente, porque no auge do desejo, eu também estava transformando-me em um animal com desejos de posse e um instinto irracional de ciúme que eu não me lembrava de possuir. Eu queria pedir a ela sobre as mensagens, eu queria culpá-la por sentir-me enganado, mas quem eu era nessa história senão o errado? Um padre que deveria cumprir suas obrigações, sem profanar a batina e quebrar o celibato como eu estava fazendo. Eu não estava em

posição de exigir algo, quando eu nem deveria estar envolvido e Mônica nunca havia declarado que estávamos em um relacionamento, porque ela também sabia o que eu era.

Eu era um padre, e uma aventura para ela. Deveria envergonhar-me de ser ambos ao mesmo tempo, já que um era a blasfêmia do outro, mas fitando seu rosto, sentindo seu perfume e suas mãos descansando sobre minhas coxas, eu não controlava meus impulsos de homem.

Fechei os olhos diante da angústia que me consumia, como se o diabo estivesse manipulando-me para falar. Fechei os olhos diante do desejo.

— Está bem, padre? — Era a voz da tentação me chamando.

— Deixe-me sozinho, Srta. Mônica, por favor.

— Você está doente. Como médica, quero ajudá-lo. — Eu sabia que havia mais, e ela completou — e como mulher, quero estar com você.

Abri os olhos diante das suas palavras, enfrentando seu olhar direto.

— Você disse que não estava aqui por sexo.

— Uma mulher não precisa querer sexo para querer um homem. A presença às vezes é o que eu quero, a sua conversa e sua atenção.

— A minha atenção? — Arqueei as sobrancelhas. — Você a tem.

— Eu a tenho? Então por que me manda embora?

Ri diante do seu questionamento sem fundamento e joguei a cabeça para trás, fitando o teto com as luzes amarelada. Abaixei as mãos, cobrindo as dela.

— Porque se eu não mandá-la, sofrerei porque você estará ao meu alcance para saciar o meu desejo.

— E saciar o desejo não é o que queremos? — Mônica perguntou maliciosa. Abaixei a cabeça, reconhecendo a malícia de um anjo impuro em seu rosto confiante. — Nascemos para ter sonhos e desejos. Se temos desejos é porque necessitamos saciá-los, passamos nossa vida buscando uma forma de nos satisfazer. E diante das suas mãos, das nossas mãos. — Ela as virou, acariciando com a ponta dos dedos as minhas. — Negará algo que está tão perto? — era um sussurro implorando para que eu a possuísse. Mas se eu fizesse e atendesse o seu pedido, o meu chão iria se abrir e temia encontrar o inferno verdadeiro: *o sentimento real por ela*.

Juntei as mãos, tirando-as do seu toque, e busquei refúgio com o olhar nos cantos da sala.

— Só preciso de um medicamento e uma boa noite de sono. — Tentei cortá-la. Eu estava

caindo em suas artimanhas.

— E comigo não é uma boa noite de sono? — ela sugeriu e a fitei, perdido em meu embaraçamento, lembrando-me em como desejava dormir profundamente com ela.

— É uma noite em pecado.

— Nós sempre estaremos em pecado.

— Diga por você, Srta. Mônica — eu a repreendi, censurando-a pelo que disse. Afastei suas mãos da minha perna e busquei me afastar, caminhando entre os sofás na direção das escadas. — Peço que entenda que não estou bem. — Tossi, cobrindo a boca com a mão, e de costas para ela estava ciente de que seus olhos buscavam me entender.

— Você está fugindo de mim — era uma afirmação que eu não consegui negar.

— Se vier amanhã, poderei servir um café, conversar. — Tentei cortá-la e sobressaltei-me ao sentir a sua mão no meu ombro, exigindo de mim algo que eu já não tinha mais forças para esconder.

— Por quê? — Mônica era uma santa, um demônio e também uma mulher carnal. Ela era tudo o que eu poderia desejar em meus sonhos mais impuros e em meus pesadelos mais deliciosos.

Fechei os olhos, me deleitando em sentir o seu toque que arrepiava todo o meu corpo, e escorei a mão no pilar que conduzia o corrimão de madeira da escada.

— Não me peça. — Era o meu lado devoto lutando contra o lado carnal.

— Eu não estou pedindo, eu estou exigindo. Não gosto que escondam de mim.

Suas palavras pareceram acordar o animal que espreitava por detrás de cada luta que eu travava, e sem forças de domá-lo novamente, virei abruptamente, encarando-a nos olhos, e apertei seus braços, mantendo-a diante de mim.

— Não gosta que escondam de você? Eu também não gosto, Mônica — eu me exaltei desesperado, e franzi o cenho. — Mas lá estava eu em plena madrugada na sua casa, descobrindo que eu estava sendo o segundo homem na sua cama, enquanto você dividia os dias com Vincenzo, seu colega de faculdade, seu chefe e também noivo, como você disse. — Recuperei o fôlego, percebendo o quanto havia dito pelo olhar surpreso de Mônica e seus lábios entreabertos sem proferir nenhuma palavra. — Não irá negar, não é?

E prendendo meu lado tão impulsivo dentro da minha consciência dei as costas, começando a subir as escadas, ignorando o fato de que Mônica poderia ficar na minha casa,

porque eu precisava ocultar minha raiva. Sentia minhas mãos tremerem, meu coração desesperado e a respiração pesada. Sob seus olhos, ela iria perceber o quanto eu estava alterado.

— Então é isso? — Sua voz cortou o silêncio e travei no alto dos degraus, fitando-os cabisbaixo.

— Como você disse, eu sou apenas uma aventura para você, enquanto você poderia destruir tudo o que eu construí. A importância que temos na vida um do outro é um abismo grande demais e eu poderei cair nele, então sim. — Suspirei e virei a cabeça sobre o ombro, fitando seu semblante abalado, o que me desconcertou. — Continuaremos nossa vida depois disso.

— Você voltará para a Igreja? — era um sussurro e eu apenas assenti.

— É a minha decisão eu a tomei há anos. Eu não posso desistir de algo por uma aventura ou — Relembrei nosso primeiro encontro. — Ou por vingança.

— Não estou aqui por vingança. — Mônica franziu a testa, deixando as sobrancelhas finas e escuras juntarem-se.

— Mas nós dois sabemos que também me enganou.

Mônica sorriu, assentindo devagar.

— Você não pediu exclusividade, Armando. Na verdade, não estamos em um relacionamento para que eu soubesse que deveria isso a você. Você é um padre, que garantias eu poderia ter? — Ela jogou as palavras sobre o meu colo e abaixei a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos.

— E assim, estive comigo e com Vincenzo.

— Você se incomodou por eu ter omitido isso, ou você está com ciúmes? — Ela descobriu os meus maiores tormentos e arregalei os olhos, fitando-a, vendo-a sorrir ainda mais, curvando os lábios em um deboche que me arruinou. — É ciúme.

— Não, não diga isso. — Para quem eu estava negando? Eu queria me esconder de mim mesmo.

— Não tenha vergonha por sentir ciúmes, é normal. Isso o torna um pouco mais humano e menos santo.

— Não sou santo.

— Mas parece estar buscando a santidade toda vez que se condena por se entregar ao

desejo. Você não é santo e nunca será, porque é tão carnal quanto eu. — E eu sabia que era verdade, e diante das suas palavras, parei frente a frente com ela, sentindo seus olhos invadirem meu ser.

— O que espera de mim, Mônica? Compreensão? Eu gostaria de ser mais puro, de ser mais bondoso e compreender isso — confessei agoniado, sentindo o meu ser ruir em uma angustia que me fazia querer chorar de tristeza por confessar meus receios em voz alta. — Mas sou homem, sou carnal e nesse momento meu maior tormento é imaginá-la deitada na cama de outro, mentindo para mim. Você mentiu quando disse que havia se afastado quando descobriu que ele era noivo, e mentiu quando disse que não houve envolvimento.

— E o que esperava? — ela se exaltou.

— Vocês já namoraram.

— Meu passado não é da sua conta, Armando. — ela respondeu tão afiada que me silenciou, deixando-me boquiaberto.

— Então por que foi confessar um pecado do qual não se arrependia? Por que mentir uma confissão? — Queria compreender o que a levou a fazer isso e recuei, encostando as costas na parede da curva da escada.

E diante dos meus olhos ela abaixou a cabeça, fechando os olhos.

— Porque eu queria vê-lo. O que eu poderia fazer para um padre me ouvir senão me confessar? — Não era malícia, mas era sinceridade, e isso me desarmou, porque eu esperava o contrário.

— Por que, se já estava com Vincenzo? Por que me atormentar? — eu a acusei sem receios, cansado demais para ter tato.

Mônica riu, cabisbaixa e me encarou com a mesma força de sempre.

— Como disse, Vincenzo é noivo, é meu ex-namorado e também meu chefe. Não estou em um relacionamento com ele, é sexo, e na verdade estou tentando acabar com isso, porque Vincenzo.

— E comigo, senão uma aventura? — eu me exaltei novamente, interrompendo-a, sem querer saber sobre Vincenzo, percebendo que meu corpo inteiro tremia, e eu já estava aumentando o tom de voz.

— Eu me sinto bem ao seu lado, Armando. — Ela omitiu o padre, aliviando para a minha culpa. — Não há compromisso entre nós três, nenhum de vocês precisa se justificar para mim,

assim como.

— Não — eu a interrompi, e Mônica arregalou os olhos surpresa. — Sou uma aventura, Mônica, e por isso, preciso acabar agora.

— Por ciúmes?

— Sim, por ciúmes. Não suporto imaginar outro homem com você, e por não suportar. — Senti a cruz ser jogada nas minhas costas ao tentar imaginar como seria proferir essas palavras e me curvei para frente, cansado e pesado demais. O sofrimento sufocava-me e ergui apenas os olhos, já sem receios de ouvir a minha própria voz. Era preciso e era necessário, era um pecado e uma condenação. — Percebo que não é mais só desejo. — Vi o susto em seu rosto seguro e ela arqueou as sobrancelhas. — Eu estou me envolvendo, Mônica, há algo aqui que eu não compreendo e não posso aceitar. Sentir ciúmes significa que há sentimento envolvido, e no final quando nossa aventura acabar, o que restará para mim? O que restará de mim? Não posso permitir que o desejo seja algo mais, e por ser um pecado por si só preciso me conter.

— Armando.

— Apenas me deixe — implorei, enterrando o rosto nas mãos e atento em seus passos, desejando que ela estivesse indo para a porta, mas me assustei ao sentir as suas mãos sobre as minhas, puxando-as para baixo, deixando revelar o meu rosto.

— Não posso prometer algo, Armando. — Mônica parecia ser franca, não havia malícia, mas eu sentia que deveria duvidar. Ela era assim, como acreditar em um anjo que possui asas negras? — Mas posso dizer que entre você e Vincenzo, se eu precisar escolher continuarei a pecar com você.

Fraquejei por segundos ao sentir o seu toque, o seu rosto tão perto, mas a pergunta ainda persistia. O que restaria de mim depois que ela decidisse que a nossa aventura acabou? Uma batina manchada, uma devoção fracassada e um padre caído impedido de continuar o seu caminho.

— Mas eu não quero mais. — Sofri ao dizer, vendo o orgulho ferido nos olhos dela. — É demais para mim, Srta. Mônica, e se continuarmos, envolverá algo mais.

Mônica ficou em silêncio, imóvel diante de mim como se não aceitasse.

— Essa é a sua decisão?

Fechei os olhos e não respondi, apenas subi o restante das escadas, deixando-a sozinha, porque eu não conseguiria responder a sua pergunta sem me contradizer.

Abri a porta do meu quarto e a fechei com força, ligando a luz do abajur amarelado no canto esquerdo e fitei a cruz acima da cabeceira branca da minha cama. Ouvi o barulho da porta sendo fechada no andar debaixo e do seu carro partindo.

Fechei os olhos, caindo de joelhos, implorando que com essa decisão eu acabasse com as dúvidas e percebesse que estava certo. Mas no silêncio do quarto, sofrendo, compreendi que eu iria sofrer do mesmo jeito, porque Mônica deixou o seu perfume crucificado em minha carne, os seus braços deixaram suas marcas e eu jamais esqueceria como desejei ser mais homem do que um servo nas noites em que estive com ela.

E desejei que ela se afastasse que respeitasse a minha decisão e esquecesse-me, enquanto eu não conseguiria. Mas Mônica era maliciosa, e duvidei que em seu jeito traiçoeiro ela se contentasse.

Deitei na cama, desligando as luzes, consumado por um grande medo e um novo tormento: *o que resultaria da minha decisão?*



XIII – Diante da cruz



A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai.

Luis Fernando Verissimo.



Eu estava pagando os meus pecados com o próprio desejo enlouquecedor. Com a sensação de vazio e ausência da tentação que eu lutei tanto para que se afastasse, e ela se afastou. Mas assim como quando estava ao meu lado, sua falta também me atormentava, e não havia cantos para se esconder de mim mesmo. Porque eu julgava-me, eu condenava-me e eu ansiava por cada dia que passava em branco, para que houvesse a mínima oportunidade de vislumbrar Mônica, mas ela não estava mais lá, havia partido como se nunca tivesse existido.

A quem eu buscava enganar? Estava castigado pela primeira noite, e ao repeti-la, cometi o erro de sentir, e o sentimento aumentado pelo ciúme constante ao imaginá-la com Vincenzo, transformou-me em um homem amargurado, sofrendo pelos cantos por não poder contentar-se em ter escolhido o caminho certo. Eu deveria estar feliz por ter optado a manter-me na palavra do Senhor, em ser Seu servo e afastar a tentação que o diabo em uma impureza constante e traiçoeira insistiu em trazer para perto.

Mas eu sofria por não estar contente com isso, como se quanto mais baixo eu estivesse, mais eu queria descer, em uma queda tão gradativa e constante que eu não poderia esquecer que o inferno era de fogo, e lá eu poderia arder pelos pecados na eternidade proferida pelo Senhor.

Seria nosso Senhor tão impiedoso assim com seus filhos ao não notar que em meus desejos mais pecaminosos não havia maldade, mas apenas fraqueza? Tentava iludir-me com essa ideia, porque na pior das noites eu não desejava o mal, eu estava inquieto pelo desejo carnal, porque

por mais próximo que eu desejava estar da palavra do Senhor, eu ainda era humano, homem e carnal.

E na ânsia de iludir-me com isso, não me censurava ao pensar em Mônica durante a noite, pois nos dias eu lutava para manter-me sob a batina, convivendo com meus fiéis no museu, retornando à Igreja e continuando minha rotina como se nas noites eu não desejasse me tocar.

Mas durante essas duas semanas que haviam se passado, eu não permiti o diabo usar minhas mãos, zombando de mim apenas na imaginação tão decadente que eu já não mais controlava, assim como nas perguntas inusitadas que minha mãe fez durante o fim de semana que passou em Lucca.

— Está passando bem, padre? — Ouvi a voz da devota ao meu lado sentada em uma cadeira, com as mãos na mesa. Abri os olhos, fitando a senhora de cabelos brancos presos em um alto coque, a roupa elegante e escura. Lembrei-me de onde estava. Estava na inauguração da nova ala do hospital da cidade, convocado pelo próprio fundador da ala para abençoar.

— Estou sim, senhora.

— Permaneceu de olhos fechados por tanto tempo, meu rapaz, que acreditei que havia dormido. — A senhora mal sabia que nessas noites dormir era o que eu menos fazia, perdido em um inferno de excitação e loucura constante.

— Estou um pouco cansado.

— Recém chegamos. Mas depois da celebração, acredito que permitirão que vá embora — ela quis consolar-me, dando leves tapas no meu braço apoiado na mesa e sorri gentil.

— A noite é longa ainda — murmurei ciente de que haveria muitos anúncios, agradecimentos e mais pessoas chegando ainda. E dentre essas pessoas, eu estava temeroso demais. Mônica era médica e provavelmente também chegaria. Como eu a veria depois da discussão de semanas atrás? Como eu poderia comportar-me diante de todos os olhos angelicais quando os olhos de serpente descobriam a impureza da batina?

Eu precisava me manter forte.

— Fiquei feliz que o senhor retornou a celebrar as missas, estávamos preocupadas com sua substituição — a senhora continuou a falar. — Entre nós, que sempre trabalhamos na Igreja, é uma benção ver que a nova geração ainda busca a palavra, quando tantos jovens desertam da Igreja. Um padre jovem é conveniente.

Sorri, refletindo sobre isso. Se eu representasse a geração, essa seria tão dissimulada como

a serpente astuta e traiçoeira, porque eu estava enganando a todos os que confiavam em mim e que acreditavam na minha palavra.

— São sempre necessários padres, em qualquer geração — expliquei, fitando o rosto enrugado e claro da senhora. — Tive colegas no Seminário mais novos do que eu.

— É um orgulho para os pais. — E eu queria contradizer sua frase, citando a minha própria mãe. Ela não queria um padre, ela queria netos.

— Todos podem dar orgulho, senhora, com ou sem a batina. — Enquanto alguns, mesmo com a batina jamais se orgulharão das próprias ações.

E então a senhora virou-se, fitando a entrada enfeitada com vasos e plantas ornamentais na tenda enorme, branca e de tecido, que ocultava o céu estrelado no jardim aos redores do hospital. Era uma celebração ao ar livre, aproveitando a trégua do frio e da chuva. Mais pessoas estavam passando pela entrada, sendo fotografadas e olhando a decoração feita com flores brancas e vasos sobre mesas arredondadas diante do enorme palco.

— Assim como os padres, os médicos também são abençoados. — Ela se referiu aos médicos que chegavam, e assenti devagar, puxando um pouco a gola da camisa social preta que começava a me sufocar. — Só que às vezes, sinto que alguns querem bancar Deus — ela murmurou para si mesma.

E eles estariam errados? Fechei os olhos, afastando esses pensamentos.

— Tão jovens — ela murmurou e abri os olhos. Como se os céus se abrissem e atirasse um raio sobre mim, eu a vi entrando pela passagem entre os grandes vasos de plantas, vestida com um vestido branco como se fosse pura, com os cabelos em um véu negro sobre os ombros e os olhos fortes e decididos. Os mesmos que me deixaram nu durante os desejos por ela.

Ela sorriu, arrastando meus olhos acorrentados em uma expressão maliciosa para o lado, e notei que estava de braços dados com um homem de cabelos escuros e olhos da mesma cor, vestido de terno e cumprimentando as pessoas ao seu redor.

— Refere-se à doutora e seu namorado? — Eu não deveria ter perguntado, mas a necessidade se tornou impulsiva.

— Vincenzo é apenas amigo daquela menina, padre, mas olha. — A senhora deu uma risada baixa. — Como minha mãe me dizia, cada um reconhece no outro a si mesmo, e por isso, muitos médicos se casam com outros médicos. Mas quem somos nós para querer mudar o destino de um noivo? — A senhora de uma piscadela para mim e levantou-se, assustando-me com a frase.

O destino poderia estar me pregando uma peça? Mas o que estavam pregados era os meus olhos em Mônica, e em como ela estava confortável ao lado de Vincenzo.

Levantei, começando a me sentir incomodado demais com o nervosismo que acompanhava o embaraçamento que eu sentia. Mônica não havia dito que estava tentando se afastar de Vincenzo por algum motivo que eu não deixei explicar naquela noite? O que então fazia acompanhada dele, lado a lado? Parecia que os anjos estavam assistindo à queda do anjo caído e eu era esse, sendo assistido em todas as noites que idealizei uma mulher que agora retornava ao erro, lado a lado com um noivo do qual havia refutado em nossa discussão.

Ela havia mentido, ou quando eu a afastei retornou para os braços dele?

Ri amargurado, começando a notar as ironias. Se a segunda opção fosse a verdadeira, então ao tentar me livrar da cruz, encontrei as chibatadas. Eu tentei destruir um tormento e criei um maior ainda, jogando-a nos braços do homem que eu não queria ver com Mônica.

Eu seria feito de carne, ou agora precisaria implorar a Deus que criasse ferro dentro das minhas veias, para que eu me mantivesse em pé diante da minha própria sepultura? Eu havia jogado o primeiro punhado de terra sem saber, selando a minha lucidez.

E antes que eu desse as costas para a visão do inferno que eu via, os meus olhos se encontraram com a malícia de Mônica, e ela invadiu-me com o seu olhar, destruindo as minhas forças de me manter calmo e sorriu devagar, maneando a cabeça em um cumprimento.

Fraco, furioso e frustrado eu dei as costas, fugindo da etiqueta que tanto aprendi ao ser educado, ignorando seu cumprimento. Sofri tanto para negar o desejo de vê-la nessas duas semanas, e então agora que a vi, estava com Vincenzo, arruinando qualquer paz que eu pudesse encontrar só de vislumbrá-la.

Qual foi o meu maior erro, me envolver ou afastá-la? Eu tentei buscar a minha paz, eu tentei ser o meu salvador, mas ao tentar salvar minha alma, condenei minha mente, sendo meu próprio carrasco.

Olhei ao redor, buscando refúgio nas conversas altas das pessoas reunidas em pequenos círculos, segurando taças, conversando e rindo. Avancei pela tenda e desci da pequena estrutura de pisos que escondia o gramado, afastando-me das pessoas e indo até os jardins feitos com rosas e um pequeno labirinto de cerca viva.

Fitei o labirinto e levantei os olhos para o céu estrelado. O que Deus queria de mim? Por que não me mandava uma mensagem, algum sinal para confortar-me no meu caminho?

Ou seria o diabo orquestrando esse incrível teatro trágico onde eu provavelmente seria o

sofredor? Não queria vê-la mais, porque ao vê-la sofri assim como sofri durante o tempo que fiquei sua presença.

Ansiava por celebrar de forma rápida a inauguração e me afastar, buscando refúgio na minha casa. E como eu celebraria sob seus olhos? Eu não deveria encará-la, porque bastava os olhos de Mônica para silenciar-me e criar chamas do inferno dentro de mim.

Ao fundo, ouvia as conversas e risadas, e desejei um copo de qualquer bebida que me mantivesse forte, mas eu era um padre e assim como não podia ter uma mulher, também não podia beber.

Enterrei minhas mãos já suadas nos bolsos da calça jeans escura, e fitei o gramado escuro e molhado, o cheiro de grama recém-cortada relembra os jardins da casa da minha mãe, um cheiro puro de terra.

— Algumas senhoras estão perguntando onde está o padre. — A voz segura e direta da tentação em forma de mulher me fez abrir os olhos e implorei por forças. Tentei ignorá-la, pois já sem a educação que tentei manter de nada adiantava responder. — Elas o adoram. — Ouvi sua voz ainda mais próxima e vislumbrei sua presença parada ao meu lado pelo canto do olho. — Eu deveria compreender que essa adoração é apenas pelas missas?

— Sua compreensão não me interessa, Srta. Fattin — respondi educado, orando para que Deus mantivesse meus olhos imóveis no jardim à frente.

— Por qual motivo eu perdi sua educação?

— Não estou sendo mal educado com a senhorita — tentei explicar, arqueando as sobrancelhas, ainda sem fitá-la. — Estou buscando ficar só, apenas. Não busco conversas, e por isso, não pretendo prolongar nenhum assunto.

Ela silenciou-se. Eu não conseguia compreender o que era mais atormentador: seu silêncio traiçoeiro ou suas palavras maliciosas.

— Gosta de labirintos?

— Gosto do silêncio quando há barulhos demais. — Tentei cortá-la novamente e ela riu tão decidida a me atormentar.

— Consegue ficar em paz com os seus pensamentos? — Estava testando o quanto eu estava mergulhado em sofrimento.

— Meus pensamentos são minha paz. — E Mônica era o meu inferno.

— Me surpreendo com você então, padre — era uma afirmação e assenti, com os olhos

voltados para frente ainda. — É tão seguro, tão racional e frio que eu devo ter me enganado quando vi o vislumbre de surpresa em seu rosto quando me viu.

Engoli em seco, tentando manter-me calado. Mônica estava brincando comigo como se, por eu ter ferido o seu orgulho ao ter refutado sua decisão quando disse que não escolheria Vincenzo, ela estivesse decidida a me torturar. E eu, como um filho do diabo em plena inquisição, estava queimando em silêncio na fogueira.

— Não irá perguntar?

— Não preciso perguntar. — Tentei manter minha voz tão segura quanto a sua.

— Irá dormir com a dúvida?

— Eu não tenho dúvidas, Srta. Fattin. — E como ela planejou, eu a encarei, reconhecendo a satisfação em suas feições. — Nossas escolhas foram tomadas. — Arqueei as sobrancelhas, tentando não me perder no verde direto.

— Nem sempre as escolhas são feitas com segurança. Podemos nos enganar.

— Estou seguro — murmurei, tentando convencer a mim mesmo. Depois de vê-la com Vincenzo, me atormentava imaginar que eu a empurrei para ele e sofria por pensar que talvez fosse melhor assim. — Ainda mais agora.

— Agora que me viu com Vincenzo?

— Agora que percebo que escolhi o certo. Minha batina sempre será meu conforto e sincera comigo, sempre manterá minha cabeça no lugar.

— Enquanto seu corpo arde dentro dela — ela disse debochada, sorrindo devagar.

— O que acontece comigo já não diz respeito mais a você, então. — Sofri ao desviar os olhos, ciente de que lutaria para que fosse a última vez que a veria. — Peço que se mantenha afastada, Srta. Fattin. Volte ao seu acompanhante.

— Você quer que eu transe com ele? — Ela era a serpente testando o quanto eu desejava a maçã.

Fechei os olhos, ouvindo as vozes ao fundo.

— Como poderei fazer você entender que tudo o que aconteceu — era um suplício. — Está no passado? Naquela noite, colocamos um ponto final, deixei claro que eu não queria manter esse envolvimento, e mesmo assim, você está aqui como se minhas palavras não tivessem sentido para você. É difícil entender que eu não. — As palavras poderiam ser piores que um tapa,

e eu estava me preparando para fazer isso com ela, porque talvez apenas desse modo me pouparia de sofrer ainda mais. — Não a quero?

— Então abra os olhos, Armando. — Sua voz decidida estava mandando e mantive os olhos fechados. — Abra os olhos. — Neguei em silêncio e senti sua mão em meu ombro. — Abra os olhos e diga olhos nos olhos que não me quer. Que você não está sofrendo por me ver com Vincenzo e que seu desejo agora não seria me arrancar dessas roupas e me possuir como um homem.

— Você está aí. — Ouvi a voz familiar daquela senhora e no susto dei um passo para o lado, me distanciando de Mônica. Olhei sobre o ombro, vendo a senhora ao longe na saída da tenda. — Estão procurando pelo senhor, padre, para que comece a se preparar para a celebração.

— Obrigado, senhora — agradei gentilmente, vendo-a sorrir e dar as costas, ignorando-nos.

Dei as costas para Mônica, agradecendo a Deus por ter me dado uma razão para me afastar, mas ao me virar Mônica agarrou meu braço, me forçando a virar para encará-la.

E seus olhos buscaram os meus com toda a certeza e confiança que me faltava.

— Você não está fugindo de mim, apenas adiando o que eu pedi — era um sussurro decidido e seus olhos verdes deixavam claro que ela iria manter sua palavra. — Eu ainda quero fitar seus olhos quando disser que não me deseja mais. Vá, mas eu arrancarei você de lá, ou para me provar que estou errada ou para estar nos meus braços.

Diante das suas palavras, assustado demais para responder, me distanciei, dando as costas e andei perdido pelo gramado em direção à tenda, ciente de que seus olhos acompanhavam o meu andar.

Como eu iria celebrar quando a tortura e a angústia estavam me acorrentando em um único pensamento? E esse pensamento engrandeceu-se dentro de mim a cada passo, gritando em meus ouvidos a pergunta que eu não conseguia responder: *eu conseguiria?*



XIV – O mal necessário

(Mônica)



"As pessoas que param de crer em Deus ou na bondade continuam a acreditar no diabo. Não sei por que. Não, realmente não sei por que. O mal é sempre possível. E a bondade é eternamente difícil."

Anne Rice.



Armando era calmo, era paciente e convicto. Ele era a fé que eu não tinha, e eu acreditava que a minha atração por ele, depois de encontrá-lo novamente em Lucca se devesse a isso: estar diante de alguém que possuía uma fé que nunca imaginei ter. Estar admirada com o abstrato da crença.

Eu havia nascido em uma família católica decadente, na qual a fé era apenas a aparência. Depois da medicina, não encontrei tranquilidade nas palavras de Deus, muito menos na fé. Ela não fazia a vida continuar, ela não vencida a morte. E o que existia depois da morte?

Desde a morte daquela criança, eu já não conseguia aceitar a morte da forma como Armando havia descrito, e enquanto eu o ouvia dizer sobre Deus no palco da inauguração, eu só conseguia pensar: Armando possui a fé que eu não tenho.

Eu não o ouvia como uma devota, eu estava ouvindo-o como uma mulher que perscrutava o seu rosto intenso ao dizer sobre religião, os seus lábios que se abriam como havia feito sobre o meu corpo, e em como os seus olhos fugiam de mim. Eles orbitavam entre as pessoas

escondendo-se para que não me vissem.

Mas eu queria que ele me visse.

Eu deveria ir para o inferno, se é que esse também existisse, porque por mais que eu não desejasse o mal, eu também não queria afastar-me de Armando. Ele era um padre, mas isso já não me impedia de imaginar o que eu poderia ter durante as noites, porque debaixo da batina eu havia visto o homem.

Se eu parasse para pensar ele estava certo. Eu iria arruinar toda a sua vida por uma aventura, mas isso, isso eu também já não conseguia parar. E com Vincenzo ao meu lado, sua mão na minha cintura de forma protetora, como se estivéssemos juntos, eu apenas fitava o colarinho que acompanhava o pescoço de Armando, seu queixo e seus lábios.

Era saboroso vê-lo assim, ver como a religião poderia desmontar-se perante o desejo e se tornar pó, porque era isso que eu estava provando para mim mesma: a total falta de fé em mim e nos outros.

E também porque eu o queria. Eu o queria como uma mulher poderia desejar um homem, pois era isso que éramos. Se tirássemos o que a sociedade impunha: a religião, a profissão e os deveres. Éramos simplesmente o sexo.

E era o sexo de Armando que eu ansiava, como se a derrota na sua casa apenas aumentasse o desejo pela ideia de tê-lo comigo, como nenhuma outra mulher havia conseguido. Isso me tornava má? Isso também já não seria um conceito apenas?

Afastei a mão de Vincenzo da minha cintura.

— Você recém terminou com sua noiva — tentei explicar o ato e ele concordou, mantendo-se perto apenas. Voltei a encarar Armando que continuava a gesticular, louvando e rezando a missa da qual não eu havia prestado atenção. E quando disse suas últimas palavras, seus olhos se encontraram com os meus.

Como eu queria e desejei. Sorri para ele diante do espanto em seu rosto e de como eu notei as palavras fugirem dos seus lábios. Ele já não sabia continuar.

— Doutora. — Fui chamada pela mulher ao lado, segurando no colo uma das minhas antigas pacientes.

— Srta. Boccato — cumprimentei a mãe com a pequena menina de cabelos escuros e cacheados no colo.

— Martina estava ansiosa para revê-la. — E dizendo isso, entregou-me a criança no

colo. — Desculpe interromper a sua missa.

— Eu não sou religiosa, não se preocupe.

— Deixe-me ver você, Martina. — Vincenzo abraçou-me por trás propositalmente, ciente de que eu não aprovaria se estivéssemos sozinhos, e com Martina no colo apertei sua pequena bochecha.

— Como está minha paciente? Aprendeu bem a escrever já? — perguntei para a pequena menina de cinco anos no meu colo, com vestido branco rodado e os olhos claros.

— Ruffo foi para casa comigo — Sua voz fina se referia ao urso que ganhou do hospital.

— Oh, Ruffo? Como ele está?

— Todos perguntaram de você lá — Vincenzo completou e sorri para ele, vendo Armando ainda no palco em completo silêncio ao me fitar. Ele finalizou a missa, descendo enquanto eu continuava com Martina, e desapareceu.

Devolvi Martina para a mãe e sem dar explicações para Vincenzo, que continuava a conversar, afastei-me deles, buscando o padre que fugia de mim. Olhei ao redor, e notei que ele estava já sem a batina, conversando com uma mulher da minha idade, outra médica, a qual havia conhecido dentre esses dias que havia se juntado a nós no hospital.

Uma senhora, Magda Brastolin, se juntou a eles, conversando animadamente, e fui até eles também, parando entre Armando e Magda.

— Laura — chamei a médica, cumprimentando-a, vendo o espanto em seu rosto ao me ver repentinamente. — Vejo que já conheceu o padre da nossa paróquia.

— Padre Armando? Assisti suas missas durante a semana. — Olhei para ele de soslaio, vendo seus olhos buscando outro ponto longe de mim. — Sou muito religiosa desde pequena. — Levantei as sobrancelhas diante de como ela era devota e sorri.

— Fico admirado com sua devoção, Laura. — Armando parecia querer provocar-me, porque mantinha seus olhos em Lara, enquanto eu insistia em estar ao seu lado.

— Você também já foi, Dra. Fattin? — E Magda tentou participar da conversa.

— Sim, tive o prazer de me confessar com padre Armando também. — Meus olhos diziam para ele o que eu queria realmente contar, mas ele recusou-se a me retribuir o olhar. — Mas não sou religiosa — expliquei para Laura.

— E o que padre Armando diz sobre isso? — Era Magda curiosa. Armando arregalou os

olhos, voltando a encarar-me pela primeira vez na roda.

— Diria que todos podem criar a fé dentro de si.

— E se eu for pecadora demais, padre? — Sorri com o desejo de ver o embaraço nele, mas seus olhos voltaram a fitar Laura.

— Não deveríamos ter esse assunto, não é mesmo? — Ele parecia pedir para Laura, que sorriu.

— Pelo jeito, estamos constrangendo você, padre. — Ela concordou e sorri, sentindo que Armando estava me evitando. — Mas sexo seria um tabu para conversar com os padres?

— Oh, querido Armando. — Magda riu, levando na brincadeira o teor da conversa, e tanto ela como Laura riram, enquanto eu apenas permaneci reconhecendo o constrangimento no rosto de Armando.

— Responda, padre — insisti.

— Não, mas eu não seria a melhor pessoa para conversar sobre isso. — Ele estava tentando escapar com um sorriso sem graça.

— E o que diz a Bíblia sobre o sexo? Desculpe, nunca cheguei a abri-la.

Armando encarou-me com suplicio, como se estivesse sofrendo e sorri, voltando a encarar Laura, que sorria ansiosa.

— Deixem-me responder por você padre, essas duas mulheres estão brincando com você. — Magda deu uma gargalhada, pegando-me pela mão. — Sexo foi criado por Deus, doutora, sendo assim, não é errado. Pelo contrário, é através dele que podemos cumprir o que Deus pediu e nos multiplicar. — Assenti conforme ela explicava fervorosa. — Não é pecado desde que não seja para o mal.

— E o que seria esse mal? — Laura não deixou a oportunidade passar e sorri agradecida, rindo com ela.

— Fora do casamento. — Foi a vez de Armando responder e voltei os olhos para ele, vendo o constrangimento na sua feição. Sorri, encarando-o avidamente.

— E o que dizer das outras formas? — Ele havia procurado por esse tormento. Laura riu ainda mais.

— Estamos constrangendo você. — Ela riu. — Mas a pergunta de Mônica é realmente muito boa. Seria errado um sexo mais aberto?

Armando sorriu, como se estivesse buscando alguma resposta, perdido entre nós.

— E o sexo anal, padre? — eu finalizei e ele arregalou os olhos, fitando-me tão envergonhado que senti pena de vê-lo nesse estado, mas eu também gostava de desconcertá-lo assim. E dizendo isso, completei — bom, deixarei você com Laura e Magda. — Pousei de propósito a mão em seu ombro. — Meu acompanhante me espera.

E dei as costas, ciente de que Vincenzo ainda estava com a mãe de Martina, afinal, ela era sua paciente. Eu não estava entendendo o que sentia, porque eu já não estava calma, estava incomodada com algo que eu não compreendia, e quando algo fugia da minha compreensão, tornava-me irritada. E incomodada demais.

Caminhei me afastando das pessoas, servindo-me uma taça de champagne, e busquei um pouco de silêncio, me voltando para o jardim distante.

Eu deveria afastar-me mesmo de Armando, eu já não fazia bem para ele, e por mais que eu me divertisse com o seu constrangimento, falta de tato e medos, eu também sentia prazer quando ele rendia-se à tentação.

Mas eu estava sendo egoísta, porque enquanto isso apenas me agradava ele sofria, e sofria cada vez mais. Talvez fosse certo eu respeitar sua vontade, e manter-me distante.

Vincenzo já estava sem a noiva, havia desistido do casamento e não era um desconhecido para mim. Era um ombro amigo e um antigo namorado, poderia ser ele também.

Bebi um longo gole, saboreando o gosto e sorri. Eu não conseguia acreditar na bondade dentro de mim, enquanto acreditava que eu poderia estar sendo má e gostando disso. Era tão difícil me tornar o oposto?

Eu deveria tentar.

— Mônica. — Eu reconheci a voz tão perto de mim. — Por que faz isso?

— Faço o que? — Fitei a taça abaixada.

— Por que me faz desejar o pecado?

— É uma maldade minha — confessei e sorri devagar.

— Por que não respeita a minha vontade? — Armando estava parado atrás de mim, com o rosto quase enterrado em meus cabelos.

— Estou respeitando agora. Estou sendo muito maldosa, mas há níveis de maldade? Ou toda maldade é considerada igual perante o julgamento? Fui muito maldosa com você?

— Dizendo àquelas. — Ele parecia fraquejar. — Ideias.

— Como foi com Laura?

— O que quer dizer com isso? — Ele parecia fraquejar cada vez mais.

— Nós dois sabemos que há um homem em você que já não pode ser silenciado.

— Ele já foi silenciado. — Estava tão convicto nisso que não notou a fraqueza que eu ouvia.

— Então vá, Armando. Vá embora e deixe-me sozinha. Acredito que finalmente compreendi o seu pedido — confessei sincera pela primeira vez na noite. — Estou sendo maldosa com você, enquanto você apenas me pede que eu o deixe.

— Ficaré com Vincenzo? — Sorri diante da pergunta e abaixei a cabeça.

— Ficarei com o homem que não foge da minha cama durante a noite — respondi com malícia, sem conseguir controlar a vontade. — Se for Vincenzo ou outro, também não diz respeito a você. Vá.

— Você quer me atingir com isso, Srta. Mônica. — Ele parecia sofrer.

— Se eu peço que transe comigo, você me condena. Se eu peço que vá embora, você me jogar no inferno — eu o interrompi direta. — Você sofre antecipadamente e por todos os motivos. Você sofre como se estivesse na cruz.

— E eu estou — ele sussurrou. — Estou atormentado pelos meus demônios.

— E o que eu tenho a ver com isso, padre?

— Você criou parte deles. — E era a verdade.

— Então quero matá-los. Se você sofre tanto assim, não os deixarei mais vivos.

— Você já não conseguiria — ele sussurrou. — Estou atormentado. Eu a afastei, mas estou aqui de novo.

— Seria esse o seu pecado? Não aceitar que quer estar em constante declínio na tentação?

— A aceitação é tão difícil para mim quanto cometer o mesmo pecado novamente. Estou afundado em uma dor que me traz aqui novamente.

— Veremos o que é mais difícil, padre. — Era o puro desejo de ver o que ele realmente queria. — Se é manter-se no celibato ou lembrar-se do homem que é comigo.

O silêncio permaneceu entre nós e olhei sobre o ombro, não reconhecendo o seu olhar.

Havia mais do que apenas um padre nele.

Havia um homem com desejos que já não poderiam ser calados.

E diante disso avancei, afastando-me na direção da entrada do labirinto feito de altas cercas vivas.

— Onde está indo? — Ele parecia ansioso demais. O vento soprou os meus cabelos para trás e sorri, começando a rir.

— Irei ficar nua nesse labirinto, padre. — Parei, fitando-o sobre o ombro com a mesma intensidade com que via seu sofrimento no rosto atormentado. — Resta você me seguir ou voltar para a sua batina. O que o atormenta mais? — Dei as costas, adentrando no labirinto, e ouvi os passos de sapatos roçarem na grama atrás de mim.



XV – O inferno de Dante



*Entregou-se tanto ao vício da luxúria que em sua lei tornou-se lícito àquilo que desse prazer,
para cancelar a censura que merecia.*

Dante Alighieri.



Eu já não merecia o perdão, por mais que Deus fosse divinamente bondoso e o diabo eternamente cruel, eu estava caindo em meu inferno e já não poderia ser buscado pelos braços do Senhor. Não porque Ele não poderia aceitar-me novamente, mas porque eu buscava o fogo do inferno em minha total condenação e anseio para sentir o calor das chamas.

Eu lutara em vão durante as duas semanas, pois a visão de Mônica com uma pequena criança no colo me remeteu às lembranças do meu pesadelo: *um jardim tão verde e ensolarado como os da minha infância, e nele crianças com os seus olhos corriam ao encontro da minha mãe.*

E isso me desconcertou enquanto tentava continuar a missa, buscando às pressas um final para o tormento. E esse só aumentou diante do contato entre ela e Vincenzo, iniciando uma degradação da minha alma já não pura, transformando-a em um animal tão incontrolável que eu deveria ser chamado de primata. Um homem.

Rodeado pelas tentações carnavais de sacrificar o que havia conseguido salvar durante as duas semanas que penosamente eu tentei me contentar com o término de algo que nunca deveria ter existido, Mônica estava já ao meu lado, buscando uma forma de me envergonhar na frente de duas mulheres que nada sabiam, mas que riram com Mônica.

A imagem do que ela havia insinuado na conversa se crucificou dentro da minha mente, dizendo-me o que eu poderia ter o que eu poderia desejar, mas que ao encostar, me tornaria tão sujo que já não poderia vestir a minha batina. Mas, sendo menos hipócrita, depois da primeira noite, eu já estava impuro demais para vesti-la, e mesmo assim, eu entrava na casa do Senhor, buscando usar a Sua palavra. Estava sendo pior que o diabo?

Não, não poderia, porque não buscava a maldade. Meu tormento era as dúvidas, o anseio por entender que caminho tortuoso eu estava seguindo, porque eu compreendia que do desejo carnal havia nascido algo mais. Algo feito para o homem, e não para o servo do Senhor como eu era. Mas também já era incontrolável e ao aceitar, não conseguia compreender como era possível e correto. Eu me sentia assim ao mesmo tempo em que ser um padre, estar em celibato e respeitar as vontades das minhas escolhas também deveriam ser o caminho correto.

Eu era mundano ao mesmo tempo em que buscava elevar-me. O que venceria? O que restaria dela, após um lado arrancar-me do outro? Ambos iriam levar-me à loucura, e nessa loucura eu ficaria no chão.

Abri os olhos, mergulhado em meus tormentos que pareciam sussurros incessantes nos meus ouvidos, uma luta torturante e agonizante, pois mesmo que eu ficasse horas ali, prostrado diante da tentação de segui-la, eu não encontraria um caminho. Porque eu sabia que iria desejar entrar nesse labirinto atrás de Mônica, e isso me faria sofrer, assim como sofreria se continuasse ali parado.

Ri diante da ironia ao lembrar um dos quadros do Museu que cuidava. Mônica, nesse momento, estava representando *Virgílio*, e em seu labirinto poderia guiar-me pelo inferno e seus andares. Qual andar eu merecia estar? No fogo?

E diante do pensamento, me atrevi a dar um passo para frente, enterrando os meus sapatos no gramado. Mônica estava distanciando-se, e se eu permanecesse ali, enlouqueceria diante do fato de que depois na cama durante a noite, eu me condenaria por não tê-la seguido, e pecaria do mesmo jeito, ansiando por imagens suas, pecando em pensamento.

De todos os modos, eu iria pecar, eu estava no inferno e isso não mudaria. Eu precisava acalmar o anseio de tê-la, mesmo que isso me atormentasse também. E então avancei, passando pela entrada do labirinto feito de cerca viva, uma porta do inferno para a minha alma decadente.

Dante, em sua obra, descrevia o Início como o lugar para os indecisos. Seria eu um deles? Parado na entrada, eu olhei para ambos os lados tão iguais, e à minha direita, Mônica estava parada encostada na parede da curva, sorrindo maliciosa para mim.

— Por um momento, duvidei que não viesse. — Ela estava anunciando a minha

condenação divina. — Padre. — E eu sabia que havia dito de propósito, por proferir a palavra com tanta malícia que me embaraçou.

— Srta. Mônica.

— Qual desculpa irá tentar usar?

Franzi o cenho, tentando entendê-la e Mônica riu, dando as costas para mim, desaparecendo pelo caminho à direita.

— Não há desculpas — tentei dizer para ela.

— Há cegueira, então — ela gritou em resposta e antes que eu desse-me por conta, avancei atrás dela, sendo guiado por sua voz. Virei no canto do labirinto, fitando o corredor estreito feito de cerca viva e Mônica de costas, já distante, com os cabelos negros como um véu nas costas. Parei, esforçando-me para suportar a agonia e ela parou, fitando-me sobre o ombro. — Uma cegueira deliciosa de acabar, padre Armando. — Ela parecia blasfemar e apoiei a mão na parede ao meu lado.

— Srta. Mônica, irei retornar. — Lutava em vão.

— Seu sofrimento poderia ter um fim, padre — ela disse tão franca que me desconcertou ainda mais. Puxei a gola da camisa que já me sufocava, mas não era a camisa. Era a necessidade de esconder-me do meu próprio julgamento e agarrar Mônica com a vontade que eu tinha. — Eu havia respeitado a sua escolha, eu havia desistido de você, mas não me deixou, deixou? — Suas sobrancelhas juntaram-se em deboche e ela riu, levantou os braços e puxou a alça do vestido branco, deixando-a deslizar pelos ombros, pregando meus olhos no movimento. — Eu tentei afastar-me, mas você se mostrou fraco diante da escolha, e depois. — Eram verdades. — Você me procurou e mostrou que ainda queria, não negue, Armando.

— Não estou negando.

Ela sorriu, como se estivesse satisfeita e o vestido deslizou pelo corpo, caindo em seus pés como asas brancas de um anjo ao cair. E o seu movimento de levantar as pernas fez o meu pau levantar-se potente dentro da calça. Fitei o seu corpo esguio coberto apenas por um sutiã branco rendado e uma fina calcinha branca.

— Se ainda está em dúvida, me siga, Armando. — Ela me seduziu com a voz direta e os olhos que invadiam o meu corpo e deu as costas novamente, deixando o vestido. Virou novamente em um corredor à esquerda, escapando da minha visão.

— Mônica — eu a chamei, caminhando devagar para retardar o que eu iria cometer,

porque eu sabia que iria cair em tentação. E me agachei, peguei seu vestido, inspirando o seu perfume nele. — Volte — gritei para ela. — Não irei segui-la.

— Você já está seguindo. — Ouvi sua voz ao longe.

— Você está me arruinando — confessei e ouvi sua risada.

Eu não podia, mas a segui, caminhando devagar pela grama, e virei o corredor, como se agora eu compreendesse: eu estava dentro do barco no rio, conduzido para os *Nove círculos infernais*. O *Caronte*, meu guia, era Mônica, e eu a desejava, então já não poderia parar.

Ela sumiu, dobrando novamente para à direita, e então vislumbrei os sapatos de salto brancos na grama. Ela estava descalça e seminua.

— Por que se condena, Armando? — Eu a ouvi ao longe.

— Por que não me condenar? — Segui devagar, e me agachei, pegando seus sapatos.

— Porque nós somos humanos, estamos propensos a falhas.

— E se as falhas forem irremediáveis, Mônica? Pensou nisso? — gritei de volta, dobrando também o corredor, e a vi desaparecer para a esquerda. Eu guiava-me pela sua voz direta, franca e carnal. Uma loucura.

— Tudo é corrigível, Armando, apenas a morte é inevitável, infelizmente.

— O caminho que escolhi não poderá ser corrigido.

— E se escolheu o errado? — A pergunta travou os meus pés e arregalei os olhos. Ouvi seu riso novamente. — Não pense muito, Armando, ou correrá o risco de se encontrar sozinho aqui.

— Por que diz essas coisas? — Eu parecia querer chorar e o silêncio se tornou aterrador.

— Nunca saberemos o que é certo ou errado, essa é a injustiça da vida.

— Por que pode ter tanta certeza?

— Quem é tão iluminado e santo para dizer o que é certo? Você? — ela debochou.

— Por que duvida do caminho que escolhi? — A pergunta, gritada para ela, era para mim mesmo. Eu estava com tantas dúvidas.

— Não duvido, eu o admiro.

Arregalei os olhos diante da sua resposta e avancei novamente, dobrando o corredor e vislumbrando seus cabelos negros voarem, desaparecendo no corredor para à esquerda.

— Por que admira um padre que peca?

— Porque não? Eu não vejo maldade no pecado.

— Mas se é pecado — comecei.

— É pecado para você, que acredita em santidade e é religioso. E para um descrente?

— Também deveria ser pecado. — Parei diante da parede que dobrava para a esquerda, e o que vi chocou-me. Eu estava no *Limbo do inferno de Dante*, diante do suspiro e desesperança, porque agora eu já não poderia retornar. Agachei e peguei o sutiã branco do chão, colando-o no meu nariz. Inspirei seu perfume doce e o meu pau latejou dentro da calça, atizado pela imaginação de chupar seus mamilos tão rijos que eu passaria a língua até deixá-los vermelhos.

— E o pecado não torna tudo melhor? — Era a voz dela novamente em algum canto do labirinto. Levantei a cabeça, e em pé novamente avancei para a esquerda, um animal buscando o abatedouro.

— Deveria ser errado — gritei.

— Você sabe que é errado, mas mesmo assim deseja pecar. Então, na pior das hipóteses, não iríamos para o céu.

— Esse não é um bom assunto para começarmos a conversar.

— E o que é um bom assunto para você, padre? — Ela estava procurando me provocar. Parei novamente no final do corredor, já sem noção da direção dela, e então a encontrei parada no final do corredor à direita, com os seios levantados, arrepiados e seus mamilos rijos, dois botões rosados tão deliciosos para eu chupar. Ela sorriu maliciosa, notando meus olhos tão luxuriosos que eu já não disfarçava. Larguei suas roupas e com uma mão toquei a minha ereção, tentando acalmá-la, mas a tortura de sentir meu pau tão grosso contra a calça só aumentava com a visão dela apertando os seios um contra o outro, em uma terrível sugestão de imaginar o meu pau no meio deles, e os esfregou. — Sexo? — Ela deu as costas e desapareceu para a direita.

E eu entrei no meu *segundo círculo: a Luxúria*. Eu estava cometendo esse pecado com sã consciência e vontade, porque eu queria e precisava ter Mônica.

Avancei com pressa demais para aguentar, abrindo um botão da calça para aliviar o aperto do meu pau e parei, fitando-a parada no final do outro corredor, desaparecendo novamente.

— Padre — ela me chamou.

— Pare de me chamar assim, Mônica — implorei, avançando pelo corredor, em busca de alcançá-la.

— Armando, por que não posso chamá-lo de padre?

— Porque nesse momento, tudo o que não sou é um padre. — E o que eu seria depois de tudo? Ela ficou em silêncio e levei aos seus ouvidos minhas agonias. — E o que acontecerá depois, Mônica? — gritei, dobrando outro corredor e comecei a ficar agoniado demais pela distância dela. Eu estava no meu *terceiro círculo*, sendo mordido pelo desejo e guloso o suficiente para desejar Mônica por inteira, faminto para acelerar o passo pelo corredor.

— Depois do que? — ela perguntou e a fitei no final do corredor, com os seios tocando na cerca viva, escorada na parede com as mãos, roçando os mamilos propositalmente. Ela sorriu ao ver meu espanto e desejo.

— Depois que sua admiração acabar?

Ela me encarou séria, perscrutando meu rosto tenso.

— O término não significa a morte. — E isso me deixou furioso. Ela não parecia realmente se importar por eu estar sacrificando mais do que apenas algumas noites como ela. E a ira me fez recuar um passo, como se eu agora eu passasse pelo *quarto círculo* e entrasse no meu *quinto círculo*, sucumbindo a emoções que já não controlava.

— Eu estou quebrando o meu voto por você, se ainda não compreendeu — confessei.

— Todos nós sacrificamos algo por outra pessoa, Armando. — Ela deu as costas, deixando o vento jogar seus cabelos e fitei sua bunda arredondada, lembrando-me da sua pergunta sobre o sexo anal. Fechei os olhos.

— Eu deveria ir embora. Estou arruinando meu celibato, estou denegrindo a minha batina por algo que, para você acabará em breve, enquanto eu irei sofrer as consequências. Se não há futuro, não pode haver presente para nós, porque será ainda mais agonizante para mim.

— Quem disse que não há futuro, Armando, o seu Deus? — Aquilo me assustou e fitei o vazio do corredor. — Você tem consciência do que faz, não jogue a culpa apenas para mim. — Ela estava anunciando meu *sexto círculo*, e eu sabia que pecava ciente. — E quem dirá o que o futuro nos reserva?

— E o que quer afinal, Mônica? Conte-me ou realmente darei as costas. Eu a quero — confessei sem fôlego. — Já como homem, já como um animal tão irracional que não pensa no amanhã, mas preciso entender se é recíproco.

— Se não fosse recíproco, Armando, não estaríamos aqui.

Parei, fitando novamente o corredor vazio.

— Então você também me deseja desse jeito? — Era o diabo implantando a maior luxúria de todas, e eu já havia passado do *sétimo*, chegando ao meu *oitavo círculo*. — É isso o que quer?

— Eu o quero. — A frase ecoou pelo corredor e avancei, dobrando novamente, fitando o meu derradeiro pecado: sua calcinha branca estava no final do corredor, e Mônica, já desaparecida, estava completamente nua. Um pecado ambulante que me puxava pelas correntes.

— Está sendo sincera?

— Armando, pare de duvidar tanto. Você se afoga nas próprias dúvidas e não consegue enxergar a verdade na sua frente.

— Muitas das dúvidas foram trazidas por você.

— E eu posso acabar com uma: sim, eu estou sendo sincera. Nesse momento, vendo o seu sofrimento por não me ter, só me faz desejá-lo mais. Já não estamos em vingança ou apenas uma rápida noite. — Ela estava sendo tão franca que avancei com a calcinha de Mônica na mão, decidido a continuar. Depois de ouvi-la admitir eu a queria, e senti o seu perfume no pedaço de pano na minha mão.

— E no que estamos?

— Estou aqui, Armando. — ela me chamou e dobrei o último corredor. Sob a luz da grande lua no céu iluminado eu vi o centro do labirinto na penumbra clara. Caminhei devagar, ciente de que estava chegando ao último nível, e ao parar diante do centro, encontrei meu *nono círculo: o dos traidores*. Sim, eu iria trair todo o caminho que havia escolhido. E eu iria trair minha batina e tudo o que acreditei, porque a visão que eu tinha de Mônica era como um Paraíso carnal.

Mônica estava sentada sobre o banco branco estilo vitoriano, feito de metal. Seus cabelos negros estavam jogados para trás, os olhos confiantes em mim e os lábios entreabertos. Seus seios se levantavam como se estivessem sendo oferecidos para mim, arrepiados e succulentos, e o meu inferno se consolidou no meio das suas pernas, que abertas, revelavam o caminho para o meu Paraíso: seus grandes lábios nus, despídos de pelos e expostos para mim. Suas mãos começaram a descer pelas coxas, e ela abriu mais as pernas, mantendo os pés curvados com as pontas dos dedos encostadas na grama.

— Estamos em um pecado viciante, no qual ambos estamos envolvidos — ela confessou.

Larguei sua calcinha, pois já não necessitava dela.

— Não me faça lembrar o que sou — implorei para ela. — Não me lembre do pecado. — Eu estava torturado, eu implorava para ela, franzindo o cenho e avançando na sua direção. Comecei a desabotoar os botões da camisa, deixando-a cair no chão e parei diante dela. — Faça-me esquecer de mim mesmo.

— Esqueça, Armando. — Ela sorriu, levantando os braços e puxou-me para baixo. — Lembre-se apenas de mim.

Ajoelhei no meio das suas pernas, e suas mãos empurraram minha cabeça para baixo, saciando a minha vontade de estar no meio das suas pernas.

— Beije-me, Armando — ela sussurrou devassa demais para eu me aguentar, e agarrei suas coxas, abrindo-a ainda mais. Fitei seus grandes lábios, e com os olhos fixos em seu rosto ansioso, passei a língua sobre eles, sentindo-os já molhados. Seu gosto invadiu minha boca — Chupe-me — ela arfou, jogando a cabeça para trás. Lambi novamente seus grandes lábios, sentindo seu aroma e seu cheiro de mulher, a mulher que estava na minha boca.

E os abri com a língua, invadindo-a, tomando-a para mim de um jeito único. Eu a ouvi gemer, atijando meu pau de um jeito que com uma mão o puxei para fora, libertando-o da cueca. Arfei diante dos seus grandes lábios e os chupei devagar, buscando seu gosto ainda mais. Suas mãos se enterraram em meus cabelos, incentivando-me a pecar ainda mais, e como gostei.

Senti o meu pau estremecer na minha mão e o toquei devagar, masturbando-me enquanto masturbava Mônica com a boca. Ela gemeu profundamente e rocei a ponta da língua no seu clitóris. Eu a senti estremecer e ela riu baixo, suspirando um gemido.

— Armando — ela gemeu o meu nome, arrancando a sanidade e deixando uma fera liberta. Eu a chupei com desejo, afogando minha língua em sua intimidade tão encharcada e eu me lambuzei com o seu gozo, chupando-a devagar, sentindo seu clitóris estremecer e inchar ao toque da minha língua.

E me rendi a ele, buscando-o com fervor, tornando minha devoção exclusiva para ele, tocando-o em círculos constantes e intensos. Ele inchou ainda mais em desespero e eu o mordisquei, arrancando um suspiro profundo de Mônica. Levantei os olhos, encontrando os seus inundados de prazer, e me toquei violentamente, sentindo o prazer se alastrar como o fogo do inferno pelo meu corpo. Como eu gostava do prazer, como eu poderia ficar sem ele depois?

Eu sentia cada membro do meu corpo explodir em gozo e prazer, uma sensação inebriante que se tornava viciosa, e Mônica gemeu o meu nome com os olhos fixos em mim. Eu a chupei novamente, tocando-me e subi a outra mão até seu mamilo, mantendo-o preso entre meus dedos, sentindo-o intumescido e arrepiado.

Depois eu poderia chupá-lo, porque no momento eu queria o gosto do seu gozo na minha boca, eu queria levá-la pela minha língua, e continuei a chupá-la, sentindo o gosto do seu prazer invadir cada vez mais a minha boca, em ondas que deixavam claro o quanto ela estava quase gozando.

Seu clitóris chegou ao extremo e a ouvi arfar repetidamente em segundos, enterrando as unhas em meu couro cabeludo.

— Oh, Armando — ela gemeu e passei a língua pelos seus pequenos lábios, chupando seus grandes lábios, buscando o seu clitóris encharcado, o tanto que ela estava molhada deixava-me devasso demais, e me toquei até sentir o meu gozo começar a subir.

Mônica gemeu, jogando novamente a cabeça para trás e estremeceu. Senti o seu gosto se tornar ainda mais intenso na minha boca, deixando-me na luxúria intensa por saber que ela estava assim por minha causa. E senti seu gozo sair dos seus pequenos lábios em ondas, avançando para a minha boca. Passei a língua sobre ele, levando-o direto para mim, acabando com a minha sede por ela e a chupei, mergulhado no seu gozo que lambuzava os meus lábios. Tomei do seu orgasmo, sentindo seu gosto único que me inundava cada vez mais enquanto me tocava, ouvindo a gemer incontável. Eu me masturbei mais rápido, aumentando a força enquanto Mônica permanecia em um orgasmo violento dentro da minha boca, e eu chupava seu gozo, seu gosto e seu prazer. Ela arfou, tirando as mãos da minha cabeça e a ergui, fitando o seu rosto cansado de prazer. Gemi, passando a língua sobre os meus lábios molhados com o prazer dela, e caí sobre sua barriga, colando minha testa na sua pele. Suas mãos agarraram meus cabelos e a ideia de estar com ela e de tê-la feito gozar apenas com o meu desejo de chupá-la subiu em ondas, embevecendo-me de prazer o gozo estremeceu o meu pau.

Gozei também em puro orgasmo, deixando o meu gozo cair sobre a grama enquanto tocava-me sem parar, aliviando o prazer e sentindo o arrepio por todo o meu corpo. Senti seus lábios nos meus cabelos. Suspirei, extasiado com o orgasmo e levantei a cabeça, beijando-a devagar. Ela agarrou o meu rosto, tão maliciosa e satisfeita, que eu estava rendido como se ela fosse a santa pela qual eu tornei-me devoto.

— Eu gozaria de novo na sua boca.

— Não diga isso. — Ri constrangido.

— Por quê?

— Porque assim eu posso desejar chupá-la novamente. — E eu já estava desejando o seu gosto, seu cheiro e seu ser.

— Teremos a noite inteira. — Permaneci mudo ajoelhado entre suas pernas, enquanto Mônica, inclinada para frente, segurava minha cabeça dentro das mãos.

— Teremos?

— Você não quer continuar?

O silêncio deixou claro meu tormento e Mônica aproximou o rosto.

— Já cometemos o pecado, de nada adianta recuar, Armando. — Ela estava deixando claro que não aceitaria um não. Cobri suas mãos com as minhas e as beijei, adorando-a.

— Faça de mim.

— O que eu quiser — ela completou e suspirei com os lábios colados na sua mão, agoniado pela luta que sofria ao tentar afastar a ideia da devassidão que eu estava cometendo, do pecado imperdoável de continuar e de como, diante de tudo isso, eu lutava para não pensar, porque queria continuar.

— Vamos para a minha casa?

Levantei os olhos.

— Passarei a noite lá.

— Eu não deixaria você ir embora. — Eu sabia disso, e eu também já não queria ir.

— E o que acontecerá pela manhã?

— Você está preocupado com o amanhã ou com a noite que teremos? — ela perguntou, desafiando-me, e fechei os olhos. Eu não queria pensar no amanhã, eu precisava silenciar os demônios durante a noite. Senti seu dedo indicador roçar nos meus lábios. — Minha pergunta de antes ainda persiste, Armando, e algo me diz que você nunca o praticou. — Arregalei os olhos, sem entender, fitando-a embaraçado.

— O que está dizendo? — Franzi o cenho e Mônica sorriu maliciosa.

— Hoje farei você provar do sexo de outro jeito — ela sussurrou maliciosa. — Um jeito tão pecador que você não pôde responder para nós. Está disposto a pecar ainda mais?

E então compreendi, percebendo que o inferno na verdade não tinha fim, e quanto mais atormentador ele era, mais prazeroso se tornava.



XVI – A tentação da carne



O ser humano tem muito mais desejos que necessidades.

Johann Goethe.



O pior cego é aquele que não quer ver. E naquele momento a minha cegueira era completa. Eu não queria ver minha queda, muito menos o quão perdido eu estava. Preferia tatear no escuro a direção ao enxergar e censurar-me sozinho sob a claridade. Porque a acusação seria eterna, e o meu castigo seria o meu purgatório mental. Eu iria reviver essa noite em todos os meus tormentos, porque seria essa a noite da crucificação do meu celibato e eu já não podia lutar contra.

Mônica teceu uma armadilha diante dos meus olhos como se agora fosse o golpe final, e eu, em meu último ato, sucumbiria ao desejo completo enquanto caminhava no hall da casa de Mônica, como se ela guiasse-me no inferno.

Parei diante da sala iluminada pelos abajures com luzes amareladas, dispostos sobre as pequenas mesas em cada lado do comprido sofá, e observei atento enquanto ela largava a bolsa sobre a cadeira e acendia mais luzes. Eu já conhecia sua casa, a morada do diabo para mim, onde ali residia o pecado.

Como negar o fogo, quando o desejo de ser queimado por ele é maior do que qualquer dor que o mesmo possa infligir?

— Seu silêncio significa algo, padre? — Ouvi sua voz, senti seu perfume, mas Mônica estava em outro cômodo, provavelmente na cozinha ao lado.

— Por favor, pare de me chamar de padre — murmurei constrangido, olhando ao redor, enquanto dentro da pequena maleta que carregava minha batina permanecia escondida dos meus olhos, e desejosamente da minha consciência.

— Você se preocupa muito com nomes, quando na verdade, se não praticados, não significam nada. — Ela estava sendo direta e me senti ainda mais embaraçado. Eu ainda tinha a sensação de ter o seu gosto na minha boca, e aquilo me torturava, porque eu ansiava por mais. E isso também me deixava embaraçado. Eu estava ali para estar com ela, para transar e acabar com o meu tormento, e ao pensar nisso de forma tão objetiva, me sentir constrangido. Eu havia me esquecido de como se comportar na casa de uma mulher sem deixar tão seco e deselegante o assunto que será feito: *sexo*.

— Eu me preocupo com a minha consciência.

— Então vamos arrancá-la de você, Armando. — Mônica surgiu como um anjo negro vestido de branco. Seus cabelos negros estavam sobre os ombros que encostados na parede da porta da cozinha permaneciam relaxados, e ela sorriu, segurando duas taças e um vinho na outra mão. — Um empurrão será o suficiente para lembrá-lo do porque estarmos aqui, não é?

— Não preciso me lembrar.

— Porque você jamais esqueceu. — Era a malícia completando com um sorriso que apunhalava a minha fraqueza de vez.

Ri envergonhado, fitando o chão de cerâmica que imitava uma madeira clara.

— Ficaré parado aí?

Levantei a cabeça, perscrutando seu rosto confiante e ela avançou na minha direção, largando as taças sobre a pequena mesa ao lado do sofá, junto com a garrafa.

— Acho que não — murmurei, sendo engolido pela ideia.

— Você age como se não me conhecesse agora. Você permanecesse parado no corredor enquanto noto sua vontade de sentar ao meu lado. — Ela apoiou as mãos nos meus ombros, tão perto que eu poderia sentir o seu perfume ainda mais. E então senti seus dedos desabotoando a gola da minha camisa. — Você precisa relaxar, está tão sério.

— Eu sei.

— Não é como se nunca estive aqui — ela interrompeu-me e senti a gola afrouxar. Sua mão arrancou a maleta da minha e ela a largou sobre o sofá, voltando a massagear meus ombros. — Feche os olhos, Armando. — Era uma ordem e hesitei ao encarar seus olhos verdes tão

diretos. Eu tinha medo de fechar os olhos, pois temia que na escuridão eu a visualizasse nua, e perderia a lucidez de uma só vez.

— Por quê?

— Porque eu estou pedindo.

— E qual seria o propósito disso? — Sorri embaraçado. Seu toque apertou ainda mais meus ombros e ela parou atrás de mim, colando os lábios na minha orelha.

— Gosto de acreditar que você fantasia comigo quando fecha os olhos. — Se o diabo possuísse voz, creio que teria a voz de Mônica naquele momento. Sedutora, direta, confiante e estranhamente arrepiante. Ela provocou uma ereção insuportável e decadente em mim, tornando-me seu servo ao fechar os olhos.

— Por que faz isso comigo? — era um suplício.

— Porque gosto de ver o tesão que você reluta tanto em sentir.

Fiquei em silêncio diante das suas palavras, atento em suas mãos que, espalmadas, desciam pelo meu peito, tocando-o como se buscasse entrar na minha carne, e agarrou os botões da minha camisa, começando a desabotoá-la.

— Vou deixá-lo mais confortável. Posso?

— Você não está pedindo. — Compreendi pelo tom da pergunta.

— Não gosto de pedir — ela confessou sincera.

— Deveria aprender. — Abri os olhos diante da ausência das suas mãos, deixando apenas os três primeiros botões da minha camisa abertos, expondo meu peito e o colar com crucifixo sobre ele. Seus olhos estavam fixos no crucifixo, enquanto recuava passo por passo, estendendo a mão na minha direção.

— Se eu pedisse talvez você não estivesse aqui.

— Eu não estou aqui porque me ordenou. — Agora era a minha vez de confessar a mim mesmo. Eu sabia que jamais poderia censurá-la ou acusá-la por essa noite, porque eu busquei a minha queda naquele jardim, eu a beijei no meio das pernas buscando o seu gosto.

E depois de provar do seu sabor, eu necessitava fartar-me de mais da sua carne.

— Você diz isso agora, mas e quando se condena? Porque você também se condena, não é? — E notei pela primeira vez algo que deixou transparecer: *curiosidade*.

— O que quer saber?

— Pegue. — Ela ofereceu a taça vazia e ameacei negar com a cabeça, mas parei diante da sua baixa risada irônica. — Não diga que não beberá, Armando. Aqui, esqueça um pouco sua ordenação e seu celibato. Estamos aqui para transar, beber é um dos menores pecados para você.

— Você gosta de me lembrar disso, não é? — eu a censurei, e Mônica deixou o sorriso evanescer.

— Gosto de lembrá-lo que fingir santidade diante do pecado que cometerá não diminuirá o peso dele. — ela falou tão direta que emudeci. — Quanto menos se martirizar, menos sofrerá.

— Você diz isso, mas não sabe como é.

— Porque sou uma descentre?

— Porque não está arruinando tudo o que construiu — murmurei, vendo-a balançar a taça na minha frente e a peguei, cedendo. Para o meu castigo, Mônica estava certa.

De costas, ela avançou até o sofá, sentando-se e como se estivesse acorrentado, eu a segui, sentando no sofá que estava posto na vertical ao dela. Observei ela encher a própria taça com um vinho escuro.

— E isso o que *nós* somos. — Ela sorriu, levantando apenas os olhos, pegando a minha taça. — Significa o que para você?

— *Nós*? — Eu busquei a taça, desejando uma bebida para acalmar a nova sensação que me invadia. Era como se a ansiedade tivesse se transformado em Luxúria. Uma Luxúria desenfreada e uma sensação de apego. O quanto isso poderia tornar o meu inferno ainda mais atormentador? Eu temia saber, e então me fiz novamente de cego.

— Não é isso o que está acontecendo nesse momento? — ela afirmava ao invés de perguntar e engoli o vinho, sentindo-o acalmar-me.

— Até então, acreditava que não era *nós*. — Tentei manter-me calmo, fitando os meus sapatos.

— E então o que seríamos?

— Uma aventura? — Arqueei as sobrancelhas, franzindo o cenho ao encarar seu rosto intenso e um sorriso tão malicioso que me contentei com o silêncio. Mas ela o cortou.

— E mesmo em uma aventura, ainda existiria o *nós*, Armando. — Suas palavras crucificaram dentro de mim o anseio da sensação de posse, o sentimento que começava a nascer devagar, em uma forma impura e tão pecaminosa que eu apenas conseguia sentir e não pensar.

— Não diga isso. — Fechei os olhos.

— Porque teme se apaixonar? — Ela estava zombando de mim.

— O que restaria de mim, Mônica?

— Você também é humano, é normal. — E suas palavras me machucaram, porque ao invés de uma noite apenas passageira e carnal, estava transformando-se em uma noite de sentimentos e desejos.

— Você responde de forma franca que eu, às vezes, acabo desejando que mentisse.

Ela abriu a boca e pela primeira vez Mônica estava sem respostas.

— Desculpe a indelicadeza — ela murmurou constrangida e bebeu um longo gole, com os olhos cravados em mim.

— Você não foi indelicada. — Queria me afundar na taça, esconder-me no vinho. — Você não teria motivos, há mais outros homens além de mim, e isso. — Tentei referir-me a *nós*. — Surgiu de uma vingança. — Olhei ao redor, lembrando-me de Cecília, e notei que não havia retratos dela. — Você não comenta sobre a sua mãe, muito menos o pesar sobre sua morte.

— Não gosto de pensar na morte.

— Por quê? — Lembrei-me da noite em que me procurou tão vulnerável.

— Porque como disse, sou descrente. Que conforto eu poderia sentir na morte? — Ela parecia incomodada com o assunto, fitando a taça encostada no joelho exposto pela fenda.

— E mesmo assim, me pergunto — murmurei, estranhando a total ausência de afeto e saudade da parte dela. Em nenhum momento durante todo esse tempo ela havia citado Cecília ou a sua morte.

O silêncio parecia perturbá-la ainda mais e levantei os olhos, encontrando o verde tão confiante dos dela.

—Você disse sobre outros homens. — Percebi que buscava mudar o assunto. — Por que disse isso?

Ri embaraçado, tentando focar-me no vinho que balançava dentro da taça.

— Não irá me responder?

— Você pede por respostas que já sabe — confessei de outra forma.

— Gosto de ouvi-las com a sua voz. — Ela tentou-me e a fitei invadido pela ideia.

— Sinto ciúme de você, Mônica. — O diabo estava começando a conduzir meu ser em um caminho tortuoso, como se estivesse entregando-me a ela.

— E você não gosta dessa sensação? — A malícia em seu olhar era uma mescla de Luxúria e desejo.

— Eu desconheço essa sensação. — Franzi o cenho. — Então não, não gosto.

— Mas você disse que esteve com outras.

— Isso foi há mais de dez anos — expliquei. — Como poderia lembrar? Eu tentei livrar-me dos vícios mundanos, e aqui estou eu novamente — era um sussurro tão íntimo que fraquejei, fechando os olhos.

— Você não consegue controlar-se diante disso?

— Eu estou tentando. — Sorri diante das confissões que simplesmente eram tiradas de mim, como se por ventura o diabo me obrigasse a confessar diante da própria tentação. Eu estava entregando os motivos para Mônica torturar-me mais.

— E se eu pedir para não tentar?

— Ciúme é um erro. — Tentei cortá-la.

— Nós já estamos em um erro.

Arregalei os olhos, negando devagar.

— Isso é instinto, é uma forma irracional e primitiva. Como um. — Ela sorriu quando hesitei.

— Animal? — ela completou satisfeita e me dei por satisfeito, assentindo. — E nós não somos animais, de certo modo? Não evoluímos?

Ri, fechando os olhos.

— Temos teorias diferentes, creio que não gostaria de me sentir como um animal, pois quando me sinto assim. — Abri os olhos, rendendo-me à sensação de desejo. — Tenho vontade de me comportar como um.

— Você diz como se eu não gostasse.

— Você gosta? — Arqueei as sobrancelhas, constrangido demais para buscar na minha imaginação.

— Gosto quando sente ciúme, Armando. Gosto quando demonstra o quanto está

envolvido.

— Por quê? — Queria entendê-la. Ela estaria buscando formas de brincar comigo?

— Porque o sinto mais perto de mim. — Ela não tinha malícia e isso me pegou desprevenido.

— Por que me desejar mais perto, se o que temos aqui é uma aventura? — Eu ainda não havia esquecido, como se entre tantos tormentos a ideia de ser tão passageiro para ela me torturava.

— Você diz que é uma aventura. Foi você quem disse primeiro, eu nunca afirmei, apenas repetia as suas palavras. — Ela sorriu tão provocativa que bebi mais um longo gole, secando a taça.

— Mas nunca negou.

— Gosto de ver suas dúvidas.

Eu me senti crucificado pelas dúvidas ainda mais e franzi o cenho, fitando o fundo da taça.

— Acabe com algumas delas. — pedi com desejo. — Por favor. — E a encarei com tamanha Luxúria que já não poderia esconder o que eu sentia.

— Quando percebeu que não era apenas sexo? — Abri a boca, embaraçado demais, envergonhado com a pergunta, me sentindo exposto e nu diante dos seus olhos. Ri, olhando ao redor, buscando um refúgio. — Responda primeiro, e eu responderei também.

— Eu. — Não sabia o que responder, porque aos poucos, enquanto buscava as respostas, encontrei mais perguntas, apontando para certezas. — Não sou um homem que costuma falar de sentimentos.

— Os homens não costumam, muito menos os padres. — Ela estava me atijando e ri diante de tamanha desgraça. — Mas você está aqui, disposto a me contar e eu adoraria ouvir.

Recostei no sofá, buscando um pouco de paz no meio do tormento e a encarei mudo, como se pelos olhos dela tentasse criar a coragem de proferir os pregos que me manteria crucificado nesse momento.

— Não sei. — Arqueei as sobrancelhas, sendo atraído pelo seu cruzar de pernas tão expostas pela fenda aberta. Notei a sua calcinha branca também aparecendo e isso me tornou mais tentado. Perscrutei o seu rosto atento demais para parar. — Não somos jovens, não há paixões a primeira vista e eu mentiria se dissesse. — Tentei ser franco, engolindo todo o constrangimento e me ceguei também me tornando surdo. Eu apenas precisava falar sem me

ouvir, por mais que depois eu iria repetir mentalmente todas as palavras em meus piores momentos. — Eu não me apaixonei por você na primeira noite, muito menos na segunda ou em vários encontros. Era sexo, era desejo.

— Era pecado. — Ela sorriu maliciosa, completando a minha condenação em um sussurro.

— Até não ser mais sexo. — Eu me condenei por completo com a sinceridade dos meus tormentos. — Percebi que não era mais sexo quando a ideia de ficar em sua cama não era apenas pelo corpo. — Ela franziu o cenho. — Mas por ser você. — Tentei acalmar meu corpo, que diante da ideia, arrepiava-se.

— Continue. — Ela levantou-se, deixando a taça sobre a mesa de centro e caminhou na minha direção. Levantei os olhos, acompanhando-a.

— Percebi que não era sexo quando eu não queria mais o corpo, mas eu a queria, Mônica — confessei como se ela fosse a minha santa. — Quando a ideia de você estar comigo e com outro transformou-se em um ciúme que arruinou minha tentativa de me afastar.

— E por isso não gosta da ideia de ser minha aventura?

— E que direito eu tenho de pedir algo mais? — Eu não poderia pedir, porque eu também tentava manter a minha batina. O quão decadente e impuro eu era? Eu estava transformando-me em um padre profano, pecaminoso e envergonhado.

— Às vezes, não precisamos de direitos para pedir, mas de desejos.

— Se não é necessário — tentei contradizer suas palavras e me silencieei quando Mônica ajoelhou-se no meio das minhas pernas, me fitando com o olhar de quem iria acabar com os meus desejos, porque ela podia.

— Desejar já é o necessário para pedir. — Ela colocou as mãos no botão da minha calça, abrindo-a tão devagar que meu pau pulsou dentro da cueca. Fechei os olhos.

— E o que tem a dizer sobre isso? — Era a minha vez de querer respostas.

— Sobre não ser apenas sexo?

— Não brinque comigo. Você estará sendo maldosa demais.

— Há diversão na maldade.

— E então eu buscaria uma forma de me manter distante. — Tentei desafiá-la, abrindo os olhos diante do seu rosto perto do meu.

— E você conseguiria?

— Tire minhas dúvidas — supliquei e Mônica sorriu devagar.

— Eu não posso sanar todas elas, Armando. Não sou uma santa, muito menos devota. Peça ao seu Deus uma luz, e talvez ele o ajude. — Ela estava sendo tão franca que me tentou ainda mais. E quando atraído pelos seus olhos, senti os seus dedos roçarem no cóis da cueca. Ela estava ganhando minha rendição.

— E o que pode dizer? — sussurrei, buscando o ar que me faltava. Ela abaixou a minha cueca, ainda com os olhos cravados nos meus, diretos e confiantes.

— Você se tornou. — Ela sorriu como se diante do que iria dizer o pecado se tornaria maior. — Uma devoção para mim, Armando. Não o vejo mais como uma aventura, porque antes era assim que o via. Até notar que eu também o queria mais, queria conhecê-lo e. — Sua mão adentrou na minha cueca e meu corpo arrepiou-se diante do pulo ao sentir sua mão se fechar ao redor da base do meu pau duro, expressando exatamente o quanto eu estava sedento por ela. — Tornar-nos um *risco*.

— Um risco?

— Um risco por me permitir alimentar os seus desejos e sentimentos, e criar os meus. — Sua confissão arrancou a minha lucidez completa, e esqueci a minha batina por momentos em que o homem que eu era tornou-se maior do que o servo que algum dia eu fora.

E diante da minha reação, Mônica abaixou a cabeça, com os olhos perscrutando o meu desejo devasso causado pela sensação de ter sua mão agarrando a minha ereção e a luxúria pecaminosa.

Seus lábios abocanharam o meu pau, chupando-o com força, como se desejasse chupar-me desde antes. Gemi, jogando a cabeça para trás, caído pelas palavras e pelas sensações. Era mundano e pecaminoso, mas era a tentação que eu mais queria cair. Sua língua lambeu todo o meu pau, deixando as veias saltarem diante do toque que roçava em uma subida deliciosa de sentir e levei as mãos até os seus cabelos, incentivando-a a chupar-me mais.

— Oh, Mônica — gemi seu nome, sentindo os seus lábios pressionarem a glândula e voltar a chupar-me em profundo desejo de possuir a minha ereção. Sua língua deslizou, roubando meu ar e minha lucidez e abaixei a cabeça, vendo-a enterrada no meu pau, chupando-me com vontade. Agarrei seus cabelos, envolvendo-os nos meus dedos, puxando-os com força enquanto ela subia e descia em uma devoção que latejava de prazer em todo o meu pau, subindo em ondas de puro gozo. Eu queria ser seu servo, dedicar-me ao prazer e gemi ainda mais o seu nome, sentindo a aperto da sua boca, a língua rolar ao redor do meu pau e então a completa ausência.

Em meio ao prazer, encontrei os seus olhos maliciosos e Mônica levantou-se.

— Mônica. — Seu nome parecia uma oração de prazer. Ela deslizou as alças do vestido novamente, no meio das minhas pernas e ele caiu, deixando-a de calcinha e sutiã.

— Não se apresse para gozar — ela sussurrava e transformava o prazer e desejo em palavras. O meu desejo era as suas palavras, o seu toque, o seu sexo e a sua carne.

— Eu preciso. — Era um tormento a mais.

— Teremos a noite inteira. — Ela decidiu por nós e eu assenti devagar, sentindo o seu dedo indicador sobre os meus lábios, lembrando-me o que ela havia dito antes de chegarmos à sua casa. Ela queria mais de mim, e eu queria mais dela do que apenas a carne. Eu a queria de todas as formas que imaginava e que ela sabia.

Meu pau latejava de desejo e transformei-me em uma completa fera ao desejar tanto e não pensar sobre isso. Levantei-me, agarrando o seu rosto com as mãos, notando a surpresa em seu semblante.

— Me dê o que eu preciso — eu estava ordenando, assim como ela fizera comigo tantas vezes, e sem esperar agarrei suas coxas, puxando-as para cima. Mônica envolveu o meu quadril com suas pernas, agarrando a minha camisa e puxando os últimos botões restantes.

— O que você precisa também é o meu desejo.

Busquei o caminho para as escadas, carregando Mônica no colo e o desejo por todo o meu ser, porque eu transformaria essa noite em meu inferno, na minha total queda, mas também seria a noite que eu lembraria em todos os sonhos mais pecaminosos. Pelo que ela disse, e pelo que nos transformaríamos na cama.



XVII – As chamas do fogo eterno



***"Se Deus conhecia de antemão os pecados de que a humanidade seria culpada,
Ele foi então claramente responsável por todas as consequências
desses pecados quando decidiu criar o homem."***

Bertrand Russell.



Se um dia eu buscasse perdão pelos meus pecados, eu não mais me reconheceria, pois perdido em tantos pecados, seria engolido pelas penitências. Mas no fundo do meu ser tão decadente e pecador, eu desejava não pensar naquele momento. Eu implorava para o meu Deus, sendo tão hipócrita, que O mesmo me ajudasse a esquecer da batina no corpo de Mônica.

E fui atendido. Mas quem atendeu minhas preces? Deus? Ou seria o diabo, regozijando-se em minha queda brusca e explícita?

Mas enquanto caía, também subia lentamente as escadas para o quarto de Mônica, uma subida que me levaria ao Paraíso carnal, e perdido nos lábios de Mônica, eu avancei sobre o seu rosto, beijando-o com fervor, desejando-o inteiro para mim. Seria eu tão pecaminoso assim? Nós parecíamos ser.

Beijei seus lábios, abrindo-os com a língua, ouvindo-a gemer contra os meus, e com a ponta da minha envolvi a sua, devorando-a enquanto suas mãos bagunçavam os meus cabelos. Suas unhas desceram pelo meu pescoço, marcando-o e arfei diante dos seus lábios.

Fitei o seu rosto rente ao meu e Mônica sorriu tão maliciosa que compreendi que mesmo em meu colo era ela quem estava conduzindo-me.

Parei no alto da escada, na penumbra entre o corredor e o seu quarto.

— Está em dúvida? — ela perguntou, quando a pergunta poderia ter sido feita por mim.

— Eu tenho muitas dúvidas. — Tentei me entender — Mas esta noite nada responderão elas, então.

— Não quer pensar nelas. — Ela sorriu maliciosa, envolvendo ainda mais o meu quadril com suas pernas, enquanto eu a segurava.

— Quero pensar que estou aqui. — Fraquejei diante da ideia. — Com você.

— E não me deixará esta noite.

Acariciei o seu rosto com uma mão, vendo-a fechar os olhos como se fosse possível ser frágil, quando Mônica possuía mais força do que eu. Era apenas uma aparência, que me deixava ainda mais excitado ao tê-la. Eu queria dizer que não pretendia deixar, mas diante da minha fraqueza, dar mais motivos para ela provocar-me seria um tormento para mim.

Parado diante da porta do quarto, com Mônica em meus braços, percebi o quão carnal eu estava naquele momento, desejando-a antes de poder deitá-la, ansiando para afundar-me em seu ninho tão quente e molhado que eu já não me controlaria mais.

Porque entre o celibato e o pecado, Mônica já não me deixou escolher. Ela escolheu por mim ao levar-me ao inferno, e lá, diante das chamas, dizer-me o quanto sou um pecador.

E um homem sedento por sua carne que até o diabo sentiria inveja de tal prazer que eu desejava sentir.

— Por que está parado? — Percebi que apenas a fitava nos olhos, imerso no momento.

— Porque há momentos que eu gostaria de mantê-los detalhados. — E o seu rosto, por mais que eu tornasse-me cego, jamais sumiria das minhas lembranças. Ele era os motivos dos sonhos carnavais e dos tormentos. Ele era a minha total perdição e a salvação do homem.

— Não acho que esse seja o momento certo. Teremos momentos melhores. — A malícia em seu sorriso deixava claro as suas intenções, e sem hesitar novamente avancei sobre os seus lábios, abrindo-os com tanto desejo que os pressionei com força, avançando porta adentro na penumbra, envolvendo seu rosto com ambas as mãos, para tentar engoli-la em um beijo profundo. Minha língua buscou novamente a sua, explorando sua boca em tanto fervor que arfei ao ouvi-la gemer, descendo com as unhas pelos meus ombros já nus, buscando conforto na carne.

Sua língua vagou pela minha boca, macia e molhada, ansiando pela minha, e envolvi-a em uma dança tão erótica e intensa, comandando-a enquanto notava suas mãos descerem pelo meu

peito, enveredando-se nos meus pelos e marcando-me novamente.

Puxei os seus cabelos com uma mão, enroscando-o em meus dedos, e os seus lábios escaparam dos meus, sua cabeça ergueu, deixando seu pescoço exposto para a minha sede por sua pele, e a beijei abaixo do seu queixo, determinando que traçaria o caminho com a língua. Ela gemeu diante do toque ao lambar sua pele, descendo pela maciez até chegar à curva dos seus seios, minha ceia farta de carne e desejo. Lambi a curva deles, levantando os olhos em pura Luxúria para fixar o seu rosto intenso de prazer, a boca entreaberta e os olhos fechados.

E o diabo parecia sussurrar-me que eu já não sairia das suas chamas, porque depois de queimado, a dor só me lembraria do que a provocou.

Fitei os seus seios tão juntos pelo sutiã e a ideia de ter meu pau entre eles atçou-me ao ponto de suspirar de tesão. Eu queria tanto que já não sabia o quanto ela poderia aceitar dar. Desci com a língua entre eles, um ninho quente e macio, chupando sua pele devagar.

— Tire o meu sutiã — ela gemeu enquanto eu avançava pelo quarto na penumbra, buscando pela cama. Bati as pernas contra ela, e deitei Mônica, contemplando o seu corpo exposto e seus olhos diretos em mim. — Você não é um padre mais, Armando.

— E o que eu sou? — Por que ela buscava as minhas dúvidas?

— Você é um homem, e nesse momento é apenas meu.

E eu queria ser dela nesse e em outros momentos, porque a batina havia se tornado parte do meu medo. Meu medo de vesti-la e sentir-me enganado por mim mesmo.

— Não diga essas coisas. — Franzi o cenho diante do tesão e Mônica riu de mim.

— Acenda a luz, eu quero vê-lo.

Obedeci, buscando o abajur ao lado da cama, sentindo meu pau latejar dentro da cueca com tanto desejo que o deixava com uma ereção dura demais para aguentar. Arfei novamente, olhando-a se levantar, abrir uma gaveta e voltar na minha direção.

— Você tem camisinha? — Estranhei a minha própria voz ao pedir isso e Mônica a levantou, oferecendo-a para mim.

— Segure, Armando, mas não a vista ainda — ela sussurrou, agarrando meu rosto com as mãos. — Eu quero chupá-lo.

E o seu pedido levou-me ao limite do que eu estava aguentando. Agarrei seu rosto, subindo as mãos até os cabelos, e sob a luz amarelada do abajur a abaixei, fazendo-a se ajoelhar como uma devota. Eu queria que ela se tornasse uma devota para mim. Suas mãos abaixaram de vez a

minha cueca e a fitei agarrar a base do meu pau, mantendo-o erguido contra o seu rosto. Ela o apertou, fazendo as veias saltarem contra a fina pele, e puxou o prepúcio, deixando minha glândula inteiramente exposta para ela.

— Faça.

— Peça. — Seus olhos fixos em mim eram confiantes.

— Chupe-me. — Ela brincava comigo e eu cedia pelo desejo. E por ser ela.

Mônica lambeu a glândula, causando um arrepio por todo o meu corpo, e enterrei meus dedos em seus cabelos, empurrando sua cabeça para ela quase engoli-lo, porque era isso o que eu queria.

Ela o chupou devagar, saboreando meu pau, lambendo-o em círculos dentro da boca até chegar à glândula e chupá-la com força.

— Ah — gemi em meu inferno de prazer. Joguei a cabeça para trás, sentindo as minhas pernas fraquejarem, e ela o devorou novamente, causando um prazer que subia em ondas intensas pelo meu corpo ao sentir a sua boca molhada abocanhando a minha ereção, *pele com pele*. E a ideia de tê-la me chupando assim tornou-me um demônio.

Sua mão agarrou a base, acompanhando o movimento da boca com estocadas, enquanto a outra agarrou minhas bolas, deixando claro o quanto sabia levar um homem ao gozo. Ofeguei, fitando os seus lábios ao redor do meu pau, o prazer queimando o meu corpo inteiro e então Mônica levantou a cabeça, deixando uma ausência insuportável.

— Não quero que goze assim.

— Não quer — hesitei diante da ideia do que eu iria pedir e ri constrangido, negando devagar.

— Que você goze na minha boca? — ela completou sem pudor nenhum. Assenti, ainda com as mãos em seus cabelos e ela levantou-se. — Eu quero isso. — Senti o meu pau pulsar com a resposta. — Você gozará na minha boca, Armando, mas não hoje.

— Não hoje? — Arqueei as sobrancelhas, mergulhado em tesão, ansiando para que isso acontecesse, e também mortificado pela ideia de que teríamos mais noites. Ela puxou as minhas mãos, abaixando-as e tirou o sutiã, deixando expostos os seus mamilos rijos. Avancei, agarrando-os e os chupei com desejo, enquanto sua mão tocava-me em uma masturbação melhor do que as minhas. Ela parecia conhecer o meu pau, conhecer o meu corpo e meu ser.

Abocanhei o seu seio esquerdo como tanto queria, e afastei os lábios para fitá-lo por um

único instante. Era tão intumescido e rosado que o lambi, fazendo-o acompanhar minha língua. Mônica gemeu e o chupei devagar, aprisionando-o entre meus dentes para chupá-lo com mais força, marcando a sua pele clara.

Ela incentivou com uma mão em meu rosto, e esfreguei o meu rosto entre os seus seios, lambendo o meio deles, sentindo o seu cheiro de mulher e o perfume, e chupei o outro, fartando-me de uma vez, ignorando a força, ciente dos seus gemidos baixos enquanto sentia o gozo espalhar-se por todo o meu corpo com cada vai-e-vem que sua mão fazia com o meu pau.

E então Mônica afastou o meu rosto. Neguei, subindo com a boca pelo seu busto, buscando seus lábios e agarrei o seu rosto com as mãos, ansioso demais para esperar. Agoniado demais para aguentar. Beijei-a novamente, segurando-a com força, pressionando os seus lábios nos meus e a virei, empurrando-a contra a cama. Mônica cedeu, e larguei seu rosto, agarrando a sua calcinha. Ela compreendeu e a abaixou, sem escapar do meu beijo, retribuindo a invasão da língua na minha boca, gemendo comigo. Desci com a mão até o meio das suas pernas e toquei seus grandes lábios, sentindo-os úmidos e lembrei-me do gosto do seu prazer na minha boca. *Eu queria mais.*

Sua pele arrepiou-se e Mônica mordeu o meu lábio, puxando-o com força. Com a outra mão, segurando a camisinha, mantinha o seu rosto colado ao meu, beijando-a devagar, como se eu quisesse decorar toda a sua boca para relembrar mais tarde.

Sua língua escapou de dentro da minha boca e ela lambeu os meus lábios, atijando-me a abrir os olhos. E eu o fiz.

— Eu quero com força, Armando. Quero que mostre para o que venho. — Sua voz era de mulher decidida, mas em meu pecado era a serpente sibilando o que eu, um padre caído, deveria fazer.

Meu pau latejava ainda mais, como se necessitasse do Paraíso quente e apertado de Mônica para aliviar-se e empurrei-a contra a cama, vendo-a me obedecer. A Luxúria me invadiu, transformando-me em fera rasguei a embalagem com os dentes, puxando a camisinha para fora. Acaricieei o meu pau, com os olhos cravados em seu sorriso devasso.

— Toque-se para mim. — Ela sorriu ainda mais, já com os olhos no meu pau.

— Você sente tesão?

— Tesão por você? Mesmo com a batina, eu vejo o que há por baixo. — Ela voltou a perscrutar o meu rosto. — E isso me deixa pensando.

Suspirei, sentindo o meu pau tremer dentro da minha mão e coloquei a camisinha, ainda

ouvindo-a.

—Penso que há certo fetiche nisso. — Levantei a cabeça surpreso e Mônica riu, arrastando-se na cama até encostar as costas na cabeceira e abrir as pernas, flexionando-as. Uma visão perfeita do motivo da queda. Será que Lúcifer havia se apaixonado alguma vez pela criação de seu Pai? O que venceria: a Luxúria ou o Orgulho?

Para mim, a Luxúria era Orgulho, e o orgulho era a paz entre as chamas.

Cerrei os dentes, já sem controlar-me e avancei para a cama.

— Pare de falar da batina. — Pedi com a mesma confiança que ela sempre teve. — Pare de falar sobre Igreja.

— E quer falar sobre o que, Armando? — Ela provocou-me séria, abrindo ainda mais as pernas e agarrei os seus tornozelos, puxando-a com força. Mônica suspirou surpresa, e encaixei-me no meio das suas pernas, apertando suas coxas enquanto as suas mãos tocavam o meu peito, evitando a cruz do colar que usava.

— Sobre sexo — respondi com o rosto rente ao dela. — Sobre nós.

— Então me foda de uma vez, porque senão gozarei antes do que eu quero fazer. — Ela deixou claro que a noite seria longa. Vagueei com os olhos pelo seu corpo, desejando memorizá-lo com os lábios. Curvei-me e comecei a beijar o seu pescoço novamente, molhando-a com a língua em um caminho até chegar aos seus seios, voltando a chupá-los. Revezei, mamando em cada seio com a sede insaciável, chupando cada mamilo com força, mantendo-a arqueada, e então desci para a sua barriga, lambendo-a devagar até chegar ao seu ventre, e ergui os olhos, encontrando os dela, verdes e diretos, ansiando por mim. Ela estava oferecendo todo o seu corpo para mim, uma loucura e um completo sofrimento, porque eu jamais conseguiria negar.

Beijei o seu monte Vênus, chupando-o devagar, abocanhando a carne macia dos seus grandes lábios molhados, e embeveci-me com o seu sabor de mulher. Puxei o ar, enterrando meu rosto entre as suas pernas.

— Não quero sua língua — ela pediu. — Quero o seu pau. — E isso bastou para levantar-me e com as mãos nas suas costas, puxá-la para mim. Mônica envolveu os meus ombros com os braços, colando os mamilos rijos contra o meu peito, arrepiando-me, e envolveu o meu quadril com as pernas, sentando-se sobre as minhas.

Meu pau roçou em seus grandes lábios úmidos de tesão e a devassidão apossou-se de mim. Agarrei os seus cabelos, fazendo-a gemer de dor e prazer, jogando a cabeça para trás e Mônica levantou o quadril, acomodando-se contra a minha glândula. Rosnei já agoniado demais e empurrei

o quadril com força, abrindo os seus grandes lábios e a penetrei profundamente, matando o meu celibato e o meu desejo de estar dentro dela.

Seu corpo apertou o meu pau, aconchegando-o e Mônica ofegou, com o rosto rente ao meu. Esperei, sentindo meu corpo arder, o prazer avançar e meu pau se acomodar dentro dela, como se estivesse rasgando-a para possuí-la, porque era isso o que eu queria fazer, esconder-me no homem que eu era e fodê-la. Colei os meus lábios nos dela, abrindo-os com violência, e tomei sua língua para dentro da minha boca, envolvendo-a e invadi a sua boca, aprofundando o beijo. Gemi, assim como ela, beijando-a com desejo.

Ela rebolou, controlando o movimento, e senti o meu pau abri-la por completo. Beije-a, sentindo o meu pau explorá-la deliciosamente, afundando-se em seu gozo enquanto eu penetrava sua boca com a língua. Busquei a sua, envolvendo-a, e desci com a boca até o seu queixo, mordendo-o, voltando a chupar o seu lábio e beijá-la como se quisesse tomá-la inteira para mim.

— Mônica — gemi em prazer, sentindo o seu corpo apertado contra o meu pau, provocando sensações extasiantes. Ela enterrou as unhas na minha nuca e rebolou com vontade de foder comigo, cavalgando no meu pau. Joguei a cabeça para trás, gemendo. — Ah. — Sentindo seus grandes lábios atritarem ao se esfregarem contra a minha virilha e agarrei a sua bunda com as mãos, apertando-a com força. A carne macia aceitava os meus dedos e subi com uma das mãos até o seu pescoço, apertando-o por trás, mantendo-a em minhas mãos. Mônica aumentou a velocidade, cavalgando como se eu fosse um cavalo prestes a ser domado, ofegante em pular no meu pau. Enterrei meu rosto em seus seios que balançavam em uma oferta, e lambi o meio deles, gemendo cada vez mais alto, ouvindo-a gemer. E o gozo aumentou, se transformando em um prazer intenso demais, anunciando que eu poderia gozar. Mordisquei o seu mamilo, gemendo, e Mônica parou.

— Por quê? — Arregalei os olhos, sentindo o meu pau estremecer dentro dela, ansioso pelo atrito entre os nossos corpos e ela sorriu.

— Não quero que goze assim. — Emudeci, vendo-a escapar dos meus braços. Eu a segui com os olhos, vendo-a sair da cama em silêncio e caminhar pelo quarto, de costas para mim.

— E como gozarei? — Era um pedido para que não me interrompesse mais.

— Olhe bem, Armando. — Ela parou, virando o rosto sobre o ombro. — Olhe para minha bunda. — Ela plantou a ideia na minha mente decadente e fitei a sua bunda macia e branca, arredondada e tão carnal. — E diga que não quer.

— Eu — tentei responder, mas em vão, porque o meu pau tornou-se uma pedra contra o meu corpo e eu apenas assisti ela abrir uma gaveta e pegar um lubrificante.

— Você nunca fez sexo anal? — Mônica perguntou, voltando para a cama, sem notar o quão agoniado eu estava, mas não porque iria fazer, mas porque *ainda não estava dentro dela*.

Pelo meu silêncio, ela avançou pela cama, fitando-me.

— Irá me responder?

— Não. — Era um tabu para as mulheres com quem estive há mais de dez anos. E diante da resposta curta, Mônica pareceu luxuriosa demais, sorrindo com uma devassidão que já não escondia o quanto estava gostando.

— Fique como você está — ela sussurrou, com as mãos voltadas para trás, passando-se o lubrificante, e sem esperar avancei contra ela, abocanhando o seu seio e mamando novamente com desejo de jamais soltar. Ela gemeu, provocando-se por trás enquanto eu chupava o seu mamilo, brincando com ele com a língua enquanto ela gemia.

E então Mônica empurrou-me, voltando a me deixar sentado.

— Tem certeza? — perguntei de forma ingênua enquanto ela abria as pernas e sentava-se no meu colo. Ela riu, empurrando-me e deitei, sem conseguir tirar os olhos do seu corpo.

— Nunca faço nada sem certeza, e estou querendo foder com você assim, afinal, estou sendo a única na sua vida, quero mostrar que existem diversas formas.

— De me levar à loucura — sussurrei, franzindo o cenho e ela assentiu devassa.

Suas mãos agarraram o meu pau com firmeza e ele latejou de tesão. Fechei os olhos, desejando ardentemente que ela sentasse, e perguntando-me qual seria a sensação.

E então a minha glândula roçou na sua bunda, abrindo-a. Arregalei os olhos, cravando-os em seu rosto intenso, e Mônica abaixou lentamente o quadril, deixando-me sentir a curva de cada lado da sua bunda, abrindo-se e fechando-se conforme ela aproximava o meu pau da entrada. Sua carne macia apertava o meu pau, abrigando-o deliciosamente e então a minha glândula roçou na entrada. Seu corpo arrepiou-se junto com o meu e Mônica cerrou os dentes, empurrando ainda mais o quadril.

Penetrei-a devagar, apenas um pouco e gemi, sentindo-a apertada demais para mim. Eu iria gozar se ela sentasse de uma vez. Era apertado, um lugar proibido e deliciosamente convidativo. Era uma forma de possuí-la que eu não havia pensado, mas agora era o que eu mais queria.

Ela ergueu novamente o quadril, não deixando minha glândula sair de dentro e gemi com o atrito entre nós, sentindo-a voltar a sentar ainda mais. Meu pau enterrou-se ainda mais na sua bunda, e cerrei os dentes, agarrando sua cintura, necessitando empurrá-la para baixo, e Mônica

cedeu, sentando-se de uma vez. Sua bunda bateu com força na minha virilha e ela jogou a cabeça para trás, gemendo profundamente.

— Mônica. — gemi em puro prazer, penetrando-a por trás com força, sentindo-a muito apertada para me mover. Meu pau latejou em puro prazer dentro dela, buscando acomodar-se até ela aceitar abrigar-me por inteiro assim. Ofegante, agarrei seu rosto pelo queixo e o puxei para baixo, fazendo-a me encarar.

Ela movimentou o quadril devagar, rebolando para os lados e a senti por inteiro, cada pedaço da sua carne contra o meu pau, envolvendo-o ainda mais apertado, estremecendo dentro dela, fazendo todo o meu corpo arrepiar-se. O ar fugiu dos meus pulmões com o gemido e fechei os olhos.

— Está gostoso? — Ela já sabia a resposta.

— Delicioso — respondi, voltando a encará-la, e Mônica ergueu o quadril, sentando-se novamente contra o meu pau. Rosnei, possuído por um desejo que não conhecia um desejo de tirá-la de cima de mim, jogá-la contra os lençóis e possuí-la por trás de forma bruta e forte, para que soubesse que era eu quem estava dentro dela. *Apenas eu.*

E ela viu isso no meu olhar, porque assentiu devagar, como se me desse o controle do seu corpo.

Ergui-me, arrancando-a de cima de mim com força, e Mônica recuou na cama, sem medo ou pudor. Agarrei suas pernas, precisando voltar a enterrar meu pau até o talo em sua bunda, e a virei bruscamente, sem delicadeza.

Ela não queria delicadeza, ela queria prazer e ver o que causava em mim.

Rosnei, agarrando-a por trás, puxando-a para mim, e abri suas pernas com as minhas, fitando sua bunda escancarada para mim.

— Não se aguentou, Armando?

— Pare — rosnei. — Me deixe *fodê-la*. — Quem era eu nesse momento? Eu já não sabia, apenas compreendia a necessidade carnal.

Ela empinou a bunda, mantendo os seios contra a cama e puxei o seu quadril ainda mais para cima. O que ela deu para mim nada poderia superar, e ela sabia.

Rosnei como uma fera e abri sua bunda com uma mão, segurando o meu pau com a outra. Roci a glândula pela sua bunda, delineando-a e avancei, tocando sua entrada.

— Dói?

— Dói mais em você do que em mim. — Eu compreendi sua resposta e fiquei quieto, ignorando a sua provocação, porque na verdade eu apenas precisava enterrar-me, sem preocupação com dor e foi o que fiz.

Empurrei com brutalidade o quadril contra sua bunda, colando meu peito nas suas costas, e a penetrei com força. Duro. Em um soco profundo.

Mônica gemeu e enterrei-me até o talo, colando minha virilha na sua bunda. Gemi, buscando acalmar meu coração frenético e o prazer que se irradiava em todo o meu corpo. Hesitei, tentando acomodar-me novamente dentro dela, de tão apertado que era. Não era o Paraíso, era o inferno, e agora compreendia o quanto o fogo poderia queimar. E como não havia volta.

Levantei o quadril, mas não o suficiente para sair de dentro, e voltei a enterrar-me por completo, sentindo-a se rasgar ao redor do meu pau, abrigando-o com relutância. Mônica gemeu com o rosto enterrado no colchão e a puxei pelos cabelos. Ela virou o rosto e enterrei meus dedos no seu couro cabeludo, controlando sua cabeça enquanto mantinha sua bunda erguida com a outra mão. Rosnei, deslizando a mão para o meio das suas pernas e toquei na sua goza. Arregalei os olhos, sentindo ainda mais tesão ao perceber que ela já havia gozado, e afundei os meus dedos no seu orgasmo, estocando o meu pau dentro da sua bunda com força. Seu orgasmo escorreu entre os meus dedos enquanto acariciava o seu clitóris, masturbando-a. Estoquei com veemência, cada vez mais, criando barulho em cada atrito dos nossos corpos, ouvindo nossas respirações altas, e a cada estocava queria enterrar-me mais, como se quisesse rasgá-la por completo, empurrando o seu quadril contra a minha mão, que a tocava cada vez mais rápido.

Gemi em um rosnado cada vez mais alto, estocando com violência, empurrando-a e puxando-a de volta. O prazer subiu em ondas ao penetrá-la desse jeito, sentindo o seu corpo se contrair ao redor do meu pau e aceitá-lo a cada enterrada bruta. Gemi junto com ela, ouvindo-a gemer rapidamente em cada segundo entre as respirações profundas, e rosnei alto, jogando a cabeça para trás.

O gozo desceu em ondas inebriantes, pecaminosas e arrepiantes. Gozei dentro dela, estocando em sua bunda, aliviando-me em seu corpo e o agarrei ofegante. Beije seus cabelos, mergulhado em meu próprio mundo de prazer, esquecendo cada pecado e tormento. Eu respirava o orgasmo estranho e incomparável. Gozar em sua bunda parecia que a tornava parte de mim, iludindo-me na ideia de que talvez ela quisesse-me mais do que eu a queria. Estava em êxtase com o orgasmo intenso que percorria meu corpo.

Enterrei meu rosto em seus cabelos, respirando profundamente em completo êxtase, e

fechei os olhos, puxando o meu pau para fora da sua bunda, sensível demais.

— Era como você esperava? — Ela ofegou, virando-se de lado, e me deixou abraçá-la por trás.

— Desejo que não exista inferno — sussurrei ainda com a respiração entrecortada e a ouvi rir. Ela se virou, agarrando meu pau de surpresa e puxou a camisinha, tirando-a. Gemi ao toque e estremeci, fitando seu rosto relaxado.

E isso me causou ainda mais prazer: *tê-la depois do sexo*, sem malícia ou intenção. Mônica em carne e osso, sendo vulnerável como pessoa ao entregar-se na intimidade.

Ela saiu da cama, arrastando o meu olhar com ela, e entrou no banheiro. Aconcheguei-me nu na sua cama, fitando o teto branco, iluminado pela luz amarela. Sua cama ainda tinha o mesmo cheiro da primeira vez que eu deitara: o dela. Acomodei minha cabeça em seu travesseiro, luxurioso ao pensar que era eu em sua cama, e que nessa noite ela estava por completo comigo.

— Arrepende-se? — A pergunta ecoou pelo quarto e fiquei em silêncio, apenas fitando-a deitar-se de lado contra o meu corpo, e virei o rosto para encará-la.

— Se eu mentisse, também estaria cometendo um pecado. — De qualquer jeito, eu já havia cometido. A quem eu iria enganar? Ela assentiu, perscrutando meu rosto e roçou os dedos pela minha bochecha, contornando-a.

— Você é belo. — Sua voz era tão segura que suspirei, e seus dedos desceram pelo meu peito, junto com o seu olhar. — Você se esconde na batina.

Fechei os olhos, desejando não ouvi-la.

— Você gostaria que eu passasse a noite? — Cortei-a de forma direta e ouvi sua risada maliciosa.

— É um desejo. Você poderia satisfazê-lo?

Abri os olhos, retribuindo o seu sorriso e o toque. Acariciei seu rosto, sentindo-o escapar da minha mão. Mônica deitou-se contra o meu peito.

— Ultimamente, o seu desejo tem se tornado o meu — confessei.

— Você está apaixonado. — Ela não parecia ter receios de tocar em meus sentimentos e temi por isso. Fiquei em silêncio, tentando confortar-me em seu corpo e ela virou-se de costas, agarrando minha mão e puxando-me. Envolvi seu corpo em um abraço e apoiei a cabeça em seu ombro.

— E o que você sente? — Por que eu ansiava por ouvir respostas que poderiam machucar-me? O diabo, ao cair, desejou saber como seria o inferno antes chegar lá?

— Sentimentos são mutáveis. — Ela foi vaga e suspirei inconsciente do que isso poderia parecer. — Mas nesse momento, eu poderia dizer que há mais entre nós do que eu gostaria, e talvez eu já não o queira mais com a batina.

E isso me chocou. O silêncio pareceu reconfortar os meus medos ao mesmo tempo em que criou ainda mais deles.

Fechei os olhos, tentando calar meus pensamentos, porque sabia que poderia ser o diabo divertindo-se comigo. Ou seria Deus indicando o caminho? E qual seria o caminho a seguir? Porque minha paixão pela batina era incomparável, minhas escolhas eram a minha vida assim como meus erros, e em meio aos sentimentos que cada vez intensificavam-se por Mônica, as escolhas certas pareciam certas e erradas em meio às paixões. E o que seria o certo?

— Abrace-me. — Ela estava sonolenta e apertei o seu corpo dentro dos meus braços, não desejando soltá-la. — Seu abraço me conforta.

Ela me confortava ao mesmo tempo em que criava tormentos.

Mas nessa noite, eu não os queria, pois queria vivê-la por completo com Mônica, e com ela em meus braços, observei-a adormecer como um anjo que carregava os meus pecados.



XVIII – Pecado e cegueira

(Mônica)



Ele respondeu: "Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago".

Lucas 10:18.



O sexo, na teoria, não teria apelo sexual de tesão, muito menos de paixão. Nós criamos a ideia, e dela surgiu o desejo. O desejo do que a ideia do ato sexual nos faz sentir, porque o objetivo claro e direto é o único para o corpo humano: procriar.

Se não quisermos procriar, não haveria motivos para desejos, mas nós o criamos, não o diabo, muito menos algum Deus. Nosso corpo com hormônios e feromônios. Talvez eu tivesse esses pensamentos por não ter a mesma fé, mas eu acreditava mais no desejo carnal do que na santidade de uma mente que ansiava por manter-se longe desse desejo. E talvez, nessa diversão que estava tornando-se cada vez mais intensa, eu não nos visse realmente como pecadores como Armando enxergava.

Era pecado? Era, por mais descrente que eu fosse, eu conhecia os pecados e a teoria religiosa. Assim como eu arderia no fogo do inferno por estar deitada na cama, nua e adormecida ao lado de um homem devotado a Deus, um padre que jamais deveria tocar-me.

Mas a ideia também era deliciosa. E tentadora demais para negar, porque eu não tinha medo do inferno ou da condenação. E isso retornava aos meus medos reais: o nada que poderia existir depois de um corpo falecer. Então, talvez até saber da existência do inferno fosse

reconfortante. O fogo é melhor do que o vazio e era melhor sentir as chamas do que nada sentir.

E o que eu estava sentindo, ao despertar na madrugada, poderia ser classificado como inferno. O inferno que me despertava em puro tesão, molhada como uma mulher provocada por uma língua que brincava com o prazer. A língua de um padre estava no meio das minhas pernas, e esse padre estava nu na minha cama, saboreando o meu gosto. E eu sabia que Armando tinha uma grande adoração em chupar-me, eu vi isso em seus olhos naquele jardim.

— Armando — gemi seu nome, abrindo as pernas, despertando totalmente, e o vi entre elas, empurrando-as para os lados. Flexionei-as ofegante com a sensação inesperada, e ele levantou o rosto do meio das minhas pernas.

— Quero essa noite inteira para nós.

Seus lábios molhados se curvaram em um sorriso envergonhado ao mesmo tempo e abaixei as mãos, afundando os meus dedos em seus cabelos escuros e bagunçados.

— Você diz como se depois dessa noite iria dar as costas e esquecer tudo isso.

— Talvez você faça isso. — Notei um pouco de mágoa nele e afaguei seu cabelo. Eu poderia fazer isso, eu conhecia-me muito bem. Vincenzo uma vez chamou-me de fria, disse que eu não o amava mesmo depois de tantos anos. *E era verdade.*

E busquei Armando para fazê-lo cair, para fraquejar suas certezas, mas eu poderia admitir para mim mesma que não foi pela minha mãe. Não, foi por mim. Ele pareceu ser tão um desafio delicioso demais. E depois da coincidência de morarmos na mesma cidade, era como se esbarrássemos nas oportunidades de sexo. Era uma diversão tão única que eu não poderia deixar passar, além de que eu também ansiava provar que estava certa em minha descrença. Ninguém é santo, e os que buscam a santidade podem ser os que mais caem em tentação.

Mas eu ainda lembrava o que disse antes de adormecer. A diversão estava começando a se tornar uma rotina que eu começara a gostar, como se quando não a tivesse houvesse certa monotonia. E isso não era a primeira vez, aconteceu com a minha paciente falecida, eu havia me apegado a ela, a tê-la por perto e cuidar. Eu havia me apegado à esperança.

E agora estava apegando-me em uma relação sem certezas, porque por mais descrente que eu fosse Armando não era, e ele era padre. O que poderíamos fazer diante disso? Eu estava apegando-me ao desejo de tentá-lo sempre.

Eu havia dito que talvez eu o quisesse sem a batina, e com os olhos fixos nos dele, que parecia implorar para que eu abaixasse sua cabeça contra o meu gozo, eu percebia que havia sido traiçoeira também. Eu havia sido levada como ele, e seria injusto pedir que largasse a batina. Não

porque não poderíamos tentar, mas porque tudo começou de forma errada. Eu não poderia torná-lo apenas um homem perdido e de certa forma, eu fora traiçoeira demais, eu começara tudo com uma brincadeira, uma grande diversão e se levássemos adiante isso, já não poderíamos continuar desse jeito.

Porque essa noite significava isso, uma decisão de ambos de pecar com os olhos vendados para não vermos os pecados, apenas a sensação de afundarmos um no outro. E eu não queria pensar no antes ou no depois, porque eu poderia morrer, ele poderia morrer. Todos nós um dia morreríamos, e se não vivêssemos o agora, quem viveria por nós? O que haveria depois, senão lembranças? Talvez, bem, talvez ele estivesse certo e depois nada mais existiria além dessa noite.

— Você não me respondeu. — Ele estava decidido a tirar algo de mim, como se ao mesmo tempo em que ele dava-me sua devoção, eu deveria dar certezas. Mas eu não gostava de dar certezas, eu gostava dos seus olhos que se condenavam sozinhos.

— O que você espera ouvir? — Acariciei os seus cabelos novamente e encostei as coxas em seus ombros, mantendo as pernas mais erguidas. Suas mãos envolveram-nas por baixo e Armando colocou o rosto na parte interna da minha coxa, inspirando profundamente contra a minha pele. Ele a beijou fechando os olhos, e o toque subiu em um arrepio excitante. Fiquei ainda mais molhada diante dos beijos que percorriam toda a minha coxa, chegando à virilha, e joguei a cabeça contra os travesseiros. Ele beijou os meus grandes lábios e então os lambeu devagar, puxando a umidade deles com a língua para a boca.

— Tenho medo de ouvir.

Ri em um gemido, enterrando as unhas em seu couro cabeludo, deixando-o beijar minha intimidade com a língua. Senti a língua de Armando abrir meus grandes lábios e lambeu meu clitóris devagar, circulando-o e voltando a descer para os pequenos lábios, mordicando um dos meus grandes lábios. Gemi baixo, tentando empurrar o seu rosto ainda mais contra o meu gozo e envolvi os seus ombros com as pernas ainda mais, cruzando-as em suas costas nuas.

— Armando — eu gemia o nome do homem que me chupava com gosto e a ideia dele ser o homem que não deveria poder fazer isso tornava a sensação ainda mais prazerosa. Ouvi o estalo da sua língua contra os meus grandes lábios e ele chupou-me com força, arrancando gemidos de mim. Ofeguei, arqueando as costas, desejando que ele engolissem-me, e perguntei-me como ele poderia saber buscar o meu orgasmo.

E ao mesmo tempo eu percebia que ele não fazia por habilidade, mas porque me queria assim. Suas mãos apertaram ainda mais minhas coxas, arrancando arrepios com a dor da força contra o atrito da pele, e empurrei o quadril para cima, oferecendo mais do quanto ele podia dar-

me.

Perscrutei seu rosto relaxado de prazer afundado em meus grandes lábios e gemi novamente. Sua língua começou a deslizar pelo meu clitóris, deixando-o inchado e encharcado e arfei. O prazer subiu em ondas pelo meu corpo, uma ardente sensação de gozo preencheu meu ventre e senti o meu clitóris latejar contra a sua língua. E então ele roçou os dentes.

— Oh — gemi profundo e devagar, enterrando a cabeça contra o travesseiro, deixando seus lábios tentarem se fechar contra meu ponto inchado, buscando chupá-lo para dentro da boca. Ele queria tomá-lo de mim e levou minha sanidade. Comecei a gemer contínuo, sentindo seus lábios chuparem, deslizarem para dentro dos meus grandes lábios, buscando o meu clitóris e envolvê-lo com força, em uma sucção deliciosa. Ofeguei, gemendo ainda mais alto e levantei as mãos contra os meus cabelos. Eu queria gozar em sua boca como ele havia conseguido fazer antes, porque foi avassalador senti-lo tomar o meu orgasmo.

— Você quer. — A frase morreu no ar no mesmo momento em que senti a ausência dos seus lábios. Encarei-os molhados e assenti devagar, encarando o seu semblante um pouco embaraçado.

— Que eu goze na sua boca? — completei o que ele não estava mais acostumado a dizer.

— Você gosta?

— Você gosta? — repeti sua pergunta com malícia e Armando enterrou o rosto no meio das minhas pernas, beijando meus grandes lábios com mais força, mordendo-os e tomando-os para si. Meu corpo teve espasmos contra os lençóis e comecei a ter sensações inebriantes, meu coração acelerou e perdi-me no prazer, em êxtase.

Sua língua tentou penetrar-me, sondando meus pequenos lábios e penetrando-me, voltando ao meu clitóris e tocando-o em círculos intensos, fortes e deliciosos. Entrei em êxtase, enterrando de vez seu rosto com força contra o meu gozo.

— Oh — gozei em sua boca e o senti chupar-me com mais vontade, lambendo meus pequenos lábios para tomar todo o gozo de mim. Sua boca fazia barulhos que pareciam invadir o quarto e abaixei os olhos. Gozei na sua língua que me lambia de cima a baixo. Ele abriu os lábios, buscando abocanhar quase toda a minha intimidade sem sucesso e chupou-me com força, arrancando até a última gota de orgasmo que eu poderia sentir. O suor escorreu pelo meu corpo contra o lençol e meu corpo parecia sensível, minha intimidade latejava.

— Eu preciso de mais, Mônica — ele sussurrou com os olhos fechados contra a minha intimidade, como se estivesse sofrendo e confessando ao mesmo tempo. Franzi o cenho, sorrindo

maliciosa, fitando seus lábios molhados demais com o meu orgasmo, e ainda em êxtase ofegante, puxei-o pelos cabelos. Armando avançou nu contra o meu corpo, cobrindo-me, colando nossos narizes.

Meus mamilos intumescidos e sensíveis roçaram nos pelos do seu peito e segurei o seu rosto com as mãos.

— Por quê?

— Por quê? — ele repetiu sem compreender.

— Por que precisa? — Era sadismo fazer isso com ele, mas eu gostava quando via o atormentado em confessar. Era como uma menina contando ao padre da sua cidade que havia vendido a virgindade.

— Porque eu já estou aqui. — Ele fechou os olhos e compreendi o que isso significava. — Porque quando eu me julgar, eu poderei julgar-me por tudo o que eu quis.

— Sem pensar no que deixou de fazer. — murmurei e ele sorriu, roçando nossos narizes. — Não se martirize. Não somos santos, e o seu Deus provavelmente conhece o que Criou.

— Pare — ele pediu educado como toda vez e encarou-me com tanta devassidão que eu percebi que mesmo em meu segundo orgasmo, eu aguardaria para ter mais. Era isso o que esperávamos dessa noite, já estávamos pisando no fogo, porque não deixar-nos queimar também os corpos ao invés de apenas os pés? — Não quero falar disso agora. — Porque eu sabia que isso implicava em mais questões.

— Falemos de *nós*.

— De agora? — Sorri maliciosa. Seu pau, grosso e ereto, pressionava o meu ventre, necessitando de mais do meu corpo. — O que significa o agora para você? — Ele buscava encontrar algo nos meus olhos e os fechei, sorrindo ainda mais.

— Significa intimidade.

— Algo mais? — ele sussurrou.

— Assim eu ficarei constrangida. — Estava sendo irônica.

— Não deboche agora. — Ele pareceu imperativo e o encarei surpresa. Seu rosto estava sério demais, sedento e pecaminoso. Ele não queria esperar eu recuperar-me do orgasmo porque pensava em seu próprio orgasmo, porque não queria aguentá-lo. Roci os dedos pelo seu queixo, abrindo lentamente as pernas para acomodá-lo no meio delas. Seu pau pareceu empurrar-me e Armando suspirou, fechando os olhos.

— Poderia significar. — Abri os olhos, encarando-o. — envolvimento.

— E você quer estar envolvida?

— Não sou eu quem possui regras, Armando. — Tentei não ser indelicada e seu olhar permaneceu parado no meu.

— Você não respondeu. Somos dois adultos, podemos suportar as respostas.

— E compreendê-las, isso está ao nosso alcance? — perguntei direta.

— E por que não compreenderíamos? — Ele franziu o cenho, negando, afastando os cabelos do meu rosto, ainda com o nariz rente ao meu.

— Eu quero estar envolvida, assim como eu também vejo que quer. — respondi franca e ele perscrutou o meu rosto, ainda chocado.

— Então o que falou antes não era apenas o momento?

— Porque precisa analisar tudo o que acontece nesse momento? Por que não vivê-lo sem se questionar? — indaguei com um sorriso, porque eu não queria questionar, mas se ele o fizesse, eu também acabaria fazendo.

— Eu tento. — Percebi que lutava, andando com os olhos pelo meu rosto.

— Você quer, e também se julga ao mesmo tempo, por isso eu não quis responder.

— E nós voltamos ao mesmo assunto.

— Como se andássemos em círculos — sussurrei. — Vamos quebrá-lo, e então esqueça que é padre. Você é homem comigo, e apenas isso que eu quero lembrar agora. Faça isso.

— Fazer o que? — Ele fitou-me agoniado.

— Foda comigo como fez antes. — ordenei maliciosa e desci as unhas pelas suas costas. — Vamos ser dois cegos. — Roci os lábios nos de Armando. — E vamos tatear em busca do corpo um do outro.

— Ah, Mônica. — Ele suspirou contra o meu rosto e agarrou-me pelos cabelos, colando nossos lábios. Envolvi seu quadril com as pernas, aceitando o peso do seu corpo sobre o meu. Sua língua invadiu minha boca, envolvendo a minha, ditando que iria comandar o beijo, aprofundando-o cada vez mais, como se quisesse devorar-me. Seus lábios pressionaram os meus, sua língua revirou minha boca e arrastou a minha até a sua boca.

Saboreei o gosto da sua boca e ri contra os seus lábios.

— Você gostou do anal? — Eu estava curiosa para ouvir, porque foi delicioso ver o espanto em seu rosto quando transou daquele jeito.

— Não faça isso. — Ele riu de olhos fechados.

— Diga.

— É um inferno.

— De bom? — Eu havia entendido, mas queria prolongar.

— Perdoe-me. — Ele suspirou mais para si. — De bom. De gostoso.

— Continue.

Ele riu contra os meus lábios.

— É apertado. — Ele parecia sofrer de olhos fechados e suspirou as palavras. — É provocante e excitou-me penetrá-la daquele jeito, como se eu tivesse direito sobre o seu corpo, como se você desse algo a mais para mim. Eu me esqueci de qualquer decoro, de qualquer lucidez, eu apenas queria.

— E você irá querer novamente — afirmei. Ele arregalou os olhos, como se quisesse fingir-se de cego sobre isso, mas neguei devagar. — E eu também vou querer.

— Você gosta?

— Não subestime o prazer de uma mulher. Eu não transo com você para agradá-lo.

— Então você também me quer. — Ele arqueou as sobrancelhas. — Desse jeito.

— Como disse. — Sorri maliciosa. — Nunca disse que não queria. Você coloca palavras na minha boca.

— Porque você insinua você demonstra em atos. — Ele acusou-me e ri.

— Quando eu o deixei depois de chupá-lo?

— Você é maldosa.

— E você se masturbou. — Ele encarou-me.

— Você nunca se masturbou pensando em mim?

Ri surpresa com a pergunta.

— Você esperava que sim?

— Você não precisou — ele respondeu por mim antes que eu pudesse completar. —

Porque quando você me queria. — E deixou a frase morrer. Toquei seus lábios com os dedos.

— Você estava aqui. — Ele assentiu e semicerrei os olhos. — Você quer me ver?

— Ver você?

— Masturbando-me.

— Não — ele respondeu rápido demais e completou constrangido. — Eu preciso transar com você.

— Por quê? — Eu queria ouvir e Armando pareceu ter certeza do por quê. Ele levantou os olhos, agarrando-me pelos cabelos, enterrando os dedos até o meu couro cabeludo, mantendo nossos rostos colados.

— Porque como homem eu a quero, Mônica. Como homem, eu preciso de você esta noite, eu preciso acabar com os meus desejos de estar com o seu corpo e com você. Essa *intimidade*. — Ele franziu a testa. — Eu não a vejo como em outros momentos, aqui você não está brincando comigo, você está na nossa intimidade e mesmo que depois eu me condene, eu preciso cair nessa cama com você.

— E você gosta disso — murmurei, sentindo-me desarmada. Uma sensação estranha invadiu-me ao pensar nisso novamente, e lembrei-me novamente de Vincenzo murmurando o contrário sobre isso há anos. Encarei seus olhos mergulhados na Luxúria e me senti frágil, despida de tudo o que ele falou.

— Então mostre esse homem, Armando, porque é com você que eu quero transar. Pegue uma camisinha na gaveta ao lado e faça o que quer tanto.

E sem precisar de mais tempo, ele se esticou até o criado-mudo ao lado da cama e abriu a gaveta, revirando-a com pressa. Ele não queria pensar, ele queria apenas estar. E então voltou com o pacote na mão, rasgando-o e inclinado para cima, colocou a camisinha na ereção grossa, com as veias já saltadas de tanto ele se segurar.

Seus lábios pressionaram os meus, e sua língua invadiu novamente minha boca, deixando claro que ele não queria parar novamente. Armando empurrou sua ereção com força contra o meio das minhas pernas e gemi em prazer, ainda sensível. Agarrei seus cabelos, descendo com as unhas pela sua nuca e arranhei suas costas, puxando-o para mim.

O tesão se tornou avassalador e gemi, deixando sua boca escapar da minha. Joguei a cabeça para trás, dando para ele o que mais queria: o meu corpo e a posse que tanto lutava para não possuir.

Senti sua boca macia contra o meu pescoço, descendo em beijos molhados. Ele chupou a minha pele, esquecendo-se de qualquer aparência, e desceu ainda mais. Suas mãos acompanharam o movimento e agarraram minhas coxas erguidas.

Arfei quando senti os seus lábios abocanharem o meu mamilo e ele mamou em mim como se ansiasse para gozar assim.

— Oh. — Agarrei seus cabelos enquanto meu mamilo ardia, inchado dentro da sua boca. Ele o mordiscou, chupando-o de novo com muito desejo e o lambeu, cruzando o meio dos meus seios e chupando o meu outro seio, brincando com o meu mamilo inchado e vermelho com os dedos. — Morda. — Gemi e Armando gemeu contra ele, mordiscando-o, chupando-o, abocanhando até aaréola para então chupar devagar, deixando a pele escapar dos seus lábios.

Agarrei sua bunda macia com as mãos, apertando-a e ele empurrou o quadril para frente, roçando a glândula do seu pau contra os meus grandes lábios molhados.

Suspirei, voltando a beijar os seus lábios enquanto ele apertava os meus seios. Uma das suas mãos agarrou os meus cabelos e antes que eu o impedisse, Armando envolveu minha cintura com o braço e jogou-me para o lado, ainda embaixo dele, empurrando meus seios contra a cama. Perdi-me no gozo com a força que ele exerceu, demonstrando ser mais do que a batina escondia e abri as pernas, perdida em um prazer que me consumia.

Ele mordeu minha bunda, subindo com as mãos pelas minhas costas, enroscando os dedos em meus cabelos e puxou minha cabeça para trás. Sua língua deslizou pela minha bunda e ele a ergueu com a outra mão. Agarrei meus travesseiros, sentindo sua respiração contra a minha pele e então senti sua língua lambe meus grandes lábios por trás, subindo pela bunda até mordê-la devagar novamente.

Armando puxou com mais força os meus cabelos, arqueando-me as costas e empinei a bunda no mesmo momento em que seu pau roçou novamente em meus grandes lábios e sua mão agarrou o meu seio, cobrindo minhas costas com o seu peito.

— Oh — gemi ao sentir seu pau abrir meus grandes lábios com veemência, invadindo-me e penetrar-me com força, duro e bruto. — Oh. — gemi quando ele se enterrou profundamente em um único soco violento. Minha intimidade latejou com a invasão como se estivesse rasgando-se para comportar ele e joguei a cabeça para trás, ajoelhada na cama, com Armando colado em meu corpo por trás.

— Mônica — ele gemeu meu nome e mordeu o meu ombro, empurrando o quadril com mais força para frente, empurrando-me também. Fiquei encharcada ao senti-lo se acomodando dentro de mim e antes que conseguisse acostumar-me a tanta sensibilidade, ele o arrancou quase

todo de dentro e enterrou-se até o talo novamente, rosnando de prazer contra os meus cabelos. Seu peito suado colocou nas minhas costas novamente e sua mão que acariciou o meu mamilo, descendo para a minha barriga, espalmando-se sobre ela para manter-me ajoelhada e colada a ele.

E então senti seu pau sair novamente, roçar pelos meus grandes lábios como se memorizasse cada parte da minha intimidade e penetrar-me novamente em um soco. Gritei um gemido e Armando começou a ofegar, estocando com tesão demais para aguentar. Sua mão manteve-me rente a ele enquanto seu pau afundava no meu gozo, deixando-me molhada, e empurrando-me contra a sua mão, enquanto a outra mantinha minha cabeça para trás pelos cabelos. Ele ofegou, e seus gemidos se juntaram aos meus, preenchendo o quarto. Senti o seu pau entrar e sair de dentro de mim tão grosso e incansável que sentia que gozaria mais rápido que ele. Meu corpo arrepiou-se com a batida dos nossos corpos e a cada estocada ele aumentava a força, como se colar as bolas na minha pele quase não fosse o suficiente. Ele parecia querer se unir a mim, e arfei embevecida de prazer, um gozo que me fazia abrir ainda mais as pernas e empinar a bunda, deixando-o se aproveitar do momento.

Armando gemeu sofrido, estocando rápido e ofegante enquanto batia a virilha na minha bunda, o peito nas minhas costas e o rosto contra o meu ombro. O arrepio se tornou insuportável pelo meu corpo e perdi-me no êxtase, sentindo meu clitóris inundado e o espasmo subir pelo ventre. Entrei em orgasmo no seu pau e ele percebeu o quanto eu estava gozando.

—Ah. — Ele suspirou o gemido como se não acreditasse no momento e estocou, parando um momento dentro de mim inteiro, tentando segurar-se ao máximo e saiu por completo, voltando a enterrar-se até as bolas.

Cobri sua mão com a minha e em orgasmo, fechei os olhos, afundada no êxtase, vivendo nossos corpos e nosso pecado. Seu pau latejou dentro de mim e seu corpo estremeceu contra o meu, anunciando seu êxtase também. Rebolei devagar, fraca e sensível e Armando gemeu com os dentes juntos, puxando com mais força o meu cabelo. Senti os espasmos do seu pau dentro de mim e ele tentou afundar-se ainda mais, como se fosse possível, mantendo-se imóvel depois disso. Sua mão cedeu e ele largou meus cabelos, beijando o meu ombro devagar.

— Mônica. — Ele suspirou ofegante, puxando os meus cabelos para o lado e beijando a minha nuca. Virei ainda ajoelhada com ele e encarei seu rosto cansado de prazer. Tirei a camisinha e dei as costas, ciente de que ele observava-me com os receios que não falaríamos essa noite. Joguei a segunda camisinha no lixo do banheiro e parei na porta, ainda ofegante e cansada, vendo-o já acomodado em meus travesseiros.

— Vou me acostumar com você na minha cama.

— Você está zombando de mim. — Sua voz arrastada de prazer indicou o quanto ele sentiu. Deitei-me ao seu lado na cama e me estiquei até o abajur, desligando-o. Suas mãos puxaram-me. — Deite-se comigo. — Era a sua vez de pedir e me virei de lado, deixando-o abraçar meu corpo por trás, repousando a cabeça em meu ombro, beijando-o.

— Me acordará do mesmo jeito que antes? — Sorri, fechando os olhos, e entrelacei nossos dedos contra a minha barriga.

— Você quer?

Ri, sem responder e assenti devagar.

— Está tarde — ele murmurou.

— Você dormirá aqui, ou sairá na madrugada como fez na última vez?

— Dormirei. — Ele pareceu travar uma luta até responder e me aconcheguei mais contra o seu peito, ouvindo-o suspirar.

— E amanhã, pela manhã?

— Não posso ficar tanto tempo.

— Você mora sozinho. — argumentei ainda sorrindo e ele riu embaraçado.

— Eu tenho compromissos. Amanhã — ele hesitou.

— É domingo. Você tem compromissos com a Igreja de noite. De manhã e de tarde poderia ficar. — Eu não deveria continuar, mas continuei com o pedido.

Ele ficou em silêncio, como se estivesse refletindo sobre isso.

— Você quer.

— Você sabe que eu quero. — Ele admitiu.

— Eu o conheço bem — zombei.

— O que faremos, seu eu ficar? — Ele parecia receoso.

— Do que tem medo? — E respondi por ele. — Você tem medo de não conseguir ir embora depois.

— Não daqui, mas do momento.

— Não pensaremos sobre isso — sussurrei. — Fique e amanhã você acordará ao meu lado.

— Armando não respondeu, permanecendo mudo e suspirei cansada e com sono. — Posso confessar algo que acredito?

— No que você acredita?

— Acredito que mesmo que consiga ir embora amanhã, jamais irá embora desse momento.

— Por que diz isso? — Ele parecia atormentado.

— Porque foi como queria.

— Você é direta. — Ele riu constrangido.

— Ficaré?

Senti-o assentir contra o meu ombro e suspirar.

— Eu já estou aqui — ele sussurrou. — Não tenho as respostas dos motivos e pecados por eu estar aqui, mas mesmo em casa eu não as encontrarei — ele sussurrou ainda mais baixo. — Aqui eu estou com você, enquanto que em casa eu ficarei apenas com os meus tormentos.

E eu sabia que aqui poderíamos nos esquecer nos corpos e no que estávamos nos tornando e vivendo.



XIX – Raízes no inferno



A religião prestou ao amor um grande serviço, fazendo dele um pecado.

Anatole France.



O remorso é um dos sentimentos mais inquietantes e torturantes que um ser humano poderia sentir. Ele é uma dor que lateja ao lembrar o erro, ao lembrar o que não deveria ter feito, mas fez. E eu, caído sobre a cama de Mônica, deveria estar nesse estado de remorso profundo, mas para o meu próprio desespero e abandono, não o sentia.

O que eu sentia era como se após ter estado no fogo do inferno, eu respirava a dor, sentindo-a no corpo pela noite em claro, regozijando-me por senti-la. Seria eu tão pecador por gostar da sensação que o fogo poderia proporcionar? Sim, eu seria, e condenei-me diante disso ao abrir os olhos, pela manhã, abraçado em Mônica. Eu a mantive dentro dos meus braços, com suas costas coladas e meu peito e a sua bunda acariciando minha ereção matinal. Condenei-me porque tinha ciência da plenitude e excitação que tê-la assim me causava. Era como se agora eu já não mais quisesse o céu, mas mais noites no inferno com Mônica.

Como poderia ver-me de batina à noite? Como eu poderia proferir as palavras de Deus, ignorando-o nesse momento, buscando tanto o pecado carnal que de padre não havia resquício nenhum nessa cama?

Porque durante todas as horas em que estive com Mônica, não houve arrependimento, e isso era o pior pecado de todos. Naquele jardim eu a tive na minha boca, e ansiei por mais. Na cama, eu a tive de uma forma que, em silêncio pela manhã, ouvindo-a dormir, eu percebia o quão mundano era, e ao mesmo tempo, o quão tentador tornou-se para fazer-me desejar novamente.

Ela ofereceu a maçã e eu comi até o seu caule, ansiando para devorar novamente. E assim eu fizera na mesma noite, tendo-a de todas as formas até nossos corpos cansarem, mas minha mente havia estado acordada desde então. E eu precisava encarar o que havia feito: as escolhas que o diabo talvez houvesse decidido por mim quando levou Mônica até minha porta.

Eu já estava caído, e diante da noite que tivera, acabei por admitir a mim mesmo que se Mônica oferecesse outra igual, eu aceitaria. Diante da minha própria confissão, entrei em desespero, pois sabia que desse caminho, eu precisaria abandonar minha batina e devoção. Eu abriria mão da minha escolha pura e vocação ao entrar nos braços de Mônica.

Fechei os olhos, ciente de que essas ideias haviam surgido da expectativa de que houvesse outro pedido, uma continuidade de tudo o que ela poderia sentir, se é que sentisse algo. Assim como eu também estava ciente de que não era uma decisão de livre e espontânea vontade, muito pelo contrário. Eu havia sido obrigado a tomar essa decisão ao notar que já não havia como segurar-me diante da tentação que era Mônica.

No início, era carnal. O carnal se transformou em sentimento, e o pecado transformou-se na danação eterna. Eu temia diante do incerto, do errado e duvidoso que eu estava seguindo, mas voltar já não poderia mais e hoje talvez eu devesse rezar a missa, a qual poderia ser minha última missa.

Sofri com a ideia, e sofri ao pensar que era o certo a se fazer diante do pecado. Talvez assim, houvesse um dia perdão por eu esconder-me nas sombras.

Mônica mexeu-se dentro dos meus braços, despertando-me dos pensamentos e encarei seu rosto calmo, ainda adormecido.

Mas se tudo não passava de uma aventura para ela? O que então me tornaria senão um padre afogado no pecado, sem outro rumo senão buscar elevar-se novamente, ansiando por continuar sua vocação e devoção? Ela estava certa e eu deveria não pensar agora, pois agora, não havia luz diante do tormento, e eu já havia decidido que prolongaria o pecado para mais um dia.

— Está acordado? — Ela abriu os olhos, virando-se dentro dos meus braços.

— Você também. — Tentei cortar o que provavelmente seria uma pergunta.

— Você está se julgando. — Ela perscrutou meu rosto e neguei devagar, afundando a cabeça em seu travesseiro. Eu estava e já não poderia parar. — Se arrepende?

— Você está mesmo preocupada com meus remorsos?

— Na verdade estou preocupada que fuja da cama como se eu fosse o diabo.

Ri diante da comparação que eu tanto fazia e ouvi seu riso inundar meus ouvidos. Era quase angelical, se não houvesse malícia.

— Ainda estou aqui.

— E não fugirá. — Ela afirmou, confirmando o que eu já sabia.

Encarei-a em silêncio, buscando algum sinal que mostrasse o quão feliz ela poderia estar, e em seu sorriso imóvel, percebi que ela escondia o que buscava, como todas as outras vezes.

— O que essa noite significou, Mônica? — Eu precisava de respostas. Eu precisava de certezas.

— Me diga você. — Ela parecia brincar comigo e calei-me diante disso. Neguei, tentando manter o pedido. — Significa que talvez não sejamos uma aventura, Armando. Somos adultos, sabemos o que queremos.

— Eu não sei o que você quer.

— E eu não sei o que você escolheria se eu pedisse. — Ela respondeu tão franca que me desconcertou. Fitei-a perplexo.

— E o que você poderia pedir que eu não atendesse? — Murmurei embaraçado. — Estou na sua cama.

— Se condenando nela.

— Mas permaneço nela. — Interrompi-a, franzindo o cenho. Ela fechou os olhos, como se pela primeira vez estivesse tão embaraçada quanto eu, e sorriu.

— Eu não poderia pedir.

— Por quê? Por que não está tão envolvida tanto quanto eu? — E diante das palavras, seu sorriso desvaneceu.

— Porque depois você poderia arrepender-se, e eu o teria feito escolher um caminho sem volta.

— E por que eu iria me arrepender? — As dúvidas me chicotearam e ela abriu os olhos, fitando-me tão direta que me senti ainda mais nu, se isso era possível. O verde pareceu engolir-me.

— Porque você acredita na sua vocação, você escolheu esse caminho há mais dez anos.

— E mesmo assim, pequei e continuo pecando — respondi atormentado pela clareza das suas palavras, e eu sabia que eram verdadeiras.

— E se atormentando por isso. Como posso pedir que abandone um caminho certo para você por algo que talvez, no futuro, você perceba que não era como imaginava? — ela perguntou tão calma que percebi que escondia algo mais.

—Você tem medo que eu a culpe? — E pela sua expressão de surpresa, compreendi a resposta. Ela sorriu, ocultando os olhos maliciosos.

— Você me culparia de qualquer jeito.

— Não.

— Sim. — Ela me contradisse direta.

— Por que diz isso?

— É da natureza humana — ela respondeu com um sorriso que deixava claro o quanto não acreditava na bondade.

— Eu não a culpo, Mônica. — E era verdade. Ela poderia ser a serpente, mas quem comeu a maçã havia sido eu. Que direito eu teria de condená-la? — Você não me obrigou a nada e — hesitei ciente de como aquilo parecia chicotadas ao ouvir em voz alta os meus tormentos. — Eu estou aqui porque eu quero. Eu pequei porque eu quis. — Para um pecador, admitir a culpa, às vezes, é o maior castigo de todos. Não são os temerosos que dizem que o purgatório é pior que o inferno?

Senti suas mãos me puxarem, buscando meu corpo e ela subiu sobre ele, envolvendo meu quadril com as pernas e deixando seu Paraíso carnal esquentar meu pau entre nós. Fechei os olhos, ansiando tanto por sua carne que já não pensava mais. Eu não queria pensar, eu não queria lembrar Deus ou o diabo, pois ao lembrar, lembrava-me de mim, e no momento, eu queria acreditar que Mônica era um anjo. Tão irônico e pecador ao mesmo tempo, que ri diante disso.

— Do que está rindo?

— De como estamos — confessei a quão embaraçada e prazerosa era a minha situação. Porque era isso o que eu sentia, em meio da tragédia, havia a comédia. Uma divina comédia.

— E não gostaria de estar assim? — Seus olhos me acusaram e suas unhas roçaram meu peito, subindo até o meu pescoço, envolvendo o meu rosto. — Seja franco.

Olhei ao redor, embaraçado por admitir tanto em apenas uma noite com ela.

— Gostaria tanto, que tenho medo ao ir embora. — Ela sorriu diante disso, curvando-se contra meu peito.

— E porque teria medo? — Mônica franziu a testa.

— Porque talvez seja isso. Por mais que nós dois dissemos que seria mais, talvez quando você estiver sozinha, notará que é arriscado demais.

— Isso é o que você acredita que eu penso — ela pausou de propósito, cravando as unhas em meu peito como se fossem pregos. — Ou é o que pensa? — E não havia dúvidas que não estava perguntando, mas afirmando com franqueza.

Eu poderia buscar abrigo em palavras que fugissem da resposta, eu queria fugir da resposta que queria saltar da minha boca e ansiei que Deus, em sua bondade, roubasse minha voz. Mas foi o diabo, talvez, que me forçou a dizer.

— Eu aceitei o risco quando me ajoelhei no meio das suas pernas e decidi que já não aguentaria mais. — Busquei conforto no seu rosto direto e agarrei suas mãos no meu peito. — Naquela briga, quando você deixou claro que me queria, percebi que eu a afastei.

— Como percebeu isso? — ela murmurou gostando do rumo da conversa.

— Quando a vi com Vincenzo. Eu sofri mais quando. — Fechei os olhos. — Não pequei, porque agora, olhando para o meu sofrimento, percebo que eu havia gostado de pecar.

— Se tornou um vício.

— Sou humano, também tenho vícios e falhas. — Fraquejei diante da ideia, agoniado ao confirmá-la. — E também sou tão carnal que eu a queria para mim.

— Como foi essa noite? — Ela arqueou as sobrancelhas e sorri constrangido, assentindo. — Você gostaria de repeti-la?

E os meus temores de quando despertei, retornaram ao pensar nas palavras. Eu ansiava por outra noite, mas ao ouvir sua pergunta, temi. Franzi o cenho, perscrutando seu rosto, em busca e adivinhar a resposta que ela esperava, porque eu não conseguiria responder antes de perguntar.

Eram dúvidas demais, e por mais que eu quisesse o que restaria de mim nos dias, além da agonia da dúvida sobre o que decidir? A queda, ou a elevação?

Acaricieei suas mãos, buscando suas coxas contra o meu corpo e Mônica interrompeu meu movimento, segurando-me pelos pulsos.

— Não quero que me distraia, Armando. — Ela me desafiou, com uma força nos olhos que me desconcertou, e inclinou a cabeça. — Você está disposto a continuar?

E diante da sua pergunta, decidi que eu também poderia cobrar respostas, porque Mônica

continuava afundar-me em dúvidas, e como eu poderia responder algo que eu também desconhecia? Não podia fazer milagres, porque a santidade estava tão distante quanto a batina.

— E o que seremos se continuarmos?

— O que quer dizer com isso? — ela perguntou maliciosa.

— O que você quer que sejamos? Uma mulher e um padre, buscando as sombras para que ninguém nos veja, ou está disposta a pedir?

— Diga o que eu poderia pedir — ela me cortou. — Diga o que você me daria.

— Que eu largasse a batina. — Enfim as palavras saíram da minha boca e as senti como correntes arrancando minha lucidez. Era uma loucura, era o maior de todos os pecados, e eu poderia estar disposto a largar a batina por Mônica. Não apenas por ela, mas pelas dúvidas que se tornavam sufocantes demais para continuar como se eu ainda fosse um padre honesto e puro. Eu era decadente e talvez se continuasse assim, o pecado seria ainda maior.

— E então retornamos ao mesmo assunto. — Ela se tornou irônica. — Você ama a batina, Armando, enquanto aqui há paixão. Estamos nos conhecendo, e eu gostaria de pedir isso a você, mas não tenho o direito de pedir algo que, depois, caso a paixão acabe antes que possamos amar, você sinta falta. Nós dois sabemos que se largar a batina, e o que há entre nós acabar, o que restará de você?

Ela disse o que estava explícito entre nós e que eu não tinha coragem de enxergar. Por fim, Mônica havia deixado de ser cega, ou havia fingido o tempo todo. Mas mesmo diante das suas palavras, havia um tormento tão grande dentro de mim, uma ânsia por atirar-me ao fogo e ao abismo, que não controlei, esquecendo o pudor, do embaraçamento e do que isso poderia soar.

—Você não pode dar-me garantias porque não é perfeita, não é um anjo, por mais que eu a pinte assim. — Assumi a verdade, sentindo meu coração acelerado demais e notei que Mônica, espalmando as mãos no meu peito, também sentiu. — Como você disse, somos adultos, conhecemos os riscos e as perdas, conhecemos o que cada um poderá encontrar no outro e que talvez a paixão seja só paixão. — Franzi o cenho, vendo a compreensão em seus olhos, e pela primeira vez, vi medo. E esse medo motivou-me a continuar, como se vê-la assim deu-me coragem para atizar o diabo com seu próprio tridente. — Mas eu já estou no pecado, e não encontro um caminho decente para voltar ao celibato, não quando desejo tanto estar com você, e depois dessa noite, eu me encontro perdido.

— Você jamais poderá se encontrar em mim, Armando — ela me interrompeu dura. — Não podemos nos buscar em outras pessoas, principalmente quando eu não acredito no que você

acredita.

— Não estou me buscando em você.

— Então está fazendo o que? — ela perguntou curta e abri a boca, desconcertado. Olhei ao redor, vendo feixes da luz da manhã entrando pela cortina fechada e voltei a encará-la, perscrutando seu rosto.

— Estou apaixonado por você de uma forma que, talvez seja errado eu continuar com a batina. Mesmo que não dure, que acabe, nesse momento, estou com tantas dúvidas é um pecado ainda maior insistir sem certezas.

— Está disposto a fazer isso? — Era medo na sua voz.

— Estou disposto se você aceitar. — Eu tinha tantos medos, tantas dúvidas, mas eu precisava escolher uma forma de blasfemar e ser menos profano. Talvez assim eu encontrasse um perdão nas sombras.

Ela tentou escapar do meu olhar como eu fizera diversas vezes.

— Mônica — chamei-a — Não está disposta?

E ela riu diante disso, jogando a cabeça para trás, rindo da minha tragédia.

— Ah, Armando — ela suspirou e a fraqueza na sua voz arrepiou meu corpo. Arregalei os olhos diante da incerteza da voz dela, e então vi seus olhos temerosos, que ao franzir o cenho, deixou explícito os receios. — Eu quero.

— Mas?

— Mas não pedirei. — Ela fechou os olhos e percebi que havia algo, algo que escondia de mim.

— Há algo que queira me contar? — perguntei direto e ela riu.

— Daremos tempo ao tempo, o que acha? — ela me cortou, não respondendo a minha pergunta e então, como se o diabo risse de mim, criou-se mais tormentos dentro de mim. O que a faria recusar?

— E como isso funcionaria?

— Eu admito — ela sussurrou honesta. — Quero estar com você, quero mais noites e dias com você, mas sentirei muita pressão se você largar a batina agora. Se o que há entre nós se tornar mais certo do que agora.

— Você me pedirá? — interrompi-a e ela assentiu devagar. — E como espera que eu

consiga continuar?

— Como fez essa noite. — Ela sorriu. — Como homem, se esquecendo da batina.

— E me atormentando?

— Você se atormentaria de qualquer forma. Com ou sem ela. De certa forma. — Era a pura malícia enveredando-se em sua voz, afastando a fragilidade que eu havia visto antes. — Você ama o seu sofrimento.

— Por que diz isso?

— Porque posso — ela disse debochada. — Porque gosto de vê-lo assim.

— Não diga isso — supliquei.

— Mas é a verdade. — Ela levantou-se e saiu da cama, arrastando meus olhos até sua bunda nua e percebi que era verdade, porque mesmo condenando-me, eu desejei enterrar-me novamente no meio dela. Ela não havia me dado certezas, mas mesmo assim, eu ficaria, porque fugir não mudaria as dúvidas, apenas aumentaria os tormentos em silêncio e sozinho. — Assim como eu também sei que você se juntará a mim no banho — ela sussurrou maliciosa, com os olhos cravados na minha ereção. — Porque agora irá imaginar como é gozar na minha boca.

E antes que eu controlasse, ela castigou minha imaginação, desaparecendo porta adentro do banheiro e deixando-me com o desejo pecaminoso de satisfazer meus sonhos mais impuros.

Implorei que a minha consciência abandonasse-me e fugi da cama, porque eu queria, eu ansiava para continuar no pecado, pois já estava tão queimado que mais fogo não poderia causar mais dor. E fui atendido, apenas pensando no desejo, cego em pecado com as palavras e imaginação. Eu não queria pensar na condenação, colocando minhas dúvidas distantes dos meus pensamentos ao cruzar a porta do banheiro.

E dessa vez, não havia Deus ou diabo, apenas Mônica.



XX – A entrega



Esses padres conhecem mais pecados do que a gente.

Mario Quintana.



O sexo não é apenas um instinto primitivo e humano. Deus não poderia tê-lo criado apenas para a procriação, pois diante do mandamento: amai-vos uns aos outros, o sexo poderia representar um afeto que mesmo sem o desejo de procriar, fazia-se necessário para relações humanas. Assim, seria tão decante o desejo carnal, se o mesmo fosse criado por Ele, e não pelo diabo? Queria eu encontrar a distinção entre desejo carnal e luxúria, para então ousar implorar a Deus que fosse o criador de um deles, e assim, diminuir minha decadência. Mas em dúvida e atormentado estava, pois mesmo diante dessa súplica, sabia que não havia diferença. Eu era um padre, e ansiava por deixar Mônica chupar-me de um jeito tão luxurioso que o diabo viria buscar minha alma antes que eu conseguisse gozar, tamanho era o desejo para estar nos lábios de Mônica.

E nesse completo desejo que me guiava acorrentado, entrei no banheiro, descobrindo nos olhos verdes de Mônica, com os braços estendidos para mim como uma santa prestes a me salvar, o que me arrancaria da hesitação, porque eu vi luxúria em seus olhos, luxúria explícita ao fixar o meu corpo, o quão me desejava e de certa forma, o quanto também estava envolvida. E dos meus pecados, ser correspondido foi o maior deles, pois isso me conduziu aos seus braços, passando pelo boxe de vidro do chuveiro. Ser correspondido incendiou em mim uma chama vinda do inferno ao descobrir o quanto eu havia ansiado por isso: ser desejado da mesma maneira como desejava chupá-la e tê-la em minha boca.

— Você não irá embora, não é?

— Você esperava que eu fosse — confirmei sua frase irônica, fechando o boxe atrás de nós e virei-me a ela, envolvendo sua cintura com as mãos, mantendo-a perto de mim. — O que você faria se eu tivesse ido?

Ela riu, dando as costas, roçando seu corpo no meu, e ligou o chuveiro. O som da água aquecida inundou o silêncio do banheiro e como se Deus dissesse a mim: olhe, olhe a minha criação, eu fitei as gotas de água caírem nas costas nuas de Mônica, ainda de costas para mim, embaixo do chuveiro. Seu cabelo negro, puxado para frente, se tornou molhado, e a água escorreu pelos seus ombros nus, deslizando pelas costas e contornando a bunda.

Quanta blasfêmia ao pensar que poderia ter sido Deus, mas no auge do meu desejo, eu implorava que fosse.

— Não irá responder? — indaguei e ela virou a cabeça sobre o ombro, deixando o rosto molhado visível aos meus olhos.

— Eu esperaria, Armando.

— Você suspeita que eu voltaria.

— Ah, você voltaria. — Ela riu maliciosa. — Você voltaria porque seu celibato já está quebrado — ela hesitou e tão diabólica sorriu. — Padre.

— Pare. — Fechei os olhos diante disso. — Você mesma insistiu que déssemos tempo a tempo sobre isso, eu estava disposto.

— Desculpe. — E sua voz fez-me abrir os olhos, surpreso com seu pedido. — Apenas gosto de ver o desespero que antecede o quanto você me quer.

Perscrutei seu rosto, embaraçado, negando devagar, e avancei para debaixo da água, deixando-a cair sobre mim, e molhei-me com Mônica, mantendo seu rosto em minhas mãos.

— Então assumo de uma vez que também me quer desse jeito. — Era o pecado implorando. — Assumo que também está se apaixonando.

— Que diferença isso faria?

— Toda.

— Por quê?

— Porque então esse momento não seria em vão — sussurrei.

— Tudo é em vão diante do fato de que tudo tem um fim, Armando.

— Mas não dessa forma, você está sendo descrente, não estou pedindo sua fé.

— Você é um padre, deveria desejar minha fé. — Ela sorriu satisfeita, colando o mamilo rijo dos seios no meu peito, roçando-os de propósito.

— Mas eu desejo seu afeto, seu corpo e você. — Eu estava tão envolvido, que começara a gostar da dor das chicotadas que as palavras estranhas, ditas por mim, faziam. E como se então eu fosse jogado no fogo, Mônica colocou as mãos sobre as minhas e conduzido pelo seu toque, fui levado até os seus seios. Seus mamilos molhados roçaram as palmas das minhas mãos e encarei-os deliciado. Ele gemeu, fechando os olhos diante do toque que arrepiou o seu corpo, e meu pau latejou como se eu estivesse em celibato por muito tempo, quando na verdade eu havia transado a noite inteira com ela.

— Chupe-os, Armando. Eu quero de você o que pode me dar, e nesse momento, quero sua boca — ela pediu tão devassa, criando uma fera dentro de mim impossível de domar, e envolvi seu quadril com o braço, empurrando-a com veemência contra a parede do banheiro, ignorando o susto que levou. Ela havia pedido, e nesse momento, queria sentir-me um homem por completo. Mônica arqueou as costas, com os olhos fixos meus, e agarrou seus seios, juntando-os para mim. Curvei-me diante deles e abocanhei seu mamilo molhado e intumescido, deslizando a língua ao redor dele, brincando com ele dentro da minha boca. Sua mão enterrou-se nos meus cabelos molhados e chupei com força, arrancando suspiros profundos de Mônica. E então vaguei para o outro, sugando-o com tanto desejo que meu corpo arrepiou-se com o toque de Mônica no meu pau, tocando-o com força, puxando o prepúcio e roçando os dedos na minha glande.

— Mônica — gemi seu nome e ela empurrou-me para trás. Encostei-me à parede, surpreso com seu avanço e compreendi pelo seu olhar de luxúria que eu iria gozar da forma como desejava: na sua boca. Ela ajoelhou-se em silêncio, apenas com observando o desespero nos meus olhos, a necessidade explícita e a ereção ansiosa na frente dela. — Você quer? — Sussurrei tão ansioso que me senti embaraçado diante disso, e ouvi sua risada.

— Você já imaginou isso, não imaginou?

— Por que quer saber? — Eu havia me entregado.

— Porque vejo pelo seu desespero o quanto anseia por isso.

Suspirei, encostando a nuca na parede e assenti devagar, fechando os olhos. Ter sua boca em meu pau, desde que aquela vez que eu me masturbei, foi uma imagem que me assombrou tanto, que agora, prestes a realizá-la por completo, era o Paraíso.

Senti seus lábios roçarem na glande e abaixei os olhos. Ela abocanhou minha ereção,

tentando colocá-la inteira na boca, e agarrou minhas bolas com a outra mão. Gemi, cerrando os dentes em um tesão pecaminoso demais para pronunciar, e ela o chupou, deslizando a boca até a glândula e voltando a chupá-lo por sua extensão.

— Oh, Mônica. — Agarrei seus cabelos, incentivando-a a chupar-me com força, e sua língua deslizou pelo meu pau, saboreando-o. Senti o céu da sua boca contra a minha glândula, empurrando-a com força, voltando a chupá-la devagar como se quisesse tomar meu gozo.

E diante dessa ideia, fraquejei ainda mais.

— Me deixe gozar em sua boca. — Eu sabia que ela iria deixar, mas eu precisava firmar meu desejo. Senti sua língua novamente, a sucção deliciosa de ser chupado por Mônica e voltei a fitá-la, luxurioso demais ao ver minha ereção na sua boca.

E então seus olhos se encontraram com os meus, mantendo-me preso como correntes. Ela iniciou chupadas ritmadas, em um vai-e-vem com a mão acompanhando a boca, mantendo uma carícia leve nas minhas bolas. Uma habilidade arrebatadora de levar-me ao inferno. O tesão se expandiu pelo meu pau, tornando-o ainda mais duro dentro da sua boca e ofeguei agoniado com o prazer que subia pelo meu ventre e arrepiava o meu corpo.

Envolvi seus cabelos molhados com as duas mãos em um rabo-de-cavalo, mantendo-os erguidos, deixando-a me chupar com desejo, acompanhando o movimento, e então ela afastou os lábios, sorrindo. Sua mão puxou a glândula, deixando-me vulnerável e sensível e sua língua enroscou-se nela.

— Oh. — Fechei os olhos, extasiado, mergulhado na sensação inebriante do toque da sua língua pela glândula, explorando-a devagar, seguindo a curva das minhas veias até a volta da glândula, voltando a lambar meu pau por inteiro. — Chupe-me — implorei e ela obedeceu com desejo, e a ideia de saber que ela queria e estava gostando de chupar-me, fez-me abrir os olhos, para não perder nenhum momento.

E então percebi que a visão da queda, vista de outro ângulo, pode ser bela. Mônica mostrou-me que o inferno poderia ser melhor que o Paraíso.

Gemi ofegante, deixando-a chupar-me por completo, sentindo cada parte da sua boca em contato com o meu pau, e então meu corpo estremeceu com o gozo intenso. Fechei os olhos, apertando-os para controlar o orgasmo, mas a ideia era tentadora demais.

Perscrutei seu rosto atento, seus lábios envoltos do meu pau, e gozei em sua boca no mesmo momento em que ela sorriu, encarando-me como um anjo do pecado. Senti minha glândula contra o céu da sua boca, sua língua puxando minha goza para si e ofeguei em gemidos baixos,

puxando com força os seus cabelos. Ela chupou meu orgasmo, tomando de mim o meu prazer e a minha sanidade ao pensar que era em sua boca que eu estava gozando, um pecado que jamais me arrependeria.

Ela sorriu ainda mais, enquanto ofegante, tentava acalmar-me, e segurando-o com a mão, ela lambeu os resquícios do meu gozo, levantando-se. Agarrei seu rosto e a beijei profundamente, envolvido por ela, levando-a para debaixo do chuveiro. Ela virou-se de costas, deixando-me beijar o seu ombro devagar, mordiscando sua pele, e ri ao sentir meu pau contra sua bunda.

— O que será de mim — sussurrei contra o seu ombro, beijando-o embaixo da água e abracei seu corpo.

— Talvez Deus veja que não há maldade.

— Você não acredita nisso.

— Eu acredito no sexo.

— E no que mais? — perguntei, fitando seu rosto já frente a frente.

— Acredito que não é apenas sexo mais. — Ela sorriu, espalmando as mãos no meu peito, fitando-o. — E que se tivermos mais dias assim, talvez possamos dar um passo.

— Nós já demos apenas você que não aceita. — E ela sorriu sem graça, tão vulnerável que me parecia estranha ao mesmo tempo.

— Não faça me sentir tão pressionada. — Era um pedido e assenti devagar.

— Eu entendo você, mas entenda o quão sofrido também é.

— Você sabia disso desde o início, sabia do sofrimento e mesmo assim, decidiu aceitar.

Fiquei em silêncio, buscando uma resposta, mas Mônica não esperou, e colocou o sabonete em minhas mãos, pedindo que eu a tocasse.

E de todos os momentos do dia, tê-la sob minhas mãos, tocá-la e mantê-la debaixo da água, foi algo que jamais eu poderia esquecer. Ela prolongou nosso banho até que não pudéssemos mais ficar embaixo da água e a vi buscar uma camisola no guarda-roupa.

O tecido fino e leve cobriu seus mamilos rijos, marcando-os, deixando suas coxas expostas. Sentei na cama, rindo constrangido com o pensamento, e Mônica, parada no meio do quarto, encarou-me surpresa.

— Por que ri?

— Porque passarei o dia aqui com você assim, e quando eu precisar ir, não irei querer deixá-la — confessei sentado nu na beirada da cama. Ela caminhou até encostar nossas pernas e sorriu.

— Eu irei assistir sua missa. — Ela era a pura malícia.

— Não. — A visão da mulher que me levou ao pecado, dentro da Igreja, assistindo a minha missa, seria uma profanação.

— Por quê?

Franzi o cenho, negando, e levantei-me, buscando a cueca perdida em algum lugar.

— Porque eu não conseguiria. — Busquei fugir dos seus olhos e vesti a cueca, procurando a calça.

— Não conseguiria ou não quer? — A pergunta foi tão direta que parei, encarando-a sobre o ombro.

— Porque eu não conseguiria. Seria constrangedor demais para mim, e também me sentiria mal. Como eu poderia rezar uma missa com a mulher pela qual estou apaixonado e com quem passei o dia transando, está sentada em um dos bancos, vendo-me de batina e fingindo um celibato?

— E como disse, isso pode ser um fetiche.

— Não faça isso. — Fechei os olhos.

— Você admitiu novamente.

Franzi o cenho sem entender, e ela cruzou os braços, rindo.

— Que está apaixonado. É tão estranho para você?

Ignorei-a, vestindo a calça e senti suas mãos nas minhas costas.

— Não estou sendo irônica com você — ela tentou continuar.

— Mas está me deixando constrangido pelo fato de que sou o único aqui que se sente assim. — Admiti o que eu buscava saber no banheiro, e a observei ficar surpresa, abrir a boca e hesitar em responder. Avancei, tentando incentivá-la, e segurei seu rosto. — Se você não vê importância.

— Eu vejo importância.

— Então por que me deixar na dúvida?

— Porque eu gosto de vê-lo assim.

— Mas eu soffro — sussurrei, mas ela ignorou-me, e me puxando pelas mãos, tirou-me do quarto. — Onde está me levando?

— Vamos comer. — Ela riu. — Você vive de sexo agora, mas eu preciso de comida.

Ri diante disso, percebendo o quanto eu havia me tornado íntimo dela, e desci as escadas de mãos dadas. Ela sorriu, parecendo uma Mônica que nunca havia visto: vulnerável demais, tranquila demais, sem nenhuma malícia ou objetivo de ferir-me.

— É meu convidado, o que gostaria de comer?

— O que você teria em casa?

Ela riu, puxando-me pelo corredor, e adentrei na cozinha com mobílias brancas e uma grande bancada de mármore claro no centro. Mônica passou por trás dele, abrindo a geladeira, e apoiei os braços na bancada.

— Não paro muito em casa, quase sempre almoço e janto no hospital, mas. — Ela riu, curvando-se para frente, deixando a camisola subir pelas coxas expostas e crucificado com a luxúria eu aceitei a visão. — Mas tenho alguma comida congelada.

— Você vive de comidas congeladas?

Ela riu, tirando da geladeira uma caixa de pizza congelada e a colocou sobre a bancada, parada do outro lado.

— Não tenho muito tempo, você costuma cozinhar?

— Minha mãe me ensinou — contei, lembrando de quando, na adolescência, minha mãe dizia como preparar comidas, para quando eu morasse sozinho. Ela não queria que eu sobrevivesse de comidas congeladas e sendo uma boa italiana, ela gostava das massas. E ao falar de mãe, senti-me constrangido ao pensar na mãe de Mônica, Cecília.

Seria tão errado eu estar apaixonado por sua filha, mesmo quando diante da tentação da própria mãe, ao tocá-la, eu recuei? Se estivesse com Deus, eu imploraria que ambos perdoassem-me, mas Mônica não demonstrou a sensibilidade que eu senti.

— E você costuma cozinhar o que? — Observei-a colocar a pizza dentro do micro-ondas.

— Pratos simples, nada tão sofisticado. Sou uma pessoa comum.

Ela riu, olhando-me irônica.

— Às vezes, o comum é o melhor.

— O que está insinuando com isso? — Sorri embaraçado e Mônica contornou o balcão, parando no meio das minhas pernas.

— Eu não acho você comum, Armando — ela murmurou com um sorriso enigmático e tomou impulso, sentando-se no balcão. Abri as suas pernas, acariciando as suas coxas expostas para o meu toque e perdi-me na sensação. Fitei sua pele, mergulhado no momento. — Conte-me sobre algo de que fiquei curiosa.

— Sobre o que?

— Disse outro dia que namorou.

— E o que isso tem a ver com nós?

— Estou curiosa por você ter namorado antes de ter torna-se padre. — Ela sorriu.

— Eu deveria entender isso como um interesse?

— Se prefere colocar assim. — Ela riu, envolvendo meus ombros com os braços. — Estou interessada em saber sobre você.

Refleti sua pergunta, ciente de que seus olhos diretos não perdiam nenhuma expressão minha, e recordei-me da minha antiga namorada. E dos motivos pelo qual buscava não recordar, há mais de dez anos, assim como eram também os motivos pela insistência da minha mãe em sempre perguntar se eu fizera a escolha certa.

— Foi apenas um namoro — murmurei e ela notou meu olhar fugir do seu.

— E por que acabaram? Escolheu o seminário depois disso?

— Não. — Peguei suas mãos. — Eu pensara no seminário desde jovem, antes de conhecê-la, e então abandonei a ideia para ficar com ela.

— E?

Ri constrangido, buscando algum refúgio, tentando encontrar uma forma de escapar das suas perguntas, mas Mônica escapou do meu toque e levantou o meu rosto, encarando-me.

— Você está escondendo algo, não está?

— Também noto que você esconde. — enfim confessei as suspeitas que senti durante a noite, ciente de que também cortara a assunto para não explicar os reais motivos da minha escolha, além de ter um desejo de servir a Deus. Um desejo que estava escondido por dúvidas e pecados.

— O que você quer saber? — ela perguntou e percebi que buscava liquidar com as minhas

suspeitas.

— Por que escolheu a medicina, se é tão descrente? Alguma vez acreditou em algo?

Ela sorriu sincera, acariciando meu peito nu.

— Escolhi a medicina porque busco salvar as pessoas, Armando, busco salvá-las da tragédia e fatalidade que é a vida. Nosso corpo é muito frágil, em qualquer batida ou doença, podemos morrer. — Ela sorriu, hesitando e assenti devagar, percebendo que havia uma nítida diferença na forma como encarávamos essas fatalidades.

— E por isso não acredita em Deus? Não deveria ser o contrário, confiar em suas escolhas como nosso Criador? — E Mônica riu de mim, negando.

— Não confio em forças superiores. Acredito que possamos nos salvar com a própria medicina.

— Mas medicina não faz milagres.

— Seu Deus já fez algum? — ela perguntou direta e relembrei novamente do passado que há tanto tempo havia ocultado da minha mente.

— E Vincenzo?

— Você está fugindo do assunto. — Ela percebeu e neguei.

— Namorou-o?

— É curiosidade ou ciúme? — Ela aceitou minha fuga e sorri, agarrando suas mãos do meu peito.

— Eu deveria sentir ciúme? — E ela riu novamente.

— Namorei Vincenzo por quase toda a faculdade, planejávamos ter filhos depois da residência. — E foi a vez dela fugir do meu olhar. — Mas acabou. Decidi viajar, e ele veio para Lucca.

— E depois você veio — concluí.

— Não por ele. — Ela me encarou honesta. — Passei na residência aqui e foi uma oportunidade.

— Também não sabia que eu estava aqui?

— Não. Isso foi uma surpresa também. — Ela envolveu meu rosto com as mãos e aproximei-me dela, agarrando sua cintura. — Mas quando vi seu espanto, confesso que gostei da

diversão que imaginei que seria.

— Você é má.

— Você permite que eu seja — ela respondeu franca e tive ciência de que era verdade.

— E sua família?

— O que tem? — Ela se tornou hostil e a mantive por perto.

— Você nunca fala deles. Notei que não há fotos de Cecília ou do seu pai. Há um irmão também, não há?

— Minha mãe contou isso para você? — ela foi debochada e recuei, percebendo que não havia gostado. — O que mais ela poderia ter contado?

— Não. — Neguei. — Não foi assim.

— Então como foi, Armando? Ela começou a contar sobre o casamento, o fracasso que estava sendo? É, ela realmente está morta.

— Está irritada com isso? — Notei a firmeza em seu olhar e Mônica fechou os olhos, escondendo-se de mim.

— Desculpe — ela sussurrou.

— Cecília apenas confessou-se comigo. Eu. — Mentir era um pecado, mas jamais poderia permitir contar que eu havia tocado em Cecília com desejo carnal, e se não tivesse me afastado, talvez tivesse caído em tentação na cegueira que estava acontecendo. Eu não havia percebido que ela criara esperanças, enquanto eu buscava apenas confortá-la com as palavras de fé. — Eu não a encostei. — E recordei-me de quando toquei em seus seios por cima da blusa e de como tive desejos carnis. Fechei os olhos, afastando o que o diabo estava colocando na minha mente. Encarei-a. — Ela contou sobre o casamento e que possuía filhos.

— O casamento que ela arruinou — Mônica murmurou e franzi o cenho, notando raiva, mas então como se ela buscasse outro rumo, abriu os olhos, sorrindo.

— E sua mãe queria que tivesse filhos? — ela indagou e assenti, voltando a mantê-la nos meus braços. Havia algo de errado nessa história, desde Cecília até o jeito com que Mônica falava sobre ela, mas mantive minhas perguntas para mim mesmo. Não era hora, muito menos o momento certo para provocar uma discussão.

— Ela sempre quis. — Minha mãe não aceitara minha escolha pela batina, como se não compreendesse os motivos, e mesmo quando recordei as lembranças de como ela disse que

ficaria feliz, mas que preferia netos, percebi que o seu desejo permanecia o mesmo e suas dúvidas se era o caminho certo também. Mesmo que eu explicasse para ela como fizera no passado, minha mãe ainda insistia na dúvida. — Ela quer netos.

— E nunca pensou em satisfazê-la?

Ri da sua sugestão e então me assombrei ao lembrar o sonho. Crianças tão parecidas com Mônica.

— O que está sugerindo? — Estava assombrado e Mônica riu ao perceber, envolvendo meu pescoço com os braços, beijando-me devagar. Roci nossos narizes, segurando-a colada ao meu corpo.

— Não pretendo ter filhos com um padre, se é essa a sua preocupação.

— Pare. — Mas ela continuou com uma risada leve, que me fez rir também, e a abracei, beijando-a novamente.

— Ela pareceu bem realizada quando me viu naquele restaurante.

Ri ciente de que também era verdade. Minha mãe parecia ter visto uma mãe para os meus filhos, quando Mônica era a criadora dos meus tormentos e demônios.

— E você incentivou as esperanças dela, sentando-se conosco.

— Não poderia perder a oportunidade. Achei que você fugiria de nós. — Ela riu novamente e agarrei sua cintura, fazendo cócegas para poder ouvir seu riso ainda mais. Ela empurrou-me, gargalhando, ao mesmo tempo em que me prendeu com as pernas.

— Pare — ela pediu entre risos e sorri, fitando-a ofegante com a risada, corada e entregue ao momento íntimo. Seu sorriso se tornou menor e ela acariciou meu rosto. — É bom conhecê-lo melhor, Armando.

— Então me deixe conhecê-la melhor também.

— Estou deixando. — Ela inclinou a cabeça e compreendi que era verdade.

O micro-ondas apitou, interrompendo-nos e ela desceu da bancada, servindo a pizza e voltando a interrogar-me sobre minha mãe, e como me mantive por todos esse tempo, afastei os pensamentos ruins, as lembranças que não eram agradáveis, mantendo as boas. E essas, essas eu contei para Mônica durante toda à tarde, assim como a ouvi dizer da sua profissão, da sua viagem e também dos pacientes que cuidava.

Havia amor em sua dedicação por mais que ela parecesse fria. E descobri que a medicina

fazia isso com ela.

Lutei contra o tempo que me lembrava de que precisava ir, e como suspeitei desde o início, quando precisei partir, senti a necessidade de pedir que ela fosse para a minha casa.

O quão pecador eu era por desejar deitar-me com uma mulher depois de rezar uma missa? Eu era um padre decadente e mundano, e se fosse assim, eu já não poderia continuar, mesmo que eu também temesse isso. Era um tormento e eu iria sofrer em qualquer caminho que seguisse.

Daria o tempo a tempo que Mônica havia pedido, e ficaria agoniado nos tormentos, ciente de que já não sabia qual seria a escolha certa, pois acreditava na minha vocação e devoção. Eu amava a batina, mas estava apaixonado por Mônica, e sentia que poderia estar abandonado, sendo assistido pelo diabo, que se regozijava ao ver-me afundado nos tormentos.

E com receios e envergonhado pelos momentos carnavais com Mônica, parti para a missa, entrando pela Igreja como se fosse o anjo caído visitando a casa do Pai, buscando refúgio nas sombras de tanta vergonha.

De batina, sentindo-me tão mundano e decadente, assisti os fiéis entrarem, cumprimentando-me com um respeito que eu já não possuía, com admiração quando eu era um padre pecador. As luzes amareladas estavam acessas, velas bruxuleavam em castiçais e os devotos sentaram-se.

E quando os bancos foram ocupados, pensei em Mônica. Havia dado a chave da minha casa para ela, para que quando eu chegasse, ela já estivesse lá.

Fechei os olhos, afastando a visão dela esperando-me, e ao abrir, compreendi que eu havia me enganado.

Mônica era maliciosa, e como contou, adorava ver meus tormentos.

Ela adentrou pela porta da frente da Igreja, com os olhos diretos em mim, crucificando-me no pecado que cometemos, e sentou-se em um banco. Ela iria assistir à minha missa.



XXI – Celebração dos desejos



Entrego-me cegamente ao impulso que me arrasta.

Jean Racine.



Mônica era um anjo dentro da minha missa, e eu já não orava mais apenas para os fiéis, mas como uma súplica ao pedir perdão ao meu Senhor. Porque mesmo na missa, meus olhos estavam crucificados em Mônica, e eu compreendia o quão pecaminoso isso era.

Talvez o maior sofredor seja o pecador ciente. Aquele que peca no ateísmo, sem conhecer crenças e julgamentos, talvez não tenha ciência de que é pecador. E aquele que não se importa como Mônica, também não sofrerá por algo que não o afete. A Igreja estava lotada desses padres que não se importava. E eu implorava para ser cego, mas sofria como um mártir, buscando a luz, mas apaixonado pela escuridão.

Levantei as mãos, benzendo o pão e o vinho, sendo assistido por todos os fiéis, e a minha maior dúvida era se Mônica entraria na fila da hóstia, ou se manteria quieta no banco, mas aos distribuir a hóstia, notei que permanecia sentada, apenas assistindo, sem entoar nenhum canto ou oração.

E durante toda a missa, percebia que gaguejava em algumas partes que eram tão nítidas para mim. Eu parecia um sofredor, perdido e constrangido, tentando continuar o sermão em uma divagação que não saía do lugar. Notei algumas senhoras bocejarem, deixando explícito o quanto eu divagava sem dizer nada de importante, sempre voltando ao mesmo ponto e buscando continuar, mas com os pensamentos na única mulher que parecia existir dentro da Igreja. A missa durou da mesma forma como quando comecei, e notei muitas pessoas esfregando os

rostos, cansadas e com sono. Mônica havia arruinado minha missa, fazendo-me perder as palavras e a ideia do sermão e eu parecia mais um palestrante tentando explicar algo do qual não possuía conhecimento.

E enquanto os fiéis sentiam sono, encaravam-me surpresos pela missa estranha ou simplesmente consultavam os relógios, ela parecia uma estátua de alguma santa petrificada, que ali, nada mais fazia a não ser fitar-me como uma gélida imagem de que talvez, no meio de mortais, houvesse uma salvação divina. Mas eu não seria salvo, não mais.

E com esses pensamentos atormentadores, finalizei a missa, esperando os fiéis, educados e admirados, saíssem, cumprimentando-me e desejando que os anjos dormissem comigo.

Mas entre anjos e demônios, era a tentação que iria abraçar-me. E era isso o que eu desejava.

A Igreja esvaziou-se por completo, e diante do altar, apoiei as mãos nele, abaixando a cabeça e ri constrangido. Mônica caminhou como uma serpente silenciosa entre os bancos, buscando minha batina.

— Pedi que não viesse.

— Não gosto quando pedem. Gosto de ver a surpresa em seu rosto. — Era pura malícia. — Você pediu, mas sabia que eu iria vir.

— E constranger-me na missa? — Acusei-a, fitando-a, mas Mônica sorriu com doçura, parada do outro lado do altar.

— Você se constrangeria somente em pensar, eu estar aqui ou não, não mudou nada.

Silenciei-me, encarando por segundos seu rosto e ela apoiou as mãos no altar também.

— Pediu que eu não viesse para não vê-lo com a batina.

— Pare.

— Ou temeu que eu fosse queimada ao pisar na Igreja? — Era deboche.

— Não penso isso. — Não consegui conter o sorriso ao pensar na sua ironia e ela riu.

— Você fica bonito de batina — ela sussurrou e arregalei os olhos, embaraçado, sentindo que estávamos blasfemando. Busquei refúgio nas velas ao redor.

— Não diga isso, por favor — murmurei e dei as costas. — Não é algo para achar bonito ou não, é para ter respeito.

— Dizer que é bonito não é uma falta de respeito.

— Mas não buscamos estética.

— Se Deus não buscasse estética, por que criar os anjos e nós tão belos? — Ela blasfemou ainda mais e a encarei sobre o ombro, franzindo a testa.

— Essa ideia de belo e feio foi criado por nós.

— E como pode ter certeza?

— E como você também pode ter tantas certezas em suas convicções? — desafiei-a em um sussurro e Mônica cobriu o sorriso com uma mão e suspirou, deixando explícito que estava desistindo de provocar-me. Dei as costas, vagueando para dentro do pequeno quarto onde deixava meus objetos e ao cruzar a porta senti suas mãos sobre meus ombros.

— Porque quando olho para você, tenho certeza que Deus o escolheu pela devoção e pela beleza.

— Pare, por favor. — Esquivei-me. — Não vamos falar disso.

— Aqui — ela completou e avancei, tirando a batina e o colarinho. Ela observou-me em silêncio enquanto eu a guardava, ajeitando a camisa social preta que usava por baixo. — Está incomodado.

Suspirei, ainda de costas para ela, sentindo-me cansado. Mas não cansado de estar com Mônica, mas do que isso significava.

— Não estou incomodado, apenas quero ir com você — confessei. — Para a minha casa.

— E eu estou aqui para buscá-lo. — Sua risada preencheu o ambiente e suas mãos abraçaram-me por trás, prendendo todo o meu ser dentro dos seus braços. E na minha frente, guiou-me discretamente pela Igreja, longe dos olhos alheios.

Eu temia ser visto, eu temia como uma criança que faz o proibido, como um anjo que está fugindo dos portões do céu para escapar da fúria ao pecar e desfrutar da criação do seu Pai.

E de certa forma, não era isso o que eu estava fazendo? Eu já não sabia, eu já não compreendia o perdão, era como um grande oceano do qual eu mergulhava cada vez mais fundo, e no mais escuro abismo que me encontrava, já não buscava mais retornar a superfície, pois havia me acostumado a afundar.

Saí da Igreja em silêncio, deixando Mônica ir até o carro, entrando. Tranquei as portas, observando ao redor como um bandido prestes a furtar, no medo de ser pego. Esperei, encostando a testa contra a madeira da porta e orei em voz baixa para o meu Pai, ansiando que compreendesse que a batina já não poderia segurar minha paixão carnal.

E com esse pensamento, entrei no carro de Mônica, ouvindo-a sua música calma em italiano e então diante dos meus olhos, ela sorriu, murmurando a letra da música.

— Está feliz — sussurrei.

— Você não?

— Eu deveria? — Tentei buscar o que significava sua felicidade e Mônica riu, acelerando ainda mais.

— E por que não sentir-se feliz? Temos tão poucos momentos na vida para desfrutar de um momento como esse.

— E o que seria esse momento? — perguntei tão curioso que Mônica fitou-me de canto, colocando uma mão sobre minha coxa.

— Um momento em que podemos esquecer nossos problemas por estarmos com quem queremos. — E com isso, ela arrancou um sorriso de mim. Abaixei a cabeça, constrangido e assenti, refletindo sobre o que isso poderia significar para ela.

Eu conhecia a Mônica que ela apresentava-se, mas todos se apresentam de um modo do qual buscam esconder seus demônios. E é na intimidade que realmente os conhecemos.

Ela cruzou as ruas perto da minha casa, afastando a mão do meu corpo.

— Estacione longe.

— Por quê?

— Porque um carro de uma mulher na frente da casa de um homem que é padre cria boatos — disse franco e ela assentiu, dobrando mais uma esquina e estacionando perto de um pequeno sobrado parecido com o meu.

— Está com medo de continuar? — ela perguntou ao me encarar e assenti sincero. Já estávamos na intimidade, e de certa forma, eu queria contar os meus demônios para ela como eu já fizera diversas vezes. E diferente do que ela parecia fazer.

— Estou com medo do que teremos pela frente, do que talvez teremos ou não, disse para você nessa madrugada que se passou.

— Quer parar? — A pergunta soou tão atormentadora que a encarei desconcertado.

— Não — balbuciei. — Não quero mais parar.

— Eu também não. — Ela sorriu. — Mas você se condena. E o seu Deus?

— O nosso Deus — murmurei, fechando os olhos. — Ele precisará perdoar-nos um dia, ou aceitarei ir para o inferno. Devo ir porque não consigo arrepender-me, não consigo deixar de. — Parei diante do que estava prestes a dizer e silencieei-me, era muito precipitado. Ela não percebeu a minha necessidade e saiu do carro, começando a caminhar na direção da minha casa.

Saí em sua busca, ouvindo o alarme do carro ao ser trancado pelo controle, e Mônica continuou.

— Espere — chamei-a.

— Rápido — ela ordenou. — Antes que diga que quer ir embora sozinho.

Ri da forma como ela andava apressada, os cabelos negros ao vento do início da nova estação e de como ela parecia menos maliciosa quando parecia romântica. Ou eu que me iludia ao tentar vê-la como uma romântica.

E então a vi entrar pela porta do meu sobrado, deixando-a aberta. Parei na rua feita de paralelepípedos, observando o silêncio de estar sozinho, e entrei atrás dela, trancando a porta. No meio da minha sala, Mônica tirava o casaco fino, o cachecol preto e os sapatos, entregando-se de uma forma que me petrificou, e a contemplei deitada no meu sofá, rindo de mim.

— Não nos imaginava assim?

— Não a imaginava assim.

— E como eu parecia para você, padre? — Ela brincou comigo e abaixei a cabeça, vagaroso na sua direção. Sob as luzes amareladas da sala, sentei-me no sofá ao lado, ciente de que ela aguardava a resposta, e tirei os sapatos.

— Bem. — Pensei na primeira vez que a vi. — Eu não pensei em nada quando a vi pela primeira vez. — Levantei os olhos, fitando os seus verdes, diretos e atentos. Ela estava prestando atenção com um interesse que me embaraçou e sorri, recostando-me. — Eu estava acostumado a não pensar nas mulheres, afinal, elas também eram minhas devotas, não deveria vê-las com o olhar que você fez surgir.

— E como foi? — Ela estava maliciosa.

— Bem — divaguei novamente, desconcertado. — Um homem não costuma falar de como vê a mulher.

— Muito menos um padre, mas estamos os dois aqui.

Neguei devagar, fitando meus pés com as meias escuras.

— Eu não pensei nada de você até que buscou me atormentar e então já estava sendo castigado pela tentação pela qual você se tornou — confessei, franzindo o cenho. — E quando vi, já estava na cama com você. Você parecia uma mulher vinda do inferno, fria e ao mesmo tempo muito carnal.

— Está falando de quando?

— De quando você buscou-me. — Encarei-a e ela negou devagar.

— Não quero saber daquele momento, Armando. Quero saber de agora.

— Agora? — Arqueei as sobrancelhas e ela assentiu.

— Antes de nos envolver desse jeito — ela sussurrou e sorri.

— Eu acreditava que você era frívola.

— Frívola? — Ela sorriu ainda mais.

— Você não parecia importar-se com o meu sofrimento e nem de como isso poderia ser tão importante para mim. Eu a via como uma mulher que esperava mais de mim do que realmente queria, e que buscava em mim o que buscaria em outros homens.

— Vincenzo? — ela interrompeu-me e assenti.

— Você ainda fala com ele?

— Tenho que trabalhar com ele amanhã. Isso incomoda você?

— Trabalhar poderia significar algo mais? — Diante da pergunta ela levantou-se, caminhando na minha direção, e sentou-se sobre as pernas ao meu lado.

— Não. — Não queria duvidar da forma como foi sincera.

— Então não vejo motivos para incomodar-me.

— E agora?

— Agora o que? — Sorri, virando-me para pegá-la nos braços. Mônica deitou-se sobre meu corpo, e abracei-a.

— Como eu pareço agora?

— Agora você me parece real. — Ela não pareceu entender e completei. — Agora você parece tocável, de carne e osso.

— Gosta de tocar em mim?

— Não apenas dessa forma — murmurei sem graça ao continuar. — Mas creio que você está permitindo um envolvimento que antes parecia não existir.

Ela sorriu, apoiando as mãos no meu peito e inclinou-se, beijando-me devagar.

— Você fala de um jeito como se pensasse muito antes de falar.

— E você não? — Segurei seu rosto e Mônica sorriu.

— Pensar demais é um mal.

— Não pensar também é.

— Então iremos testar. — Ela riu.

— De que forma?

— Quero sair com você, Armando.

— Mas estamos saindo — respondi e ela negou, levantando-se e puxando-me junto.

— Venha. — Ela me puxou até uma das fotografias que haviam sobre uma bancada e a pegou, observando. Envolvi-a em um abraço e beijei os seus cabelos com um perfume que já havia se tornado o seu cheiro para o meu olfato.

— O que quer de mim? — sussurrei angustiado, fitando o porta-retrato com uma vista de uma das cidades que eu havia visitado.

— Onde é?

— Cortona. — Lembrei-me de quando havia ido há anos com meus pais, antes mesmo de pensar em ser padre ou de ter tido alguma namorada.

— É isso o que eu quero, Armando. — Ela largou o porta-retrato e encarou-me. — Quero sair com você sem esse seu medo de sermos vistos, sem que você pense no celibato, no pecado ou em seu tormento sobre isso. — E vi ansiedade pela primeira vez em seus olhos. — Quero que se sinta livre para sentir-se bem ao meu lado, em um lugar que não o lembre das suas obrigações.

— Por que está pedindo isso?

— Porque eu só o vejo sofrer, ao mesmo tempo em que também sei que quer estar comigo. Quero vê-lo por completo, você, Armando, sem pensar em suas outras faces. — Ela agarrou meu rosto com as mãos e eu poderia jurar que era uma santa pedindo que fosse levado ao céu com ela, em carne e osso. Ri com uma nova sensação. Era como se Deus tivesse falado: vá, amei-vos uns aos outros e esqueça-se dos pecados.

Ou o diabo brincando com minhas emoções como se fossem marionetes. Mas eu desejava que fosse Deus. Puxei-a, apertando-a contra o meu corpo e segurei seu rosto.

— Devo entender isso como um desejo de se envolver ainda mais?

— Um desejo de conhecer como você é sem o tormento.

— E o que isso poderia acarretar em suas escolhas? — perguntei tão direto como ela fizera tantas vezes e Mônica pareceu fugir perante os meus olhos. — Me diga, Mônica. — Mantive seu rosto rente ao meu. — Não fuja novamente como se quisesse se esquivar da resposta, eu acreditarei que é tudo leviano e negarei seu pedido. Você sabe o quão importante isso é na minha vida, e quero que diga o que fará na sua.

Ela sorriu sem graça e encarou-me.

— Eu poderia perder todos os meus medos. — E ao ouvir sua voz frágil pela primeira vez confessar algum receio real, fez-me crer que talvez milagres realmente existissem. Era como se Deus tivesse dito a mim que os anjos eram reais e que Mônica, do inferno, subiu aos céus para levar-me junto.

— E quais são os seus medos? — Eu tentei encontrar mais dela em palavras, mas Mônica calou-me, beijando-me com um desejo que eu já não poderia negar. Grudei meu corpo ao dela, procurando levantar sua blusa, e ao sentir seus mamilos rijos contra minhas mãos, desci com os lábios para fartar-me neles.

Eu a queria de todos os modos que ela havia mostrado que poderia dar-me e queria mais dela do que aguentaria. Ela levantou minha cabeça e beijou-me novamente. Busquei sua língua molhada na boca, explorando-a com fervor, e suas mãos puxaram minha camisa, tirando-a. Ela abriu as pernas e as agarrei, conduzindo-a até o sofá, porque não queria esperar mais.

E ao fundo ouvi meu celular tocar incessantemente. Ela afastou os lábios, já sentada em meu colo.

— Alguém está ligando.

— Não. — Não queria afastar-me dela e a silencieei com um beijo, mas novamente o toque ressoou e ela afastou-se. Percebi que dessa vez ela estava curiosa e olhei ao redor, vendo-o vibrar contra a bancada com o número da minha mãe na tela.

— Sua mãe? — Ela viu o mesmo que eu e levantou-se, pegando o celular e entregando-me.

— Armando. — ela chamou antes que eu atendesse direito.

— Mãe? — Não me importava que ela ligasse, mas era tarde e isso me preocupou.

— Armando, você já está dormindo? — Ela parecia preocupada.

— Aconteceu algo? — perguntei diante dos olhos de Mônica.

— Estamos em Lucca. Seu pai não passou bem — ela hesitou. — O médico recomendou que viéssemos para Lucca.

— Em qual hospital? — Estava em pé, buscando a camisa sobre o chão.

— Você pode vir amanhã.

— Mãe — insisti, virando-me para ver Mônica já vestida.

— Estamos no mesmo que há anos. Ele já está dormindo.

— Estou a caminho, está bem?

— Armando, não precisa vir hoje.

— Estou a caminho. — Desliguei, fitando o rosto tão curioso de Mônica.

— Seu pai? — ela perguntou direta e assenti. — Você está preocupado. — Ela veio na minha direção e esquivei-me dela.

— Eu. — Sentei no sofá, colocando os sapatos e ela sentou ao meu lado. — minha mãe disse que meu pai não passou bem.

— Ele é idoso? — Ela se tornara uma médica perguntando. Levantei os olhos, buscando esquivar-me da forma tão direta com que ela encontrava a verdade em mim. Era uma verdade que eu não queria que ela enxergasse.

— Sim.

— Deixe-me levá-lo, você não está bem para dirigir.

— E o que minha mãe pensaria se nos visse? — Não era esse o meu medo, mas sim as esperanças nítidas que minha mãe iria ver.

— Sou médica, posso dizer que estou lá a trabalho também. E também podemos ser amigos. — Ela parecia não gostar de fugir assim do que éramos e vi minhas mãos tremerem por um instante.

— Não diga nada para a minha mãe — era um pedido sofrido e Mônica sorriu, assentindo.

— Sua mãe vê mais do que você, mas não direi. — Compreendi a indireta e a segui até o

carro em silêncio, mergulhado novamente em meus tormentos. Ela dirigiu em silêncio e estacionou o carro em uma das vagas de médicos, conhecendo todo o caminho. E com ela, fui para o terceiro andar, ciente de que ela cumprimentava todos. O elevador abriu e Mônica avançou ao meu lado, também vendo minha mãe sentada em uma das cadeiras ao fundo, em uma sala branca, cadeiras brancas e um grande crucifixo acima.

Ela levantou-se ao nos ver, com os olhos tão surpresos em Mônica que poderia jurar que havia visto um fantasma.

— Armando. — Minha mãe abraçou-me, sem disfarçar que continuava a fitar Mônica, que sorriu para minha mãe, e ambas cumprimentaram-se.

— Onde ele está? — pedi sem dar muitas explicações, ciente de que mesmo em silêncio, Mônica buscava compreender tudo.

— No quarto, mas ele está dormindo já. — Minha mãe voltou a sentar-se e Mônica sentou ao lado dela, encarando-me.

— Vá vê-lo — ela sussurrou e assenti, temendo deixá-la ao lado da minha mãe, porque por mais que Mônica dissesse que não falaria nada, eu não poderia acreditar. Ela tinha aceitado em esperar-me em casa, e foi à missa.

Mas eu deveria dar um voto de confiança, e assim o fiz.

Dei as costas, deixando-as sozinhas, e orando para o mesmo Deus do qual fugi nos braços de Mônica ouvisse-me, fui ver meu pai.

O corredor branco já não era mais aconchegante, mas trazia sensações sufocantes e tristes. E enquanto os médicos passavam ao meu lado, eu fitava os doentes deitados em seus leitos dentro dos quartos.

E compreendia o que por fim Mônica queria dizer sobre a morte: ela não era calorosa, muito menos aconchegante. Era fria, seca e muitas vezes impactante demais para assimilar. O que um descrente sentiria perante a morte senão apenas um vazio grande demais, que tomaria todas as suas preocupações e momentos alegres? A vida se tornaria sem sentido e o tempo pareceria pouco. Era essa a cruz que Mônica aguentou em silêncio quando nos conhecemos. Uma descrença que a fazia sofrer por conviver com a morte dia após dia, e por isso, ansiava em crer em Deus.

Não era apenas uma busca por crença, mas uma busca por paz.

Parei passos antes da porta do quarto do meu pai e fitei um dos médicos saindo de lá.

Agoniava pensar que eu poderia perdê-lo, e que diante da minha fé, poderia ser também a minha culpa.

O médico sorriu ao passar por mim e continuou o seu caminho, assim como eu. Parei na porta e a abri. O meu pai sorriu de uma forma que deixava claro que não estava com medo. Ele parecia estar em paz com a própria doença.

— Sua mãe contou então — ele murmurou e eu tentei esboçar um sorriso.

— Sabe que a mãe se preocupa.

— Não há com o que se preocupar, filho. — Ele estendeu a mão e eu fui até ela, pegando-a entre as minhas.

— Não? — indaguei tão temeroso que ele notou em minha voz.

— Os médicos ainda estão examinando-me, Armando. Não enterre o seu pai antes da hora — ele zombou, buscando dissipar a sensação de pesar, e ri nervoso diante da alegria de sempre do meu pai.

— Não gostaria de pensar em enterrá-lo — sussurrei e puxei a cadeira para sentar ao seu lado. Ele sentou-se na cama também. Fitei os seus braços já magros, esbranquiçados e marcando as veias. Seus cabelos estavam ralos, assim como os seus olhos pareciam menos vivos.

— Há alguma suspeita?

— Veio bancar o meu médico ou conversar com o seu pai? — ele fugiu da minha pergunta. — Se houvessem suspeitas, nós saberíamos. Não vamos lamentar antes do tempo.

— Tenho fé que voltaremos para casa — o choro contido arrastou a minha voz. — Eu deveria ter me preocupado.

— Se preocupado com o que, filho? Nós não temos poder sobre o futuro.

E eu sabia que por mais que pudesse ser verdade as suas palavras, ainda sim eu acreditava no que havia acontecido há dez anos. Seria a minha culpa, então, se me fosse tirado o meu pai?

Eu não queria que ele visse o meu sofrimento, pois eu sabia que a maior dor de um pai era ver a tristeza de um filho.

— Mas temos sobre os nossos atos — sussurrei.

— Não, não sobre todos eles. Já percebeu que quando agimos, inúmeros outros acontecimentos ocorrem em consequência de apenas um ato?

— Efeito borboleta — completei.

— Eu acredito muito nisso, mas não apenas nos efeitos ruins, mas nos bons também. É mais tranquilizador acreditar que há bondade do que apenas maldade, e que estamos propensos a vivenciar ambas.

— É assim que pensa sobre a morte? — Era difícil não retornar ao assunto.

— Não sobre a morte, meu filho, mas sobre a vida.

— Não a teme?

— A morte? — ele perguntou surpreso e assenti. — E de que me adiantaria temer? — Ele sorriu. — Todos nós morreremos, esse é o efeito de nascermos, um efeito que todos passarão, seja ele bom, mau, podre, rico e qualquer gênero. Nós não devemos temer a nossa morte — ele hesitou e estendeu a mão na minha direção. Voltei a pegá-la, acariciando a sua pele que estava manchada com pequenas pintas mais escuras, causadas pelo sol. — Nós devemos temer ter morrido e continuar vivo. Morrer por dentro é um mau da humanidade, uma morte dolorosa e que demora muito mais do que qualquer morte física.

— Não seria uma vida.

— Não, seria um castigo ser assim — ele concordou e me encarou por alguns segundos, do jeito calmo de sempre. — Eu não estou morto, e nem morrendo como imagina — ele hesitou e sorriu. — Mas sabe o que temo agora?

— O que?

— Que quem esteja no leito não seja eu. — Ele puxou a mão de dentro das minhas e me apontou. — Mas você.

— Não, não estou.

— É feliz? — ele me interrompeu. — Não pergunto por momentos felizes, pois todos os possuem, pergunto por dentro, filho.

Fitei os seus olhos tão parecido com os meus, as rugas da idade e sofri por não querer magoar o meu pai. Contudo, eu também não queria mentir.

— Estou buscando-a — confessei.

— Não demore muito para encontrá-la, está bem? Às vezes, passamos a vida toda buscando uma felicidade que estava perto de nós.

Pensei na minha batina, e em Mônica.

— Estou em um caminho tortuoso, é verdade — comecei sem compreender como contaria,

mas eu queria. — Tomei uma decisão há dez anos por amor, e agora encontro uma forma de amor tão diferente — sofri ao dizer, franzi o cenho e encontrei um sorriso no rosto do meu pai. — Envolvi-me com uma mulher — sussurrei tão baixo como se houvesse juízes nos cantos do quarto, esperando para ouvirem a minha confissão e sentenciarem-me. Contudo, em meio ao meu sofrimento, o que vi no rosto do meu pai foi alegria.

— Uma mulher? — Ele sorriu ainda mais, e contagiado por ele, também sorri.

— Uma médica — contei. — Sei que é errado — admiti e pensei no início. — Começou errado, mas eu havia me esquecido como era apaixonar-se, e quando fui tomado pelo sentimento, não consegui lidar com ele.

— Como ela se chama? — O meu pai estava interessado.

— Mônica — contei. — Mônica Fattin. Ela é uma pediatra em residência nesse hospital, talvez até já tenha a visto pelos corredores — hesitei e permaneci emudecido por segundos, compreendendo o quanto o meu pai estava feliz. — Ela não tinha fé.

— E se interessou por um padre? — Ele deu uma risada baixa.

— Acredito que seja por isso que houve esse interesse, por não me ver de forma religiosa.

— Ah, claro — ele suspirou. — Ela viu você como eu vejo. — Emudeci e ele continuou. — Como um filho e como um homem.

Peguei novamente a sua mão, abrigando-me nela.

— Mas tenho medo — continuei a minha confissão sem vergonha. — Medo do que isso poderá acarretar.

— Não — ele me interrompeu firme. — Não tenha medo, meu filho. Não se condene pelo que acontece ao seu redor. Não há poder maior no mundo do que o amor, e se você o sente, então não há maldade, não há erro e muito menos consequências ruins.

— Mas e você — balbuciei e deixei as palavras sumirem dos meus lábios.

— Eu estou tão feliz por saber que finalmente o meu filho se permitiu ser feliz, nem que seja um pouco, que peço que não acabe com isso culpando-se.

— Não trarei os meus tormentos nessa conversa.

— Não os traga para a sua vida — ele me corrigiu. — Seria condenar-se e você é bom, meu filho. — O meu pai sorriu. — Você não merece pagar por erros que não são seus.

— E de quem seriam os erros? — Sorri e ele deu de ombros.

— Eles existem? — ele perguntou retórico. — Mônica deve ser uma mulher incrível.

— Ela é — concordei. — Mônica não tem medo de se arriscar, ela é uma mulher decidida quando quer.

— E pelo jeito ela decidiu por você.

Não respondi, mantendo o olhar fixo no dele.

— A sua mãe sabe?

— Não, não contei, não quero dar esperanças quando não sei.

— Quando não sabe como será? — ele completou. — E por que hesita em tentar?

— Há mais do que apenas amor, há o meu caminho, há a minha fé, a devoção. Sou um padre — sussurrei.

— E é o meu filho antes mesmo da batina. Não me importo se é um padre, filho, mas sim se é feliz.

— Eu serei independente do caminho final — tentei acreditar.

— Sou um velho, não demore muito para voltar para casa com a felicidade. — Ele sorriu.
— Nós a reformamos.

— Eu sei. Queria já ter ido ver.

— Quando sairmos daqui, você verá — ele disse sem convicção e as suas palavras me abalaram.

— Nós sairemos — sussurrei.

— E eu conhecerei a Mônica.

— Ela está aqui — murmurei.

— Não quis trazê-la para o quarto?

— Queria ficar a sós com o senhor, pai — disse sincero. — Deixei-a com a mãe.

— Sabe que a Ivette irá enchê-la de perguntas. — Rimos juntos e ele deixou a risada acabar lentamente. — Um dia a sua mãe, quando ainda éramos jovens, decidiu que iria passar uma tarde com a minha falecida mãe. Ambas juntas entre os pomares.

— Elas se davam muito bem.

— Ah, Ivette era uma filha para ela. Mas antes, antes de casarmos ainda — ele contou

empolgado. — As duas passaram essa tarde, enquanto eu fora para cidade com o meu velho pai. Quando chegamos. — O meu pai deu risada. — Elas já haviam escolhido o seu nome.

— Mas vocês ainda não haviam casado.

— Não. — Ele deu risada. — Mas as duas já haviam planejado até os filhos que nós teríamos. Se fosse menino seria Armando, uma variação italiana de Amadeo, aquele que ama a Deus.

Sorri ciente do significado.

— E tivemos você — ele sussurrou e me encarou. — E você não ama apenas a Deus, mas é o amor.

— Devo me preocupar então com a mãe perto de Mônica.

— Quando voltar, elas terão os nomes já — ele concordou dando risada e sorri.

— Seria o sonho da mãe.

— Ah, claro que seria — ele suspirou e juntou as sobrancelhas. — E seria o meu também. Se tivéssemos uma menina, ela teria se chamado Alessa, mas eu gostava muito de Geo também.

— Geovanna?

— Não — ele negou. — Apenas Geo, pequeno e com um grande significado.

— Mas foi apenas um menino.

— Que valeu por todos os meus anos de vida — ele exclamou e me levantei, notando o visível cansaço em seu rosto.

— Irei deixá-lo dormir, pai. — Beije as suas mãos e ele puxou-me. Abracei-o demoradamente, lembrando-me dos momentos da infância, de quando ele embalava-me no colo nos jardins, corria comigo e o seu colo era um lugar único. Era seguro e confortável.

— Amo você — ele sussurrou.

— Sempre amarei. Vou deixá-lo descansar para que se recupere e que volte para casa.

— Obrigado, filho.

Afastei-me e quando cheguei até a porta, eu o ouvi.

— Nunca se esqueça — ele me chamou. — O maior pecado é não viver o que Deus deu para nós.

Sorri e dei as costas, retornando ao corredor frio. Ao longe avistei a minha mãe conversando com Mônica, e pensei na conversa com o meu pai.

Mesmo perante o sofrimento, os tormentos as dúvidas, conversar com ele era ter uma paz por alguns momentos. Ele continuava a me embalar no colo e me dar-me conforto.

Ele era o meu pai, e eu o amaria até os finais dos meus dias.



XXII – Diante da confissão

(Mônica)



Não é possível convencer um crente de coisa alguma, pois suas crenças não se baseiam em evidência. Baseiam-se numa profunda necessidade de acreditar.

Carl Sagan.



Ter fé diante do medo é uma virtude. Duvidar diante do medo é humano, porque o desconhecido torna-nos vulneráveis, deixa-nos receosos e consequentemente duvidamos. A fé responde a necessidade de conforto em confiar em algo que não está mais em nossas mãos, enquanto a ciência leva à luz as verdades cruéis, e por isso, há quem necessita acreditar em algo maior.

Mas o que isso poderia significar neste momento? Armando deixou explícito que algo estava incomodando-o, algo que não quis dizer-me, e ao levar-me junto, também mostrou que me queria ao seu lado, porém era ao lado da sua mãe que eu estava sentada, aberta para ouvi-la e talvez descobrir o que mais Armando poderia passar além da quebra do celibato.

O vi desaparecer pelos corredores já familiares demais para mim. Era o hospital que eu trabalhava, eu o conhecia e sentia-me em casa, o qual provavelmente era mais do que minha real casa, enquanto que para os familiares e doentes, o hospital era algo inóspito e talvez sempre remetesse às lembranças e sensações ruins.

Mas eu já havia me acostumado, e diante desses pensamentos, percebi os olhos da mãe de

Armando curiosos em mim. Sorri, voltando a encará-la e peguei em suas mãos juntas no colo, confortando-a como se fosse parente de algum paciente meu.

— Confie na medicina.

— Eu confio, minha querida, senão não estaríamos aqui. — Ela sorriu calma, escondendo o medo na expressão curiosa demais. Concordei, afastando as mãos. — Armando não precisava vir.

— Armando se preocupa, é o pai dele, não é? — era uma pergunta retórica e continuei. — É normal ele ficar inquieto e querer vir, ainda mais se. — Franzi o cenho, sem completar a frase, desconhecendo o motivo para o pai de ele estar no hospital, mas por mais que eu quisesse saber, doenças e problemas de saúde não são perguntas para serem feitas de forma direta. Talvez Ivette se sentisse confortável para contar-me, ou Armando mais tarde.

— Armando se preocupa demais sempre. — Ela parecia admirada. — e deve sofrer por isso.

— Armando sofre por tudo, e se não tivesse tormentos, sofreria por não tê-los — murmurei com os olhos fixos no corredor, esperando vê-lo despontar em algum momento. Ivette ficou em silêncio, como se concordasse comigo.

— Mas ele tem fé, e isso faz tudo ser mais fácil, não é?

Sorri educada, desejando que não entrássemos nesse assunto. Não seria um momento adequado, e por Ivette ser mãe de um padre, provavelmente era tão crente quanto ele.

— Você tem fé? — ela hesitou. — Como é mesmo o seu nome?

— Mônica. — Encarei-a, sorrindo. — Me chamo Mônica.

— Tem fé? É médica, não é?

— Sou. — Evitei contato visual. — Mas perdi a fé há muito tempo. Acredito na ciência, enquanto prefiro deixar a crença para quem entende mais dela.

— E não é solitário acreditar que somos sozinhos? — A pergunta pegou-me de surpresa e fitei minhas mãos juntas, já sem sorrir.

— É solitário sim, saber que depois de tudo, nada mais restará, não há algo depois nem antes, e assim, tudo se torna em vão. Mas não escolhemos no que crer muito menos não crer.

— É um sentimento também.

Fechei os olhos e sorri.

— É, também não escolhemos nossos sentimentos.

— Vocês estavam juntos?

— Como? — Arregalei os olhos, voltando a encará-la. Ivette sorriu, descendo os olhos pela minha blusa.

— Armando chegou aqui preocupado, mas pude notar a camisa amarrotada, e bem. — Ela sorriu, arqueando as sobrancelhas. — Você também, e estavam juntos.

— Seu filho é padre.

— Não estou perguntando o que ele é, Srta. Mônica, conheço o meu filho. Ele é padre, mas não está morto, e estou perguntando se estava com ele.

— Somos amigos. — Respeitei a vontade dele, encarando-a nos olhos para manter a verdade escondida.

— Devo entender essa forma de amigos como um conforto para ele? — Ivette sugestionou com um desejo evidente: ela não queria que Armando fosse padre e estranhei essa impressão. Ri, pensando sobre os confortos dele.

— A batina é o conforto do seu filho.

— Então por que tê-la como amiga? — ela insistiu, deixando-me buscar alguma resposta vaga, mas suas mãos agarraram as minhas e arregalei os olhos. — Mônica, posso chamá-la assim?

— Claro. — Sorri sem graça pelo momento íntimo com a mãe dele.

— Ele não precisa apenas de uma batina, mas de uma amiga. Vi a forma como vocês se estranharam naquela noite.

— Eu o surpreendi.

— Armando não parecia surpreso. — Ri diante da observação dela. — Ele parecia chocado.

— Causo essa reação às vezes — murmurei.

— Em um padre? — Ela riu.

— Ele também é humano.

— E também é meu filho e homem.

Fiquei em silêncio. Nesse momento, talvez fosse melhor manter o que tínhamos entre nós, por mais tentada que eu estivesse em dizer que Armando havia caído, já não era o filho padre

que ela imaginava, mas um homem tão carnal que dormia comigo na cama.

— Por que Armando escolheu se tornar padre? — Evitei encará-la, fitando os médicos no corredor.

— Ele não contou?

— Deveria? — Também sugestionei.

— Se não contou, quem sou eu para contar. — Ela bateu de leve em minhas mãos e deu uma risada baixa. — Mas você parece bem interessada nos motivos dele ter escolhido esse caminho.

— E a senhora parece não concordar muito. — Eu provavelmente havia ido longe demais, mas Ivette não pareceu incomodar-se.

— Não queria Armando como padre, acho que percebeu então.

— Por quê? — Franzi o cenho. Sua resposta poderia responder uma das minhas perguntas sobre Armando, e Ivette curvou-se para o meu lado.

— Nunca imaginei ser mãe de um padre, mas uma avó rodeada de netos. Dizia isso sempre para ele. — Ela deu de ombros. — Mas ele não se importou com isso. Agora, só de citar meus desejos ele parece temer.

— Crianças o assustam? — Sorri diante disso e Ivette riu.

— Para uma pediatra é estranho saber que alguém teme crianças, mas para Armando, é algo que foge do caminho dele. Eu ainda insisti durante algum tempo, mas ele é irredutível quando decide algo.

— Teimoso assim?

— Muito teimoso. — Ivette riu ainda mais, apertando minha mão. — Quando coloca algo na cabeça, é capaz de nem Deus tirar. Mas. — Ela examinou-me com os olhos de uma boa mãe. — Devo compreender que você já sabe disso, não é mesmo?

— Somos apenas bons amigos.

— Desculpe-me a minha intromissão, mas por que Armando a trouxe então?

Abri a boca, buscando uma forma simples de responder, mas ela riu, contornando a situação constrangedora.

— Não sou uma mulher bisbilhoteira, estou perguntando, porque foi repentino ver meu filho. — Ela sorriu. — Que é um padre, chegar ao lado de uma mulher, ambos tão. — Seus olhos

confirmaram que eu não estava com as roupas passadas. — E tão tarde. Não me diga que estava confessando-se com ele na bondade ofereceu uma carona.

Ri, negando. Eu jamais seria tão bondosa assim, e eram coerentes suas afirmações, mas ao tentar esconder a verdade, voltei a encarar o corredor.

— O celibato é algo difícil de lidar.

— Estamos falando de qualquer ou do celibato do meu filho?

— De Armando — concordei.

— Meu filho. — Ela pareceu refletir, também voltando os olhos para o corredor. Ouvi uma risada baixa e não contive o sorriso ao pensar em como ela importunaria Armando depois, mas sua mãe era insistente e as aparências deixam claro que estávamos juntos minutos atrás. — Ele não admitirá para mim.

— Não peça para ele, por favor.

— Ele não está decidido? — Ele encarou-me perplexa. Eu poderia contar o quão explícito era o tormento dele, mas apenas dei de ombros. — Armando nunca teve certeza.

— Não é o que parece. — Ele sempre deixou claro que acreditava na vocação e caminho, estranhei o comentário de Ivette, e ela assentiu devagar.

— Ele teve um período difícil para escolher, e depois que tomou a decisão, bem, como disse, ele é teimoso.

— Esse período difícil. — Arrisquei, não por maldade, não estava em busca de atormentá-lo com isso, mas serviria mais para entendê-lo, porque no auge do que estávamos vivendo, meu interesse por compreender seus tormentos mais complexos e profundos surpreendeu-me. Não encarara ainda a situação de estávamos.

No início, havia sido uma coincidência e quis divertir-me, mas já não poderia mais negar que antes que conseguisse parar com a diversão, a mesma transformou-se em um envolvimento. Eu deveria ter parado, ou ao menos contado para ele.

Mas não o fiz e na verdade, preciso de um momento para fazer, mas não agora. E entre meus medos, eu temia que isso pudesse mudar algo, porque eu havia sido levada pelas situações e emoções, como se estivesse bêbada o suficiente para não notar o perigo de andar em alta velocidade. E como quem pisa o pé no acelerador, eu também não queria admitir.

— Mônica. — Ela novamente pegou em minhas mãos e me virei. — Não me importo com o celibato de Armando ou se abrirá mão da batina não, contanto que ele esteja feliz. — Sorri

diante das suas palavras. — Mas se ele quiser abrir-se com você, ele fará. Eu poderia contar sobre todo o período de quando ele entrou no seminário, nos anos estudando teologia, latim, filosofia e esforçando-se tanto para ser como é. E se ele abriu mão de tudo o que construiu para estar com uma mulher, eu apenas posso ter esperanças de netos. — Ela riu no final e me senti tão constrangida como eu fazia com Armando.

Não porque era a mãe dele ou porque eu havia admitido que estivesse pervertendo um padre. Mas porque ela colocou um voto de confiança tão grande em mim ao falar de netos como eu se o que tivéssemos fosse algo concreto.

Como minha descrença me ensinara: o amanhã ninguém sabe. Talvez o que vivemos hoje resulte no amanhã, ou tudo é em vão. E eu não sabia o que esperar de Armando também, contudo Cortona era na verdade uma tentativa de provar que poderia ser mais.

E que o que desejávamos poderia ser maior do que o que escondíamos.

— Está sendo precipitada, Sra. Ferrazzi — murmurei indecisa em continuar. Ela riu, balançando a cabeça.

— Eu sei, eu sei, Mônica. Não se assuste comigo, onde estou com a cabeça de atacar uma mulher que começou a sair com o meu filho e já falar em netos, mas entenda, estive dez anos assistindo quieta Armando como padre, desejando um momento como esse, quando a vi com ele. É um milagre. — E ao mesmo tempo, uma condenação. Seria um milagre um dos servos de Deus largar a batina pela carne?

— Eu compreendo — tentei cortá-la educadamente. — Talvez você possa dizer-me algo, Sra. Ferrazzi.

— Se eu puder ajudar. — Ela sorriu.

— Convidei Armando para ir à Cortona comigo. — E ele não havia nem aceitado direito ainda, mas eu o levaria de qualquer jeito.

— Armando? — Ela arregalou os olhos. — Ele aceitou?

— Ele não teve muito tempo para pensar no assunto — tentei suggestionar a ideia. — Mas, diante do que está acontecendo agora. — Era vago, já que eu não sabia o que havia com o pai de Armando. — Não quero afastá-lo.

— Acho que uma viagem faria bem para ele.

— Por quê?

— Porque a cabeça de Armando não para, e talvez uma distração, nesse momento, diante

de tudo o que agora sei, será o melhor para ele.

Tentei compreender o que ela havia dito, mas antes que pudesse perguntar algo mais direto, observei Armando pelo corredor, com os olhos tão fixos em nós que parecia ver sua própria cruz. E as mãos da sua mãe nas minhas deram leves tapas.

— Faça bem para o meu filho, Mônica — ela sussurrou tão animada que Armando notou que havia algo mais, e ao chegar diante de nós, ela levantou-se, sorrindo. — Seu pai acordou?

Armando pareceu embaraçado, ainda fitando-me.

— Ele parece estar bem.

— Vá para casa.

— Não. — Ele franziu o cenho, prestando atenção em Ivette. Permaneci sentada, deixando-os na intimidade, apenas assistindo. — Você vai ficar aqui no hospital? Vamos comigo para casa, ou ao menos ficarei também.

— Tenho um quarto no hotel aqui ao lado, não precisam ficar. Ele dormirá a noite inteira.

Ele não pareceu feliz ao saber que sua mãe havia ido para um hotel, muito menos que iria deixá-la, e então intervi.

— Acho que a Sra. Ferrazzi tem razão, Armando. — Levantei-me. — Será desgastante para os dois ficarem no hospital. Convivo com familiares que passam semanas dentro de um hospital, e às vezes, é mais sofrimento para o paciente ver os familiares em um estado tão cansado.

Ele encarou-me e voltou a fitar sua mãe, que concordou ainda mais satisfeita.

— Escute Mônica — ela chamou-me pelo nome, apavorando Armando. — Seu pai dormirá, amanhã, pela manhã, quando ele acordar, eu ligo.

— Ficaré até mais tarde aqui? Deixe-nos acompanhá-la até o hotel então, mãe. — Ele insistiu e Ivette sorriu, concordando. Acompanhei-os em silêncio, apenas ouvindo Ivette tão curiosa que perguntava sobre os dias de Armando como se fosse um interrogatório. E eu sabia o motivo.

Ao deixá-la no hotel, segui com Armando até o carro, também em silêncio, ciente de que seus olhos faziam perguntas que ele não queria proferir, mas ao entrar no carro e ligá-lo, o encarei direta.

— Sua mãe sabe.

— Você contou para ela? — Ele tirou as próprias conclusões e ri.

— Sua mãe é uma mulher, Armando, casada e conhece o próprio filho. Ela descobriu assim que reparou que nós chegamos juntos, tão tarde e mal vestidos praticamente.

— E você admitiu.

Sorri, divertindo-me da sua perplexidade ao saber que sua mãe sabia sobre nós.

— O que disse a ela? — ele continuou enquanto dirigia para a sua casa.

— Não disse nada.

— Nada?

— Não precisei. — Sorri ainda mais, fitando seu assombro pelo espelho do retrovisor — Ela tirou as próprias conclusões.

— Ela não perguntou nada?

— Perguntou se estávamos juntos — respondi e Armando silenciou-se. — Mas como respondi antes, não disse nada. — Seria melhor não deixá-lo ciente de que a conversa havia sido mais profunda. Ivette em breve perguntaria e o deixaria a par de quanto sabia.

— Simples assim?

— Sua mãe não precisava de palavras. — Vi seu embaraço pelo canto do olho. — Quando já havia visto.

— Ela perguntará.

— E você mentirá?

— O que espera que eu faça? — Ele franziu a testa, preocupado.

— Mentir é pecado. — Não poderia perder a oportunidade ao abrir um sorriso e Armando suspirou.

— Já somos pecadores — ele encerrou o assunto, voltando a ficar em silêncio e tentei compreender mais a situação.

— E seu pai? Como está?

Ele pareceu hesitar para responder e decidi não pressioná-lo.

— Está doente — ele admitiu e assenti, desistindo em insistir. Eu convivia com o sofrimento alheio demais para saber que perguntas sobre doenças e mortes de entes próximos

eram torturantes. Seria melhor esperar.

— Sabe que estarei aqui caso precisar contar algo. — Tentei oferecer um ombro amigo e Armando assentiu, virando o rosto para ocultar-se de mim. — Sabe que entendo, Armando.

— A morte ou a doença?

— A doença. Sobre a morte, acredito que a sua fé é mais reconfortante do que a medicina.

— Obrigado.

Encarei-o por alguns segundos.

— Pelo que?

— Por tentar ser bondosa.

— Você diz como se eu não pudesse ser. — E no fundo, era verdade. Não ligar-se ou apegar-se tanto aos momentos e pessoas tornava nossa vida curta menos sofrida. Mas não era assim que estava acontecendo, e eu estava começando a ter ciência.

— Você, apenas não gosta. — Vi seu sorriso e seus olhos pareciam pedir que eu o acompanhasse até sua casa.

— Dormirei na sua casa.

— É um pedido? — Ele riu.

— Não, sabe que eu não gosto de pedir muito.

—Precisará trabalhar pela manhã?

—Sim, por isso. — Dobrei em uma esquina, mudando o rumo. — Passaremos na minha casa, primeiro. Uma pequena muda de roupa não ocupará muito espaço no seu guarda-roupa.

Ele abaixou a cabeça, um tanto quanto embaraçado e sorriu. Ele constrangia-se pela rotina de um envolvimento e notara isso desde quando entrou na minha casa na primeira vez.

— E Cortona?

— A viagem que você pediu antes? — Ele tentou lembrar-se e assenti. — Não acho que seja o momento. — Armando tentou negar, franzindo o cenho.

— Talvez seja. Alguns dias. Será melhor.

— Para quem? — ele acusou-me tão direto que fiquei em silêncio por alguns segundos.

— Para nós — respondi franca e estacionei em frente a minha casa. Entrei nela, buscando

uma muda de roupa, e em poucos minutos, retornei ao carro, dirigindo até a casa de Armando.

— Você quer ir por nós? — Ele retomou o assunto.

— Você não acredita?

— E no que eu deveria acreditar? — Era uma de suas muitas perguntas. Refleti sobre o que era Cortona para mim. Como eu mesma admitira antes, eu havia me envolvido, eu havia tornado a diversão em algo mais sem perceber e agora eu precisava de um meio para firmar o que tínhamos. E para acabar com o que havia começado como uma diversão e tornar mais sério, se é que Armando ainda iria querer.

E eu também queria vê-lo sem o tormento, o homem completo sem pensar em Deus ou no diabo. Não queria religião, não queria batina, muito menos pecados ou julgamentos. Eu queria apenas corpos e contato. Eu queria um anjo sem que ele soubesse que tinha asas. Era assim, queria Armando sem que ele se lembrasse da batina e descobrir como seria.

— Acredito que Cortona significa o meu envolvimento — confessei, surpreendendo-o.

— E o seu envolvimento significa?

Sorri um pouco constrangida como eu já o fiz sentir-se.

— Veremos como será, e quando voltarmos, eu poderei responder. — Sorri, encurtando a resposta e Armando encostou a cabeça no assento, ciente de que eu não iria contar mais. Porém, mesmo sem dizer, talvez ele já soubesse.

E essa noite seria apenas a primeira das muitas que eu queria ter em sua casa. E levá-lo na minha, pois assim como quando uma primeira gota de chuva cai, as outras caem em seguida. Era o que estávamos vivendo, um dia por vez, seguidos de tantos que já não sabíamos mais quantos haviam se passado.

Estacionei o carro e Armando desceu, abrindo a porta e entrando. Entrei em seguida, fechando a porta, e enquanto o acompanhava até o segundo andar, observava em seus objetos o seu próprio reflexo de personalidade, e ao entrar em seu quarto, ele sentou-se. Caminhei até o seu lado, também me sentando na cama.

— Se quer um tempo para pensar no que está passando — comecei a sugerir, mas como se Armando precisasse de mim, ele agarrou meu rosto e beijou-me. Sua língua molhada abriu minha boca, buscando a minha até tocá-la, explorando toda a minha boca em busca de mais e deitei na cama, permitindo-o por cima.

E eu sabia que teríamos mais uma noite juntos, com sexo, prazer e um envolvimento que

nós não esperávamos, mas que já não conseguíamos parar. De tantas formas que eu fugi de aceitar e admitir o quanto levada eu fui, já não havia mais como negar.

Era sua descida para o inferno, como ele insinuava algumas vezes, e talvez uma forma de ter alguma fé perto de mim, porque Armando era a fé que eu não tinha, enquanto eu era o pecado que ele abraçou por completo.



XXIII – Caminho do Paraíso



Estamos muito longe de conhecer tudo o que as nossas paixões nos levam a fazer.

Fraçois La Rochefoucauld.



De todos os momentos, eis que este eu me pergunto se poderia ser alguma peça feita por Deus, ou uma brincadeira feita pelo diabo. É inusitado que quando nos pegamos em um momento impensável, começamos a questionar os caminhos que nos levaram até o mesmo e de que formas poderíamos ter desviado do percurso. Seria certo desviar, ou de qualquer forma, deveríamos enfrentá-lo?

Ser ou não ser torna-se mais do que uma simples frase, mas uma ideia do que poderia ser, e do de fato é e de como diante disso, há muitas perguntas e poucas respostas.

Depois das escolhas difíceis, desejava não reviver certos momentos, crente de que a repetição é algo a ser combatido.

Assim como quando vesti a batina pela primeira vez, jamais pensara que um dia hesitaria em vesti-la novamente, diante de uma tentação. Jamais pensara que eu iria cair em uma, e quando lutei para não cair com Cecília, Mônica ofereceu o pecado, e eu não apenas o abracei, mas apaixonei-me por ele.

E diante da paixão carnal, encontrava-me mais homem do que devoto ao meu Pai, e entre a batina e Mônica, eu estava a guardando dentro de um guarda-roupa para esquecer-me dela durante dias distantes com Mônica em Cortona.

Seria Cortona minha busca pelo Paraíso mundano, visto que o Paraíso divino eu já não

alcançaria? Eu já não queria pensar sobre o pecado e a culpa que eu poderia carregar.

Desejava que minha fé fosse maior que minha vocação, e que Deus, em sua bondade, olhasse para o meu pai sem julgar minhas escolhas decadentes. E se, por ventura, precisasse castigar, que castigasse a mim, e não novamente meu pai, pois entre todo o caminho que tomei agora me sentia preocupado com as escolhas.

Não com as escolhas passadas, mas com as futuras, e diante das dúvidas, Mônica pediu que eu esquecesse-as por alguns dias enquanto estivéssemos em Cortona.

Antes da notícia do meu pai, eu havia aceitado e compreendia que poderia ser causa e consequência, mas ansiava por uma coincidência que não me afastasse de Mônica. Seria tão diabólico o pecador desejar que o pecado não fosse visto como pecado?

Minha mãe, sem deixar transparecer que sabia, visto que eu até então não contara nada, insistiu com a minha partida, insinuando saber a mais, mas não perguntou o que poderia significar e eu tão pouco quis explicar.

O silêncio bastava para contar o rasgo na minha batina e o fim do meu celibato, e assim ela insistiu que meu pai estava bem, que havia sido apenas um susto e que partiriam de volta para casa em breve.

Eu precisava afastar-me, e minha mãe cortou-me tão depressa da companhia do meu pai que apenas continuei com a minha decisão: eu iria para Cortona com Mônica, desejando que meu pai se recuperasse.

— Está pensativo. — Havia uma pontada de acusação na voz de Mônica e a encarei dirigindo tão relaxada ao meu lado que já não poderia confessar meus medos. Não por medo de proferi-los, mas por medo de ser assombrado por eles em toda nossa estada em Cortona. Estávamos na estrada há horas, enquanto a ouvia perguntar mais do que responder, entregar-se mais do que percebia.

— Gosto de silêncio.

— Está bem com sua consciência.

Silenciei-me diante da sua ironia repentina e durante o meu silêncio, Mônica percebeu, recorrendo ao toque em minha perna para chamar minha atenção, tirando uma das mãos do volante.

— Apenas quero entender se está comigo, ou se está pensando no que deixou dentro daquele guarda-roupa. — Era a serpente referindo-se ao Paraíso que fez o primeiro homem

abandonar. Ele sentiu falta? Ou a luxúria foi tão reconfortante quanto o corpo da primeira mulher?

— Eu a deixei lá. — Cobri sua mão com a minha, acariciando-a e a fitei atenta ao volante. — E estou aqui.

— Isso responde a minha pergunta.

— E havia uma?

— Sempre há perguntas.

— Por que acredita nisso?

— Porque se não houvesse, ninguém buscaria as respostas em outras pessoas, e assim, não haveria paixão. — Pelo canto do olho percebi sua confissão e sorri luxurioso com sua admissão.

— Então houve uma pergunta — sussurrei, desejando que Mônica firmasse minha decisão de trancafiar minha batina.

E que não fizesse as minhas dúvidas, silenciadas pelo desejo de acreditar que nada do que estava acontecendo era pelo meu pecado, martelarem novamente uma cruz no meu consciente.

— Você ainda possui algumas.

— E você seria capaz de respondê-las? — Ela riu, mantendo-se calada. — Ou me fará ansiar todos os dias?

— E pelo que você anseia?

— Por algo para reconfortar-me das minhas escolhas.

— Não seja tão precipitado. — Ela sorriu um pouco sem graça.

— E o que poderia ser essa viagem, senão firmar?

— Seria uma viagem, Armando — ela interrompeu-me. — Já conversamos sobre isso, e disse o que sinto.

— Disse? — Era a minha vez de ser irônico e ela negou.

— Daremos tempo ao tempo.

— E temos tempo? Você acredita que teremos tempo, em toda a sua descrença?

Ela apertou o volante como se por um instante fosse responder de uma forma que poderia arrepender-se e então permaneceu em silêncio. Voltei a fitar o caminho coberto pela luz do

nascer do sol espreitando em cada árvore e campos abertos da região de Toscana.

Encarei a estrada que remetia a lembranças da minha infância e divaguei em perguntas.

— Por que escolheu um lugar em que eu já estive?

— Não gostaria de voltar a visitar? — ela respondeu com outra pergunta.

— Você nunca esteve em Cortona? — perguntei surpreso e Mônica apenas negou. — Mas escolheu por ser parte das minhas lembranças ou por que achou bonito?

— O que é belo para você, Armando?

— Esse lugar — sussurrei, voltando a encarar o caminho pelo qual Mônica dirigia.

E então, levado pela paixão que enfim instalava-se em minha mente e meu ser, eu proferi as palavras de um elogio que ao falar, notei que sempre esteve em meus pensamentos. Eu desejava Mônica, sua carne, seu corpo e seu ser, e também a achava bela. Achei-a bela desde o início, mas negando a tentação, até então não poderia admitir. Qual padre eu teria sido se antes da queda, já aceitasse a beleza do que o fez cair?

— E você. — As palavras trouxeram um brilho em seus olhos que me deixou caído na luxúria.

— Você nunca me elogiou antes. — Ela observou e encostei a cabeça no encosto.

— Esperava um elogio meu?

— Esperava que admitisse que estética também é importante. — Era a pura malícia acusando-me de que já vivia no inferno.

— Não é o mais importante.

— O mais importante é o sentimento, é o que irá dizer, não é? — silencie-me e encarei-a surpreso, não pelas palavras, mas por não haver malícia.

— É o mais importante para você?

— Não sou frívola como você disse — ela zombou e ri, lembrando-me das suas perguntas tão íntimas na minha casa.

— Não acredito mais que seja frívola.

Mônica ligou o rádio, deixando uma baixa música preencher o silêncio que transcorreu por minutos em que eu apenas tentava compreender o momento que vivíamos.

— O que espera dessa viagem. Sei que já disse, mas busco compreendê-la, Mônica. Sinto

que ao mesmo tempo em que dou mais, você apenas recua esperando-me mais e dando-me menos — confessei sem fitá-la, ciente de que o silêncio que sucedeu a pergunta foi de espanto.

— Eu espero compreender o que busco em nós — ela suspirou como um anjo contando-me sobre o Paraíso. — Eu espero também ter certezas.

— Espero poder dá-las.

— Também espero. Não somos jovens que criam expectativas sobre ilusões, temos ciência do que podemos perder. — Ela pareceu temerosa. — E do que podemos conseguir.

— E o que você perderia? — Perscrutei seu rosto. — Ainda vejo-me como o que poderia.

— Você acaba por se vitimizar demais — ela interrompeu-me e franzi o cenho. — Não julgue as perdas alheias. Todos perdem na mesma intensidade, pois cada sentimento é intenso em cada um do seu modo único.

— Não esperava ouvi-la falar de sentimentos desse modo.

— Você apenas espera malícia da minha parte. — Ela fitou-me de canto com um sorriso que fazia jus as suas palavras. — Gosto de surpreendê-lo.

E então a voz do GPS cortou-nos, avisando sobre o caminho. Vi confusão nos olhos de Mônica e compreendi que ela estava em dúvida sobre o caminho.

— Estamos certos — murmurei. — Continue apenas.

— Você ainda se lembra?

— Visitei a casa da família há muito tempo, mas as recordações boas nunca se vão totalmente.

— E as ruins, consegue mandá-las embora?

— Você consegue? — indaguei curioso por ouvi-la e Mônica pareceu incomodada. Surpreendi-me de como a conhecendo no íntimo, eu já conseguia notar as expressões que antes passavam em branco para mim.

E a cada expressão, sentia o sentimento pregado dentro de mim, por tê-la tão entregue, tão perto e tão conhecida.

E busquei afastar as minhas lembranças ruins, lembranças das escolhas e do sofrimento, do próprio tormento passado. Não poderia trazê-los para o momento, não poderia ser tão diabólico comigo mesmo.

— Acredito que ninguém consegue, por mais que se tente.

— Por isso podemos ter uns aos outros — sussurrei, buscando por mais e Mônica pareceu sorrir ao avistar adiante na estrada. Voltei os olhos a tempo de ver uma grande casa antiga no final da estrada.

— Diga-me que é aqui.

— É aqui. Gostou de ouvir? — sussurrei rente ao seu ouvido, buscando trazê-la para a mesma sensação que eu sentia e ao proferir as palavras, Mônica estacionou o carro, encarando-me.

— Diga-me o que busca aqui? Suas respostas ou momento nosso? — Ela surpreendeu-me com as perguntas tão diretas e seu olhar pareceu vacilar. Agarrei seu rosto antes que fugisse de mim.

— Nós, apenas nós. Deixei as perguntas junto com minha batina, para estar aqui apenas como homem com você e esquecer-me de quão pecador sou. — Ela sorriu diante da resposta e pareceu querer dizer algo, mas então como se fugisse da cruz, desviou os olhos, voltando a fitar o caminho à frente.

— Obrigada — ela sussurrou, voltando a dirigir.

— Por vir?

— Por me escolher. — E sua voz foi tão sincera que poderia jurar que Deus havia escrito por linhas tortas, e diante da luxúria e de todos os caminhos ardilosos que me levaram até Mônica, talvez fosse sua obra trazer-nos até esse momento.

Mas ao atravessar a estrada que levava-nos até a casa, deixei as perguntas e dúvidas no caminho, disposto a apenas viver um momento que talvez eu não tivesse outra oportunidade tão intensa e desconhecida. Viver como homem depois de tantos anos, em momentos que eu não buscava respostas, apenas buscava o toque pecaminoso de uma mulher que havia levado minha batina embora, dando o conforto dos seus braços.



XXIV – Entrada do Paraíso



"Um único instante de amor reabre o éden fechado."

Victor Hugo.



E se Lúcifer, na sua queda ao inferno, se apaixonasse pelo fogo, seria então um inferno, ou seu próprio Paraíso? Já não buscaria subir, mas permanecer no prazer mundano.

E apaixonar-se também não significaria amai-vos uns aos outros? Quão grande seria meu pecado guiado pela paixão? Temia pela resposta, e implorava ao meu Deus que me perdoasse por uma decisão entre a batina e a carne, pois já então, havia decidido. Implorava que olhasse por mim com bondade e compreendesse que não havia maldade, não da minha parte.

Fitando Mônica parada diante da porta da casa, também desejava que não houvesse da parte dela, mas o pleno desejo de revelar os sentimentos que eu também sentia. Queria reciprocidade para aventurar-me no pecado por completo e estar ciente de que das escolhas, ela estaria ao meu lado, pois eu buscava conhecê-la mais do que eu conhecia.

Não seu gosto ou sua carne, pois desses eu já havia provado e memorizado, mas do que ela era, dos seus sentimentos e impulsos. No íntimo, é quase sempre tão difícil conhecer os outros quanto nós mesmos, pois nem nós, diante da aflição e desespero, poderíamos prever nossos movimentos. Mas essa era a minha busca, e ao largar a batina para trás, seguindo viagem com Mônica, era também um esquecimento de todas as dúvidas para desfrutar do que nós poderíamos viver.

Seria o limbo do esquecimento para minhas dúvidas e tormentos, um Paraíso para os meus

desejos e meus pecados e o inferno para a minha devoção e celibato.

E nesse inferno, eu apaixonara-me por ele, pelos momentos e pelo que poderia viver dentro do fogo desses dias inteiros.

Mas escondido do meu próprio julgamento, eu estava feliz, feliz de uma forma que ansiava ver nos olhos de Mônica, e ao vê-la abrir a porta da casa, um sorriso cresceu em seu rosto, aumentando a minha surpresa.

— Ficaremos aqui — ela sussurrou para si mesma, fitando o grande salão da casa, feito de assoalho escuro, mobiliado com simples mobílias antigas, uma grande lareira feita de pedra e sofás escuros, largos e grandes. Contemplei a antiga casa, iluminada pela luz do sol que entrava pelas várias grandes janelas que percorriam a lateral direita do sol, e lembrei-me da minha infância, correndo pelos corredores atrás dos meus pais.

— Há quanto tempo — murmurei e ao ver os olhos curiosos de Mônica, saciei sua curiosidade. — Mais de quinze anos.

— Por que nunca mais vieram? — Ela adentrou na casa, olhando ao redor e a segui.

Não respondi de imediato, pois a resposta remetia a lembranças que eu não gostaria de contar em um momento que apenas buscava prazer e felicidade.

— Não tivemos mais tempo para vir para cá. — Com os olhos, certifiquei-me de que tudo continuava igual. — É um pouco longe.

Ela avançou pela casa e notei como sua presença, para mim, ocupava todo o espaço. Sorri diante da ideia de que teria Mônica durante todos os minutos comigo. Ela inspecionou como se a casa fosse dela, observando cada porta-retrato, cada fotografia e objetos de enfeites sobre as mobílias.

— Sua família sempre foi religiosa? — Ela estava diante de um altar feito com a estátua antiga de uma santa e anjos pequenos.

— Era dos meus avós, e eles, antes de falecerem, eram. — Aproximei-me.

— Tão religiosos.

— Eles oravam todas as noites, e me ensinaram a fazer o mesmo desde pequeno. — Fitei o altar pequeno em um canto e sorri ao lembrar das noites.

— Eles faleceram há muito tempo? — Ela pegou um dos anjos na mão.

— Tive tempo de aproveitar minha infância com eles. — Sorri triste. — Mas sim,

morreram há algum tempo.

— Fiz você sentir saudade.

— É normal.

Ela perscrutou meu rosto, largando o anjo e sorriu como se estivesse tão entregue que não havia mais malícia ou ironias.

—Você não gosta desses sentimentos, não é? — Ela deu as costas, não me respondendo, voltando a inspecionar a casa. — Está procurando algo?

— Uma foto sua.

— Por quê?

— Como você era quando crianças? Gosto de crianças.

Emudeci e como se o diabo risse de mim, implantou o pesadelo novamente em meus pensamentos. Duas crianças correndo pela grama.

— Fiz uma pergunta — ela insistiu parada diante de uma fotografia pendurada na parede.

— Não gosto como você.

— Isso é uma indireta por eu ser pediatra? — Ela riu, sentando-se no encosto do sofá, ainda fitando a fotografia que provavelmente era minha.

— E você não gosta? — Encurtei nossa distância e ela sorriu ainda mais, mantendo as mãos abaixadas e as pernas abertas. E assim, como uma serpente buscando seu fruto, espreitei-me entre elas, segurando seu rosto com as mãos e ocultando a fotografia. Estava curioso com sua pergunta e busquei a resposta em seu rosto que parecia se divertir.

— Gosto. Sempre gostei de crianças. — E então a malícia veio. — E você?

— Você parece saber a resposta. — Ela riu, assentindo contra minhas mãos.

— Sua mãe me contou.

— Ah, contou? — Arqueei as sobrancelhas, sem conter o riso e Mônica sorriu ainda mais.

— Disse que você tinha pavor de crianças enquanto ela continuava a. — E então ao perceber o assunto que tocava, seu sorriso esmoreceu. — A querer netos e não um padre. — Seu olhar acusou-me tão direto que o silêncio pareceu deixar-me desconfortável.

— Vocês conversaram bastante então.

— Não. — Ela pareceu suavizar. — Apenas sobre crianças e você.

— Isso é bastante para mim. — E novamente o silêncio bastou para eu fitar os seus olhos e compreender que havia mais.

— Por que não gosta de crianças?

— Porque eu deveria gostar? — Eu estava sendo tão direto quanto ela, e compreendi que estava aprendendo com sua convivência. Moldando-me aos seus jeitos que preenchiam meus desejos.

— Porque elas não são maldosas, são inocentes e ingênuas.

— Eu apenas não penso sobre — eu quis cortar o assunto, embaraçado pela presente constante da imagem das duas crianças parecidas com Mônica na grama. — E você?

— Eu já respondi. — Ela sorriu.

— Se gosta tanto, por que ainda não teve uma? — A pergunta escapou dos meus lábios antes que eu tivesse ciência do que isso pareceria. Arregalei os olhos diante das minhas palavras, surpreso. — Eu não quis dizer isso. — Senti-me constrangido e Mônica cobriu minhas mãos com as suas, pegando-as e rindo ao abaixar a cabeça.

— Eu sei, Armando, entendi sua pergunta — ela respondeu enquanto perscrutei seu rosto. — Não quis ter filho. Acho que o momento da minha vida ainda não é o certo para pensar em filhos e. — O sorriso surgiu tão malicioso com suas mãos no meu peito. — Ainda não havia tido ninguém ao meu lado com quem eu quisesse.

— Você está sendo maldosa. — Não deixei a sua maldade passar e ela sorriu divertindo-se.

— Gosto de ver você assustado.

— Não faça isso. — Arqueei as sobrancelhas, também sorrindo.

— Deixá-lo assustado ou fazê-lo imaginar?

Silenciei-me, buscando a mesma resposta.

— Não precisa responder. — Ela curvou-se para o lado, voltando a fitar a fotografia. — Você não mudou muito.

— Também gostaria de ver uma foto sua. — Agarrei o seu rosto, fazendo-a voltar a ficar ereta na minha frente e a envolvi com os braços, buscando juntá-la a mim.

— Você iria se assustar. — Ela riu, e pensei que o meu susto não seria o mesmo que ela

imaginou. Eu me assustaria se as crianças fossem Mônica pequena. — Vamos pegar as malas. — E dizendo isso, levantou-se, saindo de perto. Segurei-a junto pela cintura, mantendo-a presa a mim e Mônica encarou-me surpresa.

— Não precisamos das malas agora — sussurrei ansioso para esquecer-me com ela. Não queria sexo, queria seu toque e segurei seu rosto com uma mão, sentindo o calor da sua pele abaixo dos cabelos na nuca ao encostar meus dedos. Roci a ponta do meu nariz no dela, sendo o objeto do seu olhar de cobiça e ela sorriu, encostando a testa na minha.

— E do que você precisa? — Fechei os olhos, beijando seus lábios, e avancei pelo seu rosto com beijos calmos, preenchendo sua pele com meus lábios. Subi até sua testa e a beijei, descendo pela sua bochecha até seu pescoço, marcando-a com os meus beijos e Mônica ergueu a cabeça, oferecendo seu pescoço.

E na pele, senti o cheiro do seu perfume e abri os lábios, chupando-a devagar, ciente de que se ficasse a marca, também não ligaríamos. Chupei sua pele como se quisesse devorá-la, enquanto suas unhas raspavam minha nuca.

Desci para o seu busto a mostra pela blusa decotada e beijei a curva dos seus seios, erguendo os olhos mergulhados na luxúria para vê-la de olhos fechados.

— Preciso disso — sussurrei ao beijar a curva dos seus seios, sem reconhecer a paixão ardente e irrefreável que eu estava sentindo. Era como se em algum momento eu esquecesse-me de tudo e vivesse o momento e seu corpo.

E na verdade, percebia que essa viagem era isso.

Ela abriu os olhos e seu sorriso entregou o prazer que sentia.

— Precisa? — Ela suspirou, seguindo-me com os olhos, e beijei novamente a curva dos seus seios.

— E disso. — Beijei sua clavícula delineada pela pele e a lambi, com os olhos crucificados nos dela. — Dessa parte. — Abaixei lentamente a alça da sua blusa, beijando seu ombro e ouvi sua respiração aumentar. Ao ouvir, a luxúria ergueu meu pau em um prazer imenso ao pensar que eu estava acelerando seu coração. E excitando-a. — E dessa parte. — Beijei o pescoço dela, erguendo sua cabeça com a mão. Avancei contra seus lábios, mantendo os olhos abertos para fitar seu rosto devasso. — Preciso desse momento.

— Os momentos são muito preciosos para você. — Ela sentou-se, envolvendo meu quadril com as pernas.

— Porque eles são eternos nas nossas lembranças.

— Viva-os primeiro, antes de querer memorizar cada detalhe.

— Eu estou vivendo. — Beijei seus lábios sem tirar os olhos dela, e avancei contra seu queixo, mordendo-o devagar. Ela suspirou e busquei seu pescoço novamente, chupando-o tão devagar que roçava a língua em sua pele ao levá-la para dentro da minha boca. Suas mãos afundaram-se em meus cabelos, e ela apertou-me mais com as pernas. — Cada momento — sussurrei contra sua pele, avançando para o seu busto. — Cada sensação. — Mordiquei sua pele e abaixei seu decote com as mãos, deixando seus seios saltarem erguidos pelo sutiã também abaixado. Seus mamilos roçados e inchados de tesão pareciam clamar por mim, apontados para o meu rosto. — Cada parte do seu corpo. — E fartei-me neles, enterrando meu rosto no aperto entre eles. Suspirei contra sua pele quente e úmida e a beijei, contornando os seus seios com beijos, porque nesse momento, eles estavam entregues para mim e eu iria perder-me neles.

Beijei a curva de cada um, avançando para a aréola e lambendo-a, sem encostar em seu mamilo, desejando ouvir os seus gemidos. E eles escaparam dos seus lábios em um suspiro que implorava que eu chupasse-a. Lambi seu mamilo, envolvendo-o com a língua e o mordisquei, sentindo sua força ao empurrar minha cabeça contra ele, mas contive-me, voltando a juntar seus seios com as mãos e enterrar meu rosto entre eles. Suas mãos buscaram minha carne, descendo pelas minhas costas por dentro da camisa enquanto senti seu corpo aconchegar-se ainda mais contra o meu. Agarrei seus seios, fitando minha ceia tão farta que não me contive, e afundei minha boca em seu mamilo, chupando-o devagar.

— Oh. — Mônica arqueou-se, gemendo e mamei com desejo de tê-la inteira dentro da minha boca, sentindo seu mamilo entre a minha língua e o céu da minha boca, sendo castigado pelo chupão que exercia sobre ele. Ela enterrou as unhas em meu couro cabeludo e larguei seu mamilo, deixando-o vermelho e intumescido, e embeveci-me com seu outro seio, chupando seu mamilo devagar, deslizando com os lábios pela aréola e retornando ao mamilo, mordiscando-o. Ela gemeu ainda mais, incentivando que eu continuasse e agarrei suas coxas, erguendo ainda mais suas pernas. Mônica deslizou e deitou-se no sofá, com as pernas repousando no encosto. Fitei-a deitada, com os seios erguidos e as pernas abertas. Suas mãos abriram o botão da calça jeans e isso foi o sinal para que eu continuasse. Tirei a camisa, deixando seus olhos devorarem-me assim como eu a devorava. — Você quer aqui? — Ela referiu-se sobre o sofá e agarrei seus tornozelos, puxando sua calça. Ela ergueu-se, deixando o tecido deslizar e a fitei apenas de calcinha, enquanto tirava a blusa e o sutiã. Nua para o meu pecado.

— A camisinha ficou no carro? — Era uma palavra que ainda não havia me acostumado como são as palavras que normalmente não usamos: soam estranhas e inapropriadas.

E pelos seus olhos devassos e diretos vi meu inferno, e ela o proferiu.

— Não precisamos de camisinha. Quero sentir você por completo, Armando. Quero sua pele com a minha e quero que sinta quando eu gozar. — Era uma tentação infernal que eu queria provar, queria lambuzar-me, mas a ideia de gozar com ela e dentro dela fez-me lembrar das duas crianças. Era arriscado, e perante a situação que eu encontrava-me, esperando o tempo que ela queria, sofrendo pela batina e atormentado pelo desejo, temi como o diabo poderia temer a cruz. E temia reviver velhos tormentos.

Recuei constrangido diante dos seus olhos curiosos que me encararam.

— O que foi? — Ela apoiou os cotovelos no sofá.

— Vou buscar.

— Por quê?

— Porque é arriscado. — Foi o máximo que consegui dizer e dei as costas. Sua mão agarrou a minha tão depressa quando me afastei que Mônica avançou na minha frente.

— Está com medo? — Ela tornou-se debochada demais, tão deliciosamente nua e tentadora.

Desviei os olhos, embaraçado, não por querer, mas por sentir-me estranho. Seria irresponsabilidade quando éramos dois adultos e quando ela provavelmente se protegia com pílulas? Mas temia que o diabo pregasse-me uma peça tão trágica que nem a batina poderia ajudar mais.

— Olhe para mim. — Ela virou meu rosto, forçando o meu olhar. — Eu não vou engravidar.

— E como teremos certeza? — Fui direto e seco sem perceber.

— Eu não sou uma jovem, Armando. Sei do que faço, cuido do meu corpo, conheço-o tão bem quanto poderia, e como médica, tenho conhecimento o suficiente para decidir por isso. — Ela soou profissional, confiante e insistente. — Mas você parece ter muito medo.

Tentei argumentar, mas qualquer palavra traria tormentos e aticaria novamente sua curiosidade sobre eu não gostar de crianças e o medo tão explícito.

— Eu apenas sei que nem tudo é tão seguro. — Era uma desculpa que a fez rir e Mônica segurou minhas mãos, colocando-as sobre seus seios.

— Você quer viver esses momentos intensamente, como gostaria, ou quer se proteger e

esconder-se com seus medos? — Ela parecia um diabo com todas as falas feitas, roubando as minhas.

— Você diz como se não temesse.

— Eu não temo. — Era certeza e com isso, encontrou a brecha para avançar na minha direção. — Não somos dois irresponsáveis, eu me cuido. — E senti a pontada ao ouvir. — Namorei com Vincenzo por anos, estive com outros homens.

— Eu não.

— Confie — ela sussurrou e soou como uma súplica. Deixei-a aproximar-se e envolver meu pescoço com os braços. — Estamos aqui para fugir dos problemas, não se lembrar deles. Não se preocupe.

Envolvi sua cintura com os braços, abraçando-a contra o meu corpo e seus mamilos roçaram no meu peito como uma tentação pecaminosa demais. Ela começou a empurrar-me em direção ao sofá e cedi.

Agarrei suas coxas, erguendo-a para que envolvesse meu quadril e a carreguei para o sofá, beijando-a profundamente, afundando minha língua dentro da sua boca, buscando a sua e trazendo-a para a minha.

Porque eu precisava confessar a mim mesmo que sua proposta era arrebatadora, e arrebatou-me por completo, criando o desejando e matando o temor.

Eu precisava sentir cada parte sua, do seu gozo e dos seus espasmos. Eu precisava saciar o desejo de homem que ela aumentou dentro de mim.



XXV – A fé necessária



"O Paraíso não é um lugar, é uma decisão."

Wesley D'Amico.



Havia paz no inferno. Uma paz que talvez em meus dias castos, eu jamais alcançaria, pois era a paz por ter me esquecido dos tormentos, e se eu não tivesse pecado, não haveria tormentos, e assim, não haveria paz.

Talvez os erros fossem necessários para nos fazer cair, e então criar uma subida grandiosa. Ou seria uma blasfêmia acreditar que o diabo seria um complemento para que a divindade de Deus fosse ainda maior?

Se não existisse maldade, como saberíamos e desejaríamos a bondade? A bondade então não seria bondade, mas algo comum e indistinto. Mas havia maldade, e por haver a maldade, havia a busca pela bondade.

Um não existiria sem o outro, e um não seria elevado se o outro não caísse.

E se havia perdão, era porque deveria existir o pecado.

Quão iludido era ao pensar assim? E quão pecador era por sentir-me satisfeito nessa paz?

Não buscava respostas, mas apenas a carne de Mônica, que ao adormecer, havia se aconchegado em meu peito, deixando-me abraçá-la por trás depois de consumir comigo o meu desejo ardente: estar dentro em puro contato, como se fôssemos carne com carne. Pecado com pecado.

E eu havia me saciado por completo, entregando-me ao pecado mais mundano, a luxúria mais decadente, e ao prazer mais sublime, pois eu havia estado dentro de Mônica por completo, gozado com ela, junto a ela e nela, e por isso, estava em um estado tão entregue ao que estávamos vivendo que me perdia em seu corpo e em meus desejos carnis e sentimentais.

E tragado pela sensação, despertei ao notar que seu calor não estava mais me aquecendo, buscando um vazio onde ela deveria estar. Despertei, procurando-a pela sala e a vi sentada na varanda feita de madeira da grande janela. Ela estava vestida e com os olhos nos pomares de uva ao longe.

Vesti a calça em silêncio e aproximei-me, ciente de que ela já ouvia meus passos no assoalho que rangia.

— Já acordou? — Fitei suas costas curvadas para frente, enquanto estendia as pernas contra os degraus de madeira que levava para a trilha dos pomares ao longe.

— O celular despertou-me.

— Por que não me acordou? — Sentei-me ao seu lado, mas ela permaneceu fitando a paisagem à frente.

— Já teve momentos em que gostaria de estar só? — ela perguntou sincera e franzi o cenho, buscando compreendê-la.

— Quer que eu a deixe sozinha?

— Não. — Ela sorriu, pegando em minha mão.

— Aconteceu algo durante.

— O sexo? — ela completou, sorrindo ainda mais e então me encarou direta. — Não. Foi tão prazeroso e íntimo que eu não poderia desejar. Estava começando a acreditar em Paraíso, de que talvez houvesse sim uma explicação para os acontecimentos bons.

— E o que a fez ficar assim? — Fui direto, não dando escapatória para ela, e ao perceber, assentiu como se estivesse pensando na resposta quando eu fiz a pergunta.

— Vincenzo me ligou — emudeci quando contou, mas aguardei ao ver que continuaria. — Uma das minhas pacientes, prematura, que eu acreditava que sobreviveria, faleceu esta manhã. Outra sob meus cuidados em tão pouco tempo.

— Ficou triste por isso — murmurei e ela fitou-me angustiada.

— Você deve estar se perguntando o porquê sofro, quando já passei por isso antes, quando

estudei para isso durante tantos anos e estive vivenciando pessoas morrendo o tempo todo — ela respondeu antes que eu fizesse a pergunta. — Eu também gostaria de entender. Acredito que seja porque até então, não havia me apegado aos pacientes. — E seus olhos se voltaram para a paisagem. — Um erro que eu não deveria cometer.

— Talvez seja porque agora, em contato comigo, se pergunta mais sobre a morte do que antes. — Arrisquei, acariciando sua mão.

— Sugere que é porque estou questionando minha própria descrença?

— E por que não? Um descrente pode questionar-se tanto quanto um crente.

— Não deveríamos estar falando sobre isso, não depois de um momento tão bom quanto tivemos — ela cortou-me direta e suspirou. — Mas é por isso que parece ser ainda mais angustiante. Ter tido um momento como o nosso e ter notícias assim.

Silenciei-me pelo tempo que dei a ela para também ficar em silêncio e a puxei pela mão, envolvendo-a em meus braços e percebendo que por mais pecador que eu fosse, por mais mundano e caído, eu ainda sentia-me confortado por acreditar em algo. A fé, mesmo em nossos momentos mais obscuros, ergue-nos e nos faz andar.

Mas se não houvesse fé? Comecei a compreender a falta de sentido que se tornaria a morte, a vida e a existência. Mônica, até então, não se questionava sobre essa falta de sentido diante das mortes de seus pacientes, pois não havia se deparado com a fé. Mas ao meu lado, comigo crente e também por ironia padre, começou a perceber o vazio.

Eu a fizera enxergar sua completa descrença ao mostrar minha fé. Então mesmo que tivéssemos tido nosso momento, que sentíssemos no Paraíso, haveria a amargura ao pensar em crenças e descrenças.

E eu estava disposto a ajudá-la mesmo que isso retornasse ao meu tormento. Queria que ela sentisse paz em nossos dias em Cortona, mesmo que tivéssemos que conversar sobre minha batina e fé.

Beijei o alto da sua cabeça, notando sua entrega aos meus braços e envolvi-a em um abraço.

— Qual é a sua angústia? — sussurrei contra os seus cabelos. — Conte-me, já ouvi descrentes e pessoas com medo.

— Não me compare aos seus devotos, Armando.

— Não estou comparando.

— Cada descrença é diferente da outra, assim como cada visão. — ela sussurrou, envolvendo minhas mãos com as suas, colocando-as sobre sua barriga.

— Então me conte algo para que eu possa ajudá-la — ela não respondeu de imediato, ficando em silêncio.

— Eu estaria sendo maldosa, pedindo sua ajuda.

— Não. Gosto de ajudar as pessoas.

— Eu também, mas de forma diferente. — Notei que estava sendo irônica.

— Estamos juntos aqui, Mônica.

Ela encostou a cabeça em meu peito e assentiu. Compreendi que estava começando a conhecê-la em sua essência.

— Depois que Vincenzo me contou que Giulia faleceu, pensei no seu Deus.

— Por que pensou? — indaguei.

— Porque questionei o porquê tirar uma vida de alguém tão novo, tão puro e inocente. Como desejar Sua existência, se para isso, precisa assumir que Ele é o responsável por essa decisão? Então seria maldade, e não bondade.

— Você atribui à morte um peso de maldade, quando apenas poderia aceitá-la como uma passagem para um plano maior — tentei argumentar.

— Sem viver antes? Então por que fazê-la nascer?

— Porque, na fé, acreditamos que há motivos que apenas Deus conhece, e que junto a Ele, compreenderemos seus ensinamentos.

— Você parece tirar as palavras da Bíblia.

— Eu não as tiro, eu aprendi com elas — sussurrei relutante em lembrar os motivos para tirá-las de lá como ensinamento. Buscando acalmar os tormentos de Mônica, eu reencontrava os meus velhos, esquecidos por baixo da batina.

— E isso o conforta? — Ela ergueu-se, voltando a encarar-me.

— Sim. — Estava sendo sincero. Havia me confortado quando fiz minha escolha e arqueei com ela. Eu precisava continuar sentindo-me reconfortado com a fé, mesmo diante do meu pai no hospital.

— E se não houver Deus? — Ela foi tão direta que podia ver a certeza em seus olhos

implorando para que implantasse a dúvida, e assim desejei fazer.

— E que provas teríamos de que Ele não existiu? Como nosso mundo e nós existiríamos, se não houvesse um Criador? Viemos da evolução? Mas por que então há uma religião por tanto tempo?

— Uma criação do homem?

— E de onde veio essa criação? — contradisse-a, buscando mostrar a mesma certeza com a qual ela fazia as perguntas.

— A Bíblia não foi escrita por Deus, muito menos por aqueles que chamam de Jesus, mas por homens buscando um povo que acreditava mais em um Deus do que no Imperador — ela tentou argumentar e vi angústia em suas palavras.

— Mas para isso, houve Jesus. — Peguei suas mãos novamente. — Não a culpo por não acreditar, muito menos a julgo por isso. Às vezes, as pessoas têm fé e creem para ter algo para mantê-las fortes diante do sofrimento e medo. — Eu estava confessando-me também. — A fé pode ser um norte assim como um sustento.

— Para você, o que é? — ela questionou com curiosidade e sorri satisfeito pela pergunta.

— Ambos. Acredito em Deus, em seus ensinamentos e por isso relutei tanto ao envolver-me. — E porque, em meu caminho, eu havia escolhido a batina, o seminário e todos os anos em devoção. Era muito tempo para abandonar sem questionar-se, sem temer. E eu temia mais do que o diabo no dia do julgamento. Mas isso, isso eu não buscava contar para ninguém, porque nossos demônios nos mantêm sãos quando estão escondidos de nós mesmos. Levá-los para a luz é trazer a loucura. — Acredito que em nossa estada neste plano, precisamos nos redimir e também buscar uma forma de encontrar nosso Pai, mesmo que nesse momento, eu devo ir para o inferno. — Ela riu diante disso e calou-se. — Você teme mais não haver nada, ser tudo em vão, do que existir Deus — murmurei e Mônica fechou os olhos.

— Temo minha própria descrença.

— Por isso está sofrendo agora, não é? — Apertei sua mão. — Porque está comigo, e busca entender os motivos para isso, busca compreender porque na felicidade, ainda há desgraça.

— E porque na bondade, ainda há a maldade. — Ela pareceu seca e fria, fazendo-me recuar.

— Diz isso por causa da morte? — Ela assentiu devagar, como se relutasse em responder. — Você quer aceitá-la? — Ela abriu os olhos perante a pergunta, tão honesta que

sorriu.

— Depois de estar assim, com você. — Mônica franziu o cenho. — Comecei a querer desejar que haja algo bom, que seja por um bom motivo, e que mesmo diante da tragédia, eu encontre um significado que me reconforte como você se sente — ela sussurrou. — Por estar bem com você, desejo crer como você, desejo ter a mesma fé que você.

— Por que me vê como exemplo? — Ela negou.

— Porque vejo que isso torna tudo melhor. É solitário pensar que de um momento para outro, podemos deixar de existir, e o que vivemos, foi em vão, pó que se torna pó, sem o depois e sem propósito. Essa é a minha descrença e senti-la quando vivo momentos com você, como esses, me faz querer desejar que não seja em vão.

— Eles não são em vão. — Tentei reconfortá-la e para o meu espanto, seus olhos pareceram buscar por mim.

— Diga-me em que acreditar. Diga-me que não sou culpada por não crer e arrastá-lo sem sentir-me culpada ou sem dar a devida importância.

— Não posso — sussurrei. — Não posso implantar uma fé em você da qual não acredita, Mônica.

— E então por que é padre?

Ri diante da sua pergunta tão crua e neguei.

— Talvez perceba que nesse momento, não sou padre, mas um homem apenas. E talvez eu não seja mais padre — confessei para ela.

— E então ao invés de você me levar para a fé, eu a tirei da sua.

— Não. Eu largar ou não a batina não irá mudar minha crenças e fé, muito pelo contrário. Desejo a cada dia seguir por um caminho que não fira os outros — hesitei ao pensar nisso. — E que eleve minhas escolhas.

— Então a fé é crer sem provas? É acreditar em algo sem certezas?

— Diferente da ciência — concordei. — Mas por isso torna-se ainda mais bela, Mônica. Crer que há Deus, e que Ele veio por nós. É acreditar que Ele está acima de nós, como Criador e como um Pai que cuida dos Seus filhos, porque muitas vezes — hesitei novamente, angustiado ao preferir as palavras. — As mortes e tragédias são consequências do nosso livre-arbítrio. Nosso Pai não nos ordena, muito menos torna-nos submissos Dele, mas nos dá escolhas, e precisamos arcar com as consequências dessas.

Mônica pareceu refletir sobre minhas palavras e assentiu devagar.

— Mesmo que isso recaía sobre outros?

— Não controlamos as consequências — expliquei, tentando esconder o tormento ao pensar.

— Ele deu liberdade para sua Criação.

— E assim ela também pôde evoluir — complementei sua ideia, percebendo que ela estava mais calma e reconfortada, buscando também se esquecer das lembranças.

— Então desejo que minhas consequências não estraguem nossos momentos. — Ela silenciou-se depois disso e arregalei os olhos, buscando saber mais.

— E o que poderia estragar?

— Eu já estraguei ao questionar nossas crenças, não poderia estragar mais ainda. — Ela deu um basta na minha pergunta e respeitei sua decisão, porque na verdade também estava começando a sentir-me angustiado com o assunto.

— Apenas me diga. — Puxei-a para mais perto. — Está buscando realmente acreditar?

— Estou. Quero acreditar, porque diante da felicidade, não suporto a ausência de sentidos. Quero mais para os meus momentos, e quero acreditar que para eles, há um depois — ela confessou em um sussurro, rente ao meu rosto.

— Então acredite. Acredite na sua ciência, mas também acredite que há algo maior do que ela. É sua decisão ter fé. — E antes que ela negasse, puxei o meu pequeno colar de crucifixo do peito e o tirei, passando por sua cabeça e dando-o para ela. Mônica permitiu, aceitando de bom grado meu presente e sorriu.

— É um milagre um ateu desejar crer?

— É um milagre ele ansiar por isso como você deseja, e então, aceitar essa ânsia.

— E se eu crer serei muito pecadora por desvirtuar um padre? — Ela sorriu sem malícia.

— Não somos jovens ou crianças e não fomos obrigados a estar onde estamos. Estou aqui por vontade e você também, então não carregue a culpa sozinha. — Parte da culpa era minha.

— E se eu buscar provas, Armando? E se eu precisar de provas para crer? — Ela pareceu angustiada novamente. — Pois diante da morte, apenas vejo provas da maldade e vazio.

— A prova é você. É cada pessoa que vive, é esse mundo e também seus ensinamentos nas palavras. Se quiser prova, abra a Bíblia pelo menos uma vez e a leia sem criticar ou com um

olhar já descrente. A fé é a prova já, pois crer em algo que nunca viu já é um milagre, e um milagre por si só já é divino.

Ela permaneceu muda, apenas fitando-me e abaixou a cabeça, pegando o pequeno crucifixo sobre o peito.

— E então estaríamos aqui por um motivo, e teríamos o depois não apenas no vazio, mas com uma existência.

— E isso a confortaria. — Ela assentiu e sorriu devagar.

— Isso torna os momentos mais belos e menos trágicos — hesitou, fechando novamente os olhos. — E a culpa menos pesada.

— E qual é a sua culpa? — Deixei a pergunta perdurar e Mônica riu, levantando-se.

— Eu queria poder contar agora, mas prefiro não estragar tanto assim nossa viagem. — Ela pareceu temerosa demais e ocultou-se na confiança, que aos poucos eu reconhecia como uma busca por reconfortar-se em meios aos medos.

— Não irá estragar.

— Outra hora, outro dia — ela murmurou e estendeu a mão. — Desculpe-me por isso, Armando, mas.

— Eu a ajudei? — perguntei, interrompendo-a e Mônica suspirou.

— Ajudou. Em meio à descrença, você me fez ver uma fé que eu posso crer, e eu quero.

— Então não estragou nenhum momento. — E na verdade, ao ver sinceridade no rosto dela, senti-me mais elevado, como se ao levá-la para a fé, tornasse-me menos pecaminoso, uma pequena forma de redimir-me um pouco. Agarrei sua mão e levantei-me.

E como se o momento tivesse passado, Mônica vagueou pela casa com uma das malas, acomodando-se em um grande quarto enquanto eu a ajudava com a outra mala, a espreita de qualquer sinal de indagação, mas ela parecia ainda mais entregue, tão íntima comigo que eu encontrava-me no Paraíso, em um estado de completo êxtase. Por fim, parecia que Mônica buscava fé, começava a acreditar e acalmava um tormento que eu havia notado no decorrer dos dias, por mais que eu tivesse certeza que ainda havia dúvidas e descrenças, ela parecia estar mais leve e menos descrente. Havia um vestígio de uma tentativa de fé.

Ao entardecer, depois de acompanhar-me na trilha para os pomares, Mônica abriu ainda mais as janelas, deixando a brisa noturna entrar por elas enquanto eu acomodava-me no sofá, observando as velas acesas na mesa redonda no canto esquerdo da sala, e ouvi-a aproximar-se.

— Beberá comigo? — Ela abraçou-me por trás, apoiando-se no encosto do sofá e sorri.

— O que trouxe para nós?

— Vinho — ela sussurrou no meu ouvido. — Abra-o para mim?

Levantei-me e agarrei a garrafa de vinho da sua mão, tirando a rolha em um estouro que a fez rir e a puxei pelo quadril com uma mão. Ela rodopiou com o vestido até os joelhos, como uma mulher apaixonada e então percebi que estava encantado demais para negar os sentimentos. A brisa jogou seus cabelos para trás e aproveitei seus ombros expostos pela alça fina do vestido escuro e os beijei.

— Estou tentando cozinhar. — Ela riu, tentando esquivar-se de mim e neguei.

— Você não veio para cozinhar. — Mantive-a perto de mim e agarrei seu rosto com uma mão, empurrando-a para o lado do sofá, colocando a garrafa de vinho na pequena mesinha ao lado, podendo envolver sua cintura com o outro braço e a segurei firme. Ela riu, apoiando os braços nos meus ombros e deu-me um beijo casto, roçando nossos lábios apenas por um momento. Avancei com a mão para a sua nuca, mantendo-a com o rosto colado ao meu e abri os olhos, balançando-a em meus braços.

— Você está feliz? — Queria ter a certeza que via em seus olhos.

— O que você acha? — Ela sorriu, testa com testa comigo.

— Acho que você não quer dizer o que eu já disse.

— E o que você disse? — Era malícia e acariciei sua nuca, apertando-a com o meu braço contra o meu corpo.

— Diga — insisti, aprendendo com ela e suas mãos roçaram na minha nuca. Ela inclinou a cabeça, e então, como se o inferno subisse até meu corpo, incinerando-me por completo para que eu percebesse que o Paraíso poderia ser fogo, ela transpareceu em seus olhos, seguidos das palavras.

— Estou apaixonada por você. — E se fosse oferecido o Paraíso ou o inferno em troca, nesse momento, eu ainda sim, escolheria a paixão de Mônica.

Porque ela estava entregue, desejando ter fé, ter crença e momentos comigo. Porque ela estava apaixonada por mim e esse era o meu Paraíso.



XXVI – Paraíso terreno



"Para Adão, o Paraíso era onde estava Eva."

Mark Twain.



A paixão é como a fé, não busca provar, apenas acreditar em algo. Enquanto a fé crê em um ser superior e em um milagre, a paixão crê no íntimo, na carne e osso e no anseio dos desejos.

E em meio a minha fé, eu sentia a paixão carnal, a paixão que beirava a entrega total do meu ser, ansiando por uma reciprocidade que eu ouvira antes. A paixão, assim como a fé, em extremos leva-nos a loucura da inconsequência, de viver um único momento como se as nossas vidas dependessem dele. E no fanatismo desse sentimento, tudo tornar-se intenso.

Deveria eu refrear meus sentimentos, mas na decadência da minha batina, silenciando as dúvidas para viver a intensa paixão que começava a sentir, já não poderia parar, levado pelo momento, pelas palavras e pela presença de Mônica, que se infiltrava na minha sanidade com sua entrega, e diante dessa total rendição, encontrei-me no Paraíso.

Não no Paraíso divino, muito menos no de fogo, mas no de Mônica, e sentado a sua frente na mesa, tomando uma taça de vinho ao vê-la terminar de jantar, com os olhos diretos em mim e um sorriso que confessava que também vivia o mesmo sentimento comigo, eu ansiava que Deus, mesmo na culpa, fizesse perdurar esse momento por um tempo infinito, pois eu sabia que as dúvidas e a escolha que eu deveria tomar voltariam junto com o tormento.

Porque nessa vida, só há felicidade porque há momentos escuros, e assim, a diferenciamos

da tristeza e a buscamos cada vez mais. E esse também era um dos meus novos tormentos, mas não iria pensar nele, pois meu olhar estava crucificado nos lábios de Mônica contra a taça, deixando-me em silêncio. .

— Você mal bebeu o vinho.

— Está tentando me embriagar? — Sorri ao vê-la rir, também acabando o jantar.

— Já ficou bêbado?

— Na adolescência, sim — respondi curto.

— Não consigo imaginá-lo assim. — Ela sorriu ainda mais maliciosa.

— E como consegue me imaginar? — Espalmei as mãos na mesa e Mônica levantou-se, pegando a própria taça e arrastando meus olhos junto enquanto caminhou na minha direção.

— No início — ela sussurrou parada ao meu lado. — Imaginei-o casto, mas um padre com certas dúvidas, e então vi o homem. — Ela parecia contar a Criação. — E desse homem. — Virei com a cadeira e Mônica sentou-se no meu colo, encarando-me sobre o ombro. — Vi que você havia se rendido a paixão quando discuti comigo.

Peguei sua outra mão, entrelaçando os dedos e senti-me constrangido ao lembrar a discussão na sua casa.

— Eu não deveria ter exigido.

— Você fez o que um homem que deseja faz.

— Mas com que direito sem que não promettesse nada em troca? — Encarei-a nos olhos. — Com que direito, se não havia certeza de que eu poderia estar ao seu lado.

— Nós ainda não temos — ela sussurrou e tomou mais um longo gole de vinho, oferecendo-me na boca. Tomei um longo gole, sentindo o efeito que o álcool faz: calor. — E não quero que prometa nada. — Ouvi-a enquanto pegava a taça da sua mão para beber o restante do vinho.

Eu estava sucumbindo de vez, e entregando-me aos pecados e erros. Porque não éramos mais nós, havíamos nos transformado em um casal quando Mônica confessou seus sentimentos.

— Mas estamos aqui. — Larguei a taça sobre a mesa e Mônica sorriu, levantando-se. Busquei-a com os braços, envolvendo-a e fazendo-a caminhar para a sala. Ela envolveu meu pescoço com as mãos, encarando-me tão séria que temi o eu estava prestes a dizer. — E isso significa mais.

— Mais? — Ela pareceu receosa, sem confiança nos olhos ou ironia. Era a pura Mônica que se revelava cada vez mais, no íntimo, no pessoal e na paixão. — Não precisamos de mais, não agora. — Ela pareceu fugir deixando o sorriso esmorecer e agarrei-a contra o meu peito, mantendo-a presa no que eu queria dizer. Embalei-a em uma dança com o meu corpo e cantarolei uma antiga música em italiano, rendido ao momento, fazendo-a abaixar a cabeça e rir. — Pare. — Era uma risada deliciosa de ouvir e levantei sua cabeça, imóvel, apertando seu quadril com os braços. Nos meus olhos, ela compreendeu, e pareceu temer, com o rosto rente ao meu sem escapatória.

Eu poderia culpar o vinho, poderia culpar o silêncio que fiz em minhas dúvidas, para ouvi-las depois, ou poderia culpar até o diabo. Ou Deus. Mas o culpado, na verdade, era eu. Eu e meu desejo pelo pecado, pelo carnal e pela paixão que sentia por Mônica. A culpa era da minha queda, e eu já não poderia elevar-me, por vergonha e por decência. E por paixão. Eu não estava completamente decidido, mas ninguém se sente decidido ou com confiança quando pulam do precipício, e mesmo assim, saltam.

— Largarei a batina — proferi as palavras que me atormentavam desde que havíamos chegado. O silêncio pareceu traiçoeiro e Mônica deixou transparecer o susto. Ela recuou e franzi o cenho, fitando-a de costas, avançando para a grande janela que levava para a varanda. — Mônica. — Segui-a enquanto ela levantava a cabeça, fitando o céu estrelado do campo.

— Por que agora? — ela sussurrou e abracei-a por trás, cobrindo seus braços com os meus e beijando seu ombro.

— E por que não?

— Porque é apressado.

— Porque é o que também deseja — sugeri e ela não respondeu. — Não diga que veio aqui comigo para depois esquecer. Não diga que ainda quer que eu seja padre quando me vê apenas como um homem, e que anseia por mais momentos como esse.

— Não sabemos o dia de amanhã.

— Mas sabemos os nossos desejos no de hoje — respondi e ela encarou-me sobre o ombro, tão perto que eu poderia beijá-la, mas esperei.

— E seus tormentos? — Sorri, compreendendo o que ela queria dizer.

— Eu deixei-os em Lucca, como você mesma pediu. Precisarei pegá-los de volta e conviver com eles, ou enfrentá-los. — Ela pareceu ainda mais receosa. — Mas agora é o certo a se fazer.

— O certo é um ponto de vista — ela sussurrou. — Ele pode mudar conforme a situação.

— Estou falando desse momento, não de qualquer outra situação. — Franzi o cenho.

— Você poderá se arrepender — ela murmurou, cobrindo minhas mãos na sua barriga com as suas, entrelaçando nossos dedos. — E se você arrepender-se, não importa o momento.

— Quando chegarmos a Lucca, eu largarei a batina, Mônica — insisti.

— Espere. — Ela pedia com os olhos.

— Eu não irei culpá-la. — Levei uma das mãos para o seu rosto, acariciando-a. — Por que insistir em algo quando estamos assim?

— Assim como? — Ela fechou os olhos.

— Você está apaixonada por mim. — Toquei nossas testas, mantendo-a tão perto que sentia seu perfume, sua respiração e o arrepio em sua pele. — E eu sei que sentimentos podem mudar que os momentos tornam-nos impulsivos e sentimentais. As emoções são mutáveis, talvez não seja a pura verdade e sim a intensidade do momento, mas agora, nesse momento, estou amando-a.

E ao ver os seus olhos verdes, compreendi que ela havia se rendido ao escutar as palavras. Ela acariciou o meu rosto, perscrutando-o e sorriu.

— Toque-me, Armando — ela sussurrou, fechando novamente os olhos. — Beije-me, abrace-me. Toque-me. — E sorriu, roçando nossos lábios. — Ame-me. — E isso tornou o desejo incontrollável. Agarrei-a pela nuca, levando os seus lábios até os meus, e os abri com a língua, buscando sua boca quente e molhada, envolvendo a sua língua em uma dança erótica, tomando-a para a minha boca e chupando-a devagar.

Mônica arfou contra os meus lábios, tão envolvida que de imediato busquei as alças do seu vestido, puxando-as sobre os ombros.

Seu vestido caiu e vagueei pelas suas costas, abrindo seu sutiã, voltando com as mãos para debaixo dele. Apertei seus seios entregues para as palmas da minha mão e Mônica escapou dos meus lábios, jogando a cabeça para cima. Devotei-me no seu pescoço já marcado com meus beijos de antes, enquanto suas mãos avançavam para as minhas costas por dentro da camisa escura.

— Armando — ela gemeu meu nome, clamando pela fera da qual se transformava quando sentia tesão. Beijei o seu pescoço, esquadrinhando sua pele, brincando com seus mamilos e lambi seu busto, puxando seu sutiã para baixo para fitar seus seios erguidos e seus mamilos.

Suas mãos, afundadas no meu cabelo, empurraram-me e abocanhei seu mamilo, chupando-o devagar, mamando com desejo e fome por sua pele. Seu mamilo intumescido e macio roçou pelo céu da minha boca, entregue a minha língua que o balançava dentro da minha boca e os gemidos de Mônica se tornavam mais altos.

Desci com a mão pela sua barriga e adentrei pela calcinha rendada, roçando os dedos em seu monte Vênus.

— Oh — ela gemeu quando toquei seus grandes lábios e afundei meu dedo devagar, sentindo-a molhada. Busquei sua coxa com a outra mão e Mônica envolveu meu quadril com as pernas, permitindo que eu a carregasse. Voltei para o seu rosto, encarando seus olhos diretos e devassos.

—Quer ir para o quarto? — Ela sorriu, colando nossas testas novamente e eu carreguei-a pela sala, cruzando o corredor e adentrando no quarto, na penumbra da claridade da noite que entrava pela janela. Eu queria estar em Mônica de todas as formas que um homem poderia ter, e ao deitá-la na cama, sendo observado pela luxúria dos seus olhos, deslizei a calcinha pelas suas pernas, libertando meu Paraíso carnal no meio das suas pernas.

Mônica abriu as pernas e tirei a camisa, ansioso por estar com ela tão entregue no momento como eu. Ajoelhei-me contra a beirada cama e agarrei seu pé, beijando-o devagar. Ela riu de forma deliciosa e curvou-se, apoiando os cotovelos na cama para observar-me. Ri diante da ideia de adoração e de como eu queria cada parte do seu corpo na minha boca. Beije seu tornozelo, ouvindo o riso transformar-se em um suspiro e então foi a minha vez de sorrir ao encontrar seus olhos mergulhados em desejo. Beije sua panturrilha devagar, acariciando-a com os lábios e subi com eles pelo seu joelho, avançando para a coxa com beijos. Mordi sua pele e ela gemeu, deitando-se e deixando-me sozinho no meio das suas pernas.

Toquei seus grandes lábios com a boca e seu cheiro de mulher clamou por mim. Abri-os com a língua, buscando seu clitóris já inchado, e ao tocá-lo, ela gemeu profundamente, deixando explícito o quanto eu conseguia provocar prazer ao chupá-la. E assim o fiz. Chupei com força seu clitóris, tentando prendê-lo dentro da minha boca, sentindo-a molhada demais contra os meus lábios, e rocei os dentes, mordicando-o enquanto ouvia arfar cada vez mais. Suas pernas fecharam-se contra os meus ombros, acomodando-se sobre eles e enterrei meus dedos na carne da sua bunda, lambendo seus grandes lábios e lambuzando-me com o seu prazer. Suas mãos empurraram minha cabeça e tentei penetrá-la com a língua, ouvindo-a suspirar um gemido que confessava o gozo que sentia. Um êxtase puro que eu conseguia fazê-la sentir com a boca, e eu queria mais. Envolvi seu clitóris com a língua em círculos precisos e lentos, sentindo cada parte da sua intimidade e mordisquei um dos seus grandes lábios. Queria fazê-la gozar na minha boca,

para mergulhar meu pau em seu gozo, porque o Paraíso era seu corpo, e eu queria entrar nele pelos portões e permanecer dentro.

Ela gemeu ainda mais enquanto a chupava com força, devorando seu gozo e seu gosto. Seus dedos fraquejaram contra meus cabelos e senti suas pernas perderem a força. Ela silenciou por um momento e levei meus olhos até o seu rosto intenso e em profundo prazer. Um suspiro escapou dos seus lábios e ela fechou os olhos, deixando o gemido ressurgir.

E com seus gemidos, entrou em orgasmo na minha boca, lambuzando minha língua que continuava a explorá-la devagar. Arrastei os lábios para o seu ventre, beijando-a e sorri ao ver seu espanto por abandoná-la em pleno orgasmo. Trilhei beijos pela sua barriga que subia e descia com a respiração entrecortada e beijei seus mamilos, chupando-os devagar. Mônica acompanhou-me com o olhar perdido, o desejo por mais e abri a calça, tirando-a com pressa. Apoiei os braços na cama, aconchegando-me no meio das suas pernas, que abertas, deixaram minha ereção roçar nos seus grandes lábios molhados.

— Sem camisinha? — Eu ansiava pela resposta, pois no meio dos meus temores, havia o desejo e o anseio de confiar. Ela assentiu devassa demais para responder, ofegante demais para proferir palavras, e com o desejo de presenciar seu orgasmo contra minha pele, empurrei o quadril com força, abraçando-a para mantê-la embaixo do meu corpo. Senti seus grandes lábios abrirem-se ao redor do meu pau e minha glândula afundou na sua intimidade encharcada.

— Oh — gemi, enterrando minha cabeça na cama e penetrando-a com força, inteiro e por completo. Ela abraçou-me no íntimo, apertada e molhada, e suspirei, tentando acomodar-me. Ela gemeu, agarrando meu rosto para mantê-lo rente ao seu, e com a outra mão na minha bunda, insistiu que eu enterrasse-me ainda mais.

Movimentei o quadril devagar, explorando-a por dentro, sentindo cada vez mais deliciosa para mim, e perdi-me entre a fera e o homem que eu era, devasso e desejoso. Estoquei devagar, cerrando os dentes em gemidos profundos e aumentei o ritmo, entrando e saindo dela com cada vez mais força, roçando a glândula na sua entrada e voltando a enterrar-me até o talo.

E senti-la molhada, contra a minha pele, sem nada entre nós, era o Paraíso que eu jamais esqueceria. Era uma sensação de possuí-la por completo e com confiança. Estremeci com o contato e estoquei com mais força, enterrando-me cada vez mais. Ela gemeu alto, espalhando sua voz pelo quarto e agarrou a coberta sobre a cama, com os olhos fixos nos meus, absortos no mesmo prazer que eu.

Devorá-la desse jeito, olhos com olhos, pele com pele, e orgasmo com o meu desejo, era uma tentação que talvez nem os anjos recusassem. Possuir o corpo e a alma de uma mulher

apaixonada.

—Armando — ela gemeu, envolvendo meus ombros com os braços, apoiando os pés contra a minha bunda, incentivando-me a fodê-la com força. Porque era isso, era amor o que fazíamos, mas também estávamos fodendo como dois animais fugindo da racionalidade.

E diante disso, eu busquei mais. Agarrei seu rosto, gemendo enquanto mantinha o ritmo forte de um vai-e-vem e pedi o que eu queria.

—Por trás — sussurrei.

— Estava em dúvida se iria pedir — ela suspirou, abrindo as pernas para soltar-me e mergulhado na devassidão, agarrei seu quadril, virando-a na cama. Mônica agarrou um travesseiro, empurrando-o para baixo do corpo e o acomodou embaixo do ventre, deixando sua bunda empinada para mim.

Seria o inferno ou o Paraíso? E se ambos estivessem no mesmo lugar?

Dei as costas por um breve momento, pegando o lubrificante que ela havia guardado dentro de uma das gavetas, e cobri meu pau com ele, lambuzando-a também.

Apoiei os joelhos na cama, apertando sua bunda exposta e Mônica arqueou as costas, colando os seios na cama e encarando-me sobre o ombro. Precisava estar dentro dela desse modo, precisava gozar com ela assim. Roci a glândula contra sua bunda macia, deixando-a arrepiada, e adentrei, sentindo sua abertura pequena.

Eu estava perdido e já não havia caminho para voltar, porque eu queria. Penetrei-a devagar, tentando abrir espaço em um lugar tão apertado e vi Mônica cerrar os dentes, fechando os olhos. Parei, esperando-a se acostumar com a penetração e aos poucos senti sua pele ao redor do meu pau se tornar menos tensa. E ao sentir que ela estava entregando-se até no mais íntimo, perdi-me no desejo e pecado. Empurrei o quadril para frente, ouvindo-a gritar um gemido e enterrar o rosto nas cobertas, puxando-as com força contra o corpo.

E seu corpo fechou-se ao redor da minha ereção, que ainda sim, não estava toda dentro dela. Mas o aperto ao redor da glândula e de toda a extensão me fez gemer e agarrar seus cabelos, envolvendo-os nos meus dedos e puxando-os com força. Mônica gemeu um grito novamente e enterrei-me com força até o talo, penetrando-a por trás.

Suspirei, sentindo-me preso dentro dela, apertado e excitado. Puxei sua cabeça para trás pelos cabelos, tentando controlar-me, mas eu precisava enterrar-me com força, precisava saciar meu gozo, e curvando suas costas com o puxão em seus cabelos, empurrei meu quadril para trás, saindo quase inteiro de dentro dela, para ouvi-la suspirar.

Penetrei-a novamente até o talo, batendo minhas bolas contra sua bunda empinada pelo travesseiro embaixo do corpo e reivindiquei o espaço apertado, estocando com força, ouvindo-a gemer ofegante em segundos. Apoiei minhas mãos em sua bunda, largando seus cabelos, e abri-a para ver a visão perfeita de nós dois.

Enterrei-me devagar, deixando a glândula explorá-la lentamente, sentindo cada parte do seu corpo na minha pele, e ela gemeu pedindo por mais. Empurrei mais o quadril, sentindo-a abrir-se para mim, e Mônica ofegou quando me enterrei novamente até as bolas, inteiro dentro dela e rasgando-a para me ter por trás.

E tê-la assim era melhor do que a promessa de vida eterna. Era a promessa de entrega, de tê-la e um instinto animalesco de possuí-la.

Apertei sua bunda com força, mantendo-a aberta, deixando sua entrada exposta com o meu pau enterrado, e puxei-o para fora, voltando a enterrá-lo. Mônica gemeu novamente, rebolando devagar, provocando-me. Segurei seu quadril, permitindo seu rebolado, que fazia meu pau a sentir por dentro e gemi, vagando com a mão para o meio das suas pernas e toquei-a, masturbando-a enquanto enterrava-me em sua bunda. Afundei o dedo, penetrando-a por dentro e Mônica enterrou o rosto na coberta novamente, gemendo sem parar. Apertei seu clitóris com força, mantendo-o preso nos meus dedos e comecei a estocar com força, perdendo a compostura e o medo de machucá-la.

Ela gemeu, movimentando o corpo junto com o meu, empurrando a bunda contra minha ereção e enterrei-me ainda mais, sentindo sua pele tão apertada contra o meu pau, seus espasmos ao tentar retesar a músculo e voltar a entregar-se em um relaxamento completo.

Em um impulso, puxei-a com força para trás, saindo da cama e mantendo-a de quatro sobre ela. Mônica apoiou-se com os braços estendidos e a bunda empinada, sem permitir que eu saísse de dentro dela, e com desejo, dei um tapa em sua bunda, ouvindo-a gemer. Eu queria ouvir sua voz, eu queria senti-la apertada contra o meu pau, e ao estapear sua bunda, seu corpo retesou contra a ereção. Gemi, agarrando seu quadril e estoquei com força, enterrando-me novamente até o talo e saindo, em um vai-e-vem que a abria por trás, aconchegando-me enquanto nossos corpos batiam em um atrito que movimentava a cama com força. O suor escorreu pelo meu peito, juntando-se ao dela e espalmei as mãos nas suas costas, percorrendo-a até seus cabelos. Agarrei-os com as mãos e puxei-a para frente, colando suas costas no meu peito. Ela deitou a cabeça sobre o meu ombro e continuei a estocar com força, empurrando seu quadril para frente, mantendo-o contra a minha mão espalmada no seu ventre. Masturbei-a com a outra, sentindo seu clitóris tão inchado contra os meus dedos que ela gemia perdida, com o rosto enterrado no meu pescoço. Abaixei a cabeça e mordi seu ombro, lambendo sua pele devagar, sentindo seu corpo

suado contra o meu, suas mãos contra as minhas e seu íntimo aberto contra o meu pau, permitindo um vai-e-vem deliciosamente forte e rápido. Bati minhas bolas contra a sua bunda, sentindo um completo esquecimento de medos, vivendo apenas a sensação de estar dentro dela desse modo, do prazer que se irradiou do meu peito e crucificou meu gozo. Embriagado de prazer, levado pelo gozo, estoquei com muita força por trás, mantendo-a presa contra o meu corpo e Mônica agarrou meu rosto, virando-o para colar nossos lábios, ambos de olhos abertos.

Mergulhei em puro prazer de estar dentro dela por trás, de tê-la por completo, senti meu corpo arrepiar-se e estremeci, gozando com força dentro de Mônica, com liberdade de deixar gozar nela. Eu sentia-me um animal, e estava pecando por gostar ainda mais dessa sensação. Continuei estocando devagar, mergulhado no orgasmo, esquecendo de todo o resto, sentindo apenas nossos corpos e ouvindo apenas nossas respirações. Um momento íntimo que partilhávamos, e Mônica gozou contra a minha mão, acabando-se em um gemido profundo, com os olhos fixos nos meus.

Ofeguei, com sensibilidade e saí de dentro dela, deixando-a arrastar-se na cama e deitar. Ela puxou as cobertas, cobrindo-se e busquei-a dentro dos lençóis, abraçando-a com os seus mamilos arrepiados contra o meu peito.

— Você gosta desse jeito. — Ela estava ofegante e maliciosa. Afastei seus cabelos úmidos de suor do seu rosto e beijei-a devagar.

— Creio que deve ser difícil não gostar. — Roci nossos narizes e ela riu. — Qual a sensação para você?

— Do sexo anal?

— Sim. Uma vez você perguntou-me, e agora quero a sua resposta. — Sorri e ela desceu os dedos pelo meu peito, enterrando-os nos meus pelos.

— É de uma entrega. — Ela fitou o meu peito. — Uma intimidade e confiança que não é só prazer, mas uma cumplicidade.

— É isso o que quer?

— Cumplicidade? — Ela ergueu os olhos e fitei a surpresa. — Mas nós já temos. — Ela foi tão honesta que beijei seus lábios sem parar de encará-la.

— Nós temos um ao outro. Nós temos esse momento e podemos ter muitos outros.

— Não pense no amanhã. — E novamente ela insistia nessa ideia, implantando curiosidade e perguntas em mim, mas silencieei-me. Não queria perguntar, muito menos estragar o momento.

Puxei-a contra o meu peito, deitando-a brincar com os meus pelos, aninhando-se na minha pele e envolvi-a com o braço. Fitei o teto de madeira na penumbra, sem pensar em tormentos, apenas na felicidade do momento.

— Não esperava que dissesse aquilo — sua voz cortou o silêncio e contemplei seu rosto erguido.

— O que?

— Que estava amando. — Ela sorriu devagar. — Você teme seus sentimentos, mas se entrega a eles tão rápido.

— Não. — Ri. — Não me entreguei tão rápido, apenas não consigo escondê-los por muito tempo.

— Sempre foi assim?

— Também não. — Rocei os dedos pelo seu quadril, arrepiando-a. — Mas é um costume que adquiri diante de sentimentos que eu já havia esquecido. — Voltei a pensar de outros momentos no passado, momentos que não queria lembrar e fechei os olhos. — Você disse que estava apaixonada.

— Sim — ela murmurou.

— Pelo momento ou por nós?

— Você teme que eu faça disso uma aventura? — Ela foi direta.

— E você não faria? — Encarei seu olhar e Mônica beijou-me devagar.

— Não é uma aventura. Eu queria que fosse, mas me deixei levar como você também fez. — E antes que eu pudesse questionar algo, ela escapou dos meus braços, caminhando nua para o banheiro. — Venha comigo. — Ouvi sua voz e tive ciência de que compartilharíamos novamente um banho, e não hesitei.

Ensaboei o seu corpo embaixo da água, vi seus olhos em mim que completavam a sensação de estar com ela, e depois de um demorado banho, ela levou-me para a varanda, estendendo um colchonete e uma coberta, e sob a brisa do verão, sentou-se no meio das minhas pernas, repousando a cabeça no meu peito.

— Poderia durar mais dias — ela desejou em voz alta, fitando o céu estrelado comigo. Envolvi seu corpo em um abraço por trás com uma mão e tomei um longo gole de vinho.

— Podemos fazer durar — sussurrei.

— Essa casa é da sua família? — ela cortou o assunto.

— Sim. Era dos meus avós. Eles arrendaram os pomares de uvas. — Apontei para os pomares adiante da trilha.

— E quem cuida agora?

— Era para o meu pai cuidar — hesitei e diante do silêncio, temi que ela questionasse um assunto que eu não queria abordar. — Mas ele deixou arrendados os pomares, não conseguiu cuidar — completei rápido.

— E você se tornou padre — ela completou. Fiquei em silêncio, refletindo sobre isso, e Mônica pegou minha taça.

— Você nem sempre pensou em ser padre — era uma afirmação e esperei pela pergunta. — O que queria ser antes de tomar essa decisão?

Sorri diante da pergunta, deixando-a repousar novamente a cabeça em meu peito.

— Eu iria manter as terras dos meus avós e provavelmente escolheria alguma outra faculdade.

— Você disse que escolheu esse caminho há dez anos — ela continuou a especular. — Antes, não estava fazendo alguma faculdade?

— Às vezes, há imprevistos na vida — limitei-me a responder e ela compreendeu que eu não iria entrar no assunto. Não em um momento como estávamos. — E o seu irmão? — Também a questionei e ela acomodou-se melhor contra o meu peito.

— Mariano mora com a esposa na França, há um bom tempo — ela também se limitou a responder. — Preferiu se afastar a alguns anos, conseguindo estágio na engenharia. — E percebi que também estava buscando cortar o assunto.

— Não precisamos contar o que nos perturba agora. — Fui honesto e percebi que ela ficou imóvel no meu colo. Éramos dois adultos com um passado que aos poucos poderíamos compartilhar. — Esse momento não é para lembrar-se de algo desagradável.

— Mas para ser um momento agradável — ela completou e sorriu, virando-se para beijar-me. — E está sendo.

Segurei seu rosto rente ao meu, vendo a honestidade em seu olhar.

— Você queria isso quando fez o convite?

— Não pensei em como seria, mas em como eu buscava vê-lo por completo.

— E estou completo para você?

— Eu estou apaixonada, Armando, e não costumo querer assumir os sentimentos, mas você me fez sentir que eu poderia — ela confessou, sem ironia, sem deboche ou malícia. Sorri, vendo-a sorrir do mesmo modo.

Temia meus tormentos, mas não queria ouvi-los agora, e queria que o diabo se mantivesse longe, enquanto Deus perdoasse meus pecados por ter fraquejado e a me apaixonado pela queda, porque eu era humano e sujeito a falhas. E mesmo que eu fosse um servo do Senhor, eu também era homem, e amava Mônica como um homem ama uma mulher.

Abracei-a contra o meu corpo, envolvendo-a com a coberta para abrigar-nos do frio, e no conforto dos braços um do outro, estávamos no nosso Paraíso.



XXVII – Paraíso mental



"O amor não busca agradar a si mesmo nem destina qualquer cuidado a si próprio. Mas se dá facilmente ao outro, e constrói um Paraíso no desespero do inferno."

William Blake.



O amor não é um sentimento imutável, mas um estado de espírito em que sentimo-nos seguros e em plenitude com outro ser, que nos conforta nos alegra e torna a paixão mais madura. E nos momentos de tormento, ele se intensifica e nos faz sofrer por lembrar-nos dos bons momentos. É um estado de espírito que permanece mesmo quando não há espírito ou presença.

E se havia dúvida entre amor e paixão, acreditava que sentia ambos, e desejava que fosse recíproco, pois nada é mais desesperador do que estar no Paraíso sozinho.

— Às vezes tenho receio de saber o que se passa na sua cabeça quando passa momentos em silêncio assim. — A voz de Mônica acordou-me do transe que entrava ao fitar o céu azul límpido sobre o campo esverdeado de onde caminhávamos. Apertei sua mão e sorri, puxando-a contra o meu peito, envolvendo seus ombros em um abraço.

— Sua mente é mais maliciosa do que a minha.

— E talvez por isso, possa ser mais ingênua por acreditar na própria malícia e não ver a que está ao redor — ela respondeu tão direta que me silencieei, mas estão seu riso mostrou o quanto era uma zombaria. — E então seríamos dois anjos em sua pureza.

— Passou a acreditar em anjos? — Envolvi-me com sua risada e ela agarrou minhas mãos, parada na minha frente na estreita trilha entre os campos.

— Passei a acreditar em você. — E já não havia mais zombaria, mas uma honestidade que vi em seus olhos verdes, e conforme descia pelos seus lábios, observei meu crucifixo sobre seu peito. — E sim, estou começando a desejar mais sua crença do que minha descrença.

— Então eu deveria me sentir feliz por isso — sussurrei tão honesto que ela envolveu meu pescoço com as mãos. Cobri as suas com as minhas e ela puxou-me, caminhando lado a lado na trilha. Seus dedos entrelaçaram-se com os meus e sob o sol da tarde, senti-me aquecido por ela, por nosso momento e pelo que estávamos vivendo.

— Apenas por isso? — Era malícia.

Silenciei-me, hipnotizado pelos cabelos negros que voavam com o vento e desejei tocá-los, pois Mônica, entregue e calma ao meu lado parecia tão diferente da mulher que iniciou meus tormentos. Poderia o diabo e um anjo ser a mesma pessoa? Na verdade, Lúcifer, o diabo, também era um anjo, assim como Lilith, a primeira mulher, também foi a serpente.

Ela era o meu inferno e também o meu Paraíso, e não me sentia sozinho mais nesse tormento.

— O que sugere para a minha felicidade? — sussurrei em seu ouvido, envolvendo seus ombros em um abraço para mantê-la por perto, mas ela pareceu fugir em um silêncio, contemplando a paisagem.

Caminhei ao seu lado por minutos em silêncio enquanto nos aproximávamos da casa novamente, retornando das visitas aos pomares de uvas e das cidadelas ao redor.

Durante a tarde em que havíamos visitado os lugares, Mônica mostrou-se tão leve que eu temia quando retornasse aos silêncios prolongados ou as suas formas de dar-me indiretas para os meus tormentos. Contudo, ao encontrar-me na casa com ela, Mônica silenciou-se, sentada na varanda, apenas com os olhos vagando pelo céu alaranjado do pôr do sol.

Abracei-a por trás, buscando compreender seu silêncio, pois suas palavras poderiam me silenciar, mas eu as preferia a o seu silêncio.

— Está novamente quieta — sussurrei em seu ouvido.

— Você se incomoda com o meu silêncio.

— Tenho medo dos seus pensamentos — confessei e ela abaixou a cabeça.

— Não seria melhor ter medos das minhas ações?

— Elas sucedem seus pensamentos, mas nascem neles. Sem eles, não há ações.

— E de quais ações tem medo? — Ela encarou-me sobre o ombro, permitindo que eu a colocasse no meio das minhas pernas. Encostei nossas cabeças, tentando buscar suas respostas.

— Você não respondeu ontem sobre a decisão que tomei. — Ela fechou os olhos, suspirando, como se a minha decisão fosse um cruz mais pesada para ela do que para mim. E para mim, havia sido uma decisão na época, esperançosa e que eu desejava que não mudasse as situações se eu abandonasse a batina. Eu tentava não pensar, quando na verdade, escondia-me dos meus tormentos na paixão, temendo pelo momento em que precisasse encará-los.

— O que espera que eu diga? — ela perguntou franca.

— Que estará ao meu lado? — Arqueei as sobrancelhas, temendo o pensamento de abandonar a batina, uma escolha que fiz por motivos que buscava não pensar, e ser abandonado por Mônica. E durante os silêncios que se prolongou, ela voltou a fechar os olhos, encostando a cabeça em meu ombro.

— Não sou tão maldosa para abandoná-lo.

— Não estamos falando em maldade ou bondade. Nesse momento, somos carnisais, somos pessoas com decisões a tomar.

— Você tem uma decisão a tomar. — ela acusou-me. Emudeci, compreendo o que isso significava. Ela não queria sentir a culpa que eu poderia vir a sentir, ela não queria carregar a cruz que eu poderia criar.

— Diga que poderemos ter mais desses momentos — sussurrei, agarrando seu rosto para não deixá-la escapar, porque em seus olhos eu buscava ver novamente a paixão que eu vi, e como se Deus abrisse os portões do Paraíso, eu a vi no verde dos seus olhos.

— Eu quero ter mais desses momentos, porque estou apaixonada, Armando — hesitou. — E por estar apaixonada, também temo que façamos escolhas por impulso.

— Eu sei — murmurei também me escondendo de olhos fechados. — Sei que pediu que não trouxéssemos nossas vidas para cá, mas eu preciso de certezas depois de tudo.

— Depois de entender o que sente? — Ela foi franca demais para embarçar-me e fitei-a, assentindo.

— Você pede tempo, você diz tempo ao tempo, mas depois desses dias, como estaremos, você escondendo-se no escuro para estar comigo enquanto visto a batina com vergonha de usá-la, pois por mais devoção e adoração a ela, eu amo uma mulher? — proferi com temor as palavras, tentando não refreá-las, pois pronunciado o meu tormento, ele parecia menos pesado.

Ou era a impressão que o diabo gostaria que eu sentisse.

— Eu pareço uma mulher má. — Ela riu.

— Má por me fazer amar? — Peguei-a de surpresa e Mônica deixou o sorriso esmorecer devagar, roçando os dedos pela barba rala que começava a ficar maior. Seus olhos perscrutaram meu rosto.

— Você fica bem de barba. — Ela buscou fugir novamente.

— Você é sempre franca, por que fugir agora de um pedido meu? — Não a deixei escapar, segurando seu pulso para impedir seu movimento, e repousei sua mão sobre as minhas. — Eu tenho mais medos do que você, vejo por você, por nós. Eu tenho mais a perder do que você, mas aqui, agora, estou disposto a arriscar-me, pois por mais amor que sinto pela minha batina, sinto-me impuro para continuar a usá-la — pausei, observando que ela apenas encarava-me sem confiança. — Porque eu sei que se eu retornar a ela, ainda sim, desejarei você.

— Se for essa a sua escolha, Armando, não a faça por mim, mas por você. — Ela sorriu sem malícia. — Porque, por mais zombaria que eu fiz sobre isso, não quero que a troque por algo que possa acabar um dia. Não digo que não quero. — Seus olhos transmitiram o desejo. — Mas não posso pedir, pois você está trocando algo concreto por um futuro incerto, e eu temo por você. Quero estar com você, quero esse momento, quero esses dias e mais dias. — Ela franziu o cenho. — Mas não quero apressar o que é do tempo, e muito menos o que pode custar muito a você.

— E ficaria feliz se eu retornasse a batina e decidisse voltar ao celibato? — Era um medo animal que eu sentia por temer que ela recuasse. Sentia um instinto carnal e humano demais ao ponto de deixar-me nervoso por isso e larguei suas mãos, não esperando a resposta. Levantei-me, vagando para dentro da casa e ergui as mãos contra os meus cabelos, permitindo que os tormentos entrassem pelos portões do Paraíso e o roubassem de mim.

Eu estava caído, e ao perceber o quão profunda era minha queda, senti-me sozinho por ver que Mônica temia essa queda.

— Armando. — Suas mãos puxaram os meus ombros, mas eu estava alterado, envergonhado e por um momento temi que tudo acabasse. Esse era um dos meus tormentos: ser atormentado pelo pecado e sofrer ao pensar que ele poderia acabar.

— O silêncio é bom. — sussurrei.

— Não desse modo — ela censurou-me. — Você está irritado.

— Eu não deveria. — Não, não deveria, mas como fora na minha casa naquela noite, um

instinto primitivo de homem parecia apoderar-se da minha lucidez e fazer-me fraquejar diante desses sentimentos confusos. Pois depois de viver a felicidade e a paixão, eu temia perdê-la. — Mas estou — confessei angustiado e encarei-a, segurando suas mãos para que não fugisse. — Estou porque peço que compreenda o meu pedido, que compreenda que estou largando meu caminho para trilhar outro com você, e mesmo assim você esconde-se em palavras como se não quisesse estar comigo. Como se temesse mais do que eu, quando eu temo, temo e sofro por precisar escolher entre minha devoção e minha paixão — disse ofegante pela confissão rápida. — Mas estou aqui, estou aqui com você, deixando claro minhas intenções, quando compreendo que desconheço as suas e sinto-me sozinho por isso.

— Você não está sozinho.

— Estou. Estou sozinho com a decisão, como você disse, Mônica. Mas e depois?

— Quer que eu peça que abandone a batina?

— Quero que diga o que sente sobre isso. — As palavras foram jogadas assim como ela jogou as dela.

— Para que? Diminuir sua culpa e que eu sinta-me culpada quando um dos dois fracassar no relacionamento? — E ela tentou refrear-se, mas as palavras escaparam de forma exaltada e recuei.

— É isso o que pensa? — Franzi o cenho.

— Não — ela buscou responder rápido. — Mas é o que temo.

— Que eu largue a batina e que nós fracássemos?

— Somos humanos, somos sujeitos a falhas.

— Estou disposto a arriscar-me, a trocar minha escolha que tomei há anos — hesitei, buscando compreender seus medos que por fim ela confessava. — Se você estiver.

— Eu não poderia. — Ela crucificou-me com as palavras e em um impulso dei as costas. Atormentado pelas respostas, não queria ouvi-las.

— Armando. — Ela buscou-me, mas avancei para o quarto, disposto a largar nosso Paraíso, que aos poucos, com o encontro dos nossos tormentos, tornou-se um inferno. — Pare. — Ela parou na porta, observando-me sentado na cama.

— Não sei o que faço aqui, Mônica — era uma súplica e deixei explícita nos olhos. Ela suspirou como se por fim escolhesse o caminho.

— Você quer ir embora? — E vi o seu receio.

— Não. Mas como ficar, se esses momentos se transformarem em tormentos no futuro? Em lembranças de uma vida que eu desejei, mas que você não.

— Eu disse o que sinto.

— Emoções são mutáveis, e sentimentos, às vezes, não são os motivadores para as escolhas. Estou disposto, estou disposto a enfrentar meus demônios e ter dúvidas, mas se você não está, não posso permitir mais sofrimento e me sentir mais sozinho do que estou com essa decisão. — E diante dessas palavras, ela avançou, ajoelhando-se no meio das minhas pernas para colocar-se sob meus olhos, e agarrou minhas mãos.

— Você quer ouvir que estou feliz por você escolher tentar estar ao meu lado, Armando? Eu estou.

— Você é objetiva, enquanto eu preciso dos detalhes.

— Os detalhes são importantes para você? Então me deixe contar. — Ela pareceu fraquejar. — Eu temo, temo confessar o que quero que você faça, porque ao fazer isso, me sentiria traiçoeira porque eu preciso contar mais.

— Então conte.

Ela recuou, franzindo a testa e percebi que esse era o seu maior temor.

— O que a faz desejar e não dizer?

— Estamos estragando tudo.

— Não, estamos sendo honestos — contradisse-a e Mônica riu seca, recuando de costas. — Será assim, então? Fugirá?

— Não estou fugindo.

— Sim, está quando dá as costas. — Levantei e ela encarou-me.

— Quero, Armando. Se é isso o que quer ouvir, se é essa a confissão que anseia tanto, quero você. Fiquei feliz quando disse que estaria completo comigo, mesmo que isso trouxesse seus tormentos de volta, e o machucasse com muitas dúvidas. Mesmo que isso o tornasse perdido no seu caminho, eu fiquei feliz. — Ela avançou, franzindo a testa. — Porque sou egoísta e frívola ao ponto de desejar você mais do que me preocupar com você. Porque sou egoísta ao ponto de aceitar sua religião e crenças para partilhá-las com você quando abandonar a batina, para não sentir-me tão traiçoeira com o seu antigo caminho. Porque sou tão egoísta que prefiro

não contar o que me preocupa para não estragar o momento que me torna tão feliz, mesmo que depois, quando eu precisar conversar sobre isso, torne tudo isso um inferno para você. — Ela avançou contra mim, e a cada palavra, aproximava-se. — Sou tão egoísta — sua voz exaltou-se ao continuar. — Que estou apaixonada por um padre e não vejo isso como um pecado, porque não me machuca ou me preocupa, porque eu só quero você como homem, e estou aqui com você, nessa viagem, para roubar você dos seus tormentos que podem tirá-lo de mim se mostrassem a loucura que é. — Ela agarrou meu rosto com as mãos, mantendo-se rente a mim. — Sou egoísta ao ponto de não ter me preocupado com você ontem quando disse que largaria a batina, porque ouvir você dizer que está me amando foi o suficiente para eu não me importar com mais nada. Sim, sou egoísta por esconder tudo de você, porque me preocupei com o meu sofrimento e não com o seu, mas estou aqui. — Ela parecia fraquejar cada vez mais junto a mim. — Porque não quero que vá embora, não quero que volte para a batina, porque temo que ao voltar, deixe de me amar. Sentimentos são mutáveis, e sou egoísta o suficiente para desejar que o seu não mude, mesmo que isso o machuque. — Ela entregou-se de uma forma que o inferno queimou-se por completo e transformou-se em um novo Paraíso: honestidade. — Se é isso o que quer de mim, confesso-me então. Estou apaixonada e estou feliz por você largar a batina, e mesmo que eu diga que é uma decisão sua, eu estou incentivando-a, porque quero estar com você depois que abandoná-la. Preciso acreditar em algo em meio as minhas descrenças, ao vazio perante o nada que acredito, e entre esse nada, você me deu esses momentos de crença. Esses momentos ao seu lado que me faz desejar crer para que signifique algo, não apenas passageiro ou sem sentido, mas que signifique algo que eu possa crer: nós. E para isso, quero fé e você. Quero sentir-me a mulher que foi a escolhida entre um celibato e uma vida carnal. Mas não me peça que estrague mais nossos momentos, que eu conte o que eu preciso — ela hesitou. — Agora, porque você pegará as malas e me deixará, e eu sou o egoísta o suficiente para preferir não contar a sentir-me sozinha,

Diante das suas palavras, que me arrancaram de qualquer decisão de partir, agarrei seu corpo, prendendo-a contra o meu.

— Eu não partiria.

— Sim, você partiria, mas por hora, fique — ela sussurrou. — Não peça que eu estrague mais, contei o que precisava agora, confessei meus desejos.

— Isso basta para mim. — E era a verdade. Eu tinha muitos tormentos e dúvidas, mas Mônica desejar o que eu estava disposto a arriscar era o suficiente para eu aceitar os tormentos e silenciá-los mais uma vez, para que então, quando chegasse o momento, eu os abraçasse de uma vez e enfrentasse decisões antigas. Mas seria quando voltássemos à Lucca, pois ao ouvir sua

confissão, eu apenas queria tê-la comigo, eu apenas queria confortar-me em seu desejo e confortá-la em minha paixão, esquecendo velhos medos, velhos tormentos e escolhas.

Abracei-a demoradamente e senti seu corpo se relaxar contra o meu. Levei-a para a cama, decidido a beijar seu corpo, a amá-la como um homem e esquecer-me dos tormentos em seu corpo, porque suas palavras acalmaram-me. A tentação nunca parecera tão bela quanto agora, e o pecado nunca havia sido o caminho certo, até agora, quando Mônica confessou que também queria continuar. E que no pecado, poderíamos estar juntos em nosso Paraíso.

— Fique. — Seus lábios roçaram nos meus, embaixo do meu corpo e eu apertei-a contra mim, beijando-a. Beije seu rosto, vagando para o seu pescoço e ombros.

— Não partirei.

— É estranho me sentir assim. — Ela abraçou-me, entregando-se cada vez mais. — Com você.

— É estranho para nós, mas estamos juntos. — Busquei seu olhar tão confiante e apaixonado e encarei-a por segundos. — Você tornou esse momento ainda melhor quando confessou que está comigo.

— Você precisava de certezas.

— E você as deu.

— Me envolvi mais. — Ela pareceu relutante.

— E não está feliz? — Um sorriso malicioso surgiu.

— Estou. É isso o que os sentimentos fazem, nos entregam — ela sussurrou e beijei-a, tomando-a para mim como uma oração que eu precisava proferir com a boca, e usei meus lábios para beijar seu corpo.

A tarde arrastou-se conforme perdíamos um no outro, e mesmo quando a noite adentrou, sendo passada com vinho e outro jantar, Mônica deixou claro que sua decisão estava tomada: ela iria entregar-se como eu e estaria ao meu lado.

E mesmo no dia seguinte, quando nossa viagem teve seu fim, sua conversa no carro entregou-a para mim como se Deus desse-me um anjo. Ou seria o diabo entregando-me a serpente? Afastava as dúvidas junto com os tormentos, deixando-os para quando eu estivesse sozinho e busquei viver cada momento final como se precisássemos estar vivendo um no outro.

E nossa chegada em Lucca levou Mônica para a minha casa, e eu mantive minha batina dentro do guarda-roupa, com a mulher que me levou ao pecado na minha cama.

Porque eu não tinha certeza da escolha, na verdade, estava atormentado por ela e por medos, mergulhado em sofrimento por pensar no futuro e passado, em devoção e no pecado. Mas já a tinha feito, e ela era Mônica, porque ela confessou que estaria ao meu lado nessa decisão.



XXVIII – Fé e paixão

(Mônica)



"A fé não é algo para se entender, é um estado para se transformar."

Mahatma Gandhi.



Se por ventura, me dissessem que eu buscava alguma crença em minha vida eu, antes, não iria acreditar. Mas agora, era a fé que eu buscava, não por precisar acreditar em algum ser superior, mas por não suportar a ausência de sentido que a paixão poderia ter se não tivesse força superior.

E havia paixão, mesmo que eu não acreditasse no pecado da mesma forma que Armando. Não temia o julgamento, pois eu buscava a fé, mas ainda não a tinha, e assim, não tinha os medos de um crente.

Mas temia que a ausência da conversa que eu precisava ter com Armando tivessem consequências como um julgamento.

Eu poderia ter contado o que agora parecia ser complicado demais. Eu havia planejado contar na viagem, pois esse era na verdade um dos objetivos da nossa ida, mas lá, eu fracassara por temer estragar tudo, e pela reação de Armando.

No início, eu não pensava em contar, quando o encontrara novamente em Lucca. Era uma aventura, uma zombaria com a própria crença e o conflito que se nutria dentro de mim, com a religião e com as mágoas. Mas como confessara, havia me envolvido, levada pelo sentimento

repentino e sem conseguir refrear os momentos e acontecimentos, não tive oportunidade afastar-me, muito menos de contar antes que fôssemos pegos pela paixão.

E nesse momento, eu precisava escolher o momento certo para que Armando não me visse com maus olhos ou acusasse-me de ter escondido isso, porque não escondi por maldade, mas por não ter tido tempo de contar antes que nos envolvêssemos desse modo.

É como um acidente, não havia o momento antes do segundo da batida para podermos pisar no freio.

E também havia as escolhas de Armando. Eu estava sentindo-me parcialmente culpada pela sua desistência em ser padre, e esse era um dos motivos que eu não queria pedir, por mais que fosse o meu desejo tê-lo como homem. Mas Armando insistiu e percebi o quão sozinho ele parecia estar conforme eu lembrava as palavras de Vincenzo há anos atrás: eu era frívola e fria.

Não, eu não era desse modo, eu apenas não queria pedir, mas entre sentir-me culpada e deixar Armando acreditar estar só, eu preferi arriscar-me com ele, um homem de fé com uma mulher totalmente descrente, e eu esperava que ele guiasse a minha crença antes que eu tirasse a dele. Assim, já não havia mais volta. Eu passara a noite em sua casa, dormindo em sua cama, incentivando-o a deixar a batina.

— Seu café esfriou. — Ouvi a voz de Vincenzo, sentado no banco ao meu lado no pequeno restaurante do hospital. Mexi a colher dentro do negrume frio da xícara, ainda lembrando-me de Armando na sua cama enquanto eu acordava cedo para voltar ao hospital.

— Não preciso de café.

— Está sem almoçar, e quase sem jantar, um café faria bem. — A mão de Vincenzo tocou no meu ombro e larguei a colher, sorrindo para ele o suficiente para que notasse que não buscava conforto. — Desculpe, apenas pensei que.

— Sexo casual não significa que eu queira algo mais, Vincenzo — fui franca para que entendesse que o que passamos era apenas casual, e que se eu não havia mais buscado-o, significava que havia acabado.

— É sexo casual o que tivemos?

— E o que seria? — Ele franziu o cenho, surpreso e arrastou sua xícara de café pela mesa pequena e redonda, sentando-se na minha frente.

— Seria algo mais, Mônica — ele sussurrou, buscando privacidade. Ele esticou o braço na minha direção, pegando minha mão enquanto roçava o jaleco sobre a mesa. — Acreditei que

poderíamos voltar ao que éramos.

— Não estamos mais na faculdade, Vincenzo.

— Por isso mesmo. — Ele ponderou continuar. — Pensei que você já havia voltado a querer algo.

— Só porque quis sexo?

— Éramos namorados, é normal eu imaginar isso. — Ele tentou insistir e afastei as mãos. Não queria conversar e não tinha tato para ser delicada ao afastá-lo, era claro para mim, eu não o queria e havia sido casual, ele precisava aceitar.

— Você pareceu como quando namorávamos, esperando declarações minhas e relacionamentos intensos. Não sou assim. — Enfrentei seus olhos tão surpresos. — Nós dois nos conhecemos, Vincenzo, não espere de mim uma mulher emotiva ou que espera um relacionamento que dê certo. — E essa minha descrença era o que me motivava a buscar a fé, para que Armando e eu déssemos certo.

O silêncio justificou sua amargura e ele recostou-se na cadeia, suspirando.

— Por que você voltou?

— Porque precisei, e decidi continuar meus planos profissionais.

— Em Lucca?

— Você estar em Lucca não foi motivo, Vincenzo, por favor, — pedi educada. — Não se iluda. Esse é o melhor hospital para a nossa residência, é claro que eu iria tentar passar aqui.

Ele apoiou o cotovelo na mesa e o rosto na mão.

— Eu acabei um noivado por você, Mônica, tem noção dessa porra que fiz? — Ele alterou-se e estendi a mão na sua direção.

— E como eu havia dito quando você sugeriu isso na cama, naquela noite, eu não pedi que você abandonasse sua noiva. Nós não sabíamos do futuro, era casual e algumas vezes. Eu nunca escondi isso de você.

— Mas você. — Ele parou, buscando não atrair atenção e curvou-se sobre a mesa para termos mais privacidade. — Você transou comigo tantas vezes que poderíamos ter voltado a namorar.

— Eu nunca disse isso.

— Seus atos disseram por você.

— Não, Vincenzo — sussurrei também, afagando sua mão estendida na minha direção. — Não vamos retornar às nossas brigas por motivos tão infantis como esses. Você esperou demais, e eu não tinha nada a dar.

— Simples assim?

— Não é simples, relacionamentos não são simples porque não envolvem apenas sentimentos, mas se quer resumir dessa forma, sim. Para mim, foi um refúgio e apenas sexo casual.

— Não teve nenhum sentimento, Mônica? E todos os anos que passamos, não retornou durante nenhum momento? — Ele pareceu desolado e afastei as mãos novamente. Fechei os olhos, buscando palavras que o mantivesse ciente de que eu estava sendo sincera, mas que não beirasse a grosseira.

— Não. Não houve amor, muito menos paixão. Sexo e orgasmo não são o mesmo que sentimento, não para mim.

— Você continua sendo a mesma. — Seus olhos acusaram-me e neguei, lembrando-me de Armando. Buscava não ser assim com ele, porque não era apenas sexo e orgasmo. Armando havia me dado mais e eu estava disposta a dar também.

— Não. Eu não sentir amor por você não significa que eu seja fria ou qualquer outro adjetivo que queira pensar, Vincenzo. É triste, eu sei — murmurei, fitando a fúria e também o desgosto em seu rosto. — mas, às vezes, o amor acaba. Foram anos longe de você e eu não o amei tanto quanto você me amou. Nós dois sabíamos disso, você me amava, e eu apenas tentava.

— Porque você se mantinha longe.

— Porque eu não o amei, Vincenzo, e tentar agora não me faria amá-lo. Transar com você é diferente de buscar sentir algo, é passageiro. É apenas sexo. — Vi que ele não estava satisfeito e levou as mãos para a cabeça.

— Você me deixou terminar meu noivado — acusou-me e afastei a cadeira. Não iria tolerar ser acusada por escolhas e decisões dos outros. Ele sabia o que estava perdendo, e eu não havia dado esperança. Foram escolhas dele.

— Não — neguei. — Sinto muito pelo seu noivado, mas eu apenas assisti você tomar suas decisões. Sempre fui franca e clara de que eu não queria que largasse ela, muito menos que fosse precipitado, porque nós não tínhamos nada. — Ele levantou-se também, agarrando minha mão.

— Só transou comigo?

— Você sabe que não — fui franca. Não iria dar esperanças. — Não havia nenhum comprometimento e eu não queria nada além de sexo, era casual e eu estive com outro homem na minha cama.

— E ele? — Vincenzo aproximou-se, mantendo a mão sobre meu braço.

— O que tem?

— Também foi casual?

Ri um pouco irônica e abaixei a cabeça, fugindo do seu olhar curioso.

— Se for casual ou não, isso já não diz respeito a você, Vincenzo, desculpe. Nós não temos nada, somos apenas colegas de profissão e ex-namorados, não insista. — Afastei-me e ele tentou manter-se por perto.

— Mônica, apenas me diga.

— Dizer o que? — Fitei-o sobre o ombro, parado no restaurante.

— Esse outro.

— O que tem? — Virei de frente, notando o desespero de alguém que sente algo que não é recíproco.

— Você sente algo por ele?

— Se eu dissesse que não, estaria confortando você, Vincenzo, fazendo-o acreditar que eu continuo a não envolver-me e que o problema não seria você, mas não estou preocupada com seu bem-estar. E se você quer a resposta, ela é sim, sinto algo por outro homem. Sinto paixão e talvez nunca a senti com você. Espero que encontre alguém que sinta o que eu sinto ou volte para a sua noiva. Os relacionamentos são assim, nós somos assim — expliquei e dei as costas ao seu olhar assustado, não porque poderia sentir-me tocada, mas para não dar nenhuma esperança. Vi tantos pacientes com esperanças que não eram reais, que no final morriam e que esperança não parecia ser um sentimento bom.

Até conviver com Armando, e ele parecia ser esperançoso, mesmo que não dissesse, mesmo que talvez ele próprio não percebesse, e eu queria sentir-me um pouco como ele.

Caminhei pelo corredor, com as mãos no jaleco e fitei o relógio no corredor passar das dezenove horas. Eu sempre acabava ficando mais tempo no hospital do que o meu horário e com o celular na mão, fitando a mensagem de Armando, avancei para o andar onde seu pai estava

internado.

Armando estava no hospital com sua mãe, para saber notícias do seu pai e eu também queria saber. Queria saber o que estava acontecendo, porque na viagem ele não havia tocado no assunto e então, já em Lucca, ligou para Ivette, perguntando sobre o pai.

Saí do elevador, avançando pelos corredores e os vi sentados em uma pequena sala branca de espera. Sua mãe sorriu quando me viu e Armando veio ao meu encontro, vestido como um homem, sem resquícios de um padre. Abracei-o por um tempo no corredor.

— Como está seu pai?

— Bem. — Ele foi sucinto, enquanto eu queria saber mais, me preocupava e estava curiosa, mas como o sofrimento dos familiares é doloroso demais, não iria insistir.

— Ele vai melhorar. — Apenas confortei-o e senti seus braços apertando-me com força. Encontrei com os olhos de Ivette nos fitando como se fôssemos um milagre para ela.

E de mãos dadas, ele caminhou comigo até sua mãe, deixando explícito que ela estava ciente do que estava acontecendo.

— Como está, Mônica? — ela cumprimentou-me com um pequeno abraço.

— Estou bem, Sra. Ferrazzi.

— Ivette.

— Ivette — corrigi ciente dos olhos de Armando em nós e dos olhos de Ivette no crucifixo do meu peito.

— Trabalhou o dia inteiro?

— Sim, estou um pouco cansada e com fome, mas também já estou acostumada. E você? Como está o Sr. Ferrazzi? — Sentei-me ao seu lado e ela suspirou, sorrindo devagar.

— Ele está bem. — Seus olhos se fixaram em Armando, que em pé, encarava-me. — Os médicos ainda não disseram muito, mas estou orando para Deus que ele melhore. Ari é forte, muito forte.

— Ele melhorará — foi o que consegui dizer, sem ter muita ideia do que era, e então percebi que Ivette não estava sorrindo de verdade, era como os familiares que eu vira uma vez: confortando-se com sorrisos para não mostrarem o choro. — Armando, pegue o café para mim, por favor, — pedi educada e ele franziu o cenho.

— Você quer jantar?

— Por enquanto não, depois podemos passar em algum lugar e pegar algo. — Insisti.

— Isso, eu jantei agora pouco no hotel, um pouco antes de Armando chegar. — Ivette sorriu e Armando afastou-se na direção de uma das máquinas de café que havia.

Encarei Ivette nos olhos, não como alguém que estava curiosa, mas alguém que queria compreender.

— Ele não está bem, não é?

Ela sorriu, franzindo o queixo para sustentar o sorriso.

— Não quero dar essa notícia para Armando.

— Mas ele é o filho, ele precisa saber.

— Não. — Ela interrompeu-me, pegando minha mão. — Ele contou para mim, Mônica. — Ela sorriu e encarou-me. — Ele vai largar a batina, não é?

Silenciei-me diante disso e vi que ela também estava feliz por isso.

— Não se sinta constrangida, Armando precisava contar — ela continuou a falar. — Ele disse que a viagem fez muito bem para ele, e que no final, ele estava apaixonado por você. Ele disse que tem esperanças ao seu lado, mesmo que isso custe suas antigas escolhas. Não sabe como estou feliz por isso, porque Armando precisa encontrar o caminho certo e nunca vi esse caminho com ele sendo padre. — Seu sorriso abriu-se ainda mais. — Você faz bem a ele, Mônica, e se ele decidiu largar a batina para ficar com você, é porque a ama. E você parece sentir o mesmo.

Concordei com os olhos voltados em Armando, que no final do corredor, caminhava na nossa direção.

— Posso esperar netos? Você é uma pediatra, deve amar crianças. — Ela pareceu animada e ri diante da ideia.

— Armando não pensa em crianças e é muito cedo ainda. — Tentei ser educada.

— Não dê atenção para Armando, ele precisa enfrentar isso também. — Suas palavras atiçaram minha atenção e fitei-a. — Eu seria uma avó feliz.

— Talvez um dia. — Tentei ser vaga e busquei respostas. — Posso pedir um favor, Ivette? — Ela fitou-me para que eu continuasse. — Deixe-me visitar seu esposo no quarto? Ver como ele está?

— Vocês conversaram?

— Não, Armando nem sabe desse meu pedido, mas eu apenas me preocupo e gostaria de ver o pai dele — insisti e ela assentiu.

— É o quarto 302. — Levantei e saí da pequena sala, ciente de que Armando seguia-me com os olhos. Caminhei pelo corredor até a porta do quarto e abri-a. Não iria insistir com perguntas, mas queria entender o quão mal poderia estar o pai de Armando, e talvez assim, eu poderia saber como confortá-lo.

Fitei seu pai deitado na cama, adormecido e peguei a pequena prancheta em silêncio. Li devagar as informações que os médicos haviam anotado e compreendi que, às vezes, é melhor não saber.

— Poderia ter perguntado. — Era a voz de Armando na porta.

— Eu apenas queria ver seu pai. Sou médica, preocupo-me com os pacientes. — Larguei a prancheta e virei para fitá-lo.

—E ele está melhor? — Percebi que Ivette havia mentido para Armando, que dizer que seria temporário e que logo ele melhoraria era mentira. Mas como contar? Eu apenas notificava meus pacientes, nunca precisei ter tato e talvez, no final, não fosse meu direito envolver-me na sua família, por mais que ele tivesse se envolvido na minha.

— Está — menti ciente de que o melanoma estava por todo o corpo e havia se tornado uma metástase cerebral. Era um conforto saber disso apenas depois da viagem, pois se fosse antes, não conseguiria esconder isso dele.

Ele estendeu a mão na minha direção e o abracei como se quisesse nos confortar sem que ele soubesse. Ivette precisaria contar, e eu queria estar ao seu lado em um momento delicado desses, mesmo que não soubesse o passado e o que tudo significava. Armando abraçou-me com força.

— Minha mãe perguntou se poderia ir para a minha casa e cozinhar uma macarronada que apenas ela sabe fazer.

Ri, assentindo e tentei imaginar como seria ter Armando e Ivette na mesa, agora que ela já estava ciente que o filho largaria a batina.

E sem questionar ou contar o que havia compreendido do laudo, parti com Armando e Ivette para a sua casa, desejando ter esperanças.

Esperanças pelo pai de Armando e pelo futuro, pelo que eu precisaria contar também e compreendi que nessa situação, era melhor esperar.

Ver a saúde do pai de Armando fez-me querer desejar que Deus existisse, como se aos poucos, depois daquela manhã em que conversei com Armando, eu desejava cada vez mais crer e ter fé.

E com a paixão por Armando, eu desejava ainda mais ter fé, para não vê-lo sofrer e para poder acreditar em nós. Queria ter esperanças e crer.

Se fosse antes, eu não daria nenhuma esperança para o paciente, sendo descrente, mas com Armando, eu buscava ter crença para nós e para nossa felicidade, porque Armando fizera-me desejar isso. Eu não acreditava em nada até conhecê-lo e descobrir que se apaixonar nos fazer querer ter fé.

Armando era a minha fé que eu buscava acreditar cada vez mais, enquanto eu era a sua paixão pecaminosa.



XXIX – Santa Ceia



Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal.

Friedrich Nietzsche.



Poderia ser uma peça do diabo tão bela como dar-me Mônica? Comecei a desejar que mesmo na queda, o pecado fosse algo feito por Deus para que nos tornasse humanos, falhos e abaixo dos anjos, pois apaixonar-me por Mônica da mesma intensidade que amei a batina não poderia ser maldade.

Mas temia que também não fosse apenas bondade. De certa forma, eu traíra minha batina, uma devoção que havia escolhido há anos. Deveria temer o agora? Desejava que minha fé mantivesse meu pai vivo, que assim como minha mãe dissera, ele iria melhorar e curar-se.

E que mesmo diante da minha queda e da minha paixão, Deus fosse bondoso e não me castigasse, pois em meio as minhas dúvidas, eu tinha muitos receios. Receios do que isso poderia ocasionar, receios do que seria o meu futuro e o que Mônica e eu poderíamos compartilhar. E receios do que era certo e errado. Os tormentos haviam retornados, eles estavam em casa esperando-me quando cheguei de viagem, e abraçaram-me com saudade.

Eu não queria reviver cada tormento, velho ou novo, mas eles preenchiam meus pensamentos, questionando-me se havia enfim feito a escolha certa, porque eu havia escolhido, e diante da aflição, escondia-me deles para não ser julgado pela escolha.

E a minha escolha estava na cozinha da minha casa, conversando com a minha mãe, enquanto essa começava a pegar algumas panelas e temperos. Sentado no sofá, as observava,

enquanto permanecia em silêncio.

— E como escolheu a pediatria? — Minha mãe começou a fazer seu interrogatório e compreendi o caminho em que buscava seguir. Com os olhos pregados em Mônica, sentada perto da mesa, levantei-me, sendo arrastado para participar do momento delas.

— Sempre gostei de criança, e bem — Mônica respondeu, dando de ombros, com os cabelos negros presos para trás, deixando seu busto exposto para os meus olhos atentados em contemplá-la. — Medicina sempre foi o que desejei. Gosto de ajudar das pessoas, de descobrir o que posso fazer e de certa forma, salvá-las.

— Algumas não podem ser salvas. — Minha mãe começou a picar os alimentos em uma tábua sobre a mesa e sentei-me ao lado de Mônica. Serpentei sua cintura por trás e a envolvi em um abraço, puxando-a para perto de mim.

— Principalmente as crianças, eu sei. — Mônica parecia ter lembranças ruins e lembrei-me das suas pacientes que faleceram.

— Mas assim como morrem, elas também nascem. — A indireta estava feita e fechei os olhos, constrangido. Mônica riu sem deboche, mas também me deixou mortificado por sua risada honesta. O que poderia significar isso?

— Mãe, por favor, pare. Você diz com clareza que quer netos — censurei-a. — Assustará Mônica.

— Eu entendo o desejo da sua mãe de querer netos — Mônica pareceu concordar e emudeci ciente do olhar surpreso da minha mãe e então Mônica continuou. — Ela havia perdido as esperanças, não é?

—Havia, quando Armando escolheu o seu caminho, eu temia que jamais pudesse ter netos, mas então, como não ter esperanças. — E sem finalizar a frase, minha mãe deu as costas, começando a colocar as panelas no fogão.

— Estamos nos conhecendo — tentei.

— Quem sabe um dia. — Mônica deixou-me tão embaraçado que ao ouvir a risada da minha mãe, constrangi-me ainda mais. Peguei sua mão, tentando compreendê-la e o sorriso malicioso de Mônica pareceu brincar comigo, como se o diabo zombasse das minhas preocupações. — Não estou dizendo que teremos um filho — ela explicou em um sussurro para mim.

— Não diga isso.

— Conversar sobre crianças? Você foge do assunto como se temesse, como se. — E em seus olhos notei que buscava entender mais.

— Ele foge como o diabo foge da cruz.

— Quando o pai receberá alta? — cortei tão direto o assunto que Mônica largou minha mão, apenas perscrutando meu rosto.

— Os médicos disseram que em breve.

Silenciei-me com a frase curta da minha mãe e aos poucos Mônica pareceu esquivar-se do meu olhar. Meus tormentos, com os assuntos tomados, voltavam aos poucos, como pregos que aos poucos iam crucificando-me e voltei a fitar minha mãe.

— Visitamos a antiga casa em Cortona. — Mônica levantou-se, avançando ao lado da minha mãe, e ambas pareciam próximas sobre o fogão.

— A casa dos meus pais?

— Levei Mônica lá — tentei conversar e Mônica fitou-me sobre o ombro.

— É um lugar maravilhoso.

— Talvez possam passar um tempo lá, depois que — minha mãe pausou e compreendi o que ela buscava dizer, mas envergonhada, preferiu manter-se com meia frase.

— Depois que Armando largar a batina. — Mas Mônica não teve o mesmo pudor, com os olhos pregados em mim.

— É uma boa ideia.

— Talvez um final de semana. — Tentei permanecer na conversa, buscando fugir dos pensamentos sobre esses assuntos e lutando contra o desejo, observei os contornos do corpo de Mônica, que inclinada sobre o fogão com a minha mãe, parecia ser parte da minha vida há um bom tempo. Um anjo dado a mim, para substituir minha batina.

Seria tão diabólico isso? Escolher o amor por amor? Era pecado, mas também era amor.

— Armando quando pequeno corria pelas trilhas como se fosse um pássaro — minha mãe continuou a contar, temperando o molho. — Ele dizia que cuidaria de tudo, que era tudo dele.

— Sonhos mudam — murmurei sentado e ouvi a malícia na risada de Mônica.

— Alguns se silenciam, mas se era sonho, nunca morreria. — Ela enfrentou-me com o olhar que dizia o quão diabólica era também.

— Ele era muito novo, e depois, bem. As coisas mudam, não é?

Mônica concordou, respeitando o silêncio e voltou-se a sentar ao meu lado, afagando-me a coxa. Fitei sua mão na minha calça por alguns segundos, refletindo sobre o decorrer da conversa. Sentia-me atormentado e ao mesmo tempo em paz como se estar na presença de Mônica e da minha mãe afugentasse o sofrimento e tornasse o momento santo. Santidade e pecado poderiam coexistir?

E se o diabo, antes da sua queda, também fosse santo? Eu não queria pensar sobre isso, porque eu já havia decidido e alimentar meus tormentos só traria mais sofrimentos. Sofrimentos que eu já não aguentaria mais carregar nas costas.

E diante disso, decidi confessar um dos meus tormentos em voz alta. Um tormento que eu temia, e que diante do silêncio anterior de Mônica, talvez com sua franqueza, ela respondesse-me.

— Meu pai não está bem, não é? — indaguei tão franco quanto consegui. Buscar respostas, às vezes, é buscar sofrimento.

Minha mãe parou sobre o fogão, enquanto Mônica permanecia em silêncio.

— Está, não está? — insisti, notando que Mônica parecia diferente, como se pela primeira vez parecesse tocada.

— Por que entrarmos nesse assunto agora? — ela entregou a resposta e minha mãe virou-se, fitando-me aflita.

— Nós sabíamos que poderia voltar — confessou, avançando sobre a mesa para sentar-se na minha frente. — Sempre soubemos, mas tapamos os olhos para não ver.

Mônica apertou minha coxa devagar, como se pudesse confortar-me com o toque, mas não havia conforto, não para mim. Puxei educadamente sua mão para longe, evitando olhá-la, e um dos meus muitos tormentos acusava-me desse momento: eu havia escolhido.

Deus seria tão julgador desse jeito? Seria tão punidor desse jeito, que ao escolher outro caminho, tiraria seu milagre?

Fechei os olhos diante disso.

— Não sabíamos.

— Ele tem câncer? — Foi a vez de Mônica perguntar, e eu estava ciente que estava entregando a ela uma parte da minha vida que havia guardado com a batina. Era cumplicidade o que ela havia dito uma vez? Desejava que essa mesma cumplicidade estivesse ao meu lado nesse

momento, e que Deus olhasse com bons olhos para mim, mesmo em pecado. Pela entonação da sua pergunta eu compreendi que ela já sabia a resposta.

— Ele tem melanoma. — Minha mãe parecia cansada.

— Meu pai descobriu o câncer ainda no primeiro estágio, há doze anos, quando cuidava dos pomares. Os médicos disseram que poderia ser genética, exposição ao sol ou muitos fatores. — Queria Mônica ao meu lado, queria que ela estivesse segurando-me com os meus tormentos, e se eu estava decidido a largar a batina, precisava colocá-la no mesmo lugar da minha devoção.

— São muitos fatores.

— Ele fez tratamento durante dois anos. — Notei uma compreensão em seus olhos, ao mesmo tempo em que compreendia que minha mãe queria contar mais, mas continuei, não dando espaço para ela. Um tormento por vez era o que eu aguentava. — E consegui curar o câncer.

— Não houve mais sinais? — Era o seu lado profissional que via na sua expressão, que me tornava ainda mais admirado por ela e agradecido por tê-la ao meu lado.

— Não agora. — Foi a vez da minha mãe. — Notamos sinais tarde demais.

Franzi o cenho, fitando-a angustiado e ela pegou em minhas mãos, afagando-as.

— Ele está muito mal?

— Os médicos disseram que foi metástase. — Fechei os olhos diante da tragédia em minha vida. — Metástase cerebral. Desculpe-me, Armando, eu não sabia como contar.

— Nunca é fácil contar, nem ouvir — Mônica disse de um jeito tão tocado que busquei ver seus olhos, encontrando honestidade e compaixão. Pela primeira vez, ela parecia estar tão perto de mim que eu já não me lembrava de mais das suas crueldades. — Eu vi no quarto, mas também não sabia como portar-me ou como contar.

— Ele está morrendo? — Franzí o cenho e Mônica juntou as mãos, enfrentando-me com o olhar de um modo que as palavras já não se tornaram necessárias.

— Talvez um milagre, novamente — ouvi minha mãe, mas com os olhos voltados para cima, rezei para o meu Pai, buscando refúgio em minha súplica silenciosa que mantivesse seu milagre, que não tirasse o milagre pela minha mudança de caminho.

E que Mônica fosse o suficiente para redimir-me.

— Não é culpa sua. — Minha mãe largou as minhas mãos, com lágrimas nos olhos, e levantou-se, voltando para as painéis. Saí da cozinha em silêncio, ciente de que Mônica seguia-

me.

— Armando — ela chamou enquanto eu subia as escadas para o segundo andar. — Espere.

— O silêncio às vezes basta.

— Não o nosso. — E como se exigisse mais de mim, voltei a encará-la. — Não o nosso, não assim. Eu compreendi o que vocês disseram, e agora quero ouvir as suas escolhas.

— As minhas escolhas? — Ela subiu devagar até parar um degrau abaixo.

— Sua batina foi o seu milagre?

Abaixei a cabeça diante da pergunta, não porque era a verdade, mas porque implicava com não apenas milagres, mas o que aconteceu com as escolhas.

— É meu milagre e também me trouxe tormentos — sussurrei e dei as costas. Queria esconder-me dos seus olhos e vagueei para o quarto, atormentado demais. O diabo estaria regozijando-se em seu inferno ao dar-me o meu.

— Talvez o seu milagre tenha sido a medicina.

— Você é descrente para acreditar em milagres — as palavras escaparam e levantei os olhos, sentado na cama, fitando Mônica parada na porta. — Como poderia acreditar em um milagre se não acredita em um santo?

— Eu estou acreditando em alguns milagres, Armando. Eu estou mais crente do que você poderia pensar, porque preciso do mesmo modo como você precisou. — Sua franqueza desnudou-me e fraquejei, escondendo meu choro dentro das mãos. Eu era fraco, não por temer, mas por julgar-me. — Preciso da graça de acreditar em algo mais, e talvez acreditar que nossas vidas sejam nossos milagres. — Sua mão acariciou minha nuca e senti seu peso ao meu lado na cama. Seus cabelos roçaram nos meus ombros e Mônica cobriu minha nuca com o seu rosto, abraçando-me. — E que Deus seja bondoso, mais bondoso do que a maldade que também existe.

Apenas fiquei em silêncio, sendo tragado pelos meus tormentos e acusado pelas escolhas. Mônica beijou minha nuca, trilhando um caminho pelos meus cabelos.

— Não precisa dizer o seu milagre, porque eu compreendi, mas entenda que somos humanos, e talvez a medicina também tenha feito sua parte.

— Você confia mais na medicina — confrontei-a e Mônica continuou a beijar-me.

— Eu confio em fatos. Talvez Deus tenha intercedido, talvez agora ele também possa, mas

não se culpe por algo que é da natureza. Não pense que por ter largado a batina, Deus poderia largar o milagre. Não é sua culpa, não é nossa culpa — ela proferiu meu tormento em voz alta e levantei a cabeça, deixando-a ver meu sofrimento. Mônica franziu a testa, demonstrando tanto sentimento que eu poderia senti-los, e segurando meu rosto, beijou-me devagar.

— E se for?

— Amar não é uma maldade. Escolher também não é. Se confia tanto em seu Deus, que também agora é meu, não o julgue como um juiz irredutível, mas como um Pai que olha com bondade para o filho, vendo seu sofrimento e o quanto suas escolhas cobram um preço alto em sua consciência. Ele não faria a doença do seu pai retornar porque largou a batina. — Era a sua voz calma que acalmou os meus demônios, e cobri suas mãos com as minhas. — O câncer, principalmente o melanoma, é muito grave e seu pai teve sorte de curar-se na primeira vez. Já vi na minha faculdade e em hospitais pacientes morrerem sem ter a chance de viver mais doze anos. Isso não é obra divina, mas é do nosso organismo. Não me diga que Deus poderia criar o câncer, porque se for assim, eu não poderia aceitá-lo como quero. — E diante das suas palavras, surpreendi-me com o quanto Mônica parecia sofrer também. Não era apenas pena, compaixão e carinho, mas um medo diante do inevitável. E de como ela buscava a fé.

— Não — balbuciei. — Não digo que seja obra dele, mas e se.

— E se sentir-se culpado por isso, não pense assim. Nunca pensou que Deus pudesse nos colocar juntos?

Ri diante da falta de convicção da sua frase, que aparentemente nem ela parecia acreditar e abaixei novamente a cabeça.

— Não diga algo que não acredita, Mônica, não assim.

— Desculpe — ela sussurrou. — Eu apenas quero confortá-lo de que talvez mesmo se você não tivesse me encontrado, haveria metástase.

— Nunca saberemos. — Ela levantou meu rosto, aproximando-se.

— Como também nunca saberemos o que é certo e errado. Quero acreditar que para tudo há um motivo, então não perca a fé em si mesmo na minha frente, porque senão também perderei. — E não era apenas um pedido, mas uma súplica para que eu ajudasse a ter fé.

— Meu pai está morrendo, Mônica. Desculpe se não posso corresponder ao que espera. — As lágrimas escaparam e ela beijou meu rosto, tomando-as para si.

— Não posso confortá-lo dizendo palavras bonitas, porque isso é você quem faz. Sabe que

não consigo aceitar a morte, e desse modo, por ser seu pai, você também não. Desculpe-me por não ter palavras bonitas para você, ou palavras de alguém que crê muito, como você. — Ela beijou todo o meu rosto enquanto mantive os olhos fechados, e abraçou-me com força. — Mas posso abraçá-lo, como alguém que quer tomar sua dor. A morte não é fácil, nunca é. As pessoas acreditam que a aceitam, mas no momento derradeiro, talvez não seja assim que funciona.

— Por que está sofrendo? — Foi minha vez de afagar os seus cabelos, mantendo-a abraçada a mim.

— Porque gostaria de poder confortá-lo, de dizer algo que o conforte diante da morte, mas também estou assustada porque seu pai poderá morrer e assim como as minhas pacientes, eu sinto a perda — ela sussurrou. — Por você.

— Não sinta as minhas dores.

— Você sente as minhas como não sentir as suas? — Ela afastou-se, pegando as minhas mãos. — O que posso dizer, é que diante do quadro do seu pai, eu também desejo um milagre, e estarei aqui ao seu lado.

Permaneci em silêncio por um tempo, fitando seus olhos sinceros e seu rosto aflito, que provavelmente refletia a minha aflição.

— Ele morrerá em breve? — Queria a resposta. Sofrer antecipadamente era o maior sofrimento, mas eu não poderia permitir ser pego de surpresa.

— Não sei dizer — ela foi sincera. — Talvez ele dure meses, talvez semanas, talvez dias. Tudo dependerá de como o organismo do seu pai reagirá. Mas — e vi em seus olhos que não queria continuar.

— Mas?

— Mas por ter evoluído para metástase cerebral, é complicado dizer o quanto ele poderá ter resultados bons. Há resultados bons, como há uma grande incidência de morte, mas também não sou especialista nessa área. Os médicos do seu pai saberiam dizer melhor. — Ela puxou minhas mãos, voltando a abraçar-me e deitei na cama, levando-a junto, enterrando meu rosto em seu peito, afugentando meus medos na sua pele e sofrimento dentro do seu abraço.

— Não posso culpar-nos por isso — concordei, buscando que Deus ouvisse-me, fugindo do diabo. — Não quando há amor, quando não estamos com maldade. Mesmo se for pecado, eu quero silenciar os meus tormentos e acreditar que foi obra de Deus, que Ele deu-me o pecado ao dar-me você e perdoou-me quando passei a amá-la. — Ela beijou-me, permitindo que eu continuasse, fitando seus olhos. — Meus erros não estão naquele hospital.

— Não — ela sussurrou.

— Não permita eu culpar-me. — Fechei os olhos, aflito, porque buscava não sentir a culpa. A culpa por acreditar que ao largar a batina, o câncer que havia se curado por um milagre que eu havia acreditado, havia voltado. Queria acreditar que nada havia entre esses momentos.

— Você não vai se culpar, estamos juntos, e isso não é errado. — Ela encostou as nossas testas. — Acredite na bondade, acredite na medicina e em seu milagre. Momentos não são ligados, e a culpa não existe desse modo.

Beijei seus lábios, silenciado-a, mantendo-me emudecido também, e permaneci assim durante minutos, sentindo seu perfume, seu corpo junto ao meu e como ela confortava-me.

— Vamos descer, sua mãe também está sentida. Ela sofre também, por mais ciente que esteja. — Mônica levantou-se e concordei, sendo levado de volta à cozinha.

Deparei-me com os pratos postos, a comida servida e minha mãe sentada, de olhos fechados e orando. Contornei a mesa e abracei minha mãe por trás, com as mãos nas suas.

— Passaremos por isso também, novamente.

— Sempre passaremos. Somos forte, e Ari também é forte — minha mãe sussurrou e limpou o rosto, balançando as mãos em sinal que eu sentasse-me. — Mas vamos comer antes que a comida esfrie. Sofri demais, chorei demais, não vamos tornar esse momento uma tristeza. Vá, sente-se, Armando.

Ri diante dos mandamentos da minha mãe e deixei-a servir meu prato, servindo Mônica, sentada ao meu lado.

— Conte-me, Mônica. Está fazendo residência, não é? — E como havia dito, minha mãe buscou mudar de assunto, espremer a tristeza, e tentei acompanhá-la.

— Sim, e pretendo morar em Lucca depois. Aqui não há muitos médicos na minha área, então poderei abranger a região. — E deu a primeira garfada, comendo tão rápido que minha mãe abriu um sorriso, realizada. — Está maravilhosa a comida, Sra. Ivette.

— Que bom que gostou. — E notei como minha mãe sentiu-se orgulhosa. Ri diante do seu contentamento.

—Minha mãe adora que elogiem a comida dela.

—Mas está muito boa. — Mônica havia conquistado minha mãe. — Fazia muito tempo que não comia algo tão caseiro. Na rotina corrida, acabo sempre recorrendo às comidas de restaurante ou congeladas.

— Muitas comidas congeladas na sua geladeira. — Sorri ao dizer e minha mãe encarou-me tão maliciosa que me embaracei.

— Armando já conhece a sua casa então, Mônica? — E seus olhos fixaram-se em Mônica, que sorriu, fitando-me.

— Já. Já passou um tempo por lá, alguma noite. — A comida desceu tão difícil como a vergonha que senti e tive ciência que esse era o propósito de Mônica, mas minha mãe apenas riu como se fosse uma boa notícia para ela.

— Não estávamos falando sobre comida? — Tentei cortar o assunto, mas em vão.

— Estão juntos há quanto tempo? — E foi a vez de Mônica parecer embaraçada. Arqueei as sobrancelhas, tentando compreender se havia algo sobre isso ou se fora pelo motivo dela lembrar quando nos conhecemos e os motivos.

— Tempo o suficiente. — Ela foi vaga.

— E você, Armando, pretende ficar em Lucca também? — Minha mãe dirigiu-se a mim, compreendendo o silêncio de Mônica.

— Sim. — Eu estava ciente das escolhas. Eu havia escolhido Mônica, e ela ficaria em Lucca.

— Então ao menos pegue o carro, me preocupo com você.

— Pegarei. — Concordei, confortando-a. Ela sorriu, perscrutando meu rosto.

— Está deixando a barba crescer?

— Disse que ele fica bonito assim. — Mônica constrangeu-me e ri, fechando os olhos diante dos sorrisos e continuei a jantar junto com minha mãe e Mônica, ouvindo-as concordar com assuntos e com gostos, conversando sobre minha infância e sobre assuntos corriqueiros. Acompanhei-as na conversa, distraíndo-me com as risadas.

E quando Mônica ofereceu-se para levar minha mãe, agradei por tê-la por perto, mesmo que isso tivesse me custado muito. Esperei-a na cama, e assim como ela dormiu na minha cama naquela noite, dormiu também durante todas as noites da semana que se passou, acompanhando-me no hospital, em seus horários de folga e sendo uma companhia para a minha mãe.

Ela era o meu anjo em meio ao inferno.

E durante a semana, afastado da Igreja, substituído por uma desculpa minha perante a paróquia, angustiado pelo meu pai e pelos tormentos, dei meu primeiro passo, começando o

processo para solicitar minha desvinculação no Tribunal Diocesano.

Eu sabia que mesmo deixando de ser padre, eu ainda iria ser sacerdote. Era uma escolha, e essa devoção eu ainda teria. Eu ainda buscaria a casa do Senhor e ainda buscaria seu perdão pelo pecado. Eu amava, e se isso era pecado, eu continuaria em pecado.

E depois de duas semanas entre idas e vindas com minha mãe no hospital, entre conversas com o meu pai, que durante algumas horas permanecia acordado, conversando comigo, com a minha mãe e finalmente conhecendo Mônica, sendo um susto e uma surpresa, minha mãe retornou para casa, precisando organizar sua vida lá, deixando-me no hospital com meu pai.

Mônica havia ido embora, precisando descansar depois do seu horário, e após meu pai adormecer, decidi ir vê-la. Não queria meus tormentos na minha casa, não queria o silêncio e ficar com eles. Eram muitos, por mais decidido que eu estivesse, e eram altos demais para os meus ouvidos e para a minha consciência.

Passei em um restaurante e peguei alguma comida para nós, ciente de que Mônica provavelmente estaria descongelando algo da sua gelada, e tentei ligar para ela. Seu celular chamou diversas vezes, mas em nenhuma fui atendido. Sabia que ela não gostava de surpresas, porque eu também não gostava.

Surpresa é algo inusitado demais. Para quem faz pode ser bom, mas para quem recebe, é embaraçoso. Talvez seja algo que se goste, ou algo que se precise fingir.

E diante da aflição, ansiei por vê-la ainda mais, por confortar-me em seus braços e em sua paixão, pois nesses dias de sofrimento, ela tirava-me dos outros tormentos, sendo o único que permanecia, pois também era um abrigo.

Bati em sua porta, guardando o celular no bolso, ainda segurando a embalagem. O silêncio permaneceu e franzi o cenho, ouvindo passos. Bati novamente, tornando-me angustiado pela demora. Não porque temia, mas porque ansiava em vê-la, pois conversar com o meu pai era reconfortante, mas também angustiante, e Mônica, mesmo com sua pouca crença, era o suficiente para ajudar-me como fizera nessas duas semanas.

Duas semanas que eu acreditava que Deus havia me dado um anjo, até que a porta abriu-se, revelando que talvez eu houvesse trilhado os caminhos mais ardilosos preparados pelo diabo.

Não foram os olhos de Mônica que encontrei muito menos os cabelos negros, mas era um rosto conhecido, que ao fitar, embaraçou-me e jogou-me ao meu próprio inferno quando compreendi que estava viva. Por isso o silêncio de Mônica, suas respostas vagas e ausência estranha do sentimento de perda familiar que eu havia notado algumas vezes. Ela não sentia,

porque sua mãe não havia morrido. E enganou-me como o diabo poderia ter me enganado todo esse tempo.

O silêncio de Mônica diante disso era a resposta, e durante todo o tempo eu não havia compreendido, até ver o que escondeu.

E ela encarou-me tão surpresa quanto eu.

— Padre Armando? — Cecília pareceu assustada, tanto quanto eu, e diante da tragédia que minha vida tornara-se, compreendi que o silêncio também era uma forma de disfarçar meu embaraçamento, meu sofrimento e o tormento de que eu havia trocado a batina por uma mulher que por apaixonada que fosse, havia me enganado.

E eu, em meu calvário, fui jogado contra minha cruz ao ouvir os meus tormentos sussurrarem que eu estava amando um anjo caído, que me fizera cair, e no fundo do inferno, eu estava sozinho.



XXX – Profana Ceia



Toda a paixão tem o seu caminho de calvário.

Condessa Marie de Beausacq.



A verdade coloca em xeque nossas crenças, e na decadência delas, encontramos-nos em desespero por compreender o quão errados podemos estar. E se o que for certo e errado estiver nas mãos de Deus, eu havia sido levado pelo diabo.

Porque a minha verdade já não era a verdade absoluta, o meu amor já não era mais puro, e o meu tormento havia me mostrado o quão caído eu estava. Porque amava Mônica, amava sua companhia, mas havia a vergonha, havia a mentira e o puro pecado ao qual eu entregara-me.

Como humanos, somos falhamos, como filhos do Senhor, buscamos sua luz, mas, às vezes, encontramos a escuridão, e nela, acomodamo-nos.

Quem eu era, senão um padre leviano que estava largando a batina por uma mentira? Havia palavras que não foram ditas, mas o silêncio bastou para apontar-me a culpa. E diante da culpa, era normal sentir-se envergonhado. Era normal abaixar os olhos e sentir-se tão embaraçado que as palavras fugiam dos lábios.

E diante dos olhos de Cecília, não poderia confessar que eu amava Mônica. Não dessa forma, não naquele momento, porque eu havia dado amor e minha batina à Mônica, e ela havia me dado mentiras.

No íntimo, talvez não possamos conhecer ninguém, e nesse íntimo, talvez, quando descobrirmos as verdades, o encanto acaba. O amor ainda poderia permanecer, mas o amor é

construído de confiança, de companhia e de verdades. É bastar-se um no outro, sem terceiros ou motivos de continuar.

Mônica havia me arrancado a confiança e a verdade, e eu já não poderia ter sua companhia. Ela havia me levado ao inferno e me abandonado lá, frente a frente com o meu passado.

Era crueldade, e como Mônica dissera, meu Deus seria bondoso. Não havia sido ele que me levou nesse caminho, ele deu-me o livre arbítrio, e eu, levado pela tentação, trilhei meu caminho pelo fogo do inferno. Um filho desgarrado julgando-se como certo, como se Deus fizesse as minhas escolhas.

Eu nada mais era do que apenas um homem escondendo-se na batina já rasgada, e senti-me assim diante dos olhos surpresos de Cecília, que ao abrir a porta, revelou o corredor da casa de Mônica.

—Padre? — Cecília parecia uma lembrança de quando o Paraíso era verde. Mas agora ele era negro, negro como seus cabelos, e fitei-a.

— Está — freei minhas palavras, porque se eu as dissesse, levaria às perguntas do motivo e eu já sabia que ela estava viva, de nada adiantaria perguntar. — Está em Lucca?

— Conhece a minha filha, padre? — Ela estava muito surpresa para eu conseguir avançar com mentiras. Balancei a cabeça, embaraçado, divagando em desculpas mentais.

— Eu — hesitei. — Conheço. Ela vai à minha Igreja.

— Estou feliz em vê-lo, mas por que está aqui?

Por que eu estava ali? A felicidade agora parecia tão distante que desejava agachar-me e esconder-me de tudo o que estava sendo jogado nas minhas costas.

— Apenas passei para agradecer sua filha por ter me ajudado com o meu pai no hospital. — O que era verdade também. Fitei a embalagem de comida em minhas mãos, já sem fome, já sem vontade de falar e pensar. Queria dar as costas e quando pensei em fazê-lo, Cecília deu um passo para trás, deixando que meus olhos se encontrassem com os verdes de Mônica, sentada no sofá, com o rosto avermelhado e uma mágoa explícita em seu ser.

— Entre. Não faz muito que cheguei. — E vi que havia mais nos olhos ansiosos de Cecília. — E também queria conversar com você, nossa última conversa não foi a das melhores, não é?

Eu queria fugir, eu rezava para que Deus não me abandonasse, mas levado pelo impulso de fúria ao sentir a mentira de Mônica na pele, eu aceitei o convite. Porque queria vê-la, porque queria mostrar que enfim estávamos diante da verdade, e que em minha fúria, eu havia me

transformado em um homem com raiva e mágoa.

Não havia palavras delicadas para isso, muito menos bonitas. Mas havia a franqueza da presença e a acusação dos olhos, e eu queria que Mônica visse isso. Porque na verdade não há quem possa ser poupado, e eu não iria poupá-la.

Estava com raiva da mentira, estava furioso com sua ausência de sentimento por não ter contado e estava magoado por sentir-me enganado. E com esses sentimentos arrancando-me a lucidez, permiti que Cecília dessa passagem, com os olhos fixos em mim, enquanto notava Mônica arregalar os olhos, levantando-se do sofá.

— Armando. — Seus lábios me chamaram e ao longe, cumprimentei-a, com sua mãe seguindo-me.

— Srta. Fattin. — Deixei claro para Mônica que não iríamos falar de nós na frente da sua mãe. — Passei para agradecer por tudo. — E diante das palavras, Mônica sentou-se, deixando explícito em seu rosto, que antes era tão seguro e direto, um medo e uma fraqueza grande demais para compreender.

— Agradecer — ela concordou, com os olhos crucificados em mim, que ao sentar em uma poltrona na vertical ao seu sofá, desviaram-se para fitar as próprias mãos. O que tínhamos diante um do outro, senão um espaço que uma vez havia sido preenchido por carícias e intimidade?

O término de um amor não é o trágico final, mas a consciência da perda da intimidade, o espaço aberto entre dois braços que uma vez eram unidos. E eu, em meu calvário, temia fitar minha cruz e ver o seu final, explícito nos olhos de Mônica.

— É uma surpresa vê-lo aqui, padre — Cecília repetiu, sentando-se na poltrona ao meu lado. — Está morando em Lucca?

Encarei-a em silêncio, implorando que Deus desse-me as palavras ao invés do diabo, e antes que eu pudesse responder, Mônica interveio.

— Sim. — Ela pareceu tão confiante que não condizia com seus olhos, mas junto com a confiança havia uma forma áspera de dirigir-se à Cecília. Não havia afeto, não havia laços. Cecília permanecia encarando-me e como se o diabo regozijasse aos fazer-me notar, senti-me ainda mais embaraçado. Porque não havia pensado em Cecília quando entrei na casa, apenas na mágoa que sentia, e agora havia o passado, havia as palavras não ditas pelo telefone, que precisavam ser explicadas.

Embaraçado, mantive meus olhos fixos no chão, tão furioso e constrangido. Furioso por Mônica, e constrangido por Cecília.

— Minha mãe não deveria estar aqui. — Ela foi direita com Cecília, e a mágoa na voz de Mônica me fez levantar os olhos e fitar a mulher ao meu lado, com olhos semelhantes aos da filha e os cachos negros contra os ombros. Cecília carregava uma tristeza que eu já vira antes, nas confissões que se tornaram parte do meu tormento.

E diante da sua feição, lembrei-me dos momentos antigos, de quando ela abraçou-me como amigo, vendo-me mais como amante do que como um ouvinte e na paixão confundiu o que estava acontecendo. A culpa também era minha, o pecado também era meu, por ter deixado a brecha, por ter aberto as esperanças mesmo sem intenção, e ao pensar dessa forma, senti-me constrangido.

— Não vamos continuar a discutir na frente de um padre, por favor, Mônica.

— Então se retire da minha casa, porque eu não a convidei.

— Talvez eu devesse ir. — Tentei levantar-me, mas Cecília agarrou meu braço, mantendo-me sentado ao seu lado, e sem consciência dos meus olhos, fitei Mônica, que ao encarar-nos, levantou-se. Ela parecia recuar com fúria e em seus olhos vermelhos eu entendi que havia mágoa entre mãe e filha. Afastei-me do toque de Cecília, decidido a terminar com a situação, e também me levantei.

Naquela sala, eu não era um padre mais, mas um homem enganado pela mulher que amava, magoado pela mentira e sem aceitar sentir pena de Mônica, enfrentei-a. Porque, por mais magoada que ela estivesse, por mais problemas que eu via explícito em seus olhos, eu estava sofrendo, sofrendo por suas mentiras. Era o meu direito jogar a cruz diante dela, era o meu direito mostrar as feridas e dar as costas.

— Meu tempo acabou, Srta. Fattin. — E voltei os olhos para Cecília. — Cecília. Preciso ir, está tarde e estou — Encarei Mônica, decidido. Eu havia chegado com uma decisão e iria sair com outra. — Cansado. Preciso voltar para casa.

— Espere, por favor, padre. — Foi a vez de Cecília levantar-se. — Preciso conversar.

— Cecília, talvez não seja hora, talvez não seja o momento. — Tentei fugir, mas Mônica, como se quisesse torturar-me ainda mais, deu as costas, passando por mim.

— Mônica, espere. — Cecília pareceu angustiada ao ver Mônica atravessar o corredor e abrir a porta da casa, e no silêncio de nós três, ela deu as costas, saindo.

E eu caí diante da minha cruz, pois antes acreditava que Cecília estava morta, e agora reviveria conversas que me arrancaram da calma meses atrás.

— Desculpe a minha filha, padre, não estamos em um bom momento. — Fitei o teto, as luzes amareladas e, aflito compreendi que precisava enfrentar.

— Ninguém está em um bom momento.

— Estou feliz que possamos conversar, eu. — Ela pareceu envergonhada, sentando-se novamente no sofá. — Eu nunca esqueci nossa última conversa.

E com os olhos voltados para baixo, sentindo-me usado pelo diabo, concordei.

— Estou divorciada, padre. — E para o meu desespero, não consegui esconder a surpresa e o diabo arrastou-me novamente para a poltrona. Desabei pela mentira, desabei pela verdade e pela vida diante dos meus olhos.

— Você está viva — confessei.

— Sei que passei a impressão errada na última ligação.

— Acreditei que estivesse morta, Cecília. — E em meio à vergonha, deixei florescer ainda mais a raiva. — Culpei-me por erros que não eram meus.

— Eu sei, por isso preciso conversar. Desculpe, padre, desculpe por ter ligado naquela noite. Eu precisava. — Ela parecia divagar, fitando a sala ao invés de encarar-me nos olhos. — Desculpe por fazê-lo participar do meu momento mais desesperador.

— Eu aceito suas desculpas, mas preciso ir. — Eu estava pronto para deixá-la, estava pronto para buscar meus tormentos em casa para não ouvi-la mais, mas Cecília levantou-se.

— Não me divorciei por sua causa, se é isso que teme ouvir. — Ela foi tão franca como Mônica era e isso tornou tudo ainda mais angustiante. Encarei-a, sentado, afundado em meus pecados. — Me divorciei porque não conseguíamos mais, eu estava afundando, eu estava buscando escapes para fugir. É assim que alguns casamentos funcionam, não é? Um dos dois busca escape, enquanto o outro observa triste, e era assim que aconteceu. E — ela pareceu hesitar. — Eu me apaixonei por você.

— Não, Cecília. Esse também é um escape.

— Quando conversamos por telefone, depois daquela conversa, eu fiz minha tentativa. — Aquilo me assustou e me levantei. — Não é culpa de ninguém o estado no qual eu me encontrava, e não foi sua culpa eu me apaixonar.

Como poderia dizer para Cecília que eu, até então, estava prestes a largar a batina por Mônica? Se havia um inferno, eu estava vivendo nele desde o início e só agora havia visto o fogo.

— Mas não podemos. — Com as mãos na cabeça, dei as costas, atormentado demais. — Eu sou um padre. — Era uma blasfêmia. — Eu nunca correspondi você.

— Eu sei, e isso também não é sua culpa. Não estou aqui para cobrá-lo disso, muito menos pedir seu amor, Armando. — Ela pareceu magoada. — Estou aqui para tentar me acertar com a minha filha, com a minha família.

— Mônica culpa você? — murmurei ciente da resposta.

— Ela ficou ao lado do pai dela no divórcio, e também não a culpo disso. Mas encontrá-lo aqui, agora. — Havia uma nostalgia em suas palavras e encarei-a sobre o ombro. — Me fez perceber que, às vezes, é melhor manter-nos longe das paixões, por isso, peço desculpas por confessar o meu pecado.

— O seu pecado?

— Me apaixonar, fazer disso o último escape do fracasso que era o meu casamento, e provavelmente fiz mal a você por isso.

Dei as costas, cabisbaixo o suficiente para fugir do seu olhar.

— Era isso o que tinha para conversar? — Tentei não ser mal educado, mas Cecília voltou a sentar-se.

— Era. Era apenas um pedido de desculpas por tentá-lo. Não estou aqui por você, estou aqui pela minha filha. — Diante disso, eu senti raiva, raiva por Mônica, por levar essa mentira para a minha cama. — Mesmo apaixonada por você, eu não quero continuar dessa forma. Preciso me reerguer, padre, enquanto você ainda pode continuar puro em sua devoção. — Ela parecia uma cega diante do pecado que eu era, e ter ciência de que Cecília estava apaixonada, quando eu amava sua filha, era o pior dos meus infernos. Para onde o diabo havia me levado? — Desculpe por ligar para você, por fazê-lo ouvir meus momentos mais obscuros. Não fiz por mal, e não estou aqui para atormentá-lo. — Ela não precisava estar, mas só por saber da mentira, já era um tormento. — Preciso da minha filha, preciso do perdão dela, e talvez você possa ajudá-la. — E compreendi sua hesitação. — Ela sabe que você foi o padre por qual me apaixonei?

— Sabe — limitei-me a dizer e arqueei as sobrancelhas, desejando fugir. — Não posso culpá-la, Cecília, por se apaixonar. — Eu também havia me apaixonado por Mônica. — Não é um caminho que escolhemos, e provavelmente, na sua escuridão, você viu em mim uma luz. Peço desculpas também pela forma abrupta com que fugi da situação, eu deveria ter resolvido antes.

— Os problemas não eram seus.

— Mas você colocou-me no meio — contradisse-a.

— Mesmo assim. — Ela sorriu tranquila e compreendi que por mim, ela não nutria raiva.
— Espero que possamos seguir cada um o seu caminho sem rancor, porque entendo seu afastamento.

Senti-me um traidor, não no ato consumado, mas por ela acreditar na minha pureza. Eu era decadente e diante da tentação de Mônica, amei o pecado.

— Seguiremos, Cecília.

— Peço que, se é próximo de Mônica, diga que a mágoa não nos leva a lugar nenhum — ela pediu educada e fitei a porta fechada. Não poderia pedir isso, porque essa mesma mágoa que ela falava, eu sentia.

— Espero que ela possa perdoá-la, Cecília. — sussurrei ciente de que eu já não conseguiria perdoar Mônica, e dei as costas. Avancei até a porta e abri-a, buscando encontrar conforto nos demônios da minha casa, fugindo do inferno que havia se tornado a casa de Mônica, e encontrei-a sentada no cordão da calçada. Seu choro cortava o silêncio e levantou a cabeça ao me ouvir.

Passei por ela, dando às costas a verdade, a mentira, ao pecado e abracei meu sofrimento.

— Armando. — Sua mão agarrou meu braço, parando-me no meio da calçada e abaixei a cabeça.

— Deixe-me ir embora, Mônica.

— Não posso, não quero.

— Mas eu quero. — Fui tão direto como ela fora comigo.

— Isso é o fim?

— É um começo que nem tivemos — murmurei ciente de que nosso começo seria o meu abandono da batina. E então me virei, disposto a jogar sua cruz como ela fez comigo. Mônica encarou-me, notando que tivemos nosso lugar no Paraíso, e então estávamos no nosso lugar no inferno.



XXXI – A queda do anjo



Os anjos caíram porque haviam pecado.

Daniel 10:11-14.



Quando damos-nos demais, às vezes não sobra nada para nós. E nesse nada, um abismo escuro e profundo leva-nos para um desespero ao refletir sobre o fim. O fim visto de forma descrente, de forma dramática e pessimista, é o término, enquanto que para os fiéis, crentes e otimistas, é o começo de algo novo.

Mas o grande problema do fim não é ele em si, mas a forma como nos apegamos ao antes. Como dar ao amor um fim que até então acreditava ser verdadeiro? O desespero do fim do amor não é o fim, mas refletir sobre o que fora, e o que poderia ter sido, se ainda houvesse. A tristeza não é ciúme, mas é notar a intimidade ser perdida, é ela estar entre o espaço, e o antes íntimo torna-se desconhecido.

Em minhas lamentações silenciosas, eu tinha ciência do fim, não do fim do amor, porque esse voltaria para casa comigo e dormiria junto com os meus tormentos. Mas o fim do encanto, do momento perdido ao ser posto na luz da verdade. E essa verdade havia criado um espaço grande demais entre Mônica e eu, para que eu pudesse tapar meus olhos e aceitar a ausência do que não fora me dado.

Porque eu havia me dado, eu havia dado minha batina e minha confiança, e ela havia retribuído com silêncios que diziam mais do que aparentava.

O que restava para nós senão lembranças, que antes boas, tornar-se-iam amargas por serem

simples lembranças? Porque diante da verdade de que Cecília estava viva, com tamanha vergonha estava por estar amando sua filha, e com uma raiva diabólica de Mônica por esconder-me algo que tiraria uma culpa das minhas costas. Mas como ela disse, Mônica gostava de ver-me assim, sofrido e agoniado.

Eu estava morrendo lentamente em sua frente, mas não a morte física, mas a morte emocional, e seus olhos, cientes, assistiam em silêncio o nosso fim.

Eu havia me culpado tanto por ter sido cego com Cecília, por ter ajudado-a de forma errada, enquanto Mônica escondia algo que poderia aliviar essa culpa. E em meio à culpa, sentia-me ainda mais decadente, ainda mais pecaminoso, pois quase levado à tentação por Cecília, cedi por sua filha, e com ela viva, o ângulo do meu pecado tornava-se tão violento e nefasto, que eu já sabia que durante a noite, não dormiria, e durante o dia, seria julgado por mim mesmo.

Que Deus fosse bondoso, pois pecara, pecara demais e fui enganado pelo diabo, um diabo que de início, atraía-me com palavras. Depois, tentara-me com a carne, e seduzido, apaixonei-me pela presença. E que em meu pecado, perdoasse-me e continuasse seu milagre.

Um diabo que em meu Paraíso, havia mentido que era um anjo, e eu assisti à nossa queda juntos. A minha queda pecaminosa, e a sua queda do encanto.

— Não me acuse com esse olhar. — Seus olhos continuavam vermelhos.

— Não me peça mais. — Queria poder manter uma voz calma, ter uma razão, mas na fúria de sentir-me enganado, fitei-a nos olhos. — Você já não tem esse direito de pedir algo de mim.

— Nunca tive, mas sempre pedi. — E ela já não me enfrentava com tanta confiança.

— E agora eu já não estou mais disposto a aceitar.

— Deixe-me explicar — ela sussurrou com uma franqueza triste, segurando-me pelo braço e puxei-o, dando um passo para trás.

— Como explicar uma mentira, senão com mais mentiras?

— Eu não queria ter mentido. — E vi suas sobrancelhas juntarem-se, formando lágrimas nos olhos. — Eu queria ter contado.

— Você faz parecer que a verdade é difícil.

— Na situação que estávamos, era. — Ela insistiu e o vento, ao jogar seus cabelos para trás, mostrou-me as marcas de lágrimas já secas. — Não dizia respeito a você, Armando.

— Não? — Em uma tentativa frustrada de não ser grosseiro, exaltei-me, fechando o punho

para o alto. Eu estava furioso e já não controlaria o desgosto. — Não dizia, Mônica? Eu culpei-me por achar que sua mãe estava morta. Lembra-se de quando e de como nos conhecemos? — E irônico, avancei um passo. — Porque eu não me esqueci de uma maldita noite enquanto me atormentava por acreditar que eu era o culpado. Não você, muito menos sua mãe, mas eu — e o meu grito cortou a noite. Vi o susto em seus olhos, mas já não tinha como acalmar-me. — Você nunca pediu desculpas por ter feito aquilo comigo e eu nunca exigi isso, mas e a consideração? Eu iria carregar a culpa comigo, mesmo tentando esquecê-la, e quando notava que você escapava dos assuntos, eu compreendia que era tristeza e que também era por minha causa. Eu acreditei no suicídio que você falou e por ter feito aquilo comigo, acreditei que eu era o culpado.

— Não era para ser assim — ela balbuciou, com lágrimas nos olhos, mas levado pelo diabo, eu não sentia compaixão.

— Então como era para ser? Explique-me — exigi e ela cobriu a boca com as mãos. Em outro momento, diria que era uma santa com as mãos erguidas, mas agora minha santa havia se tornado impura. Humana e mundana.

Seus olhos vagaram como se buscasse respostas no ar escuro da noite, iluminada pelos postes nas calçadas vazias, e voltou a encarar-me.

— Eu queria me vingar, eu sei. Eu busquei a vingança contra você, não nego isso, Armando e jamais negaria — ela hesitou, franzindo a testa. — E também, não era uma vingança apenas contra você, mas contra — ela pausou novamente, como se surgisse mágoa. — contra a minha mãe.

— Mas ela é a sua mãe.

— Eu queira me vingar de ambos. — Ela ignorou-me, abaixando os olhos em tristeza, e as lágrimas escorreram pelo seu rosto. — Porque ao invés de pedir o divórcio e poupar sofrimentos, ela arrastava meu pai no casamento, e eu vi a sua tristeza, enquanto minha mãe traía-o com outros. Eles tentaram, Armando, meu pai perdoou minha mãe e eles tentaram, enquanto eu ainda apoiava-o para se divorciar, mas ele ainda a amava. Ainda acreditava. — E então seus olhos acusaram-me, mas não com raiva, mas com mágoa. — Até ela contar para ele que estava apaixonada por um homem.

— E então você agiu como o juiz e o carrasco.

— Não foi justo, não foi nada justo. Eu senti raiva, eu sou humana também, eu sofro também e minha família estava destruída — ela exaltou-se. — Meu irmão havia dado as costas, meu pai estava sofrendo, e minha mãe, minha mãe estava apaixonada. Eu havia retornado da minha viagem para tentar ajudar, e então ela foi encontrada inconsciente. Levaram-na para o

hospital, internaram-na e por fim, eles assinaram o divórcio. Cada um para o seu lado, e a minha família havia acabado, Armando.

— E ao invés de apoiá-los, você veio a mim, Mônica — acusei-a e apontei o dedo. — Você veio a mim, acusando-me, culpando-me e me fez acreditar.

— Porque eu não achava que seria justo você e ela saírem impunes. Eu tinha raiva, eu tenho raiva dela, eu perdi o amor de uma filha pela mãe quando a vi como uma mulher insensível e maldosa, quando, no divórcio, eu só a vi como uma mulher. — Ela chorou. — Mas me apaixonei pelo homem que você é, e não consegui continuar a culpá-lo.

— E quem você é para julgar o que é justo ou não? — exaltei-me ainda mais, furioso, e ao ver seus olhos assustados, tive ciência que meu semblante deixava explícito isso. — É Deus?

— Deus não existe, e nós estamos aqui para saber o que é certo para nós, ou não. — Sua descrença foi proferida e arqueei as sobrancelhas, surpreso. — Não diga que está surpreso. Como acreditar na bondade do seu Deus, se ele está me fazendo sofrer novamente?

— Não coloque Deus nos seus erros.

— Meus erros. — Ela sorriu amarga, triste e descrente. — Meu erro foi apoiar meu pai?

— Seu erro foi julgar sua mãe — respondi seco e ela arregalou os olhos. — Porque Cecília errou também ao trair, eu errei ao não ver as esperanças que ela nutria por mim e errei quando me afastei sem tentar resolver a situação com ela, mas você. — Avancei, frente a frente com ela, apontando-a novamente. — Você julgou sua mãe, você meteu-se no relacionamento dos seus pais não como um filho imparcial, mas como uma mulher nutrindo ódio por outra, e fez-me entrar em seus problemas familiares, fez-me acreditar que era culpado por ter tirado as esperanças de uma mulher e que ela estava morta. Você me fez ter culpa e então me fez amar você, escondendo a verdade.

— Eu fiz tudo? — Era uma ironia e neguei.

— Você começou e você acabou.

— E o que mudaria se eu tivesse contado desde o início que minha mãe estava viva?

Ri diante disso e escondi o rosto nas mãos, furioso. Encarei-a novamente.

— Eu jamais teria me envolvido, Mônica. Você acha certo eu largar a batina para ficar com a filha de uma mulher que está apaixonada por mim? Eu estaria metendo-me no meio de mãe e filha, de uma desavença familiar.

— Eu escolher apoiar meu pai não tem a ver com nós.

— Você me envolveu quando disse que era vingança, quando sofri por uma mulher que conheci.

— Mas você não a amava — Mônica exaltou-se.

— Mas eu tinha amizade, eu tinha carinho e sim, eu quase caí em tentação. — confessei em um grito sufocado. — Por que acredita que me afastei?

Ela recuou, tão espantada que as palavras fugiram e o silêncio nos afastou.

— Você nunca disse — ela acusou-me.

— E você nunca disse que a mulher que eu achei que havia morrido por eu ter negado, estava viva — também a acusei com rispidez. — Você nunca me disse que estava com problemas familiares. Eu era o homem por quem ela estava apaixonada e você foi vingar-se. Uma filha com tanto ódio da mãe que não percebeu que o casamento é feito de homem e mulher, e ambos possuem culpa em um divórcio.

— Não fale do meu pai.

— Não me acuse por não saber da verdade — contradisse-a. — Você julgou e executou a sentença, e com isso, me fez sofrer do início ao fim. Se eu fui culpado antes, continuo sendo culpado, mesmo com Cecília viva. Por que ainda insiste em nós?

— Porque não vejo a maldade que acreditava ter visto. — Ela pareceu acalmar-se, deixando as lágrimas aflorarem novamente. — Porque eu não o vi mais como culpado. Você não se envolveu com ela, você não a incentivou. Ela acabou com tudo e eu. — Ela fechou os olhos. — Eu me apaixonei.

Silencie-me diante da desistência de Mônica.

— Volte para a sua casa, Mônica. Resolva-se com a sua mãe. Ela pode ter traído o seu pai, ela pode não ter pensado no casamento, como você deu-me a impressão de acreditar, e ela pode ser essa mulher insensível que diz, mas ainda sim é sua mãe e eu estou farto, farto de envolver-me em seus conflitos familiares. Apoiar apenas seu pai não faz de você certa, odiar sua mãe não faz de você certa, mas perdoá-los por serem humanos e me deixar ir embora é o certo.

— E nós? — Ela pareceu conter as lágrimas.

— Não é pela mentira apenas, Mônica. Eu também já menti tanto, eu mesmo estava vivendo uma mentira — acusei-a diretamente e uma lágrima escorreu pelo seu rosto. — Fui levado pelo diabo ao me envolver com você.

— Pelo diabo — ela repetiu com deboche. — Não coloque o diabo nos seus erros —

acusou-me. — Eles não existem. Você tem fé, mas me amou. Que Deus é esse que permite tamanho sofrimento?

— Temos o nosso livre arbítrio para escolher nossos caminhos e sofrer por eles.

— Então ele jogou-nos em sua criação e mandou-nos tentar a sorte. — Ela foi ainda mais seca. — Desculpe-me, Armando, se eu não vejo como você vê. Eu tentei, eu estou apaixonada e não vejo porque perdoar alguém que ainda agora me faz sofrer. Porque é por culpa dela que eu estou perdendo-o, e se o seu Deus fosse justo, não me castigaria dessa forma.

— Não é Deus que criou esse momento e esse sofrimento, mas você, Mônica. — Fui tão firme como suas lágrimas que deslizavam pelo rosto avermelhado, e ela apenas negou. — Deus poderia perdoá-la, Deus poderia ajudá-la, se o buscasse.

— Buscar ajuda divina? Você acha que é disso que eu preciso, quando meu pai está cansado, sozinho e depressivo, enquanto minha mãe aparece no meio da noite pedindo para conversar porque quer perdão? — Ela começou a fraquejar. — Queria ser boa, Armando, queria ser bondosa, mas não sou.

— Seus problemas familiares são seus, não culpe Deus. Nossos problemas são nossos, também não posso culpá-lo. — E enfrentei o que estava prestes a dizer. — E agora percebo que estarmos juntos não é culpa de Deus, mas nossa, somente nossa, e talvez do diabo sim.

— É mais fácil quando se crê.

— Nada é fácil, Mônica.

— Você parece ser mais forte. — Ela riu tão triste que desviei o olhar.

— Aprendemos a mascarar as nossas tristezas.

— Se há tristeza, há dor, poderia Deus criar a dor, Armando? Nesse momento, estou odiando-o, se ele for real — ela sussurrou. — Porque sinto a dor da mentira também, porque queria contá-la, queria ter tido alguma oportunidade, mas não encontrei oportunidade e seu pai está doente, como poderia?

— Não fale disso agora, por favor.

— Outro motivo para eu sentir-me tão descrente. Ver você sofrer agora, enquanto também acredita que o seu milagre foi tirado. Que Deus é esse?

— Chega. — Perdi-me na fúria e encarei-a. — Pare de blasfemar, Mônica. Você culpa Deus por esse momento, quando na verdade ele poderia agora estar me livrando do caminho errado. — Joguei o meu tormento de ter pecado e ter visto a verdade.

O silêncio perdurou e senti gotas finas de uma chuva prestes a cair.

— Então acabou — ela sussurrou desesperada. — É isso?

— O amor não, mas o encanto sim. Você é uma mulher com problemas familiares que precisam ser resolvidos, e eu sou um homem que precisa encontrar seu caminho de volta. — Senti o peso das palavras e fechei os olhos. — Volte para casa, tente se resolver, Mônica. Julgar sua mãe e guardar rancor fará mal a você.

— Mas você também guardará rancor. — Ela referiu-se as mentiras e assenti ainda de olhos fechados.

— Esse também é o meu tormento. — E senti seu toque no meu rosto. Abri os olhos, encontrando-a tão perto de mim que poderia beijá-la, mas em meio às mentiras, as mágoas e desavenças, eu não queria.

— Queria ser como você imaginou, mas aos poucos descobrimos os problemas um do outro, não é? E se com isso o encanto acaba, o que resta a não ser um amor que também acabará? — ela sussurrou triste, deixando as lágrimas inundarem seus olhos já vermelhos. — Queria ser como você pensou, mas sou de carne e osso, guardo rancor e fiz uma vingança contra a minha mãe quando apenas julguei-a como errada no divórcio. O que pareço para você agora, diante da mentira e vingança?

Cobri sua mão com a minha e pelo toque acalmei-me.

— Uma mulher, Mônica, assim como Cecília, sua mãe, que está esperando-a na sua casa para pedir perdão. Ela também sofre. — E eu também estava sofrendo. — Por mais que você esteja apaixonada, Mônica, por mais que eu a ame. — ela fechou os olhos, engolindo qualquer som que pudesse emitir ao deixar as lágrimas pelo rosto. — Não me envolverei entre vocês duas dessa forma.

Ela chorou, abrindo-se para a tristeza e sofrimento, e como nunca a vi antes, fitei seu rosto vermelho, seus olhos fechados e sua fraqueza, e perguntei-me por quais motivos seriam seu choro. Seria apenas pelo nosso fim? Ou pelo desgaste emocional que a envolvia durante o divórcio dos seus pais.

A mágoa ainda estava presente, a raiva ainda existia, mas por amor, peguei sua mão sobre o meu rosto e beijei-a devagar, também fechando os olhos, sentindo seus dedos rentes à minha mão. Ainda com raiva, busquei confortá-la, pois ela lutara para manter-se forte, ela lutara para não fraquejar em prantos na minha frente, mas não havia conseguido. Ela sabia que estava errada, e também por isso chorava.

— Você era um anjo para mim, e agora caiu e está em queda comigo, Mônica. Encontre o seu caminho também. Desejo que seja de perdão, enquanto o meu será de redenção — confessei em um sussurro e larguei sua mão, dando as costas para ela.

— Armando. — Ouvi-a me chamar, mas mantive meu passo firme, afastando-me. Afastando-me do que um dia poderia ser algo mais do que apenas uma lembrança, mas que ao ser posta à luz, revelou-se mais ardilosa do que divina.

E caminhei decidido, mas não decidido a ir para a minha casa, onde encontraria o cheiro de Mônica em meus travesseiros, sua marca em meus lençóis ou o rastro da presença que deixou nos aposentos.

Eu buscava esconder-me embaixo da chuva que começava. Esconder-me do que estava prestes a escolher. Uma escolha que antes parecia ser a mais elevada, mas que no momento parecia um tormento.

Eu retornaria atrás da minha decisão, e enquanto deixava Mônica, para que resolvesse seus problemas que já não deveriam pertencer-me, pois queria fugir de Cecília, da vergonha e da mentira de Mônica, eu voltaria para a minha batina, desejando que em meio aos pecados mundanos, eu encontrasse-me.



XXXII – Descrença e perdão

(Mônica)



As suas mágoas queimavam-lhe a alma como uma fornalha.

Victor Hugo.



Às vezes o que não foi dito dói e pesa mais do que as palavras. O silêncio, na maioria das vezes, cria um abismo entre as pessoas tão grande que não conseguimos alcançar o outro lado, e a cada segundo de silêncio, o espaço é aumentado.

Eu vi esse silêncio nos olhos de Armando, eu senti o seu abismo quando deu as costas e por mais que eu quisesse alcançá-lo, eu mesma havia criado o buraco entre nós. Um buraco que eu não via o fundo, eu apenas ouvia os barulhos da chuva ao meu redor, que começara a cair. Encostei-me contra a parede ao lado da porta e cobri meu rosto, deixando a chuva juntar-se aos meus cabelos. E mesmo que a água passasse por mim, a imagem de ver piedade nos olhos de Armando, mesmo depois de tanta raiva que ele provavelmente sentia, ele ainda sim sentia piedade.

Piedade porque não ficaríamos mais juntos e eu sentia essa culpa. Piedade porque ele havia me deixado com os meus problemas, e eu não queria enfrentá-los.

Deslizei as costas pela parede e sentei na calçada debaixo da chuva, ignorando os pingos que me castigavam, porque eu não queria entrar na minha casa, não para sentir-me sozinha e olhar para os olhos da mulher que mais uma vez parecia arruinar minha vida.

Amor é um sentimento que pode ser dado, mas também pode ser tirado, e minha mãe tirou o meu amor quando eu a vi como uma mulher tão frívola como eu poderia ser. Era um espelho do que eu era e já não queria ser, e em minhas brigas com Vincenzo, ele insistia em comparar-me com ela.

Fechei os olhos, com o rosto escondido nas mãos, lembrando-me de Armando, e de como eu vi a decepção em seu rosto. A decepção por eu ter mentido e por estar em uma situação tão delicada para ele. Eu não queria ter escondido, mas tudo foi levado tão rápido que me perdi no caminho entre a verdade e o que foi omitido.

Quando minha mãe confessou para nós que estava apaixonada por um homem, ela contara que era um padre, e para mim, implorando meu perdão, contara tudo. Mas como eu poderia ficar ao seu lado, quando eu a vi arrastar meu pai, que sempre batalhou para dar a ela uma vida sem medo, para um casamento desgastado com traições? Porque era na cama de outros que ela fugia, e quando meu pai tentou o divórcio, ela insistiu em manter o casamento. Até dizer que pela paixão, já não queria mais.

E eu perdi o encanto também, como Armando dissera. Ela não pensara em ninguém, apenas em si mesma, e culpando-a, abandonei-a. Tirei-a da minha vida, porque não precisava dela e não conseguia perdoar o fato de tirar meu pai de casa, de fazê-lo ter esperanças e então acabar com tudo, porque ela fez apenas a vontade dela.

Armando havia dito que o perdão fazia bem, mas eu não conseguia perdoá-la, porque ela se esquecera da família, e mostrou-me uma mulher que eu jamais esperaria ver.

E com raiva por ver meu pai depressivo, meu irmão dando as costas, ignorei suas ligações e fui atrás do padre, sem contar que poderia encontrá-lo na cidade onde iria morar, muito menos que na brincadeira de tentá-lo, de fazê-lo sentir-se fracassado, eu veria um homem inocente e me apaixonaria por ele.

Porque nessa história, a culpada era minha mãe, e eu.

Depois da raiva, ficou a mágoa, e essa era pior do que a fúria, porque na fúria eu poderia aceitá-la de volta, mas na mágoa de ver tudo o que éramos desmoronar, eu já não conseguiria.

E eu queria ter contado para Armando, eu planejei a viagem para contar, eu sondei o momento certo, mas haveria um momento certo para o fim? Seria possível escolher quando se jogar ao abismo? Depois seu pai adoeceu novamente, e como juntar duas tragédias em uma mesma vida? Eu não poderia, e por temer, também havia perdido.

Levantei-me e parei diante da porta da minha casa, ciente de que minha mãe havia me

esperado chegar, entrado e não sairia até ter a conversa que queria.

E eu estava disposta a dar essa conversa, porque eu tinha mágoa pelo passado e pelo que ela ter retornado com insistência em algo que, talvez, apenas o tempo poderia responder.

Abri a porta e caminhei pelo corredor, fitando-a sentada no sofá, com os olhos atentos em mim.

— Vamos conversar, por favor. — Diante do seu pedido, desviei o olhar, limpando as lágrimas. Poderia ter sido uma noite com Armando, poderíamos estar planejando um futuro que já não existiria mais, pois se ele buscasse novamente a batina, eu não poderia fazê-lo abandoná-la de novo. Não seria justo, não seria correto.

— Nossa conversa acabou quando nossa família acabou.

— Família não é dessa forma, Mônica. — Minha mãe levantou-se e enfrentei-a com o olhar.

— Não me importo com o divórcio, não me importo se o amor acabou. Importo-me com o respeito, e você faltou com ele quando insistiu no casamento para então abandoná-lo por uma paixão. Você pareceu uma jovem em busca de satisfazer suas necessidades, uma mulher sem pudor.

— Eu sou uma mulher — ela pareceu implorar, sentando-se novamente. — Eu sou mãe, mas também tinha anseios.

— Você teve oportunidades para eles quando meu pai pediu o divórcio, mas você decidiu dar mais esperanças — continuei, avançando para a sala.

— Se eu soubesse.

— Se você soubesse, teria feito igual, não minta. E as traições? A forma como desgastou todos de casa? — Eu estava acusando-a. — Todos viam, mas ficavam quietos, e a vergonha?

— É passado, Mônica. Eu sei que errei.

— E eu sei que está aqui para pedir perdão, e eu sei que esse eu não sou capaz de dar. — Fui franca, encarando a tristeza em seus olhos. Mas não iria ter piedade, não quando me lembrava da tristeza dos olhos do meu pai quando me contou tudo o que descobriu. As traições descaradas, as noites, sozinho, na cama. Não, não conseguiria.

— Eu continuo sendo sua mãe. — Ela franziu a testa, insistindo.

Silencie-me, sentando na poltrona a sua frente e encarei-a.

— Se é essa a sua conversa, por favor, vá embora. Você conseguiu o que queria. — Joguei a verdade contra ela. Se ela queria a minha franqueza, iria conversar.

— E o que eu consegui? Eu queria o seu amor de volta, mas só vejo mágoa. — Ela negou. — Estou disposta a continuar, a não insistir em uma paixão que sei que é errada. Busquei ajuda médica, estou tomando medicação, estou tentando encontrar um caminho.

— Nosso caminho não precisa igual, muito menos junto. Por que trazê-la de volta a minha vida, se tudo o que sabe me dar é mágoa? Mágoa por ver o valor que deu a nós, sua família. Mágoa por você ter perdido a cabeça por uma paixão.

— Peço perdão, Mônica. Apaixonar-se não é uma escolha, e eu sei, eu sei. — Ela juntou as mãos no colo e senti as lágrimas deslizarem pelo meu rosto, por mágoa e raiva. — Mas Armando é um padre e continuará sendo, e eu escolhi continuar, esquecendo o passado.

Abaixei o olhar, ciente de que era maldade, mas se não havia Deus o diabo, também já não havia diferença entre o mau e o bem.

— Armando iria largar a batina. — Minha voz pareceu cortar o silêncio entre nós e fitei-a. — Ele iria largar a batina por mim.

— Armando? — Minha mãe arqueou as sobrancelhas, buscando compreender. Eu queria magoá-la como ela fizera comigo.

— Sim. Ele se envolveu comigo. — Eu era maldosa e não, não queria pensar sobre família quando não havia. Eu enfrentava-a como uma filha que nutria mágoa por sentir-se machucada demais para pensar em família. — Eu fui atrás dele enquanto você estava no hospital depois da sua tentativa de fugir da sua culpa.

— Não, Mônica, não foi assim. — Ela tentou de forma sofrida, sem esconder o espanto, as lágrimas. E com o coração sufocado, decidi machucá-la também como eu estava. Porque quando amamos alguém demais, e esse alguém nos destrói, a mágoa é do tamanho do amor. Chorei na sua frente ao lembrar-me de como tudo sucedera e continuei, enfrentando seu olhar assustado.

— Eu fui atrás de Armando e quando cheguei a Lucca, descobri que ele também estava aqui. Envolvemo-nos e sim, ele iria deixar de ser padre porque estava me amando, até vê-la novamente. — Ela abriu a boca, mas deixou-me continuar. — E não, nunca houve nenhum sentimento além da amizade por você, não como ele me amou. Ele deixou-me porque eu menti sobre você, eu contei que estava morta, porque para mim, você estava, mãe.

Ela enterrou o rosto nas mãos e chorou diante de mim e senti-me a verdadeira mulher que Vincenzo e Armando rotularam-me: frívola, fria e maldosa. Mas eu estava tornando-me assim

novamente porque estava machucada e não aceitaria de volta alguém que começou a minha ferida.

— Você pode me odiar agora.

— Não, Mônica. — Ela levantou a cabeça, revelando o rosto manchado de lágrimas. — Eu jamais iria odiá-la, porque é minha filha, e mesmo depois de todo o ódio e toda a vingança, eu ainda a amo.

— Mas eu não mais.

— Estou aqui para reconstituir o que destruí — ela pediu. — Por favor, esqueça meus erros. Como você mesma disse, sou uma mulher, sou humana, eu também erro.

— E seus erros me machucaram demais. Às vezes os erros custam muito caro para os outros. — E tinha ciência de que Armando também sentia isso. — Custaram caro para todos os envolvidos e agora para Armando novamente.

— Não foi intencional.

— Mas machucou. — Fechei os olhos, recordando-me do sofrimento do meu irmão, do meu pai e então de Armando.

— E sou tão má que não posso redimir-me? Meu erro foi tão grande que não posso pedir perdão? — Ela chorou comigo e neguei devagar.

— Eu estou apaixonada por Armando e agora, além de uma família, eu também já não o tenho. — Culpei-a e ela escondeu o rosto na mão erguida.

— O que espera que eu diga, Mônica?

— Espero que seja a louca que foi em casa, que pareceu uma jovem apaixonada e correspondida, quando foi refutada na primeira vez. Espero que mostre que está aqui pedindo perdão, mas não por arrependimento, mas por medo de ficar sozinha. — Exaltei-me, levantando-me, e minha mãe fez o mesmo.

— Eu tenho medo. — Ela também se exaltou. — Mas tenho medo de não ter mais o amor dos meus filhos por uma aventura minha.

Silenciei-me, vendo a honestidade do seu sofrimento e mesmo que eu quisesse parar de culpá-la, a mágoa era grande demais.

— Não consigo — confessei. — Não agora, não hoje, quando vi Armando tão machucado por eu ter mentido e por tudo o que aconteceu. — Fitei-a. — Com você. Não está com raiva

disso? Não sente raiva por eu ter traído você como você fez com todos nós?

— Não, não estou com raiva, Mônica. Estou magoada, confesso isso, mas não com raiva. Você teve seus motivos, mesmo eles sendo errados, porque vingança não é um bom caminho e estou temerosa por Armando, porque se ele está como disse, ele também sofre. — Minha mãe deu um passo para frente, na tentativa de abraçar-me e como se eu temesse o contato, recuei, negando.

— Não.

— Pense ao menos, Mônica. Nutrir mágoa por algo que já passou, quando podíamos estar bem, quando eu poderia tentar ser uma boa mãe. — Ela levou uma mão na minha direção, mas não a peguei. — Sei que foi um divórcio turbulento, e sei que os filhos sofrem com os pais. Eu deveria ter pensado nisso, mas eu apenas falhei, falhei como mulher e como mãe.

— E eu falharei como filha. — Enfrentei-a, sem esconder o pranto em meu rosto. — Porque não consigo perdoá-la. Por favor.

— Peço um tempo.

— Então me dê esse tempo. — Exaltei-me. — Porque tudo o que fez foi se vitimizar, dizer que estava mal, sem perguntar o quanto nós, seus filhos, sofriam. Tudo o que fez foi invadir a minha casa, esperando-me chegar para então desmoronar o pouco de afeto que eu tinha.

Ela encarou-me com compaixão, chorando também.

— Você não deveria ter mentido — ela sussurrou.

— E você não deveria ter vindo. — Dei as costas. — Mágoa não se desfaz apenas com palavras, mas com o tempo, e se eu conseguir perdoá-la, talvez você saiba. — Avancei até a porta e a abri, um pedido para que ela fosse embora.

Porque a mágoa existia porque eu amava-a e ela machucou-me. Eu esperava como uma filha espera de uma mãe e ela deu-me uma mulher insensível.

Minha mãe assentiu, aceitando que nada conseguiria, e avançou na minha direção, parando na porta.

— Peço que pense, por favor. Seu pai já me perdoou. — E diante disso, recuei. Ela sorriu e na minha hesitação, puxou-me com força, abraçando-me. Permaneci imóvel em seus braços e chorei, chorei por algo ter se quebrado dessa forma, pelas mentiras, traições e raivas.

E ela deixou-me, saindo para a chuva até o carro estacionado. Mantive a porta aberta, fitando-a se afastar e deixei o choro tentar acalmar o sofrimento.

Fechei a porta quando o carro deu partida e sentei-me contra a porta, escondendo o sofrimento dentro dos braços sobre as pernas. Chorei pela mágoa que não passava, por saber que por melhor que eu quisesse ser, eram rancor e mágoa o que sentia, e por mais que eu quisesse ver a luz e perdoar, eu não conseguia. Ela era uma pessoa também, sujeita às falhas como eu.

E chorei pelo que não disse para Armando, por tudo o que ficou entalado dias para ser contado, e no momento que menos esperava, foi dito por mim. Chorei porque sentia sua falta e sabia que continuaria a sentir, assim como sentia falta de amar minha mãe sem mágoa, de ter minha família de volta da mesma forma. Eu estava machucada e chorei por simplesmente sentir a tristeza que havia dentro da minha casa silenciosa.

Minha mãe sofria, e eu sofria, porque o perdão era como a minha fé: parecia inalcançável. E toda vez que eu tentava, uma mágoa arrancava-me dessa tentativa. Eu sabia que não deveria julgar que Armando estava certo e eu deveria perdoar e ser uma filha imparcial diante dos pais, mas não conseguia e esse era o meu mal.

E diante do sofrimento, ri do que me lembrei. Armando havia me comparado a um anjo que havia perdido seu encanto, e assim, caído. Mal sabia ele que eu já havia caído há muito tempo, e o que ele vira era uma miragem para fazê-lo estar comigo na queda.

Porque eu busquei sua fé e apenas encontrei minha descrença novamente e já não poderia fazê-lo sofrer ainda mais. Mesmo apaixonada, eu o deixaria tomar seu caminho, assim como eu buscaria seguir o meu, porque a culpa era minha e eu não poderia envolver em meus problemas.

Eram nossas decisões e essas passaram por cima do amor, porque a mágoa passou por cima do amor. Chorei sufocada pelas lágrimas e pela respiração entrecortada, porque a dor revivia as antigas e intensificava as novas, e eu sentia-me perdida entre a tristeza, a descrença e o desespero de ver tudo acabar.

Armando havia sido a minha luz e eu retornara para escuridão, deixando-o com sua batina e enfrentando os meus próprios problemas. Os dias seguintes seriam difíceis sem ele, mas desejava que seu pai melhorasse que ele encontrasse de volta seu caminho se assim fosse sua vontade, e que a minha maldade não tirasse a sua bondade.



XXXIII – A busca pelo céu



Não há maior dor do que recordar a felicidade nos tempos de miséria

Dante Alighieri



Em meio ao caos eu encontrava-me. Ao caos de lembranças que me atormentavam e o desejo de esquecê-las, mas quando uma lembrança enraíza em nossa mente, não há Deus nem o diabo que possa tirá-la, pois com adoração ela foi posta, e com raiva ela pode ser lembrada. Opostos coexistindo em uma mesma lembrança a faz ainda mais forte.

E com amargura, fitando os fiéis dirigindo-se pela porta de saída da Igreja, relembrava-me das lembranças que antes foram boas, mas que agora, ao ter lembranças ruins, deixavam um gosto amargo de mentira e de falsa felicidade, como se ao ter lembranças ruins sobre um mesmo objeto, tornasse as boas menos nostálgicas.

Era assim que me encontrava, e de batina, fitando o santo cálice a minha frente, orei para que eu conseguisse encontrar novamente o caminho para que eu redimisse-me. Não era uma fuga na batina, mas uma crença de que retornando aos meus passos dados, encontraria a origem deles, e apagando-os, pudesse recompor todo pecado com devoção. Porque meu pai estava em um leito de hospital, e com a ciência de que meu envolvimento com Mônica já não era obra de Deus, passei a acreditar também que o fim do meu milagre também se devia a isso.

E na busca de acalmar meus tormentos, crente de que ao abandonar o mundano e buscar refúgio de volta na batina, Deus me daria novamente o meu milagre: a cura para o meu pai, dada pela minha escolha pela batina.

Deus era bondoso, como Mônica, mesmo em sua descrença, dissera. E eu acreditava nisso, pois é menos trágico acreditar na bondade do que apenas na maldade. O diabo está lá, mas se acreditarmos que Deus também está, o diabo diminui seu poder diante de algo maior.

Levado pela tentativa de retornar ao que eu era neguei meus olhos de fitar a única mulher, que durante toda a missa, permaneceu sentada, com os olhos voltados para mim: Mônica. Por maldade ou malícia, ela assistiu todas as minhas missas durante a semana que se passou, em completo silêncio. E no término de cada uma delas, acreditava que ela avançaria que viria para insistir ou tentar-me ou simplesmente desculpar-se novamente, mas eu estava enganado. Em todo término, ela retirava-se junto com os fiéis, sem palavras ou gestos.

E a cada ida sua, eu sentia certo alívio misturado com desespero. O alívio eu sabia o que significava, mas e o desespero? Seria por vê-la ou por me lembrar de tudo?

Às vezes, é melhor cegar-nos sobre o passado, do que revivê-lo em cada presente e lamentar-nos por ser passado.

Finalizei novamente mais uma missa, ciente de que Mônica partia em silêncio, e após a Igreja vazia, dei-me conta de que se passaram minutos em que permaneci imóvel, mergulhado na angústia e tormento.

Vagueei pelas ruas como fizera há uma semana, sem rumo, não por não ter para onde ir, mas por não querer chegar tão depressa. A noite do fim da primavera parecia receber-me como um céu prestes a limpar os meus pecados, e o deixei o vento quente me lembrar de como havia ventos também em Cortona, e que nos braços de Mônica, eu os havia sentido.

Parei no meio de uma estreita rua, ciente de que estava perto da minha casa e longe da de Mônica, e desejei esquecer o caminho da dela. Meu celular tocou dentro do bolso até seu toque tornar-se insistente e peguei-o. Fitei o número da minha mãe e franzi o cenho. Havia passado à tarde com ela no hospital, não deveria haver motivo para ligar.

— Armando. — Ela esperou que eu respondesse para continuar. — Achei que não pudesse atender.

— Acabei a missa há pouco.

— Ah. — E notei seu desgosto no suspiro. Ela perguntara durante toda a semana sobre o meu término com Mônica, sobre a minha decisão sobre voltar para a batina, e quando compreendeu que nenhuma palavra me convenceria do contrário, contou ao meu pai, levando-o a conversar comigo. Mas quando há muita mágoa e tristeza, às vezes, conversar sobre o motivo é infligir mais dor, e assim, fugi do assunto, pedindo que respeitassem uma escolha que nem eu,

em tempos atrás, havia respeitado. — Mônica não procurou?

Fitei o céu estrelado de uma noite calma e as pessoas transitando ao meu redor.

— Não, e também não deveria. Mas vejo-a em todas as minhas missas — confessei, angustiado, como se minha mãe pudesse me dar a resposta do motivo de Mônica fazer isso.

— Eu também a vejo. — Ela parecia aliviada por falar. — Vejo-a pelos corredores aqui do hospital, ela sempre me cumprimenta apenas. Mas, a pediatria não é nos andares debaixo?

E era, mas suspeitava que essa simpatia que meu pai nutria por Mônica, mesmo em seu leito, se devia a essa presença. Mônica sorrateiramente deveria estar vendo-o, talvez por bondade médica, ou talvez por malícia diabólica.

—Pergunte para o meu pai, mãe, se ele tem recebido visitas.

—Ah, Ari jamais irá contar se isso é um pedido dela. — E mesmo diante desse segredo, minha mãe parecia alegre com isso. Continuei caminhando, ouvindo-a contar sobre os novos exames e medicamentos, uma busca para tentar salvar a vida do meu pai, e notei em seu tom de voz que ela queria ter esperanças, mas não às tinha, enquanto eu criava mais delas em mim.

— Ele irá melhorar. — Por fim contei em que confiava. — Nosso milagre irá voltar.

— Nesse momento, Armando, talvez seja melhor confiar na medicina.

— E em Deus — contradisse-a. Não queria pensar em como mesmo diante da fé, ela se tornaria impotente diante da medicina. Não, era preciso um milagre e eu ansiava por ele com a mesma crença que Deus estava olhando por mim novamente. Não acreditava que estava sendo perdoado dos meus pecados, mas estava redimindo-me, numa tentativa de sair do inferno e tocar o céu, uma busca pelo céu, dando as costas ao inferno que um dia eu amara.

—Amanhã irei aí, deve ser solitária a sua casa.

—Não precisa preocupar-se, mãe, sempre estive aqui. — Entrei em casa, ligando as luzes e tranquei a porta.

— Mas mesmo assim, agora que estou na cidade, talvez até possa dormir na sua casa. — E com a ideia, sorri.

— Então amanhã quando voltarmos do hospital, vamos trazer suas malas. — Tirei os sapatos, ainda conversando com a minha mãe e já na cozinha, comecei a preparar algo para jantar.

— Seu pai já dormiu hoje, amanhã eles começarão novas sessões, há uma chance de dar

certo.

— Dará. — E pelo silêncio do outro lado, compreendi que minha mãe queria desligar. — Vou acabar de preparar a comida, mãe. Amanhã, pela manhã, estarei aí.

— Fique bem, Armando. — E desejando o mesmo, desliguei. Eu não estava bem, nem naquela noite e provavelmente nas muitas que se seguiriam. Porque eu não escolhera me apaixonar, muito menos amar, e a presença de Mônica na minha casa lembrava-me que eu também já não conseguia perdoar.

Deixei a comida no fogão, voltando para a sala, e lá, para espantar o silêncio, liguei a televisão, deixando em algum antigo filme que já passava. A solidão, quando é uma escolha, é uma companhia. Mas quando dada forçada, é uma prisão, e mesmo jantando em frente à televisão, tentando distrair-me, eu lembrava-me de Mônica e então, de Cecília. Como ela estava viva, e como Mônica ocultou isso. Ela confessou ser por medo e também por haver desavenças, e ao pensar nisso, sofri ao entender o quão triste deveria ser essas brigas familiares. Ela nutria ódio por alguém que deveria estar ao lado dela, como se em meio ao oceano, ela desprezasse o barco. E mesmo nessa relação conflituosa, ela deveria perdoar e resolver-se, porque acima de tudo, eles ainda eram uma família.

E então me lembrei com tristeza e culpa de anos atrás, de quando havia escolhido a batina pela primeira vez, ainda namorando e com o avanço do melanoma do meu pai. Dentre a paixão juvenil e a religião, eu havia escolhido a segunda. Fechei os olhos, ciente de que dessa escolha, também havia a culpa, e essa não havia volta. Era uma lembrança que eu temia, e todas as vezes que tentava assombrar-me, eu buscava refúgio em outra. Um dia ela me encontraria face a face, e nesse dia, eu enfrentaria todos os demônios por definitivo.

Voltei a encarar a televisão, percebendo que além do barulho da televisão, também ouvia o barulho da campainha por algum tempo. Larguei o prato sobre a pequena mesa ao lado do sofá e fui até a porta, abrindo-a.

Há duas tristezas na vida: a de ter ciência de que estamos fugindo dos nossos demônios, e a de encará-los.

Eu estava vivenciando a segunda, fitando a mulher de olhos claros e cabelos negros, caindo em cachos sobre os ombros.

— Padre. — Cecília pareceu um pouco envergonhada por bater na minha porta, e assustado por vê-la, apenas continuei a encará-la. — Sei que é tarde, e compreendo se preferir fechar a porta, mas há assuntos que eu gostaria de conversar — e em sua hesitação, compreendi que havia mais, muito mais do que apenas essas palavras. — E como velhos amigos, espero que

entenda.

— Não há assuntos. — Eu estava sendo franco.

— Nós dois sabemos que há. — Ela insistiu, franzindo a testa. .

— Se refere-se a noite da semana passada.

— Não, não apenas isso, mas o que aconteceu antes. — Ela deixou explícito que sabia e então proferiu. — Eu sei. Mônica me contou.

— Se Mônica contou, converse com ela. — Ameacei fechar a porta, porque no auge do meu desespero, nem a educação mais me faria conversar.

— Não. — Cecília colocou a mão sobre a porta, mantendo-a aberta. — Mônica ainda não me perdoou, e bem, você ainda é padre, não é?

— Ser padre não significa que eu seja bom, não mais, Cecília, nem que eu consiga perdoar.

— Mas ao menos pode me ouvir, por favor. — Ela parecia implorar e hesitei. Por que Deus havia a colocado na minha porta? Ou era a serpente novamente? E na hesitação, acabei dando um passo para trás.

E Cecília entrou na minha casa, enquanto de costas para ela, eu sabia que ainda amava Mônica, revivia minhas lembranças, e mesmo com a batina, tinha ainda mais tormentos por voltar a ela e por ter a traído. Por ainda estar apaixonado por Mônica, e atolado em tormentos e uma angústia desesperadora, eu havia dado uma chance para ouvir Cecília, e na minha tentativa de chegar novamente aos céus, eu ainda permanecia no inferno.



XXXIV – A serpente e a maçã



"Há pecado até na nossa santidade, há incredulidade na nossa fé; há ódio no nosso próprio amor; há lama da serpente na mais bela flor do nosso jardim."

Charles Haddon Spurgeon.



E se não houvesse a serpente, algum dia Eva teria comido o fruto por conta própria? Sem oferta, sem tentação, Eva teria visto o fruto? E além, ela teria o oferecido para Adão? Se não era a vontade divina, era o livre arbítrio, e no momento podíamos notar que esse já existia, visto que ambos foram expulsos por comer o fruto. Se Deus não os tivesse dado o livre arbítrio, eles não comeriam o fruto, e assim, não seriam expulsos. E o pecado não existiria.

Mas houve o livre arbítrio, houve a expulsão e houve o pecado e diante disso, poderíamos suspeitar que fosse necessário um para o outro existir, e mesmo o pecado, foi intencionalmente criado. O pecado e o perdão criados para nos manter longe da divindade e do seu Jardim do Éden, e já não mais poderia ver o Paraíso com os mesmos olhos, pois nele havia a serpente ao redor do fruto.

E diante dos olhos verdes de Cecília, sentada em uma poltrona, enquanto fitava-me em silêncio, perguntava-me calado se para que eu tivesse encontrado Mônica, fosse necessário o ter conhecido Cecília. O fruto só é conhecido e importante na história porque foi apresentado pela serpente. Visto assim, o que seria o fruto sem a serpente? Apenas uma maçã a mais, sem simbologia ou metáfora.

Mas não, não podia crer que o diabo poderia ser tão maquiavélico assim, não desse modo, e que um tormento não seria resultado de outro. Meu encontro com Mônica fora resultado de ter

conhecido Cecília? E o que ela poderia ser agora, senão mais um fantasma para atormentar-me?

Teria o fruto e a serpente se tornados tormentos para Adão e Eva?

— Pelo seu silêncio posso compreender que não está muito a vontade. — Ela por fim começou e encarei-a. Poderia manter-me educado como fora quando a vi na semana anterior, e em choque. Mas o choque havia passado, pois agora tinha por fim aceitado a ideia dela não ter vindo dos mortos, e sim ser o que Mônica ocultou de mim. E diante da falta de surpresa e educação, eu já não queria apenas ouvir. Eu estava na minha casa, buscando refúgio dos meus tormentos, e se eles viessem, eu iria enfrentá-los para que já não me procurassem mais.

Eu era um padre caído, isso não me tornaria pior. O que há além do fogo do inferno para passar?

—Não, não estou na verdade. Não esperava sua presença, muito menos uma visita sua — respondi tão seco que Cecília arqueou as sobrancelhas.

—E eu poderia ter esperado um pouco mais de educação.

— Não me peça educação se me procura para deixar-me ainda mais angustiado. — E ela negou com a cabeça, como se não buscasse isso.

— Não estou aqui para isso, padre — Cecília hesitou. — Armando.

— Mas sua intenção pode não coincidir com o que sua presença faz.

— Então peço desculpas se o faço mal, mas precisei vir. — Ela tentou, juntando as mãos sobre o colo e curvando-se para frente. — Eu pedi desculpas sobre o passado e não quero vir aqui para lembrá-lo. — Com as lembranças adentrando na minha mente, abaixei os olhos, ciente de que ela ainda expressava a mesma entonação de voz do passado.

— Se não está aqui para dizer sobre o passado, o que é relacionado a nós, então não tenho nada para ouvir, desculpe-me, Cecília. — Fui tão franco quanto podia, e ela franziu a testa, negando.

— Não. — Sua voz foi um grunhiu profundo e em desespero. — Mônica, mesmo com raiva, tentando me infligir dor, contou-me sobre vocês. Eu posso não ser parte disso, mas Mônica é minha filha.

— E está aqui por que, então? — perguntei direto e Cecília pareceu recuar o olhar. Eu estava furioso com a situação, pois em angústia pedindo amparo, não foi nem Deus nem os anjos que me atenderam, mas provavelmente o diabo, e eu já não mais aceitaria seus caminhos.

Cecília pareceu hesitar, e vagando com os olhos pela minha sala, assentiu.

— Mônica me odeia.

— E isso é entre vocês. — Tentei argumentar de uma forma que ela compreendesse que eu não iria envolver-me mais. E com isso, Cecília encarou-me.

— E ela está apaixonada por você.

Silenciei-me, vendo a acusação nos seus olhos, mesmo que não fosse essa a sua intenção.

— Irá dizer que não é com você isso também?

— Não, não me livrarei da culpa — respondi seco. — Mas também não alimentarei mais isso. E também não envolve você.

— Mas sou mãe dela.

— Mas em um relacionamento, o nosso, éramos apenas nós dois envolvidos. — Eu a cortei, arqueando as sobrancelhas e Cecília sorriu.

— Ela me culpa. Culpa-me pelo término, culpa-me pelo divórcio, talvez me culpe até por sentir ódio — ela pareceu desabafar. — De todos os meus fracassos da vida, ter o ódio de um filho, que carreguei no ventre, que alimentei que veio de mim e por final vi ir para o mundo, é o meu maior fracasso, então me diga, Armando. — E no silêncio, eu sabia o que viria. — É minha culpa você ter a abandonado?

A pergunta estava feita e ela perdurou entre nós por tanto tempo que eu perdi-me na resposta. Seria culpa da serpente Eva ter comido a maçã? Ou ter oferecido foi apenas uma sugestão e o pecado foi cometido apenas por Adão e Eva?

Não, eu não poderia culpar a serpente quando o fruto já estava lá, posto na mesa para ser comido. Fechei os olhos, cabisbaixo, e juntei as mãos contra o meu rosto, suspirando em um cansaço imediato ao pensar em tudo.

— Não, não foi culpa sua — sussurrei e encarei-a, vendo certa comoção em seu rosto. — Mônica manipulou-me no início, torturando-me com a ideia de pecado e havia me dito que você havia se suicidado. Eu me culpei, Cecília, e não busquei respostas ou provas concretas sobre isso. — Arqueei as sobrancelhas. — Erro meu, mas confiei cegamente em sua filha, e esse, esse foi meu primeiro passo em falso. Depois encontramos-nos aqui em Lucca, talvez por sorte, azar, talvez uma grande tragédia de tudo, mas me envolvi. — E sem consegui controlar as palavras, compreendi que elas saíram em um turbilhão de emoções, como se fossem arrancadas de mim, e exaltei-me. — Envolvi-me com Mônica, cheguei a um ponto que não havia volta, que eu a queria mais do que minha batina. Cheguei a um ponto que eu já não conseguia pensar sobre o que tudo

poderia significar visto de fora, porque eu estava apaixonado por ela, e sim, estava contando todas as verdades que podia e estava prestes a largar a batina. O que aconteceu naquela noite não foi culpa sua. — Ela apenas assentiu, atenta ao me ouvir. — Não posso culpá-la por estar viva, entende a ironia disso? A culpada é Mônica por esconder isso, e eu por negar ter ciência de que mesmo com você viva ou morta, não era certo me envolver. Não era, porque eu sou um padre, me tornei um fruto podre dentre vários, e com a mentira, percebi o quão cego fora diante da paixão. Quando vi que Mônica havia mentido, compreendi que havia verdades demais da minha parte e mentiras demais da parte dela, e assim, eu não conseguiria. Não consegui perdoá-la porque eu confiei demais nela.

— E confiar é um erro?

— Confiar cegamente certamente é. Ainda mais quando a pessoa em quem confiamos nos esconde motivos para afastar-nos. — Continuei e Cecília abaixou os olhos.

— E enquanto você não a perdoá-la, não guiá-la por um caminho, temo que eu também não consiga o meu perdão. — E então deixou claro qual era o motivo para estar na minha casa. Arregalei os olhos, sem temer o que iria perguntar. Diante de tanto que temi no passado, agora estava na hora de matar um dos demônios, porque se era para eu estar sozinho, que eu estivesse completamente só.

— Você veio me pedir para voltar com Mônica?

— Não. — Ela riu. — Estou aqui para apenas pedir que a perdoe. Perdoar e estar junto são bem diferentes.

— E um é consequência do outro. — Interrompia-a e ela deu de ombros.

— Se assim prefere pensar.

— Não posso, não consigo e não quero, Cecília. — Fui enfático.

— Porque não a ama mais? — Ela pareceu surpresa. Fechei os olhos porque na verdade eu ainda amava-a e não conseguia esconder isso.

— Porque voltei atrás da minha escolha, e não irei deixar de ser padre. E também porque não consigo.

— Um padre deveria conseguir.

— E um padre não deveria pecar. — Cortei-a. — Mas vivi no pecado até amar Mônica.

E diante do silêncio, notei que havia uma aproximação. Encarei-a surpreso ao abrir os olhos, vendo-a em pé na minha frente. Cecília sentou ao meu lado, tão chocada que não

conseguia esconder.

— Você então amou Mônica?

Recuei no sofá, incomodado com a aproximação. Não queria que Cecília confundisse novamente qualquer conversa, pois não havia nenhum sentimento por ela a não ser uma espécie de carinho, compaixão e, confessando a mim mesmo, raiva. Eu já não conseguia controlar as emoções misturadas, a fúria por ter tudo caído dessa forma.

E com os olhos voltados para longe, assenti.

— Eu amo Mônica, Cecília, não nego isso.

— Então por que não perdoar, por que fazer essa escolha?

— Porque não consigo perdoar. — Encarei-a furioso, exaltado e um homem tão decadente que me envergonhei. — Como espera que eu me envolva com Mônica quando a mãe dela está ainda apaixonada por mim? Não percebe?

E diante do meu grito sufocado, ela chocou-se por completo.

— Não — sussurrou sem ter o que argumentar. — Não.

— Sim, nós três temos a noção de como essa situação tornou-se impossível. — Continuei exaltado.

— Então devo entender que também tenho minha parcela de culpa.

— Começamos errado, Cecília, você errou por ver em mim uma aventura impossível, porque nunca senti nada por você. — Era um grito sufocado e antes que compreendesse seu movimento, senti seu toque no meu rosto com compaixão nos olhos.

— Nada? Nunca? — Ela parecia cair nos próprios pecados. Senti seus dedos roçarem em meu rosto e silencieei-me com o toque. Não por gostar, mas por compreender que ao mesmo tempo em que ela buscava encontrar uma forma de conseguir o perdão de Mônica e fazê-la feliz, por paixão ela acabava por não controlar as emoções. Como se a dor fosse tamanha por se apaixonar que não havia maldade, apenas uma angústia ao perceber o objeto de paixão tão perto.

Peguei seu pulso no mesmo momento, afastando-a sem delicadeza.

— Não considero atração carnal um sentimento, Cecília, e foi o que senti naquela noite. Meu erro não foi ter sentido, e hoje percebo isso. Meu erro foi não ter explicado para você e a deixado esperançosa demais. Eu me afastei porque vi em você uma mulher em crise, uma esposa com problemas conjugais e ao buscar refúgio em mim, senti desejo carnal enquanto você sentia

paixão. Nada era igual, e entre a batina e você, eu sempre escolheria o celibato.

— Mas escolheu Mônica. — Ela pareceu compreender o momento de loucura que havia dito e fugiu de vergonha, abaixando os olhos.

— Porque do desejo carnal que sentia por ela, me apaixonei, Cecília. Também sou homem, não sou cego e muito menos insensível a tudo o que Mônica correspondia a mim — confessei. — Começamos mal porque eu deveria ter explicado a você o quão errônea foi a situação, e assim, talvez, você tivesse resolvido o seu casamento de outra forma. Talvez, se tivéssemos escolhido esse caminho, nem Mônica teria me procurado.

— São muitos se para poucas respostas, Armando, porque por mais que especulássemos, ainda estamos aqui, enfrentando essas escolhas. — Ela acusou-me com o olhar. — Eu estou apaixonada, e também é meu erro manter-me apaixonada por você, sendo que ama minha filha. Entende o quão conflituosa é a minha situação? E mesmo apaixonada — ela hesitou, fitando as mãos sobre o colo. — Eu prefiro acreditar que a minha escolha de me afastar de você e tentar me resolver com a minha filha é a certa.

— E também a única — declarei para fazê-la compreendê-la e Cecília assentiu.

— Mesmo apaixonada, estou aqui para pedir que perdoe Mônica. Não hoje, nem amanhã, mas algum dia.

— Você não pode pedir isso.

— Posso, posso e estou pedindo. — Ela exaltou-se, encarando-me com fervor. — Mônica errou por vingar, mas entenda que ela cresceu vendo-me ser infiel. Você foi o ponto final do meu casamento, mas esse estava desgastado e desmoronando há muito tempo. Eu era uma boa mãe e uma péssima esposa, e quando Mônica começou a crescer, ela começou a perder o ideal de mulher que via em mim quando criança, e percebeu que eu também era cheia de falhas. Ela viu mais falhas em mim do que amor, e odiou o que viu. Ela sabia das minhas traições e tentava alertar o pai dela, mas eu insisti no casamento e quando ela por fim deixou de julgar-me, eu confessei minha paixão. Entenda o que é você sentir que a família está destruída. Ela foi levada pela raiva, pelo desamparo e sensação de vazio por não ter a estrutura familiar de antes, então não a culpe inteiramente. Ela não é tão má assim, ela foi moldada assim por causa de todo desgaste emocional. Sou mãe, vejo minha filha e vejo que ela pode ter perdão. Todos nós somos falhos o suficiente para perdoar a falha do outro, por favor, Armando.

Cobri meu rosto, não porque ela estava errada, porque não havia erro. Cecília estava sendo honesta e verdadeira, uma mãe, que mesmo sendo odiada pela filha, ainda protegia-a. Mas cobri meu rosto por mesmo assim, não conseguir encontrar uma sensação de perdoar Mônica, e

levantei-me, buscando me afastar.

— Desculpe, Cecília. — Dei as costas por algum tempo, ciente do seu olhar, e então a encarei. — Eu sei que não mereço mais nem ser padre, porque não consigo nem sequer perdoar uma mulher. Mas esse também o meu tormento, porque eu queria perdoá-la, mas não tenho capacidade, não sou tão bondoso quanto queria, e tenho tanta dor, tanto sofrimento passado por ter tido acontecimentos omitidos pelos outros, que Mônica não apenas me deixou bravo, mas me machucou por reviver sensações de perdas, sensações de ser enganado. Eu queria poder perdoá-la, mas por amá-la, eu a julguei na mesma intensidade, e isso me torna tão decadente quanto qualquer outro homem, não mereço a batina, não mereço sequer um pedido de perdão, porque no fundo eu também já não me perdoo mais. Não me perdoo por ter deixado você esperançosa.

— Não é sua culpa.

— Sempre será minha culpa — exaltei-me, apontando o dedo. — Será minha culpa, Cecília, porque antes eu fugia de tudo. Eu fugi quando eu deveria ter explicado a você, eu fugi quando deveria ter encarado Mônica e questionado o que ela escondia. Eu fugi quando me apaixonei, deixando para enfrentar as consequências depois. Eu fugi por medo e por medo de encarar como estou fazendo agora. É culpa sua também, por ter mantido um casamento fracassado. — E havia perdido o controle. — E é culpa de Mônica ter acreditado que mentiras não iriam ferir, diante de tudo o que eu estava abrindo mão para ficar com ela.

Cecília encheu os olhos de lágrimas e sem hesitar, deixou as lágrimas se esparramarem pelo rosto, sentada ao me fitar em pé, exaltado e com a respiração entrecortada.

— Eu estou cansada, Armando. Já vivi grande parte do que eu poderia viver na minha vida e ainda me sinto infeliz, ainda busco uma razão para ser feliz. É um fracasso ainda maior quando vejo que tornei minha filha igual a mim. Estou cansada de pensar na culpa do meu divórcio, estou cansada de me julgar como uma péssima mãe e de como me apaixonar foi tão ruim. Estou cansada de fracassar em tudo, quando o que sempre tentei na vida foi ser feliz. Por que alguns conseguem, enquanto outros apenas admiram, desejando sem nunca poder alcançar? Perdi minha fé — ela confessou, chorando. — Porque sofri tanto que não sabia mais como recorrer. Errei tanto que não tive oportunidades de encontrar um caminho para ser feliz, então estou aqui hoje buscando uma forma de fazer minha filha feliz. Por favor, estou cansada, muito cansada. Estou cansada porque até no amor eu fui um fracasso. Não sou digna de perdão também? Nós não somos dignos? Matamos? Roubamos? Estupramos? Ou apenas fomos levados pela emoção, sem intenção de ferir os outros?

— Alguns matam sem intenção.

— E alguns amam por simplesmente amar. Fui errada por me apaixonar, por trair, por ter esperanças, Mônica foi errada por vingar-se, por sentir a dor dos outros e você. — Ela sorriu triste. — Foi errado por se omitir demais. Mas não há perdão para tudo isso, quando não houve intenção maldosa? Não. — Ela levantou as mãos. — Não diga que não consegue, porque isso apenas o tempo irá dizer. E sabe por que eu sei disso?

— Por quê? — Eu estava arruinado, exausto e cansado. Suas palavras haviam ressuscitado todos os meus demônios.

— Porque o homem que eu mais fiz sofrer, não hesitou em me perdoar — ela disse, referindo-se ao seu ex-marido. — Ele demorou, mas perdoou. Então peço que com o tempo, tente ver mais amor do que apenas os erros.

— Eu também estou cansado, Cecília — confessei em um sussurro, sem aguentar todos os meus tormentos que eram jogados nas minhas costas, vendo a compaixão em seus olhos. — Estou cansado de tentar compreender o que querem de mim, o que faço aqui e o quanto pedem. Também estou cansado de ter que escolher, e sentir-me errado escolhendo ou não a batina. Estou cansado por amar, por não conseguir perdoar tudo. — Lembrei-me do que queria esquecer. — Estou cansado do pecado, do certo e do errado e por sentir-me impuro mesmo tentando me redimir, por pensar nos meus erros, nos meus tormentos. E

— Estamos cansados. — Ela concordou.

— Então não me peça, porque eu amo Mônica, mas o erro dela é um tormento demais para mim. — E senti uma angústia enorme. — Agora, eu preciso encontrar uma forma de aceitar os meus tormentos.

— Mas diga que um dia a perdoará, por favor.

Encarei-a e dei um passo na sua direção, franzindo a testa, acusando-me de tudo.

— Se um dia eu conseguir me perdoar por todos os erros, então também conseguirei perdoá-la — sussurrei angustiado.

— Nenhum erro é imperdoável. Eu perdi a fé, mas você não.

Cobri o rosto com as mãos e suspirei cansado demais do peso da cruz que carregava.

— Era isso? — Eu queria o silêncio, eu queria a completa ausência de consciência.

— Como mãe, gostaria de fazer uma última pergunta. Estou aqui para pedir que perdoe minha filha, estou aqui para tentar me redimir, mas — ela hesitou e encarei-a, sem compreender até onde ela queria chegar. — Mas, passando por cima de qualquer paixão da minha parte, em

busca de apenas fazer minha filha feliz, o que você esperava ao abandonar a batina para ficar com ela? O que você daria à Mônica, além da batina? Como mãe que mesmo de longe quer o bem da filha, suas expectativas correspondiam com as de Mônica? Haveria um futuro?

Diante da pergunta, calei-me, porque Cecília poderia ter sido o início, a serpente talvez, mas não havia maldade, apenas uma mulher também cansada de sofrer e com tantos erros que não conseguia encontrar um caminho ao perdão. Não éramos assim, todos nós?

Eu e Mônica havíamos vivido no inferno, subido ao Paraíso e descido novamente ao inferno. Entre o caminho, havíamos nos apaixonado, havíamos mantido nossos demônios e tormentos escondidos, e mesmo com sofrimento, insistimos um no outro. Mas para o que? Qual era a nossa visão de futuro? Havíamos realmente pensado no depois? E o que viria? Era uma pergunta que fizera diversas vezes, e Mônica nunca me respondeu, e então nesse momento precisava responder, não para Cecília, mas para mim mesmo. Porque ao responder eu poderia compreender o tamanho da paixão que havíamos vivido e em como mesmo no inferno, havíamos tido nosso Paraíso.



XXXV – Os portões fechados



"Não se transforma o inferno no paraíso, mas o paraíso em um inferno. "

Wesley D'Amico.



Eu havia visto o fogo, e também a dor. Não visto de forma que os olhos pudessem enxergar, mas havia visto pela sensação. É estranho quando sentimos mais do que vemos, quando temos emoções mais do que explicações. E quando temos respostas que não podemos proferir em palavras.

Porque o que é compreensível para nós, muitas vezes é inaudível para os outros. E o Paraíso para nós, muitas vezes é o inferno para outros.

E em minhas respostas, eu também já me indagava se seria tão errado Lúcyfer ter se apaixonado pela humanidade, e por levantar-se contra seu Pai, ter que cair?

Não, eu sabia que estava sendo tão pecaminoso e decadente por tentar explicar minha resposta com suposições como essas, pois Lúcyfer havia caído, e eu confiava em meu Deus para seu perdão por mim também, um padre caído, apaixonado não pela humanidade, mas por uma mulher.

Eu senti a paixão, e eu senti a dor por mais uma vez, a mentira levar-me ao abismo e jogar-me nele. Porque no passado, havia sido uma omissão que começara os meus tormentos e novamente uma omissão os trazia para o meu sofrimento.

Quando fechei a porta, em silêncio, pois fora nele que permaneci depois da pergunta de Cecília, e essa, ao notar minha ausência de resposta, contentou-se com o que havia conseguido

pelo meu desamparo, aceitou que nossa conversa havia acabado. Eu a vi sair pela porta, andar até o carro e afastar-se dentro dele, em silêncio e ciente de que eu tinha a resposta.

Uma resposta que não contei por medo de ouvi-la, pois dita em voz alta, a ideia torna-se mais viva e presente.

Sentei-me na cama, fitando o teto na penumbra do quarto, que antes, preenchido por Mônica, durante as noites parecia vazio. E rezei, rezei para que Deus não ouvisse minha resposta, e que o diabo não zombasse dela, pois sim, eu havia pensado no futuro com Mônica.

Um futuro que ao mesmo tempo em que abraçara ao largar a batina, também temia, pois não havia certezas e Mônica jamais poderia dá-las também.

Eu nunca estive certo das minhas escolhas, nem de largar a batina, nem estar com ela, mas Mônica fez-me imaginar um futuro sem batina, tendo-a comigo por completo, ciente dos meus medos e tormentos, abrigando-os para que pudéssemos por fim estar em um lugar sem tormento.

E esse lugar havia sido o nosso Paraíso: Cortona. Fechei os olhos diante da resposta que eu nunca havia tido ciência, mas sempre estive em minha mente: tê-la como mulher em uma casa nossa, em uma vida nossa.

Ela teria visto o mesmo que eu? Ou por ter ciência da mentira, não havia pensado no futuro? Adormeci ciente de que esse futuro já era uma ilusão e iria enraizar-se nos meus sonhos mais impuros novamente.

E no dia seguinte, o mantive na minha mente, como se eu fosse traiçoeiro comigo mesmo, me dando motivos para lembrar durante os minutos em silêncio que minha mãe fazia enquanto eu a ajudava a carregar as malas para dentro da minha casa.

O silêncio nunca fora tão torturante como estava sendo, pois revivia os momentos felizes sem conseguir perdoar, e sentia-me desamparado mesmo com a batina e com o desejo que houvesse um milagre.

— Está muito quieto hoje. — Minha mãe notou assim que sentamos-nos à mesa para jantar. Eu poderia desculpar-me, silenciar-me novamente ou mudar de assunto, mas em um desespero por não aguentar mais, fui franco porque ela sabia o motivo do término.

— Cecília veio aqui ontem. — E vi o choque em seus olhos.

— A mãe de Mônica? O que ela veio fazer? Não era a mulher que confundiu tudo? — ela perguntou, tentando compreender de vez a situação e assenti.

— Ela ainda está apaixonada por mim. — Por fim, isso tornava o meu desespero ainda

maior, não por não correspondê-la, mas tornar a situação ainda mais conflituosa.

— E você disse o que para ela, Armando? — Minha mãe tomou um longo gole de vinho, com os olhos fixos em mim.

— Ela não veio pedir reciprocidade, mãe, muito menos falar sobre os sentimentos — hesitei. — Ela veio pedir que eu perdoasse a filha dela.

Minha mãe permaneceu em silêncio e compreendi pelo seu silêncio que havia certa surpresa, como se esperasse outro pedido de Cecília. Ela deixou a taça sobre a mesa, fitando-a por alguns segundos enquanto notava que escolhia as palavras.

— E você respondeu o que? — Levantou os olhos para encara-me.

Suspirei, juntando as mãos sob o queixo.

— Eu não poderia.

— Não poderia? — Ela arqueou as sobrancelhas, como se me tentasse a reconsiderar.

— Nós dois sabemos que não sou bom em lidar com omissões e — hesitei. — Com perdões.

— O passado é passado, Armando. Não fique preso ao que ele fez, porque se ficar poderá perder o futuro. — Ela tentou, alcançando-me meu braço com a mão. Apertei-a devagar.

— Eu escolhi o meu futuro — afirmei e ela sorriu com compaixão.

— Porque acredita que haverá um novo milagre, não é? Não escolheu porque seu amor pela batina é maior que por Mônica.

— Mãe, por favor. — Franzi o cenho e ela negou.

— Não, Armando, você vai me escutar. Não é assim que funciona e como sua mãe. — Ela parecia cansada. — Deixe-me falar finalmente.

Fechei os olhos, ciente de que ela diria tudo o que eu tentei fugir até então.

— Dirá que Deus é bom, e por isso, independente do caminho que eu escolher, ele poderá devolver-me o que acredito ser um milagre. — Antecipei o que acreditei que ela diria, e ouvi a sua risada.

— Não Armando, eu não iria dizer isso. — Encarei-a surpreso. — Eu quero que entenda que entendo que se sinta atingido por uma situação dessas, afinal, mãe e filha estão apaixonadas por você, e há uma situação conflituosa entre elas também. Você está certo em manter-se afastado por enquanto, mas não torne essa decisão definitiva, não desse modo. Você deve

perdoar Mônica, para que ela possa perdoar a mãe também.

Fitei-a sem compreender de início, e ao ver que eu havia me perdido nas palavras, minha mãe sorriu, continuando.

— Você se afastar agora das duas é o melhor, para que elas possam resolver-se, mas você ama Mônica, e depois disso, a batina nunca mais será o suficiente para você. E já percebi o quanto você se condena. — Tentei argumentar e ela negou. — Sou sua mãe, Armando, conheço você. Deus jamais faria do amor um pecado, mesmo para aqueles que uma vez buscaram serem padres. Não é errado, muito menos pecado. Perdoar não significa voltar, não agora, mas perdoe. Pare de fugir, você faz da batina uma fuga, mesmo que não perceba.

— Eu não consigo — confessei meus sofrimentos, ciente de que me fingia de cego para não ver as verdades ditas e minha mãe pegou minhas mãos.

— Então diga que perdoa para que faça Mônica conseguir perdoar, mesmo que minta. Ela precisa de um exemplo para seguir, e espera de você esse exemplo mesmo que não diga. Ela não estaria indo para a Igreja ou visitando o seu pai se não buscasse algo. Faça isso, e tornará até o seu perdão mais fácil.

— Nós dois sabemos que não seria o correto e eu não conseguiria. — Sentia-me cansado. — Nós sabemos o quanto eu sofri para perdoar no passado, e que mesmo no meu caminho de sacerdote, eu ainda não consegui me perdoar por não ter notado antes.

— Você não sabia, Armando.

— Mas escolhi pelo milagre e esqueci-me do próximo.

— Ninguém sabia. — Minha mãe afirmou séria. — Não pegue a culpa dos outros para si, eu já te disse naquela época. Não foi sua culpa.

— Mas não consigo não me culpar.

— Faça o que eu pedi, por favor. — Ela afagou minhas mãos. — Tente ao menos.

Assenti, relembrando da pergunta de Cecília.

— Cecília me perguntou sobre o futuro. — Eu não havia respondido para ela, mas queria contar para a minha mãe, e diante disso, percebi que mesmo diante da mágoa que sentia por Mônica, não ter com quem contar, como uma mãe, deveria ser atormentador. E em meio à fúria, senti compaixão por imaginar seus sofrimentos. E vi a mesma compaixão nos olhos da minha mãe.

— Você imaginou?

Desviei o olhar, constrangido por contar os desejos íntimos que devido ao presente, pareciam dias ensolarados antes da tempestade que havia chegado. Era como se fosse o Paraíso, mas que se mantinha com os portões fechados.

— Não consegui contar.

— Porque não imaginou?

— Porque imaginei — fui franco, encarando um sorriso triste no rosto da minha mãe. — Era como se sempre estivesse lá, em meus pensamentos, mas eu apenas não via o quão sonhador eu me sentia ao estar com ela, e em como eu imaginava nosso futuro apenas por viver o presente.

— E o que imaginou? — Minha mãe por fim perguntou, deixando claro que percebia o que eu ansiava por contar.

— Cortona. — Eu disse com pesar. — Foi onde nos imaginei, como se pudéssemos reviver os momentos que passamos lá.

— Foram felizes? — Ela parecia contagiada pela ideia.

— Imaginei-nos tendo uma vida como aqueles dias. — E antes que deixasse a minha imaginação pregar-me mais peças, fechei os olhos.

— Então perdoe. Perdoe Mônica, e tente perdoar a si mesmo. Esse é o começo de saber o caminho certo.

Silenciei-me, tentando compreender o sentido do pedido da minha mãe, e então ela começou a divagar sobre outros assuntos, assim como sobre a nova tentativa de tratamento do meu pai, que eu acreditava que poderia ajudar-me.

Eu tinha fé.

E tão logo a noite passou-se como o dia seguinte, e durante os dias que se passaram, o pedido da minha mãe parecia perdurar no ar toda vez que eu via Mônica na Igreja, indo e vindo como um fantasma do meu passado e da paixão que sentia. Orava para que Deus desse-me forças, mas quando uma semana se passou, eu já não aguentava mais.

Era um tormento vê-la, pensar no pedido da minha mãe e compreender o que isso poderia significar para Mônica. Mesmo sem poder perdoá-la, mesmo com raiva, eu ainda sentia compaixão, porque no auge da minha fúria, eu vi sua dor, eu senti sua dor e percebi o quão desesperador também poderia ser sua situação.

Esperei todos os fiéis partirem, um por um, e como Mônica sempre fazia, ela aguardava os

mais idosos passarem primeiro, dando lugar na porta da Igreja. Peguei-me descendo os degraus do altar, e mesmo de batina, misturei-me com os devotos, cumprimentando-os conforme passavam por mim. Um por um sorriam como se eu fosse um anjo, enquanto eu permanecia no inferno, e antes que eu percebesse, havia suor em minhas mãos, meu coração antecipava a conversa e eu compreendi que esperava mais do que pretendia fazer.

Mônica deu as costas sem notar minha presença e precisando ser discreto, rocei minha mão na sua por apenas um segundo, fazendo-a virar.

A princípio, ela não conseguiu escolher como chamar-me.

— Padre. — Por fim tornou-se tão discreta quanto eu.

— Espere — sussurrei e dei as costas, afastando-me dos olhares curiosos e dos seus olhos verdes, que uma vez tão diretos, agora deixavam a fraqueza que eu havia visto à mostra. Subi novamente os degraus do altar, ciente de que ela me seguia, e quanto o silêncio indicou que a Igreja estava vazia, me virei para vê-la em pé, parada no meio do corredor da Igreja. Sua calça jeans a deixava discreta, enquanto sua blusa vermelha realçada os seios pelos quais havia me afundado tantas vezes.

E ao pensar nisso, suspirei com desejos carnavais. Apoiei as mãos no altar, sendo o alvo dos seus olhos.

— Por que pediu que eu esperasse? — Ela manteve a voz confiante.

Eu havia fugido dessa conversa que até a minha mãe notou, eu havia fugido dos meus tormentos, os antigos e os novos e ela estava certa. Eu poderia não sentir o perdão, mas sentia a dor, a minha e a de Mônica, e mesmo na mágoa, eu deveria ajudá-la.

E se eu quisesse manter-me no caminho, ou descobrir qual era o certo, eu precisava enfrentá-los um por um, começando pelo perdão dos outros. É mais fácil ensinar do que aprender, e talvez eu apontando um caminho para Mônica, poderia encontrar o meu caminho, mesmo se esse fosse entre o inferno ou estar só, mas estaria com a minha fé, enfrentando os meus tormentos. Eu mentiria sobre o perdão, para dar a ela a paz que eu não tinha.



XXXVI – O primórdio da descida



"Chegou a hora de ser julgado este mundo".

João 12:31



É preferível estar errado, mas com certeza, do que certo sem convicção, pois assim, os demônios da dúvida jamais encontrariam seu lugar. A certeza induz as ações sem medo, mas eu não tinha certezas, e havia dado um convite ao medo.

Minha mãe estava certa quanto a minha fuga. Era uma fuga que eu negara ver, que havia se transformado em um escape quando me sentia perdido demais, como se a fé respostas mais fáceis, caminhos mais retos e a cegueira da escolha. Contudo, agora já não havia como tentar o perdão pela batina, não por não acreditar nisso, pois em Deus ainda tinha fé, assim como em seu milagre, mas porque diante dos olhos verdes de Mônica, eu sabia que já não servia mais como servo do Senhor, e mesmo que eu rezasse a missa e ajoelhasse-me todas as noites, já não havia mais a pura devoção.

E como sofri com isso. Sofri calado, enquanto notava que o negro dos cabelos de Mônica já não era mais negro, assim como minha batina já não parecia mais minha, pois ansiava por conseguir conforto nela, mas já não sentia. E também temia por isso, temia pelo meu milagre, mas desejava que as palavras da minha mãe fossem verdades absolutas: a fé bastaria para a bondade de Deus.

Mônica, mesmo com a fraqueza no olhar, manteve a cabeça erguida e com sofrimento notei que ela havia tornado seus cabelos mais claros, deixando fios acobreados entre o negro, como se por fim minha santa tivesse tirado seu véu negro. E a ideia dela fugir de uma

semelhança com Cecília também veio à mente.

— Por que pediu que eu esperasse? — Ela tinha a firmeza na voz que faltava em seu olhar, e apoiando as mãos no altar, vacilei.

— Por que está vindo à Igreja?

— Não posso buscar Deus? — Ela parecia desafiar-me e notei que havia uma amargura que antes não tinha. Recuei diante disso.

— Na nossa última conversa, disse que era descrente, que não acreditava em mais nada.

— E você disse que me amava. — Era uma acusação.

— Não menti sobre isso.

— Mas está vestido com uma batina, rezando as missas que eu vou, mantendo-se no celibato novamente. — Ela olhou ao redor, como se certificasse que estávamos sós. — Um padre pode continuar a amar uma mulher?

— Você mentiu. — Por fim, ao invés de iniciar uma conversa calma, estávamos criando um caos dentro da minha tentativa de perdão. Exaltei-me, inclinando-me sobre o altar. — Você mentiu desde o início.

— E como poderia ser diferente? — Ela já não parecia expor a fraqueza em lágrimas. — Como eu poderia acabar com algo que estávamos vivendo — ela hesitou. — quando estávamos felizes?

— A verdade não seria o fim.

— Sim, seria — ela interrompeu-me e com uma certeza no olhar, avançou alguns passos. — Você não teria se envolvido se soubesse que minha mãe estava viva, como está fazendo agora. Você fugiria do sentimento como o diabo foge da cruz, e negaria qualquer envolvimento como faz agora, que ao invés de admitir de uma vez que o que o mantém longe é o fato da minha mãe estar viva ao invés da simples mentira.

— E o que espera que eu faça, Mônica? — bradei. — Que eu ignore o que há entre você e sua mãe? Que eu fique cego diante do fato de Cecília, a sua mãe, ainda estar apaixonada?

Ela silenciou-se e avançou para um banco, sentando-se cabisbaixa.

— Cecília veio até a minha casa. — E com isso, ela levantou a cabeça, tão surpresa que não escondeu.

— O que minha mãe foi fazer? — Ela parecia magoada demais.

— Ela foi pedir que eu perdoasse você — fui franco, vendo-a sorrir irônica.

— E o que isso mudaria para ela?

— Ela é a sua mãe e quer a sua felicidade. — Deixei claro o que havia acontecido na conversa, e Mônica apenas negou com a cabeça. — Você condena Cecília, quando ela foi até mim buscar o seu bem.

— É por isso que quis conversar? — Ela pareceu seca, levantando-se como se desejasse encerrar a conversa, e compreendi que eu estava perdendo qualquer oportunidade.

— Não. — Abaixei a cabeça. — Não é por isso.

— Então é pelo que?

— Eu a amo — sussurrei, fugindo do seu olhar. — Eu ainda a amo, mesmo tendo escolhido a batina.

— Então por que escolheu?

— Porque eu não poderia estar entre você e a sua mãe, compreenda. Eu sei — admiti, sentindo-me acusado pelos seus olhos. — É uma fuga também, mas eu não poderia tornar a situação entre vocês pior, e eu me sentiria egoísta se fizesse isso.

— E me julgar não foi egoísmo? — Encarei-a surpreso. — Quando sei que há mais sobre você do que me contou?

— Nada sobre mim machucaria você.

— Mas assim também não me revela o homem com quem dormi. — Ela perdeu a fraqueza nos olhos, revelando a minha. — Vamos ser francos, Armando, você nunca esteve certo do que queria, sempre temeu seu milagre acabar, sempre temeu o julgamento, e mesmo assim amou. Na primeira oportunidade, escondeu-se.

— Não diga isso. — Fechei os olhos.

— Eu compreendo que você não quer estar no meio de um conflito familiar, eu entendo que iria sentir-se culpado por isso, mas não fuja quando é necessária uma decisão. — E pela sua voz notei que se aproximava. — Eu esperei por você naquela noite e em muitas outras noites. Uma mensagem sua, um olhar seu ou a sua simples presença, mas você fugiu de dar um fim ou de conversar de forma clara.

— Nós conversamos naquela noite. — Fitei-a e ela sorriu, negando, avançando até subir os degraus do altar.

— Não. Você conversou, enquanto eu apenas pedia desculpas por uma falha minha. Eu errei, e mesmo não me arrependendo, porque tenho ciência de que se eu tivesse contado, jamais teríamos tido os momentos que tivemos, eu pedi desculpas. Eu sofri quando vi o seu sofrimento porque percebi que você não suporta mentiras e omissões, provavelmente porque sobrevive em uma delas. — E a sua acusação arrancou-me os pregos da sanidade que me mantinham em silêncio.

— Entenda como quiser, Mônica. Se acredita que o que tivemos foi uma conversa apenas da minha parte, é o seu entendimento. Eu falhei como padre e falhei como homem, então não preciso das suas acusações quando sei os meus demônios, e por conhecê-los que fujo deles. — Exaltei-me.

— Então pare de fugir, porque quanto mais você foge, maiores eles ficam — ela se exaltou na mesma intensidade, encarando-me até enxergar a minha alma atormentada.

— E como quer que não fuja, se quando decido largar a batina, mesmo sem certezas, para tentar viver com você, amá-la e entregar meus anseios e meus traumas, você me joga a mentira? Uma mentira que sim, me afastou não só por ser mentira, mas por haver Cecília, e mesmo eu não sentindo nada pela sua mãe, eu amo você, e você é filha dela, uma mulher apaixonada por mim. Mesmo sem Deus, sem o diabo ou qualquer poder, como eu poderia proceder? — hesitei ofegante e cansado demais de esconder os tormentos. Se houvesse perdão para Mônica, eu daria, mas daria junto os meus tormentos, porque a cruz era pesada demais. Fechei os olhos, cabisbaixo, com Mônica parada do outro lado do altar. — Se eu pudesse esquecer a mentira, se eu pudesse apagar a paixão de Cecília por mim, por puro egoísmo, para poder ter você, como em todos os meus sonhos pecaminosos, eu faria — sussurrei sofrido. — Eu faria porque eu a amo, e mesmo com a batina, eu a quero, mas por saber que não posso tê-la por causa de tudo o que está acontecendo, eu me escondo. Escondo-me nos motivos de não conseguir perdoar, que sim, fazem parte de um passado que você não sabe e que me machuca. Sofro pelo passado ainda, porque não me perdoei por ter pensado apenas no meu milagre e na batina quando precisei escolher, quando eu ainda namorava. — Falhei com a voz, vendo a surpresa nos olhos de Mônica. — E por isso, o perdão mais difícil não é dá-lo aos outros, mas a nós mesmos. Eu não me perdoo pelo passado e não me perdoo por amar você e me sentir impossibilitado de poder desfrutar desse amor, porque agora não é o certo. E por isso, tento confortar-me com a fé uma batina que já não é mais minha. Sou falho como homem por isso, e sou falho como padre também por isso, por temer o meu milagre, como se já não acreditasse na bondade do meu Deus. Julgue-me por isso, se a faz se sentir melhor, condene-me como eu me condeno todas as noites que sinto a sua falta. — Revelei minhas fraquezas como ela estava fazendo ao deixar os olhos lagrimarem, realçando o verde e

tornando-a mais humana. — Diga-me o que eu poderia fazer — pedi atormentado, curvando-me sobre o altar. — Porque entre mim e sua mãe, quero que a escolha.

— Você está perdendo a sua fé? — Havia pavor em sua voz e ergui a cabeça, fitando uma lágrima rolar pelo seu rosto.

— Eu perdoo você, Mônica. Eu havia decidido perdoá-la como uma mentira, fácil de criar e dar. Mas ao expor meus tormentos para você, eu também expus minha dor e acabei com a fúria que sentia. Eu perdi a mágoa por você, porque entre a mágoa e o amor, eu ainda a amo mais. — Fechei os olhos, deixando as lágrimas também aflorarem. — Eu a perdoo, Mônica, porque você pede desculpas não por arrependimento, mas por amor também, e eu jamais poderia julgá-la quando eu também sou errado.

No silêncio, ouvi seu choro e agoniado, a encarei. Contornei a mesa e a peguei em meus braços, abraçando-a. Mônica encostou a cabeça em meu ombro e chorou, sendo confortada pelos meus braços. Não havia desejo carnal, não havia malícia. Apenas um conforto que quem amava poderia dar, e ela deixou as lágrimas revelarem seu desespero contra as mãos que cobriam seu rosto. Beijei o alto da sua cabeça, afagando-a.

— Como pode me perdoar? — Ela parecia tão surpresa que finalmente compreendi o que minha mãe havia dito: como alguém que nunca sentiu o perdão, poderia dá-lo?

— Porque mesmo que a escolha seja manter-me distante, eu ainda a amo. Por que não perdoá-la? — sussurrei contra os seus cabelos. — E por que não mostrar a você que o perdão é mais libertador do que parece?

Ela riu, mas sem malícia, e levantou o rosto com as lágrimas manchadas.

— Você quer que eu perdoe. — Encarei seus olhos, disposto a continuar com a franqueza que estava havendo.

— Você pode ter mágoa pelo divórcio dos seus pais, você pode ter mágoa contra Cecília porque sim — hesitei, fechando os olhos. — É o que determina que eu me mantenha longe, o conflito entre vocês, e você pode ter mágoa por ter ciência disso. Mas entre continuar a nutrir a mágoa, escolha o perdão. Porque eu escolhi, ao invés de nutrir mágoa por ser enganado mais uma vez por uma mulher e me sentir culpado e perdido por ela.

— O que fizeram com você? — Ela sussurrou, agarrando meu rosto antes que eu pudesse fugir e diante do seu toque, vacilei ao relembrar a culpa que senti.

— Não, não o que fizeram. — Agarrei suas mãos, afastando-as. — Mas o que não me contaram e o que tiraram de mim.

— Mas Deus não deu o seu milagre?

— Seria errado dizer que eu apenas ganhei com a batina. — Seria o diabo falando por mim? Eu tinha crença na minha fé, mas conforme conversava, começava a me sentir desamparado, porque mesmo com a minha volta na batina, eu não havia visto melhora no estado de saúde do meu pai.

Mantive minhas mãos nas suas e as levei até a boca, beijando-as devagar, com os olhos fechados.

— Não me peça muito, por favor — sussurrei. — Eu queria poder desabafar, mas dói ao pensar no que poderia ter sido e no que houve. Se dói ao pensar, imagine dizer? — Levantei os olhos, vendo-a assentir devagar.

— Obrigada — E pela primeira vez, eu vi gratidão em seus olhos. — Obrigada por me confortar de uma forma que talvez eu não precisasse.

— Todos nós precisamos.

— E quem confortará você, se não permite que eu o faça? — Ela virou as mãos dentro das minhas, pegando-as.

— Desejo que seja Deus. — Por fim havia dito em voz alta, desejando ser verdade.

— Está certo disso?

— Não, não estou — confessei com temor. — Não estou mais certo de nada, Mônica, a não ser que mesmo amando-a, eu preciso manter-me distante.

— E escolher a batina não é um erro?

Silenciei-me, ciente de que nós dois sabíamos da resposta.

— Sim. — Parecia uma blasfêmia. — Mas agora não é mais uma fuga, mas um conforto sincero — sussurrei. — Se eu pudesse, estaria com você. Mas não posso, não agora.

— Então não volte — Ela pareceu implorar. — Você vive o hoje com medo do passado e fugindo do futuro, não sabemos o dia de amanhã.

— Mas sabemos o hoje, e hoje eu me encontro perdido entre saber que eu a amo e que nesse momento, é você quem precisa enfrentar a situação. — Deixei claro o que esperava dela e Mônica abaixou o olhar, fugindo do meu. Ergui seu queixo, mantendo seus olhos crucificados nos meus. — Sua mãe perguntou se eu havia visto você e eu no futuro.

— E o que disse a ela?

— Não precisei dizer, mas contei para a minha mãe.

— E o que contou? — Ela parecia ter uma esperança que eu não vi antes.

— Contei que estávamos em Cortona.

— Só?

— Eu não era padre, e não havia omissões. Não havia culpa nem pecado, como havia sido os poucos momentos que tivemos lá. — Sorri ao lembrar e Mônica sorriu também, mas com uma tristeza que compreendi que havia mais da parte dela. — Você também o viu?

— Eu vi mais. — Ela fitou-me com os olhos diretos.

— E o que viu?

— Se um dia pudermos reviver pelo menos um dos nossos momentos sem culpa e sem medo, eu poderei contar. — E não havia malícia na decisão dela. Assenti, afastando as mãos, e Mônica voltou a pegá-las. — Você tem fé, Armando? A mesma de quando nos conhecemos?

Desviei o olhar, fitando o crucifixo sobre a parede e recordei-me do passado e do meu milagre. Quando eu a conheci, mesmo em pecado, eu ainda tinha fé, mas agora, sentia-me abalado demais.

Eu dizia a mim mesmo que eu tinha fé. Eu implorava em acreditar nas minhas palavras, como se ditas repetidas vezes pudessem se tornar verdades, mas eu estava abalado.

— Tenho fé que Deus seja bom — sussurrei.

— Não foi essa a pergunta que fiz.

— Como disse, sou um padre fracassado, porque me apaixonei pelo pecado e agora, além de duvidar da minha devoção, eu confio demais na fé ao ponto de duvidar — eu estava petrificado com a confissão que me rondava desde que meu pai adoecera novamente.

— Não perca a fé, por favor, — Mônica pediu e a encarei surpreso. — Confesso que mesmo na descrença, ansiei por procurar algum outro sentido sem ser o nada. Mesmo depois da nossa discussão, eu ainda busquei a Igreja. E hoje consegui o perdão.

— Acredita em Deus? — Eu estava tão surpreso quanto ela.

— Acredito no perdão. Quem sabe eu possa, em algum determinado momento, acreditar em Deus como acredito na medicina — ela hesitou. — Não perca a fé em Deus, apenas acredite na medicina também, e que o que não está nas mãos Dele, talvez esteja nas dela.

Abaixei a cabeça, sentindo-me fracassado demais para continuar.

— Obrigado.

— Pelo que?

— Por mostrar que mesmo perdido, eu soube guiá-la de alguma forma. — Eu estava sendo sincero e aliviado por ter aniquilado um dos meus tormentos: a mágoa por Mônica e por amá-la.

Por fim eu aceitava que eu amava-a, mesmo que isso não significasse voltar a estar com ela, e nós dois sabíamos dos motivos.

— Não seja antecipado. — Ela riu e ajeitei-me, fugindo das suas mãos antes que me refugiasse de vez em seus braços. E senti fúria por mim mesmo.

— Se busca Deus, também busque o perdão, Mônica.

— Não sente mágoa, Armando? — Ela pareceu interessada.

— Não mais. — E era verdade. Eu já não estava furioso, como se ao exaltar-me e confessar tudo, houvesse libertado um dos males do meu ser, mesmo que isso significa minha descida final: compreender que eu perdera minha devoção pela batina e que havia aceitado isso.

— Abandonará a batina? — Ela parecia preocupada e encarei-a.

— Se eu abandonar, não será mais por você, Mônica. Também desejo que não seja por descrença, mas por compreender que já não consigo, e que Deus entenda. — E que o diabo não se aproveitasse disso, implorei no íntimo.

— Espero que você encontre o seu perdão. — Ela recuou. — Como me fez encontrar o meu.

— Então tentará?

— Todo conflito é difícil demais para afirmar algo, mas você fez a sua parte. — Ela sorriu. — Queria poder sair daqui com a certeza de que poderíamos estar juntos, de que mesmo com a minha mãe e com a mágoa que sinto por ela, você não veria problema em estar comigo. Mas como eu disse uma vez a você, não podemos dar certeza de nada se não a temos. Se está acabado, eu compreendo e também não mais sinto raiva ou mágoa por isso, porque eu sei que me ama, mas se precisamos decidir como adultos, diante dessa situação, e cada um seguir o seu caminho, eu decido tentar o mesmo perdão, Armando, enquanto você poderia tentar ser apenas um homem.

Fechei os olhos, não porque não tinha resposta, mas porque eu estava sofrendo demais com as verdades que finalmente aceitava. E no silêncio, Mônica partiu, não mais como um tormento, mas como um conforto que tive e que poderia continuar a ter se não houvesse os percalços.

Eu já não mais poderia ser padre, ela estava certa e eu agora encarava essa decisão definitiva. Não por ela, mas porque eu estava perdendo as minhas convicções, e mesmo com o perdão verdadeiro, eu ainda não o dava para mim.

Desistir da batina não era fácil, e o que antes era uma dúvida, agora era uma certeza. Eu estava certo na minha escolha, eu estava certo que Deus seria justo comigo e bondoso, dando-me meu milagre. Eu já não mais tinha minha vocação que antes fora uma escolha. E temia vacilar na minha fé, também por isso, eu já não poderia continuar.

Eu sofreria, porque a batina havia se tornado meu lar, e eu sentiria falta dos devotos, das missas rezadas e da rotina, mas eu não poderia insistir em algo que já não servia para mim. E eu sabia que iria sofrer durante muito tempo por essa escolha, mas já não mais por duvidar, mas por ter sentimento diante disso. Depois de ter dito e confessado para Mônica, era a verdade e a certeza.

E desejava ter Mônica, mas não poderia tê-la dessa forma, e também já não era um padre, apenas um homem ansiando por uma mulher que nesse momento precisava encontrar-se com sua mãe. Eu estava com raiva de mim mesmo por amá-la dessa forma e saber que estávamos certos nas nossas decisões.

Ela com sua mãe, e eu já sem a batina. Se havia amor? Havia. Houve o inferno? Também houve o Paraíso, e por fim, estávamos buscando nossos caminhos. Eu temia jamais encontrar o meu, mas sabia que por mais decadente que eu fosse já não poderia ser na batina.

E que Deus, na sua bondade, compreendesse que eu era apenas um homem com falhas e amores, com tormentos e com uma busca por perdão.



XXXVII – Carne e sangue

(Mônica)



"Nunca a alma humana surge tão forte e nobre como quando renuncia à vingança e ousa perdoar uma ofensa."

Edwin Hubbell Chapin.



É mais fácil odiar do que perdoar, e é mais fácil remoer do que seguir em frente, porque perdoar, muitas vezes é seguir em frente e curar feridas que um dia acreditávamos serem abertas demais. É tão difícil reconhecer nossas próprias falhas nos outros e compreender que talvez o que vemos é reflexo de erros nossos, porque é mais fácil apontar defeitos imperdoáveis do que reconhecer falhas perdoáveis.

Seria errado perdoar quando ainda sentimos raiva? Mas o perdão, ao ser dado, também não levaria embora toda a mágoa que um dia nutrimos por alguém? E se houve um erro tão grande para necessitar de perdão, é porque amamos demais quem nos machucou, e por isso, é necessário perdoar, porque onde há amor, há recomeços.

E mesmo com as lágrimas, eu havia entendido o perdão de Armando. Não fora dado, muito menos mandado, mas sentido por nós dois. Ele havia soltado minhas mãos e me deixado dar meus próprios passos, mesmo que isso significasse andar cada vez mais distante dele, porque não havia rancor ou mágoa, apenas um olhar de quem admira um amor ao longe, e reconhece a si mesmo nele.

Ele desistiria da batina, mas não mais por minha causa, mas porque ele buscava o perdão em um lugar errado, quando ele mesmo deveria dar a si mesmo. E mesmo com mágoa, eu estava disposta a tentar também, porque eu só poderia seguir se estivesse disposta, e Armando me fez ver que há mais bondade do que maldade, não nos outros, mas em mim mesma.

Não poderia afirmar que eu tinha fé, mas sim que havia uma grande necessidade de tê-la, pois preencher o vazio com sentidos que já não pareciam mais reais tornava-me mais desesperada, e eu ansiava por crer, por ter o que eu havia visto em Armando.

E temia que o que eu buscava, estava perdendo-se nele.

A campainha tocou, acordando-me dos devaneios enquanto fitava o celular mais uma vez. Era tarde, já havia passado quase uma semana desde a conversa com Armando, e eu ainda sentia sua falta.

Sentia falta até dos seus tormentos quando explícitos em seus olhos, parado no meio do meu quarto como se implorasse que eu fosse o diabo para ele. Ele havia desistido de vez da batina? Ele havia aceitado que também era falho demais? Eu já não sabia, porque a distância criada pelo perdão era uma paz e saudade que eu mantinha quieta comigo, mas também mantinha minhas visitas frequentes no leito do seu pai, como se pudesse ser um paciente meu.

O que Armando não sabia era que meus diálogos pareciam intermináveis com meus pacientes, e com seu pai não havia sido diferente. Conforme os dias haviam passado, ele havia me contado sobre sonhos e passados. E sofri por saber que seu tratamento já não estava mais fazendo efeito, e que diante dos meus olhos, eu via um paciente ter fé diante da morte. Seria assim com todos? As crianças não falavam, e os mais enfermos pareciam ter uma crença grandiosa demais para entender.

Mas isso eu já não poderia contar para Armando ou Ivette, porque não era a médica dele, e na verdade, ele jamais seria meu paciente. Apenas era alguém para conversar e ele havia se afeiçoado a mim.

A campainha tocou mais uma vez e levantei-me do sofá, com medo não de quem estava na porta, mas da decisão que eu havia tomado. Armando havia me guiado, mesmo que não soubesse, e mesmo sem certeza, mesmo com mágoa, passei a acreditar que todos poderiam merecer uma nova oportunidade.

Não saberíamos as emoções dos outros se não déssemos um pouco da nossa.

Abri a porta, fitando uma mulher tão semelhante a mim que talvez fosse também por isso que eu sentia fúria. Fúria dos seus defeitos e também do que eu tinha dela e ela tinha de mim.

Poderíamos odiar um espelho, ou ele nos odiaria de volta por ser apenas reflexo?

— Precisava falar comigo? — Minha mãe franziu o cenho e dei um passo para trás, disposta a deixá-la entrar pela primeira vez na minha casa e ela o fez, cabisbaixa, seguindo para a minha sala.

Senti ódio por lembrar o meu sofrimento, do sofrimento do que havia sido uma família, e senti mágoa por relembrar a minha dor e a dor de Armando.

Mas também senti ânsia em conhecer a profundidade do seu pedido de perdão e se eu seria capaz de senti-lo como Armando sentiu.

— Sei que liguei tarde.

— Nunca é tarde. — Ela parou, largando a bolsa sobre a poltrona e encarou-me sobre o ombro. — Eu não havia dormido.

Vagueei com os olhos, avançando e passando por ela. Espalmei as mãos nas pernas e sentei no sofá, fitando-a.

— Está ainda no hotel?

— Não sei para onde vou depois daqui, não sei se volto para a cidade ou se busco conversar com seu irmão.

— Ele não vai gostar se não ligar.

— Assim como você não gostou — ela murmurou e assenti. E percebi que havia constrangimento entre nós, como se fôssemos duas desconhecidas prestes a confessar seus pecados. Ela sentou na poltrona, apenas encarando-me em silêncio e me incomodei por isso. Desviei o olhar, sem decidir se começaria ou não. — Como está a residência? — Por fim ela cortou o assunto.

— Corrida. Não consigo almoçar em casa, e às vezes é difícil ter tempo de fazer o que preciso de noite. — Conteí, vendo uma animação em seu olhar. — Mas vale a pena quando recebo os recados das mães me agradecendo por ter ajudado seus filhos. Faz valer a pena.

— E você tinha medo de sangue quando pequena. — Ela riu. Sorri, lembrando-me de como ela sabia mais de mim do que gostaria. — Dizia que encontraria uma forma de fazer as pessoas não sangrarem mais.

— Precisamos sangrar — murmurei e ela compreendeu o que eu queria dizer. Minha mãe assentiu, deixando o sorriso dissipar assim como fitou o céu escuro pela janela da sacada da sala.

— Fiquei feliz quando soube que havia conseguido a residência. Você queria muito.

— Precisei estudar muito.

— E precisou ter determinação para estar onde está, Mônica. Muitas pessoas desistem pelo caminho, mas eu nunca vi você desistir, mesmo quando — ela hesitou, fechando os olhos. — Quando poderia.

— Não, eu não poderia — afirmei e vi o quanto minha mãe encarava-me séria, ansiosa demais para disfarçar, e sofrida demais. — Não podemos viver a vida dos outros, assim como não podemos sentir a dores dos outros.

— Mas sentir faz bem.

— Mas também nos permite julgar, e muitas vezes não temos esse direito. — Eu não tinha, assim como Armando não teve quando me julgou. E eu havia julgado, eu havia escolhido um lado entre meus pais, quando nenhum dos dois havia pedido.

— Somos suscetíveis às falhas, é normal. — Ela sorriu como se compreendesse o que eu queria dizer. — Muitas vezes queremos julgar não pelo erro, mas pelo que era, porque queremos que volte a ser igual ao passado.

— Mas nunca mais vai ser, não é? — sussurrei e minha mãe assentiu devagar. — Nunca mais será igual.

— Não precisa ser igual, só precisa ser bom — ela sussurrou. — Nunca seremos iguais ao que fomos, e isso significa o agora também. O futuro é diferente do presente.

— E o que acontece se não temermos isso?

— A vida é muito curta para temer. — Ela fechou os olhos. — E muito longa para guardar mágoa.

— Eu me machuquei. — Senti um aperto no peito ao lembrar as brigas na sala da antiga casa, das lágrimas do meu pai e em como minha mãe havia se mantido fria demais. Não havia lágrimas, apenas uma paixão explícita em seu rosto. E eu a odiei naquele momento, mas fitando-a sentada na minha sala, parecia a mesma mãe de uma vez. E também havia mais, havia uma mulher sofrida, uma mulher que parecia ceder o lugar.

— Todos nós — ela murmurou e seus olhos se encheram de lágrimas. — Não posso dizer que tive o mesmo sofrimento do seu pai ou de vocês, porque vocês sentiram a dor, enquanto eu a causei. E por isso, me sinto ainda mais dolorida ao pensar em vocês.

Permaneci com o olhar parado nela, mas lembrando dos gritos dentro de casa, das portas

sendo fechadas com força e meu irmão indo embora. Mesmo eu já não morando lá, ainda sim havia o ar de lar, e com o término da família, também houve o fim da sensação. Para todos.

Juntei minhas mãos.

— Mas você não sentiu ou pensou naquela época. — Não consegui não acusar e ela assentiu.

— Eu havia perdido a noção do que tinha, do que perderia. Às vezes, estamos diante de uma sensação tão descontrolada que perdemos início das consequências e até onde elas vão — minha mãe hesitou e deixou uma lágrima escorrer. — Você me chamou de juvenzinha naquela noite, disse que eu parecia uma menina que havia se apaixonado e alimentado um monstro dentro de mim. — Fechei os olhos com sua pausa. — E era verdade. Perdi minha identidade quando busquei ser algo que não era, quando me aventurei de uma forma que nunca havia feito antes.

— Você desprezou a família.

— Sim, eu fiz pouco de vocês — ela sussurrou amargurada e fitei-a magoada. Eu sentia muita mágoa, mais do que conseguia aguentar e o choro deixou meu rosto queimar.

— Como espera que tudo se torne igual?

— Eu não espero. Eu peço um novo começo para nós. Fui errada, fui uma jovem aventureira que esqueceu que também era esposa e mãe, e magoei as pessoas que mais amei na minha vida.

— Não foi só com Armando. — Acusei-a novamente. — Mas e antes? E os homens que você traía o meu pai?

— São erros meus, falhas do meu relacionamento. — Ela fechou os olhos. — Arrependo-me de ter agido desse modo, fugido ao invés de ter encarado, porque a verdade, Mônica. — E vi a honestidade em seus olhos verdes, mas também havia medo de contar. — É que o amor havia acabado. Estávamos casados há vinte e quatro anos. — Ela curvou-se para frente, juntando as mãos e apertando-as. — Eu já não amava o seu pai, eu já não era feliz, e como mulher, eu já me sentia incompleta e deixada de lado por mim mesma. Parecia uma vida infeliz demais para mim, e senti medo de terminar. Medo por vocês, pelos filhos que tivemos nesse tempo, e medo também pelo tempo. Eram vinte e quatro anos que acabariam e eu me acovardei diante de tomar uma atitude. Tive medo de acabar algo tão grande, quando na verdade já tinha acabado, porque é isso um casamento, há aqueles que duram até o caixão, e há aqueles que se apagam com os anos.

— E você fugiu ao invés de aceitar o divórcio quando o meu pai pediu. — Deixei as

lágrimas caírem como ela fazia, e minha mãe enxugou o rosto, assentindo.

— Eu tinha medo de ser só uma mulher casada, e ao me divorciar, não saber o que fazer. Eu temi, e quando seu pai pediu, eu temi por ele se arrepender. — Ela encarou-me. — E continuei fugindo, tentando ser outra mulher na cama de outros homens, porque também sou uma mulher, Mônica.

— Eu sei.

— Eu também sonhei com um casamento perfeito, com um amor duradouro e sofro com isso agora. — Ela chorou. — Sofro porque me encontro de uma forma que jamais imaginei estar e ao lembrar o passado, sinto que perdi mais do que ganhei nessa vida.

— E esses não seriam consequências de erros seus?

— Todos nós podemos errar. — Ela fechou os olhos. — E precisamos ter alguém que nos ame o suficiente para nos perdoar.

— Você espera isso de mim? — A pergunta perdurou no silêncio e minha mãe encarou-me.

— Você é minha filha, e mesmo que não me ame na mesma intensidade, eu sempre a amarei, porque eu posso ter perdido muito, mas eu ainda sim tenho filhos. Ser mãe é mais do que gerar, é ter a sensação de acolher e querer cuidar para sempre, é um amor que mesmo nas falhas e ódio, é ainda maior — Ela fechou os olhos e chorou em silêncio. Limpei meu rosto, deixando as lágrimas continuarem a deslizar e olhei ao redor, buscando refúgio da dor de sentir mágoa e amar ao mesmo tempo, porque era isso no final.

Eu estava machucada porque mesmo magoada, ela era minha mãe e eu a amava.

— Você deveria ter pensado em nós. — Chorei e ela assentiu.

— Eu deveria e me culpo por isso, Mônica. Eu deveria muito, mas não fiz nada.

— Você destruiu a família.

— Não, a família ainda existe, nós ainda somos, mesmo que cada um do seu modo — ela sussurrou em um choro abafado. — Porque ainda há laços.

— Por que fez isso? — Não era uma pergunta, mas uma afirmação e chorei diante disso, encolhendo-me no sofá. Chorei toda a mágoa que havia dentro de mim, a frivolidade que temia ser e ter visto na minha mãe, o desamparo de sentir um vazio onde deveria existir família. Chorei o sofrimento em lembrar a ruína do que havíamos dentro de casa, da desconstrução de cada um e chorei por tudo o que temia ter perdido.

E antes que eu pudesse reagir, as mãos da minha mãe envolveram meus ombros e ela sentou-se ao meu lado, empurrando-me contra o seu colo. Abracei-a por um tempo que perdurou entre nós, como se sofresse pelo tempo que já não fazíamos mais isso. Ouvi seu choro com o meu e compreendi que eu não precisava dizer o que já sentia.

— Desculpe-me por fazer-nos sofrer. — Ela sussurrou contra os meus cabelos. — Desculpe por nos fazer passar por isso, mas não estou aqui para relembrar tristezas, mas para pedir perdão e deixá-la seguir sua vida, Mônica.

Levantei a cabeça, encarando-a, compreendendo por fim o que ela havia dito.

— E o que sente por Armando? — As lágrimas continuavam em mim como nela.

— Ele jamais sentiria algo por mim, e eu não tenho esse direito. Minha paixão foi uma forma de buscar encontrar uma nova vida, uma nova emoção que já não sentia pelo seu pai, e eu decidi buscar uma paixão por minha vida, e não por um homem. Armando pode se culpar, mas ele não tem culpa. Eu tenho a minha culpa e também temos as circunstâncias. Quero seguir adiante, quero encontrar algo para me encantar pelo resto da vida, e quero encontrar um sentimento que seja correspondido — ela sussurrou, afastando os fios de cabelo do meu rosto. — Houve um engano desde o início, e na minha depressão, eu confundi os sentimentos, o afastamento e o os erros. Estou aqui por você, Mônica, apenas por você. E se estivermos bem, eu tentarei recomeçar com a felicidade de ter meus filhos em minha vida e me encontrar finalmente.

— Você não se encontrou? — Limpei as lágrimas, vendo-a sorrir.

— Não, ainda não. Depois que nos perdemos, precisamos nos encontrar dentro de nós mesmos, nos reconstruir, e eu estou aprendendo ainda também. — Ela pegou minhas mãos, apertando-as e o que vi em seus olhos me fez querer ajudá-la. Porque havia mágoa, mas ela estava dissipando-se com a compaixão que estava crescendo entre nós.

—Então me deixe ajudá-la — sussurrei finalmente. — Eu a perdoo, mãe. Perdoo por todos os erros e também peço desculpas por esquecer que assim como sou filha do meu pai, também sou sua filha.

Ela chorou, abraçando-me com força e chorei com ela, abraçando-a de volta.

— Obrigada, Mônica.

— Ainda sim, você é minha mãe. — Afastei-me, encarando-a. — Se eu posso seguir você também pode.

— E você vai seguir? — Ela manteve as mãos nas minhas e fechei os olhos, compreendendo sua pergunta.

— Eu estou seguindo — murmurei, voltando a fitá-la. — Durma aqui hoje, comigo, mãe. Fique, até que você se sinta bem. — Ela sorriu com o meu convite e assentiu.

— Eu amo você. — Ela sussurrou com sinceridade e abracei-a novamente.

Eu era sangue do seu sangue, carne da sua carne, e filha por escolha e por amor, já não poderia manter a mágoa por alguém que sofria por mim. Mesmo nos momentos mais obscuros, ter alguém para contar torna a situação menos trágica, e não havia visto maldade na minha mãe, não mais.

Ela havia errado no passado, mas eu também havia. Se ela estava disposta a recomeçar e pedir perdão, eu estava disposta ajudá-la e dar o perdão, porque ela era mulher e minha mãe.

E mesmo sentindo a falta de Armando, sentindo que poderíamos ter perdido algo que seria diferente para ambos, eu sentia-me mais em paz com a minha mãe, como se a vingança e a mágoa também me fizessem mal.

Poderíamos ter a noite e o resto da vida que tínhamos para enfim reconstruir o que havia sido perdido, porque o perdão poderia fazer isso e a família era isso.

Como Armando dizia sobre seus demônios, eu finalmente havia encontrado os meus, e os enfrentado. Se isso era um caminho para a fé também eu já não sabia, mas compreendia que era o caminho para a vida e essa, na minha busca para compreender a morte, sabia que tínhamos apenas uma para viver.



XXXVIII – Calvário

(Mônica)



"Quem tem mais culpa? O tentado ou o tentador?"

William Shakespeare.



Não existe momento certo, muito menos momento errado, nós os nomeamos assim conforme convém à nossa vontade. Os momentos acontecem porque precisam acontecer, e não porque foi induzido a isso. Poderíamos atribuir ao destino, mas isso ainda não faria jus aos infinitos de acasos que ocorriam.

Seria obra do destino ou de Deus? Eu ainda não era crente o suficiente para acreditar que tudo era a Sua vontade, mas acreditar no acaso também não era mais o suficiente para mim. Tinha mais, deveria e poderia ter.

Minha crença estava construindo-se na ideia de que se Jesus desceu à Terra, havia descido como homem, e ainda não havia motivo de tirar a sua divindade por ter provado da humanidade. Pecado não é amar, pecado não é sexo, e isso, mesmo se um dia eu tivesse muita fé, não mudaria.

Mas eu sabia que crenças são únicas, como ver as cores: cada olho vê uma cor única, o verde para mim pode ser o azul para outro, e o vermelho muitas vezes se transforma em preto. E em minhas buscas por fé, havia encontrado o perdão e a paixão.

Minha mãe havia ido embora no dia seguinte da nossa conversa, tão mais leve que eu poderia acreditar que o passado, realmente havia se tornado passado para nós, enterrado com nossas mágoas e brigas familiares. E eu havia retornado a minha rotina no hospital, buscando observar o pai de Armando por alguns minutos por dias, por mais que nos últimos dias que haviam se passado, suas conversas havia se tornado vagas, e por fim, eu sabia que a culpa que eu havia deixado para trás iria procurar Armando. Sabia, porque eu continuava indo às missas, enquanto ele já não mais estava lá. Provavelmente havia seguido com sua decisão.

Consultei o relógio novamente, quase marcando dezenove horas e sabia que nesse horário, Ivette e Armando sempre estavam no leito. Senti necessidade de ir até eles, de vê-los, mas não eram meus pacientes e nem familiares, eu havia entendido o final que Armando havia dado para nós.

Tirei o jaleco, guardando-o na minha sala.

— Está indo? — Vincenzo parou na porta, consultando também o relógio.

— Precisarei passar no leito da Beatrice, mas sim — respondi, pegando minha bolsa. Passei por Vincenzo, que desde a conversa havia permanecido ao meu lado como apenas um colega de trabalho. Ele seguiu-me pelos corredores.

— Soube que Cecília estava por aí.

— Sim, minha mãe veio. Trouxe-a aqui para conhecer o hospital. — Sabia que ele gostava da minha mãe e também estava a par dos conflitos por tê-los vivenciado na época em que estávamos juntos.

— E como vocês estão? — Virei para encará-lo.

— Meus pais se divorciaram, Vincenzo, como eu já contei — expliquei. — Mas acho que é normal isso também, ninguém é obrigado a continuar quando não se está bem. Minha mãe agora está bem, e meu pai também.

Ele apoiou as mãos nos meus ombros e sorriu.

— Tenho muito carinho pelos seus pais, Mônica. Mande um oi para eles, e também para o seu irmão.

Peguei suas mãos, assentindo.

— Obrigada, vou mandar assim que achar um tempo para visitá-los.

— Nunca temos tempo. — Ele sorriu. — Podemos nos afastar, mas nossos pacientes ficam aqui, e assim, também ficamos.

— É a vida que escolhemos — murmurei. — Preciso ir, ainda quero passar em algum restaurante para pegar comida.

— Qualquer problema, estarei aqui de plantão.

— Pode deixar. — Dei as costas, e ao invés de ir para a porta de saída do hospital, fui para o elevador. Parei no andar onde o pai de Armando estava, mas não iria ir vê-lo. Armando não iria gostar, e provavelmente iria trazer alguns dos seus tormentos. Era tempo que precisávamos também, tempo para nós mesmos, porque se ele havia largado a batina como dissera, ele não estaria bem.

Parei na recepção do andar, fitando os corredores vazios.

— Sei que não sou médica desse andar, mas poderiam fazer-me um favor? — Pedi para uma das recepcionistas, que sorriram, fitando o meu crachá.

— No que poderíamos ajudar, Doutora?

— Tem um paciente nesse andar, Ari Ferrazzi, que há alguns dias não estava muito bem. Poderiam me informar caso seu estado se agravar? — Eu estava preocupada, pois há dois dias que eu não o visitara, e assim também me preocupava com Armando e Ivette.

Uma das recepcionistas consultou uma das fichas e levantou-se, e então eu compreendi.

Ela estava com o mesmo olhar que eu fazia quando precisava conversar com a família de um paciente falecido, e não precisei ouvir. Dei um passo para trás.

— Quando? — Franzi o cenho.

— O Sr. Ferrazzi faleceu há dois dias, durante a noite. Os médicos tentaram, mas o tratamento já não fazia mais efeito e não houve formas de ressuscitá-lo. Sinto muito — ela murmurou, dando mais explicações do que o necessário.

— E os familiares?

— Partiram com o corpo. — Cobri a boca com as mãos, tentando compreender o que havia acontecido. Não a morte, mas o significado dela, tanto para mim, que havia me afeiçoado a ele, como para Ivette e Armando.

— Obrigada. — Dei as costas, ciente de que a surpresa que estava em meu rosto atraía a atenção dos outros médicos que passavam por mim, e dentro do elevador, sozinha, chorei contra as minhas mãos, que pareciam inúteis em alguns casos.

As portas abriram-se e saí do prédio, sentindo o vento gelado da noite. Eu já não tinha mais

fome, porque o sofrimento havia preenchido o espaço, e imaginar que meu sofrimento não era nem o início do que Armando estaria sentindo me fez largar mão de qualquer tentativa de respeitar a decisão dele.

Porque eu queria e precisava estar ao lado dele.

Entrei no carro, dirigindo pelas ruas e vi seu sobrado ao longe depois de alguns segundos. Estacionei e avancei até a porta, tocando a campainha várias vezes seguidas, mas a porta continuou fechada. Olhei pela janela a escuridão da casa e compreendi que eles eram de Pisa, e provavelmente o enterro e velório seria lá.

Sentei em frente à porta, ciente de que não o veria, mas o silêncio pela primeira vez parecia me dar paz. Olhei para o céu estrelado, pensando na perda que ele poderia estar sentindo, e sob o vento gelado, abracei-me.

Com que palavras eu poderia confortar alguém que poderia se culpar? Não era culpa dele, muito menos nossa culpa. Era culpa da vida, e essa jamais seria julgada ou condenada. Não havia quem culpar, e pela primeira vez eu pensei com fé em Deus.

Desejei que se Ele existisse que pudesse fazer Armando compreender que talvez nunca houvesse um milagre, e que nada foi tirado por sua escolha de largar a batina. Fechei os olhos, aprendendo a rezar, para que Deus se tivesse conduzido Armando para seu calvário, o trouxesse de volta com suas feridas cicatrizadas e com o aprendizado de que Ari tinha metástase cerebral, e isso não era castigo ou falta de milagre, era a medicina e a mortalidade.

Contudo, mesmo com o meu desejo, chorei. Chorei por saber que Armando não iria pensar dessa forma e que no final, por ter largado a batina no mesmo momento, não veria a coincidência, mas a falta de um milagre e o seu castigo por ter quebrado essa provável promessa que fizera. Coincidências são fáceis demais para serem explicações, é mais fácil o caminho mais difícil.

Fitei as pessoas passarem ao longe, e pensei sobre a morte. Eu teria palavras para confortar Armando como ele fizera comigo? Dizer que fosse desejo de Deus? Não, não poderia dizer, porque não acreditava nisso, não mais por não acreditar em Deus, mas por não atribuir ao ciclo da vida uma culpa para Ele. Por fim, eu temia a morte, mas compreendia que já não era culpa de ninguém a não ser do nosso próprio corpo, que completava um ciclo e às vezes era interrompido. Metástase não é uma força superior e a medicina é o milagre humano, nada mais divino.

Armando precisava compreender que no quadro do seu pai, não havia milagre ou qualquer cura e eu queria pegar suas mãos e confortá-lo com palavras e com o toque, porque ele havia tido muita fé no milagre durante dez anos, para acreditar perdê-lo junto à batina.

E esse provavelmente era o calvário da sua fé também. Se ele iria crucificá-la? Eu já não sabia, mas ele não poderia continuar a crer em um milagre que nunca existiu, pois fora isso que eu compreendi com o que ele me contou. Seu pai tivera melanoma, e provavelmente em uma promessa com fé e devoção, ele prometeu voltar-se a vocação que poderia acreditar ter se seu pai sobrevivesse ao câncer. Provavelmente, pego no início, o tratamento foi eficaz, mas melanoma nunca foi um câncer fácil de lidar, sendo um dos graves, e retornou como metástase cerebral no momento que Armando estava comigo.

Era o acaso, não destino ou sentença.

Levantei-me, limpando as lágrimas do rosto e voltei para o carro. Poderia não vê-lo tão cedo, mas eu buscava encontrá-lo, para ajudá-lo como ele me ajudou, e guiá-lo também pelos seus tormentos como ele fizera comigo. Não porque eu devia isso para ele, mas porque sentia sua dor, e eu precisava confortá-lo, provavelmente era isso o que a paixão e talvez o amor que eu nunca admitira sentir por ele faziam em nós: confortar quem nos conforta, apaziguar a dor que sentimos pelos outros.

Os dias passaram como aquela noite, mantendo-me na rotina e após o hospital, buscava ver a presença de Armando na sua casa, mas nada havia. Pensei em ligar diversas vezes, mas uma ligação não bastaria e talvez ele fugisse, não por medo, mas por não querer dar para mim suas dores, e assim esperei.

Passou-se um pouco mais de uma semana quando, na volta do hospital, vi luzes acesas dentro da sua casa. Parei o carro, ciente de que ele poderia sofrer também pela minha presença, mas quando o sofrimento ultrapassa o limite, não há mais ou menos, apenas sofrimento, e com esse pensamento, bati na sua porta. Toquei a campainha e a porta abriu.

Ele não precisava dizer que estava sofrendo, porque eu vi em seus olhos, muito menos dizer que estava cansado, porque vi em seus ombros.

— Mônica? — Ele franziu o cenho, sem compreender minha presença depois de algum tempo.

— Como você está? — E o silêncio dele respondeu a pergunta. Muitas vezes o silêncio basta, e dessa vez bastou para nós. Armando deu as costas, deixando a porta aberta, e entrei. Sua sala parecia pessoal demais sob as luzes amareladas apenas dos abajures ligados e ele parou no meio dela, ainda de costas. — Eu soube — disse o que estava explícito e ele encarou-me sobre o ombro.

E diante da dor tão exposta em seu rosto, eu tinha ciência que o amava. Ele chorou em silêncio, deixando as lágrimas percorrerem seu rosto e sofri com ele.

— Eu me sinto abandonado — ele confessou em desespero. — Eu fui abandonado.

Eu sabia que não era o simples abandono que ele estava falando. Em seu calvário, ele havia deixado sua fé e esperança.



XXXIX – Purgatório



"Se um homem tiver realmente muita fé, pode dar-se ao luxo de ser cético."

Friedrich Wilhelm Nietzsche.



A destruição nunca é dada ou concebida, nós a criamos. Nosso corpo começa a sua destruição ao nascer, para que quando, no fim da vida, chegue a morte, nosso corpo já não seja tão jovem. E nossa mente, essa prega peças para nos destruir lentamente, como se criadas pelo diabo, derramasse sua maldade devagar, até que chegue na alma.

E lá, o diabo cria sua raiz e sua morada, sendo portador já do corpo e alma, arrancando qualquer fé e alegria, mantendo-se como um anjo em seu trono. A maldade, quando criada, espalhou-se com a descida do anjo caído na Criação, e nessa, tornou-se maior do que a bondade. Eu também havia sido cego diante disso, até que eu a senti em meu próprio julgamento.

Se houvesse o julgamento dos justos, eu não estaria nele, mas no dos pecadores, e eu também, na verdade, já não queria estar, porque se um dia houve salvação, eu já não mais a queria.

Junto com a batina, eu havia perdido minha fé, uma escuridão diante de um abismo que tateei até alcançar sua borda e lancei-me sobre ele. Eu não era descrente como Mônica fora, que nunca havia sentido, não. Eu havia acreditado, eu havia me devotado, e diante de tanta fé, me senti abandonado, mesmo tendo pecado. Seria essa a justiça divina? Arrancar o meu milagre pela escolha de largar a batina? E o meu primeiro de tantos tormentos já não havia sido um preço justo a se pagar? Já não havia sido minha cruz para carregar? Eu deveria receber mais, ser castigado mais?

Perder quando aceitei a batina já era, para mim, um castigo que carregaria pelo resto dos meus dias, por que tirar mais de quem já não tinha?

Eu havia acreditado demais e por isso, havia esperado demais. Era justo levar meu pai quando o pecado era meu? Quando já havia levado antes? Se houve meu milagre, então eu havia sido falho por abrir mão do que o fez dar o meu milagre, mas então poderia questionar sobre a bondade e justiça. Seria então Deus um Pai maldoso? Seria pecado amar? Não, Deus não era maldoso, era um Pai bondoso, e eu só estava buscando alguém para culpar quando o culpado era apenas eu. Contudo, ainda me sentia abandonado, e no abandono, minha fé estava sendo despedaçada.

Havia muitos culpados, mas a culpa da destruição da minha fé era minha, e eu assisti em silêncio durante os dias depois do enterro, esperando que o diabo por fim viesse rir de mim, ou Deus desse-me uma nova explicação. Porém, o silêncio permaneceu, e sem batina e fé, eu já não tinha um caminho. Eu havia largado a batina por decisão, e a fé por acreditar demais, e diante da crença, enfureci-me, pois compreendi que estava pagando os meus próprios pecados e sim, era justo. Era o meu livre-arbítrio como resposta do que escolhi.

Eu estava furioso, desejando que por fim, houvesse uma resposta quando jamais a teria a não ser que eu era o culpado. E isso criava em mim uma fera tão enfurecida com a fé, que eu já estava destruído por isso.

E assim como os dias em silêncio despedaçaram minha fé, eu também já estava despedaçado, cansado de fugir dos tormentos, que agora os convidava para morarem comigo, em um inferno que aos poucos fixava minha cruz em seu solo e pregava-me nela, para dar de comer aos demônios.

E eu daria a eles cada prego que um dia fora meu tormento. Em fúria e tristeza, eu já estava aceitando receber nas costas o que nela poderia jogar, e o que mais eu pudesse coletar pelo caminho, eu pegaria. Porque nos primeiros dias, havia culpado Deus, mas diante do silêncio, eu compreendia que por final, Ele era meu Pai e estava olhando por mim, assistindo eu juntar os meus próprios pecados, uma colheita final. Eu, apenas eu era o culpado pela morte do meu pai, pelo fim do meu milagre. Deus, em Sua bondade, havia me dado o milagre, e eu, na minha decadência, havia aberto mão dele.

Por fim, havia perdido a fé em mim, e por isso, não podia ter mais fé em nada, porque estava assustado demais pela condenação que eu mesmo havia dado a mim. Poderia escolher culpar Deus como eu fizera no início, mas não era Sua culpa, porque Ele nos deu o livre-arbítrio, e essa havia sido a minha escolha. Ele havia me ajudado, e eu, no meu livre-arbítrio, havia

escolhido o pecado. Ele havia sido amor e o caminho certo, e eu escolhera o caminho do pecado e o erro.

Pedi perdão dias seguidos pelas blasfêmias, pela falta de fé e pelos pecados, mas cansado e sem fé, já me sentia abandonado, pois não era culpa Dele, mas minha. Eu havia me abandonado, eu havia escolhido esse caminho, e Deus já não poderia interceder novamente por mim, porque eu havia me lançado ao abismo.

Abandonado, descrente e destruído, segui em um caminho de aceitar todas as consequências dos meus erros e pregar-me de vez no inferno. Eu já iria até ele, que fosse carregando todos os meus pecados, e buscaria todos os que eu pudesse aguentar.

Até abrir a porta para Mônica, e atribuindo ao diabo, o que poderia ser de Deus ou acaso, eu a recebi em minha casa, ciente de que seus olhos reconheciam a tristeza da perda.

— Por que se sente abandonado? — Ela tirou-me dos devaneios que me agoniavam, e com lágrimas nos olhos por reviver mentalmente todo o meu tormento, toda a acusação sem fundamento contra meu Pai até compreender que o errado e culpado era eu, cobri o rosto com as mãos.

— Por que não sentir?

— Porque todos morrem — Mônica sussurrou. — Isso não é abandono.

Franzi o cenho, fitando o sofrimento em seu rosto também.

— Eu não esperava — murmurei.

— Por mais grave que seja a situação, ninguém espera, é normal.

— Não diga que é normal — exaltei-me, vendo o susto em seu rosto, como se eu precisasse gritar minha dor, como se aguentara tanto em silêncio, que já não era mais suportável.

Mônica pareceu surpresa, mas mesmo assim avançou na minha direção e eu recuei, dando as costas. Apoiei minhas mãos sobre a prateleira da lareira e chorei, pois já não queria se amparado.

— Não faça isso consigo mesmo. — Suas mãos apertaram meus ombros.

— É minha culpa, apenas minha — por fim confessei angustiado e atormentado. Um padre falho, um homem errado e um filho culpado.

— Não diga isso, não pode se culpar desse jeito.

— Então quem culparei? — Voltei a me exaltar, me virando com veemência que fez

Mônica recuar um passo. — Culpar Deus? Não, ele não é culpado porque são consequências das minhas escolhas. O diabo? O diabo não teria esse poder.

— Não há culpado, Armando. — Ela exaltou-se, mas controlada, apenas tentando me acalmar. — Não há culpado. — E vi as lágrimas em seus olhos. Mônica sentou-se no sofá em silêncio. — Deus jamais faria isso, porque também não foi a causa do início. — Ela parecia crer no que falava e isso me surpreendeu. — Ele não poderia tirar o seu milagre, porque nunca houve milagre. — E havia fé em suas palavras.

Franzi o cenho, virando-me de frente.

— O que está insinuando?

— É disso que se trata o seu desespero, não é? — Ela foi direta. — Você se culpa porque quando seu pai adoeceu, há doze anos, você prometeu tornar-se padre, independente se desejava mesmo ou se tinha uma namorada — ela hesitou, como se ainda quisesse saber mais. — E então, por coincidência, quando fez sua promessa, o tratamento contra o melanoma fez efeito. Eu sei, Armando, eu vi o estado clínico do seu pai. — Ela explicou antes que eu dissesse algo. — Mas um melanoma é um câncer grave, e os quadros de pacientes que tiveram um retorno da doença ainda mais grave, são vários. Com o seu pai aconteceu o mesmo, e você atribuiu ao fato de estar comigo e ter abandonado a batina. Câncer não se cura com milagres, a morte não é castigo, e o retorno de uma doença é natural.

— Está dizendo que não houve milagre? — Encarei-a com a fúria e tentei refreá-la, mas já era tarde e eu estava voltando a minha fúria contra Mônica. — Você, com sua descrença, seu ceticismo e malícia quer me dizer em que acreditar? — Arqueei as sobrancelhas e Mônica pareceu receosa. Ela inclinou a cabeça, escolhendo as palavras, provavelmente.

— Não, Armando, não estou dizendo no que acreditar, cada crença é única. Estou dizendo que você espera demais de um milagre que nunca existiu. Como médica, tive acesso a todos os dados clínicos do seu pai. Não houve milagre, houve tratamento, e até a sua mãe sabia disso. — Ela falou firme como se não quisesse ser interrompida e cobri o rosto com as mãos, ouvindo-a. — Não sou descrente, não mais, muito menos cética, e malícia não tem nada a ver com fé. Acredito em Deus e recorri a Ele quando soube da morte do seu pai. Ele é bondoso e jamais mataria, mas apenas deixou o ciclo da vida acontecer, enquanto você se culpa, sendo egocêntrico e arrogante.

Ouvir suas palavras aniquilou a lucidez que eu já vinha perdendo durante os dias e encarei-a com raiva.

— Egocêntrico e arrogante? — Acusei-a ao repetir suas palavras e Mônica enfrentou-me

como alguém que poderia me conhecer o suficiente para não temer minha ira.

— Você acha que tem o poder de acabar com um milagre, se tivesse acontecido um? Você acha que suas ações determinam a vida de uma pessoa? É muita arrogância sua sim, Armando, acreditar que é você o causador, e é muito egocentrismo seu acreditar que está acima da natureza humana ou ser a influência para ações divinas. — Ela pausou ofegante, fitando-me enquanto eu compreendia suas palavras. Estava sendo isso o que ela havia dito? Enquanto afundava-me na culpa por sentir que eu fora o errado, o devoto falho que se desgarrou do bando para pecar.

— Não. — Neguei para mim mesmo suas palavras, porque não queria acreditar nelas, e sim na minha culpa. Eu convivera com a fé no milagre por anos, eu perdera mais do que poderia imaginar quando escolhi a batina, e isso não poderia ter sido apenas a natureza humana. Não, tinha que haver mais, não poderia. Caí de joelhos na sala, diante de Mônica, cansado demais. Eu estava acabado pela perda, pela dor e pela agonia que me lançava contra todos os meus tormentos e dúvidas. — Não é assim — balbuciei cabisbaixo e com o cenho franzido. — Deus não apenas poderia assistir. — Eles não poderiam ser apenas a plateia disso tudo, completei em agonia. — Há milagre, eu o vi.

— Como você viu?

— A recuperação do meu pai. — Encarei-a e Mônica negou devagar. — Eu tive fé, eu tive crença.

— Ter crença e fé não move montanhas, Armando, não faz milagres. — Ela falou tão franca que desviei o olhar para não demonstrar tamanha fúria.

— Você não acredita porque nunca precisou. — Era a fúria dentro de mim. — Você nunca teve sua fé durante anos, você nunca perdeu por escolha.

— E o que você perdeu? — Ela perguntou finalmente o que eu sabia que a deixava curiosa.

— O que eu perdi, eu ganhei em troca com o milagre. — Bastei para responder, porque em minha raiva doentia, eu já não queria contar sobre minha vida, muito menos dar motivos para ela tentar impor suas novas crenças. Eu estava com as minhas velhas em ruínas.

— Acredita em Deus ainda, Armando? — Ela levantou-se.

— Para eu me sentir abandonado, preciso acreditar que alguém me abandonou. Esse alguém sou eu, e eu me abandonei porque abandonei Deus quando ele me dera a sua bondade — em minhas palavras duras, estava proferido meu purgatório.

— Deus sempre deu bondade. Mesmo quando você acreditava ser pecado, também era bondade. Você se culpa, sabe por quê? — Ela ajoelhou-se na minha frente, e com os olhos fixos nos meus, manteve-se ajoelhada igual a mim. — Porque você gosta da culpa, você gosta de tentar encontrar respostas, que no final, possa sentir-se culpado por elas.

— Você diz que eu me faço de vítima quando sofro pela morte do meu pai. Sim, culpo-me por isso, Mônica, não nego minha culpa, mas não zombe dela, porque é na culpa que vivi por tanto tempo, culpando-me da escolha e alegrando-me com o milagre.

— Um para compensar o outro — ela completou.

— Um para perdoar o outro — sussurrei, lembrando-me da dor do passado, da dor do presente e de quanto ainda aguentaria. Não afugentei as lágrimas, mas deixei-as vir com a raiva.

— E Deus faria um milagre para o perdão? — ela questionou, franzindo o cenho. — Não seria muito humano e até cruel isso, Armando? Não, o Deus que eu passei a crer jamais faria uma moeda de troca. Acredito que se ele precisasse interceder por Seus filhos, ele daria tudo o que pudesse, e não tirar um para dar outro. — ela afirmou.

— Talvez a bondade não seja pura — sussurrei agoniado, assustado e por descrente.

— Então não seria bondade, e não seria vinda de Deus. — Ela tinha tanta certeza apenas neguei. — Quando eu era descrente, você disse uma vez que Deus era bom, e que Deus não faria o mal, não do jeito que eu encarava a morte. Onde está a sua crença agora? — ela exaltou-se. — Onde ela está?

— Morta com o meu pai. — Enfrentei-a com raiva. — Eu a enterrei quando enterrei meu pai, Mônica.

— Então você está mentindo para si mesmo.

— Não. — Exaltei-me também, negando. — Não. A minha crença, a crença em mim mesmo, em que eu deva ser olhado e cuidado por Deus morreu, eu não poderia.

— O que não poderia, Armando?

— Eu não poderia pedir a Ele que olhasse por mim, não depois de tantas falhas minhas diante da sua bondade, porque foi minha falha no passado, foi minha falha agora. — Gritei, chorando em uma agonia que parecia enterrar-me na amargura. — Culpo-me, diga que sou arrogante, egocêntrico ou o inferno que descreva o que vê, mas não. — Gritei cabisbaixo. — Já não sou merecedor de ter algum dia novamente a bondade, porque eu a escolhi mesmo perdendo, a preferi então pecado. — Chorei, evitando encará-la.

— E então por que chora?

— Choro porque não aguento. Não aguento tudo o que está acontecendo comigo.

— E por isso, não seria merecedor de perdão também? Mesmo de uma culpa que não existe? —ela sussurrou e sentei-me sobre as pernas flexionadas.

— O perdão é para quem busca, e eu não o busco e nem devo desejar.

— Você não está descrente, Armando, você está se condenando, é diferente. Você se condena e implora que Deus o abandone, quando nem disso tem certeza. — Ela parecia conhecer meu ser e minha dor. Encarei-a, ainda em um choro silencioso e vi em seus olhos a tristeza. Ela chorava em silêncio também. — Não queria vê-lo assim. — Ela confessou. — Mas não poderia deixá-lo assim também.

E para os meus tormentos, o convite estava aberto. Em desespero, eu queria recorrer ao conforto da carne e perpetuar de vez o meu inferno. Eu queria cuspir no meu próprio tormento e torná-lo explícito para confirmar a mim mesmo que já não havia volta para nada, e que eu de vez havia me lançado ao fogo do inferno.

Se esse era o meu purgatório, eu iria descer mais, e avancei contra Mônica, com fúria de mim mesmo e raiva dela ao mesmo tempo, por vê-la sofrer por mim e por tentar dar-me uma salvação.

Ela encarou-me tão surpresa e na fraqueza não teve reação, porque ela sabia que eu estava fazendo isso por fúria e também por desejo, porque eu ainda a amava. E também fazia para certificar o quão imperdoável e mundano eu era.

Suas mãos cobriram as minhas, e Mônica, sem malícia, mas com uma paixão que me dilacerou, aproximou o rosto, e senti meu corpo ansiar por mais. Eu daria o prazer para a minha carne e o desejo para os meus tormentos, porque eu ansiava por Mônica, pelo amor e por ignorar qualquer pecado.

Eu daria o inferno e a culpa de vez ao meu corpo e a minha mente, porque eu sentia raiva, uma fúria descontrolada demais para aguentar, humana, carnal e pecaminosa.



XL – Inferno



"O pior inferno é aquele que existe dentro de cada um de nós."

Augusto Branco.



O inferno não poderia ser feito de fogo, pois o fogo queima e há aqueles que gostam da dor e regozijam-se nela. O inferno seria feito de tormento, de pecado sendo lembrado por lembranças traiçoeiras. Assim não seria a dor, mas a perda de si mesmo.

E nesse inferno eu me encontrava, não porque eu quisesse, mas porque culpado, joguei-me lá. E de lá não esperava mais sair, pois buscava correntes que me prendessem lá, e essas correntes significavam mais pecados, mais devassidão mundana e paixão.

Se o amor fosse um pecado, eu seria um grande pecador, pois finalmente me renderia a ele, ao corpo e aos anseios de Mônica, pois eu já não mais iria me preocupar. Iria esquecer de que um dia poderia ter sido egoísta, do que perdi e do que escolhi. E que no final, a escolha pela batina arrancou-me mais do que me deu.

No abandono, também me abandonaria por completo.

— Não — Mônica negou, com as mãos sobre as minhas. — Não dessa forma.

— E de que forma seria se sempre foi dessa? — Eu estava furioso e decadente, em lágrimas e raiva.

— Não foi dessa forma. — Ela franziu o cenho. — Não com raiva, não com mágoa. Não é sexo o que você quer.

— E o que eu quero, Mônica? O que eu quero que Deus algum dia possa me dar? Paz? — era um sussurro raivoso, um cão vindo do abismo e dilacerando-me. Ela afastou as mãos e busquei-as novamente, mas Mônica levantou-se.

— Você quer amor, Armando, você quer perdão, mas não tem mais ninguém para perdoá-lo que já não o fez, a não ser você mesmo, e por isso, você quer cair ainda mais, porque acredita não ser capaz de se dar perdão. — Ela jogou as palavras sobre mim como uma cruz feita de espinhos, que me perfuraram e fechei os olhos, deixando as lágrimas caírem junto comigo.

— Palavras são fáceis, sensações são chicotadas — murmurei, levantando a cabeça para encará-la.

— Se você me deu o perdão, qual a dificuldade em dá-lo a si mesmo? — A pergunta ressoou pelo silêncio da sala.

— Não direi que eu não mereço, porque talvez até o diabo tivesse recebido se quisesse. — Levantei-me em fúria. Sentia uma raiva descontrolada, como se por mais que eu lutasse em emergir sobre ela, mais fundo eu ia. Era um sentimento acumulado pelos anos em silêncio, sendo corroído por ela. — Mas eu não consigo dá-lo a mim, porque eu me conheço, e por isso, não quero receber e dar.

— Então você se julga demais por erros do passado, Armando, e por isso, continuará com os mesmos erros no futuro. O seu presente é um nada, porque mesmo com fé, você é descrente, mesmo enxergando, você é cego. E mesmo vivo você está morto. — Ela pareceu dar um ponto final e recuou. — Eu esperava encontrá-lo afundado e atormentado, mas não. — Seus olhos percorreram meu corpo e senti-me acusado. — Não desse jeito, tão descrente sobre si mesmo. Você se julga, sabe por quê?

— Por que, Mônica? Diga, diga você, que nunca errou ou mentiu. — Ataquei-a e vi uma sombra de raiva em seu rosto.

— Porque você se colocou em um pedestal, como se fosse também bom demais ou divino demais, e que o erro e pecado é algo surreal para você, como se Deus errasse. Você não quer perdoar porque você não admite que seja suscetível ao pecado e erro, como todos nós. — Sua voz se tornou um rosnado e percebi que também estava abandonando-me. — Você blasfema, mesmo que não perceba você acusa e chora como uma criança que busca um culpado e um juiz. Decidi vir para ajudá-lo, não para enterrá-lo de vez junto com o seu pai, um homem com tanta fé no filho, mesmo vendo suas falhas.

Silenciei-me, apenas escutando, tragado pelo desamparo. Chorei, escondendo o rosto nas mãos.

— Você me condena pelas falhas, Mônica, você veio me ajudar, mas não suporta a visão de me ver caído. — Levantei o rosto, encarando-a. — Só precisam de ajuda os caídos, o que fará se não consegue vê-los?

— Eu vejo você, Armando, porque eu o amo, e por isso, não irei incentivar seu martírio. — E eu dei aos meus demônios suas palavras: ela me amava. Em meio aos tormentos, no sepulcro da minha lucidez, Mônica por fim admitia que me amava. Como um filho, que tanto tempo longe, só retorna para ver o pai no caixão, ela estava dando seu adeus na forma de amor e ao dar as costas, dei minhas correntes ao impulso e ele guiou-me.

Mônica avançou pela porta, e em fúria e desejo, eu avancei atrás dela, agarrando seu pulso e puxando-a com brutalidade que eu outra época me condenaria.

— Solte-me. — Ela gritou contra o meu rosto, mas que gritasse, rezasse ou implorasse. Seu eu afundaria, afundaria nela e com ela, e daria a minha cruz os mais belos olhos.

— Dê o meu final — rosnei como uma fera e ela tentou empurrar o meu peito, mas preendi seus braços, batendo-a contra a porta.

— Você é quem deve se dar. — Ela tentou puxar os braços e avancei contra sua boca, mantendo-a presa na minha. Mônica rosnou contra os meus lábios, tentando empurrar-me, mas senti seu corpo contra o meu, e mesmo que ela tentasse insinuar o contrário, ela também me queria, mesmo no tormento e no desespero.

E retribuí o meu beijo, avançando a língua contra a minha, explorando a minha boca de forma doentia, buscando em mim o que eu queria dar, e soltei os seus braços, puxando-a do chão. Gemi, ansiando pelo toque, pela ausência que havia sentido durante os dias, e em contato, percebia a falta que havia me feito.

Seus dedos buscaram a gola da minha camisa, e tirei-a com pressa, buscando seus lábios antes que fugisse de mim. Agarrei seu rosto, deixando-a envolver com força meu quadril com as pernas, e a virei contra uma mobília, sentando-a sobre ela. Mônica gemeu, jogando a cabeça para trás, e iniciei minha descida em seu corpo, puxando sua blusa sobre seus braços, revelando seus seios ocultos pelo sutiã. Beije-os, subindo pelo seu pescoço e lambi a curva deles, invadindo o ninho quente que eles formavam ao serem juntados pelo sutiã.

— Armando — ela gemeu meu nome em um sussurro, e busquei abrir seu sutiã, jogando-o no chão. Mônica abriu sua calça-jeans e puxei-a com força junto com os seus sapatos. Eu sentia-me devasso demais, furioso demais e temi que usasse força demais quando não era minha intenção.

Minha intenção era perder-me por completo, de vez e definitivo, e sem conseguir segurar-me, agarrei-a, puxando seus cabelos com força para trás, dando aos meus lábios seus seios erguidos e intumescidos de tesão, porque era isso que éramos: carnavais.

Chuei seu mamilo erguido, mamando com força, arrancando suspiros dos seus lábios entreabertos, arrancando tormentos um por um do meu ser. Mônica envolveu meu quadril com as pernas, afundando as unhas na minha nuca, incentivando-me, e com seu mamilo dentro da boca, circulei-o com a língua, chupando-o devagar. Agarrei o outro com a mão e o apertei com força, fazendo Mônica arquear as costas. Afundei meu rosto entre seus seios, inspirando seu cheiro que parecia um fantasma durante os dias passados. Lambi a aréola dos seus mamilos, detalhando-os com a língua e voltei a chupá-los, avançando de um para outro, e Mônica agarrou meu rosto, arrastando-o até o seu.

Fitei seus olhos e o que vi neles deixou-me sem entender. Havia amor, mas havia algo mais. Contudo, em meio à fúria e desejo, eu já queria mais o pecado do que qualquer outro pensamento e com essa ideia, agarrei sua cintura, puxando-a da mobília. Mônica enlaçou-me com as pernas novamente e afundou os lábios em meu pescoço, chupando-me e marcando-me com a força com que queríamos um ao outro.

Carreguei-a em meio aos beijos até a sala, e a deitei no chão sobre o tapete. Mônica esticou as pernas e arrastei sua calcinha no meio delas, revelando o inferno que agora seria minha morada. Seus olhos pareciam me assistir atentos e abri suas pernas. Segurei seu pé erguido, beijando-o devagar, e avancei pela perna, mordicando a pele até chegar a sua coxa, e beijei o meio das suas pernas, sentindo-a tão molhada que Mônica não conseguiria esconder o quanto também havia desejado.

Beijei seus grandes lábios, abrindo-os com a língua, e em seu clitóris encharcado, afundei-a, lambuzando-me com o seu gozo. Mônica gemeu, arqueando as costas contra o tapete e flexionando as pernas. E essas eu apertei com prazer, enterrando meus dedos até ouvir seu gemido de dor. Chuei-a, afundando minha língua até seus pequenos lábios, voltando ao seu clitóris inchado, que contra ela, estremeceu pelo toque, e o toquei em círculos contínuos e com força. Ela afundou as mãos em meus cabelos, incentivando-me a continuar, e a tive na minha boca ainda mais, mordiscando seus grandes lábios e tomando-os para mim, sua carne sensível e macia. Ela jogou as mãos contra os próprios cabelos, ofegante, e senti seu clitóris na minha língua estremecer novamente.

Em pecado, eu queria mais. No inferno, eu queria ir mais para baixo, e afastei minha boca, abrindo a minha calça e libertando a ereção dura que tornava meu pau insuportável para a minha mente destrozada. Toquei-me devagar, gemendo baixo ao franzi a testa de tanto prazer que

poderia sentir, e tive certeza de que para mim já não haveria qualquer redenção.

Apoiei as mãos em volta do seu corpo e Mônica voltou a contornar meu quadril com as pernas, mas eu estava furioso, e indelicado, acabei usando da mais mundana força.

Peguei-a com força pelo pescoço, enterrando meus dedos em sua nuca e levantei-a do tapete até encaixar minha glândula contra seus grandes lábios, e os senti abrir, dando espaço.

Gemi, de olhos fechados, ouvindo-a arfar e a deitei novamente, mantendo minha mão enterrada em sua nuca, e joguei meu peso contra o seu corpo, penetrando-a com força.

Mônica gritou um gemido de prazer, envolvendo o meu pescoço com os braços e estoquei com força, sem esperar que ela se acostumasse comigo dentro. Estoquei por todo o tormento que sentia, por toda a dor infligida em mim e por toda tristeza que me corroia.

Estoquei com raiva, em um rosnado da fera diabólica que eu havia criado, e Mônica mordeu meu ombro, rebolando em cada estocada. Senti-a encharcada contra o meu pau, que a cada estocada buscava afundar-se cada vez mais dentro dela. Ela batia a bunda contra o tapete em cada investida minha e saía de dentro dela, fitando-a suada embaixo de mim.

— Armando. — Ela parecia querer falar, mas coleí nossos lábios, beijando-a com fúria. Ditei o ritmo da sua língua, sugando-a para a minha boca e serpentei seu corpo por baixo até apalpar sua bunda com força, e enterrando meus dedos nela, levantei Mônica do chão, fazendo-a sentar-se no meu colo.

Levantei do chão, carregando-a, e me sentei no sofá, deixando-a envolver meu pau com as mãos e escorregar para o meio das minhas pernas. Agarrei seus cabelos e a conduzi para a minha ereção. Mônica abocanhouna, tentando colocá-la inteira na boca e joguei a cabeça para trás, levado pelo prazer mais mundano. Gemi seu nome enquanto permanecia dentro da boca dela, sendo chupado com força. Sua língua circulou minha glândula, e puxando o prepúcio ela lambeu as veias saltadas pelo aperto que fazia em meu pau.

Estremeci dentro da sua boca e ela voltou a abocanhar minha ereção, chupando com desejo e adoração, uma adoração que me fez ver o quão delicioso era o pecado.

E então senti sua ausência. Abri os olhos, vendo-a sentar-se no meu colo com as pernas abertas, deixando a glândula roçar em seus grandes lábios. Agarrei seu rosto, puxando-o para mim e beijei-a, mordendo seu lábio e tomando-o em um beijo profundo. Mônica empurrou o quadril e a penetrei devagar, sentindo-a por dentro, apertada e molhada. Ela ofegou, jogando a cabeça para trás, e a trouxe de volta, colando nossas testas.

O silêncio foi cortado pela nossa respiração ofegante, e Mônica começou a rebolar, testa

com testa, fitando meu prazer nos olhos. Senti-a rebolar devagar e meu pau a sentiu por dentro, excitando-o.

Agarrei seus cabelos, e como se apossado pelo diabo finalmente, martelei meu último prego. Puxei-a para o lado, fazendo-a sair de cima, e Mônica encarou-me surpresa, mas antes que pudesse questionar, levantei-me, puxando-a para que ficasse de costas e a vi apoiar os braços contra o encosto do sofá, empinando a bunda na minha direção.

Não iria estar dentro dela por trás, mas queria que tivesse seu orgasmo comigo e levado pela tentação que já amava, agarrei seu quadril, mantendo-o erguido para mim. Minha glândula roçou seus grandes lábios novamente, abrindo-os, e Mônica arqueou as costas com o toque. Penetrei-a com força, enterrando-me até o talo, desejando estar mais. Ela gemeu e enrosquei meus dedos em seus cabelos, puxando sua cabeça. Estoquei uma vez com veemência, sentindo-me completamente carnal e caído.

Ela gemeu novamente, acompanhando o meu gemido entredentes, e comecei a estocar com força, rendido ao desejo. Nossos corpos atritaram e a cada estocada forte, eu batia minha virilha contra sua bunda, empurrando-a para frente, mas mantendo-a colada com a mão em seus cabelos. Mônica gemeu cada vez mais alto e senti seu corpo ter um espasmo contra o meu. Entre estocadas fortes, senti seu gozo e ela gemeu um suspiro em completo orgasmo, gozando contra o meu pai. Estoquei novamente, afundando-me em seu gozo, e sem esperar, continuei, enterrando-me até as bolas para senti-la por completo, sentir meu pecado, minha tentação e o amor que sentia.

Porque era fúria, mas também era amor, uma linha tênue que se misturava com as emoções mais desconcertantes que eu poderia sentir.

E com os dedos afundados na carne da sua bunda, estoquei com força, arrancando gemidos profundos de Mônica, que impulsionava o corpo junto ao meu. Afundei-me nela, enterrando-me com força, uma brutalidade que eu desconhecia, e meu gemido ecoou pela sala quando senti o prazer se irradiar pelo meu corpo, arrancando-me a sanidade e arrepiando-me até a alma.

Joguei a cabeça para trás, mergulhado no prazer, em um inferno que humilharia qualquer paraíso, e gozei dentro de Mônica, entrando em um orgasmo que destruiu a fúria, que acalmou a raiva e fez-me perceber que o que restava entre nós eram apenas meus tormentos e o amor.

O gozo subiu em ondas inebriantes, embevecendo-me em prazer e ofeguei suado e cansado, com o corpo em êxtase completo, arrancando da minha pele uma sensação de arrepio contínuo, de desejo ardente.

Afastei-me, vendo marcas das minhas mãos na bunda e nas costas de Mônica, e

envergonhei-me diante disso.

— Mônica — balbuciei ofegante e ela virou-se, encarando-me. — Eu não.

— Não queria? — ela sussurrou e levantou-se nua, avançando contra mim.

— Não isso. — Franzi o cenho, perdido demais, e ela agarrou meu rosto, levantando-o.

— Você teme antes de saber. Não foi nada de errado, não foi nada que eu também não quisesse — ela sussurrou. — Você estava despedaçado, e eu o queria do mesmo modo. — Aquilo me desconcertou e neguei. — Sexo é sexo, Armando, independente da forma e de como queremos. Era assim que eu também queria, com a sua força com que tanto se condena. — Ela jogou as palavras contra mim e agarrei suas mãos, fechando os olhos.

— Desculpe-me — sussurrei ciente de que estava retornando a chorar. Beije-as, envolvendo Mônica em um abraço forte, querendo mantê-la comigo. — Suba comigo — sussurrei contra os seus cabelos. — Fique aqui.

— Vou ficar, Armando, mas porque eu também quero. — Ela voltou a encarar-me. — Eu encontrei o meu caminho, e não posso deixá-lo perder o seu.

— Fique, apenas fique — limitei-me a dizer, pois mesmo sem fúria e raiva, ainda me sentia culpado. Culpado por erros do passado, pelo pecado e pelo abandono.

— Mas eu ficar não fará você conseguir perdão, porque eu não preciso dá-lo a você. A culpa que você não tem é uma ilusão sua. — Ela foi direta e assenti, fechando os olhos.

Mônica afastou-se, pegando suas roupas e deu as costas, subindo lentamente a escada. Fitei seu corpo nu, um convite tentador demais, não por ser carnal, mas por ser ela, e assim a segui, ansiando por tê-la ao meu lado uma noite.

Deitei na cama ao seu lado, e Mônica aninhou-se contra o meu peito, enterrando os dedos nos meus pelos, e fitou-me por minutos em silêncio.

— Perdoei minha mãe. — ela pareceu ter decidido contar.

— Por que quis, ou por que eu pedi?

Ela sorriu irônica, fechando os olhos.

— Porque você me ensinou o perdão, Armando. Se eu não quisesse, seu pedido seria inútil. — Compreendi o que ela queria insinuar e fitei o teto na penumbra do quarto, iluminado apenas pela claridade da sacada.

— E Cecília?

— Minha mãe decidiu recomeçar, sem mágoas do passado, sem se julgar pelos erros. Ela tem uma vida pela frente, ela pode vivê-la sem pensar no que já viveu. — E compreendi que o assunto não era exatamente Cecília.

— Todos perdoaram? — sussurrei.

— Meu pai foi o primeiro a perdoá-la, provavelmente por ver suas fraquezas, ela veio a mim e depois tentará conversar com o meu irmão, mas acho que de todos.

— Você foi a que mais se magoou. — Completei, pegando sua mão no meu peito e beijando-a. — Não pegue a dor dos outros, Mônica.

— Se amamos, também sentimos. — Ela voltou a encarar-me — Como foi? — Compreendi sua pergunta e silencieei-me, fechando os olhos para relembrar alguns dos momentos mais angustiantes para mim.

— Compreendi que, às vezes, o que dizemos para confortar as outras pessoas não é o suficiente para nós — sussurrei e Mônica acariciou meu rosto.

— O melhor conforto apenas nós podemos nos dar. — E era verdade. Em meu tormento, havia me crucificado no inferno, e na tristeza não haveria alguém que pudesse apontar o caminho, porque apenas nós sabemos o caminho que conseguimos trilhar.

Eu sofria também por Mônica, que na minha cama, estava ao meu lado, mas eu precisava percorrer o meu inferno, e se estivesse disposto a enfrentar a culpa e meus demônios, precisaria ser crucificado na minha cruz, sozinho.

Peguei sua mão e apertei-a, mantendo sobre o meu peito, enquanto sua respiração tornou-se pesada em um sono profundo, mas assim como naquela noite e nas noites que seguiriam, eu não dormi.

Em meu inferno, eu sabia que estava descendo cada vez, e em algum momento eu precisaria olhar para o alto e buscar minha subida. Nela, precisaria enfrentar os meus tormentos e expulsá-los, ao invés de abraçá-los.

Mônica estava certa, e de certo modo eu poderia saber disso desde o princípio, mas a cegueira, às vezes, é mais confortável. Eu poderia ser cego durante a noite que passaria com Mônica, deixando-a também cega diante do caminho que eu iria tentar encontrar.

E esse, mesmo com dor, precisaria percorrê-lo só, pois é necessário carregar nossa cruz, sozinho, para enterrá-las de vez junto com o tormento. Se isso seria um novo começo, eu também precisaria enfrentá-lo. Mônica havia achado seu caminho e perdão, e eu precisaria

encontrar o meu e aceitá-lo.

Eu conhecia e estava no meu inferno, e diante do tormento, eu precisava sair de dele, acompanhado apenas do perdão e da paz.



XLI – Limbo

(Mônica)



Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz.

Platão.



O amor é paciente o suficiente para abrir mão sem esperar que volte, porque a felicidade não está em ter, mas em sentir. Não poderia ser hipócrita, dizendo que jamais amei, pois paixões são minúsculos amores que aprendemos a sentir, e eu já havia me apaixonado várias vezes durante a vida.

Mas o sentimento de amor talvez seja o mais judiado de todos, pois suporta desde a ira até a indiferença, desde a companhia até o abandono, e se ele acaba, se torna uma tristeza. E por isso, também tinha fé. Uma fé no amor, no amor dado e no amor recebido, e que mesmo em caminhos perdidos, poderíamos nos encontrar.

Eu já fora frívola, talvez até fria, mas não por não sentir amor, mas por fugir dele. Uma fuga para não precisar sofrer, porque na maioria das vezes, quem ama sofre, e sofre mais do que uma pessoa frívola. Estava sendo errada por buscar proteger-me, sem ferir os outros? Diante da indiferença, quem ama sofre, diante da raiva, quem ama sofre, diante do abandono, quem ama sofre. E por fim, diante da morte, há uma perda grande demais dentro do amor.

Baseada na ciência, eu poderia explicar diversas formas que nosso corpo se comporta

diante do amor, como o arrepio, a dilatação das pupilas e até a sensação de segurança liberada pelo nosso cérebro, pois diferente da paixão, o amor não acelera o coração, e sim o conforta, porém, a subjetividade é mais bonita e poderia explicar a sensação que tive ao abrir os olhos e encontrar o lado da cama vazio, onde Armando deveria estar.

Nessa subjetividade do amor, senti dor, senti a perda e também o conforto, por saber que ele não havia partido por não me amar ou por não querer estar comigo, mas porque, quando perdido, nos tornamos frágeis demais, e precisamos morar só dentro de nós mesmos.

Como um doente que esconde sua doença, quem está machucado também esconde seu machucado dos outros. Armando estava atormentado, e como ele dissera, despedaçado. Só ele encontraria suas próprias partes e sua fé, como sozinha, eu encontrei a minha.

E ao relembrar tudo o que passamos, compreendia, pela ideia religiosa, que eu fora a cobra que o tentara, e agora, Armando precisaria encontrar seu caminho de volta ao seu Paraíso. Se ele decidisse estar só, e abandonar todo o passado, eu também teria um caminho para continuar.

Armando tinha medo de encarar-se, assim como eu tivera, mas enfrentei-me, e ele também iria precisar. Dei o conforto que poderia, e agora era a sua vez.

Não poderia mentir e esconder de mim mesma que eu não sentia sua falta, pois sentia. Sentia a falta de ter alguém para ter as conversas como ele fazia que me guiava para refletir sobre algumas ideias que antes, pareciam certas, mas depois de ouvi-las em voz alta, eram erradas demais.

Sentia falta de tê-lo na minha cama e da sua simples presença, porque para mim, isso era o amor. Era não precisar ter e se contentar com a lembrança da presença. Eu iria esperá-lo sem pressa, sem cobrança, e se ele quisesse seguir adiante, não seria com raiva mais que eu iria lidar. Ele me amou e eu o amei, e isso bastou, aprenderíamos a nos esquecer, e amar novas pessoas.

— Irá querer almoçar? — Vincenzo abriu a porta da minha sala, consultando o relógio. Arregalei os olhos, surpresa com a hora e notei que havia me perdido nas lembranças.

— Não. — Levantei-me, pegando o jaleco e vestindo-o. — Preciso passar no leito do Michello, perdi a hora de manhã e atrasei o acompanhamento de todos os pacientes.

— O consultório abre à uma e meia. — Vincenzo avisou surpreso e neguei novamente. Parei na sua frente, relembrando que ainda havia seis pacientes para visitar.

— Atenda para mim, por favor? Chegarei atrasada, e sabe como é o supervisor. — Sorri e ele riu, assentindo.

— Vou querer bolinhos no café da manhã de amanhã. — Ele cobrou e deu as costas, avançando pelo corredor. Parei na porta, surpresa pela forma com que Vincenzo havia se mantido afastado, apenas como amigo. E a amizade era apenas o que poderíamos ter, e ele já havia aceitado.

Avancei pelo corredor, consultando os pacientes que ainda faltavam, mas conforme avançava, voltava a pensar em Armando. Não com raiva pela sua ausência, ou triste com sua falta de tato por fim, partindo sem dar adeus, mas com compaixão por saber que ele havia ido buscar um meio de se encontrar.

Se nessas duas semanas que haviam se passado ele havia se encontrado, eu já não sabia, assim como já não buscava saber onde ele estava. Estávamos indo adiante na nossa vida.

Entrei no quarto de Michello, uma criança de seis anos.

— Como está hoje? — perguntei e a mãe sorriu.

— Michello está se sentindo melhor. — Ela acariciou os cabelos do filho e peguei sua prancheta, analisando seu estado clínico. Demorei com ele assim como demorei com os próximos, e quando estava prestes a sair do quarto do último paciente, a porta se abriu.

— Dra. Fattin. — A enfermeira que eu conversara durante a semana estava parada na porta, com um envelope. Guardei a prancheta e fechei os olhos, ciente de que todos estavam olhando para mim.

Não costumo sentir emoções fortes, porque não gosto de sentir o meu corpo desequilibrado, mas minhas mãos tremeram em uma espécie de suor frio, e meu coração acelerou o suficiente para fazer-me acompanhar a enfermeira para fora do quarto. Peguei o envelope e agradei, guardando-o dentro do bolso do jaleco para tirá-lo de vista.

Se não vemos, não temos tanta curiosidade, e arrisquei dessa forma. Continuei até o consultório, e lá passei à tarde com os meus pacientes e já não mais com os meus pensamentos. A rotina estava me levando, e eu estava deixando-me levar.

Já em casa, eu o larguei sobre a bancada da sala, ciente de que uma hora ou outra eu precisaria abrir, mas deitei na cama e passei horas refletindo sobre o que poderia acontecer ou não, porque eu ainda estava amando, e eu ainda imaginava de outra forma. Mas a imaginação, levada pelos nossos sentimentos, às vezes, nos dá asas demais para voar em um espaço pequeno, e mesmo que saltemos, Jamais alcançaremos grandes altitudes.

Eu tinha ciência de que estava deixando-me levar pela imaginação também, quando o real estava na minha frente e eu estava fugindo como uma criança com medo, diferente de todas as

crianças que eu atendia: elas enfrentaram suas duras realidades, mesmo quando não eram boas, e muitas vezes eram seus sorrisos que confortavam os pais. Crianças são corajosas, porque ainda não conhecem o medo, diferente dos adultos, que por conhecê-lo, se apegam a ele.

Como eu dissera para Armando uma vez, estava vivenciando, e compreendendo que palavras são mais fáceis de dizer do que viver: deixar o tempo decidir. Eu estava tentando, e se conseguisse, manteria por mais tempo aquele envelope fechado, assim como Armando em busca do seu perdão, sozinho.



XLII – Redenção

(Mônica)



Amar é uma forma de crer em silêncio.

Padre Fábio de Melo.



O impulso é um instinto animal, vindo dos nossos ancestrais em nossa evolução, que se enraizou dentro do raciocínio humano e nos torna mais animais do que humanos. E também ultrapassa a razão e nos leva a fazer o que antes visto como loucura se torna uma necessidade.

Devemos ao instinto a coragem, a determinação e também a força necessária de buscar o que na verdade poderia ser apenas emoções. E também devemos ao instinto muitas das nossas falhas, que diante do perfeito, nos torna o que somos exatamente: humanos, com falhas mais do que virtudes, buscando aprender com os erros e negando-se com outros. Um instinto de nos preservar diante do sofrimento e de qualquer emoção que nos machuca, porque sangrar dói, mas doer sem sangrar é ainda mais sofrido.

E o instinto busca essa dor e ao mesmo tempo busca acabá-la. Poderia acreditar em Deus, como estava fazendo, poderia ter fé, como eu já tinha, mas jamais poderia negar a ciência que havia aprendido. Havia divindade, havia bondade e criação, mas também havia a evolução humana e seus instintos, e eu era mais humana.

Armando, em sua utopia pelo certo e errado, pelo pecado e pelo divino, colocava-me como seu anjo, e mesmo que não dissesse, eu havia visto no modo como me tratava, em suas palavras e

olhares. Seus gestos diziam mais do que ele queria, mas ele também estava iludindo-se. Eu não era bondosa como ele pensava, muito menos, santa ou divina. Eu era humana como ele, com falhas e buscando acertar, com impulsos que, talvez, fossem errados, mas eram na tentativa de encontrar a paz que poderíamos ter. E mesmo que ele não tenha notado, eu havia agido por impulso, eu havia tido as falhas necessárias para tentar ajudar, e também o amor suficiente para fechar os olhos.

E por impulso, eu havia dado ao meu instinto a necessidade de não dar mais tempo ao tempo, e assumir os riscos que queria correr. Fechei a mala, ciente de que não tinha uma direção e sentei na cama, fitando as horas da manhã. Eu não tinha uma direção nem um número, porque o celular de Armando dava direto na caixa postal, e eu não sabia onde encontrá-lo.

Ele havia ido embora como provavelmente havia feito como quando eu o encontrei naquela cabana. Levantei, e com a mala avancei para a sala, pegando minha bolsa e colocando o envelope dentro dela. Tranquei a casa, e dentro do carro mandei uma mensagem para Vincenzo, agradecendo por ele cobrir meu horário no plantão e que no fim de semana do dele, eu trabalharia em seu lugar.

Eu não sabia por onde começar, mas precisava. Dirigi até a paróquia que uma vez tinha Armando como padre e parei em frente à Igreja, a fitando por alguns segundos. Eu havia a frequentava, mesmo já sem Armando, e com nostalgia me lembrei de quando o encontrei dentro dela. Fechei os olhos e sorri diante da lembrança.

Desci do carro e entrei na Igreja. Fitei o altar montado, os candelabros com velas acesas e as luzes ligadas. Fiz o sinal da cruz e ajoelhei-me em um banco. Senti-me estranha, mas rezei, sem nenhuma oração decorada ou algo contado. Apenas comecei uma conversa em silêncio e ao longe vi uma mulher organizando o altar. Fui até ela.

— Senhora. — Chamei-a alto e a mulher olhou-me surpresa.

— Precisa de ajuda. — Ela deixou a frase no ar.

— Mônica, Mônica Fattin. — Completei sua frase e a vi sorrir. Subi os degraus que nos distanciavam e estendi a mão. — Prazer.

— Eleonor Montenegro. — Ela me cumprimentou com um grande sorriso.

— Estou procurando um antigo padre dessa paróquia — hesitei, vendo-a me encarar surpresa. — Tenho uma encomenda para ele — menti. — E precisava entrar em contato.

— De qual padre estamos falando, Mônica?— Eleonor passou as mãos nos cabelos curtos e louros, tirando-os do rosto e apoiou um braço no altar.

— Armando Ferrazzi.

— Ah, Armando. — Ela sorriu e não pude conter o sorriso também. — Ele saiu da Igreja já há algum tempo.

— Sim — concordei. — Procurei em sua casa, mas ele também não está mais lá.

— São coisas da vida, não é? — ela sussurrou. — Soube que ele pediu afastamento. Às vezes, as decisões durante a vida mudam. O que ela certo na juventude parece errado na vida adulta, talvez tenha sido isso. — Ela deu de ombros. — Mas ele é um bom moço.

— Eu sei — murmurei. — Os momentos mudam.

— Os gostos mudam, as pessoas mudam também. Veja só. — Ela sorriu. — Fui professora e também cuidava de idosos, agora com crianças estou feliz.

Assenti, sem querer prolongar o assunto, pois tinha uma estrada para pegar.

— Não saberia algum número para ligar? — pedi educada. — Tentei o dele, mas dá na caixa. Talvez algum familiar?

Ela franziu o queixo, pensativa e assentiu.

— Talvez ele tenha deixado um número de emergência quando fez toda a ficha aqui. — Ela deu as costas. — Deixe que irei procurar.

Aguardei alguns minutos enquanto Eleonor desapareceu por uma porta, e quase dez minutos depois, retornou com um pedaço de papel e um sorriso radiante.

— Acredito que seja da mãe dele, como um número de emergência. — Ela estendeu na minha direção e pareceu hesitar. — Espero que ele não esteja encrencado, é um moço tão bom.

Peguei o bilhete, sorrindo.

— Não, não está. Muito obrigada, a senhora me ajudou muito. — Agradei e saí da Igreja, voltando para o carro. Disquei o número, ainda fitando a Igreja, e o telefone chamou. Uma, duas vezes.

— Alô. — A voz de uma mulher atendeu. Franzi o cenho, mas parecia familiar.

— Com que eu falo?

— Ivette, com quem gostaria? — Sorri, colocando uma mão no volante.

— Ivette, é a Mônica, Mônica Fattin, amiga — hesitei. — de Armando.

— Eu não me esqueci de você. — Ela riu. — Como está?

— Estou bem. Sinto muito pelo Ari, soube dias depois apenas — murmurei. — Gostaria de poder vê-la.

— Já estou em Pisa — ela pareceu descontente.

— Eu sei. Estou indo aí. — O silêncio no telefone me deixou apreensiva.

— Vou adorar recebê-la. — Por fim ela cortou o silêncio. — A casa parece muito vazia agora. — E com isso, compreendi que Armando não estava lá.

— Daqui algumas horas estarei aí, então. — Sorri. — Passe-me o endereço por mensagem?

— Claro. Vou aguardar com um bolo. — Ri diante disso, e percebi que a carência por se sentir só pela perda do marido havia chegado até para Ivette. Desliguei e aguardei até meu celular vibrar nas mãos com o endereço, e o coloquei no GPS. Pela estrada, demoraria quase uma hora, e parti.

Dirigi devagar, lembrando-me da minha última noite com Armando, e de como ele estava descrente e sem esperanças. De como se culpava demais quando talvez não houvesse culpa. Suspeitava de alguns motivos, mas também não era o momento certo para perguntar ou insistir. Atormentar os demônios dos outros é maldade demais.

Havia contado para minha mãe, tentando criar um laço que havia sido desfeito, e durante as duas semanas que haviam se passado, ela ligou-me todas as noites, perguntando apenas o necessário e me deixando a vontade de contar o que eu quisesse. Ela havia ido para a França atrás do meu irmão e lá passaria um mês com ele e com o perdão que havia conseguido.

De certa forma, percebia, ao lembrar isso, que ainda sim éramos uma família, e com lágrimas nos olhos continuei pela estrada conforme o sol começava a subir cada vez mais, quase à pino.

Cheguei a Pisa antes do previsto pela estrada pouco movimentada pela hora, e eu sabia que Armando não estava lá, mas talvez conversar com Ivette fosse o necessário para entender por final. Dirigi pelas ruas buscando seguir o GPS e comecei a me afastar do centro de Pisa. Peguei uma estrada que seguia para os arredores e vislumbrei uma grande casa no final da rua, com um enorme gramado ao redor de toda casa, junto com árvores, uma varanda de madeira e a casa de tijolos brancos, antiga e reformada com dois andares.

Estacionei em frente, trancando o carro e avancei apenas com a bolsa. Olhei ao redor, vendo o jardim contornando a casa, bem cuidado e subi os degraus, batendo na grande porta de madeira da frente. Ouvi barulho e então a porta abriu, revelando Ivette sorridente, com um longo

vestido e os cabelos presos em um coque.

— Mônica. — Ela parecia feliz demais e me puxou para um abraço. Retribuí o aperto e fui puxada para dentro da casa, sentindo-me dentro de um lar. Olhei ao redor, vendo o hall da casa iluminado, os tapetes espalhados, e conforme a seguia para a sala, fitei os quadros familiares pendurados nas paredes que subiam para os quartos pelas escadas de madeira. — Fiquei muito surpresa com a sua ligação. — Ela me guiava pela casa.

— Precisei ligar. — Expliquei, ainda olhando ao redor, pela mobília antiga, feita de madeira, os enfeites antigos e vários porta-retratos.

— Por um momento achei que você estava procurando por Armando, mas quando quis vir mesmo assim, fiquei tão feliz.

— Adoraria conversar e seria uma oportunidade. — Ela parou no meio da sala, me esperando, e voltei a atenção para ela, parando de observar sua casa. Uma grande janela de vidro se abria para a varanda de madeira, que descia com degraus para o grande gramado atrás da casa. Parei por um instante, observando, e Ivette sentou-se.

— Gostaria de um café?

— Não, muito obrigada. — Sentei-me ao seu lado, deixando a bolsa encostada no sofá, e ela pegou minhas mãos.

— Fiquei preocupada com você também. — Ela confessou e arqueei as sobrancelhas, surpresa. — Ari me contou que você conversava com ele. — Sorri constrangida diante disso e ela continuou sem se importar. — Ele me disse que conversar com você era bom, fazia ele se esquecer da vida um pouco e ficava esperançoso que. — Ela deu de ombros, afagando minhas mãos, e senti sua saudade dele.

— Eu também gostava dele. — Cortei o assunto. — Como está sendo a vida agora?

— Estou voltando à rotina. A casa, às vezes, parece vazia, mas é minha, e eu me sinto em casa.

— É uma casa muito bonita — concordei.

Ela começou a me contar sobre a construção e então sobre histórias da infância de Armando, rindo e esquecendo o sofrimento por quase uma hora, contando sobre histórias engraçadas, como se gostasse de lembrar tudo. Olhava a casa enquanto ela contava, satisfeita por ver o quanto eu dava ouvidos e me mostrava interessada.

— Construimos há mais de quarenta anos, e há pouco tempo reformamos tudo. — Ela

também olhou ao redor, satisfeita. — Esperava que Ari também pudesse aproveitar. — E notei que novamente ela adentrava no assunto, como se necessitasse desabafar. Peguei suas mãos nas minhas e as apertei.

— Sei que nem somos próximas, Ivette, mas se quiser contar o que sente com isso, pode contar. Poderia dizer que sei a sensação da perda por ver meus pacientes.

— Obrigada, Mônica. Fiquei tão feliz quando a vi com Armando. — Ela pareceu decidida a falar. — Quando finalmente eu o vi fazendo as escolhas certas.

— Não é bem assim — murmurei com pesar.

— Não, era a escolha certa, eu tenho certeza — Ivette afirmou, apertando as minhas mãos e franziu o cenho. — Armando não tinha vocação, nunca teve, eu conheço o meu filho. Era um sofrimento calado e até Ari sabia, por isso, eu acho que ele morreu feliz.

— Mas não estamos mais juntos, Ivette.

— Por escolha de Armando, não é? — Ela arqueou as sobrancelhas.

— Por nossas escolhas, temos mais envolvido na nossa vida do que apenas amor e um ao outro. — Tentei explicar. Ela assentiu, desviando o olhar e fitou um porta-retrato antigo, com uma foto dela com Ari e Armando criança.

— Sinto a casa vazia, pela primeira vez. — Ivette encheu os olhos de lágrima e silencieei. — Familiares e amigos vieram depois da morte de Ari, mas ainda sinto sua falta.

— Vocês viveram juntos por muito tempo.

— Eu sabia que ele ia morrer, entende? — Ela olhou-me nos olhos. — Quando o levei para Lucca, nós dois sabíamos que não sairíamos de lá juntos, porque o diagnóstico foi feito aqui. O médico deu semanas para ele e eu. — Ela perdeu as palavras, deixando as lágrimas espalharem a dor pelo rosto. — Eu sofri calada, porque Ari era assim, ele não queria me ver sofrer. Ele ria e dizia que Deus o queria lá em cima mais cedo, para guardar um lugar para mim no futuro.

— E ele não pode estar certo? — murmurei.

— Deus nunca faz errado, e Ari parou de sofrer, me conforto por isso. — Ela concordou. — Mas sinto sua falta, a casa é grande, a vida que tive ao seu lado foi longa, e mesmo depois de tanto tempo eu ainda o amava.

— E você vai continuar amando-o — sussurrei. — Eu também sofria com a morte, mas diferente de você, eu não a aceitava.

— Nós temos que aceitá-la. Talvez seja o único fato na vida que precisamos aceitar, porque é inevitável. Mas eu sei. — Ela balançou a cabeça. — Ari morreu feliz, feliz porque sabia que nós estaríamos felizes aqui, depois de algum tempo. Só espero que esse tempo chegue.

— Claro que vai chegar.

— Ele restaurou toda a casa. — Ela apontou para a varanda atrás de nós. — Colocou novas madeiras, colocou as gramas e fez todo o jardim com ele, e todos os dias enquanto estávamos sentados na grama, plantando, ele me perguntava.

— O que ele perguntava?

— Quando Armando sentaria com nós na grama e nos contaria que estava para ficar, não para ficar morando conosco, mas para ser feliz com nós. — Ela chorou. — Ele também se sentia culpado, e desejava que Armando fosse feliz, porque meu filho não era.

— Ari se sentia culpado? — Franzi o cenho e ela encarou-me em silêncio.

— Somos muito religiosos, Mônica, mas eu não dou crédito ao que não acredito.

— Sim, se você se refere ao milagre. — Comecei e ela negou, me silenciando.

— Não. — E voltou os olhos para a sacada. — Nunca houve milagre, isso só aconteceu na cabeça de Armando, que precisava se confortar com a ideia. Quando Ari voltou a ficar doente, nós dois sabíamos que colocaria em xeque toda a crença passada de Armando, e quando Ari morreu, eu vi isso em Armando. Claro que ele sofre com a morte do pai, eu sofro, eu sofro muito, todas as noites, porque a ausência é muito grande, eu sinto muita falta, mas eu aceito. Já Armando. — ela suspirou.

— Ele não aceita, não é?

— Ele não se perdoa. — Ivette murmurou e levantou-se. — Venha ver o jardim. Segui-a pela varanda e descii os degraus de madeira. Sob o sol, paramos no gramado e ela levantou a cabeça. — Você ama o meu filho, Mônica?

— É por isso que estou aqui, Ivette. Nós começamos errado, principalmente eu.

— Sim, por causa da sua mãe. — Ela deixou claro que sabia e me encarou. Silenciei-me, sem saber o que responder. — Armando me contou sobre Cecília e toda a mentira.

— Eu sei — murmurei, sentindo o mesmo embaraçamento que fizera Armando sentir tantas vezes. — Eu comecei errado.

— Será? — Ela sorriu. — Entenda, não a julgo, Mônica, e acho que nem a mentira foi o

que deixou Armando bravo, mas o que significa a mentira e omissão para ele. — Ela hesitou e deixei o silêncio, pois ela parecia querer continuar. — Acho que nada começou com Cecília, mas bem antes.

— Mas vingança não foi uma boa forma.

— Mas você a perdoou, não perdoou? — Ela perguntou com um sorriso.

— Como sabe?

— Senão também não estaria aqui. O perdão pode mudar as pessoas, e no final de tudo, mãe é mãe. Se uma mãe perdoa tudo o que um filho faz, um filho também tem a capacidade de perdoar os pais, e bem. — Ela voltou a encarar as árvores à nossa frente. — Eu não conheço Cecília, mas acredito que ela foi sincera em seu pedido.

— Ela também sofreu, e por mais que eu a tenha julgado por ter feito os outros sofrerem, talvez não tivesse sido por maldade.

— Ah, sim. — Ela sorriu. — Nós sabemos quando há intenção maldosa e quando há desespero.

— Acho que o desespero nos faz errar.

— E todos erram, não é? — Ivette me encarou.

— Todos e passaremos a vida inteira tendo erros e acertos. — murmurei.

— Estar aqui é um acerto para você? — Encarei-a surpresa.

— É uma tentativa.

— Por que deixou Armando partir, se o amava? — Ela parecia curiosa e sorri, sentando-me no chão sem perguntar. Ivette riu. — Minhas costas podem não me permitir, mas já que estou com uma médica, vou arriscar. — Ela falou com um grande sorriso e sentou ao meu lado. Ri com ela, passando as mãos na grama.

— Deixei Armando partir porque o que ele buscava não estava comigo, e eu nem poderia dar a ele — confessei e a encarei.

— E o que ele buscava?

— Alguma espécie de fé e perdão, e talvez, uma redenção por todos os seus tormentos. — Olhei ao redor, deixando o vento sobre nós.

— Ah, os tormentos do meu filho, ele vivia atormentado, não é?

— É. — Ri. — Ele dizia que era pecado o que tínhamos, um padre e uma mulher.

— E o amor seria?

— Não, o amor não é pecado, mesmo agora que acredito em Deus, não o vejo dessa forma.

— Era descrente? — Ivette já sabia, mas ela queria ter certeza.

— Já contei no hospital. — Lembrei-a. — Mas sim, eu tinha uma fé em nada, em como deveria ser o mundo, selvagem e sem uma força divina.

— E o que a fez mudar?

— Armando. — Encarei-a. — E quando digo ele, não digo o amor ou a paixão, mas ver nele uma fé admirável, ver como ele tinha fé e também queria me sentir assim.

— E agora, Mônica? — ela indagou preocupada. — Armando perdeu a fé.

— Não, Ivette, ele não perdeu a fé em Deus, mas em si mesmo, e também por isso estou aqui. — Fitei-a em silêncio.

— Se você o ama não se sentiu traída por que ele partiu? — Ela parecia me investigar.

— Não, não poderia culpá-lo por ele querer se encontrar, achar a paz em algum lugar. Eu não poderia dar para ele, então de nada adiantaria estamos juntos se ele vivesse como um condenado ao meu lado. Acho que amor, Ivette, é como a sua perda. Ari não está mais aqui, mas você está feliz acreditando que ele está feliz e em um lugar melhor, não é? — Perguntei franca e ela começou a chorar em silêncio. — Continuamos amando. — Peguei suas mãos.

— E como fazer alguém parar de se culpar pelo passado? — ela sussurrou disposta a me contar.

— A culpa acaba com o perdão e, mesmo sem saber o motivo de alguns tormentos de Armando, ele precisa se perdoar — hesitei. — Armando acreditou no milagre, não é?

— Ele apostou no milagre.

— E nunca existiu.

— Não. — Ivette desviou o olhar. — Quando Ari adoeceu, começamos o tratamento, e o médico disse que poderíamos ter bons resultados.

— O milagre de Armando é a medicina. E quando a medicina falhou, ele culpou-se por ter acabado com o milagre quando largou a batina por se envolver comigo. — E insisti. — Essa é a única culpa de Armando, Ivette? Ajude-me para que eu possa ajudar Armando.

Ela pareceu vacilar, fechando os olhos por segundos, e ainda de olhos fechados, deixou as lágrimas deslizarem pelo rosto.

— Armando contentou-se em acreditar no milagre para se ocultar da dor — ela sussurrou.

— E qual dor era?

— A dor da perda e escolha. — Ela por fim desabafou. — Armando não contou sobre o passado dele, não é?

— Contou partes, porque levaríamos a vida inteira para saber de anos de uma pessoa — murmurei e ela apertou minhas mãos, fitando-me.

— Ele nunca quis ser padre antes. Quando jovem, um pouco antes de Ari adoecer, ele namorava uma moça. — Ela sorriu triste. — Eles deveriam ter seus lá vinte e poucos anos na época, eram novos e impulsivos.

— E então Ari adoeceu?

— Sim. — Ela balançou a cabeça, fitando as árvores que chiavam com o vento. — Ele ainda namorava quando Ari adoeceu. Descobrimos numa tarde de verão a doença, era assintomática, até surgir manchas pela pele. O médico disse que foi muito sol ou genética. — Assenti, deixando-a continuar. — Kiara, a namorada de Armando, ficou ao lado dele durante todo o tratamento do pai, até se mudou para essa casa. — Ivette parecia nostálgica. — A família dela era de longe, então ficou com nós. E bem, o tratamento já estava começando a fazer efeito, até que uma noite Armando me contou que acreditava que um milagre iria acontecer. — Ela fitou-me com mais lágrimas. — Naquela noite eu chorei, mas não chorei por Ari, mas pelo meu filho, porque ele estava traçando um destino por causa de um milagre que era inexistente.

— O tratamento fez efeito conforme o médico havia previsto. — Concordei.

— E o médico previu que talvez pudesse voltar, mas Armando não se importou, porque ele tinha muita fé no milagre. Ele havia feito uma promessa, e acreditou no poder disso. — Ivette contou.

— Ele prometeu ser padre, não é?

— Sim. — Ela chorou. — E quando Ari chegou a casa, bem. — Ela deu de ombros. — Tivemos que socorrer Kiara.

Franzi a testa sem entender.

— Como assim? — Eu suspeitava, mas ouvir da boca de Ivette era certeza, e assim, não restava espaço para dúvidas.

— Armando decidiu se tornar padre quando Ari voltou para casa. — Ela arqueou as sobrancelhas. — Lembro como se a noite tivesse sido ontem. Ari chegou e Armando estava feliz, ele estava feliz pelo pai. Era amor demais, fé demais, não que seja errado, mas levar isso ao fanatismo de não ver as verdades é. — Ela fechou os olhos. — Ninguém compreendeu até Armando dizer que era um milagre, e que a partir do milagre, ele se devotaria a fé.

— Ele contou que seria padre.

— Sabe como Armando é decidido, e talvez até teimoso. — Ela encarou-me. — Ele contou que seria padre e não deu oportunidade para ninguém perguntar nada, nem questionar. Como ele me disse depois, ele fez a escolha dele sem pensar em ninguém, principalmente em que estava sendo mandada embora, Kiara.

Emudeci, assim como ela, começando a compreender o que havia acontecido, e foi Ivette quem por fim cortou o silêncio.

— Kiara era jovem, estava começando uma vida, começando os estudos e não sabia como seria o futuro. Ela amava Armando, mas ele amava mais o milagre e a fé, e bem. — Ela deixou as lágrimas escorrerem novamente. — Ela ficou desesperada por estar grávida de um homem que seria padre.

— Mas Armando.

— Ele não sabia. — Ivette interrompeu-me, fitando-me aflita. — Kiara iria esperar Ari sair do hospital para contar, como se pudesse comemorar, mas Armando foi tão decidido em virar padre que ela não quis contar, ela guardou para si. Nem nós sabíamos — ela suspirou como se estivesse cansada e angustiada. — E com a decisão de Armando, apoiando-o, porque ele acreditou no milagre, Kiara abortou a criança, só assim ficamos sabendo.

— Ela sobreviveu?

— Sim — Ivette limpou as lágrimas. — Ela colocou o meu nome como número de emergência. Ligaram-nos de noite, alguns dias depois que Ari retornou do hospital, ela havia abortado clandestinamente e acabou tentando hemorragia. Foi parar no hospital, e sem familiares, ligaram para nós.

Permaneci calada, surpresa e talvez em um estado de choque por saber o quanto Armando poderia se culpar. Fitei a grama entre meus dedos e franzi o cenho.

— Ele se culpa pelo aborto também.

— Ele a fez tomar essa decisão, mesmo que sem intenção. Armando se culpa, acreditando

que fez uma troca, a criança pelo milagre, mesmo que não soubesse, e por isso, se apegou tanto ao milagre. Ele não suporta acreditar que não houve, pois então torna a perda ainda pior e faz parecer que foi em vão, que foi por nada.

— E agora, com a morte de Ari, ele se culpa ainda mais, por acreditar que abriu mão do filho e também do pai. — Eu estava assustada com a ideia e ao mesmo tempo decidida a continuar o que pretendia, ainda mais.

— E Kiara?

— Armando partiu para o Seminário, tentando implorar perdão para Deus, como se fosse culpa sua, mas não culpou Kiara. Ele jamais poderia culpá-la, conheço meu filho, ele pega as dores dos outros para si. — Ivette estava angustiada. — E Kiara foi embora, voltou para a cidade dela e acho que também se culpou, porque nunca mais entrou em contato.

— Ela sabe que errou ter abortado — murmurei.

— Nunca saberemos o que é certo ou errado, Mônica, só o que o impulso e o desespero podem fazer. Se ela se culpa eu jamais saberei, mas sei que meu filho está por fim enfrentando a culpa que sente. Não quero saber o que é certo e errado, se é vida ou não, eu apenas sinto que todos perderam com isso.

— Ele não pode se culpar, ele também não sabia — tentei argumentar.

— Ele também não pode se culpar pela morte de Ari, mas se culpa. O que fazer diante disso, Mônica? Como fazê-lo entender que não existe culpa e o milagre que ele busca não é esse, mas é dado para todos nós: a vida? Como fazê-lo entender que nunca houve e nem por isso, escolher não ser padre não é errado? E escolher também não foi uma culpa? O que podemos fazer diante do tormento de outra pessoa? — Ela pareceu sofrer e juntei as mãos, largando as dela. Sofri ao pensar e compreender como ele sofria ao ver uma criança.

Por fim, eu sabia o que ele não quis contar, não por medo, mas por sofrimento. Contar é lembrar, e ele provavelmente sempre se lembraria. Eu sabia o que Armando manteve em seu silêncio e todas as suas dores, e diante disso, sofri por pensar em como poderia pesar sobre ele. Era duro, era doloroso e era a sua história, não poderia julgá-lo ou culpá-lo por não me contar, porque isso se dizia respeito apenas a ele, e sabendo, compreendia os seus tormentos.

Eu sabia todos os tormentos de Armando, eu sabia todos os seus demônios e precisava saber no fundo de qual poço ele se encontrava para ajudá-lo. Era por isso que eu havia buscado Ivette, e continuaria.

— Onde posso encontrar Armando, Ivette? Você sabe para onde ele foi? — pedi aflita.

— Armando veio aqui, Mônica. — Ela ainda tinha lágrimas nos olhos.

— Esteve?

— Mas não ficou nem uma hora e partiu — ela encarou-me, limpando novamente as lágrimas.

— Você não sabe para onde?

E com um sorriso, ela pegou-me nas mãos.

— Se você o ama, e talvez tenha vivido momentos como ele viveu, compreenderá o que ele me respondeu.

— E o que ele respondeu? — Meu coração havia se acelerado novamente, como havia acontecido no hospital.

— Ele disse que iria para o Paraíso dele buscar se encontrar — ela sussurrou, tentando notar se eu havia compreendido. — Compreende?

— Sim. — Sorri, deixando as lágrimas nos olhos também. — Eu sei onde ele está.

Ivette entendeu que já queria partir e levantou-se.

— Então vá, Mônica. — Ela puxou-me e me abraçou com força. Retribui seu abraço, agradecendo por ter contado mais do que Armando alguma vez havia dito.

Dei as costas, deixando Ivette com um sorriso na porta, e entrei no carro, ciente de que teria mais de duas horas pelo caminho para enfrentar, para então chegar ao lugar que havia sido o nosso Paraíso.

Eu havia dito que o deixaria ir, mas, às vezes, é preciso decidir voltar atrás do que decidimos para a nossa felicidade, para corresponder as nossas emoções e nossos desejos. Talvez antes não pudéssemos compreender o abismo, até cairmos nele e enfrentar-nos. Assim, ao ter forças de enfrentar os tormentos, recomeçar uma subida, para sair do abismo e encontrar no alto o real Paraíso: nós mesmos, e só assim poderíamos entrar no Paraíso um do outro, sem tormentos e sem conflitos. Eu havia enfrentado os meus, e agora, ciente dos de Armando, talvez ele também estivesse.

Eu estava indo para o nosso Paraíso, por mim e por Armando.



XLIII – Paraíso

(Mônica)



No Paraíso os anjos o acompanham.

Dalva Agne Lynch.



Paz não significa não ter problemas, mas aceitá-los de bom grado e tentar resolvê-los sem se abater com sofrimento. E paz, muitas vezes, pode ser também um paraíso.

E o que é o Paraíso, senão ter tudo o que amamos? Não o paraíso terreno, muito menos o material, mas o de espírito, aquele que nos leva pelos seus braços e nos faz esquecer que há um amanhã, pois o hoje é intenso demais para se viver qualquer outro momento adiante.

Por ele eu havia me vingado, havia me envolvido, me apaixonado e por fim amado. E também por Armando eu havia me arriscado, dado ao impulso e ao desejo necessidades próprias para me guiarem em um caminho que eu jamais iria planejar, mas que no momento era o certo.

Não o certo de certo e errado, mas o certo para nós, e era apenas isso que importava.

Eu havia feito Armando iniciar sua queda, e no final, eu também queria poder ajudá-lo a se reerguer, não mais como padre, mas como homem, que era o que ele sempre foi. Um homem com falhas, acertos, medos e tormentos demais para lidar tão rápido.

Foi preciso dar o meu perdão para eu poder ajudá-lo, e foi preciso eu amar para compreender que há luz mesmo na escuridão, e que mesmo na perda, podemos encontrar

conforto. Ele havia perdido muito mais do que a batina, mas sua fé em si mesmo, no milagre e também uma criança, e eu precisava apontar que diante disso, poderíamos ter mais do que o que fora perdido.

Dirigi em silêncio pelo caminho já conhecido, e lembrei-me de quando estávamos juntos nessa estrada, buscando apenas dias de esquecimento, para fugir dos conflitos que tínhamos, quando na verdade estávamos levando-os junto. Estaríamos novamente ali, e talvez agora encontrássemos um fim. O que esse fim poderia significar para cada um eu já não sabia, e mesmo com medo de descobrir, continuei a dirigir, cantarolando uma baixa música para não pensar em como proceder com Armando.

Armando era um homem difícil de compreender a fundo, mas quando descobri todo o seu sofrimento, pude compreender mais do que qualquer noite de sexo que tivemos, porque no sexo descobrimos o corpo, mas na intimidade e na dor descobrimos o outro.

E era pelo que vi e senti com Armando que eu havia me apaixonado, e mesmo vendo-o tão caído, ele precisava passar por isso.

Continuei pela estrada, fitando as árvores ao redor e sorri ao lembrar como ele havia confessado que havia me amado naquela casa, e que de certa forma, não havia medo naquele momento. Poderíamos viver novamente, ou se tornaria uma boa lembrança a ser lembrada?

O problema das boas lembranças é que elas também se tornam tristes, porque gostaríamos de revivê-las, mas não temos esse poder. Seria isso também o Paraíso? Morar nas lembranças e revivê-las uma por dia?

Ao dirigir pela estrada eu revivia aquela em que íamos juntos e depois de mais de duas horas dirigindo, visualizei a casa dos avós de Armando ao fundo, na colina que subia para os pomares de uva. Em frente havia uma camionete estacionada, e todas as janelas e portas da casa estavam abertas. Diminui a velocidade para que ele não ouvisse o carro, e continuei pela estrada que se estreitava com as árvores que a contornavam, e sob o sol da tarde estacionei ao lado da camionete. Fechei os olhos, ainda dentro do carro e com as mãos no volante.

O que eu encontraria quando entrasse na casa? O que eu viria em Armando? O quão caído ele ainda poderia estar?

E como poderia chegar ao seu fundo sem que ele fugisse? Porque ele tinha medo, medo de dizer sua dor e se perdoar, e eu precisaria ir ao fundo de tudo para conseguir. As árvores chiaram ao redor com o vento e peguei a bolsa, saindo do carro.

Não havia hora certa nem momento errado, apenas oportunidades de tentar, e eu iria tentar

buscar o que Armando havia abandonado: ele mesmo.

Contornei o carro e subi os degraus da casa, passando pela porta aberta. Atravessei o hall de entrada e fitei a sala iluminada pelo sol que entrava pelas janelas e pela claridade da grande janela que levava para a varanda. Seus sapatos estavam pelo caminho, assim como um casaco sobre o sofá e taças de vinho.

Percorri os olhos pela casa, lembrando-me dos dias com ele no sofá, das jantas e dos momentos tão íntimos, e meus olhos se fixaram nele, sentado no chão de madeira da varanda, com as pernas flexionadas e os pés no primeiro degrau que levava para os pomares à frente. Seus cabelos escuros e ondulados voaram com o vento, deixando sua fina camisa de frio branca balançar sobre o corpo.

Estava na hora de enfrentar o inferno e o céu juntos, o pecado e sua fé, talvez o que queríamos realmente e o que poderíamos ter e dar.

Caminhei até a janela e passei por ela, deixando as cortinas claras esvoaçarem contra mim e cheguei à varanda em silêncio, ciente de que ele ainda não havia notado minha presença, e aproveitando isso, sentei-me ao seu lado de súbito.

Ele virou o rosto e encarou-me tão surpreso que não teve palavras para expressar o que estava explícito em seu rosto. Ele não me esperava, eu não esperava e talvez juntos, pudéssemos nos surpreender.

Sua barba havia crescido escura e com fios grisalhos, e mesmo arrumada, era cheia como seus cabelos.

— Você? — Ele parecia espantado demais e sorri, deixando a bolsa para o lado.

— E a educação?

— Eu — ele hesitou, apenas encarando-me em silêncio.

— Você não precisa se desculpar pela forma, eu sei que não esperava minha presença. — Expliquei, vendo-o apertar as mãos. — Mas era para ser uma surpresa, e eu consegui, além de que eu não conseguiria avisá-lo, já que deixou seu celular desligado.

— Desculpe. — Ele arqueou as sobrancelhas, olhando para os pomares. — Eu precisava desse tempo.

— Eu sei que precisava.

— Desculpe-me por ter partido desse jeito, Mônica, mas eu não poderia ir e — ele hesitou, voltando a me encarar. — Também não conseguiria ir se tivéssemos que conversar.

— Eu também sei, Armando. Dei o seu tempo, e também o tempo para mim. Você não precisa se desculpar por precisar ficar sozinho para encontrar-se.

Ele abaixou o olhar e notei sua angustia ainda presente.

— Passei na sua casa também. — Tentei parecer contente, também olhando para os pomares. — Sua mãe gosta de casa grande.

— E meu pai de jardins que lembrem esses pomares. — Ele completou.

— Ela ficou feliz com minha presença.

— Minha mãe precisa de felicidade.

Assenti devagar e devagar busquei suas mãos, acariciando-as. Ele permitiu a aproximação e sorri, fitando-o me encarar em silêncio.

— Todos nós precisamos de felicidade, por mais obscuros que possam ser nossos dias e nossas amarguras na vida. Nossa vida não se resume apenas a perdas. — Enfrentei-o com o olhar, e Armando desviou os olhos, deixando-os imóveis, fitando os pomares.

— As perdas não resumem nossas vidas, mas arranca um pouco delas — ele murmurou apreensivo.

— Mas não toda. — Insisti e ele apertou minhas mãos, fitando-as. Espalmou-as dentro das suas e sorriu. Uma lágrima caiu sobre elas e Armando levantou a cabeça, fitando o começo do pôr do sol.

— Eu me sinto muito culpado por todas as minhas perdas, Mônica. Talvez se eu tivesse contado desde o início, você compreendesse como eu me sinto. — Ele franziu o cenho e neguei.

— Talvez por eu ter me apaixonado por você no escuro, eu passei a amá-lo na luz, e não seria o mesmo se fosse o contrário, Armando. — Contradisse e ele limpou o rosto com a outra mão em vão, pois mais lágrimas escorriam.

— Você veio aqui por nada, Mônica, desculpe-me.

— Você quer que eu vá embora? — perguntei sem hesitar, não para enfrentá-lo, mas para ter certeza se era a sua decisão, mas Armando fechou as mãos ao redor das minhas, mantendo-me ao seu lado.

— Não — ele sussurrou. — Mas não sei o que posso dar a você, porque já não tenho mais nada.

— E eu não quero nada, Armando, mas quero ajudar você a encontrar algo para si mesmo

— sussurrei. — Nem sempre o caminho que queremos trilhar é o mais fácil, e por isso, é bom ter alguém que esteja ao lado para ajudar.

— Mas você já tentou. — Ele ergueu os olhos para o céu.

— Eu não sabia tudo até então. — Conteí e Armando fechou os olhos, apertando minhas mãos. — Sua mãe teve fé em mim, sabia?

Ele sorriu, deixando as lágrimas avançarem em silêncio.

— Teve?

— Teve. Talvez ela tenha visto a minha bondade em algum lugar, junto com a minha fé. Quem diria que eu poderia ser a esperança da sua mãe. — Continuei a contar e Armando negou, mas avancei mesmo assim, porque às vezes é necessário ouvir quando se acredita na surdez para perceber que voz no silêncio. — Eu não sabia de tudo, mas agora eu sei.

Ele encarou-me em silêncio, pasmo e talvez assustado.

— Sobre tudo? — Ele franziu a testa, juntando as sobrancelhas. Afastei uma mão das dele e rocei meus dedos pelo seu rosto, contornando sua barba.

— Sobre o filho que não teve. — Fitei sua dor nos olhos. — Pela culpa por isso, e por acreditar no milagre e ver seu pai morrer. Sobre suas culpas e tormentos, culpas demais para uma pessoa só.

Ele largou minhas mãos e cobriu o rosto, não para chorar, mas para sentir-se sozinho, e silencieí-me ao seu lado para que absorvesse a ideia de que mesmo em sua culpa, eu estaria ao seu lado, não para julgar ou tentar colocar certezas minhas, mas para acompanhá-lo.

Em meio ao sofrimento, vendo-o agoniado ao meu lado, puxei-o e o fiz deitar a cabeça sobre meu peito, paciente com o seu silêncio, porque eu sabia que se ele havia decidido a vir para Cortona e estava assim, estava também disposto a tentar encontrar o seu perdão e essa foram a sua maneira de começar.

Iríamos começar juntos, e esse seria o lugar do nosso recomeço: um dentro do abraço do outro, um no Paraíso do outro.



XLIV – Céu



"Pode haver muitas visões diferentes do que o Céu é, porque o Céu é o que torna cada pessoa eternamente e totalmente feliz."

Mattie Stepanek.



A consciência pode ser nosso céu, mas também nosso inferno, nos fazendo ter noção de onde encontramos-nos. Diante da felicidade, nos dá a sensação de posse, diante do abandono e desespero, joga-nos em um abismo que ao compreender que estamos em seu fundo, nos sentimos desamparados, fracassados e por fim, acomodamo-nos no escuro, fugindo da luz que nos indica o quão fundo estamos.

Escolher dar-se ao abismo é o mesmo que abraçá-lo, correndo o risco de não termos forças o suficiente para escalar de volta a superfície, ou desejos o suficiente, pois como humanos, somos movidos pelo que nos conquista, pelo que nos motiva a desejar, e desprovidos do mesmo, tornamo-nos cegos tateando o alto de um monte, buscando perder os pés em seus precipícios.

Eu havia caído do meu, mas na verdade, a queda já havia começado há dez anos, em silêncio e lenta, como um doente em seu leito de morte lutando pela vida. Eu fingia-me de cego, fugindo dos meus demônios, dando aos meus tormentos nomes distantes para não aceitar que eram meus amigos e anjos.

E esses, ao longo dos anos, se mantiveram ao meu lado em completo silêncio, ansiando por um dia que fossem postos à luz. Meu tormento não havia começado com Mônica, muito menos com Cecília, nem com Kiara, mas com a minha crença doentia em acreditar que eu poderia ter poder sobre um milagre e pelo divino.

Esse era o meu tormento, e revelando-se em vários rostos, agora eu o encontrava face a face, olhos com olhos e dor com acusação.

E em meu Paraíso, buscando encontrar uma forma de escalar o inferno no qual havia me jogado, eu sentei durante dias e esperei. Esperei não pelo silêncio, mas pelos gritos, pois seriam esses que revelariam se algum dia teria paz. Eles vieram após poucos dias, trazendo as lembranças mais dolorosas que escondi por debaixo da batina, e agora sem ela, podiam ser presentes dentro de mim.

Aceitei voltar a minha consciência, e com ela, encarar o que de fato eram: culpas e lembranças, que precisavam ser revividas e sentidas para serem completamente perdoadas junto comigo.

Ter ciência de quão caído eu estava e de como era preciso enfrentar era o início para o meu próprio perdão, e estava disposto a tentar, não por Mônica ou minha mãe, mas por mim mesmo e pela necessidade de voltar a crer em mim.

Porque fé não se resume a religião, mas à vida, e eu precisava retornar a ter fé na vida. Nos primeiros dias sofri, agoniado como se estivesse sendo torturado por um carcereiro invisível e entreguei-me as lembranças.

Meu pai havia dado a notícia que seu diagnóstico havia sido melanoma, e no dia, eu haviaorado. Como uma fuga de enfrentar a dor, dedotei-me à religião que já era presente na nossa família, e passei a ser fanático em busca de uma explicação, sem compreender que a explicação divina nunca viria, pois não havia divino na doença, apenas humanidade.

Contudo, busquei fugir da realidade, como um alcoólatra que busca fugir do seu vício em outro vício, ou uma criança que por ter medo do escuro cobre-se com a coberta. Estava dando-me de comer aos demônios enquanto fugia dos anjos. Eu fugi da medicina na religião, e lá busquei abrigo.

Tinha Kiara ao meu lado, que mesmo sem ser religiosa, apoiou-me na decisão de ter fé que Deus daria a mim, Seu filho, uma direção, mas havia sido traçoeiro com alguém que muito confiava em mim: não havia contado meus anseios, minhas promessas e o que estava disposto a fazer. Não, isso era meu, pessoal demais e íntimo demais, como se por ventura, se contasse, daria algo errado. Ou talvez o diabo ouvisse-me, fora tolo, pois desde o início o diabo havia ouvido e planejado junto.

Ou, como Mônica havia sugerido uma vez: ninguém tinha a ver, nem Deus nem o diabo, eram expectadores das minhas escolhas, dada pelo livre-arbítrio.

E com isso, aceitei-me como o culpado, sem saber que o primeiro passo ao perdão é aceitar de vez a culpa, porque mesmo que minha mãe e Mônica dissessem que eu não a tinha, eu jamais compreenderia.

Aceitar a culpa é ter consciência, e em Cortona, eu havia começado a tê-la. Retornei, dias depois, às lembranças, revivendo durante tardes os meses em tratamento, os momentos em achei que meu pai por fim partiria, e consigo levaria minha fé, mas então, quando eu fizera minha promessa, houve um novo tratamento.

Era avanço da medicina, enquanto cego, depositava a fé que era por minha causa, e assim quando meu pai retornou curado para casa, eu acreditava que tinha um caminho para traçar. Estava tão decidido, que quando estamos focados demais na estrada, perdemos de vista a paisagem ao redor, e foi assim com Kiara. Não havia notado suas constantes ansiedades em estar comigo, sua preocupação explícita ou a forma como ela parecia ter algo a dizer.

Mas nunca disse, porque roubei suas palavras com a minha batina, e quando contei a minha decisão, crente e feliz por ter meu pai de volta, meus pais negaram. Minha mãe chorou, meu pai deixou explícito que não estava satisfeito, mas Kiara apenas permaneceu em silêncio.

E assim como, anos depois aconteceu com Cecília, foi o silêncio que construiu o meu inferno.

Ela aceitou em silêncio, mesmo que significasse o nosso fim, e meus pais, já aceitando o fato de que nenhuma palavra mudaria minha convicção na vocação e devoção dada, consentiram com o meu desejo.

Mas assim como um vampiro que sorrateiramente anda pelos telhados em busca de uma janela aberta para desvirginar uma mulher, a minha escolha estava criando suas consequências na calada da escuridão da minha cegueira, e noites depois, Kiara teve sua hemorragia abortando um filho que seria nosso.

Fazia dez anos que não revivia o estado em que a encontrei na maca dentro do hospital, assim como fazia dez anos que não pronunciava seu nome nem em meus pesadelos, porque diante da lembrança, até o diabo fugiria envergonhado.

Mas em Cortona, eu estava disposto a reviver, e o fiz diversas vezes, lembrando-me dela em silêncio no hospital. Ela havia morrido com o filho, mas não fisicamente, mas de emoção, e eu, diante da culpa de ter trocado um filho pela batina, busquei acreditar que o milagre era ainda maior para não ver as sombras que o rondavam.

Eu construí uma Igreja em cima do meu cemitério para não ver minha cruz, eu acreditei

ainda mais no meu milagre como se ter o milagre justificasse essa perda. Algo grande para justificar uma grande perda, uma troca que na verdade nunca existiu.

E continuei durante dez anos buscando manter-me devoto a batina, acreditando que pela consequência, eu havia feito a escolha certa, porque a consequência havia sido grande demais para ser em vão ou um erro. Durante dez anos, meu pai havia provado meu milagre, em família e vivo, curado e saudável, enquanto eu era um padre já por amor, porque havia me apaixonado pela ideia de que era a batina que havia feito isso ao meu pai.

Eu amava o milagre e a batina, mesmo sem realmente haver convicção, e como se conta uma mentira diversas vezes, contei durante dez anos de que eu tinha convicção, quando na verdade era apenas devoção. Pouca diferente para a fé, mas muita para a vida de um homem.

Se já não houvesse falhas, eu não teria falhado de novo com Cecília, mas como um padre que iniciou já caído, eu apenas continuei em queda. Se houvesse certeza e vocação, não haveria pecado, e os tormentos já estavam lá, apenas adormecidos.

Cecília os acordou quando me fez ver que ainda havia um homem em mim, ansiando pela tentação. Senti-me impuro e acusado novamente, pois não seria justo comigo abrir mão do milagre que havia tirado um filho, e afastei-me tão embaraçado e atormentado que não compreendi que o errado era a fé, e não as pessoas.

E na porta, a tentação havia entrado com Mônica, criando o seu ninho junto a mim, para enfim fazer-me poder enxergar, e por já ter dúvidas, apaixonei-me por uma mulher, porque a batina havia sido um caminho, mas não o certo.

Sentir amor e paixão tão carnis e tão sentimentais já apontava meus erros iniciais, o erro de ter fugido da doença, de ter induzido um aborto sem intenção e de ter tido tanta fé que me ceguei com ela.

Amando Mônica, eu já não conseguiria viver na mentira que me forcei a aceitar como verdade: que era vocação, e com sua malícia que na verdade não era maldade, eu compreendi que estava na hora de abrir mão do cômodo e da ilusão.

Havia medo, porque mesmo começando a ter ciência de que eu não deveria ser padre, eu ainda fugia da consciência de que não havia milagre e que um não tinha a ver com o outro, porque era doloroso demais aceitar que não havia destino, mas o acaso de situações conflitantes.

E por fugir da consciência, também acabei por não compreender que a doença era grave e que com ou sem fé, ela voltaria. Ela voltou quando larguei mão da batina, não por consequência, mas por coincidência, uma trágica coincidência que me fez alimentar a ilusão de que eu minha

vontades eram maiores que os poderes divinos. Ledo erro, grande engano, pecaminosa falha por achar que eu em minha arrogância comandaria vidas e mortes.

A batina era um caminho, mas não o que me tornava Deus e na minha busca por Ele, passei a acreditar que poderia ser a ovelha desgarrada que foi julgada e sentenciada.

Com metástase cerebral, não havia milagre, não havia tratamento e nem desejos, e como fizera há doze anos, eu fugi novamente, culpando a minha ruptura com a batina, a vida leviana que eu julgava ter escolhido.

Ao invés de enfrentar a morte e a trágica realidade, eu optei por me esconder novamente na fé, culpando-me e culpando-a. E com isso, lancei-me de vez ao abismo, fugindo dos olhos de Deus e dos meus, por julgar-me errado e culpado. Como eu poderia aguentar uma culpa?

Como eu poderia ser perdoado, quando que ao escolher o milagre, abri mão de uma vida, e por desejos carnavais, eu abri mão do milagre que antes havia sido a primeira escolha? Era culpa demais, senti-me desprezível demais, um diabo na minha vida e na minha consciência e sofri, sofri por acreditar que coloquei em uma mulher na frente de um pai e de um filho, e que assim, abri mãos de suas vidas. Vi-me como um ceifador, um frívolo como Mônica mesma dissera de si.

Perdi-me na culpa, no medo de encará-la e não saber como aceitá-la, assim, me abandonei no esquecimento, um limbo onde não havia céu ou inferno, o lugar onde os pecadores já eram pecadores desde o nascimento. Enterrei meu pai com minha fé, mas como dissera, ainda acreditava em Deus e não poderia culpá-lo. A fé que enterrei era a fé em mim mesmo e de como eu não deveria continuar a buscar bondade e junto abandonei-me com Mônica, estando com ela na raiva pela última vez e também a deixando.

Não havia intenção de magoá-la, abandoná-la ou feri-la, mas sim que não havia espaço para estar com ela dentro das minhas culpas, eram tantas demais até para mim. E sem rumo, sem caminho para buscar, escolhi um Paraíso para tentar encontrar forças de aceitar a tragédia que era o inferno que vivia.

E depois de três semanas sozinho, deixando a consciência começar a reviver, não apenas o passado, mas a culpa, eu tive consciência de que era necessário passar por tudo, um calvário de mim mesmo para me crucificar, para que então eu pudesse por fim perdoar e seguir adiante.

Acreditei na fé, acreditei no milagre, culpei-me pelo aborto e pelo silêncio de Kiara, culpei-me pelo engano de Cecília e pela morte do meu pai por ter largado a batina, e diante das três semanas que haviam se passado, comecei a aceitar cada culpa.

Sim, eu havia tido muita fé, quando não era culpa da fé, nem para o milagre nem para a doença. Deus existia, assim como o diabo, mas nenhum foi o culpado, muito menos eu, e isso eu precisava aceitar. Acreditei na fé, quando não tinha milagre, me fingi de cego, quando enxergava, e só depois de tanto tempo aceitando que eu precisava ter consciência disso, compreendi.

E no meu sofrimento, precisei continuar pelo caminho, enfrentando o aborto de um filho que até então não sabia. Era culpa minha a omissão e mentira de Kiara? Ela ter aguardado um momento certo, quando na verdade não havia momentos certos, apenas oportunidades, era erro meu? Mesmo com consciência, eu ainda sentia a culpa, não a culpa pelo aborto em si, pois havia sido escolha de Kiara diante da minha escolha, mas ela havia escondido, e no escuro, eu jamais poderia enxergar mesmo se quisesse. Havia culpa, culpa dos dois, minha por ter escolhido a batina sem contar a ela antes ou pensar nela, e culpa dela por não ter me dado a chance de escolher pela criança, assim como não ter me contado.

Era uma culpa que eu carregaria mesmo em completa consciência de todos os tormentos. E então, por fim, eu começara, em meu Paraíso, desbravando meus tormentos um por um, e depois dos passados, eu iria enfrentar os mais recentes.

Cecília havia sido um engano, meu e dela. Engano meu por não ter visto que a falha era de antes, e dela por ter visto em mim os anseios que buscava por fora de um casamento fracassado. A minha culpa não fora correspondê-la, pois eu não respondi muito menos incentivá-la, pois não fora minha intenção, mas fugir como havia feito no passado. Ao invés de conversar, de ajudá-la em sua confusão, eu dei as costas, amargurado demais com os meus tormentos e ignorei os da mulher que buscava minha ajuda.

E por isso, alimentei esperanças, frustrações e desesperos. Essa era minha culpa, mesmo sem maldade e eu agora, em Cortona, na terceira semana, começava a ter consciência disso. Era culpa, mas eu poderia perdoar-me, pois sem má fé, havíamos feito nossas confusões.

Por fim, restava-me a culpa que retomava à primeira culpa: a fé.

A fé diante do carnal, diante da paixão e diante do amor. Deus não tinha a ver, nem o diabo, mas apenas eu com o primeiro erro, pois se não houvesse o primeiro, não haveria a última culpa.

Por estar em queda e já com tormentos, havia a oportunidade para a paixão, e no envolvimento carnal, o pecado havia se transformado nela. Uma mulher havia se tornado parte dos meus tormentos, levando-os para à luz ao ser transformada em amor.

O amor não era a cura e não era a causa, mas abriu-me os olhos, e empurrando-me para

frente, me fez enfrentar o que eu deveria, sozinho e com a minha própria força. Abandonei a batina, e tinha ciência que não fora por maldade, mas por ver que era errado, errado desde o início.

E por causa do primeiro engano, enganei-me com a morte do meu pai. Eu comecei a ter, por final, consciência de que eu não era culpado da sua morte, pois como todos os outros, eu era apenas um mortal sem poder maior, sem direito ao destino dos outros, e por isso, tive consciência de que nunca houve milagre. Se era para haver milagre, haveria sem me envolver, mas assim como em muitos casos, não houve. Eu largar a batina com sua doença foi o acaso, não divino ou diabólico, apenas um acaso que busquei culpar.

Quão difícil era ter ciência, mas eu estava começando a aceitar, a compreender e perdoar-me, quando Mônica sentou ao meu lado, tão silenciosa que parecia ser um anjo vindo buscar-me dentro do abismo, e com suas palavras, compreendi que ela sabia de todos os tormentos e não me olhava com culpa. Ela tinha o perdão que eu buscava para mim, e ao seu lado, eu queria encontrar o meu, e agoniado, chorei em seus braços, porque era sofrido, era uma cruz pesada demais e eu estava atormentado enquanto aceitava ter consciência de tudo.

— Você culpa-se para atribuir a alguém o que de fato aconteceu — Mônica sussurrou e levantei o rosto, voltando a fitar os vastos pomares a nossa frente, ouvindo na minha mente quando meu pai dizia seus desejos sobre eles.

— Dez anos — sussurrei. — Dez anos fugindo de mim mesmo.

— Você jogou os problemas para debaixo da batina, Armando, quando eles poderiam ter sido resolvidos ainda naquela época. — Ela era direta, mas havia compaixão, e por isso, encarei-a.

— É errado ter tanta fé?

— É errado dar à fé a responsabilidade, assim como é errado se culpar por tudo.

— Eu tive fé no milagre do meu pai, porque precisava que esse milagre servisse para algo a mais, para desculpar o aborto de Kiara. — Depois de tanto tempo, proferi as palavras e desviei os olhos, pois ainda sim, restava culpa para ser enfrentada. Mônica envolveu os dedos entre os meus, apertando-os para que eu voltasse a fitá-la.

— Kiara não havia contado, sua mãe me disse. Como se culpar por algo que não sabia.

— Porque se eu não tivesse sido cego em minha fé e acreditado no milagre, não teria escolhido a batina e Kiara não teria abortado. — Consequências atrás de tormentos.

— Não sabemos, Armando. Kiara abortou por desespero, talvez, ou talvez não quisesse. — Ela deixou a frase morrer.

— Não diga isso — sussurrei.

— Desculpe. — Ela silenciou-se por alguns minutos, também observando o sol se pôr. — Você se culpa por acreditar que poderia ter mudado algo do que aconteceu. — Ela parecia conhecer-me.

— E eu não poderia? — questionei, fitando-a.

— Mas de nada adianta lamentar-se, Armando. — Mônica voltou-se para mim. — Porque culpar não mudará o que aconteceu. Perder a fé ou culpar o milagre não ressuscitará seu pai.

Fechei os olhos, ciente então disso, dito em voz alta o que tentará compreender durante as três semanas. A fé, quando abandonada, torna-se uma cruz que por muito se demora a colocar em pé novamente.

— Eu sei — balbuciei. — Estou tentando ter consciência — hesitei. — Estou tentando.

— Eu sei que está, por isso você veio aqui.

— Para encontrar-me na felicidade que tivemos. — Levantei os olhos. — Para aceitar, que mesmo em meio à culpa, eu posso ter perdão.

— Você o tem, Armando — ela sussurrou em súplica que me senti despedaçado com sua presença que compadecia demais. — E se tem consciência, precisa ter também consciência de que o perdão é só seu.

— É tão difícil — lamentei cabisbaixo, escondendo-me de mim mesmo com os olhos fechados. — E é tão traiçoeiro.

— Por que traiçoeiro?

Levantei a cabeça, fitando o céu na penumbra já e afundei meus dedos na barba que havia deixado crescer durante os dias.

— Porque ao me dar o perdão, sinto que estou deixando ao passado o que não deveria. — E encontrava-me perdido novamente.

— E por que não deveria, Armando? Porque não dar aos seus tormentos perdão e deixá-los como devem ser, passado?— Ela foi franca e direta.

— Eu não tenho como explicar, desculpe-me. — Me silencie e pelo seu silêncio, compreendi que Mônica continuava a aguardar. — Deixá-los no passado é como enterrar de vez

o filho que eu deveria ter tido, meu erro pela batina e o fim do meu milagre.

— Mas você não se questiona se tudo, de certa forma, como diz agora ser errado, também não foi certo? — Aquilo me desestabilizou e encarei-a assustado. Havia certeza nos olhos de Mônica. — O errado visto de outro ângulo é certo.

— Certo para quem?

— Para você se encontrar nas falhas.

— E o que podemos ser nas falhas?

— Humanos, Armando, apenas humanos. Você espera demais por Deus, Ele existe, mas não intercedeu nem pelo bem nem pelo mal, ele foi o Pai que respeitou sua vontade — Ela juntou as mãos, sem me dar tempo de argumentar. — E você culpa muito o diabo, quando o mesmo pode não ter nem ciência dos seus erros.

Suas palavras cravaram nos meus tormentos a consciência de tudo o que significava, e então deixei as lágrimas aflorarem.

— Está dizendo que tudo foi apenas assistido por eles, sem intercepção, sem desejos? — Eu tinha ciência disso antes também, mas aceitar a consciência é o mais difícil.

— E você também. — Ela afirmou e neguei.

— Não, eu tenho culpa.

— Culpa por ter se omitido, por não saber e por crer demais. Isso não é uma falha imperdoável.

— Para mim é. — Chorei.

— Então é porque você esperou demais de si mesmo. — E essa era a verdade. Eu devotei muita fé, não em Deus, mas em mim mesmo, e ao perdê-la, me abandonei.

— E como ter fé, Mônica? — sussurrei aos prantos. — Como ter fé quando não há mais desejo?

— Então comece pelo desejo, Armando. Comece por entender os seus desejos.

— E o que eu posso desejar se ao desejar o milagre, confiei cegamente em algo irreal? Se ao desejar ser devoto, abri mão de uma vida? Se ao desejar a vida do meu pai, cedi à tentação?

— Como todas as pessoas. Pelo começo.

— E qual seria o começo? — Perguntei desolado, vendo-a com amor nos olhos, uma

paixão que jamais imaginaria antes na mulher que Mônica era. A serpente, por fim, poderia transformar-se em um anjo? Deus daria asas à serpente?

— O perdão.

— Já conversamos sobre isso — resmunguei sem impedir as lágrimas.

— Então por que está aqui, se não é pedir a si mesmo que permita viver mais momentos como tivemos nesse lugar? Por que voltar ao Paraíso, se não para desejar viver nele novamente? — Ela estava decidida a arrancar os meus demônios e jogá-los contra o fogo.

— Porque eu quero — confessei sôfrego. — Quero perdoar por ter acreditado na mentira, por ter criado a mentira para fugir.

— Então se perdoe, Armando.

— Mas e se eu não devesse? — Exaltei-me. Era conflituoso, era uma luta interna que me dilacerava. — E se eu não devesse? — Chorei.

— Todos devem perdoar, todos devem ser perdoá-los, e os primeiros somos nós mesmos. — Ela sussurrou e assenti devagar, ciente das suas palavras. Esse era começo, e eu deveria deixar o antes no passado, com o perdão dos meus tormentos. Eu queria dar-me felicidade, eu queria poder viver no Paraíso, e por isso eu o havia buscado. — Deus daria seu perdão até ao diabo, Armando, se o mesmo buscasse redenção. Você a busca desde o início ao ver isso tudo como tormento. Se não o visse, não havia arrependimento, mas há, e por isso, há perdão.

— Se até o diabo seria perdoado.

— Quem é você para não ser? — Ela completou.

Em minha busca pelo milagre, eu encontrara a minha falha, e agora, eu estava aceitando-a com consciência, perdando-a. Sofri como uma criança que ao crescer precisa enterrar os pais, sofri como um homem apegado demais aos tormentos da batina que largou e chorei. Chorei por toda descrença, por toda fé, por todos os anseios e culpas. Chorei por ceder o perdão a mim, e por enfim acreditar no perdão que eu deveria dar à minha culpa.

Chorei por ter acredito no milagre que agora compreendia que nunca existiu. Chorei pela escolha arrancada de mim, pois eu não escolhera entre a batina e a criança, eu escolhera a batina porque não sabia da criança. E chorei por toda a culpa que agarrei e que por fim, soltava-a. Chorei por saber que não era mais a minha culpa a morte do meu pai, e por fim, chorei porque tive vislumbre do Paraíso em meio ao fogo.

Eu havia me perdoado pelas falhas, pelas culpas e por ser apenas um homem sem ter poder de Deus ou o diabo, de mãos dadas com o livre-arbítrio e suas consequências. Perdoei os pecados e a falta deles, e perdoei-me como padre e como homem ciente.

Mônica levantou-se do meu lado e parou na minha frente, agachando-se entre minhas pernas. Fitei-a, vendo em seu rosto também lágrimas, e sob a luz da pequena luminária da varanda, ela sorriu devagar.

— Não precisa me dizer que se perdoou, Armando, porque como disse uma vez, o silêncio, às vezes, é a melhor resposta. — Ela chorou em silêncio, deixando as lágrimas deslizarem pelo rosto e chorei, assentindo. Mônica pegou minhas mãos, afagando-as. — E em meio a minha descrença e a sua fé que nos conhecemos, hoje eu tenho a minha fé e você a sua. Enfrentamos nossos tormentos para ter certeza de quem somos, para assim ter fé em nós mesmos. — Ofeguei ainda deixando as lágrimas levarem embora os meus tormentos, limpando-me por dentro. — E uma vez, na minha descrença você me disse que eu não acreditava em milagres. E mesmo com fé, confesso a você que eu não acredito nos mesmos milagres que uma vez você acreditou, mas acredito em outro milagre, um milagre porque a medicina não tem a capacidade de fazê-lo com amor, com o desejo de vida. Mesmo se ela tentar e conseguir de forma artificial, nunca será o mesmo feito por um homem e uma mulher, porque são necessários os dois. — Mônica hesitou e guiou minhas mãos para frente, em direção ao seu corpo, espalmando minhas palmas sobre seu ventre. — Para mim, o milagre é a vida que Deus nos deu junto com nosso livre-arbítrio, e todos tem o seu milagre, sua própria vida e sua forma de também dar a vida. E nós temos o nosso.

E eu já não poderia atribuir, após receber o meu perdão de mim mesmo, a Deus ou ao diabo, mas a nós o nosso milagre, e encarei Mônica em silêncio, compreendendo o que suas palavras queriam dizer.

Eu havia sido um homem falhado, eu havia sido um padre caído, mas ao reerguer-me, eu havia encontrado um milagre humano junto ao perdão, e se o Céu fosse um significado, para mim seria encontrar a mim mesmo e dar-me a oportunidade de, sem pecado ou tormentos, ser novamente apenas um homem, sem celibato ou culpa.

Apenas um homem ciente do que perdoou e do que está disposto a seguir: a fé em mim e na vida, novamente e de forma definitiva. Pois só depois de conhecer o inferno e o céu é que podemos compreender qual é o nosso Paraíso.

Mônica havia chegado para me encontrar, e eu já não mais perdido, poderia enfim acompanhá-la, como um homem e uma mulher sem pecado. Mônica era a ilusão de um anjo, mas uma mulher disposta a buscar a fé necessária, e eu um homem sem tormentos, sem culpas e sem

a batina. Não era mais um padre com tormentos, mas um homem em paz.



XLV – Celibato



E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

São Paulo I Coríntios 13.



Celibato, em sua definição literal, é o estado em que uma pessoa se mantém solteira, assim como padres, que para ter sua devoção apenas à Deus, aceitam o celibato como estar só para Deus.

Eu ainda era um sacerdote, e isso jamais mudaria, eu ainda amava e acreditava em Deus, e nunca seria diferente, mas já não era padre, e havia quebrado o meu celibato.

Eu era um homem e já não estava mais em estado celibatário e só, mas com uma mulher que permaneceu entre meus tormentos, e no meio deles, ajudou a encontrar minha paz e revelou-se não mais um tormento, mas o meu amor.

Precisei descer ao inferno, perder minha crença para encontrar minha fé, e poder permitir-me subir para o Paraíso com Mônica, e nós estávamos lá, mas não apenas nós, e compreendi isso com suas palavras e gestos.

O susto, no primeiro momento, diante de tanto sofrimento que havia passado me deixou aturdido, como se eu ouvisse, não compreendesse com exatidão. Com suas mãos sobre as minhas, acariciei seu ventre devagar, vendo-a sorrir com lágrimas nos olhos. Contudo, conhecendo Mônica, ela não chorava por isso, mas por enfim me ver inteiro novamente.

Era para isso que ela tinha vindo: para me buscar de volta a vida.

— Mas como? — Eu ainda tinha lágrimas nos olhos, mas não poderia deixar o silêncio por muito tempo, eu já não conseguia.

— Eu estaria mentindo se dissesse que simplesmente aconteceu. — Ela riu e ri ouvindo sua risada que parecia de anjos. Chorei, concordando.

— Não, eu não acreditaria.

— Mas não foi simplesmente aconteceu — ela sussurrou.

Neguei, sem compreender, e Mônica ajoelhou-se no degrau da escada, ainda no meio das minhas pernas.

— Mas não estávamos seguros? — Tentei compreender.

— Estávamos. Até que não estávamos mais juntos. — Ela explicou com um sorriso. — Mas quando acabamos, na Igreja, Armando, eu acreditei que era o nosso fim.

Peguei suas mãos, assentindo. Eu também acreditei que fosse, e na verdade, naquela hora, eu havia desejado que fosse. Cada um seguindo o seu caminho.

— Eu dei uma pausa no meu contraceptivo, porque como eu também estava decidida a manter esse término, não estava buscando me envolver mais. Dei uma pausa para deixar meu organismo limpo, e então. — Ela deixou o sorriso esmorecer e encarou-me. — Seu pai faleceu, e eu precisei ir vê-lo. Precisei ver como estava, e quando tentou transar daquele modo, eu tentei fugir, até que compreendi que talvez esse também fosse um caminho.

— Você deixou. — Sussurrei surpreso.

— Nem todas engravidam de primeira depois de parar, muito menos eu acreditava, mas foi um risco — ela sussurrou. — Foi um impulso e um instinto meu. Um instinto de dar a nós um novo caminho, uma escolha.

Neguei, como se também não fosse real e como se por um momento, eu também pudesse perder.

— Você está certa disso? — perguntei cauteloso, limpando as lágrimas secas do meu rosto e Mônica riu, deixando as dela escorrerem.

— Não há certeza nesse mundo, Armando, nem para a fé, nem para a medicina, mas se está em dúvida, tenho o teste. — Ela levantou-se, pegando a bolsa, e ao ver o envelope em sua mão, peguei seu braço, impedindo o movimento.

— Não. — pedi e apressei em explicar-me diante da sua incompreensão. — Se for para acontecer, nós dois saberemos. Não precisamos mais de provas, nem de certezas. — Fitei seus olhos diretos. — Eu tenho fé e você também parece ter.

— Eu tenho sintomas. — Ela sentou-se ao meu lado. — Sintomas que afirmam que estou grávida, Armando, não sou uma menina que não conhece o próprio corpo, tenho fé, mas sobre isso, eu tenho a medicina ao meu lado.

— E eu tenho a fé — sussurrei com desejo, e o pensamento de ter um filho, um filho como aquele que pela batina foi tirado de mim, deixou-me embaraçado.

Contudo, não era um embaraçamento de constrangimento, mas de não saber como reagir, pois diante do fato, eu sentia uma felicidade como se pela primeira vez eu não já mais temesse o diabo, e por fim, acreditasse apenas em Deus.

— O filho que não tive. — Apertei as mãos de Mônica e ela as soltou, guiando meu rosto para cravar os olhos em mim, uma crucificação deliciosa.

— O filho que iremos ter, Armando. — Ela foi direta. — Poderia não ser a hora mais adequada, mas assim como envolver-me com um padre foi um risco, eu também quis agir dessa forma. Não podemos apenas planejar nossas vidas, mas também mantê-las pelo impulso de nos dar algo novo para acreditar.

Eu ainda estava aturdido, apenas saindo da sepultura que havia me enterrado antes para compreender o que eu havia ganhado ao meu lado, e com os olhos vagueei pelo céu escuro já, iluminado com poucas estrelas.

— O que faremos? — sussurrei.

— Acho que casamento não é o mais adequado para mim. — Mônica riu e com ironia deixou claro que não havia desejo da sua parte, mas não precisava. O casamento por si só é emoção, e mesmo tendo vivido por tanto tempo na crença do casamento, para nós não era necessário. A união é espiritual, não visual, e estávamos juntos.

— E o que seria adequado para você, Mônica? — Temia a resposta ao mesmo tempo em que ansiava para que ela correspondesse minhas expectativas.

— Sabe qual seria o meu desejo? — ela inclinou-se, apoiando o queixo em meu ombro, e com os lábios rentes ao meu ouvido, sussurrou: — Morar aqui com você.

Fechei os olhos, implorando que Deus mantivesse meus desejos como estava fazendo, afugentando o diabo de uma vez.

— Pare de orar e pedir. — Ela foi franca. — Eu vejo isso toda vez que fecha os olhos — respondeu antes que eu perguntasse e ri, abaixando a cabeça entre as mãos.

— Peço porque ainda temo, e como os vícios, esse também é difícil de perder — confessei. Mônica continuou a sorrir, fitando os pomares na escuridão.

— Você pensou em ser pai?

Permaneci em silêncio, deixando a pergunta perdurar, pois na verdade, desde o aborto, eu não havia pensado na paternidade, apenas na perda, mas o que poderia ser pai, senão alguém prestes a pegar na mão do filho até o fim da vida? Eles crescem, mas eles continuam filhos, e também uma parte de nós.

— Não — sussurrei, franzindo o cenho. — Na verdade, nunca havia pensado em ser pai, como se a perda fosse maior do que a ideia.

— Eu também nunca pensei em ser mãe. — Ela pareceu refletir. — Somos conflituosos, pois quando pensamos em sermos pais, pensamos em nossos pais.

— Principalmente nos erros — completei ciente da direção que ela seguia.

— E isso parece uma sombra, como se tivéssemos que fazer diferente.

— Mas eles também não sentiram o mesmo quando se tornaram pais? — questionei e Mônica assentiu. — Eles também estavam aprendendo a serem pais. — E como se não sentisse essa paz há muito tempo, respirei fundo o ar noturno da varanda onde estávamos, sentindo meu corpo cansado, mas minha mente repleta de uma felicidade que não sentia desde o primeiro câncer do meu pai. Era como se a cruz, por fim, havia caído e com ela eu havia perdido os espinhos que criavam meus tormentos.

Sem eles, eu já não tinha pesos, e estava leve para continuar.

Sorri, desejando não chorar, contudo, era de felicidade por estar dessa forma.

— E nós também aprenderemos. — Mônica pegou na minha mão. — Porque teremos essa oportunidade, que de certa forma criamos.

— E começaremos aqui?

— Não. — Ela riu. — Preciso acabar minha residência ainda, a vida, às vezes, nos pede pressa, mas nem sempre podemos dar. Começaremos sim aqui, mas não agora.

Assenti e me levantei ciente de que Mônica fazia o mesmo, mas dei as costas, descendo os degraus finais, deixando-a para trás. Caminhei até estar diante dos pomares, sob a escuridão, e

fechei os olhos, orando pela primeira vez para agradecer, e não mais para pedir perdão.

As mãos de Mônica deslizaram pelo meu peito e ela abraçou-me por trás, deixando os cabelos voarem contra o meu rosto ao descansar o queixo no meu pescoço.

— Ore por nós — ela sussurrou. — Ore por nós três.

E ri entre lágrimas, disposto a continuar. Peguei suas mãos e beijei-as, entrelaçando nossos dedos.

— Sonhei com nós, pouco depois de nos envolver em Lucca. — Relembrei.

— Era um sonho bom?

— Foi um pesadelo.

— É? — Ela riu.

— Mas assim como eu a julguei de início como maldosa. — Virei e segurei seu rosto. — Também estava errado.

— Todos nós temos maldade.

— Obrigado, Mônica.

— Pelo filho? — Era malícia, e ri negando.

— Por estar aqui. — E foi a vez dela de negar.

— Eu estaria, porque era o que precisávamos. Precisamos de tempo para acertar as falhas de cada um, e com os pedaços recolhidos do chão, descobrimos como continuar.

— E obrigado, também. — Ela sorriu ao perceber que estava agradecendo. — Por me deixar ser pai.

— Você tinha a batina como filho, e eu minha descrença. — Ela tornou-se séria. — Uma hora precisamos deixá-los ir, para dar espaço a algo mais.

Soltei seu rosto e novamente coloquei minhas mãos em seu ventre.

— Você quer, realmente?

— Não pense que o passado é o futuro, Armando. — Ela colocou as mãos sobre as minhas. — Vocês eram jovens, e nós somos dois adultos, cientes e com escolhas. Eu quero esse filho, com ou sem você, pois foi um risco que resolvi me dar. Mesmo se eu chegasse até aqui e o encontrasse ainda perdido e afastado, eu manteria minha escolha.

— Pareço tão falho quando diz dessa forma.

— Atormentado, é o que você era, e eu não poderia culpar uma pessoa por seus defeitos.
— Ela pegou minhas mãos. — Você me amou com os meus, seria uma maldade minha eu refutá-lo por você se condenar ao inferno por minha causa.

Fechei os olhos, deixando as últimas lágrimas escaparem e limpei o rosto.

— Vou entrar. — Mônica recuou um passo. — Há uma mulher que precisa saber que terá netos.

— Netos? — Arqueei as sobrancelhas com um sorriso que revelava que, aos poucos, estava compreendendo a ideia de que teríamos um filho.

— É sempre bom ter um irmão. — Mônica sorriu e apontou-me. — Você como filho único deveria compreender.

— Nem temos o nosso primeiro.

— Sim, nós temos. — Ela sorriu. — E como uma mulher que ama crianças não me contentarei apenas com um.

— E eu sou o que? — Lembrei-me quando ela questionou meu medo de crianças.

— Um homem com traumas de filhos, que por isso, amará demais os que tivermos. — Ela deu as costas e avançou na direção da casa.

Continuei parado na penumbra por mais algum tempo, apenas no silêncio que já não tinha mais demônios, apenas a felicidade de que estava com Mônica e que não tinha problemas meus para enfrentar, não tinha frustrações, medos e culpas. Eu poderia estar completo, sem anseios de buscar redenção, correndo contra mim mesmo.

Eu estava com Mônica, com um filho em seu ventre e crente que meu Deus era bondoso demais comigo, e eu já não iria perguntar se merecia, pois dada a graça, eu apenas iria abraçá-la e agradecer por ter oportunidades que talvez nem meu Pai fosse o que deu, mas que provavelmente possibilitou que escolhêssemos.

E lá me demorei em silêncio, compreendendo a imensidão de como Mônica permitiu-se naquela noite e então me lembrei de como havia visto algo de diferente em seus olhos.

Era medo, medo de se arriscar e coragem para isso.

Ri sozinho na escuridão e caminhei para a casa, entrando no mesmo momento que Mônica, já com o celular na mão, veio ao meu encontro.

— Sua mãe precisa falar com você. — Ela jogou o celular, sem me dar tempo de recusar. Fitei a tela em ligação.

— Mãe. — Com o telefone rente ao ouvido, observei Mônica ir em direção ao carro, saindo da casa.

— Diga que é mentira. — Minha mãe chorava e sorri, sentando-me no sofá.

— É mentira.

— Como vocês podem fazer isso comigo? — Ela estava soluçando. — Posso morrer do coração.

— Mônica contou.

— É lógico que contou.

— Também estou assim — confessei e pelo silêncio compreendi que ela pensava em Kiara. — Está tudo bem, mãe.

— A última vez que disse isso, eu o vi sofrimento.

— Não estou sofrendo. — cobri meu rosto com uma mão. — Estou aliviado, na verdade, como se não me sentisse assim desde — hesitei.

— Desde aquele verão antes que soubéssemos do melanoma.

— Desde que tudo começou.

— Mas acabou, não é? — Ela parecia receosa, e com grande alívio, assenti para mim mesmo.

— Sim, acabou. Finalmente acabou.

— Você conseguiu o que queria?

— Sim, consegui mais do que eu queria. — Sorri, vendo Mônica acenar, entrando com uma pequena mala e fechando a porta da entrada. — Consegui meu perdão e Mônica com um filho.

— Foi Deus.

— Não. — Interrompi minha mãe. — Se foi Deus ou o diabo, não busco mais saber, acredito que seja, desejo que seja, mas também pode ser apenas nós, buscando uma forma de viver.

Ela pareceu compreender em silêncio.

— Obrigada, Armando.

— Por?

— Por permitir que eu visse meu filho ser feliz, e realizar o desejo do seu pai, ser feliz, apenas isso. Não queríamos um padre, não queríamos uma culpa. — Ela estava chorando. — Apenas a sua felicidade. Quando Mônica contou e disse que eu seria avó, eu precisei sentar. Essa casa vai ter tantos gritos, tantos netos.

— Mãe, estamos no primeiro.

— Mônica é pediatra. — Parecia um argumento e ri.

— Você pensou nisso desde a primeira vez que a viu.

— É claro que sim, ela é uma pediatra e ama crianças, poderá ter tantas.

— Com calma, mãe, por favor. — Levantei do sofá e busquei Mônica, avançando pelo corredor.

— Vou deixá-lo com ela, acho que vocês precisam. — Minha mãe parecia ofegante. — Mas passem aqui quando retornarem.

— Passaremos, fique bem.

— É claro que vou ficar bem, preciso ver meu neto pela minha casa. — Ri, despedindo-me dela, e desliguei o celular, parado na porta, fitando Mônica deitada na cama, retribuindo o meu olhar.

— Sua mãe está feliz. — Ela sorriu e franzi o cenho, pensando em Cecília. — A minha também ficará, não se preocupe.

— Mas.

— Eu a perdoei, Armando, e de certa forma, por mais complicada tenha sido a situação por ela estar também apaixonada por você, ela seguiu em frente, ela quis que fôssemos felizes. Talvez agora que seremos pais, compreenderemos como é esse amor. — Ela estendeu os braços na minha direção e deitei ao seu lado, puxando-a pela cintura para ter seu corpo rente ao meu, nossas testas coladas e suas mãos em meu rosto. — Minha mãe quer estar apaixonada pela vida que tem para viver a frente, não por você, e é uma escolha dela, não pense. — Ela colocou um dedo sobre meus lábios.

— Você está certa. — Não iria criar tormentos. — O tempo pode ser a solução.

— E o perdão. Pare, pare de pensar sobre isso.

— Eu a amo. — Cortei o assunto com o que eu desejava dizer.

— E quando acordar pela manhã continuará me amando como eu o amo, porque assim escolhemos estar juntos. — Ela respondeu de outra forma e afastou-se, levantando-se da cama. — Venha, preciso de um banho. — E observei Mônica despir-se na porta do banheiro, e apenas de calcinha sorriu. — Não irá me acompanhar?

— Você torna os banhos mais demorados. — Ri, levantando-me e despindo-me para segui-la pelo banheiro, e como havia sido na sua casa, transformamos o chuveiro em um abrigo para nós, um Paraíso molhado para viver por minutos em esquecimento, e já na cama, sentia-me consciente do momento, do perdão e do que tínhamos: felicidade.

— O que fará? — Ela pegou minhas mãos, espalmando-as sobre sua barriga, deitada de barriga para cima, enquanto permanecia fitando seu rosto, deitado de lado rente ao seu corpo. Apoiei a cabeça sobre a mão.

— Ser padre não é uma opção, e como tenho a renda daqui.

— Mas fará algo? — Ela arqueou as sobrancelhas e ri.

— Vou fazer o que havia pensado quando mais novo — hesitei. — dar aulas.

— Gostaria de ver isso. — Havia malícia e ri, roçando os dedos pelo meio dos seus seios nus empinados para as minhas mãos.

— Não zombe de mim.

— Não estou zombando. — Ela riu. — Adoraria vê-lo explicar como, de certa maneira fazia na Igreja.

— Você não prestava atenção.

— Prestava. — Ela censurou-me com os olhos. — É claro que eu prestava, você gesticulava muito, não havia como não notar, e bem. Era bonito também.

— O que eu falava?

— Não, sua adoração. — Ela sorriu. — E provavelmente você fará do mesmo jeito.

— É preciso amar o que se faz, senão sempre sentiremos falta de algo — respondi e refleti sobre isso, como se a batina agora, visto de longe, nunca fora o suficiente, e por isso havia dado espaço para que os tormentos continuassem.

— Você já enviou sua solicitação? — Ela lembrou-me de todo o caminho necessário para desligar-me da vida de padre e assenti.

— Sim, é um processo demorado, mas já enviei.

— Então não poderei mais chamá-lo de padre. — Ela zombou e neguei, sorrindo.

— Não, não poderá.

— Mas era. — Mônica roçou os dedos na minha barba comprida. — Certa admiração chamá-lo assim.

— Não me admira mais? — Encarei-a e Mônica fechou os olhos.

— Admirava o padre que era, mas admiro ainda mais o homem que é. — Ela seguiu com os olhos o caminho que trilhava com os dedos. — E admirarei ainda mais o pai que será.

— Agora você está sendo precipitada.

— Deixe-me ser, pelo menos uma vez na vida. — Ela riu e no silêncio, compreendemos o silêncio um do outro, e foi Mônica quem o cortou. — Pela forma como começamos, jamais imaginaria que estaríamos assim. Que nos apaixonássemos e que no final, aceitaríamos as falhas e um ao outro.

— Jamais? — perguntei, roçando meus dedos em seu rosto, como se o detalhasse.

— Jamais, você era padre.

— Eu quebrei meu celibato com você.

— Você se arrepende?

— Não — sussurrei ciente de que eu já não mais queria dizer que havia quebrado meu celibato. — Você sim? — E dessa vez, eu queria ouvir a resposta.

— Eu também não, porque assim buscamos nossas respostas e nossos desejos. Buscamos a nos mesmos e nos encontramos. — Ela virou-se, colando nossas testas. — Mesmo que eu tenha quebrado o celibato de um padre, não é pecado.

— Não, não é. — Sorri com ela, testa com testa. — Não é pecado — sussurrei.

— Porque virou amor. — Mônica sussurrou.

— E também porque eu dei meu celibato a você por paixão, por perdão e por amor. — Ela sorriu ao compreender o que eu havia dito e beijou-me, sendo meu Paraíso, meu pecado e a mulher que havia tirado minha batina e me dado paz, a paz que há mais de dez anos eu não sentia.

Ela havia sido meu anjo no inferno que era os meus tormentos e o diabo na minha falsa paz

na batina, havia sido meu anjo sem asas quando eu precisava estar no chão e por fim, estava comigo.

Eu sabia que ainda teríamos conflitos, ainda haveria desavenças, mas enfrentaríamos juntos, pois essa seria a nossa vida, as nossas escolhas e a nossa paixão.

E se esse fosse o nosso pecado, nós nos amaríamos nele. O caminho que havíamos escolhido e o amor que havíamos nos permitido sentir.



Epílogo



Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.

São Paulo I Coríntios 13.



Cinco anos depois.

Somos resultados daquilo que buscamos, dos nossos tormentos e anseios. Somos resultados das desesperanças e descrenças, que quando confrontadas, tornam-se fé. Somos, por fim, o puro resultado do livre-arbítrio, das tentações, dos pecados e perdões, que somados, tornam-nos humanos, e por assim dizer, falhados.

Mas visto por outro ângulo, também somos os filhos mais belos que Deus poderia ter criado, pois somos a própria maçã e a serpente, fundidos para nos tornar completos dentro de nós mesmos, pecado com amor e desejo com perdão.

E eu estava a um bom tempo, talvez mais tempo do que eu poderia me lembrar, completo e em êxtase com os caminhos que eu havia encontrado, pois em meio à mata fechada de sofrimento, havia se relevado os portões abertos do meu Paraíso. E nele estava Mônica com a minha família.

— Sua filha fez uma pergunta. — Mônica chamou minha atenção em um sussurro, notando que eu permanecia em silêncio ao fitar a paisagem ao nosso redor. Retornei dos meus pensamentos e pelo retrovisor olhei para a pequena criança sentada no banco de trás do carro, com os cabelos lisos e negros cobrindo os ombros e os olhos idênticos aos da mãe.

— E o que perguntou? — Sorri para ela, que cobriu o rosto com as mãos.

— A avó disse que quando eu fosse grande, ela me contaria uma história.

— Ah é? — Foi a vez de Mônica entrar na conversa e ri, ciente de que minha mãe queria contar sobre o que eu havia sido.

— É sim. — Minha filha continuou. — Mas eu andei pensando, e acho que vou querer esperar.

— Por que ainda não é grande? — perguntei ao virar para trás, enquanto Mônica continuava a dirigir.

— Não. — Ela disse surpresa e pegou na mão da sua irmã, minha filha mais nova, ainda dentro da pequena cadeira anexada no banco. — A Geo ainda não entenderia a história, e queria poder escutar com ela.

— Então esperará pela sua irmã? — indaguei e Alessa assentiu com um grande sorriso e os olhos fixos na mãe dela. — A mãe disse que seria melhor se aprendêssemos a dividir e ter paciência.

Virei para frente em silêncio e fixei os olhos em Mônica, que continuava a dirigir sorrindo. Alessa voltou à atenção para a janela e aproveitei o momento.

— Vocês andam conversando mais do que pensava. — Acusei-a e Mônica riu, encarando-me de canto.

— Enquanto você precisa cuidar das produções de vinho, eu tenho minhas horas fora do consultório — Era uma desculpa e ri. — Ela tem tantas perguntas, Armando.

— E você responde todas?

— Não, eu faço como fiz com você. — Mônica ainda continuava com a mesma malícia, a mesma beleza e a mesma força. — Deixo-a encontrar as respostas.

— Então está dizendo que Alessa puxou a mim?

— Ela é idêntica a você. — Ela afirmou. — Muitas perguntas, muitas dúvidas e parece pensar demais.

— E isso seria ruim? — Arqueei as sobrancelhas e Mônica suavizou o olhar, afagando minha coxa com uma mão.

— Não, eu me apaixonei pelo homem que é, e jamais mudaria isso. É melhor ter perguntas do que não ter nada.

— Então Geo poderia ser como você — murmurei ciente de que ambas tinham os olhos e

os cabelos de Mônica.

— Elas são um pouco parecidas comigo — era pura malícia e ri. — Um pouquinho.

Ri, pegando sua mão e beijando-a até que ela voltasse ao volante. Um pouco significava muito, e eu amava a forma como elas eram.

— Minha mãe ligou, disse que pretende vir para o aniversário da Geo. — Mônica continuou. — Ela queria trazer Fabrício, mas ele não poderá vir.

— Por quê?

— Ele vai precisar ficar em Toulouse, mas ela virá.

— Precisaré ver com uma senhora chamada Ivette sobre isso.

— Por quê? — Mônica franziu o cenho.

— Porque minha mãe quer fazer a festa ela.

— Não. — Mônica arregalou os olhos.

— Conversem. — Sorri, avistando ao longe Pisa e Mônica acelerou um pouco mais, em silêncio.

— Vou precisar ligar para Beatrice.

— Por quê? — Voltei a fitá-la.

— Porque a chave do consultório ficou com o pintor, e quero que ela pegue de volta. — Mônica estava reformando o consultório que havia aberto em Cortona, atendendo toda região como gastropediatra, e assenti, procurando seu celular dentro da bolsa enquanto atravessávamos o centro de Pisa.

— A avó disse que vai ter bolo. — Alessa abriu um sorriso.

— Bolo? — Geo tentou imitá-la e Mônica sorriu, contornando a cidade. Ao longe avistei a casa da minha mãe, com as árvores cheias nas copas, a grama cortada e ela sentada em uma cadeira na varanda, nos esperando. Mônica estacionou o carro e saí, abrindo a porta para Alessa descer e tirei Geo da cadeirinha, deixando-a dar a mão para a irmã mais velha, e ambas correram pela entrada da casa.

— Elas não podem comer tantos doces — Mônica resmungou abrindo o porta-malas e a peguei pela cintura, impedindo-a de continuar.

— Deixe minha mãe aproveitar os netos.

— Você já dá muitos — ela acusou-se e apertei-a contra o meu corpo, sorrindo.

— Somos assim. — Sorri ainda mais e Mônica tentou sustentar o olhar sério, mas abriu-se em um sorriso.

— Vocês dois juntos são uma dupla.

— Nós dois, eu e você — corrigi-a, aproximando-me e a beijei devagar, abrindo seus lábios e invadindo sua boca sem pressa, com a calma que tínhamos para estarmos um no outro. Mônica contornou meu pescoço com os braços e retribuiu o beijo, aprofundando-o, tentando buscar minha língua enquanto eu ditava o ritmo da dela.

Ela arfou contra os meus lábios e os afastei, fitando-a de perto.

— Poderíamos deixá-las alguns dias com a minha mãe.

— Já fizemos isso início do mês.

— Mas minha mãe iria adorar. — Roci meus dedos pelo seu rosto. — Não diga que não podemos.

— Podemos. — Mônica pegou minha mão e a beijou devagar, fechando os olhos. — Podemos ter esse tempo e qualquer tempo.

— Irão ficar aí? — Era minha mãe e Mônica sorriu, afastando-se. Peguei as malas, enquanto ela trancava o carro, e com o celular no ouvido, avançou em direção a casa. Minha mãe veio ao nosso encontro e abraçou-me enquanto Mônica conversava com Beatrice, a secretária do consultório.

— Como estão? — minha mãe perguntou, acompanhando-me para dentro da casa.

— Estamos bem, e estamos esperando sua visita em Cortona.

— Preciso ver o que fizeram com aquela casa, eu sei.

— A reforma ficou linda.

— Alessa me mostrou por fotos — minha mãe disse com alegria e entramos. Fitei as meninas correrem pela casa, gritando em uma brincadeira, enquanto a menor tentava alcançar a maior. — Elas são que eu sempre quis. — Minha mãe pareceu querer chorar, fitando as netas e abracei-a.

— Nós sabemos. — Mônica foi direta e insinuou o que desde o início foi o desejo da minha mãe, e essa riu, voltando-se para Mônica e abraçou-a com força.

— Senti saudades. — Minha mãe beijou-a no rosto. — Venham ver como ficou a varanda,

deixei algumas mudas para Alessa e Geo plantarem.

Larguei as malas dentro do quarto enquanto ambas seguiam as crianças para a varanda de trás, e antes de sair, sentei na cama, fitando o silêncio cortado pelos gritos agudos das meninas.

Elas eram frutos da paixão e do amor que Mônica e eu construímos, desde os tormentos até as esperanças, e eu continuava a amá-la da mesma forma, e por fim, havia me transformado em pai.

Levantei-me e fui até a varanda, parando na porta. No final da grama, em meio às flores, minha mãe estava agachada entre Geo e Alessa, que também agachadas, sujavam as mãos com terra, plantando pequenas mudas.

— Venha aqui. — Mônica estendeu a mão, sentada em um sofá. Sentei ao seu lado, envolvendo seus ombros com meu braço e puxei-a contra o meu peito.

— Se eu morresse amanhã, não precisaria ir para o céu — sussurrei contra os seus cabelos e ela ergueu o rosto, com um sorriso que tornava seus olhos verdes ainda mais claros, e segurei seu rosto com a mão.

— Porque temos o nosso — ela completou, cobrindo a minha mão com a dela.

— Somos um homem e uma mulher, e temos um amor que apenas nós dois podemos sentir. — Beijei-a devagar.

— Estão providenciando um terceiro? — minha mãe nos interrompeu, sentando-se em uma cadeira perto e Mônica riu, encostando a cabeça em meu ombro.

— Não, duas está bom.

E tendo a mulher que me deu o amor no lugar da batina, fitei as minhas filhas correrem pela grama na nossa direção, enquanto minha mãe levantava-se da cadeira, abrindo os braços para recebê-las.

Seus cabelos negros voaram com o vento sob o sol da tarde, e entre risos e olhos verdes elas correram, uma ao lado da outra, pequenas e parecidas com a mãe. Apertei-a contra meu peito, enquanto ela envolvia meu corpo em um abraço. Estávamos juntos e completos, e mesmo com as brigas que ainda tínhamos, com a presença forte e direta de Mônica em contrapartida com o meu jeito, ainda sim, éramos felizes, pois só com espinhos que as rosas floresciam, e éramos como rosas em um Jardim do Éden.

Completos, com brigas e desavenças, mas buscando compreendê-las em sua profundidade, para estarmos sempre juntos como sempre fora, com tempo e cada um buscando dar a seus

conflitos um motivo para ser resolvido, e um desejo de continuar a amar, porque Mônica apontava-me as respostas com amor, e eu fazia as perguntas com paixão, um correspondendo ao outro.

E só com o tempo havíamos aprendido a ser assim, um casal existente no nós, um homem e uma mulher acima de pecados e tormentos. Um amor sem pecado, uma felicidade sem se preocupar se havia dias tristes, porque eu a amava e já não pensava mais na batina. Eu tinha fé, ensinei minhas filhas a orar e a acreditar, assim como Mônica fizera, mas já não sentia necessidade de pensar no que havia passado.

Não pensava há muito tempo no passado, nos dias de sofrimento ou na batina, porque Mônica havia me mostrado que com o perdão podemos seguir adiante. Entre tentações, pecados e amor, ela havia se tornado minha verdadeira adoração.

Mônica havia me dado amor, e um pecado que não era pecado. E para ela entreguei meu celibato.

Um mês depois.

Se tivessem me contado como seriam os meus dias, eu jamais teria acreditado. Não iria crer em como mesmo por caminhos tortos, haveria uma chegada digna, e que Deus estaria olhando por mim do princípio ao fim.

Éramos uma família, e eu a amava com a mesma intensidade que tinha fé.

— Pegou tudo? — Mônica me acordou do meu devaneio e fechei o porta-malas.

— Todas as malas — respondi e ela parou ao meu lado. Seu sorriso malicioso deixava claro que seria uma surpresa o nosso destino, e ela não contaria até que chegássemos.

— Pai — Geo gritou, saindo de dentro da casa de Cortona, a nossa casa. Peguei-a no embalo do pulo, segurei no colo e ela agarrou o meu rosto com as pequenas mãos. — A avó trouxe bolo — ela disse eufórica.

— Ah é? — perguntei animado.

— Com um monte. — Ela abriu os braços. — De cobertura de chocolate.

— E irá dividir com a Alessa?

Ela arregalou os olhos e assentiu.

— A avó disse que tem um monte para nós duas.

— E tem que deixar um pouco para a avó também — Mônica entrou na conversa, aproximando-se e ajeitou a blusa de Geo. Paradas uma perto da outra, a semelhança chegada a encantar.

— Mas a avó disse que ela e o Fabrício não irão querer.

— É sempre bom deixar um pouquinho — Mônica explicou firme, arqueando as sobrancelhas.

— Mãe — Alessa gritou da porta da casa e Cecília apareceu atrás dela. — Viu avó, eles ainda não foram — ela exclamou e Cecília veio ao nosso encontro.

— Estava ajudando Fabrício com as malas dele — Cecília falou, aproximando-se com um sorriso. — Ele ainda está perdido na casa.

— Se ele tivesse chegado antes, poderíamos ter mostrado todo o terreno — disse com pesar e ela fez um sinal para que eu não me importasse. Coloquei Geo no chão, que correu até Alessa, e Cecília parou na nossa frente.

— Obrigada pelo convite — ela agradeceu. — Estava com saudades dessas duas anjinhas.

— A senhora irá enchê-las de doces, acertei? — Mônica riu, pegando nas mãos de Cecília e sorri ainda mais. Nesses cinco anos, Cecília e Mônica haviam se tornado mais do que apenas mãe e filha, mas amigas e confidentes. O perdão havia sido libertador para ambas, e a minha relação de genro e nora com ela era de carinho e amizade. O passado já não mais ofuscava o presente, e era como se ele não tivesse existido.

— São as minhas únicas netas — ela admitiu. — Mariano ainda está na tentativa, então irei mimá-las muito.

— Mas poupe nos doces, mãe. Alessa já come demais.

— Parece você quando criança.

— Sempre digo isso para Mônica — entrei na conversa, sendo açoitado pelo olhar bravo de Mônica, que se transformou em um sorriso.

— Ele diz que elas são idênticas a mim.

— E são mesmo. — Cecília riu. — Teimosas como ela.

— Ah, isso elas puxaram para o pai — Mônica contradisse-a e ambas sorriram uma para a outra. — Obrigada por vir, mãe. Íamos pedir para a Ivette, que mora mais perto, mas as meninas estavam com saudades de vocês.

— E nós também — completei e Cecília pareceu se emocionar.

— Sempre estarei pertinho de vocês para ajudar. Avós servem para isso também — ela disse entre risos e avistei Fabrício, um homem de cabelos já grisalhos e entradas no início da testa, sair da casa e vir na nossa direção. Ele ajeitou os óculos e esfregou o rosto de barba feita.

— Fabrício gostou daqui — observei-o olhar ao redor com uma plenitude no olhar.

— Ele gosta de lugares calmos, nós gostamos.

— Por que não se mudam para perto? — Mônica perguntou.

— Pisa, quem sabe. Ivette me sugeriu outro dia por telefone — Cecília contou, e eu já sabia que ambas se davam bem o suficiente para conversarem diariamente. — Mas isso é ainda para se pensar.

— Adoraríamos tê-la mais perto. — Mônica sorriu.

— Ontem o seu pai ligou e avisei que estava vindo para cá — Cecília continuou. — Ele disse que daria uma passada se pudesse.

— Trouxemos uma garrafa de vinho para caso ele viesse — Fabrício concordou, deixando

explícita a boa relação que os três mantinham.

— Falei com ele também — Mônica contou. — Disse que na próxima vez ele será o convidado.

— E então ele trará o dobro de doces. — Cecília riu e Mônica consultou o relógio de pulso.

— Adoraria que tivessem chegado mais cedo, mãe. O trem parte em breve.

— Na volta de vocês, podemos ficar mais alguns dias.

— Adoraríamos — concordei.

— Então vão, vão antes que percam o trem.

— É, precisamos ir — Mônica concordou e abraçou Cecília, demorando-se uma dentro do abraço da outra. Cumprimentei Fabrício e Geo e Alessa correram até nos. Agachei e abracei as duas juntas.

— Amamos você — elas gritaram em uníssono, e eu sabia que as amava ainda mais. Eram minhas filhas, os meus anjos e filhas do amor entre Mônica e eu.

— E eu amo vocês mais e mais — gritei com elas animado e beijei as bochechas de cada uma. As tardes com elas, no meio dos pomares, junto com Mônica, eram as melhores da minha vida. Alessa e Geo adoravam conversar conosco, fazer-nos perguntas e se interessavam por todos os mínimos detalhes. Mônica aprendeu a cozinhar a macarronas junto com elas, e todos os dias eram uma aventura com elas.

Eu estava completo, e eu as amava realmente mais e mais.

Levantei, deixando Mônica agarrá-las, fazer cócegas e se despedirem.

— Ficarão bem? — pedi para Cecília, abraçando-a.

— Ficaremos muito bem. Obrigada Armando.

— Ligaremos quando chegarmos.

— Aproveitem a viagem — ela desejou e beijou-me na bochecha. Segurei as suas mãos enquanto Mônica se despidia das meninas e ela se afastou, sendo abraçada por Fabrício.

— Vamos? — Mônica sorriu parada ao meu lado, e a ansiedade surgiu em seus olhos verdes, que faziam parte dos meus sonhos de todos os dias.

Assenti e entramos no carro, percorrendo a viagem em uma conversa tão íntima e próxima que a cada dia eu sabia que me apaixonaria mais por Mônica, até o final das nossas vidas.

A viagem havia sido ideia de Mônica, e eu estava ainda mais emocionado com ela. Contudo, o destino foi mantido em segredo, e mesmo durante toda a viagem de trem, ela tentou mantê-lo até que, ao nos aproximar do destino final, eu adivinhara.

E a emoção havia sido planejada por Mônica, que me abraçou e se emocionou comigo. Estávamos indo para onde tudo começou, e lá nos amaríamos. Estávamos vivendo um amor intenso, único e maduro todos os dias das nossas vidas, aprendendo com os erros, com as discussões e compreendendo as falhas um do outro, porque isso era amor.

E a sua surpresa fazia parte da nossa história e de como éramos.

Havia sido um convite, e eu jamais poderia negá-lo, quando Mônica convidava com a mesma força com que mandava. Ela não aprendera a pedir, e era do feitio dela, como se a serpente comandasse o Jardim do Éden e Adão e Eva fossem meros convidados. Não, eu sabia que não era assim.

De serpente eu parei de vê-la há muito tempo, o tempo em que tivemos as nossas filhas e que descobrimos juntos que o *nós* era o Paraíso.

— Está quieto demais — ela murmurou, com os olhos fixos no caminho à frente, dirigindo tranquila.

— Por que planejou essa viagem?

— Por que não fazê-la? — Ela ainda se esquivava com maestria quando era do seu desejo que eu respondesse primeiro.

E eu ainda buscava respostas que a satisfizesse por completo, quando Mônica expressava que até o meu silêncio era o suficiente para ela.

— É como visitar velhas lembranças.

— E isso não é bom?

Concordei com um sorriso que expressava que eu já não mais sofria com as memórias. Eram necessárias para firmar a felicidade no presente, e eu ter a certeza que a minha escolha fora a mais correta da minha vida.

E eu a tinha. Eu confirmava quando ouvia Mônica entregue como a minha mulher e como parte de mim. Eu sabia que era o certo quando deitava com as minhas filhas e passava horas ouvindo-as.

E eu tinha a certeza quando percebia que amava o que havia construído.

— É preciso dê-las para ter o presente.

— E precisamos criar boas lembranças no presente para ter o futuro. — Ela sorriu e me fitou pelo retrovisor.

— Tem certeza que a sua mãe não se importa em ficar com elas?

— É apenas uma semana, ela mesma se ofereceu. Levou o namorado para a nossa casa, ele ainda não conhecia.

— Ela sabe que a minha mãe passará por lá? — indaguei preocupado e Mônica sorriu maliciosa.

— Não haverá surpresas.

— Avisou-a?

— Claro que sim. Minha mãe está esperando-a com bolos que ela fez para a Geo, além de novos brinquedos.

— Novamente?

— Deixe, são os primeiros netos dela, Mariano não tem planos de ter filhos ainda.

— E quando ele virá?

— A esposa conseguiu férias para o mês que vem — Mônica respondeu e lembrei-me da fisionomia do irmão dela, que ainda morando em outro país se tornava um pouco ausente. Entretanto, era o ritmo da vida, cada um teria a sua família. E sorri ao pensar em como eles eram parecidos.

— As meninas irão ficar ansiosas.

— Ele sempre as mima demais. — Ela sorriu. — Todos as mimam, elas ainda possuem presentes fechados do aniversário da semana passada.

Olhei pela janela, fitando as colinas que há mais de cinco anos eu havia visto, e diferente daquela vez, eu me sentia em paz.

Quando subi o alto da colina naquele final de semana, buscando paz e acalmar os meus tormentos, eu jamais imaginaria que seria Mônica a resposta para todos eles.

— Está planejando um terceiro trazendo-me para cá? — perguntei com cautela e Mônica acariciou a minha coxa.

— Não, estou bem com a Alessa e a Geo apenas, você não está?

— Estou. — Cobri a mão dela com a minha e a apertei.

— Merecemos esse momento, desde que elas nasceram o pouco tempo que tivemos foi com as nossas mães sendo avós protetoras.

— Mas conseguimos aproveitar algumas horas.

— Você entendeu o que eu quero dizer. — Era pura malícia e fitei a cabana se projetar à nossa frente, coberta pela neve ao redor da trilha que fazíamos de carro.

— Havia me esquecido de como era bonita — murmurei.

— Eu sempre lembrei.

Ela estacionou e saí do carro, pegando as nossas malas enquanto ela observava ao redor. Puxou a gola do casaco branco, cobrindo os cabelos negros e parei por um instante para contemplá-la. Os seus olhos verdes percorrem ao redor e se encontraram com os meus.

— Algum problema?

— Está linda. — Sorri, lembrando-me da primeira vez que a vi na porta da cabana.

— Deixe para me elogiar no quente, está muito frio aqui — foi a forma que encontrou de agradecer e fechei o carro, partindo com as malas em direção da cabana.

— Pegou a chave?

— Está aqui — ela respondeu e a puxou da bolsa, abrindo a porta. A cabana nos recebeu com sua atmosfera escura e rústica, e voltei a me recordar de como havia sido.

Entrei, mergulhado nas lembranças e Mônica invadiu o ambiente com a sua presença, acendendo as luzes e deixando a bolsa por cima da poltrona. Fechei a porta, deixando as malas em um canto e olhei ao redor também.

— Não parece que se passou tanto tempo.

— Ainda se lembra de como foi? — ela perguntou com um olhar malicioso e tirou o casaco, deixando-o sobre a poltrona.

— Eu estava prestes a me concentrar na escolha, em aceitar o que havia decidido quando você bateu na porta.

— Você tinha um olhar confuso — ela me entregou e caminhou devagar na minha direção, atraindo os meus olhos para o seu quadril delineado pela calça. — Você se entregava no silêncio.

— Você está zombando de mim.

— É, estou me divertindo — ela concordou e deu de ombros, apoiou os braços em meus ombros e colou os nossos corpos. — Fazia algum tempo que eu não me lembrava de você como padre.

— Eu apenas me lembro de que precisei cair para me reerguer.

— Não, nós não caímos — ela sussurrou contra os meus lábios, tornando-me um homem cada vez mais desejoso.

— Não? — sussurrei contra os dela e repousei as minhas mãos em sua bunda. — E o que aconteceu então?

— Nós nos apaixonamos.

E era verdade, a verdade que eu queria tornar absoluta para o resto dos meus dias, e junto com Mônica levei as malas para o quarto, desfazendo-as tão depressa que ela se encostou na parede e cruzou os braços.

— Está rápido hoje — ela observou e sorri ao notar que viria mais. — Está com pressa de organizar as roupas. — E com a malícia mais deliciosa de ouvir, ela continuou e deu as costas, abrindo a porta do banheiro. — Ou quer tomar um banho quente comigo?

Larguei a muda de roupa sobre a bancada de madeira ao lado da cama e a segui, encontrando suas roupas no caminho, avançando com o desejo eminente pelo meu corpo. Despi-me com a mesma agilidade com que ela observou, e esquentei-me contra o seu corpo debaixo da água. Ela abraçou-me, escolhendo-me como o homem da sua vida. Já havia se passado cinco anos desde que havíamos decidido seguir por esse caminho, mas todos os dias eu me alegrava a compreender a mulher que Mônica era, e em como o caminho mais tortuoso foi recompensador. Ela havia estado ao meu lado nos meus melhores dias. E também nos meus piores.

— Não quero transar embaixo do chuveiro — ela sussurrou sem pudor no meu ouvido, contudo, eu também já havia me acostumado com a sua falta de vergonha.

— Pensei que me convidou para isso. — Contornei a sua bunda contra os pingos d'água que caía e ela riu, deslizando as pontas dos dedos pelo meu peito, enterrando-os nos meus pelos molhados e avançando para o meu frente.

— Oh — gemi ao sentir a sua mão tocar-me devagar, acompanhando o tremor da minha ereção.

— Quero reviver o início.

— Você diz como se fosse a Criação. — Não era uma blasfêmia a comparação, mas um amor por ambos.

— Para mim é. — E eu a fitei surpresa. — É o nosso início, a nossa resposta e o nosso fim.

— A cabana?

— Não. Nós dois juntos, tão determinados e caídos pela paixão. Ainda me sinto assim — ela confessou um pouco sem graça e segurei o seu rosto.

— Eu me sinto assim todos os dias. — E dito isso desliguei o chuveiro. Eu não queria mais água, eu não queria esperar. Eu apenas ansiava por estar com Mônica.

E assim o fiz, agarrei-a contra o meu corpo, deixando-a envolver o meu quadril com as pernas nuas e a levei para fora do banheiro.

— Leve-me para a cama, meu amor. — Ela sorriu ao proferir tais palavras, porque sabia que acendia dentro de mim não mais um desejo pecaminoso, mas puro e sublime.

Obedeci com a ereção roçando na sua bunda, conduzindo-a pelo quarto e sob a luz amarelada do abajur que havíamos ligado antes, a deitei na cama. Suas pernas abriram-se em um Paraíso carnal que me fartava todos os dias, que me trazia a redenção por amor e prazer.

— Venha — ela sussurrou, estendendo as mãos na minha direção e toquei-me na sua frente, agonizando em gemidos por vê-la, relembrando-me de Mônica há cinco anos, uma desconhecida na cama, e então agora a mãe das minhas filhas e a minha mulher.

E de homem transformei-me em fera, prestes a tê-la com força, a perder qualquer decoro, mas Mônica agarrou minhas mãos, parando a minha masturbação e sorriu.

— Eu não quero transar — ela confessou enquanto puxava-me para cima dela.

— Você não quer?

— Não — ela zombou do meu espanto e deitei sobre o seu corpo. Suas pernas enlaçaram o meu quadril, apoiando os calcanhares contra a minha bunda, e ela segurou o meu rosto. Apoiei os cotovelos ao lado da sua cabeça, ansiando para que ela tirasse o meu tormento de esperar a sua resposta. — Você sofre? — Ela sorriu.

— Ah, sofro — gemi contra os seus lábios e perscrutei o seu rosto. — Conte-me, o que quer?

Ela sorriu sem malícia, mas com paixão que me encheu por dentro e transbordou pelos nossos corpos.

— Eu quero fazer amor. Quero ter uma noite inteira de amor com você.

E sem precisar de palavras, beijei-a. Os seus lábios abriram-se convidativos para a minha língua, que vagueou por eles buscando a sua. Explorei a sua boca com devoção, uma devoção que eu só tinha para Mônica. Toquei em cada parte que tomava para mim e encostei as nossas línguas, envolvendo-a em um beijo apaixonado, duradouro pelos anos e fortificado pela sinceridade que tínhamos um com o outro. Sua língua tentou dominar a minha e permiti, deixando-me ser levado para uma dança erótica, e Mônica roçou as unhas pelas minhas costas, afundando-as na minha bunda. Gemi com a ardência e apertei um dos seus seios, tocando o seu mamilo.

— Farei você sentir amor — sussurrei contra os seus lábios e ela suspirou, entregando-se. Deslizei o corpo para baixo, envolvendo a pele do seu pescoço com a boca, chupando-a devagar, beijando-a e mordendo-a. Desci para o seu busto, que erguido me oferecia uma farta ceia de carne e quentura, um ninho para enterrar-me e assim o fiz.

Agarrei os seus seios e com os olhos admirando o prazer exposto no semblante de Mônica abocanhei o seu mamilo esquerdo, chupando-o tão devagar que pude roçá-lo contra o seu da minha boca, impulsionando-o com a língua e o deixei escapar dos meus lábios. Ela enterrou as mãos nos meus cabelos e jogou a cabeça contra a cama, gemendo o meu nome, abrindo o inferno de fogo que o meu corpo era.

Aninhei o meu rosto contra o meio dos seus seios, inspirando o seu cheiro e lambi o espaço entre eles, voltando à atenção para o outro seio. Chupei o mamilo intumescido, deixando-o se engrandecer ainda mais dentro da minha boca, causando arrepios em nossos corpos, e os seus gemidos se prolongaram baixos e ritmados.

Desci com a língua para a sua barriga, beijando-a devagar, rocei os lábios pela sua pele e então cheguei ao seu ventre. Ajoelhei-me perto da beirada da cama e puxei as suas pernas. Beijei os seus pés, acariciando-os, e a ouvi dar leves risadas, embalada entre o prazer e o arrepio. Subi com os lábios pela sua perna, amando cada parte do seu corpo, fazendo o amor que pediu.

Beijei a sua coxa inteira, mordiscando a pele e ela curvou as costas, para então se render em um gemido profundo ao tocar os seus grandes lábios com a minha boca, abrindo-os com a língua. O meu Paraíso estava quente, úmido e saboroso, com o seu gosto de mulher que eu adorava, porque era único dela. Chupei um dos seus grandes lábios devagar, mordiscando-o e Mônica abaixou a cabeça, tentando acompanhar.

Poderiam se passar mais cinco mil anos, e eu ainda a amaria dessa forma. Tomei o seu gozo, deixando-a cada vez mais molhada e toquei o seu clitóris com a língua. Ele inchou, estremecendo.

—Oh, Armando — era o meu nome no gemido e isso arrepiou o meu corpo. Eu jamais cansaria de ouvi-lo sair dos seus lábios.

Beijei a sua intimidade, chupando o seu clitóris e avancei com a língua para os seus pequenos lábios, avançando pela abertura que a deixava mais encharcada contra a minha boca. Chupei-a com tamanha devoção que a levaria para o prazer durante toda a noite, porque eu gostava quando ela atingia o orgasmo dessa forma.

Mas Mônica agarrou a minha cabeça e ergueu-me. Avancei pela cama, cobrindo-a e ela me abraçou, tocando o meu pau lentamente. Puxou o prepúcio, acariciando a minha glândula exposta e molhada de gozo e coleí os nossos corpos, testas com testas e desejos unidos.

E ela conduziu o meu pau para o meio das suas pernas, tocando os seus grandes lábios com a glândula, e o soltou, agarrando o meu rosto com uma mão e enterrou a outra na minha bunda, pedindo que eu estivesse dentro dela.

Eu sabia que amor não era um lugar, mas um sentimento, contudo, se eu pudesse descrevê-lo, seria Mônica e estar dentro dela.

Empurrei o quadril para baixo, agarrando o seu rosto pelo queixo, mantendo os olhos cravados nos dela e a penetrei devagar. Senti os seus grandes lábios se abrirem ao redor do meu pau, acolhendo-o lentamente, e a penetrei deliciosamente, sentindo a sua intimidade encharcada pulsar com a minha investida.

— Oh — o suspiro escapou dos seus lábios e eu gemi, sentindo-a apertar a minha ereção, o prazer subir em ondas pelo meu corpo e me enterrei inteiro dentro dela.

Mantive o seu rosto colado ao meu, ocupando um espaço apertado, acostumando-me para que ela também relaxasse e movimenteí o quadril, atritando os corpos.

— Mônica — gemi o seu nome, estocando devagar. Ergui o quadril, saindo quase inteiro de dentro dela e voltei a penetrá-la devagar para que sentisse todo o meu desejo invadindo-a.

O seu corpo estremeceu debaixo do meu, movimentando-se aos poucos, pedindo por mais, e aumentei o ritmo, estocando devagar e ritmado, com força e precisão.

Entrei e saí de dentro dela, mergulhando em nosso prazer, embevecido por fazer amor com ela, uma forma que adorávamos fazer. Estar tão conectados em um momento que apenas

vivíamos o que sentíamos, sem presa, sem medos e sem tormentos, dentro dos braços um do outro.

Estoquei mais rápido, deixando o rosnado escapar dos meus lábios, inebriado com o gozo que arrepiava o meu corpo, irradiava pelo meu peito, acelerando o meu coração e me transportava para o esquecimento, respirando o prazer.

E as nossas respirações entrecortadas acompanhavam os nossos gemidos, assim como o atrito dos nossos corpos balançando a cama.

Enterrei-me até o talo, mantendo-me dentro dela e voltei a sair em um vai e vem, acompanhando o seu quadril. Mônica agarrou-me com mais força, extasiada em prazer e o seu corpo estremeceu debaixo do meu.

Ela gozou contra o meu pau, banhando-me com o seu orgasmo e mantive o seu rosto contra o meu, para perder-me em seus olhos inundados do prazer. Estoquei mais devagar para aproveitar o seu corpo molhado, e para que ela sentisse-me no seu estado mais sensível.

O meu ventre queimou, e senti o meu corpo ser guiado para o auge do gozo. O arrepio passou por toda a minha pele e fui arrastado para o esquecimento de vez, tragado para o prazer que se proferiu pelas palavras gritadas em um rosnado.

— Oh. — Gozei dentro dela, acompanhando o seu orgasmo e fui invadido pelo meu. Estoquei devagar, fazendo amor com ela, unindo os dois orgasmos em um só. Enterrei-me devagar, subindo e descendo, esvaziando-me dentro dela, as respirações ofegantes e os corpos exaustos.

O orgasmo era pleno, entorpecedor e extasiante. O meu corpo tornou-se sensível junto ao dela e a abracei, mantendo-me por mais alguns segundos dentro dela.

Mônica sorriu, devolvendo o abraço e me beijou ofegante.

— Amo você — ela sussurrou e saí de dentro dela, puxando-a para o alto da cama. Ela engatinhou e se aninhou contra o meu peito, beijando-o devagar.

— Eu a amo ainda mais — respondi contra os seus cabelos e ela, em silêncio, se completou junto comigo apenas no olhar.

Era o início de uma semana que estaríamos vivendo onde começamos, e estaríamos dando continuidade ao que éramos: *nós*.

Ela fechou os olhos, relaxada, com a respiração tornando-se pesada e adormeceu cansada pela viagem exausta que havíamos feito. Puxei a coberta e nos cobri, mantendo-a dentro dos

meus braços. Desliguei o abajur, deixando-nos na penumbra do quarto e fechei os olhos, sem mais demônios, tormentos ou medos. Apenas com Mônica.

Era passado, presente e futuro unidos. Era céu, inferno e purgatório. Mas era também a minha forma de fé: o amor.

Agradecimentos



Esse livro só foi possível graças às leitoras e amigas incríveis que tenho que desde o início me incentivaram, me apoiaram e deram suas opiniões sinceras.

Agradeço as minhas amigas do Whatsapp, que são minha família à distância. Vocês são incríveis.

Agradeço a minha irmã Tamiris, por todo seu apoio e ajuda sobre medicina.

Obrigada ao Murillo Magalhães por sempre compreender os meus pedidos e pelo talento.

Agradeço a você também, leitor, que está lendo o livro dando oportunidade para esses personagens entrarem na sua vida. Sua leitura é essencial para mim.